

1126
138

REVISTA LUSITANA

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos
relativos a Portugal

PUBLICADO

com a collaboração dos especialistas portuguezes
e a de alguns estrangeiros

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Medico pela Escola do Porto, Professor na Bibliotheca Nacional de Lisboa
e Conservador da mesma Bibliotheca



VOL. I

PORTO
LIVRARIA PORTUENSE
DE
LOPES & C.^ª
SUCESSORES DE CLAVEL & C.^ª
1887-1889

Typ. de A. F. Vasconcellos, Moinho de Vento, 29.

PROLOGO

As instituições e costumes de qualquer povo são a sua physiologia, pela qual se lhe explica principalmente o curto ou o dilatado da vida.

A. HERCULANO. — *Opusculos*, v, 49.

O objecto d'esta publicação não é uma simples curiosidade de colleccionadores; tem-se em vista os altos interesses da sciencia, e ao mesmo tempo fins perfeitamente praticos. A renovação intellectual, por que o presente seculo está passando, impõe a todos os países, que pensem, o dever de contribuir com o seu obulo para o progresso geral, porque ~~non~~ *solum pane vivit homo*, — e o espirito bem orientado sente uma necessidade impreterivel de conhecer profundamente as relações dos phenomenos quer physicos, quer sociaes; isto é, não póde escusar, a sciencia: ora, no campo restricto a que a *Revista Lusitana* se circumscreve, que é que se sabe em Portugal? Ha meia duzia de escriptores consagrados de alma e coração a trabalhos philologicos e ethnologicos, mas esses escriptores, obrigados pela força das circumstancias a trabalhar quasi só uns para os outros, pouca acção exercem no público. Emprêsa talvez temeraria no meio da apathia moral e intellectual da maior parte da nossa sociedade, a *Revista Lusitana* vem porém animada de um espirito energico e vivificador, porque, destinando-se por um lado a continuar tenazmente na

propagação dos bons methodos da Philologia e da Ethnologia no nosso país, tenta por outro lado fazer avançar essas sciencias pelo que respeita ás cousas portuguezas, — para o que archivará estudos e notas de diversos especialistas nacionaes e estrangeiros.

Sem o conhecimento da Philologia, é impossivel o estudo perfeito da grammatica, e por consequencia a comprehensão de uma das faculdades mais nobres do homem, — a linguagem; sem o conhecimento de Ethnologia, muitos factos de litteratura e de historia ficão na sombra, e andaremos como que ás cegas, ignorando uma grande parte dos nossos caracteres e das nossas origens.

Se a *Revista Lusitana* conseguisse lançar alguma luz nesta ordem de assumptos, de certo que havia realisado um fim ao mesmo tempo theorico (sciencia pura) e pratico (ensino escholár, etc.); mas a outros interesses praticos visa ella ainda. E' claro que uma nação não póde ter uma vida completa e independente, se desconhecer a sua historia, na mais larga accepção d'este termo: d'onde provirá pois a consciencia da nacionalidade, senão da investigação dos elementos que a constituem? E quem póde negar que no estudo das linguas, das tradições populares e das raças se encôntrão muitos d'esses elementos? De mais a mais, pondo-os a descoberto, e resolvendo até onde fôr possivel os problemas ethnicos, fornecer-se-lhão á litteratura e á arte valiosos materiaes em que se ellas inspirem e fecundem, para produzirem obras primas, tanto mais verdadeiras, quanto mais nacionaes.

Está agora da parte do público auxiliar esta *Revista*, cuja publicação foi o meu ideal durante mais de seis annos, e que agora vê a luz, á custa de muitos esforços.

Fuja-se por um momento á acção hyposthenisadora ou soporifera das más leituras, e á atmospheria morbigena dos botequins, — e lancem-se tambem os olhos com amor para as questões historicas da boa terra lusitana!

Porto, Janeiro de 1887.

J. Leite de Vasconcellos.

OS CIGANOS DE PORTUGAL

O presente trabalho é o desenvolvimento e complemento d'uma noticia que ministrei aos redactores do *Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques, Compte rendu de la neuvième session à Lisbonne*, 1880 (Lisbonne, Typographie de l'Académie Royale des Sciences, 1884, 8.º gr.) e que elles quizerão dar-me a honra de inserir nesse volume, de p. 667 a 681, e fazer reproduzir numa tiragem á parte de 50 exemplares.

Divido este trabalho em duas partes:

I. A lingua dos ciganos, com um appendice sobre o calão.

II. Historia e costumes dos ciganos de Portugal.

Cumpre-me dizer que este trabalho deve a melhor parte dos materiaes ao intelligente e infatigavel folk-lorista d'Elvas, o sr. A. Thomaz Pires, que a pedido meu estudou a lingua e os costumes dos ciganos do Alemtejo. Os textos, os elementos para o vocabulario e os dados sobre os costumes d'esses ciganos decorrem do sr. Pires. Pertencem-me nessas partes a coordenação do todo e as notas comparativas e etymologicas. Poderia augmentar, com investigações nos archivos e nos escriptores, os documentos e noticias que don na segunda parte; não me proponho, porém, esgotar o assumpto, nem desviar-me, por causa d'elle, d'outros estudos. Creio que o que don basta para o meu proposito principal, que é demonstrar que os ciganos de Portugal são um ramo dos ciganos ou gitanos da Hispanha, e que nada nelles ou na sua historia revela que o seu estabelecimento em Portugal remonte além do fim do seculo xv.

I. A lingua dos ciganos do Alemtejo

A. TEXTOS ¹

- | | |
|-----------------------------|---------------------|
| 1. Ai chai! | O' tu! |
| 2. Goróbun de sanacáis. | { Um cordão d'oiro. |
| Un burlon. | |
| 3. Currela-lo, ustilela-lo. | Apanha-o. |

¹ O som do x português em *buzo*, etc., é representado por x; os outros sons são representados mais ou menos exactamente pela orthographia hispanhola.

- | | |
|--|---|
| 4. El jambo se camela ruman-
diñar. | O homem quer casar-se. |
| 5. Manguinela' el jambo.
Ustilela al jambo. | Pede ao homem. |
| 6. Para jalar tarela boque. | Para comer se tem fome. |
| 7. Parnés de sanacai. | Moedas de oiro. |
| 8. Non li pineles. | Não lhe peças. |
| 9. Mira que te dica. | Repara que te olha. |
| 10. Sonsidela qu'el gajon diquela. | Repara que o gajo está olhando. |
| 11. Mira ese paio. | Olha esse estranho. |
| 12. Por la tassara di calicó! | Pela manhã. |
| 13. Por la tardimén. | Pela tarde. |
| 14. Es di chibé. | E' de dia. |
| 15. Medio chibé. | Meio dia. |
| 16. Media arachi. | Meia noite. |
| 17. Plasarela el lampio. | Apaga a candeia. |
| 18. Si chaló. | Foi-se embora. |
| 19. Aplazarela-te, abaixarela-te. | Abaixa-te. |
| 20. S'istá chibando airiun. | Está se abarcando. |
| 21. Non le camelo. | Não o quero. |
| 22. Ni dicalo. | Nem vê-lo. |
| 23. Miquela que m'istitelan. | Deixa-me que me apanham. |
| 24. Miquela que lo ba ajustisarar. | Deixa que o vá ajustar. |
| 25. Miquela me sorbar. | Deixa-me dormir. |
| 26. Estoy acharán. | Eston zangado. |
| 27. Lo maráron en un casti. | Matarão-no num poste, na forca. |
| 28. Estás machingarnó. | Estás bebado. |
| 29. Por el palonó me quieren us-
tabar. | Querem-me roubar pelo curral. |
| 30. Allá chalo. | Lá vou. |
| 31. Ya chaso. | Já venho. |
| 32. Non pineles eso. | Não digas isso. |
| 33. Te amarelo con una churi. | Mato-te com uma faca. |
| 34. Manguinela que non é pira-
bada. | Dize-lhe que não é roubada. |
| 35. Pode piñar en todas las pañis. | Pode beber em todas as aguas. |
| 36. Manguinela ó labraoresa que
te diñele. | Pede ao lavrador que te dê. |
| 37. Escusas de manguñiar que
non te camela diñar. | Escusas de pedir que não te quer
dar. |
| 38. Meeces! Non chingareles mas
con los gachés. | Alto! Não ralhes mais com os col-
legas! |
| 39. Ah! mi patarró maró, a quien
me combisaráre yo? | Ai! meu pae morreu, a quem me
encomendarei eu? |
| 40. Chasa, mauú! Ustila la puca
y amarila este jambo que
bamos a nicobar los parnés. | Anda, homem! Toma a espingarda
e mata esse homem que vamos
roubar-lhe o dinheiro. |

41. El sacramento Otibé sea el que benga en mí béa! O sacramento de Deus venha em men auxilio.
42. Ay! el sacramento Otibé que nos bá marar! ¹ Ay! el sacramento de Deus que nos vae matar!
43. Que chorró esta el chibé que non pueden andar los chiqueles! Que carregado está o dia que não podem andar os cães.
44. Del posonó si chicubela la pañi. Da nora se tira a agua.
45. Te bás alijerar tanto qui á luego los jambos nos ban a ustilar con el grupo di lo que ligarelas. Vaes abarcando tanto que os homens vão-nos tirar com o vulto do que abarcas.
46. La dicani está abertisára, a ber s'el jambo nos diquela, a ber se lo podemos ustabar. A porta está aberta, a ver se o homem nos olha, a ver se o podemos roubar.
47. Entrún la calli á una camialli y ustiló dos diclés, y los jambos detrá si la chalaban y l'ustilaran las dos diclés; á la taripeñas la chibaran (ou la ligaráran). Entrou a cigana numa loja e roubou dois lenços, e os homens atrás d'ella corrêrão e tirárão-lhe os dois lenços e á cadeia a levárão.
48. A' noche estube en chiqué ²
Dama, para pirabar-te;
Pé ³ non ha podió sé, ⁴
Qu'estabas con el larate.
49. Catro calés me diñaste,
Hermosissimo chupeño,
Y yo t'é dicho trinca el bato
Qu'el arache nos beremos.
50. Por no haberle ⁵ diñan el mando,
Aora serrana me beo,
Castigai-ta de sus manos.
51. **Enerúno.** Se tu pañi furata chicubelas, en tus mulés me jinele; ni el chuquel a la oricha puede sicabar en tus chibés. **Janeiro.** Se as tuas chuvas....
..... nos teus mortos me ca...
...; nem o cão á rua pode sair em teus dias.

¹ Exclamão por occasião das trovoadas.

² Em tua casa.

³ Pero.

⁴ Podido ser.

⁵ O sr. Pires pensa que o *no* está aqui erroneamente.

52. **Ferbruno.** Como camelas q'ustabele s'eres un lecheruno, si non miquelas ustabar, porque las arachis son penosas; las patis non mi miquelon, del hir, desamarisar las petis.
53. **Marso.** Como camelas, Marso, que yo baya a randar, se tus pahis son muchas, y yo non puedo colisarar? Se ustabar puedo dos grañis, los raisaros estan di tras, randalas he podido, y ora el pasisarar?
54. **Abriluncho.** Abiela con las habunchas en el mandiluncho.
55. **Maio.** En las fardisaras de mi romi mi surbelo.
56. **Junioluncho.** Los segabrunchos ban a seguissarar y los calés ban di tras, y nicobelan los gués, cando surbando s'istan.
57. **Juliuncho.** Como las grañis pones a hacer la mulla, sabiendo que acaban la mulla, y chuga, y salen los calés y se las nicobelan?
58. **Agustuncho.** En la huertisara sin na (?), el julai soltó (?) se ya, los chuqueles me ladrisarelan, yo manró le chubelo, ya le chicabelo dos petis que bariás son ya.
59. **Setembruncho.** Como miquelas las choris en los palonolarés, siendo el mesuncho más contrariuncho de los gustipeñis? Dejastelas choriar, biene un caló y te las nicoba.
60. **Otubruncho.** Está lo pastorchuncho en su chosimé, y los chuqueles ladrisarelan, y los calés le nicobelan las ernás.
- Fevereiro.** Como queres que roube se és um leiteiro, se não deixas roubar, porque as noites são penosas; as mãos não me deixam, com o frio, desamararr as bestas.
- Março.** Como queres, Março, que vá roubar, se as tuas aguas são muitas e eu não posso passar? Se roubar posso duas eguas, os ribeiros estão de trás, rouba-as hei podido, e agora passar?
- Abril.** Vem com as favas no mandil.
- Maio.** Nas saias de minha mulher me durmo.
- Junho.** Os segadores vão a segar e os ciganos vão detraz e furtam os burros quando durmindo s'estão.
- Julho.** Com as eguas pões a fazer a debulha, sabendo que acabam a debulha, e..... e saem os ciganos e as roubão?
- Agosto.** Na horta sosinho (?) o hortelão adormecen já, os cães me ladram, eu pão lhe dou, já lhe furto duas bestas que maiores são já.
- Setembro.** Como deixas as mulas em os curraes, sendo o mês mais contrario dos roubos? Deixaste-las....., vem um cigano e t'as rouba.
- Outubro.** Está o pastor na sua choça, e os cães ladram e os ciganos lhe roubam as burras.

- | | |
|---|---|
| <p>61. Novembruncho?</p> <p>62. Dezembruncho. El mesuncho de las bocunchas. Andan los calés de montuncho en montuncho para poder jalar. Eneruno abela, y si cabamos a randar, pa benir bon tempisaro, pa los cha-burrillos poder jalar.</p> | <p>Novembro?</p> <p>Dezembro. O mez das fomes. Andam os ciganos de monte em monte para poder comer. Janeiro vem, e saímos a ronbar, para vir bom tempo, para os filhos poderem comer.</p> |
|---|---|

B. VOCABULARIO

Em as notas, que seguem as definições d'este vocabulario, limito as minhas comparações ao cigano ou gitano da Hispanha. Essa parte comparativa seria mais completa se eu tivesse á minha disposição as obras seguintes:

- R. Campuzano, — *Origen, usos y costumbres de los gitanos, y diccionario de su dialecto*. 2.^a edicion. Madrid, 1851.
- E. Cruzillo, — *Vocabulario del dialecto gitano*. Madrid, 1844.
- A. de C., — *Diccionario del dialecto gitano. Origen y costumbres de los gitanos*. Contiene mas de 4:500 voces. Barcelona, 1846.
- D. A. Jimenez, — *Vocabulario del dialecto gitano, con cerca de 3:000 palabras*. 1.^a ed. 1846. 2.^a ed. Sevilla, 1853.

Os trabalhos que possuo sobre a lingua dos ciganos da Hispanha são os seguintes:

- George Borrow, — *The Zincali; or an account of the Gypsies of Spain*. London, 1843. 2 vol. 8.^o, vol. II. *Appendix: The Zincali. Vocabulary of their language*, pp. *3-*119.
- El gitanismo. Historia, costumbres y dialecto de los gitanos*, por D. Francisco de Sales Mayo. Con un epitome de gramática gitana, primer estudio filológico publicado hasta el dia, y un diccionario caló-castellano, que contiene, ademas de los significados, muchas frases ilustrativas de la acepcion propia de las palabras dudosas. Por D. Francisco Quindalé. Novissima edicion. Madrid, 1870. peq. 8.^o 76-76, pp.
- Coleccion de Cantes flamencos*, recogidos e anotados por Demófilo [Antonio Machado y Alvarez]. Sevilla, 1881, peq. 8.^o
- Die Cantes flamencos* von H. Schuchardt. Halle a/S. 1881, 8.^o (Separatabdruck aus der Zeitschrift für rom. Philologie v). ¹

¹ Não esteve á minha disposição o livro de Balsameda y Gonzalez, *Primer cancionero de coplas flamencas populares segun el estilo de Andalucía*. Sevilla, 1881. Vid. sobre esse poeta flamenco F. Rodriguez Marin, *Cantos populares españoles*, vol. III, pp. 230-234.

Francisque Michel, — Le pays Basque, sa population, sa langue, ses mœurs, sa littérature, et sa musique. Paris, 1857, 8.º Cap. VII: *Les Bohémiens du pays basque*. Vocabulaire p. 144-146.

Os trabalhos scientificos de que me sirvo para o estudo dos dialectos tsiganos em geral são os seguintes:

- A. F. Pott, *Die Zigeuner in Europa und Asien*. Ethnographisch-linguistische Untersuchungen, vornehmlich ihrer Herkunft und Sprache, nach gedruckten und ungedruckten Quellen. 2 vols. 8.º Halle, 1844-1845.
- G. I. Ascoli, *Zigeunerisches*. Besonders auch als nachtrag zu dem Pott'schen werke «Die Zigeuner in Europa und Asien». Halle, 1865, 8.º
- Dr. Franz Micklosich, *Ueber die Mundarten und Wanderungen der Zigeuner Europa's, I-XII in Denkschriften der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften*. Philosophisch-historische Classe. Wien, 1872 ss. Bd. XXI-XXII, XXV, XXVI, XXVII, XXX-XXXII. — *Beiträge zur Kenntniss der Zigeunermundarten*. I-IV. Sitzungsberichte der kais. Akademie der Wissenschaften. Weis. Bd. LXXVII, LXXXV, xc. Das três primeiras memorias cito a paginação da separata, das outras a paginação do corpo dos *Denkschriften*.

abaixisarelar, v. a. Abaixar.
 abelar, v. n. Vir, chegar, git. *abillar*, *abiela*, v. n. Venir, acudir. Mayo, Borrow.
 abertisara, s. f. Aberta.
 abriluncho, s. f. Abril.
 acharân, adj. Zangado.
 achochinar, v. a. Louvar.
 agustuncho, s. m. Agosto.
 airun, s. m. Ar.
 ajustisarâr, v. a. Ajustar.
 alijerar, v. a. Vid. *Ligurar*.
 âlsiplesis, s. m. pl. Casas dos botões.
 amarelâr, v. a. Matar. Vid. *marar*.
 aplaserar, v. a. Abaixar? Git. *plasasar*, v. a. Pagar, satisfazer, recompensar. Mayo, Borrow.
 arachi, s. f. Noite. Git. *arachi*, s. f. Noche. adv. De noche, por la noche. Mayo. Last night. Anoche. Borrow.
 araquerar, v. a. Fallar. Git. *araquerar*, v. a. Hablar, señalar, proclamar. Mayo. To speak, talk. call. Borrow.
 arate, s. m. Sangue. Git. *arate*, s. m. Sangre, menstruacion. Mayo.
 aricanhás, s. m. pl. Botões.
 ascuno, s. m. *Abysmo*.
 atracai, s. f. Uva. Git. *traquin*, s. f. Mayo, Borrow.

- baberi**, vid. *jumbo*.
balabá, s. m. Toucinho. Git. *balebá*, *balibá*, s. m. Tocino. Mayo.
bale, s. m. Cabello. *los bales del mui*, bigode. Git. *bal*, *bale*, s. m. Pelo, cabelo. Mayo. s. f. Hair. Pelo. Borrow.
balunes, s. m. pl. Calças. Git. *baluné*, s. m. Calson corto. *balunés*, s. pl. Pantaloons. Pantalones. Borrow.
barbalou, adj. Rico. Git. *balbalá*, *i*, adj. Rico, exquisito. Mayo. Rich. strong. Rico, fuerte. Borrow.
bariá, adj. comp. Maior. Git. *baro*, *i*, adj. Gran, grande, superior, excelente. Mayo. Borrow.
basisaro, s. m. Copo.
bata, s. f. Mãe. Git. *bata*, s. f. Madre. Mayo.
bato, s. m. Porco. Bisc. *baticho*, *balicho*, cochon. Fr. Michel, p. 144.
bea, s. m. Auxilio. [Git. *bea*, s. f. Medida. Mayo].
bibiora, s. f. Abelha. Bisc. *bedeyo*, abeille. Fr. Michel, p. 144.
bicha, s. f. Cobra.
bobe, s. f. Fava. Git. *bobi*, s. f. Haba. Mayo. *bóbes*, s. pl. Beans. Habas. Borrow.
bocunchas, s. f. Fome. Vid. *boque*.
boque, s. f. Fome. Git. *boquí*, s. f. Hambre. Mayo. *boqui*, *boquis*, s. f. Hunger, famine. Borrow.
branquiá, s. m. Carneiro; borrego. s. f. Cabra. Git. *bracó*, s. m. Carnero. *braquí*, s. f. Oveja. *braquiló*, *i*, s. Cordero, a. Mayo. *bracuú*, s. f. A sheep. Oveja. Borrow.
cajuquí, s. f. Lua (?). [Git. *cajuquy*, s. f. File. Lima. Borrow. *cajuqui*, adj. f. Surda. Mayo. A lua seria chamada a surda?]
calé, s. m. Moeda de cobre. Git. *calé*, s. m. Cuarto, denario, moneda. Borrow.
callardi, s. f. Morcella. [Git. *callardí*, adj. f. Negra. Borrow. *gallardí*, adj. f. Negra. Mayo].
callicó, *calicó*, s. m. Manhã. Git. *callicó*, s. m. y adv. Manhã. Mayo. *callicó*, s. m. Dawn. Madrugada. Borrow.
calo, *calé*, adj. e s. m. Cigano. *callí*, adj. e s. f. Cigana. Git. *caló*, *calli*, adj. Gitano, a. Atezado, moreno, a. Mayo. *caló*, *caloro*, s. m. A Gypsy, a black. *calli*, s. f. A Gypsy woman. Borrow.
camalli, s. f. Loja, casa de venda.
cangré, s. f. Igreja. Git. *cangari*, *cangrí*, s. f. Iglesia. Mayo. Borrow.
caní, s. f. Orelha. Git. *cané*, s. m. Oído. Mayo. *cani*, s. f. Ear. Oreja. Borrow.
castí, s. m. Pau, pedaço de lenha. Git. *casté*, *caté*, s. m. Palo, baston; árbol. Mayo.
chaborrí, s. f. Menina. **chaborron**, s. m. Menino. **chaborrillo**, s. m. Filho. Git. *chabó*, *i*, s. Niño, muchacho, a. *Chaboró*, *i*, s. Hijo, a. Mayo.
chal, s. m. Herva. Git. *cha*, s. m. Yerba. Mayo.
chalar, v. n. Ir, andar, caminhar, correr. **chalar-se**, v. refl. Fa-

gir. Git. *chalar*, v. Ir, andar, caminar, marchar; meter; pasar. Mayo. To walk, to go. Borrow.

chassar, v. n. Vir, andar. Git. *chasar*, v. a. Pasar, trasladar. conducir. Mayo.

chibar, v. a. Abanar, abanicar. Git. *chibar*, v. a. Poner, posar; echar, tender, postrar; esconder, sembrar. Mayo. Borrow.

chibé, s. m. Dia. Git. *chibé*, s. m. Dia. Mayo. Borrow.

chicubelar, v. a. Tirar, furtar.

chinutra, s. f. Estrella. Git. *chimutri*, s. f. Lua. Mayo. *chimutra*, s. f. Moon. Borrow.

chindos, s. m. pl. Oculos. Git. *chindó*, i, adj. Ciego, a. Mayo. Borrow.

chingarar, v. a. Ralhar. Git. *chingarar*, v. a. Disputar, reñir; reprender; guerrear. Borrow.

chiqué. Esta palavra occorre n'uma quadra cigana (n.º 48). O snr. Pires traduz: tua casa. Pelo som só acho para comparar gitano *chique*, s. m. Lodo, fango. Mayo. s. f. Earth, ground, Tierra, suelo. Borrow. O sentido dado pelo ultimo não disconvem á quadra.

chiquel, s. m. vid. *chuquel*.

chol, s. m. Cevada. Git. *chor*, s. m. Cebada. Mayo.

1. **chori**, s. f. Mula. Git. *choré*, i, s. Mulo, a. Maio. Borrow.

2. **chori**, s. f. Navalha. Git. *churl*, s. f. Cuchillo, puñal. *chori*, s. f. Knife. Cuchillo, navaja. Borrow.

choriar, v. Significação incerta. *Textos* n.º 59.

chorró, adj. Frio, carregado, fallando do dia. Git. *chorré*, i, adj. Feo, a, deforme. Malo, perverso, pecador, a. Mayo. *choro*, s. f. adj. Thief, thievish, evil. Ladrón, malo. Borrow.

chosimé, s. f. Choça. Der. de port. *choça*, com o suffixo *tsg*. *men* (= *me*).

chubelar, v. a. [Dar. Git. *chobar*, *chobelar*, v. a. To wash. La-var. Borrow.]

chuga? Significação incerta. *Textos*, n.º 57.

chunga, s. f. Mulher feia. Vid. o seguinte.

chungo, adj. Feio. Git. *chungalo*, *chungo*, adj. Ugly, heavy. Feo, pesado. Borrow. A palavra falta em Mayo, que traz todavia os derivados *chungalipen*, *chungaló*, s. m. Tentacion, maldad de pensamiento; significa tambem — malo.

Como rebienta un cañon,
A fuersa e chungas partias
Tengo e rebenta yo.

Demoffio, *Cantes flamencos*, p. 23, n.º 53.

Yo no se porque motibo
Tan chungamente me pagas,
Jasiendolo bien contigo

Ibid., p. 74, n.º 289.

- chupeño**, s. m. Beijo. Git. *chumendó*, *chupendó*, s. f. Beso. Mayo. Borrow.
- chuquel**, s. m. Cão. Git. *chuquel*, s. m. Perro. Mayo. *chuque*, *chuquel*, s. m. Dog. Perro. Borrow.
- chuquela**, s. f. Ralhona. (Perra? Vid. o precedente).
- churi**, s. f. Navalha. *churi*, s. f. Cuchillo, pañal. Mayo.
- churó**, s. m. Animal macho. Vid. *chori* 1.
- churon**, s. Arvore. Provavelmente do portuguez *chorão*, especie de salgueiro.
- cicubelar-se**, v. refl. Retirar-se, ir-se embora.
- colisarár**, v. a. Passar (o rio) (?)
- combisarar**, v. a. Encommendar (?)
- contraruncho**, adj. Contrário.
- correlar**, **currelar**, v. a. Apanhar, agarrar (?). Git. *carelar*, v. a. Castigar; penar; trabajar. Mayo. *cureló*, s. m. Trouble, pain. Trabajo, pena. *curarar*, v. a. Ultrajar, golpear, pegar. Mayo. *curar*, v. a. To strike, do, work. Pegar, hacer, trabajar. Borrow.
- cratiá**, s. f. Laranja.
- culebra**, s. f. Cinta. Germania: *culebra*, s. f. Faja, ceñidor. Mayo.
- culrró**, s. m. Abegão. Git. *curaró*, *i*, s. Obrero, trabajador, ejecutor, a. Mayo.
- curajái**, s. m. Padre (cura). [Git. *corajai*, s. pl. The Moors. Los Moros. Borrow. Melhor git. *arajay*, s. m. Friar. Frayle. Borrow. Mayo. Houve talvez confusão das duas palavras.]
- curajafi**, s. f. Abbadessa. Vid. o anterior.
- currar**, v. a. Acoutar. Port. curro, curral?
- dañes**, s. m. pl. Dentes. Git. *dañi*, s. f. Diente. Mayo. Borrow.
- desamarisar**, v. a. Desamarrar.
- decembruncho**, s. m. Dezembro.
- dicañi**, s. f. Porta, janella. Git. *dicañi*, s. f. Mirada. Mayo. *dicañi*, s. f. Window. Ventana. Borrow.
- dicar**, v. a. Ver, percibir, acechar. Mayo. Borrow.
- diclé**, s. m. Lenço. Git. *dicló*, s. m. Lienzo, pañal. Mayo. Handkerchief, clout. Pañuelo, pañal. Borrow.
- dicló**, s. m. Lenço. Vid. o anterior.
- diñar**, v. a. Dar. Git. *diñar*, v. a. Dar, entregar. Mayo. Borrow.
- eneruno**, s. m. Janeiro. Git. *Inerin*, s. m. Enero, Mayo. Borrow.
- erná**, s. f. Burra. [Git. *eriné*, s. m. Cerdo.]
- estache**, s. m. Chapéu. Git. *estache*, s. m. Sombrero (hongo, chambergo). Mayo. Borrow.
- estaña**, s. f. Estrebaria. Git. *estaña*, s. f. Tienda, covacha, puesto de vender. Mayo.
- fardisára**, s. f. Saia. Git. *fardi*, s. m. Ropa, ropage. Cf. port. *farda*.
- ferbrúno**, s. m. Fevereiro.
- furata**. Significação incerta. *Textos*, n.º 51.

fusca (ou *pusca*?), s. f. Espingarda. Git. *pusca*, s. f. Escopeta. Mayo. Borrow.

gaché, s. m. Collega. Git. *gaché*, *gachó*, s. m. Varon, mancebo. Mayo. *gachó*, s. m. A gentleman. Caballero. — Properly, Any kind of person who is not a Gypsy: Cualquier hombre que no sea Jitáno. Borrow.

gajon, s. m. Gajo.

gallardi, s. f. Polvora (? A negra?). Git. *gallardo*, *i*, s. Negro, a.

gañi, s. f. Burra. Git. *grñi*, s. f. Burra. Mayo. *grñi*, s. f. Mare.

Iegua. Borrow.

gate, s. m. Camisa. Git. *gaté*, s. m. Tunica, camisa. Mayo. Borrow.

gau, s. m. Aldeia. Git. *gau*, s. m. Logar, pueblo, aldea; granja.

Mayo. *gao*, s. m. Town, village. Pueblo. Borrow.

gaubari, s. Cidade: *gau* + *baro*, vid. **baria**.

gorbelar, v. a. Apanhar. Git. *golberi*, s. f. Crop, harvest. Cosé-cha. Borrow.

gorobom, s. m. Cordão.

grai, s. m. Cavallo. Git. *gra*, s. m. Bestia. Caballeria. Mayo. Horse. Caballo. Borrow.

grañi, s. f. Egua. Git. *grasñi*, s. f. Iegua. Mayo. *grñi*, s. f. Mare. Iegua. Borrow.

grupo, s. m. Vulto. Comp. **trupo**.

gué, s. m. Burro. Git. *guel*, s. m. Donkey, ass. Borrico, ass. Borrow.

guir, s. m. Toucinho. Miklosich *Abhandl.* II, 44, dá *goj* do tsigano da Hungria no sentido de Eingeweide, Darne, Wurst.

gurui, s. m. ou f. Boi, vacca. Git. *goruy*, *gruy*, s. m. Buey. Mayo. Borrow.

gustipeñi, s. m. Roubo.

habuncha, s. f. Fava. Hesp. *haba*.

hir, s. m. Frio. Git. *jil*, s. m. Cold. Frio. Borrow. adj. 2. Fresco, a. Mayo. *gír*, s. m. Cold. Frio. Borrow.

huertisara, s. f. Horta. Hesp. *huerta*.

istitelar, v. a. E' talvez erro por **ustitelar**; vid. **ustilar**.

jalar, v. a. Comer. Git. *jalar*, v. a. comer, absorber; disipar. Mayo. To eat. Comer. Borrow.

jamar, v. a. Comer. Git. *jamar*, v. a. Comer. Mayo. Borrow.

jamba, s. f. Mulher estranha, que não pertence á tribu.

jambo, s. m. Homem estranho, que não pertence á tribu.

jambo baberi, arabe.

jinelar, v. a. Contar. Esta palavra veio acompanhada d'uma interpretação talvez inexacta; nos *Textos* n.º 51; mas o sentido que lhe dou convem e liga a palavra ao git. *jinár*, v. a. Contar, numerar. Mayo. Sem duvida o cigano que dictou o calendario confundiu *jinár*, *jinelar* com git. *jinár*, *jinelar*. Em Borrow vem *jinár*, v. n. To exonerate the belly. Descargar el vientre.

jucalorro, adj. bonito. git. *jucal*, *i*, adj. Lovely, generous. Her-

moso, generoso. Borrow. *jucal, juncal*, adj. 2. Generoso, liberal, esplendido, a. Mayo.

julai, Hortelão. Git. *julay*, s. m. Amo, dueño, mesonero. Mayo.

juliuncho, s. m. Julho.

junelar, v. a. Esentar, ouvir, saber. Git. *junelar*. v. a. Oir, percibir, atender. Mayo.

junioluncho, s. m. Junho.

labraoresa, s. m. Lavrador.

ladicañi. Vid. *dicañi*.

ladrisarelar, v. n. Ladrar.

lampio, s. m. Azeite. Candeia. Candieiro. Git. *lampio*, s. m. Oleo.

larate, s. m. Erro talvez por *arate*, com *l* preposto.

las dos pinbrés. Meias. Vid. *pinbrés*.

lecheruno, s. m. Leiteiro.

lechute, s. m. Leite.

ligarar, v. a. Prender. Git. *liquerár*, v. a. To carry. Llevar. Borrow. *Legerar, liquerar*, v. a. Llevar. Mayo. ou de port. hisp. *li-gar*? Vid. o seguinte.

ligerar, v. adj. Abarcar. Vid. o precedente e conf. as significações do git. *liquerar*, v. a. Llevar, conducir, cargar. Mayo.

llen, s. m. Rio, ribeira. Git. *ten, teste*, s. m. Rio, corriente, inundacion. Mayo.

machingarnô, adj. e s. Borracho, bebado. Git. *matagarnô, matô, i*, adj. Borracho, a. Mayo. *machingão, machargarno*, s. m. A drunkard, Borracho. Borrow.

magrefia, s. f. Egua.

majari, s. f. Virgen. Git. *majaro*, adj. Holy. Santo. *majarí*, s. f. The beatic one, *i. e.* The Virgen. La Virgen. Borrow.

mandiluncho, s. m. Mandil.

mangar, v. a. Pedir. Git. *mangar*, v. a. Pedir, rogar, mendigar. Mayo.

manguifiar, v. a. Pedir. (Vid. o precedente). Git. *manguelar*, v. a. Orar, suplicar, pedir. Mayo.

maniscobar, v. a. Descontar.

manró, mãorron, s. m. Pão. Git. *manro*, s. m. Pan. Mayo. Borrow.

manú, s. m. Homem da tribu. Git. *manú*, s. m. Hombre, varon. Mayo. Borrow.

marar, v. a. Matar, assassinar. v. n. Morrer. Git. *marar*, v. a. Matar, destruir. Mayo. Borrow.

mecar, v. a. Abandonar. Git. *mecar*, v. a. Dejar, permitir. Mayo. Conf. *miquelar*.

meclés, interj. Para, alto lá! Git. *meclí*, interj. Calle, vaya, en paz.

mezuncho, s. m. Mez. Port. *mez*; hesp. *mes*.

millen, s. m. Laranja(?)

mindai, s. f. Mãe. Git. *dai*, s. f. Madre. Mayo. *min*, por git. *minri*, minha.

miquelar, v. a. Deixar. Git. *mequelar*, v. a. Dejar, soltar, despedir.

mon, s. m. Vinho. Vid. **moro**.

montuncho, s. m. Monte. Port. hisp. *monte*.

morchada, s. f. Burra (?). Pelo som só acho que comparar. Git. *morchás*, s. Skin, hide. Pelléjo. Borrow.

moro, s. m. Vinho. Git. *mol*, s. m. Vino. Mayo. Borrow.

mui, s. f. Cara, Git. *mul*, s. f. Boca. Mayo. Mouth, face. Boca, cara. Borrow.

mulê, adj. e s. Morto. Git. *mulo*, *mulli*, adj. Muerto, difunto, a. Mayo. *mulo*, s. m. A dead man. Muerto. Borrow.

mulla, s. f. Debulha.

naclês, s. m. Nariz. Git. *naeri*, *naqui*, s. m. Nariz. Mayo.

najelar, v. n. Fugir. Git. *najar*, *najavar*, v. n. Marchar, passar, correr; alejar, desaparecer; huir, evitar. *najalelar*, v. n. Huir, fugir, escapar. Mayo.

nasaló, adj. Enfermo, *nasaló si ya*, está enfermo. Git. *nasató*, *hi*, adj. Malo, enfermo, adj. Mayo.

ojacá, adj. Bonito.

olibás, s. pl. Meias. Git. *olibias*, s. pl. Stockings. Médias. Borrow. Falta em Mayo.

olipandó, s. m. Sol (?)

oricha, s. f. Rua. Git. *olicha*, s. f. Street. Calle. Borrow. *ulicha*, s. f. Calle. Mayo. Borrow.

orobár, v. a. Chorar. Git. *orobar*, *orobiar*, v. a. Llorar, lamentar, gemir. Mayo.

orobelar, v. impress. Chover. Conf. o precedente.

otibé, s. m. Deus. Git. *debel*, s. m. Dios. Mayo. *ondebel*, *undebel*, s. m. Dios, unico ser supremo. Mayo. *un-debél*, s. m. God. Dios. Borrow. Fr. Michel, pag. 145.

otubruncho, s. m. Outubro.

paio, s. m. Homem extranho, que não pertence á tribu. Companheiro. Git. *paillo*, s. m. One who is not a Gypsy. El que no es Jitáno. Borrow. *pailló*, s. m. Individuo, sujeito, hombre, jornalero. Mayo.

pajo, s. m. Cigarro. Vid. **plajo**.

palono, s. m. Curral. Git. *palunó*, s. m. Corral. Mayo. A wood, form-house. Bosque, también cortejo. Borrow.

palonolaré, s. m. Corral. Vid. o precedente.

pandelar, v. a. Amarrar. Git. *pandar*, v. a. Atar, liar, arrollar, estrechar; cerrar; encubrir; *pandelar*, v. a. Oprimir, apretar, sujetar. Mayo. *pandar*, *pandelar*, v. a. To inclose, to tie, to shut. Atar, cerrar. Borrow.

pañi, s. f. Agua. Git. *pañi*, s. f. Agua. Mayo. *pani*; s. f. Water. Agua. Borrow.

parnau, s. m. Dinheiro. Vid. o seguinte.

parné, s. m. Dinheiro, moeda. Git. *parné*, s. m. Dinero (haber). Mayo. White or silver monay. Dñeros blancos. Borrow.

- pasisarar**, v. a. Passar.
pastorchuncho, s. m. Pastor. Port. hisp. *pastor*.
patarrò, s. m. Pae. Git. *bato*, *batú*, s. m. Padre. *batorré*, s. m. Padrino. Mayo.
paté, **pati**, s. f. Mão. Git. *bato*, *baste*, s. f. Mano. Mayo.
pato, s. m. Pae. Vid. **patarrò**.
patuque, s. Albarda.
peti, s. f. Besta.
pillar, v. a. Beber. Git. *piyar*, v. a. Beber. Mayo. Borrow.
pinbré, s. m. Pé. Git. *pindro*, *pinró*, s. m. Foot. Pié. Borrow.
Pindré, *pinré*, s. m. Pié. Mayo.
pinelar, v. a. Dizer, pedir. Git. *penar*, v. a. Decir; hablar; contar, mandar. *penelar*, v. a. Referir, decir, narrar. Mayo.
pirar, v. a. Furtar (?) [Git. *pirar*, *pirelar*, v. n. Andar, caminhar, pisar].
pirabar, v. a. Roubar. Conf. *pirar*.
pirabaor, s. m. Ladrão.
plajo, s. m. Tabaco, cigarro. Git. *placo*, s. m. Tobacco. Tabáco, Borrow. *plajorró*, s. m. Tabaco. Mayo.
plasarar, v. a. Apagar. Git. *plasavar*, v. a. Pagar, satisfazer, recompensar. Mayo. Borrow.
plasta, s. f. Capa. Git. *plasta*, *plastamí*, *plata*, s. f. Capa, corta, talma, esclavina. Mayo. *plata*, *platamugoun*, s. Cloak. Capa. Borrow.
posonó, s. m. Nora. Conf. *pusuñon*.
pu, s. m. Palha. Git. *pus*, s. m. Paja. Mayo. Borrow. *pay*, s. m. Straw. Paja. Borrow.
puca, s. f. Espingarda. Git. *pusca*, s. f. Escopeta. Mayo. Borrow.
pusca, s. f. Jaqueta (?).
pusnô, s. m. Rapazinho.
pusuñon, s. m. Abegoaria. Git. *pusanô*, s. m. Cortijo. Mayo.
qué, s. m. Casa. Git. *quer*, s. m. Casa. Mayo. Borrow.
quiral, s. m. Queijo. Git. *quirá*, *quirádis*, s. f. Cheese. Queso. Borrow. *quirá*, s. m. Queso. Mayo.
ran, s. m. Bordão, vara. Git. *ran*, s. m. Vara. Mayo. *ran*, s. f. Rod. Vara. Borrow.
randar, v. a. Furtar. Git. *randar*, v. a. To rob. Robar. Borrow.
rondelar, v. a. Hurtar, robar, arrebatat. Mayo.
raisaro, s. m. Rio, ribeira.
rebrandifi, s. m. Licor. Proveniente talvez do ingl. *brandy*, com o prefixo *re* e terminação gitana.
redundes, **randundes**, s. m. pl. Grãos. Git. *redundi*, *repundi*, s. f. Garbanzo. Mayo. Borrow.
remendiñar, v. n. Casar. Vid. **rumandiñar**.
rile, s. m. Flatum ventris. Git. *rilo*, s. m. Pedo. Mayo. Borrow.
repañi, s. f. Aguardente. Git. *repañi*, s. f. Brandy. Aguardiente. Borrow. Bebida (espirituosas). Mayo.
romi, s. f. Mulher da tribo, cigana. Git. *romi*, s. f. A married

woman, a female Gypsy. Mulher casada. Jitana. Borrow. Esposa, mulher (casada). Mayo.

rumandifiar, v. a. Casar. Git. *romandifiar*, *romandifietar*, v. a. Casar, desposar, enlazar. Mayo.

rumaño, s. m. Língua dos ciganos. Git. *rom*, s. m. A husband, a married man, a Gypsy. Borrow. *romaño*, *ñi*, adj. Familiar, doméstico, próprio, de casta gitana. Mayo. *romani*, s. f. The Rommany a Gypsy language. Língua de los Jitanos. Borrow.

sacais, s. m. pl. Olhos. Git. *sacais*, s. m. pl. Ojos. Mayo.

sanacai, s. m. Ouro. Git. *sonacai*, s. Gold. Oro. Borrow. Mayo.

sanou, s. m. Chouriço. Git. *sané*, s. m. Sausage. Chorizo. Borrow.

satalha, s. f. Azeitona. Cp. Git. *telaya*, s. f. Aceituna. Mayo.

segabruncho, s. m. Segador.

seguisarár, v. a. Segar.

setembruncho, s. m. Setembro.

sicabár, v. a. Sair. Git. *sicubar*, v. n. Salir. Mayo.

sin na. No *Calendario* (*Textos* n.º 58) acham-se como duas palavras essas letras e traduzidas — sósinho. Haverá aqui antes o verbo git. *sinar*, estar?

sombrimé, s. f. Árvore.

sonsidelar, v. a. Olhar, reparar? [Git. *sonsibelar*, v. Callar, enmudecer. Mayo. Borrow].

subar, v. n. Dormir. Vid. o seguinte.

sultar, v. n. Adormecer.

surbar, v. n. Dormir. Git. *sornibar*, v. a. Adormecer. Mayo.

sornar, v. n. To sleep. Dormir. Borrow.

tallardi, s. f. Morcella.

tardimen, adv. Tarde.

tarelar, v. a. Ter. Git. *terelar*, v. a. Tener, poseer; existir. Mayo. Borrow.

taribé, s. f. Cadeia. Vid. o seguinte.

taripeñas, s. Cadeia, carcere. Git. *taripen* não tem analogia de significação; Mayo traduz por — astrologia; mas os ciganos bascos teem *ostariben*, prison. Fr. Michel, pag. 145.

tarni, s. f. Burrinha. Falta em Mayo e Borrow; mas parece ligar-se às formas ciganas *tyrnó*, novo, joven, Miklosich, *Abhandl.* II, 26, *terupe*, mocidade n.º 58, etc. cp. *novilho*, *anejo*.

tasara di calicó. Manhã. A. Th. Pires. Mas *calicó* significa manhã (vid. *calicó*) e git. *tasala* significa tarde (Mayo, Borrow). Zingaro *laci*, *tosára*, buona mattina Miklosich, *Abhandl.* II, 81, *tosára* mattina pag. 82.

tempisaro, s. m. Tempo.

tiragais, s. m. pl. Sapatos. Git. *tirajai*, s. pl. Shoes. Zapátos. Borrow.

trincar, v. a. Apanhar (?). Git. *trinquelar*, v. a. Apretar, comprimir; apurar. Mayo.

trupo, s. m. Corpo. Git. *trúpo*, s. m. Body. Cuérpo. Borrow. Vientre, cuerpo. Mayo.

ustabar, v. a. Furtar. roubar. Git. *ustibar*, *ustibelar*, v. a. Tomar. Mayo.

ustilar, v. a. Tomar: furtar. Git. *ustilar*, *ustitelar*, v. a. Coger, llevar, prender; tomar, percibir, cobrar, exigir, grangear, hospedar, acoger; alzar, arrebatat. Mayo.

vinagrunchô, s. m. Vinagre. ¹

C. CONSIDERAÇÕES GERAES

Os ciganos do Alemtejo, segundo os dados precedentes e os que me communicou o sr. Pires, fallão o portuguez, o hispanhol, e essa especie de gíria a que elles chamão *rumão* de que precedem estas considerações alguns textos e um vocabulario de 245 termos. Como se vê, o rumão não é mais do que mau hispanhol semeado de palavras particulares, a maior parte das quaes se encontram tambem no gitano ou linguagem dos ciganos d'Hispanha. Fora da Hispanha os tsiganos fallão verdadeiros dialectos ou antes sub-dialectos particulares aparentados com os dialectos neo-hindus, saídos da mesma base popular de que o sanskritô se elevou á categoria de lingua litteraria. Esses dialectos tsiganos apresentam algumas peculiaridades phoneticas archaicas que os approximão especialmente de linguas ainda pouco conhecidas do noroeste da India, do Kafiristão e do Dardistão. ²

O gitano conserva ainda particulas, pronomes, numeraes, a moção, certos processos de derivação e outras formas grammaticaes da lingua tsigana, representada por os mencionados dialectos ou sub-dialectos extra-hispanicos; mas o gitano perdeu quasi por completo a antiga declinação, adoptou a conjugação hispanhola em *-ar*, conservando algumas formas tsiganas o verbo *sinar* ser (*sis*, *sisle*, *sin*, — sou, es, é). Alguns numeraes gitanos mostram já influencia das formas hispanholas (*jóventa* sessenta, *otorenta* oitenta, junto de *otordé*; comp. *ostardi* quarenta, *panchardi* cincoenta, *esterdi* setenta). Ao lado de *amaró*, nosso, d'origem tsigana, apresenta o gitano *nomrió* derivado do hisp. *no(s)*. ³

O rumão, a julgar pelos documentos que publico, perdeu as particulas, os pronomes, e outras formas grammaticaes que ainda conserva o gitano; representa pois um estadio mais adeantado na ruina da lingua tsigana primitiva que o gitano, e offerece por esse

¹ Quando redigi a noticia publicada no *Compte-rendu de la 9^e Session du Congrès international d'anthropologie et archéologie préhistoriques*, este vocabulario tinha só 220 termos; mais 35 ferão-me communicados posteriormente pelo sr. A. Thomaz Pires; d'ahi as diferenças nos dados dos dois escriptos.

² Miklosich, *Beiträge*, iv, p. 287 ss.

³ Schuchardt, *Slavo-deutsches und — Slavo-italien.*, Graz 1885, 4.^o, p. 8-9.

lado interesse particular para o estudo d'um dos processos de substituição da lingua d'um povo por outra. Nos dialectos tsiganos europeus extra-hispanicos conserva-se a base indica primitiva do vocabulario e da grammatica; no gitano os elementos tsiganos da grammatica redizem-se consideravelmente, perdendo-se quasi por completo a antiga declinação e conjugação, apenas representada por tennes vestígios; no rumanho os vestígios tsiganos conservam-se apenas em vocabulos feitos e nalguns processos de derivação: o hispanhol e ainda o portuguez occupão o lugar abandonado pela grammatica tsigana. Assim por misturas successivas o elemento romanico foi eliminando o tsigano. Se tivéssemos documentos da linguagem dos gitanos provenientes dos seculos XVI e XVII, ainda mais de perto poderíamos seguir esse processo, que, como mostrarei noutra parte, está longe de ser o unico pelo qual um povo perde a sua propria lingua para adoptar a alheia.

Os 245 termos do rumanho reunidos em o nosso *Vocabulario* classificão-se em quanto á sua origem proxima do modo seguinte:

157 encontram-se tambem no gitano, em geral sem differença consideravel de sentido ou de forma;

5 não se encontrão nos vocabularios gitanos que temos á mão, mas occorrem noutros dialectos tsiganos (*bato*, *bibiara*, *guiz*, *taripenas*, *tarni*);

38 são derivados de palavras hispanholas ou portuguezas;

1 (*Mlebra*) provém da germania.

44 são d'origem para mim incerta ou desconhecida. Talvez que uma investigação do gitano e dos outros dialectos tsiganos prove a origem tsigana d'alguns d'esses termos, parte dos quaes tem aspecto que a faz suspeitar.

Palavras do rumanho derivadas de palavras hispanholas ou portuguezas

- | | |
|--|--|
| 1. Derivados com o suffixo <i>sar</i> : ¹ | <i>ladrisarelar</i> (* <i>ladrisarar</i>) port. e hisp. <i>ladrar</i> . |
| a) verbos. | |
| <i>abairisarelar</i> (* <i>abairisar</i>) port. | <i>pasisarar</i> , port. <i>passar</i> , hisp. <i>pasar</i> . |
| <i>abairar</i> . | <i>sar</i> . ² |
| <i>ajustisarar</i> , port. e hisp. <i>ajustar</i> . | b) substantivos: |
| <i>desamarisar</i> , port. e hisp. <i>desamarrar</i> . | <i>abertisara</i> , port. <i>aberta</i> , hisp. <i>abierta</i> . |
| <i>seguisarar</i> , port. e hisp. <i>segar</i> . | <i>basisaro</i> , port. e hisp. <i>bacia</i> . |

¹ Sobre esse suffixo tsigano. vid. Miklosich, *Abhand.* x, p. 480-481.

² As formas *abairisarelar*, *ladrisarelar*, tem o duplo suffixo *-sar* + *-el*.

huertisara, hisp. *huerta*, port. *horta*.
raisaro (**riisaro*), port. e hisp. *rio*.
tempisaro, port. *tempo*, hisp. *tiempo*.

Vid. ainda, no *Vocabulário*, *fardisara*.

2. Derivados com o suffixo *me*, *men*: ¹

chosimé, port. *choça*, hisp. *chosa*.
sombrimé, port. e hisp. *sombra*.
tardimen, port. e hisp. *tarde*.

3. Derivados com o suffixo *uncho*: ²

contraruncho, port. e hisp. *contrario*.
habuncho, hisp. *haba*, port. *fava*.
mandiluncho, port. e hisp. *mandil*.
gatoncho, port. e hisp. *gato*.
montuncho, port. e hisp. *monte*.
pastarchuncho, port. e hisp. *pastor*.
segabruncho, port. e hisp. *segar*.
vinagruncho, port. e hisp. *vinagre*.
abriluncho, port. e hisp. *abril*.
jauluncho, hisp. *junio*, port. *junho*.
juluncho, hisp. *julio*, port. *julho*.
agostuncho, port. e hisp. *agosto*.
setembruncho, port. *setembro*, hisp. *septiembre*.

octubruncho, port. *outubro*, hisp. *octubre*.

novembruncho, port. *novembro*, hisp. *noviembre*.

decembruncho, port. *dezembro*, hisp. *diciembre*.

4. Derivados como o suffixo *uno*, *un*: ³

ferbruno, hisp. *febrero* (troca de suffixo), port. *fevereiro*. ⁴

lecheruno (suffixo composto *eruno*), hisp. *leche*, port. *leite*.

airun, hisp. *aire*, port. *ar*.

5. Derivado com o suffixo *esa*:
labraoresa, hisp. dialectal *labrador*,
labrador, port. *larrador*.

6. Derivado com o suffixo *ute*:
lechute, hisp. *leche*, port. *leite*.

7. Palavras cujo sentido se modificou:

bicha, port. e hisp. *bicha*, que em sentido especial já significa cobra.

currar, port. *curral*, hisp. *corral*.
grupo, port. e hisp. *grupo*, ou git. *trupo*?

Palavras do rumanho d'origem incerta

acharan
achochinar
alsiplesis
aricanhas
ascuno

baheri
bea ⁵
cajuquí ⁶
callardí ⁷
camalli

¹ Sobre o suffixo *men*, vid. idem, *ibid.*, p. 445.

² O suffixo *-uncho* é d'origem romanica; acha-se tambem no gitano: ex. *gír-tuncho*. Mayo.

³ Esse suffixo é d'origem tsigana. Pott I, p. 123-124.

⁴ Os nomes de mês *março* e *maio* do rumanho (do port. *março* e *maio*, hisp. *marzo* e *mayo*) completam a lista acima. Como se vê os ciganos perderam inteiramente os nomes particulares de mezes tsiganos, que os gitanos conservão ainda pela maior parte como *quindaré* março, *alpandy* e *quiglé* abril, *quindaté* maio.

⁵ Cf. gitano *beao* senhor, caballero, Borrow; do hesp. *biato* no sentido de rico abastado. Pott. II, 143.

⁶ Cf. gitano *cajuquí*, surda, Mayo.

⁷ Gitano *gallardí*, negra? Mayo.

chicubelar
choriar
chubelar
chuga
churon
cicubelar
colisarar
combisarar
cratid
ernid
favada
gallardi ¹
gorobon
gustipeini
jambo
magreña
maniscobar

millen
mulla
marchada
niscobelar ²
ojacá
?olipandó
patuquá
peti
pirar
pirabaor ³
pusca
pusnó
rebrandiini
satalla
sonsidelar
sultar
tallardi. ⁴

O *calão* ou *gíria* dos ladrões e de diversas classes sociaes do nosso país offerece um certo numero de termos d'origem tsigana que estudarei à parte.

(Continúa).

F. ADOLPHO COELHO.

O CONDE DE LUZ-BELLA

INTRODUÇÃO: Fórmulas populares do theatro português

A critica litteraria, para comprehender as creações estheticas das altas individualidades como um Shakespeare ou um Goethe, procura sempre um elemento tradicional, inconsciente e popular, como a materia prima das emoções elaboradas intencionalmente pelo genio nas suas syntheses especulativas. E' no theatro, em que a criação

¹ Vid. *callardi*.

² Essa palavra liga-se talvez ao gitano *niscobelar*, *sicobelar*.

³ Borrow dá *perbaraor* no sentido de creador.

⁴ Vid. *calhardi* e *gallardi*.

dos caracteres pertence ao espirito philosophico do poeta, que esses themas tradicionaes melhor se destacam, sem que a universalidade do assumpto prejudique a originalidade das situações. Na *Historia do Theatro portuguez*, exclusivamente entregues ao estudo dos documentos litterarios, faltámos a estes principios, deixando de investigar as origens populares das nossas formas dramaticas, a que Gil Vicente deu norma consciente. E contudo, pôde-se affirmar, que raro será o Auto de Gil Vicente que não tenha por base um thema tradicional; citaremos dois exemplares importantes. O *Auto da Feira* apparece em uma tradição arabe; transcrevemol-a tal como foi colligida junto do poço de Sidi-Mahomet.

«Um dia, Sidna-Ayssa (Jesus) encontron Chitan (Satan) que tanguia quatro jumentos bem carregados, e disse-lhe:

— Chitan! com que d'esta feita estás agora mercador?

— Sim, Senhor; e não chego a dar vasante a tantas encomendas de fazenda.

— Quaes são as mercadorias que vendes?

— Senhor! é um negocio magnifico; senão, repara: D'estes quatro jumentos, os quaes eu escolhi d'entre os mais fortes da Syria, está um carregado de injustiças. Quem m'as comprará? Os Sultões.

O outro, está carregado de invejas; quem m'as comprará? Os Sabios.

O terceiro, está carregado de roubos; quem m'os comprará? Os negociantes.

O quarto traz de mistura com perfidias e velhacarias, um sortimento de seducções que rogam por todos os vícios; quem m'as ha-de comprar? as mulheres.

— Malvado! Deus te amaldiçoe! replicon Sidna.

No dia seguinte, Sidna-Ayssa estava orando no mesmo sitio, e enviou as pragas de um arrieiro, cujos quatro jumentos, gemendo debaixo da carga, não queriam andar. Elle reconheceu Chitan.

— Graças a Deus, que nada vendeste! disse elle.

— Senhor! uma hora depois que d'aqui parti, todas as minhas canastras ficaram vazias; porém, como sempre, tenho encontrado difficuldades no pagamento.

O Sultão mandou pagar-me pelo Kalifa, que quiz enganar-me na conta. Os Sabios diziam-me que eram pobres. Os Mercadores chamaram-me ladrão, e en a elles. Só as mulheres é que pagaram bem sem regatear.

— Mas as tuas canastras ainda estão cheias! objectou Sydna-Ayssa.

— Estão cheias de dinheiro; e eu levo-o ao Cadi, responden Chitan tangendo os burros para diante.»¹

Gil Vicente sobre este thema tradicional, achado por elle no

¹ Chancel, *Uma Caravana no deserto*; ap. Pelletan, *Heures de Travail*, t. 1, p. 188.

meio popular, deu relêvo pittoresco ás ideias criticas da Reforma, no seculo xvi. Não nos admira encontrar este assumpto, tambem com a forma dramatica, em outros paizes da Europa. Nos *Souvenirs de Charles Henri, baron de Gleichen*, do tempo de Luiz xv, acha-se descripto um Mystério dramatico hespanhol, formado dos mesmos elementos que entraram no *Auto da Feira*:

«A primeira a que assisti, era uma peça allegorica, que figurava uma Feira. Jesus Christo e a Santa Virgem ali tinham loja aberta, rivalisando com a Morte e o Peccado, e as Almas ali vinham fazer as suas compras. A loja de Nossa Senhora era em frente do theatro, no meio dos seus inimigos, e tinha por taboleta uma hostia e um calix cercados de raios transparentes. Toda a giria commercial era empregada pela Morte e pelo Peccado para attrahir os freguezes, para os seduzir, e para os enganar, ao passo que os trechos da mais bella eloquencia eram recitados por Jesus e pela Santa Virgem, para desviar e desenganar estas Almas perdidas. Porém, apesar d'isto, elles vendiam menos do que os outros, o que produzia no fim da peça uma contradação, que exprimia a sua inveja, e que terminou com vantagem de Nosso Senhor e de sua Mãe, que lançaram fóra a Morte e o Peccado com uma roda de ponta-pés.»¹

O *Auto das Barras*, tem por base uma lenda celtica, dos mortos transportados para a ilha da Bretanha, para serem julgados, como conta Procopio.²

Estes factos põem em evidencia a importancia scientifica do methodo critico. No Theatro portuguez acham-se ainda entre o povo os elementos generativos das formas dramaticas litterarias. As duas origens lyrica e epica, destacam-se nos usos populares, a primeira nos despiques á desgarrada, nos dialogos entre conversados, a segunda nos jogos fallados e figurados, e nas Mouriscadas. As formas internas do drama, como o *Côro*, conserva-se nos cantos das Janeiras e Reis, o *Monologo* nas Lóas do presepio, o *Dialogo* nos Villancicos do Natal e Colloquios da Paixão, as Scenas de epilogo ou des-enlace nos Autos guerreiros das *Mouriscadas*. Não nos deteremos em exemplificar todas estas fórmãs, em grande parte conhecidas pelas investigações dos nossos folk-loristas; limitamo-nos apenas ao rudimento popular do theatro nas ilhas dos Açores, as *Mouriscadas*, das quaes já falou o sempre chorado insulano José de Torres. A *Mouriscada*, de que apresentamos um magnifico especimen no auto do *Conde de Lusbella*, que obtivemos do Dr. Ernesto do Canto, é uma fórmula commum a toda a península, nascida nas epochas em que a reconquista christã aproveitava o vigor da unificação nacional. Muitas vezes as *Mouriscadas* foram prohibidas, mas não conseguiram ser extirpadas das festas populares. Na *Tribuna*, de Madrid (n.º 70, anno 1, 1882), vem a seguinte transcripção, que nos interessa:

¹ Apud Morin, *Phantaisies theologiques*, p. 104.

² Ap. Sismondi, *Hist. de la chute de l'Empire romain*, t. 1, p. 283.

«Una de las costumbres que aun se conservan en las fiestas de muchos pueblos de esta provincia son los *simulacros entre moros y cristianos*, costumbre que data de tiempo immemorial y que siempre que se repite viene ocasionando desgracias á alguno de los bandos. Recientemente en Corbera de Alcira ha ocurrido una de estas desgracias. A uno de los dasfrizados se le olvidó sacar la baqueta del cañon de su escupeta, y al hacer el disparo fué aquella á clavar-se en la frente de un soldado enemigo, resultando ser este el secretario del Ayuntamiento, que sobrevivio pocos momentos, á pesar de los auxilios que le fueran prestados.»

Já no tempo de Affonso Magno chamavam-se *Mouriscos* os soldados que andavam nas hostes contra os arabes. Em Portugal acha-se este mesmo uso em muitas provincias com um caracter hieratico, e fazendo parte obrigada de algumas procissões. Em uma correspondencia para a *Actualidade* (33 de julho, de 1877) ácerca da procissão da Senhora do Carmo de Vianna do Castello, fala-se da antiga usança, que desaparecia: «Bem me lembro eu ainda d'aquellas festas! A dança que obteve maior fama e mais luzido credito foi a do *Rei da Mourama*, uma especie de rusga entre catholicos e monros, os quaes, como era logico, apanhavam grossa pancadaria dos defensores da fé, no meio de muita algazarra dos espectadores devotos. Note-se que, para que o cunho nacional estivesse ali eficazmente impresso, esta contenda era toda obrada em redondilhas toantes, misturando-se piedosamente ás loas á Virgem com ár petulante chufas que os nossos iam jogando á soffredora mourisma.»

Nos *Cantos populares do Brazil* o rudimento da *Mouriscada* apresenta um aspecto marítimo; é precioso o documento colligido em Sergipe pelo dr. Sylvio Romero (t. I, n.º 70), postoque se refira ás guerras com a Turquia, cuja impressão, especialmente a grande batalha de Lepanto, se perpetuou na tradição popular, como se vê pelo romance de *D. João da Armada*. A dança *Mourisca*, a que allude Garcia de Resende, uma vez figurada e dialogada, deu esse esboço dramático que nas festas do casamento de D. Maria tomou o caracter de «*farça mourisca*» citada no relatório dos festejos da Bahia. As *Mouriscadas* são um espectáculo querido das romarias; na da Senhora das Neves do Minho, representa-se *Ferra-Bras* (Fier à bras) e *Floripes* (Floripar); em Monte-Mór, representava-se no começo d'este seculo o *Auto do Abbade João*, e no seculo XVII, era também vulgar, segundo D. Francisco Manuel, o *Auto de El-rei Almançor da Barberia*. Na Ilha de San Miguel o titulo de *Mouriscada* tornou-se synonymo de composição dramatica. De ordinario estas composições transmittem-se oralmente, adquirindo assim a expressão profunda e pittoresca da concepção anonyma. A investigação do theatro popular em Portugal ainda não foi tentada; existem enormes riquezas, não inferiores ás do Caucioneiro e Romanceiro. O auto do *Conde de Luz-bella*, que pela primeira vez publicamos, é uma amostra d'esse riquissimo minereo que está provocando os investigadores.

Eil-o, segundo uma versão da illa de S. Miguel (Açores):

Princeza : «Aia, vem tu commigo,
Se é que formas em gosto,
Que em breve tornaremos
Antes do sol ser posto.

Aia : — Dera-vos um conselho,
Se o quizesseis tomar,
Pegasses na escopeta
Fosses para a caça caçar.

Princeza : «Acho que me scandalisas,
Em vez de me animar;
Acho que não formas gosto
Em me ires acompanhar.

Ella com a mãe : «Ah minha mãe da minha alma,
Sempre me tiveste amor,
Quero esta tarde que vier
Que me concedaes um favor.
Pois meu pae m'o concedeu,
De ir ao mar esparecer,
De ir espalhar uma magoa
Que me anda a combater.

A mãe : — «A benção de Deus vos cubra,
Mãe da Virgem Maria,
O bom Jesus do alto céu
Vá na vossa companhia.

A Princeza : «Seja o Conde de Luz-Bella
O meu leal escudeiro;
Pelas suas acções nobres
E' fidalgo, cavalheiro.

Chama o Conde de Luz-Bella:

A mãe : — Conde vae-te preparar
Para ir com a princeza
Correr todo esse mar;
Mas é com tal advertencia
De seu corpo não tocar.

O Conde de Luz-Bella: — Isso não faria eu,
Que me diz o coração
Que espere de Vossa Alteza
A mais algum galardão.

*O pae e a mãe, como já estivessem arrependidos de terem dado
licença, o REI chama o Conde d'Aurora, e diz:*

— Prepara-te Conde d'Aurora
Para ir lá baixo ao caes,
Dar um conselho á princeza,
Que inda é tempo, e não embarque.

Conde d'Aurora: — Senhor eu quizera ir
Mas não tenho aqui casaca!
— Leva tu esta minha
Para te não demorares.

Chegando o Conde ao caes
Foi á princeza fallar:

— Muito a mim me admira
Da Senhora embarcar;
Porque é divertimento
De muito sobresaltar.
Em qualquer das ondasinhas
Pode a lancha revirar.
Uma vez que lá me vi
Vi-me bem agoniado:
Quando me fosse virar
Da barriga ou do costado.
A lanchinha do navio
Toda cheia de alcatrão,
Por ventura eu iria
Lá sujar o meu calção.

A Princeza: «Ai muito me admira
De casacas emprestadas;
A'manhã por todo o dia
Citações a bom malhar.

Conde d'Aurora: — Embarque, senhora, embarque,
Meu coração é propheta,
Cedo estarei para vêr
O que a fortuna prometta.

Embarcaram, e no meio do mar diz ella:

Princeza : «Eu vejo vir um navio
Que me parece de mouro,
Tenho o meu coração triste
Adivinha algum agouro.
— Dissera-vos eu, senhora,
Com curiosidade e tristeza,
Virar na vista da terra,
Debaixo da fortaleza.
«Não, que se é mouro ou gentio
Não quero que enraiveça.

Ao Conde deixaram em um areal, e a ella levaram cativa:

O Capitão : Ah minha linda christã,
Vires ao nosso poder!
O meu rei tão abundante
Está de comer e beber.
Corri todo esse mar
Fiz o que o meu rei mandou,
Apanhei uma christana.
.....
Visei na vista da terra
Ao meu rei venho trazer.

O Rei : — Fico-vos muito obrigado
Capitão d'esse cuidado,
Enquanto fôres vivo
De mim serás respeitado.
Mete-a n'aquelle carcere,
Dae-lhe um conselho d'amigo,
Que ás onze horas da noite
De mim será combatido.

O Capitão : — Deixa-me ir d'aqui embora,
Deixa-me ir para a cosinha,
Para tratar do meu rei
E mais da minha rainha.
Fizeram-me cosinheiro
Sem eu o ser de nação,
Por ser piloto entendido
Da vossa embarcação.

Côro : Ora o Conde de Luz-Bella
Não tinha ficado morto;
Seguiu o rumo da não
E chegou ao mesmo porto.
Indo por uma azinhaga
Ouve gritos, escutando
Vê que era a princeza
Que se estava lamentando :

A Princeza : « Ah minha tão leal mãe
Quando vós tal sabereis
Que eu cativa estou
Que dôr não recebereis?
Coração que não estalas
Que já lá dentro estás morto,
Olhos que ainda não choras,
Pernas que não bolis o corpo.

O Conde de Luz-Bella : — Senhora, tomae valor,
Pois Deus vol-o queira dar;
Tal snbtileza que temos
Para d'aquí navegar.

A Princeza : « Vem tu cá, Conde Luz-Bella,
Men tão leal escudeiro,
Como me has-de tu livrar
De tamanho cativeiro?

O Conde de Luz-Bella : — Ferro da minha espada,
Forças de grande poder,
Tudo farei em pedaços
Para livrar Vossa Alteza.
Dê-me, senhora, dê-me
Dê-me as suas mãos de neve,
Ainda que eu não seja
Merecedor que n'ellas pegue.

Tirou-a do carcere e em meia viagem avistou a princeza um navio :

A Princeza : « Eu lá ao longe vejo vir
Umã não amastreada —
Com uma bandeira no tope
Que ella é de Portugal.

O Capitão : — Adeus, senhora princeza,
A tardança não é má;
O Conde de Luz-Bella
A faltura contará.

A Princeza : «Capitão de mar e guerra,
Atravesse e ponha a capa,
Que o mouro me tem raiva,
Elle me seguirá.

Chega o Rei Mouro ao carcere e diz :

Rei Mouro : Minha tão linda christana,
Minha flor esclarecida,
Trago-te na memoria,
Não me foges do sentido.
Ala, ala, cães damnados,
Toquem flautas e tambores,
Capitão, vosso eniado,
Deixou fugir meus amores.
Chamem pelos meus braçaes,
Acompanhem-me que eu vou
Para ir buscar a princeza
Que de mim se azeitou.

Capitão : Sete braçaes que vós tendes
Todos sete obedientes,
De entre todos escolhido
Eu serei o mais valente.
Que eu fazer desatinos
Protesto por esse mar,
Ou aqui ou em campaulha
Onde quer que me achar.

Sae a náo com o Rei Mouro a combater a outra e encontrou-a.

Capitão portuguez : — Oh tu da embarcação
Diz quem és, para onde vens,
Ou que parte é a do mar
A que tu corrido tens?

Capitão Mouro : «Sou um Turco da Turquia,
Da parte mais venerada,
Vou por aqui navegando
Para a cidade de Alva.
Viste por aqui um homem
E uma mulher n'uma lanchinha?

Portuguez: — Por causa d'elles serás
Ao meu habito rendido.

O capitão vira a falar com a princeza a saber o que se faz á Não:

Princeza: «Artilheiros, larguem fogo,
A'quella embarcação:
Queimem-lhe mastros e vellas
Não lhe queimem o porão. (*Assim fazem*)

Rei Mouro: — Armas que já me não vales
Vás fóra do meu poder
Ah, gente que ainda não vens
Ao teu rei a defender.
Traze prata, traze ouro,
Traze joias de valor.
Que as tenho no meu thezouro,
Já d'ellas não sou senhor.

Princeza: «Meu pae nunca se empachou
Nem com prata, nem com ouro,
Nem as joias de valor
Faltaram no seu thezouro.

Rei portuguez: Lá ao longe eu vejo vir
Uma não amastreada,
Com uma bandeira no tope,
Que ella é de Portugal.*
Ella traz uma preza,
Que vem bem desalvorada,
Ao que grande força fez
Uma não de Portugal.

Chega ella ao caes, cumprimenta a princeza e diz:

Adeus, senhora princeza
A tardança não é má,
O Conde de Luz-Bella
Vossa faltura contará.

Princeza: «Nós ambos, senhor, dos mouros
Nós ambos fomos cativos,
Para mais verdade falar
Aqui os trago commigo.

Rei: — Que quereis que eu faça
A este povo da não?



- Princeza:** «A elles senhor deveis
Premial-os muito bem;
E a quem me acompanhou
E' pr'a commigo casar.
- Rei:** — E a estes perros mouros?
- Princeza:** «Botae-lhe uma braga ao pé,
Que sempre foram inimigos
D'esta nossa santa fé.
- Rei:** — Haveis de mandar, senhor,
No vosso santo serviço.
- O Conde de Luz-Bella:** — Ainda agora começo
No meu anno de serviço. *
Governae-vos, senhor,
Que estaes mais lesto n'isso.

*Casaram, e o pae quer-lhe offerecer a corôa, mas elle não quer
acceitar.*

THEOPHILO BRAGA.

A GRADAÇÃO PROSÓDICA DE A

NA 1.^a PESSOA DO PLURAL DO PRESENTE E PRETÉRITO
DOS VERBOS DA 1.^a CONJUG. EM PORTUGUÊS

Define-se gradação

A vogal duma raiz, na morfologia de vários vocábulos que desta se formem, não é elemento constante: pode subir ou descer na *altura acústica* ou número de vibrações sonoras, e ganhar ou perder em tempo durante a sua emissão.

A maior ou menor altura acústica duma vogal é adquirida na sua articulação com mudança de ordem orgânica; chamamos-lhe *gradação qualitativa* da vogal. O resultado d'esta gradação é em glotolo-

gia o *timbre* da vogal; e o *timbre* diz-se *fundamental* quando a vogal

ocupa um dos ângulos do triângulo $\triangle$
 $\begin{matrix} & a & \\ & \diagup & \diagdown \\ i & & u \end{matrix}$

A maior ou menor duração de tempo na emissão duma vogal, sem mudança de ordem orgânica, é a *gradação prosódica quantitativa* da vogal.

A maior ou menor intensidade dum timbre, adquirida na sua articulação ¹ sem mudança de ordem orgânica, é a *gradação prosódica de acento*.

Gradação, em jeral, é pois a altura ou número de vibrações, a duração e a intensidade, correspondentes a um dado timbre.

A gradação pode ser meramente no timbre, ou ser no timbre
e ter valor morfológico

Nem todas as vogais dum idioma tem estas tres espécies de gradação. Assim em sânscrito não ha *e* nem *o* breves; no falar português dentre Mondego e Tejo não ha vogais longas por natureza, e só apparecem pela crase de tres pelo menos, homojéneas, na frase.

Ha dialectos duma mesma lingua em que nas mesmas formas se dá gradação, de um para outro dialecto dessa lingua, sem que por tal facto as formas tendam a representar valores de concepção diferentes; é a *gradação dialectal*, qualitativa ou enantitativa. Assim a vogal *o* em *nome* é *o* = *ô*, e *o* = *ò*; *a* em *loucamos*, 1.^a pl. pr. ind. é *a* = *á*, *a* = *â*, *a* = *aa*, *a* = *ê*. Nestes exemplos a gradação não é meramente prosódica, e chega a ser, para *a* = *ê*, fundamentalmente qualitativa; mas em nenhum tem importância formal ou morfológica. A função é a mesma.

Ha dialectos em que a gradação qualitativa duma vogal em duas formas idénticas, tem valor morfológico sem que todavia a vogal soffresse gradação qualitativa fundamental. Assim *a* em *loucamos*, no dialecto do centro do reino, ou dentre Mondego e Tejo, sofre a gradação que lhe dá o timbre de *á* para *à* quando a forma *loucamos* de representar a concepção do presente passa a representar a do passado.

Ha dialectos em que um fonema vocálico sofre gradação qualitativa numa forma, sem que essa gradação denuncie alteração no conceito expresso e só patenteie acção fisiológica reciproca dos órgãos articulatórios. Assim no falar dentre Mondego e Tejo *ê* tende a passar jeralmente para *ái*, toda vez que a articulação immediata seja palatal, exemplos: *artelho* = *artêlho* = *artêilho*, *espelho* = *espêl o* = *espêilho*, *venha* = *vêlha* = *vêilha*, — *ái* nestes exemplos é igual a *a* de *bauha*, não é *ai* de *baíha*. Temos no falar português gradação

¹ Defino vogal o resultado da articulação modulada em seguida ao desem-
pedimento de preclusão glótica.

qualitativa de *ou* para *ô*, *õ*, de *u* para *û*, no mesmo vocábulo, exemplos: *pouco* = *pôco* = *põco* ¹, *tudo* = *tûdo*; e ainda *ou* = *ô* = *ô* = *õ*, como em *noute* = *nôte* = *nôte* = *nôte* ².

A gradação duma vogal num dialecto indica modificação no conceito, traduz um facto psicológico

O facto de a vogal da raiz ser alterada na sua natureza fundamental num dialecto e ainda na modulação para o mesmo timbre fundamental ou na unidade de tempo, é um processo morfológico de linguagem para se expressar modificação ou diferenciação psicológica.

Pode, porém, o processo morfológico na transformação de uma língua em dialectos, conservar identidade de formas para diferentes conceitos, identidade na gradação num dialecto, e dar a distinção gradativa a outro.

Os verbos chamados fortes são um exemplo da gradação representativa da modificação psicológica.

Aplicação destes princípios às formas da 1.ª pessoa no plural do presente e pretérito do indicativo dos verbos portugueses

A 1.ª *pl. pr.*, no indicativo dos verbos da nossa 1.ª conjugação provém de forma latina, cuja flexão é *-mus*, e cujo radical termina em *â*, como por exemplo o radical *laudâ-* em que a raiz é *√laud*.

A 1.ª *pl. pret.*, no indicativo, dos mesmos verbos, provém de forma latina em que a flexão é a mesma, *-mus*, e o radical é perifrástico, por exemplo *laudâ-ri-* por *laudâ-ni-* de *laudâ-fui*.

O reino divide-se, relativamente à gradação quantitativa das vogais, em duas regiões glotológicas: numa, ao norte, ha vogais longas, noutra, ao centro e sul não ha vogais longas por sua natureza.

A forma gráfica portuguesa *louçamos* corresponde às duas latinas *laudâ-mus*, *laudâ-ri-mus*. Na região glotológica do reino, onde ha vogais longas, o *a* de *louçamos*, no presente, é *a* longo e aberto, como são abertas as outras vogais longas da mesma região. Corresponde ao *a* latino do radical *laudâ-*. Na região glotológica do reino, onde não ha vogais longas, o *a* de *louçamos*, no presente, é *a* breve e fechado, como é natural por influência fisiológica da nasal *m* da flexão *-mos*.

Um *a* longo corresponde a dois *aa* breves, e portanto a articulação da nasal não pode influir no primeiro que fica aberto protegido pelo segundo. Mas pelo contrário influi na única vogal *a* existente na mesma forma no centro e sul do reino; a prolongação não impede este fenómeno fisiológico, pois que ela não existe.

¹ Diz-se também *poico*: se não o podemos condenar, não o escreveremos.

² Pode-se escrever *noute* ou *noite*.

Assim a 1.^a *pl. pr.*, no indic., dos verbos da 1.^a conj. em port., é na maior parte do norte do reino em *-âmos*, e no centro e sul em *-âmos*.

A forma latina *laudâ-vi-mus* transformou-se em português noutra forma na qual *a* representa a contracção de *â-vi*. Ora esta contracção nunca podia dar *a* com menor gradação do que *a* longo em dialectos que tenham vogais longas; e, por isso mesmo que foi contracção, o facto morfológico obsteu a que a articulação *m* desse ao *a* o som fechado *â*, na região em que as vogais são por natureza breves.

Assim em o norte o *a*, longo e aberto, de *louvamos*, 1.^a *pl. pres.* e *pret.*, do indicativo, representa *â* de *laudâ-*, e *â-vi-* de *laudâ-vi-*, contracto. Ali a mesma gradação quantitativa e qualitativa corresponde à vogal longa e à contracção. Confundiu-se pois na pronúncia uma e outra formação portuguesa. No centro e sul o *a*, breve, fechado, da 1.^a *pl. pr.*, do indic., representa *â* de *laudâ-*; em quanto o *a*, breve, aberto, da 1.^a *pl. pret.*, no indic., representa a contracção de *â-vi* de *laudâ-vi-*. Aqui a mesma gradação quantitativa (breve) corresponde também à vogal longa e à contracção; mas a gradação qualitativa, embora não fundamental, estorvou a confusão das duas formas originárias.¹

Se alguns dos gramáticos portugueses desconhecem estes factos e negam a necessária distincção das formas, como ela existe principalmente no centro do reino, só podemos attribuir esse desconhecimento a serem modernos os estudos de glotologia em Portugal. Comprehe-as fazê-los.

Que haja algum, porém, que por seu errado critério se abalance até a dizer: «se fosse indispensável differença as duas flêsois nos verbos da 1.^a conjugação, sel-o-ia também nos da 2.^a e 3.^a: devendo-se dizer, para distincção, no presente *comêmos*, *partlmos* (como diz) e no pretérito *comêmos* e *partlmos*»² — é isto caso muito para lastimar.

Esta distincção existe nos verbos chamados fortes, como são *ter*, *haver*, *fazer*, *dizer*, *saber*, *poder* e outros. Assim: *temos* *tiremos*, *havemos* *houvermos*, *fazemos* *fizermos*, *dizemos* *dizemos*, *sabemos* *soubemos*, *podemos* *podemos*, *cabemos* *coubemos*, *ponemos* *pusemos*, etc., etc.³

¹ No sul do reino encontra-se a confusão entre as duas formas: é porém em direcção contrária prosódica à do norte. Confundem-se em *-âmos*. Nalguns pontos da região central próximos da região norte confundem-se em *-âmos*. Podemos porém dizer que a tendência mais característica é em *âmos* e não em *-âmos*, ou *-âmos*; assim em Tras-os-Montes; e na Beira; é notável que (segundo me refere o sr. Leite de Vasconcellos) em Zeive, Tras-os-Montes, se pronuncie *-âmos*, no presente, e *-âmos* no pretérito. Cf. a nota 1 de pg. 34.

² O sr. Barbosa Leão in «Gramática Portuguesa», 1.^a ed., pág. 77.

³ O meu amigo o sr. Leite de Vasconcellos refere-me em uma carta que em Baião (Baixo-Douro) se diz *-âmos*, no presente da 2.^a conj., e *-âmos* no pretérito da mesma; e que na 1.^a conj. se diz *-âmos* no presente e *-âmos* no pretérito.

Nos verbos em *-ir* não seria possível dar-se a distinção que nem existe ela na vogal *i* em nosso falar português. Se porém, a distinção não pode dar-se conservando-se a vogal fundamental *i*, dá-se ainda assim na conjugação por exemplo do verbo *vir* cuja 1.^a pl. pr. é *vimos* e cuja 1.^a pl. pret. é *viemos*.

CONCLUSÃO

Portanto convém que se escreva: *-amos* no presente, *-ámos* no pretérito. Os habitantes da região do norte podem pronunciar *-âamos* ou *-âmos* em ambos os tempos, os habitantes da região do centro e sul vêem logo marcada gráficamente a distinção morfológica existente principalmente na pronúncia de todo o centro.

Se alguém confunde na pronúncia única *-âmos* as duas formas, é esse facto, e mais ainda os esporádicos, daqueles de que não temos de curar para que se estabeleça a ortografia. São verdadeiramente sem influência para a função normal, fisiológica, que devemos estudar.

Tal é o princípio de respeito dos dialectos, e da história da lingua, o qual sempre tive em atenção na ortografia em cujas bases colaborei e as enais rediji como correm impressas.

Lisboa 12 de janeiro 87.

G. DE VASCONCELLOS ABREU.

O JUDEU ERRANTE EM PORTUGAL

A lenda conta o seguinte:

Quando Jesus Christo, subindo ao Golgota, com a cruz ás costas, passou, exausto de forças, na íngreme rua da amargura, diante da officina de um sapateiro hebreo, os soldados que o escoltavam, pediram compadecidos (ou o proprio Christo rogo humilmente) ao sapateiro que lhe permittisse repousar um instante na sua casa. Este, porém, não só recusou, mas, escarnecendo do cruel martyrio do Deus-Homem, gritou, empurrando-o brutalmente: «Anda! caminha!» E um eco celeste, repetindo esta ordem despiadosa, respondeu: «Anda! caminha!»

E' desde então que o *Judeu errante*, o *Judeu immortal*, marcha sem parar e sem achar repouso em parte alguma, impellido por uma

força sobrenatural: ficou condemnado a andar assim incansavel, de terra em terra, até á consummação dos seculos, até á vinda do Senhor que lhe dissera: *Expectabis me, donec venero*.

Os eruditos do Oriente chamam *Cartaphilo* ao Judeu errante, contando que fôra porteiro de Poncio Pilatos e que ao sahir do adro do Pretorio empurrára sem dó a Jesus Christo: os sábios e chronistas do Occidente denominam *Abascero* ao sapateiro de Jerusalem. Alguns povos meridionaes deram-lhe, comtudo, outro nome, mais em harmonia com o genio nacional: um nome popularissimo em Italia e Hespanha: o de *João* ¹.

Lembraram-se, de certo, d'aquella celebre passagem do Evangelista, em que Jesus, fallando do «discipulo que amava» e que ao tempo da Cea estivera reclinado sobre o seu peito, respondendo á pergunta de S. Pedro: *quid iste?* pronnciara as palavras propheticas: *sic cum volo manere donec veniam, quid ad te?* E correu logo esta voz entre os irmãos que aquelle discipulo não morreria (S. João xxi, 22), e todas as nações ficaram acreditando e repetindo que um dos que presenciaram a crucificação, viveria até ao Juizo final.

O povo italiano, acceitando ou escolhendo o prenome *João* para o seu Hebreo errante, den-lhe ainda a alcunha realista de *Buttadén*, *Buttadio* ou *Arributtadio* ², i. é, *Empurra-deus*, empregada desde o seculo xii, e usadissima ainda hoje em dia ³.

A tradição hespanhola, pelo contrario, poetica até nos mais pequenos pormenores das suas riquissimas lendas, ampliou e desenvolveu o typo do Judeu errante chamado *João*, dando-lhe umas feições peculiares, caracteristicas do fervor religioso que distingue a Península. Em Hespanha e Portugal quem tem o doce nome de João, é aben-

¹ A maior parte das figuras que a phantasia popular inventou ou acceitou da tradição historica, modificando-as, e dos typos que criou, têm na Península, quando masculinos o nome de *João*, e quando femininos o de *Maria*. Indiquemos alguns exemplos: *Juan de las ciñas* (Parnaso Lusitano, II, p. 209) *Juan de los Tiempos* (Liebrecht, Volkskunde p. 107); *Juan de Espina* (Wolf, Studien p. 683); *Buen Juan*; *Juan de buen alma*; *Juan de Garona* (piolho); *Juan Diaz* (cadeado, fechadura); *Juan Dorado* (a libra que o portuguez chama Santo-amarello); *Juan-Linas amaricas*; *Juan de Coca*; *Juan platero* (moeda de prata); *Juan Palomo*, *Juan Dexasas* (arag. maricas); e em Portugal *João-Ninguém*; *João-Fernandez*; *João de boa alma*; *João dos Emprastos*; *Maria Molha*; *Maria de bons pés*; *Maria das pernas compridas*; *Maria Parda*; *Maria da manta*; *Maria Padilha*; *Mari-seca*; *Maria Custanha*, etc.

² Na extensissima serie das velhas pragas jocoserias que colleccionei, extractando-as das comelias vulgares, encontra-se a formula *rotadénus voto a-deus*, (hesp. *rotadénus voto-a-dios*). *Voto vot'a* n'esta formula de juramento e imprecção não tem absolutamente nada com o verbo *bolar* (arremessar, deitar), que corresponde ao ital. *buttare*. E' o subst. *voto*, lat. *votum*, promessa, juramento. Cfr. *voto-a-tal*; *voto-a-mares*; *voto à-la-Virgen-Maria*; *juro-a-diez*; *juri-a-diez*; *juri-a-dobre*; *juri-a-diobre*; *juri-a-diego*; *juri-al-ciego*; *juri-al-keno*; *juri-a-mi*; *juro-a-nos*; *juri-a-ños*; *juri-a-mi-vida*; *juri-al-cuerpo-de-nos*; *juro al siglo de mi bis-aguelo*, etc.

³ Cfr. Romania x, p. 213. Le Juif Errant en Italie au xiii siècle, par A. de Ancona.

coado, e não pôde morrer reprobado, com o signal de Cain na testa: eis porque o folklore hespanhol, apresentando um *Buffadío* arrependido, mortalmente triste, encurvado debaixo do peso da vergonha e do desespero, inventou um *finale* consolador.

Uma qualquer sexta feira santa, ás tres horas da tarde, o infeliz ancião teve uma visão. Por entre nuvens apparecen-lhe o Calvario, com as tres cruzes erguidas, e ajoelhada, abraçando a cruz do Redemptor, uma mulher tão formosa quanto triste, e tão triste quanto meiga, a qual, voltando o rosto para o pobre João, lhe disse lacrimosa: «João! espera em deus!». E todas as sextas feiras santas, quando a lembrança do seu delicto o fustigava com mais vehemencia, *Juan-espera-en-dios*, viu novamente N. S., *mater* piedosa, cuja appareição lhe ia dando forças para continuar aquella marcha dolorosa que já durava 18 seculos ¹.

Foi visto muitas vezes, velho, com o cabello branco de neve, e a barba comprida igualmente branca, e com feições tristes que aliás lembram a physiognomia do Nazareno. Palla a lingua do paiz por que passa. Varia de traje: mas traz sempre uma algibeira ao lado em que leva cinco moedas — *las cinco blancas de Juan-espera en dios*. Pintou em muitas egrejas a vera effigie do Salvador. Conversou com muitos poetas e *dezaboles* na Inglaterra e Escocia, em França, Italia, Hungria, Austria e Allemanha, na Suecia e Dinamarca, na Russia e até na Persia, na Polonia e em Hespanha; e estes poetas divulgaram as suas confidencias.

Ao lado de singelissimos contos populares, espalhados pouco a pouco por todo o orbe, existem numerosas criações individuaes do genio de poetas distinctos, a que a lenda deu ensejo, mas que mal revelam o modesto germen popular d'onde brotaram.

Foi principalmente a douda Allemanha protestante que deu a vida a bellas concepções litterarias e artisticas de Ahasvero, cheias de allusões metaphysicas: pequenas poesias lyricas, extensos poemas, dramas, e epopeias inteiras, em que o *Juden errante* é apenas o symbolo do povo israelita, o qual tambem marcha incansavel d'um polo a outro polo, ou a personificação da humanidade que *erra* sem repouso e sem fim.

Temos uma primorosa ballada de A. W. von Schlegel; uma tragedia de Klingemann; um fragmento lyrico de J. L. Schubart; uma epopeia de J. Mosen; uma bella poesia de A. von Zedlitz; uma allegoria tendenciosa de L. Köhler; temos os versos melodiosos de Nic. Lenau, de A. Schreiber, de E. von Schenk, de G. Pfitzer, de M. Smets; e ultimamente o «Ahasvero em Roma» de Robert Hamerling e o «Jehovah» de Carmen-Sylva, pseudonymo da gentil princeza que occupa o throno da Rumenia.

A França apresenta a prosa do extensissimo romance de Eugène

¹ Veja-se: Fernan Caballero, *La Estrella de Vandalia*, cap. vi, p. 239 do vol. xiii da «Collección de Autores Españoles» de Leipzig.

(1) Ha um archeologo
de Lema de arch.
f. chamado Espe-
ranteiro

Sae; a suave canção de Béranger, o drama symbolico de Edgar Quinet, etc. Na Italia o «*Buttadio*» é muito conhecido, um verdadeiro ente mythico e proverbial; como tambem na Hespanha, a qual ainda produziu um (mediocre) drama «*Las cinco blancas de Juan Espera en dios*» por D. Antonio Sigler y Huerta ¹. O «*Volksbuch*» intitulado «*Relação milagrosa de um Judeu natural de Jerusalem, chamado Ahasvero, o qual pretende ter assistido á crucificação de N. S.*» foi divulgado em numerosas edições em allemão, francez, hollandez e latim.

E Portugal? será crível que este paiz desconhecesse completamente o Judeu errante? Os filhos do povo nunca ouviriam a bella lenda? e caso a ouvissem, não a repetiriam, não a nacionalisariam, recordando mais tarde o typo do eterno viajante, do incansavel e involuntario caminhador, em phrases proverbiaes, em locuções abreviadas? Os sabios e os poetas do seculo aureo da litteratura não se aproveitariam do fundo symbolico e allegorico da tradição?

O Judeu errante foi visto varias vezes em Madrid; parece ter feito a romaria de Santiago de Compostella em 1627 ², inspirou ali a modificação da lenda a que já alludi, originando uma especie de segunda parte, na qual o malvado, escarnecido e rechaçado, apparece arrependido e redemido; viven, despido do seu caracter tragico, no maravilhoso popular da Hespanha, 1.º como personificação da longevidade, com qualidades muito superiores ás do biblico Matusalem e do classico Nestor; 2.º como typo proverbial do viajante irrequieto, rival temivel do feliz possuidor das botas de sete leguas, do Infante D. Pedro que correu as sete partidas do mundo, e de Fernam Mendes Pinto, o das Peregrinações; e em terceiro lugar como typo do *saibo* omnisciente, do escolar nigromante.

E Portugal, a patria do Infante, a patria do Peregrino, seria entre todos os paizes europeus o unico a ignorar a sorte do Judeu errante? Impossivel! Trajado á hespanhola, com o nome de *Juan-espera-en-dios* deve ter transposto as raias de Portugal; deve ter deixado impressão mais ou menos funda no espirito da nação. Assim pensava eu quando ouvi a primeira vez em 1880 expôr ao meu bom amigo Francisco Adolpho Coelho a opinião contraria. Assim continuei a pensar, quando li posteriormente o curto trecho, em que o illustre glottologo tratou *brevisssima manu* do Judeu errante na Hespanha, chamando na nota final da «*Revista d'Ethnologia e de Glottologia*» a attenção de Gaston Paris, como autor d'um bello artigo sobre Ahasvero ³, para

¹ Impresso na Parte xxxii da antiga collecção de «*Comedias escogidas de los mejores ingenios de España*». Madrid, 1669.

² ... *et ille Joannes transivit per Forticium vadens ad Sanctum Jacobum atra Christi millesima ducentesima sexagesima septima* ... palavras do astrologo italiano Guido Bonnatti que foram extrahidas por A. d'Ancona, da obra *Introductorius ad judicia stellarum*.

³ No vol. vii da «*Encyclopedia das sciencias religiosas*» publ. por L. Lichtenberger e tambem em folheto separado.

um trabalho menos conhecido do douto Ferdinand Wolf¹. Lembra-me vagamente de ter lido a alcunha hespanhola em antigas obras portuguezas, mas não estava habilitada para combater immediatamente com factos irrespondiveis o scepticismo do meu adversario, o qual affirmava não ter descoberto, durante as suas longas investigações no campo da litteratura popular e classica da patria, vestigio algum da lenda, e concluia por isso que ella «*não era popular em Portugal, ou pelo menos era de introdução recente*». Resolvi indagar a verdade e hoje apresento aos leitores d'esta nova Revista — á qual desejo larga e prospera vida — os poucos fructos do meu trabalho, os poucos factos que colligi.

Interroguei debalde a tradição viva: ainda não achei um unico popular que soubesse contar a lenda de Ahasvero, nem conheço quem a ouvisse relatar. Consultei sem resultado os monumentos da arte nacional, examinando p. ex. nas vias sacras do Bussaco e do Bom Jesus de Braga as figuras meio destruidas das rusticas capellinhas que representam o Pretorio e a varanda de Poncio Pilatos e que figuram Jesus-Christo caminhando para o Calvario por entre a multidão dos pharisens. Li os letreiros explicativos que signalam os diferentes passos: contemplei as grandes estatuas do santuario de Braga, tudo sem proveito. No Bussaco rememora-se a legendaria ponte do rio Cedron «por onde Christo N. S. passou, e os tyrannos o lançaram abaixo sobre as pedras que estavam no rio, e ficaram os signaes impressos, como se vêem no dia de hoje»; estão marcados até os sitios da primeira e da segunda queda, mas não se falla nem do porteiro do «Presidente» Poncio Pilato, nem do sapateiro «deshumano»: se existiram um dia, estão hoje reduzidos a pó. Procurei o seu nome nos Autos ainda hoje populares do *Juizo final* e da *Paixão*, — tambem inutilmente: continuo pois a ser incapaz de provar que a lenda é popular em Portugal.

Mas, se não encontrei o proprio Judeu, se não o pude observar directamente na vida do povo moderno, vi ao menos a sua sombra, muito ao longe, no passado d'alguns d'aquelles livros nacionaes, que são verdadeiros monumentos da litteratura; e posso demonstrar que o *Judeu errante*, ou antes, que *Juan-espera-en-dios* pisou uma vez o solo portuguez, que a sua lenda viveu aqui, no seculo xvi, e anteriormente, porque naquella epoca já originára alguns dictos proverbiaes.

São quatro os autores quincentistas, em cujas obras encontrei referencias ao Judeu errante: Francisco de Sá de Miranda, Jorge Ferreira de Vasconcellos, Antonio Prestes e Francisco Rodrigues Lobo. Todos quatro beberam, como é sabido — largamente — na fonte popular: todos quatro rechearam textualmente as suas prosas e os seus versos de locuções verdadeiramente nacionaes, de ro-

¹ Beitrage zur spanischen Volkspoesie aus den Werken Fernan Caballero's. Wien 1858.

mauces vulgares, de proverbios, de allusões a usos, costumes, festas e jogos populares, a superstições e crenças, das quaes muitissimas subsistiram até hoje ¹. Mas apesar d'isso, seria temerario estabelecer de antemão que as taes referencias a João-de-espera-em-deus tiveram origem puramente popular, porque Prestes e Rodrigues Lobo, e muito mais ainda Miranda e Ferreira de Vasconcellos conheciam tambem a fundo as linguas classicas, a litteratura castelhana, e os maiores ingenhos da Italia, — fontes d'onde hauriram bastantes conhecimentos. Se enfeitam muitas paginas das suas obras com joias extrahidas, pelas suas proprias mãos, do veio popular, lá fazem brilhar, em outras muitas, ouro e ouropéis estrangeiros emprestados das litteraturas antigas ou do peculio original da nação convizinha.

Podia ser que as suas relações com o typo legendario do Judeu não fossem intimas, mas sim passageiras, convencionaes — litterarias.

E', pois, preciso examinarmos bem attentamente o caracter das passagens alludidas. Vejamos.

I

Miranda creou na Comedia dos *Vilhalpandos* o typo da velhinha beata que por meio de devoções, executadas em companhia de nove «beguinhas», espera alcançar dos poderes celestes tudo quanto deseja. O fim das suas practicas devotas é tirar seu filho, um mancebo ingenho mas «como bom portuguez, da sua natural constelação apurado no amor», do captivo d'uma linda e desenvolta cortesã romana. Pois bem! é na boca d'esta velhinha legitimamente portugueza (apesar de matrona romana), a qual reza ensalmos e acende candeas de cera virgem, que se acha o nome de *João-d'espera-em-Deus*, a par das alminhas que vão em romaria a Santiago porque lá não forão em vida, a par da caldeira de Pero Botelho, do pesadelo da mão furada, e de outras muitas entidades mythicas, verdadeiramente populares, que exerceram e ainda hoje exercem grande prestigio na imaginação portugueza.

Um criado, de nome Antonieto pergunta:

«*E João d'espera em Deus?*»

E a beata Fausta, referindo-se a outra velha convertida, mais santa do que ella, que a ensinava e dirigia, responde:

«*Vio e fallou-lhe: parece-me que em Grecia, e nunca mais via.*» (Acto II, Esc. VII).

Note-se bem este traço caracteristico, commum ás lendas de to-

¹ Parte d'ellas já foram reunidas e aproveitadas por F. A. Coelho, Th. Braga e Leite de Vasconcellos, mas quem caminhar — diligente Rut — após estes segadores, apanhando espigas, póde ajuntar ainda bastas gavellas de rico grão.

dos os paizes — a impossibilidade de rir, que distingue o eternamente triste Judeu.

E note-se tambem a particulazinha DE, por meio da qual *Juan-espera-en-dios* ficou nacionalisado em Portugal, chamando-se *João de Espera em Deos!*

II

Passemos ao *Auto dos Dous Irmãos* d'aquelle poeta comico que Francisco Manoel de Mello chamou o seu grande amigo, relevando simplesmente as linhas seguintes em que um dos dous irmãos (aquelle que se fuge «Confiado» e livre de ciúmes para «prender» melhor sua mulher, seguro da verdade da maxima que reza que

«com soltar-as as prendemos,
com prendel-as as soltamos».

linhas em que elle se lamenta galhofeiramente da longevidade da sua mulher e commemora a immortalidade do Judeu errante (vid. p. 267).

esta molher
dura cousa de não querer!
lança-lhe o demo crescenças!
Jo eterno é no viver:
hei medo que d'ella nasça
João d'espera em Deos!

III

No *Auto do Mouro Encantado* do mesmo Antonio Prestes ha uma villã supersticiosa que vive com susto nas casas que habita; figura-se-lhe que ali anda cousa má, alma do outro mundo; e queixando se diz:

«o quequer que é no espelho,
quando me vejo, eu vejo».

Mas o marido, ridicularizando as suas illusões e chimeras e jurando que elle não vê nada d'extraordinario, responde:

Grimaneza Froes Botelha
Vasconcellos Macarréos,
sob estes veos
crereis que o arco da velha
que é *Jão d'espera em Deos!*

phrase em que a juxtaposição da *velha do arco* e do Judeu errante faz presumir que ambas as personalidades mythicas seriam igualmente populares. A forma *Jão* em lugar de *João* é muito vulgar. ⁴

IV

Francisco Rodrigues Lobo serve-se na prosa da «Corte na Aldea» (p. 117 das «Obras») da phrase evidentemente proverbial: «*correndo tantos lares e estalagens como João de-espera-em-deos*», em harmonia com o modismo siciliano, empregado com relação a quem nunca está quieto, nunca descansa e socega, que diz: *è un buttadeu*; *è comu buttadeu*. O habitante de Montpellier tem para casos identicos as locuções: *sembra un juif errant*; *marcha couma lou Juif errant*; *fai tant de camin couma lou Juif errant*.

V

Da Eufrosina, livro singular, escripto por Jorge Ferreira de Vasconcellos com tenção manifesta de fazer rosario de proverbios e ditos graciosos, à moda da genial «Celestina», ² extractamos a phrase interessante:

«*Por isso dizia Jam d'espera em deos que caça guerra e amores &c.*» (Acto v, Esc. ix, p. 335).

O proverbio ficou a meio, como se vê; provavelmente porque o autor sabia perfeitamente que entre os leitores do seu drama não podia existir um unico que ignorasse que «caça guerra e amores» dão «por um prazer cem do(]lores». Tantas e tantas vezes tinha sido apregoada esta verdade por autores nacionaes e castelhanos. ³

Eis ali o velho hebreu, que assistiu durante seculos a todas as

¹ A defeituosissima edição moderna dos Autos de Antonio Prestes, revista por Tito de Noronha (Cf. *Rev. Lusitana*, adeante), escreve a p. 356:

tão de espera em deus.

É erro evidente, como eu já disse em outra parte. «Zeitschrift» de Groeber, vol. vi, p. 222.

² Traduzido malissimamente para hespanhol e citado por autores castelhanos, p. ex. Francisco Lopez de Ubeda na Novela picaresca da «Picara Justina» (1605) onde exalta ao lado dos enredos da Celestina, das simplezas de Lázaro, das elegancias de Guevara, os chistes da Eufrosina. (p. 1 e 41 da ed. de Paris 1847).

³ A proposito seja dito de passagem que um dos poetas palacianos das cortes de D. Affonso v, D. João II e D. Manoel fez um vilancete sobre a segunda metade do proverbio. Canc. de Res. III. 473. *Vilancete d'Anrique da Mota*.

peripecias da historia humana, levantado á dignidade de *sábio*, de inventor ou propagador de todos os ditos sentenciosos, de todos os adágios, verbos, exemplos, riffs e anexins, em que o genio do povo condensou a sua philosophia, o seu modo de pensar e de sentir. Eil-o identificado com outra personalidade meio-mythica que descobrimos na poesia popular; quero dizer com «*aquelle bom Sengó antigo e sabichoso*», gabado e citado por Gil Vicente, Prestes, Ferreira de Vasconcellos, Rodrigues Lobo, Leitão d'Andrade, Francisco Manuel de Mello e nos Autos populares, como legitimo representante da sabedoria do povo — neto ou tresneto do antigo e celeberrimo philosopho latino, cujas *sentenças* moraes, de santidade quasi-christã, tiveram fama universal, principalmente nos claustros da sua patria Hespanha. ¹

E' pouco provavel que Jorge Ferreira de Vasconcellos attribuisse a *João de espera-em-Deos* a fama de sabio legendario por mero capricho, sem que a vontade popular, *vox populi*, tivesse anteriormente creado, desenvolvido, approvado e consagrado esta fama. Parece que foi costume da época apresentar sentenças vulgarissimas como ditos de ingenhos illustres, dando-lhes assim maior realce. Posso assinalar ao menos mais uma passagem na Eufrosina, em que o autor allude aos conhecimentos universaes e talvez sobrenaturaes do Judeu errante; é a pag. 8 do Prologo, onde lemos: «*sabe mais que João de Espera em Deus*», e outra identica, na novella castelhana da Lozana Andaluza, pag. 314:

«*y si yo supiese ó viese estas tres cosas que arriba he dicho, sabria mas que Juan Desperaendios*».

VI

Deixamos para o fim um facto isolado, de mais difficil interpretação, porque nelle se acham de mistura elementos populares e litterarios, que é preciso separar.

João de Espera em Deus figura, ainda na mesma comedia, como autor do engraçado, mas assaz escuro, Prologo. Apareceu pois, entre 1527 e 1537, diante de um publico portuguez como *Representador*, *Argumentador* ou seja *Introductor* da Eufrosina, fazendo o papel de embaixador extraordinario de S. A. o deus Apollão e das Musas, escolhido para se desencarregar habilmente da melindrosa missão de fazer admittir entre os Portuguezes — os quaes sabidamente são de má bocca e de gostos muito delicados — nma cousa *nova*, a comedia em mera linguaagem, i. é, *em prosa*.

O publico, ao qual elle apresentava esta novidade, devia ser um

¹ Sobre esta minha etymologia que deriva *sengó* de *Seneca*, veja-se: Zeitschrift viii, 192. G. Paris, Romania xii, p. 412, propõe a derivação do adj. latino *senicus* — senil.

publico culto, composto principalmente dos moços fidalgos e nobres que seguiam os estudos nas Escolas do Mosteiro de Santa Cruz e estavam costumados a ver representadas e a representar tragedias e comedias classicas, nos seus divertimentos escolares.¹

Só a mocidade academica podia apreciar devidamente as numerosas e engenhosas allusões a factos e entes pouco conhecidos da mythologia e historia classica, engraçando ao mesmo tempo com os innumerables annexins e modismos populares da pittoresca prosa vernacula do moço de camara do Infante D. Duarte, seu illustre condiscipulo.² Só esta podia gostar da estranha invenção do poeta, adivinhando a ideia fundamental, finamente ironica, que se esconde no Prologo, declamado pelo mais velho entre os velhos, que além d'isso se apresentava *com duplo rosto* e se orgulhava de ser estrangeiro.

Esta *duplicidade* deve ser uma reminiscencia classica, e não terá base popular, legendaria. Foi ideada pelo proprio poeta para symbolisar o saber mais que humano de João de Espera em Deus, a sua faculdade de conhecer o passado e prever o futuro que o aproxima do antigo Jano.³

De resto, o poeta deixa-lhe os seus caracteristicos geraes, internacionaes: é velho — «perro velho, de tempera velha; quando o demo nasceu já engatinhava» e como este «sabe muito porque é velho» — muito palrador, porque «dos velhos é serem palavrosos»; estrangeiro, que vem de longas terras⁴, e de grande sabedoria⁵. E se não fosse tudo isto: velho, estrangeiro, de grande saber, e acreditado lá fóra, como se atreveria o poeta a pôr na bocca d'elle certas verdades amargas e querer «enthronear» por elle certas novidades?

Sobre o seu traje, nada sei. Seria o usual, deromeiro; e não faltaria a bolsa proverbial com as cinco moedas. As palavras — «Ouvistes vós já de João de Espera em Deos? pois vedes-me aqui, *mais refinado cinquete que um cartaro*», — que confesso não entender, mas que se referem, sem duvida, ao vestuario da figura, seriam talvez ironicas, devendo ser traduzidas *com grano salis*.

¹ Este *anfiteatro carento*, mencionado como lugar da representação scenica, não admitta outra explicação, segundo o meu ver.

² Este facto ficou desconhecido a todos quantos escreveram sobre Jorge Ferreira de Vasconcellos, apesar de documentado nas *Provas da Hist. Gen.*, T. I, pag. 615, onde o autor da Eufrosina, Autographia e Ulyssipo figura ao lado do autor do Palmeirim de Inglaterra entre os moradores do filho de D. Manoel. (1521-43).

³ «Vedes que eu sou como Jano: não me haveis de fazer esgaros por detrás que vos logo não vá com o dedo ao olho».

⁴ «D'aquí me meto em vossas mãos e eu, João de Espera em Deos, espero tambem em vós, que me agasalheis por estrangeiro, que nos bons sempre acham amparo».

⁵ Mostra conhecer até aquelles «preteritos passados» que não presenciou, porque confessa lembrar o tempo «em que Lucifer, de conserva com os tyrannos, quiz semelhar ao alto Jupiter (!) e foi arrecessado ao centro do Etna! — o tempo «em que Saturno foi privado da sua immortalidade e morreu metade do mundo», etc. etc.

É quanto recolhi até hoje: material insufficiente para plena reconstrução da vida do Judeu errante em Portugal; mas sufficiente para a demonstração do facto que a sua lenda existiu, em tempo, ha tres seculos e meio, na nação portugueza, e que, portanto, *não é de introdução recente*.

Quer-me parecer que a defesa da outra these que eu desejava oppôr á do meu bom e amavel antagonista, F. A. Coelho, — estabelecendo que a lenda não é hoje completamente desconhecida ao *povo* portuguez — será sustentavel, mais tarde ou mais cedo. Esperemos que algum dos jovens folkloristas que ultimamente se dedicaram tão energeticamente á exploração da tradição oral d'este paiz, recolha, mais feliz do que eu, em qualquer cantinho de Portugal, uma lenda, um conto, um adagio, uma locução abreviada, ou simplesmente o nome de João de Espera em Deos, e que os historiadores estrangeiros do Judeu errante tenham que acrescentar em futuras edições das suas monographias ¹ um capitulo especial sobre Juan Espera-en-Dios em Hespanha e Portugal.

PS. — A' nota 1.^a da pag. 35 tenho que additar mais duas palavras, uma simples conjectura, baseada em dados por ora pouco seguros.

No «Ensayo» de Gallardo, vol. 1, p. 726, n.^o 592, menciona-se um «Dialogo» manuscripto, hespanhol, anonymo, dedicado a Philippe II, no qual *Pedro de Hurdimalas*, *Juan de Voto-a-Dios* e *Matu-las-callando*, — tres interlocutores com nomes evidentemente typicos de personagens legendarios, disputam sobre os costumes dos Turcos e outras cousas d'aquellas partes.

Dahi se pôde inferir uma dupla supposição a que darei, cautamente, a forma de pergunta: 1.^o *Juan-espera-en-dios* teria em Hespanha tambem o nome de *Juan-de-voto-a-dios*? 2.^o Este nome, modificado pelo processo da etymologia popular, corresponderia ao italiano *Buttadio*?

Porto, Janeiro de 1887.

CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS.

¹ Gracse, *Der Tannhäuser und der Ewige Jude* Dresden, 1861;
 Helbig, *Die Sage vom Ewigen Juden, ihre poetische Wandlung und Fortbildung*, Berlin 1874;
 G. Paris, *Le Juif errant*, Sandoz & Fischbacher, Paris 1880.

ENSAIOS DE ONOMATOLOGIA PORTUGUESA

(1.º Artigo)

A ONOMATOLOGIA occupa-se do estudo da origem e alterações (no sentido e na forma) dos nomes proprios; como estes se referem geralmente a *locaes* e a *pessoas*, d'aquí o poder dividir-se a ONOMATOLOGIA em *TOPONYMIA* e *ANTHROPONYMIA*.

Ninguém que tenha senso porá um momento em dúvida a importancia da Onomatologia. As invasões pãssão, os costumes modificão-se ou desaparecem, as condições physicas do solo varião, e comtudo os *nomes* lá ficão muitas vezes, como marcos esquecidos, como sentinelas do passado, a revelar ao philologo um grande número de factos que d'outro modo nos seriam inteiramente desconhecidos. Pelo estudo *di alcune forme de' nomi locali dell' Italia Superiore* (Torino 1874) chegon o illustre Flechia a resultados importantes para a ethnographia italiana, mostrando com a anályse de varios suffixos, que elle explica pelas linguas celticas, germanicas, etc., a successão de diversos povos que em tempos antigos invadirão a Italia. O trabalho de W. Joyce, *The origin and history of Irish names of places* (Dublin 1869) é egualmente uma boa contribuição para a historia da Irlanda. Como estes dois trabalhos podião se citar muitos outros. Ha-de ser tambem pelo estudo da onomatologia lusitana que a questão das nossas origens ethnicas se aclarará em parte; nelle anda empenhado o sr. Adolpho Coelho, que já den alguns especimens nos seus escritos *Sur la forme de quelques noms géographiques de la péninsule ibérique*, 1882 (publicado in *Mélanges Girard*, e reproduzido in *Revue Celtique*), e *Vestígios das antigas linguas da península ibérica*, 1.º artigo. Porto 1886 (extr. da *Rev. de Guimarães*, vol. III). Auxiliados apenas pelo onomastico, podemos apreciar usos e instituições hoje obliteradas, como se verá com as palavras *Apreslino*, *Filhadella*, etc., e determinar a fauna e a *zoologia* antigas de certas localidades, como acontece com a existencia dos *ursos* e *realdos* em Portugal, o que adeante mostrarei.

O estudo da onomatologia portuguesa está cheio de difficuldades, porque, exceptuando os citados escritos do sr. Adolpho Coelho, e uma ou outra nota avulsa aqui e alem, quer nos trabalhos d'elle, quer nos de outros philologos que se tem occupado da nossa lingua, não está ainda nada feito por onde me eu possa guiar nestes *Ensaíos*, que são a amplificação e continuação de umas notas publicadas por mim na *Rev. da Soc. de Instr. do Porto*, vol. III-IV. E' certo que o geral dos nossos chorographos tem tractado mais ou menos de onomatologia; mas, como elles escreverão sem methodo philologico e sem espirito

scientifico, não merecem confiança alguma. O livro que mais se presta à critica neste sentido é o *Portugal antigo e moderno* de Pinho Leal, escriptor de uma superficialidade e estupidez taes, que ás vezes chega a causar dó a leitura da sua obra; elle trabalhou bastante, recolheu mesmo muitos factos de valor, mas subordinou tudo a umas ideias geraes muito falsas, de modo que só com grande cautela se deve consultar ¹. Para muitas pessoas o rigor onomatologico parecerá uma coisa escusada, porque raras serão as povoações cujo nome os eruditos locaes não expliquem: assim um dir-nos-ha que *Filhadella* significa *Filha d'ella* e a este proposito contará uma historia; outro affirmará que *Alijó* se chama assim, porque «*alli* esteve *Job*»; outro finalmente explicará *Acelleda* por uma exclamação *Acê, leda!* E assim successivamente, porque é uma tendencia natural ao homem interpretar o que elle não conhece. Não é a linguagem uma coisa tão humana, tão nossa? Quem melhor poderá explicá-la dó que aquelle que a falla? E comtudo dá-se aqui uma illusão. Que ha mais intimo do que o *pensamento*, e apesar d'isso o homem não sabe em que elle consiste! Eis porque a philologia se não importa com essas explicações phantasticas, e applica o seu methodo a este assumpto.

O methodo philologico applicado ao onomastico não differe essencialmente d'aquelle que se applica ao estudo da lingua commun. En procedi da seguinte maneira: em primeiro logar, a proposito de um dado nome, busquei as formas eguaes ou semelhantes, para me assim certificar se o nome originario era appellativo, ou pelo menos muito generico; depois procurei as formas antigas, sempre que me foi possível, ou as formas parallelas, quer dentro do portuguez, quer nas linguas irmans, e assim cheguei ás formas primitivas. Mas em geral não basta aproximar duas ou mais formas para filiar umas nas outras: é preciso verificar pelo sentido, pela phonetica, e ainda ás vezes pela morphologia, a correspondencia exacta de umas formas ás outras. Quando se diz que tal palavra vem de outra, torna-se necessario não deixar uma só lettra sem explicação, porque um som não se transforma à toa noutro qualquer, ha sempre aqui uma regra. Assim eu ha annos tive uma questão litteraria com um sujeito que escreveu que *Caminha* proviera de *Caput Minii*; apesar da etymologia ser tentadora, eu pedi a demonstração, mas, como elle m'a não soube dar, a sua explicação ficou sem valor para mim. E' por isso que todos aquelles que não são philologos de profissão se devião abster de dar explicações etymologicas, porque se arriscão a encher de erros os sens escritos. Do mesmo modo que quem não é medico se não mette a fazer receitas, nem quem não é engenheiro a riscar estradas, tambem quem não estudou a philologia não deve invadir o campo dos especialistas. Muita gente suppõe que nesta advertencia, que já pouco mais ou menos em taes termos tem sido formulada por varios philologos, ha da

¹ Esta critica já não aproveita ao auctor, porque é fallecido; mas póde aproveitar aos seus continuadores.

parte d'estes egoismo ou farroma: enganão-se; a philologia custou muito trabalho a implantação do seu methodo, e d'aqui a mágoa de o ver em mãos de leigos, que o não sabem applicar e por isso o desacreditão.

Com quanto eu me esforce por ser o mais exacto possível, devo porém dizer que não aspiro de modo algum a um rigor absoluto, e que estou prompto a mudar de opinião, logo que me appareção provas que eu julgue melhores que as minhas: «... at present I only wish to remind the reader that a rigorous mathematical method is quite impracticable in such an investigation, which can only be carried out by a process of cumulative reasoning, based on a number of independent probabilities»¹.

As fontes principaes de que me servi para estes *Ensaíos* fôrão: as corographias, com especialidade a abundante *Chorographia moderna do reino de Portugal* de João Maria Baptista, e a *Corografia Portuguesa* do Padre Carvalho da Costa; as matrizes prediaes de algumas repartições de fazenda, aonde pude ir colher nomes de campos; o *Elucidario* de Viterbo; os *Portugaliae monumenta historica*; varios Foraes; a collecção do *Diário do Governo*, onde vem muitos nomes locais, de campos, etc.; informações particulares que recebi de amigos meus, etc. etc.

Eu desejava fazer já uma classificação dos nomes aqui estudados, e para isso os disporia segundo as proveniencias (nomes tirados da flora, nomes tirados da fauna, nomes tirados das feições do solo, etc.); mas esse trabalho é-me por ora impossivel. Não sigo pois ordem nenhuma, vou estudando os nomes conforme me convier melhor, e no fim darei então um indice analytico e outro synthetico, de modo que por um lado a busca dos nomes seja facil, e por outro a importancia real do assumpto salte aos olhos do leitor.

1. Muitas aves fôrão a origem de nomes proprios; nada pois de admirar que o *melro*, o mavioso cantar dos nossos campos, tenha tambem contribuido para a formação do onomastico português. De facto a *Chorographia moderna* de João Maria Baptista (Lisboa 1878) offerece as seguintes fórmãs: MELREIRA² (cfr. LOBEIRA, COELHOIRA, etc.). MELBINHO, MELROA, MELROEIRA, MELROINHA, MELROS. Provavelmente MELRIÇO e MELRIÇA vem ainda de *melro* e *melra* (pop. por *mel-roa*) por meio do suffixo *-iço* e *-iça* (cfr. *palhiça*, *camuça*, etc.); MELRIÇAL assenta em MELRIÇA (cfr. CARRIÇAL de CARRIÇA, etc.). E' provavel ainda que MELRINA seja um diminutivo pertencente à mesma familia; neste diminutivo assentão outros diminutivos, MELRINETA e MELRINITA,

¹ H. Sweet. — *Hist. of English sounds*, London 1874, pag. 26.

² Todos os nomes escriptos em versaletes são proprios (de locais ou appellidos).

pois é um principio de morphologia portugueza (que não se indicou ainda, que eu saiba) que um diminutivo formado de outro ha-de ter geralmente um suffixo differente (cfr. *caix ot-inha*, etc.). Ha mais MELRE e MELRES, que supponho são ainda transformações de *melro*, cujo -o se mudou em -e, como acontece noutros nomes nas mesmas circumstancias. MERELIM pôde igualmente ser um diminutivo de *merulus*. — Temos agora outra serie de fôrmas: MELLO, MELLES, MELLINHO e MELLIM. Começarei por MELLO, nome de uma villa que fica na Beira-Baixa (e appellido). Estabeleço relação entre MELLO e *melro*, fundando-me em tres ordens de factos: na historia do nome, na possibilidade phonetica e no brazão de armas da villa. Vejamos. Na *Chronica dos conegos regrantes de Santo Agostinho* diz-se positivamente que o nome antigo d'esta povoação foi MELRO; Pinho Leal, que cita o facto no seu *Portugal antigo e moderno*, s. v. *Mello*, conta tambem que havia na casa da camara da villa um sinete antigo com este distico: — «*sello do concelho de Melro*». Mas *Melro*, nesta fôrma, não podia facilmente dar *Mello*, pois a tendencia mais natural seria transformar o *l* em *r* (assimilação progressiva), o que daria **Merro* (como acontece em *espirrar*, ao lado do pop. *spilrar* e *ispilrar*¹); vale-nos pois aqui a phonetica comparada. Nos dialectos meridionaes de Portugal (pelo menos assim ouvi na Extremadura) diz-se *merlo*, o que corresponde, como se sabe, á fôrma italiana *merlo* e ao francês *merle* (= *merula*); ora *merlo* vem do lat. *merulus* (*mer'la*), como por ex. o pop. *perla* vem de *pérula* (perola); devia por tanto coexistir na pronúncia beirã um termo popular e antigo *Merlo* com o termo *Melro*, do mesmo modo que noutros dialectos coexiste *Calros* (*Caulros* no dialecto interamnense) com *Carlos*, *bulra* com *burla*, etc. (cfr. D. Carolina Michaelis, *Studien zur hisp. Wortdentung*, § 5, in *Miscellanea Caix-Canello*). Ha tambem um nome de local MERLÃES (por **merlaes*) que deriva de *merlo*². Na fôrma *Merlo* é que assenta perfeitamente *Mello*, por uma assimilação (progressiva) do *r* ao *l*, com o aconteceu em *pelo* = ant. *pelto* = *pérto* = *per to*. Eis ali um exemplo de como a linguagem popular ajuda a explicar a linguagem litteraria: effectivamente os dialectos não são cousa tão vil e tão inutil como alguns sabichões do nosso pais imaginão. A estes dados, fornecidos pelos documentos escritos e pela philologia, accresce outro, fornecido, como disse, pelo brazão de armas. Segundo o Padre Carvalho da Costa, in *Corografia Portuguesa*, vol. II, cap. XII, o brazão da villa de Mello consta das armas reaes de Portugal «entre duas arvores verdes, cada uma com seu *merlo*³ em cima»; mas, se os primeiros factos não estabeleces-

¹ *Spilrar*, *ispilrar* (espilrar) são decerto as fôrmas primitivas; assentão num diminutivo **respirulare* ou **spirulare* (cfr. o port. *cantarelar*, de *cantar*).

² Adeante tratarei da nasalisação que se dá neste caso e noutros que assentão em nomes primitivamente acabados em -*aes*, como CARREGIÃES (= **carregues*), CERFIÃES (= **capaes*), FIÃES (= *Flaes*, etc.).

³ O proprio Padre Carvalho emprega esta fôrma *merlo*.

sem em solidas bases a etymologia que propuz, o terceiro, só por si, pouco valia, pois nem sempre os brasões de armas são guias seguros em taes investigações, como acontece, por ex., com o de Chaves, que tem por emblema umas *chaves*, ao passo que este nome não se relaciona absolutamente em nada com aquelle. — Explicado assim MELLO, explicão-se MELLINHO e MELLIM como deminutivos, porque o suffixo *-im* não é raro no nosso onomastico com valor deminutivo; MELLES está para MELLO, como MELRES para MELRO, pois entre MELLES e MELLO devia haver uma fôrma *MELLE (de que MELLES será plural), como entre MELRES e MELRO houve MELRE¹. Estes diversos derivados de duas fôrmas primitivas unicas (*merulus, merula*) explicão-se pela variedade das condições de meio e de raça em que as transformações se derão.

2. SALZEDAS, freguesia no concelho de Mondim-da-Beira, notavel pelo convento que teve pertencente aos bernardos. O povo, como os AA. antigos, diz AS SALZEDAS, antepondo o artigo; mas a fôrma litteraria moderna é sem artigo. Em geral no nosso país antepõe-se o artigo áquelles nomes proprios que primitivamente forão nomes communs (ex. o PORTO, A GUARDA, AS PAREDES, OS CARVALHOS, etc.), e está aqui ás vezes um criterio que deve guiar o philologo no seu estudo, porque não raro, apesar do nome se obscurecer, em virtude das transformações porque passou, fica o artigo na tradição do povo, que o emprega inconscientemente. Ninguém hoje reconhecerá á primeira vista em *Salzêdas* o substantivo commum que foi na origem; contudo o povo antepõe-lhe o artigo, que não tem aqui outra razão de ser senão a tradição antiga que se não perdeu ainda. A seguinte cantiga popular, que eu recolhi ao pé da povoação (porque ella pertence ao meu concelho), demonstra bem o facto:

O' relóijo das *Salzêdas*,
Pêço-te por caridade
Que dês as onze máis cedo
E o máio-dia máis tarde.

Os diferentes documentos que consultei para o estudo d'este nome apresentão-no com várias fôrmas: um documento latino do sec. x, citado no *Elucidario*, I, 186 (2.^a ed.), offerece ao mesmo tempo *Salizete* e *Salzeta* (duas vezes), fôrmas que são certamente uma traducção barbara de *Salzeda*; diz Pinho Leal, *obr. cit.*, s. v., que no foral velho, sem data, mas que é dos principios da monarchia, se lhe dá o nome de *Salzeda*; num doc. lat. de 1198, cit. por Viterbo, I, 258, lê-

¹ A fôrma *MELRES* é para mim um tanto obscura; todavia talvez se possa identificar com a familia de palavras aqui citadas. Nessa fôrma assentarão tambem por ventura *MELIM* e *MERLHE* (deminutivos, segundo parece).

se *Salzeda*; noutro doc. lat. de 1203, citado por Pinho Leal, *ib.*, vem o genitivo *Salzedae*; noutro doc. de 1209, citado pelo mesmo A., ha tambem *Salzedae*; num doc. lat. de 1221, publicado por Viterbo, 1, 307, acha-se *Salzeda* varias vezes; o escriptor João de Barros (sec. xvi), auctor da *Geogr. de Entre Douro e Minho*, que está em ms. na bibliotheca do Porto, onde a consultei (não se confunda este A. com o das *Decadas* e da *Grammatica*), emprega a forma *Serzedá*; um ms. de 1529, que consultei numa livraria particular, tem *Carzedá*; no foral que D. Mannel deu ao mosteiro emprega-se a forma *Cerzedas*; uns versos latinos que havia no mosteiro no tempo de Fr. Bernardo de Brito, e que elle transcreve na *Chronica de Cister*, ed. 1602, part. 1.^a, fls. 292, v., lê-se *Salzedae Sanctae Mariae* (estes versos talvez sejam do sec. xvi): fr. Bernardo de Brito serve-se do termo *Salzedas* na sua *Chronica*; Viterbo (sec. xviii-xix), que era natural de uma povoação não muito distante de Salzedas, e que conhecia bem de perto ésta e o mosteiro, emprega concorrentemente *Salzeda* e *Salzedas*. Alem d'estes factos, ha um doc. ant. que Viterbo publica, 1, 50, mas cuja data é incerta, onde apparece *Salzedas*. Em resumo, temos pois: *Salzeda*, *Salzedas*, *Serzedá*, *Cerzedas* e *Carzedá*. Estas tres ultimas formas devem considerar-se como erradas, e apenas resultantes de confusão com outras verdadeiras que effectivamente ha (*Cerzedá*, *Sarzedá*, *Sarzedas* e *Sarzedo*), mas que se referem a outras povoações e tem uma explicação diversa; de facto as formas com *l* são mais antigas, e no dialecto beirão o *l* naquellas circumstancias não se muda facilmente em *r*, o que hoje acontece no dialecto interamnenso (onde se diz *árma* = *alma* etc.): por isso só com custo *Salzeda* podia dar *Carzedá*, *Serzedá* ou *Cerzedas*, de mais a mais escriptas com *C* e *C* que naquella epocha soavão differentemente de *S*, e que não podião provir d'este. Como Viterbo emprega ao mesmo tempo *Salzeda* e *Salzedas*, e as formas no singular são vulgares até ao sec. passado, podemos concluir que ésta povoação teve dois nomes, um *Salzeda* e outro (talvez sómente do sec. xvi em diante) *Salzedas*, que primeiro existiu ao lado d'aquelle e depois o supplantou completamente, pois hoje ninguem diz senão *Salzedas*. — A etymologia é evidentemente o lat. *saliceta*, de *salicetum* (d'onde proveiu *salicium*), derivado de *salix* (salgueiro); não é raro que nomes neutros latinos da 2.^a declinação estejam representados pela forma neutra do plural em *-a*, que neste caso se confundia com os nomes da primeira declinação, e por isso era tractada como uma forma feminina do singular, o que se vê em *fata* (de *fatum*), *pimenta* (de *pimentum*), *debita* (de *debitum*), etc., que derão respectivamente *fada*, *pimenta* e *dívida*. Assim: *Salzedas* plur. de *Salzeda* = **sal'eta* (formado de **sal'ce* = *salicem* ¹) por *saliceta* plur. de *salicetum*. O *c*

¹ Nos proparoxytonos, o *l* post-tonico syncopa-se facilmente, como se sabe; ex. pop. *calce* = *calice*, *alma* = *an ma* = *anima*, *urze* = **ulce* = *ulice*, etc. No caso presente a forma **sal'ce* é-nos attestada pelas castelhanas *salce* e *sauce*, que correspondem áquella, a primeira directamente, e a segunda pela dissolução do *l* em *u*.

mudou-se em *z*, como em *azedo* = *actum*, *urze* = *ulicem*, CERZEIRO *querquetum*; o *t* abrandou-se em *d*, como num dos exemplos precedentes. — Viterbo escreveu pois com razão a respeito da localidade: «Este sitio, cercado de aguas, e que ainda hoje produz immensa copia de salgueiros, era o mais proprio para dar o nome à Salzeda, que no latim d'aquelles tempos se chama *Saliceta*, que corresponde a *Salicetum* ou *Salgueiral*»; *Elucidario*, I, 186.

3. O latim *sacum* (seixo) deu Souso ou Soiso, pron. pop. *sôzo* ou *sôizo* (vinha no Peral, c. do Cadaval); deu mais os diminutivos SOUSÉLLO e SOUSEL. Na forma *saca* (cfr. § 2) deu SOUSA ou SOISA (rio, povo e appellido), bem como SOSA (que é uma simples condensação de *Sousa*), e os diminutivos SOUSELLA e SOUSELLAS. A respeito de um dos nomes antecedentes, tenho ouvido dizer ao povo a SOUSA ou a SOISA (com a anteposição do art.), o que confirma em parte a minha etymologia, mostrando que o nome foi commum na origem (cfr. § 2.) Eis agora a demonstração phonologica: como se sabe, lat. *x* = *cs*, por isso *sacum* pronunciava-se (e pronuncia-se ainda nas aulas) *sacsun*; nesta palavra o *c* dissolven-se em *u*, por estar antes de consoante, como no arch. *tauser* (Viterbo, *Elucid.*), que vem de *tacsare* = lat. *taxare*, — por isso *sacsun* deu **sausu*—; d'esta palavra veio *Souso*, pela mudança de *au* em *ou*, o que é frequente na nossa lingua, como se vê em *touro* = *taurus*, *ouro* = *aurus*, etc.; de *Souso* veio *Soiso*, pela correspondencia que ha entre *ou* e *oi*, como se vê em *toiro* = *touro*, *oiro* = *ouro*, etc. — Ha outras formas parallelas a estas: SEIXA, SEIXAS, SEIXO (que se explicão como o nome commum *seiro*), e, com o suffixo *-al* (cfr. adeante), SEIXAL, etc. Outros derivados são: SEIXOSO e o demin. SEIXESELLO (por **seicosello*). — Nota: uns escrevem *Sousa*, outros *Souza*, embora a pronuncia seja sempre com *z*; a orthographia etymologica pede porém que escrevamos com *s*, enquanto não houver signaes differentes que correspondão às diversas origens do som *z*.

4. Nas Chorographias apparecem os seguintes nomes: FONSECA (que tambem é appellido) e FONSECAS; egualmente existe como appellido AFONSECA, que de ordinario se escreve *Affonseca*, cuidando-se que tem relação com *Affonso*! — A etymologia de FONSÊCA é FONTE-SÊCCA (que tambem existe como nome de local), em virtude d'estes intermedios: *Font'-sêcca* (como se diz em pronuncia rapida) e *Fonssêca*, por assimilar do *t* ao *s* (mais propriamente, *absorpcão*), o que tambem se observava em MONSANTO (= *Mont'santo*) e MOSSUL (= MONSEL = **Mont'Sul*, por *monte do Sul*); cfr. ainda MONFORTE (= **Mont'forte*). Alguem poderia lembrar-se do lat. *fons sicca*, que á primeira parece mais vizinho da forma portuguesa, postoque *fons* no latim classico fosse do genero masculino: mas nada se oppõe á etymologia primeiro dada; além d'isso o nominativo *fons* parece não ter existido no latim popular, como se deduz do que diz o glottologo Mussafia: «... in vero la forma classica latina [*fons*] non lasciò veruna traccia di sé nel romanzo. Prov.

e fr. ant. *fons*, propriamente *fontz* (*fontz*) corresponde a *fontis*» (vid. *Romania*, I, 493). Outra prova de que FONSECA provém de *fonte-sicca* está em FONSECAS, que, como nome de lugar, só pôde ter vindo de *fontes-siccas*, e nunca de *Fonseca* (que não tinha significação commun, e por isso não podia ter plural ¹) nem de **fons-sicca*. — O appellido AFONSECA resultou de FONSECA, por uma agglutinação do artigo feminino: *F. da Fonseca* = *F. d'a-Fonseca* (Afonseca) ². Igualmente ha um appellido português DA MESQUITA (âcerca do qual os nobiliarchistas contão uma lenda phantasmagorica), que está em circumstancias analogas, pois corresponde a *Da Amesquita* (*amesquita* = mesquita) pela crase de *a + a* = *â*, factio frequente na nossa lingua. D'aqui se vê como a Linguistica pôde vir em auxilio da Historia, fornecendo-lhe um elemento de critica: com que facilidade não estão sujeitas a desaparecer às vezes deante de uma simples equação phonetica as letras dos Nobiliarios! E isto, porque a nobreza heraldica não seja um factio historico, e por tanto positivo, deante do qual a sanha dos demagogos tem de se curvar, mas porque nem sempre a coordenação dos cadastros das familias preside um criterio solido.

5. MEZIO, nome de terra (Beira-Alta) e de rio (Paços-de-Ferreira). A etymologia d'esta palavra é o lat. *homicidium*, em virtude das seguintes egualdades: *homicidio* = **homicio* = *omicio* = *omezio* = *Mezio*. Darei agora as provas phonetico-historicas. *Homicidio*, que é ainda hoje uma forma litteraria, corresponde letra por letra a *homicidia* -, e por isso não tem que explicar; *omicio* acha-se no *Elucidario* de Viterbo, e não podia vir d'aquella senão pela intermedia theorica **homicio* (queda do *d* entre vogaes, como em *meio* = *medium*; crase não rara de *i + i = i*); *omezio* acha-se tambem no *Elucidario* (e no fallar moderno, escrita *homizio*), e provém da antecedente pela mudança do *c* (antes de *i*) em *z*, como na palavra *vizinho* = *vicinus*; *omezio*, que igualmente se encontra no *Elucidario* ³, deriva da precedente por dissimilação de um dos *ii*, em virtude da seguinte fórmula, *ē... i = ĩ... i*, que já expuz noutros trabalhos meus; de *omezio* vem *Mezio*, pela apheresa do *-o*, pois, em nomes de terras principalmente, é vulgar confundir-se o *o* inicial de uma palavra com o artigo, e por isso, ou supprimir-se em varios nomes este *o*, quando existe, ou juntar-se, quando falta, como se vê em ZEIVE = ant. OZEI-

¹ É certo que *Fonseca*, como appellido, pôde ter, e tem, o plural *Fonsecas*; mas não é crível que este plural fosse a origem do nome de local FONSECAS, tanto mais que esta forma apparece várias vezes no onomastico.

² Como um exemplo, entre mil, citarei a *Descripção topogr. e hist. da cidade do Porto* por A. Rebelo da Costa, Porto 1789, onde se lê *Francisco d'Afonseca*, (pag. 326). Em cacosgraphias é tambem vulgar ainda hoje *d'Afonseca* e *d'Afonseca* em vez do appellido *da Fonseca*.

³ Nas *Dissertações chronol. e critic.* de João Pedro Ribeiro (*Dissert.* 5.^a, pag. 293) encontra-se tambem *omezio* e *omezio* como expressões da era de 1293.

A quem doe de 1483 falta 10 em Omezo e no
 Elucidario, Viterbo, como B. H. de Almeida, Varsovia, 1870, de
 B. H. de Almeida, Varsovia, 1870, de B. H. de Almeida, Varsovia, 1870, de
 B. H. de Almeida, Varsovia, 1870, de B. H. de Almeida, Varsovia, 1870, de

* VE, SAES = ant. OSSAES, LEDO = OLEDO, pop. VAR = OVAR, etc. O sentido também se não oppõe á minha explicação: de facto ha varios locaes com nomes de significação semelhante, taes como MATANÇA, HOMEM MORTO, MORTORIO, SERRA DA MULHER MORTA, etc.

6. O systema das *vides de enforcado*, tanto em voga no Minho, deu ~~logar~~ ao nome commum *uveira* (*ar-eira* de *ura*) para designar uma «arvore a que uma vide se arrima»; já um escriptor latino disse: *ulmi vitibus maritantur*. D'aqui o apparecimento de nomes de sitios como os seguintes, que colhi nas matrizes prediaes da repartição de fazenda de Guimarães: UVEIRAS (campo, f. de Balazar), UVEIRINHAS (sitio, f. de S. Torquato), UVEIRAL (sitio, *ib.*). — Este § não dá nenhuma novidade aos leitores minhotos, mas dá-a talvez aos que forem de outras provincias, onde aquelle processo vinicola não tenha a importancia que tem no Minho.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

CONTOS AFRICANOS

(INTERIOR DE BENGUÉLA)

I — Sirombo

Havia um homem que tinha duas mulheres. Uma não tinha filhos, a outra tinha uma filhinha muito linda que se chamava Sirombo. A mulher que não tinha filhos, cheia de inveja, um dia que a outra foi buscar agua, deitou-a ao rio para a matar. Ella, porém, não morreu, porque, ao cair, apanhou-a o rei dos peixes que a levou para o seu palacio e lhe deu muitas prendas; casaram-se e ficaram ambos a viver lá no fundo do rio.

A mulher má, quando chegou a casa, fingiu-se toda afflicta e disse ao marido que a outra se afogara. D'ali em diante principiou a maltratar a Sirombo quanto pôde; tirou-lhe os enfeites, cortou-lhe o cabello e sujou-a toda para ella parecer feia; depois mandou-a buscar agua. Sirombo foi, a chorar, mas, logo que metten a bilha na agua, ouviu a voz da mãe perguntando se era ella quem estava a fazer *buin, buin*, e respondendo-lhe ella que sim, sahiu das ondas a mãe,

toda enfeitada, como rainha dos peixes que era, e poz-se a fazer-lhe muitos mimos e a perguntar por tudo quanto deixára em casa:

- | | |
|-----------------------------------|--------------------------------|
| — <i>Dove tapa doto buin buin</i> | E's tu, minha filha |
| — dove, Sirombo cati? | Sirombo, que fazes buin buin? |
| — Etiá, mai, ame. | Sim, mãe, sou eu. |
| —acora? | Teu pae está bom? |
| — Etia, mai, acora. | Sim, mãe, está bom. |
| — Hombo ia soi acora? | Os bois de teu pai estão bons? |
| — Etia, mai, acora. | Sim, mãe etc. |
| — Gulo ia soi acora? | Os porcos de teu pae etc. |
| — Etia, mai, acora. | Sim, mãe etc. |
| — Sanji ia soi acora? | As gallinhas etc. |
| — Etia mai, acora. | Sim, mãe etc. |
| — Cumbi da quinta, quinte. | O sol está a pôr-se, vai-te. |
| — A mai, nhamaco. | O' mãe, quero mamar. |

A mãe deu-lhe de mamar; e começou a pentea-la, e, á medida que a ia penteando, ia-lhe crescendo o cabello; depois, pôz-lhe muitas contas de todas as côres, e quando o sol acabou de se pôr, a mãe voltou para dentro da agua.

A madrasta, vendo Sirombo tão bonita, enfureceu-se, arrançou-lhe todos os enfeites e tornou a suja-la. No dia seguinte aconteceu o mesmo, e no outro tambem. Por fim Sirombo contou ao pae o que era succedido. A' tarde foi o pae com muitos amigos esconder-se perto do sitio onde Sirombo costumava ir buscar agua. Viram que era tudo verdade, e, quando a mãe ia para retirar-se, os homens sabiram do esconderijo e quizeram agarra-la; mas ella fugiu-lhes e voltou para ao pé de sen novo marido o rei dos peixes. Então foram buscar a mulher mã e o marido arrançou-lhe o coração.

II — Bôra

Havia muito tempo que não chovia. A terra estava toda secca e os animaes morriam á sede. Então juntaram-se todos e foram para o cume de um monte pedir ao Sucu que mandasse chuva. Foi o elephante o primeiro a fallar por ser o maior, mas o Sucu não o attendeu. Seguiram-se os outros animaes fortes e nada puderam. Por fim, ergueu-se o sapo, e disse: «Deixem-me fallar a mim que talvez o Sucu me ouça». Escarneceram-o, e o elephante disse: «Se o Sucu não faz caso de mim que sou o maior de todos os animaes, como te atreves tu a esperar que elle faça caso de ti, o mais desprezível de todos?» E dizendo estas palavras levantava a pata para esmagar o pobre sapo. Houve alguns que tiveram dó e disseram: «Deixa-o fallar». Então o sapo poz-se no meio e principiou a orar com toda a humildade, e ainda elle não acabára a oração, abriram-se as nuvens e as aguas do ceu inundaram a terra.

III — Jamba

Um homem, voltando d'uma viagem, trazia consigo uma rapariga. Ora na terra d'elle comia-se gente, e por isso, receioso de que lhe viessem comer a rapariga, esconden-a dentro de uma canna, que pendurou no tecto da casa. Logo veio muita gente a visita-lo e uma velha deu pela rapariga escondida: cheiron-a. A velha sahio muito depressa, e pôz-se á porta a gritar que viessem todos pisar o *lucu*¹ porque havia carne para comer amanhã.

Então o homem deu á rapariga um pente de marfim e disse-lhe que, logo que todos estivessem juntos, mandasse ao pente que voltasse ao que tinha sido. Ella assim fez; quando viu todos sentados em roda a pisar o *lucu*, ella, pisando o seu, pôz-se a cantar muito triste:

Kisaco iangue lingo jamba;	Pente meu, faze-te em elephante;
Sio canuare cu mai;	leva-me para minha mãe;
Sio canuare cu tate;	leva-me para meu pae;
Sio canuare kimbo e tu;	
Sio canuare kufecá.	leva-me para a minha terra.

Logo o pente saltou para o chão e fez-se num elephante; ella montou-o e foi-se para a sua terra.

IV — Kisonda

Uma mulher casada de novo foi viver para a terra de seu marido. Um dia sumiu-se o marido, a casa e a horta, e ella viu-se no meio de um deserto; só tinha ficado uma formiga e um pé d'abobora. Então a mulher pediu á formiga que abrisse um carreirinho, e á abobora que a acompanhasse até á casa de sua mãe:

Lungo, longo, wambo gira;	Abobora, abobora, acompanha-me;
Lungo, longo, wambo gira;	formiga, abre o caminho;
Kisonda, wambo hoca;	—; levem-me para a minha ter-
hete longo; songora	ra e para minha mãe Dumbo.
kimbo cu mai quando	
Dumbo.	

A formiga poz-se a andar, e a aboboreira a estender-se pela terra fóra, e assim a levaram até a casa de sua mãe.

¹ *Lucu* não é milho. Milho diz-se *Pungo*. O *lucu* parece ser um grão de qualidade inferior.

V — Chimboto

Chimboto wavinda punda.
Kangara wavindo queru,
Maiwé lélé! Maiwé lélé!

O sapo (rã?) penteia o cabello
O lagarto penteia — ?

OBSERVAÇÃO

Estes contos foram colligidos em Lisboa da boca d'uma preta, originaria do interior de Benguela, vinda para cá ha muitos annos.

Devo advertir que não me responsabiliso pela pureza dos textos, porque a narradora estava nm tanto esquecida da lingua natal; além d'isso ha uma certa difficuldade para um estranho em distinguir as palavras, mórmente quando (como aqui parece succeder frequentemente) estão alteradas as accentuações pelas exigencias do rhythmo musical.

O texto em que tenho mais confiança é o do conto quarto «Da formiga e da aboboreira», que me parece não ter padecido alteração. Confirma-me em tal opinião o caracter da melodia que busquei fixar com notas e que é decididamente preta. O quinto tambem me parece correcto. No primeiro sublinhei o que julgo mais duvidoso.

Lisboa, Agosto de 1881 ¹.

CECILIA SCHMIDT BRANCO.

ETYMOLOGIAS POPULARES PORTUGUESAS

Pelo nome de *etymologia popular*, que foi introduzido na sciencia por Förstemann no primeiro artigo com que em 1852 iniciava a sua publicação a notavel revista de Kuhn ², designa-se o processo pela qual uma palavra desconhecida é substituida ou interpretada por outra de som semelhante. A etymologia popular é uma das manifestações da *analogia*, principio que tem uma enorme influencia sobre o

¹ Estes contos, que offereço á redacção da *Revista Lusitana*, existem em meu poder desde a data supra. — P. A. Coelho.]

² Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung herausgegeben von Dr. Theodor Aufrecht und Dr. Adalbert Kuhn. Berlin.

desenvolvimento da linguagem, podendo dar lugar á formação de uma grammatica nova, á transformação do vocabulario, á criação de novas ideias, a mudanças profundas na construcção syntactica, á formação de lendas e mythos, e á criação da poesia. O principio da *alteração phonetica*, de grande importancia tambem, comquanto essa importancia até ha pouco se tenha exaggerado, soffre a influencia da analogia, influencia de maior comprehensão do que a da alteração phonetica, pois que, ao passo que esta apenas actua sobre a forma das palavras, aquella vae exercer-se tanto na forma como na significação dos vocabulos. Se por um lado a alteração phonetica destrõe, por outro a analogia não perde a occasião de reconstruir, de reparar; é um elemento renovador.¹

A etymologia popular é uma falsa analogia, e a sua formação deve explicar-se as mais das vezes pela aspiração que o homem tem a achar a razão de ser de todas as cousas que á primeira vista não comprehende, comparando-as e assimilando-as a outras que lhe são conhecidas. E' claro que neste caso a explicação é erronea, mas um espirito mal orientado contenta-se com qualquer explicação, boa ou má. E' frequente por exemplo ouvir creanças perguntarem o que significão os seus proprios nomes, *Fernando*, *Antonio*, etc. Algumas vezes, por uma extensão d'este processo, emprega-se a etymologia popular para evitar uma palavra cujo emprego desagrada por qualquer motivo, ou para dar á expressão um sentido pejorativo, ironico ou de mero gracejo.

Tem-se reunido exemplos de etymologias populares de diferentes linguas antigas e modernas.² O povo de Athenas dá á sua capital o nome de *Anthēnai* por influencia da palavra *anthos* (=flor). A Delphos, transformada em *Adelphoi* (=irmãos), ligou-se a lenda de uma lucta entre dois irmãos. A relação que Vergilio estabelece entre *Ius* e *Iulus* é tambem um caso de etymologia popular. A similitude da palavra phenicia *Bosra*, nome da cidadella de Carthago, com o termo grego *byrsa*, nome da pelle do boi, deu lugar á lenda bem conhecida acerca da fundação de Carthago.³

De etymologias populares portuguezas colligiram já grande numero de exemplos os srs. Adolpho Coelho,⁴ D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos⁵ e J. Leite de Vasconcellos⁶. Aqui reuno mais alguns exemplos, que, por serem quasi todos collidos da bocca do povo,

¹ Vid. um excellente capitulo sobre a importancia da analogia em Sayce, *Principes de philologie comparée*, trad. de Ernest Jovy, pag. 246 e segg.

² Vid. especialmente o importante trabalho *Ueber deutsche Volksetymologie* von Karl Gustav Andresen, Heilbronn, 1883. 4.^a ed.

³ Vid. as notas aos versos 268 e 367 do 1.^o livro da Eneida na minha edição das *Obras de Vergilio*.

⁴ *Questões da lingua portugueza*. Porto, 1874, pag. 109 e segg.

⁵ *Studien zur romanischen Wortschöpfung*. Leipzig, 1876, pag. 104.

⁶ *Em Miscellanea di Filologia*, dedicata alla memoria dei professori Caix e Canello. — Firenze 1886, pag. 263 e segg.

tem não só o interesse da actualidade, mas também o de surpreenderem em plena elaboração as forças vivas da linguagem.

I

Etymologias populares de formação inconsciente:

1) No Porto ha uma rua chamada *Fonte Taurina*. O povo dá-lhe o nome de *Fonte d'Ourina*.

2) Na phrase que frequentemente se ouve «*tem as inscripções tiradas*» a palavra *inscripções* está por *inquirições*.

3) A rosa que tem o nome de *Paul Neyron* chama o povo *rosa Palmeirão*, por influencia de *palma* ou *palmeira*.

4) O povo diz geralmente «*custa mais a ameixa do que o cebo*», onde *ameixa* está por *mecha*.

5) Na palavra portuguesa *floresta* houve sem duvida influencia da palavra *flor*. Cf. o inglez *forest* e o francez *forêt*.

6) Em *vagamundo* em lugar de *vagabundo* (latim *vagabundus*) ha influencia da palavra *mundo*.

7) A algumas creanças tenho ouvido dizer *resonar* em vez de *resonar*, por influencia de *sonhar*.

8) O povo descobre na palavra *minoridade* (latim *minoritate*), que pronuncia *menóridade*, um composto de *menor* e *idade*. Esta é até a etymologia que alguns eruditos tem dado d'aquelle vocabulo.

9) Ouvi dizer *saltoembranco* por *saltimbanco*.

10) Uma creança, querendo dizer que alguém morava em um lugar chamado a *Pocinha*, dizia que morava na *Sopinha*, palavra que lhe era mais familiar.

11) O povo chama ás vezes *Leonardo perpeto* a um almanak popular intitulado *Lunario Perpetuo*.

12) Uma mulher, querendo dizer que alguém fôra receber os juro de titulos de divida publica chamados *coupons*, dizia que fora «*receber os juros dos capões*».

13) A forma *prestidigitador* em lugar de *prestigiador* é provavelmente uma etymologia popular de character erudito.

14) Uma mulher do povo, querendo dizer que ia a um *Curso* (estabelecimento de instrucção), dizia que ia ao *recurso*.

15) Outra dizia que ia á *Comparativa* em lugar de dizer *Coooperativa* (nome de uma sociedade no Porto para fornecimento de generos aos socios e assignantes).

16. Uma creada chamava ao *extracto* de carne *estrado*, nome que lhe era mais conhecido.

17) Em Mesão-Frio muitas pessoas explicavão-me o nome d'esta villa dizendo-me «*estes montes méjão-frio*». Esta ultima forma representa effectivamente a pronuncia do povo naquelles sitios, provavel-

mente em virtude da reacção d'esta falsa etymologia sobre a pronuncia. A verdadeira etymologia parece ser o latim *mansionem*.

18) O appellido *Vasconcellos* é frequentemente explicado por «vás (=vais) com zelos» e esta explicação vem sempre acompanhada de uma lenda ou conto.

19) A palavra *pantomina* é quasi sempre pronunciada *pantomina*, em virtude de uma dissimilação devida provavelmente á influencia de *mina*. Cf. a palavra *mimo* que o povo não transforma nunca em *mino*.

20) Ao «*Instituto industrial*» ouvi já chamar «*estatuto industrial*».

21) Uma senhora directora de um collegio dizia sempre «instrucção primaria *alimentar*» em lugar de «instrucção primaria *elementar*».

22) Na ladainha já ouvi dizer *Joanna celis* por *janua coeli*.

23) Tambem *fidelis arca* por *foederis arca*.

24) *Espeque de justiça* por *speculum justitiae*.

25) Ouvi tambem dizer *recua tena* em lugar de *requiem aeternam*.

II

Etymologias populares de formação consciente, para dar ás palavras um sentido pejorativo ou de simples gracejo, ou ainda por euphemismo:

26) *Sapatrancas* por *sapateiro*.

27) *Testa de mula* ou *testa de muinha* por *testemunha*.

28) *Botifunias* por *botas*.

29) *Ir em botas* por *ir embora*.

30) *Oliveira das Americas* (e *das ancias*) em lugar de *Oliveira d'Azemeis*.

31) *Carrapicho* em vez de *capricho*.

32) *Come esterco* por *Dominus tecum*.

33) «*Ir-lhe aos queixumes*» em vez de *ir-lhe aos queixos*.

34) O nome allemão *Katzenstein* ouvi-o já pronunciar em gracejo *Quantos annos tem*.

35) O appellido *Meirelles* é transformado muitas vezes em *mais reles*.

36) E' frequente ouvir dizer *filho da curta* para evitar o emprego de uma palavra considerada como obscena.

JULIO MOREIRA.

TRADIÇÕES POPULARES ALEMTEJANAS

Na seguinte collecção de tradições populares do Alemtejo representei, sempre que isso me foi possível, a pronúncia vulgar da provincia; de modo que ellas servem ao mesmo tempo de textos dialectaes.

I

Dictados topicos ¹

- | | |
|-----------------------------|-------------------------------|
| 1) | 5) |
| Campe Maiori | Viilla-Boiim. |
| Terra bôa | Terra bôa |
| Jéinti milhóri | E jéinte ruiim |
| 2) | 6) |
| Campe Maióri | Vossêi méinte, |
| Terra das mãnas, | S' a terra éi bôa, |
| Umas êngrátas | Milhor é a jéinte |
| Otras tirânas | 7) |
| 3) | Ande-lh'o redóri, |
| Viilla ² Veçosa, | S' a terra éi bôa |
| Détada na cama, | A jéint' é milhóri. |
| Mulhé' priguçosa. | 8) |
| 4) | Queim quer aprender à 'ndári, |
| Ê quer' casári | Vá d'Arrenchis ó Assumari; |
| Vô ó Landroali; | Queim quer ôtra legu' assiim, |
| Se lá nã achári, | Vá d'Elvas a Viilla-Boiim. |
| Vô a Brabaceina, | |
| Trág' mulhé' p'r'á câma | |
| E burr' p'r'á leinha. | (Recolhidos em Elvas). |

¹ Sobre dictados topicos portuguezes vid.: *Dictados topicos de Portugal* por J. Leite de Vasconcellos, Barcellos 1882; *Anuario das trad. pop. portuguezas*, Porto 1882, pag. 47; *O povo português* por Th. Braga, Lisboa 1886, vol. II, pag. 352 sq.

² Com a graphia *ii* quero notar um *i* prolongado.

II

Contos populares

1. — A Serêna d' Alamares

Havia 'ma mulhéri que tinha duas filhas, e tratav'as munto má-li. Sabia que num moính' appar'cia 'm' ávêntesma, que matava quem lá ia. O que feís a mulhéri? Levantó-se um dia e disse p'ra uma das filhas: — Maria, tòm' este sacc' (sacco) de trig' e vai ó moínho de tal moéri. A rapariga foi. No mê do caminh' incontrô um galo e disse-le: — Maria dêxas-m' ir cômigo? — Pôs vêim, disse-l' ella. Foi más adiante, incontrô um cão: — Maria, dêxas-m' ir cômigo? — Pôs vêim. Más adiant'um gato: — Maria, dêxas-m' ir cômigo? — Pôs vêim. Chigô ó moínho, moê' a farinha e feís 'mas papas. Diz o galo, o cão e o gato: — Maria, dêxas-me ciar cômigo? — Pois cêieim, diss' a rapariga. Ciárom todos juntos, e el' i' á dêtar-se. Diz o gal', o câ¹ e o gato: — Maria, dêxas-m' dêtar cômigo? — Pôs dêteim-se. Tudo ficô riunido. P'la nôt' adiant' ôv' éla batô' munt' á porta do moínho e dezêri: — Maria, abre-m'a porta, que te quer' comêri! Diz a rapariga: — Ai, mé gatinho!... e o gato começô a miar munto, e aquela cõsa retirô. Passado pôco têmpo tornô aquela cõsa a dezêr o mesmo. E ela: — Ai, mé cânzinho!... e o câ começô a ladrar e a tal cõsa retirô. Passado pôco têmpo tornô aquela cõsa: — Maria, abre-m'a porta, que te quer' comêri! — Ai, mé gallinho!... e o gal' cantô até manhêim, e a rapariga pôz-s' a caminho c'o sacc' de farinha. A mãi, q'and' a viu, disse: Ind' aquêl' diabo m'apparece! — No ôtro dia mandô a ôtr' irman, que tambeim se chamava Maria, e intregô-lh' ôtre sacc' de trigo. A rapariga pôz-s' a caminho. Incontrô um gallo: — Maria, dêxas-m' ir cômigo? Ella disse: Nã quer' ir com gal's atrás. O gall' nã s'importô, e seimpre foi. Más adiant' incontrô um cão: — Maria, dêxas-m' ir cômigo? — Nã quer' ir com câins atrás. O câ seimpre foi. Com o gât' acontecê' o mêismo. Chigô ó moínho, moê' a farinha e feís 'mas papas. O cân e o gato e o galo dissêrôm-le: — Maria, dêxas-me ciar cômigo? — Nã quero! Foi a dêtar-se. Tornârôm elles: — Maria, dêxas-me dêtar cômigo? — Nã tinha más que fazeri, senã dromire com câins, gates e gallos. Cada um foi munt'

¹ (No Alentejo, como me informa o sr. Pires, diz-se *cão* e *cã* (i. é, *cão* ou *cân*); a primeira forma usa-se isoladamente ou em fim de phrase; a segunda quando se liga a outra palavra ou está no denútiivo (*cânzinho*). A razão d'isto é a seguinte: no último caso a palavra torna-se proclítica e por tanto subordinada ao accento tónico da palavra immediata, de modo que a pronúncia não admitta a syllaba *ão* atona, e substitue-a por *ã*. E' pelo mesmo motivo que se diz no Sul *não* e *nã quero*, na Beira *mãuchêa* (= mão cheia) e no geral do país *tão* e *tambem*. Já o nesso distincto philologo do sec. passado, Antonio das Neves Pereira, se referiu a esta ordem de factos. — *J. L. de V.*)

amuado, o gal' p'r'ó poléro, o gat' p'r'ó borralho e o cân p'r'á páilha. P'la nôt' adiante bāt' a tal cōsa: — Maria, abre-m'a porta, que te quer' coméri! — Diz ella: — Ai mē cânzinho!... E o cão, nada! Continuô a cōsa: — Abre-m'a porta! — Ai, mē gatinho!... E o gat', nada! Continuô: — Maria, abre-m'a porta! — Ai, mē gallinho!... E o gal', nada! Tant' a tal cōs' átêmô, q'a rapariga abri' a porta. Entrô a Serêna d'Alamáres, e disse: — Maria, vai aquécer-m' um taiche ¹ d'agua p'ra me lavar's os péis. A rapariga, com munto méido, foi fazê' tudo. Veiu com o taiche d'agua e começô a lavar-l'os péis, e disse: — Serêna d'Alamáres, p'ra que teins tamânhes ² ôvidos? — P'ra ôvir os defuntos. — Serêna d'Alamáres, p'ra que teins tamânha cabeça? — P'ra dár marradas nos defuntos. — Serêna d'Alamáres, p'ra que teins tã grandes olhos? — P'ra ôlhar p'r'ós defuntos. — Serêna d'Alamáres, p'ra que teins tã grande nariz? — P'ra chêrar os defuntos. — Serêna d'Alamáres, p'ra que teins tã grande bocca? Pregô um salto e disse: — P'ra te coméri! E inguli' a rapariga.

Sêja Dês lóvado!

'Stá o mé cont' acabado.»

(Recolhido em Elvas).

A. THOMAZ PIRES.

¹ == tacho.

² == tamanhos.

MISCELLANEA

I

«HILO PORTUGUÊS»

A fama do fio de linho e fio de seda português era tão grande no século XVI que até figura na poesia popular, nos dramas e nas novellas da litteratura hespanhola. Parece que se vinha de longe comprar à Portugal esta linha de extraordinaria finura, «mais delgada que fio de aranha», e que os vendedores ambulantes a levavam para fóra. Ah! vão algumas provas:

1) No typo fundamental de um jogo infantil, que se encontra em Hespanha, Portugal e Italia, ha os versos:

*De Francia vengo, señora,
de por hilo portugues.*

2) Na novella leonesa da «*Picara Justina*» se diz, a proposito de uma moça esperta, geitosa para tecer meadas tenuissimas que ella é

en enredos hilo portugues.

3) Lope de Vega, no drama engraçadissimo dos «*Locos de Valencia*», em que figura um namorado português, põe na bocca de uma donzella as palavras:

*Dén-me el hilo portugues
que quiero hacer un garbín.*

4) E Cervantes introduz no «*Entremés da Guarda Cuidadosa*» um bufarínheiro que vae apregoando as suas mercancias, e entre ellas:

*tranzaderas, holanda de Cambray,
randas de Flandes, é hilo portugues.*

II

PARA A HISTÓRIA DO *L*

Qualquer ouvido, ainda que não seja muito apurado, percebe perfeitamente a diferença que ha entre o primeiro e o segundo *l* da palavra *calcular*; o que agora me importa é o primeiro, que em phonologia se chama *l gutturalisado*¹, e em português apparece principalmente em fim de syllaba (com certas restricções). Todas as palavras seguintes tem por exemplo esse *l*: *maldade, silva, relva, solfa, multa, tal, sol, azul, vil, annel*.

Interessaria á historia da nossa lingua saber se tal pronúncia do *l* é antiga ou moderna (pois que ella não se encontra nas outras linguas romanicas): mas como chegar a resultados praticos, se os nossos velhos grammaticos não nos elucidão bem a este respeito, e se não ha meio, nem mesmo pelo phonographo, que existe ainda ha pouco, de evocar do tumulto, e fazer fallar deante de nós, um português do sec. xiv ou anterior?

Vejamos.

Em muitos documentos, impressos e manuscriptos, do sec. xiv em deante, tenho notado que se escreve *ll* em vez de *l*, em casos (i. é, em fim de syllaba) em que agora se pronuncia *l* gutturalisado; concluo pois que, para o ouvido de quem escrevia, o *l* final de syllaba soava differentemente do *l* noutras circumstancias em que elle não é hoje geralmente gutturalisado, e por isso se dobrava para se distinguir d'este. Se se escrevia por exemplo *lata* e *tall*, é porque certamente o primeiro *l* não era igual ao segundo; ora, como hoje também não é igual, e podemos apreciar a gutturalisação do segundo, talvez se não erre deduzindo-se de tudo isto que para os nossos maiores *ll* representava o mesmo som que na actualidade representa para nós o *l* da palavra *alma*, quero dizer, representava já *l* gutturalisado.

Eis agora alguns factos:

Nas *Dissertações chronologicas e criticas* de João Pedro Ribeiro (*Dissert.* 5.^a), pag. 302 sq. etc., encontram-se as seguintes fórmas do sec. xiv: *estarell, quall, daquall, tall, Espitall, Gill, ell* (= elle), *Portugall, Montargill, Abryll, Prioll* (= prior), *sinall*, etc.

Do sec. xv não posso agora de prompto citar caso nenhum, mas de certo ha muitos.

Do sec. xvi noto os seguintes: num doc. ms. de 1509, lavrado em Lamego, e pertencente á casa da Quintan do meu amigo o Ex.^{mo} Snr. João da Silveira Pereira Bravo, encontrei: *quall, quallquer, episcopall, guomçallres* (= Gonçalves), *tall, mill, reall, especiall, Cabrall, bacharell, synall*; noutro doc. da mesma casa, datado de 1529, lê-se:

¹ Sobre este *l*, vid. Gonçalves Vianna, in *Romania*, xii, 48 (num artigo importantissimo sobre a phonetica portuguesa).

Quintãa d'ante mill (o nome moderno é *Quintan d'Antemil*), *quall* e *quodall*, *ameall*, *reall*, *autoall* (= actual), *sinall*, *tall*, etc.; no *Foral* dado por D. Manoel em 1513 á villa do Cadaval (Extremadura), archivado na casa da camara, achei: *Cadavall*, *Villa rreall*, *Castell rrodrigo*, *reall*, *Almodouuall* (= Almodovar); no *Compromisso da misericordia de Guimarães* (impresso em Lisboa em 1516), archivado no respectivo cartorio, encontrei: *anall* (= annual), *Elysaheill* (= Isabel), *papell*, *quall*, *roll* (mas no plural várias vezes *roles*, porque aqui o *l* não é gutturalisado, pois não fecha, mas abre syllaba; só uma vez *rolles* por influencia talvez da orthographia do singular); no *Foral* dado por D. Manoel ao conto de Vimieiro do *moesteiro de Santa Maria da hordem de Sam Bento*, anno de 1517, archivado na bibliotheca do paço patriarchal de Lisboa, achei tambem *tall lugar*, mas encontrei muitas vezes *l* simples, e até uma vez *mallega* (= malga; aqui o *ll* representaria a gutturalisação, e o *e* mal se pronunciaria?), o que porém não vae de encontro á minha these, já porque numerosos factos a apoiam, já porque a regra orthographica nem sempre se observaria, como acontece com muita gente que, por exemplo, escreve *s* simples entre vogaes em circumstancias em que elle não deve ter o som de *z*.

E' provavel que para lá do sec. xiv appareção ainda mais casos. Em todos os que apresentei, o *l* final pronuncia-se hoje gutturalisado. Estabeleço portanto os dois principios seguintes, um de phonetica, outro de orthographia antiga: 1.º que o nosso *l* gutturalisado remonta pelo menos ao seculo xiv; 2.º que este *l* se representava por *ll*.

A outros mais auctorisados do que eu pertence agora dizer se acertei ou não.

J. L. DE V.

III

Qual CASTELHANO FUNCIONALMENTE ANALOGO A **quem** PORTUGUÊS

No fasciculo 53 da notabilissima revista franceza de línguas e literaturas neo-latinas «Romania», correspondente ao mês de janeiro de 1885, em um artigo do snr. Morel Fatio «Notice sur trois manuscrits de la bibliothéque d'Osuna» (pag. 90), transcrevendo-se um trecho castelhano dum manuscrito do século xv, cita-se em nota como incompreensível esta frase (Je ne comprends pas cette phrase dont le texte semble altéré): «*E aun entre las desperadas aduersidades collocan qual gloria ninguna prosperidad non podria dar*». Parece-me sufficientemente claro o sentido; o vocábulo *qual* está aqui por *tal*... *qual*; a frase em castelhano moderno poderia construir-se d'este modo: *y aun entre las desperadas aduersidades collocan tal gloria cual ninguna prosperidad podria dar*. Emprêgo analogo tem o relativo português *quem*, onde comprehende o seu antecedente com função diversa, como por exemplo: *não vi QUEM me indicaram*, — por *não vi AQUELE QUE me*

indicaram ¹. Se fôr substituído a *cual* o adverbio *como*, nem mesmo será necessario inteirar a frase com *tal*: *E aun entre las desperadas adversidades collocan gloria, como ninguna prosperidad non podria dar*. Não é sómente a análise gramatical que elucida o sentido; de todo o contexto do trecho se depreende que é encarecido o empenho, a tenacidade e diligência literárias da pessoa a quem é dirigido, porque se lhe diz que dos estudos de humanidades *ningun trabajo, ninguna otra paçion e ningunos alcançados o perdidos favores non vos podrian arredrar*.

Emprêgo semelhante de um pronome conjunctivo valendo por um relativo e o seu antecedente era já comum em latim, e para exemplo basta citar o verso de Ovidio

Quod cupio mecum est, inopem me copia fecit

no qual *quod* vale por objectivo de *cupio* e por sujeito de *est*, isto é, por accusativo e por nominativo.

A. R. GONÇALVES VIANNA.

IV

TANGRO-MANGRO

Parece-me que o texto mais antigo em que se menciona, abreviadamente, a decantada formula do *tangro-mangro*, ainda não foi relevada por nenhum dos eruditos que a tentaram elucidar. Acha-se no *Canc. de Resende*, (vol. 1, pag. 207) numa cantiga em que Alvaro de Brito apoda o contador Pero Borges, porque deu mau despacho a um seu pedido, em phrases bastante, aliás, escuras, chamando-o por ex.

arisco gozo corrido,
saro rralvalco, mostrengo,
nam ha mais num bexodido,
casy casy *tengomengo*.

CAROLINA M. DE V.

¹ (Póde-se ainda comparar, quanto ao sentido, o italiano *qual* na seguinte passagem de Dante (*Vita Nuova*, § 22): «certo ella piange sì che *qual* la mirasse dovrebbe morire di pietade»; aqui *qual* está em vez de *chi*, e corresponde ao português *quem* (=aquelle que). — *J. L. de V.*)

V

INSCRIÇÕES LUSO-ROMANAS

Em Setembro de 1883, por ocasião de uma excursão scientifica que fiz em Tras-os-Montes, encontrei na povoação de Duas-Igrejas (concelho de Miranda-do-Douro) as seguintes inscrições romanas sepulcraes, que supponho ainda ineditas :

- 1) C. ANNIO.
SILVANO.
AN L. ANNI ¹
VS. RVFINVS
PATRI

Traducção: «Annio Rufino a seu pai Caio Annio Silvano, de 50 annos». — Esta inscrição está gravada num granito rectangular, que mede aproximadamente de largura 1 palmo e 5 polleg. e de altura 2 palm. e 5 polleg.; acha-se numa parede, dentro de um *cabanhal* ², junto à igreja da freguesia.

- 2) SILVIO. SILVANO
ANN. XXV.
SILVIVS. CALVVS
FRATRI

Traducção: «Silvio Calvo a seu irmão Silvio Silvano, de 25 annos». — Esta inscrição está num granito rectangular, que mede de comprido aproximadamente 6 palm. e 3 polleg. e de largo 2 palm. e 4 polleg. Acha-se ao pé da antecedente.

- 3) SILVANO.
APILICI. F

Traducção: «A Silvano, filho de Apilico». Esta inscrição está na parede exterior da casa da residencia parochial, junto ao caminho; mede de largura uns 2 palm. e 3 ¹/₂ polleg. e de altura uns 5 palmos.

¹ Na inscrição o *I* d'esta palavra não está distincto, mas sim no prolongamento do *N*. Por difficuldade typographica não se assignala isso.

² *Cabanhal*, em mirandês, significa o mesmo que noutros pontos de Tras-os-Montes *cabanal*, na Beira-Alta *quindã* e *quinteiro*, e no Baixo-Minho *inzida*.

4)

SILVIAE CALVI
NAE. AN.¹ XXVIII
ET. C. SILVIO ANN.² I
SILVIVS CALVINVS
FILLE ET NEPOTI.³

Tradução: «Silvio Calvino a sua filha Silvia Calvina, de 28 annos, e a seu neto Caio Silvio, de 1 anno». Esta inscripção achei-a num palheiro, está num granito, e tem de altura uns 7 palmos e de largura uns 2 palm. e 3 polleg.; a parte inferior da pedra é mais branca do que a superior, o que mostra que ella esteve enterrada a pino.

Nestas inscripções predominão, como se viu, os nomes *Silvio* (e *Silcia*) e *Silvano*. Como ellas apparecêrão no territorio em que se falla a *lingua mirandesa*, provão pelo seu lado que o latim foi fallado nesse territorio⁴, o que vem em apoio da minha theoria, aliás em harmonia com os princípios glottologicos, de que o mirandês não resulta de uma mistura do português com as linguas de Hispanha, mas representa pelo contrario uma phase directa do idioma dos Romanos modificado *in loco* pelos povos d'aquella parte da Lusitania.

Alem das inscripções transcriptas, encontrei a tampa de uma sepultura bastante curiosa, que tornarei conhecida na integra noutra occasião, porque é necessario fazer uma gravura; nessa sepultura ha um symbolo em fôrma de espiral (swastika?) analogo a outro da Cítania e Sabroso, e uma inscripção, de que só se lê... RIO... ONI... XXV: mas depois me occuparei d'isto mais detidamente.

J. L. DE V.

VI

PROLEPSE PHONETICA

Designamos por este nome um phenomeno phonetico de que ainda nenhum linguista fez menção, cremos nós, e que consiste em substituir a letra inicial de uma palavra pela letra tambem inicial de outra que se tem na mente e que se deve seguir mediata ou immediatamente áquella que primeiro se proferiu, succedendo tambem que ás vezes, ainda que pouco frequentemente, a primeira letra d'esta

¹ No original nesta palavra o N não se distingue do A, mas fôrma corpo com elle. Cfr. a not. 2 da pag. precedente.

² O primeiro N não se distingue do A no original, mas está unido. Cfr. a not. anterior.

³ No original o E está incorporado no N. Cfr. a not. antecedente.

⁴ Ha ainda outros vestigios romanos achados em terras perto de Miranda, como por exemplo *moedas*, de que colhi e possuo algumas.

ultima palavra é substituida pela letra inicial d'aquella. Dá-se isto as mais das vezes nas pessoas que fallão com certa rapidez, e pôde dizer-se que é na phrase o mesmo que a metathese é em um vocabulo. Exemplos: *o momem e a mulher* em lugar de *o homem e a mulher*; *o Fendes Ferreira* em lugar de *Mendes Ferreira*; *a quouça* etc. ouvimos a uma pessoa que queria dizer a *louça* quebrar-se.

Este phenome é uma confirmação de que a *palavra interior* é effectivamente mais rapida do que a *palavra audível*. Cfr. o bello trabalho de Victor Egger, *La parole intérieure*, pag. 69.

JULIO MOREIRA.

VII

MATERIAES PARA UMA EDIÇÃO CRÍTICA DO REFRANEIRO PORTUGUÊS

A fim de formar uma collecção completa dos numerosissimos e interessantes proverbios portuguezes, e para determinar, com a exactidão possível, a idade, a formação, o sentido e o teor original d'estas importantes creações do genio popular, ando extractando, pouco a pouco, de todos os monumentos litterarios, anteriores ao seculo xvi, as respectivas citações e glossas. Começo hoje a publicar o que recolhi, principiando, como é justo, pelos mais antigos documentos, nos quaes, aliás, já se nota a tendencia de não citar um unico anexim vulgar sem invocar, para sanciona-lo, — o tempo passado e o velho uso.

Os fragmentos publicados do grande cancioneiro palaciano dos seculos xiii e xiv — *Trovas e Cantares*, (i. é, *Cancioneiro da Ajuda*), *Cancioneiro da Vaticana*, e *Cancioneiro Collocci-Brancuti* — ministram, entre raras allusões a crenças e superstições populares, uma pequena serie de proverbios, aos quaes se dá o nome de «*verbos antigos*», mas que na boca do povo se chamavam «*rifões*». Alguns d'elles vivem ainda hoje, inalterados, na tradição nacional; outros modificaram-se; e ainda outros parecem perdidos.

1) *A boy velho não busques abrigo*. Proverbio conhecidissimo, recolhido já pelo primeiro autor de um refraneiro peninsular, o marquês de Santillana, entre os ditados «que las viejas dicen tras el fuego», citado posteriormente por todos os colleccionadores de proverbios, e incidentemente tambem por muitos escriptores que queriam enunciar em fôrma humoristica a ideia de que os escarmentados não precisam de quem os ensine. O hispanhol diz: *(Al) bucy viejo no (le) cates abrigo* ou *A bucy viejo no le cates majada que el se la cata*. — Serve de «*refran*» á cantiga de maldizer n.º 1:162 do Canc. da Vat., linhas 5, 10 e 15.

E, porém, diz o *verre' antigo*:
a boy velho non lhí busques abrigo!

2) *De longas vias, longas mentiras.* Santillana: *de luengas vias, luengas mentiras.* Na cant. 979 do Canc. da Vat., um trovador, metejando de um rico-homem «mentireiro», allega o proverbio com intencionalidade satyrica:

*De longas vias mui longas mentiras,
est' é vervo antigo, verdadeiro.*

3) *Quam longe dos olhos, tam longe do coração.* Santillana: *Tan luene de ojos, tanto de corazon.* Variante port.: *Longe da vista, longe do coração.* A cantiga n.º 900 do Canc. da Vat., na qual o proverbio é applicado como «refran» (linhas 5, 10 e 15), contesta a sua verdade, a qual um fiel amante não pôde reconhecer.

*E pero muy longe de vós vivi,
nunca aqueste verr' antig' achei:
quam longe d'olhos, tão longe de coração.*

4) *O mal e o bem á face vem.* (Vid. B. Pereira, etc.). Serve de thema á cantiga n.º 219 do mesmo codice.

1-3 *Ouç'eu dizer humm verr' aguisado
que «bem e mal sempre na face vem»,
e verdad' é.....*

cfr. 7 *porque o verr' em meu dan' é provado*
14 *está o verr' em meu dano tornado*
21 *em men dan' é o vervo assacado*
23 *que este vervo que eu sempr' ouvi
é com verdad' em meu dan' acabado.*

5) *Quem leve vai, leve vem.* — Cfr. *Quem tolo vai a Santarem, tolo vai e tolo vem.* — O dictado parece indicar que um homem de rapidas resoluções muda facillimamente de parecer; desconheço-o, comtudo, e não sei dizer se é hoje usado, como os quatro primeiros, e se existe na Galliza, em Hispanha etc.

Canc. da Vat. 713.

*Foy-ss' o meu amigo d'aqui
sanhudo porque o non vi,
e pesar mi ha; mas oi
hum verr' antigo, e mui bem
verdadeir' é, ca diz assi:
quem leve vay, leve x'ar vem.*

6) *Quem passarinhos receia, milho não semeia, i. é, quem não arrisca, não aprisca, ou quem não se aventurou, não perdeu nem ganhou.*

— Nunca o li, nem o ouvi. A cant. n.º 284, n, do Canc. da Vat. afirma, porém, que se trata de um proverbio:

*Ca diz o verco que non semeou
milho quem passarinhos receou.*

7) Na Cant. n.º 997 da Vat., o chanceller de D. Dinis, D. Estevam da Guarda, se queixa de um seu amigo que não foi visita-lo durante uma doença, e ameaça pagar-lhe na primeira occasião, com a mesma moeda, citando

*hum cerv' antigo, com sanha que ha,
«como thi cantardes, bailemos acá»,
ca non ha porque rus baile melhor.*

Conheço o dictado castelhano: *Al son que me hizieres a esse bailaré*, mas ignoro a fôrma portuguesa. ¹

Até aqui as formulas, que os proprios poetas classificam entre *os verbos antigos*. Ha contudo outras, mais difficeis de reconhecer, porque, além de não serem allegadas textualmente *ipsis verbis*, não teem rubrica que as caracterise claramente como sentenças da philosophia popular:

8) *Guardado é o que Deus guarda* (Vid. B. Pereira, etc.). Canc. da Vat. n.º 566, 24 a 27:

*e entendi m'eu des entom
que «aquele é guardado
que d'és guarda», que des entom
é tod' ome guardado.*

No manuscripto da Bibliotheca Real da Ajuda, descobrimos a fl. 109 v., uma nota marginal, de lettra do sec. xv, na qual se acha consignado o proverbio. Diz: «e por este se disse: guardado he quem deos guarda».

9) Canc. da Vat. 1:082, 8 e 9:

*qual ricomen, tal vassalo,
qual concelho, tal campana!*

Não sei se ainda existem; têm, comtudo, evidentemente, fôrma proverbial, e lembram uma longa serie de equiparações parecidas, por exemplo:

¹ [E' ainda hoje vulgar no nosso povo o dictado «consante se toca; assim se dança». — *J. L. de V.*]

qual o rey, tal a ley ou tal a grey
qual a ley, tal a grey
qual o tempo, tal o tento
tal a mãe, tal a filha
tal de min, tal de ti
tal o dado, tal o dador
tal amo, taes creados, etc., etc.

10) Julgo reconhecer um rifão popular na passagem seguinte da cantiga n.º 705 do Canc. da Vat.

E bem entendo que fizo folia,
e dizem verdade, per hũa rem,
«do que muyto quer, a pouco devêm».

Devem de devir = *devenir*. i. é *chegar*. — Cfr. *Quem muito abarca ou abraça, pouco aperta* e *Quem tudo quer, tudo perde*, (allusivo ao Cão do Fabulista). — Talvez se perdesse ou se modificasse, por causa do archaísmo *devêm*.

11) Coll. Branc. 368, 3, 6 e 9:

Quem leva o bayo, non leixa a selu.

12) Coll. Branc. 375, 4, 8 e 12:

Castanhas sahidas (ou eixidas), e velhas ao soute ¹.

13) Coll. Branc. 376, 5:

Cada casa favas lavam.

14) Coll. Branc. 364:

se hũa vez assanhar me fazedes,
saberedes quaes peras eu vendo ².

15) Canc. da Vat. 321, 13:

Acuytor comestes, que adevinhades

phrases estas que parecem ser proverbias, mas que ainda não descobri em outra parte.

Fevereiro de 1887.

CAROLINA M. DE V.

¹ [Em Rôças, conc. de Vieira (Minho) diz-se hoje: «Sontáije acabada, velhas ao soute». — *J. L. de V.*]

² [Parece relacionar-se com o dictado popular: «Nunca jogue' las pêras — Com quem come as maduras — E te dá as verdes». — *J. L. de V.*]

VIII

PRONÚNCIA DO **H** LATINO NO SEC. V

A pag. 399 do t. xi da *Romania*, diz o snr. G. Paris: «Corsen, Diez et d'autres savants ont établi par diverses preuves l'affaiblissement de l' *h* initiale dans la prononciation du latin dès les premiers siècles de l'empire. Un témoignage intéressant, qui ne nous paraît pas encore avoir été relevé, de l'état flottant de cette prononciation nous a été signalé par M. Heinrich, doyen de la Faculté des lettres de Lyon». Este testemunho é S. Agostinho, nas *Confissões*, I, I, c. xviii, cujo trecho G. Paris transcreve.

Pede a verdade que se diga que, antes do snr. Heinrich, já um escriptor português havia aproveitado aquella passagem de S. Agostinho para mostrar que o *h* latino era um signal de aspiração: foi Antonio de Mello da Fonseca (pseudonymo de José de Macedo), anctor dos sec. xvii-xviii, no *Antidoto da lingua portugueza*, Amsterdam s. d., livro em que ha, pelo que respeita a glottologia, uma grande falta de senso critico, mas onde abunda a erudição. O auctor português, depois de citar Catullo, Cicero, Aulo Gellio, Quintiliano e Angelo Policiano, a respeito da aspiração latina, termina assim: «exaqui hum texto do grande Padre Santo Agostinho, no qual, melhor que nos destes Autores, veremos se os antigos pronunciavão a aspiração, onde nós hoje a não pronunciamos: *¶ . . . si contra disciplinam grammaticam sine aspiratione primae syllabae omnem dixerit, magis displiceat hominibus etc.*» pag. 145.

Esta pronúncia aspirada era porém, como bem nota G. Paris, sómente na sociedade culta, pois ~~numerosos~~ documentos attestão que ella tinha desaparecido da linguagem popular em tempos anteriores ao de S. Agostinho.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAPHIA

I.

LIVROS

A Evolução da linguagem — Ensaio anthropologico apresentado á Eschola Medica do Porto como dissertação inaugural por J. LEITE DE VASCONCELLOS — Porto. Typographia Occidental, 1886, xii-104 pag. — Tiragem 150 exemplares.

Este notavel escrito que não foi pôsto à venda, e de que portanto sómente por fineza especial do seu autor puderam tomar conhecimento algumas pessoas, pertence a um ramo de estudos de que muito poucos cultores existem no nosso país, mesmo na actualidade, e não obstante haver no Curso Superior de Letras uma cadeira privativa de gnotologia, rejida ha oito anos por um homem de muita ciência e de muita consciencia.

Divide-se o opúsculo em tres partes :

Fisio-Psicologia, Gnotologia e Patologia, tendo cada uma delas várias subdivisões, necessarias para o agrupamento metódico dos factos estudados, sua classificação e apreciação.

Lê-se com muita curiosidade e sumo interêsse esta valiosa tese, que foi em absoluto uma novidade no ramo de ciências cujo estudo concluíra o seu autor, conhecido dentro e fora de Portugal como gnotólogo e demopsicólogo exímio, estudo de que o autor tinha que dar testemunho público de que fora proficuo.

Vou apresentar aos leitores desta revista uma análise sucinta dêste interessantissimo opúsculo, principiando por agradecer o exemplar com que ao tempo da sua publicação me brindou este escritor, sem contestação possível aquelle entre nós mais tem colaborado para o estudo atento e rigorosamente científico dos nossos dialectos e falares provinciais.

O trabalho que me proponho a criticar é uma síntese de muito valor na espécie de que o seu autor se occupou : poderia, ampliado na lição oral pelo professor, servir de compêndio primeiro num curso de gnotologia jeral, porque na verdade compêndio é de muita e boa doutrina sobre a glótica, nos seus rudimentos mais jeraes e comprehensivos, sem deixar por isso de ter perfeito cabimento na escala de ciências que a anthropologia abraja.

Não me demorarei com a análise da parte que no opúsculo trata da anatomia dos órgãos da voz e mais particularmente daqueles que constituem a voz humana. São noções conhecidas, as quaes pouco ha já que acrescentar de novo e a que se possa imprimir caracter subjectivo. O principal em tal assunto é sobriedade em nomenclatura, clareza e concisão na exposição. E' esta sem dúvida clarissima ; e se por vezes parecerá ao leitor que da técnica se fez uso talvez excessivo, terá elle todavia de reconhecer que no ponto de vista em que a questão foi tratada, e para o fim a que se destinou confessadamente o opúsculo, a nomenclatura minuciosa e rigorosissima era indispensável.

Analisarei algumas das asserções um pouco mais detidamente, não propriamente com o intuito de as contestar, mas apenas para ou confirmá-las por obser-

vações pessoais, ou acrescentar alguns factos não mencionados, ou de que na minha opinião se não frou todo o proveito que offereciam, provavelmente pela abundância da matéria, que teve forçosamente que ser muito condensada. O livro deve ler-se, nem esta noticia tem por fim substituí-lo; e é nomeadamente para quem teve a boa fortuna de o ler que os reparos seguintes são destinados.

A páginas 9 do opúsculo, depois de se haver dividido a voz em *EXPIRADA* e *INSPIRADA*, diz-se que esta última só se produz accidentalmente, no *soloço*, no *arripió*, etc.; acrescentarei eu que também em várias *interjeições* e *vozes* para chamar animais, no *óscolo ruidoso*, e ainda principahnente, como observou o dr. Hugo Schuchardt, na primeira parte das consoantes jeminadas, quando explosivas surdas, isto é *p, t, k*: por exemplo no italiano *atto* o primeiro *t*, e no português *veste-te*, quando no falar rápido se suprime o *e* da terminação pessoal do verbo, ficando o composto igual a *vestte*, diferente do substantivo *veste*. Estas tais consoantes denominou-as o doutíssimo glotólogo alemão IMPLOSIVAS, e delas tratarei em breve, nesta revista, com o fim de demonstrar a sua inegável existência no falar português, mormente no dialecto vulgar de Lisboa.

Sons inspirados se considerão igualmente, e com razão, aqueles a que os fonolijistas ingleses dão o nome de *clicks*, e que o sr. H. Sweet propõe se chamem antes *clucks* («Handbook of Phonetics», p. 55). Como tais são mencionados estes sons pelo nosso autor, e deles direi que os não ouvi a Hotentotes ou a Zulos (que também os possuem, estes últimos, no seu dialecto banto); tive, porém, occasião de os apreciar, proferidos por um inglês que falava este idioma cafreal: assemelham-se menos mal a *p, t, k*, que mencionei, nas tres articulações labial, lingual e guttural, e por isso me parece que o modo mais cómodo e racional de os representar seria o figurar estas consoantes inspiradas por *p, t, k*, invertidos, isto é, a *t, p, q*. De todos estes tres sons e de outros dois mais, o palatal e o lateral, podemos fazer idea justa: a *t* é o ruído produzido pela sucção, quando diligenciamos inspirar o fumo de um charuto que arde mal ao acendermo-lo, ou a voz com que chamamos galinhas; o *p* é interjeição de impaciencia; o *q* e a sua variedade mais palatal são voz de animação para animais de carga, cavalos, jumentos e muars, — voz que se denomina *tanger*; e convém advertir que essas articulações singulares, surdas, sem vogal que as acompanhe, são admitidas em todas as linguas apenas como interjectivas, e as mais das vezes são dirigidas a irracionais, ou empregadas no falar irreflectido. Dos idiomas cuja fonética até agora tem sido estudada, somente os dos Hotentotes e Boximanes, e por imitação destes o dos Cafres, seus vizinhos, as usam na constituição de vocabulos: como porém a fonética, pelo menos, da grandissima maioria, podemos dizer cuási totalidade, dos idiomas falados em todo o mundo, é já conhecida nos seus fenómenos mais jeraes, pode também dizer-se que, em nenhuns outros, tais sons são elementos de fala articulada, isto é, reflectida e intencionalmente emitida para ser entendida como expressão do pensamento ou da sensação. Vimos já todavia que, mesmo em idiomas muito cultos como o nosso, apparecem estes sons no falar interjectivo, e que portanto não são tão bestiais como se tem affirmado.

Parecem-nos de muito interesse as considerações feitas no opúsculo sobre a inspiração fisiológica e sobre os caracteres da voz, de p. 9 a 19; e a propósito dêsse assunto me ocorre dizer, que nas escolas primárias não se ensina a ler bem, de sorte que a leitura em voz alta é para cuási todos nós difficil e laboriosa, porque não distribuímos bem as pausas. Vi já, não me lembro em que livro inglês sobre leitura, dar como preceito, que á virgula corresponda uma pausa equivalente na duração ao tempo que leva a proferir em segredo o número *um*, isto é, uma sílaba; ao ponto e virgula, os números *um, dois*, duas sílabas; aos dois pontos, tres sílabas; ao ponto final, quatro sílabas; a novo parágrafo, cinco sílabas, *um, dois, tres, tres, tres*. Faça cada um a experiência consigo mesmo, e achará que se não ha de dar mal. Ha idiomas cuja leitura em voz alta é mais fadigosa que a de outros, aliás mais fáceis de pronunciar; March (*Student's English Language*) assevera, e parece-me que com toda a plausibilidade, que quanto mais frequentes são as vogais numa lingua, mais difficultosa se torna a sua leitura mecânica: assim o italiano cansa mais o leitor do que o inglês. A leitura, em voz alta,

do francês é conhecidamente extenuante, sobre tudo para os estrangeiros, mesmo para aqueles que o falem com perfeição, em virtude da igualdade quasi absoluta da intensidade na emissão de todas as sílabas de um vocábulo, a qual tem por origem a carência extrema de vogais atenuadas ou ciciadas.

No § III — VARIEDADES DA VOZ, aponta-se como semelhante ao som *x* português a interjeição ou voz de que nos servimos para chamar alguém em segredo. É exactíssima a comparação. Ha muitas outras interjeições de que o autor se não pôde occupar por falta de espaço, outras emissões de voz espontaneas, imperiosas ou inevitaveis e tambem outras intencionais, convencionais já pelo uso constante que delas fazemos, as cuais podem ter representação gráfica muito approximada: citaremos entre as da primeira espécie a *tosse*, que pode dizer-se equivalente ao espirito brando, ou explosiva faríngea, seguido de aspiração e uma vogal neutra *o* ou *á*; poderia figurar-se por *æ* ou *ä*, isto é e cedilhado invertido, valendo o *o* pela explosiva e a cedilha pela aspiração. Essa mesma consoante dura aspirada é interjeectiva quando rimos por prazer, emquanto que o riso franco e natural começa pela aspiração *h*. Por outra parte, eu não encontro analogia entre o *ronquido* de Jaen, que o dr. Schuchardt¹ cita e vejo repetido em nota no opúsculo a p. 18, e o *isto abrupto* (*gestossen*) diuamarquês, que na realidade é a explosiva *a* a que acima me referi, e que esporadicamente substitui a consoante gutural *k* na pronuncia de alguns portuguezes que não podem proferir esta última; o *ronquido*, o arrastado de voz a que o illustre romanista se refere, se tem algum som análogo em outros idiomas, devemos ir procurá-lo nas linguas semíticas, em que um som semelhante tem letra especial que o designa, o *qarin*.

Sobre os hábitos de fala e entonação especial de certas provincias, de certas raças humanas, de certos climas, a que o sr. Leite de Vasconcellos allude de relance, haveria muito que dizer, e ele de certo o haveria exposto (porque na verdade é um exímio e sagaz analista de sons), se o espaço lhe não faltasse, se o opúsculo lhe offerecesse margem sufficiente para considerações mais minuciosas. Tomo, porém, a liberdade de lhe ponderar, que não me parece que a observação haja demonstrado serem os climas frios e húmidos muito prejudiciais ao timbre da voz, pelo menos em gente nova e sóbria: abundam factos a inclinar-nos à opinião contrária: compare o sr. Leite de Vasconcellos, que é fonólogo sutil, e que é poeta esmerado, a entonação cantada, meliflua, cariciosa da menina alemã, ou mais ainda da inglesa, com o tom áspero, varonil, despedido, muitas vezes rouco, da hispanhola em jeral, mas especialmente da castelhana, e reconhecerá que a sua afinação tem applicação muito restricta. As linguas ao nosso ouvido mais dissonantes e extranhas são talvez as semíticas, e é nessas positivamente que predomina a asperceza da voz, não obstante serem todas ellas faladas em regiões quentissimas e sócias. Advertirei ainda, como lembrança, que o *reniflement* tem em português nome, chama-se *fungar*.

Estão muito bem descritas e classificadas as diferentes variedades da voz que não são propriamente fala: no entanto, eu consideraria já como som articulado, isto é, intencionalmente e distintamente emitido, essa voz interjeectiva com a qual chamamos alguém, e que no opúsculo é comparada, e muito bem, com o *x*; outros figuram-na por *pziu pziu*. A análise dessa interjeição parece-me que dará o resultado seguinte: vogal *x*, quero dizer, a fricativa palatal dura prolongada à discreção e precedida, ou não, de *p(i)*. Esse mesmo *x* prolongado é tambem voz de admiração; as vogais *s z*, e ainda varias nasais (*n, ng* alemão), é sabido que existem na fonética chinesa, e nós temos *om* como expressão de dúvida, e *om* valendo por affirmativa ou consentimento, e que não é mais que o vocábulo *sâm* arremedado com os lábios perfectamente unidos: tal disposição impede efectivamente, não só a emissão da fricativa *s*, mas ainda a do *i* nazalisado, e o vocábulo fica reduzido à explosiva faríngea e a uma vogal indeterminada nasal, com tendencias para a labial *u*.

Sem que seja tão minucioso como Brücke, no entanto em uma extensa e com-

1 Die Cantes Flamencos, — in Zeitschrift für Romani-sche Philologie, Band v, 2 n. 5 Heft.

pendiosa nota a p. 22 dá-nos o autor a parte histórica da análise da fala. Não pretendeu certissimamente exaurir a bibliografia do assunto; é fora de dúvida, porém, que nos apresenta uma série numerosa de escritores, quer da antiguidade, quer modernos, quer contemporâneos, que deixa bem claro quanto o sr. Leite de Vasconcellos tem profundado esta matéria importante, especialmente no que respeita á fonética, a principal entre as quatro partes em que hoje em dia se divide a gramática e a glótica. Se aí não vemos citados Merkel, Steinthal, etc., entre os alemães, Bell, Ellis e sobretudo Sweet entre os ingleses, Storm e Lundell, escandinavos, não é porque o autor os desconheça, pelo menos os das duas primeiras nacionalidades; é seguramente porque lhe convinha escolher entre os vários foneticistas aqueles que mais teórica e fisiologicamente houvessem tratado este objecto. Effectivamente, se aos glotólogos em geral parece que as obras dos foneticistas fisiólogos são secas e carecem de exemplos, comparações e paralelos adequados, é indubitável que em uma tese como a que se propunha e defendia, e perante os lentes que sobre ela haviam de argumentar, a selecção é justificável. Eu estou capacitado de que o melhor meio de adquirir sons é o ouvido, e que o modo de formação vem apenas como auxiliar, sobretudo nas vogais, que, como já disse March, são mais fáceis de reproduzir do que de apreciar.

É sagacíssima a observação, que o sr. Vasconcellos faz, de que os analistas não tem a consciência da separação vocábular: Sweet («Handbook of Phonetics»), ao representar segundo a sua complicada transcrição alguns trechos de várias línguas, não atendeu a ella, de sorte que essa transcrição, já de si embaraçosa em razão dos poligramas e má distribuição dos diacriticos, mais inutilizável ficou sendo, pela reunião, em um só, de vários vocábulos que estamos costumados a ver separados. É também certo, que basta recorrermos a edições anteriores ao século passado, para se nos depararem a todo o instante os artigos, pronomes e preposições formando corpo com os vocábulos de que dependem ou que restringem; e por outra parte bastará igualmente citar os pronomes pessoais obliquos, para vermos que, segundo o uso orthographico de cada idioma, elles se incorporam com o verbo que os precede (hispanhol, italiano), se lhe prendem por hífen (português, francês) ou estão deles separados (línguas germânicas e eslavónicas, grego), conquanto em todos estes idiomas elles sejam átonos.

Entre os antigos escritores citados na mencionada nota, não falando nos da India, que mais que nenhuns aprofundaram este objecto, é Quintiliano aquele que nos ministra mais preciosos dados para apreciarmos a pronúnciação do seu tempo; Aulo Jélio, porém, foi omitido, sem dúvida por brevidade, e é sabido quantas observações perspicazes e importantes sobre fonética se podem aproveitar ao lerem-se as *Notae Aeliae*: assim, se outros testemunhos não tivéssemos de valor do *n* e do *z* no *m* século da era vulgar, ali veríamos que eram normaes os valores *i* e *u* desses digraphos, e que portanto nenhuma evolução posterior tiveram, pois é essa a sua pronúnciação no grego moderno.

Chegamos á classificação fonética. Foi isto o que mais me interessou no valioso opúsculo; não direi o mesmo de todos, pois que muitos haverá a quem ella importe pouco, e que seguramente buscarão e hão de encontrar nele outros assuntos que mais lhes avivem a curiosidade. É a primeira vez que o sr. Leite de Vasconcellos dá á estampa um trabalho em que os sons da fala humana, ou *fonemas*, se apresentem rigorosamente classificados, conquanto em todos os sons preciosos estudos dialectológicos o exame, distribuição e comparação dos sons revelem que obedece a método científico e que tem opinião sua sobre este objecto.

Folgo e muito de conhecer enfim a sua classificação, que passo a analisar e expor aos leitores desta revista.

Ha muitos glotólogos, e de grande valia, cuja classificação dos sons, é demasiadamente subjectiva, porque ou obedecem a preconceitos de nação ou escola, ou são victimas do mau ouvido que tem ou do incompleto conhecimento da fonética de outros idiomas, que não sejam o seu dialecto especial. Assim Brücke, citando Miklosich e João Müller, põe quasi em duvida a existência das nasais *im* e *um*, e tem como muito mais naturais *ê* e *ô* nasais, o que faz sorrir um Português; classifica mal o *y* polaco, e ainda em chua repreende Lepsius, que o definiu e classificou perfeitamente; enfim não encontra differença de formação ou orgânica entre as linguais

enfáticas e não-enfáticas das linguas semíticas. Sievers considera o *a*, *e*, *i*, *o*, *u* breves ingleses como vogais imperfeitas, e a sua escala de vogais, figurada com um esquema formado por cinco círculos concêntricos, dos cuais o de menor diâmetro é occupado por *a* e *æ*, é pobre como a de todos os foneticistas alemães, e que os ingleses lhes censuram e com razão. Por outra parte Sweet, o primeiro indubitavelmente destes ultimos, patrocina e adopta a divisão das vogais feita por Bell; mas, ao subordinar as vogais effectivas de vários idiomas a tabela fixa, tem de a modificar, e encontramos-nos muito surpreendidos ao ver que muitas das 36 vogais possíveis não se acham em lingua nenhuma, enquanto que tem existência real muitas outras que não entram na tabela que daquelas formou; e que mesmo várias das que procurou comparar com as da tabela, é bastante contestável que sejam as que afirma, o que levou o Príncipe L. L. Bonaparte a elaborar um quadro das divergências que se encontram com relação a exemplificação das vogais effectivas de diversos idiomas, conforme os autores que as subordinam à tabela de Bell. O mesmo exímio foneticista obstina-se em pretender que o acento tónico dos vocabulos francezes recaí na primeira sílaba, teoria refutada triunfantemente pelo dr. Storm, e que só tem por origem o ouvido inglês de Sweet e os hábitos do seu idioma natural.

Se da classificação propriamente dita passamos á nomenclatura, a confusão cresce. Cada autor usa da sua: o que para uns é classe, é para outros ordem; outros chamam grupo, série, etc., a qualquer das divisões enunciadas; outros, e citarei ainda o sr. Sweet (e não é porque não respeite muito o glosólogo que escreveu a *Historia dos sons ingleses*), por uma simetria de classificação que lhes é peculiar, desconhecem, ou aparentam desconhecer, a existência de *l* e *r* fricativos sonoros, que consideram iguais a *l*, *r* normais, o que não é verdadeiro, porque na realidade existem *l* e *r* fricativos sonoros ou surdos, diferentes de *l* e *r* consoantes ancepites, isto é, nem explosivas nem fricativas.

Voltando ao nosso opúsculo, vejo que o sr. Leite de Vasconcellos, sem se preocupar muito com a questão de nomenclatura, estabelece duas divisões verticais das consoantes, contendo cada uma delas duas subdivisões, a saber: Explosivas sonoras e surdas; Contínuas sonoras e surdas. As divisões horizontais são tres principais, que compreendem diferentes subdivisões, repartidas ainda estas em vários pontos de articulação. Eu, no meu *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise* (que o sr. L. de Vasconcellos cita agora na sua tese, e tem citado sempre em outros opúsculos, com muito favor, que lhe agradeço e me penhora, porque quem trabalha a sério se compraz em ver que se lhe aprecia o seu trabalho sério), no meu *Ensaio* digo, para fugir quanto me fôsse possível a novidade, sem cair em confusão, evitei as innovações em nomenclatura e mesmo em classificação, e reparti as consoantes verticalmente em SEMI-VOGAIS, NASAIS, CONTÍNUAS e EXPLOSIVAS (Arrêts) sonoras, e CONTÍNUAS e EXPLOSIVAS surdas, pela ordem por que as estou citando e que tem por fundamento o distanciarem-se cada vez mais da vogal: estabeleci quatro Ordens — GUTURAIS, PALATAIS, LINGUAIS, LABIAIS, e dentro destas divisões horizontais por Ordens arrojuei por articulações as consoantes que eu proferia no meu português de Lisboa. Ha outras muitas sistematizações de sons com que me não deterei agora; e se mencionei esta minha, é porque a seguirei provavelmente em tudo quanto publicar ou estudar sobre fonética: está estabelecida no meu espirito e por ela me regulo, e constitui a base de um tratado de fonética escrito em grande parte, se bem que por enquanto inédito.

Na tabela de consoantes do sr. Leite de Vasconcellos (e nela o autor só inclui as portuguezas, mas poderia preencher as lacunas com sons peregrinos) ha tres elementos a considerar: a repartição dos sons, a nomenclatura e a notação. Na repartição é o auctor mais sóbrio do que eu fui, é talvez o mais sóbrio dos foneticistas, pois que nos dá apenas tres Ordens: labiais, linguais, uvulares. Fundamentalmente tem razão, é a divisão orgânica, pelo órgão activo, que é sempre o mais móbil dos que concorrem para a produção de um fonema. Nas subdivisões teve em atenção: 1.º a parte do órgão ajente que funciona, 2.º o ponto do órgão passivo que com aquele forma o contacto ou o opérculo. É coerente, mantem-se sempre dentro dos limites desta classificação, que é irrepreensível; pode haver e

ha, outras classificações mais descritivas; não as haverá mais rigorosas, nem mesmo a de Lundell.¹

A *nomenclatura* acompanha quasi sempre o rigor da classificação. A *notação* poderia a meu ver ser mais simplez e sobretudo ainda mais em harmonia com uma notação jeral, cosmólita, tendo por base o alfabeto histórico, o romano, quer diferenciado monogramáticamente por novas letras, como com tanto eunheio e perfeição fez Lundell, quer por diacriticos. Assim, não compreendo porque as explosivas surdas aspiradas, que temos nas sílabas finais antes de *e*, *i*, *to*, *o* átonos, são ora representadas pelas letras gregas correspondentes a esses sons (φ para o *p* aspirado), ora pela adição de *h* (*th*). Por outra parte omitiu o autor as duas aspiradas correspondentes à *velar* *c* e palatina *q(u)*, as quais se ouvem em *fico*, *figue*, e que supponho coexistirem com as outras em todos os dialectos portuguezes, pelo menos do continente. Vemos ainda que o autor admite uma branda aspirada *bh*, que diz pronunciar-se em *sabe*: em todos os portuguezes, a quem tenho ouvido o *h* em tal situação, encontrei sempre uma de duas pronúncias: *sabe*, ou *sabbe*, com *b* fricativo, segundo a notação do autor, com o qual me não posso conformar neste ponto; seria preferível servir-se do β grego, em harmonia com o emprêgo que fez do γ e do δ . Também não posso concordar em que o *c* e *g* de *casa*, *gaz* sejam velares: para mim são *postero-palatais*, isto é, proferidas no limite do palato duro e não no *velum palati*, e os do snr. Leite de Vasconcellos, como lhos tenho ouvido, são assim mesmo. Verdadeiras consoantes velares não me parece que existam em português: existe uma em castelhano, o *jota*, e umas poucas nas linguas semíticas, onde, segundo a terminologia usada, se denominam *gutturales verae*. Estou tão convencido de que uma notação boa e sempre consecvente é indispensável em todos os trabalhos de fónica e dialectologia, que me atreverei a sugerir ao snr. Leite de Vasconcellos as seguintes alterações na sua representação das consoantes:

Aspiradas sempre o ϵ ou espirito forte grego, ϵ^e , q^e [*u*], t^e , p^e ;

Fricativas brandas, γ , δ , β , mais romanizadas na forma, de modo que melhor se combinem com o alfabeto latino, ou, se o preferir, um traço horizontal nas explosivas, como fez Heyne na edição do «*Heliland*» com o *b* e *c* o *d*.

Evitar o duplo emprêgo do *h* como aspiração e palatalização de *l*, *n* (*lh*, *nh*), usando para estas, afim de não fugir muito da orthografia normal portugueza, os monogramas empregados pelo snr. Barbosa Leão que me parecem excellentes.

As sibilantes designá-las-ia do seguinte modo:

$\tilde{x}$, $\tilde{j}$ (xadrez, já)

$\tilde{x}$, $\tilde{j}$, essas mesmas fricativas, mais palataes, antes de vogaes palataes, *e*, *i*.

$\tilde{s}$, $\tilde{z}$, para o *s* impuro, surdo ou sonoro, do sul (*isto*, *mesmo*) iguaes a $\tilde{x}$, $\tilde{j}$ atenuados.

$\tilde{s}$, $\tilde{z}$, esses mesmos, mas mais palataes.

$\tilde{s}$, $\tilde{z}$, $\tilde{s}$, $\tilde{z}$ da Beira; $\tilde{s}$, $\tilde{z}$, as suas variantes:

$\tilde{s}$, $\tilde{z}$

$\tilde{s}$, $\tilde{z}$, *s* e *z* do Porto, $\tilde{s}$, $\tilde{z}$ de Trás-os-Montes em *paço*, *cozer*, differentes de *passo*, *cozer*.

$\tilde{c}$, $\tilde{g}$, *ch* do Norte, *j* de Macau.

Um *l* cortado para o *l* guturalisado.

O algarismo 2 voltado ($\tilde{r}$) para o *r* uvular.

Assim, parece-me que a notação ficaria não só mais metódica, mas também mais própria para se incorporar em uma notação jeral. Aconselharia também o emprêgo exclusivo da forma do *g* italico antes de *u* nulo (*que*, *qui*), em harmonia com o emprego do *qu* differente de *c*, reservando o *g* para a gutural mais funda

¹ *Det Svenska Landemåls-alfabet*,—in *Nyare Bidrag till kännedom om de Svenska Landsmålen och Svenska Folket*, 1878.

que proferimos antes de *a*, *o*, *u*, ou consoante, e teríamos : *cual*, *cá*, *criar* ; *queda*, *quite*, e *igual*, *arguir*, *gala*, *grande* ; *guerra*, *quindar*.

O quadro das consoantes vem elucidado por exemplos e explicado por algumas considerações, que pecam por breves em demasia : a distinção entre *explosivas* e *continuas*, entre *surdas* e *sonoras*, careceria seguramente de ser melhor explicada e mais justificada. Assim também, não me parece absolutamente exacto que a ausência de vibração das cordas vocais seja a única diferença que exista entre *to* e *do*, *bo* e *po*, etc. : atente-se bem na posição dos lábios exigida para proferir *b* e *p*, por exemplo, e ver-se-ha que não é inteiramente a mesma ; e tanto não é, que as fricativas brandas estão muito mais próximas acústica e organicamente (permita-se-me este modo de dizer), do que as fricativas surdas, com respeito a explosivas da mesma espécie ; e de feito, nas línguas hispánicas as explosivas brandas tendem a converter-se em fricativas logo que outra consoante as não proteja, e ainda em outros casos, o que não acontece com as surdas. Ha em certos dialectos meridionaes alemães *brandas*, que não são *sonoras* ¹, e que neles substituem as sonoras dos dialectos do norte, especialmente no princípio dos vocabulos, sobretudo depois de pausa, creio eu. Estas brandas não-sonoras denomina-las-ia eu *médias* ², diferenciando assim tres espécies : *fortes*, *médias* e *brandas*, sendo *sonoras* só as últimas.

Advertirei igualmente que o modo por que julgo mais rigoroso definir as *explosivas* e as *fricativas*, é, que nas primeiras o som, ou effeito acústico, é justamente produzido pela separação dos órgãos factores que previamente estabeleceram contacto, mais intimo, mais completo nas *fortes*, menos nas *médias* e *brandas* ; nas segundas, nas *fricativas*, os órgãos factores não estão em contacto, não estão fechados, estão apenas cerrados ; collocam-se em aproximação, estabeleceram *preclusão*, como diz o sr. Vasconcellos Abreu, e o effeito acústico é produzido pela fricção do ar ao passar pelo opérculo assim formado, e enjas paredes entram em vibração.

Aproveita o autor, e muito a propósito, a ocasião para encarecer o estudo das particularidades fonéticas e leis fonológicas das línguas, dos dialectos populares, e de leve censura aqueles que os tem em menos preço : declara positivamente a qualquer dêsses taes que se não occupa com a opinião dele, e tem razão ; pode-se-lhe dizer : *quanto libro non è per te*.

Passando às vogais, dispõe-nas o autor em quatro séries verticaes paralelas. Não sei bem qual a razão por que não forma a pirâmide com o *a* no vértice, que é francamente o modo mais cómodo e perceptível de as ordenar, e aquelle que seguirei, conformando-me com Lepsius e outros muitos. Brücke é deficientíssimo na descrição e exemplificação das vogais ; Sievers distribui-as em circulos concêntricos, como já disse ; Lundell, com o seu finíssimo, subtilíssimo ouvido escandinavo, conta nem menos de 28 em todos os dialectos nórdicos, e forma-as em tres classes horizontais — *anteriores*, *intermediárias* e *posteriores*, sub-dividida cada uma em tres sub-classes — *altas*, *médias* e *baixas*, repartidas por cinco séries verticaes que, numerada de 0 a 4, conforme a protração dos lábios é nula (0) ou mais ou menos preeminente (1 a 4). Já Rask reconhecia tantas gradações entre *à* e *ê*, que rarissimos serão os foneticistas que as possam devidamente apreciar. Bell, e com ele o illustre presidente da Sociedade Filológica de Londres, advoga a sistematização orgânica das vogais a que acima me referi, sistematização ha muito adoptada na ciência, e mesmo empiricamente, para as consoantes. Repito, que por euclanteo a disposição triangular das vogais me parece a mais comprehensivel, contanto que se estabeleçam sub-séries, quando for necessário, entre as tres séries fundamentais.

Creio ter sido eu o primeiro, e até agora, que saiba, o único ³, que fixou uma série de vogais neutras, isto é nem palataes nem labiaes, que, começando em *a*, ter-

¹ Brücke, Grundzuge der Physiologie und Systematik der Sprachlaute p. 73-77.

² Os foneticistas alemães chamam jeralmente *médias* as *sonoras*.

³ Essai de Phonétique et de Phonologie de la langue Portugaise, — in Romanis, t. III.

mina em *e* dos vocábulos *se, me, de*. Estabeleci também uma notação para as vogais portuguesas, que, deixando-me liberto de compromissos para estudos ulteriores de outros sistemas de vogais dialectais ou peregrinas, me não forçava a alterar o modo usual de escrever a língua portuguesa, ampliando apenas os diacriticos e conservando as letras. Deste sistema de notação apparecerá em breve latissima exemplificação, porque é ele o empregado na figuração da pronúncia portugueza em todo o copiosissimo e monumental dicionário portuguez-francês que vai editar a casa Guiliard, Ailhaud & C^a de Paris, e cuja elaboração está confiada à competência inquestionável e rigor científico inexcedível do doutissimo lente do Curso Superior de Letras, o sr. Vasconcellos Abreu.

As vogais encontradas pelo sr. Leite de Vasconcellos em vários dialectos portuguezes mais característicos são ao todo 26, distribuídas em quatro columnas, a primeira das quais contém 10 sons palataes, principiando em *æ* (a breve inglês de *bad*), que existe no Algarve e é o *ê* do Dicionário prosódico do sr. João de Deus, que também se encontra em vários fables do Alto-Douro, e talvez egualmente da Beira Baixa, e que o illustre poeta quer, sem razão, achar nos demais dialectos portuguezes, — e terminando no *î* ciciado de *distant*, mareado *î* pelo autor, e que em

designe por *î*: a contar-se como vogal o *y* do autor, *î* meu, haveria 11 vogais palataes nesta columna, onde encontramos o *e* de *me* figurado por *ê* e que aí está indevidamente distribuido, visto não ser palatal, mas neutro, pois se pode sem a minima diferença no timbre proferir com a ponta da lingua apartada da raiz dos incisivos inferiores, posição natural desse órgão na emissão das vogais palataes. Na 2.^a co-

luna vemos apenas dois sons: *ê*, que pela posição (que occupa na linha horizontal é um *e* guturalizado muito aberto, muito proximo de *a*, e que deve ser análogo ao *â* roménico das terminações femininas, mas que neste idioma se acha também muito frequentemente accentuado. Representá-lo-hei por *â*, para o differenciar de *ê*, *a* que dou significação diversa na minha notação. A outra vogal da 2.^a columna é o *y* po-

laco, figurado por *ÿ*, e que aqui representarei por *î*, sendo, como Lepsius diz, um mixto de *u* e *i*, assim como o *û* (u francês) é um mixto de *i* e *u*; qualquer pode fazer dele idea justa, procurando pronunciar um ditongo, cujo primeiro elemento *tônico* seja o *e* de *me*, e o segundo *atono* um *i*: o mecanismo exacto da sua emissão já o descreveu Lepsius: a lingua toma a posição exigida para o *u* e os labios *a* que é necessária para a emissão do *i*; perfeitamente o inverso do *a* francês. Esta vogal encontra-se na Beira Alta antes de *l*, e é também usual em Lisboa na mesma posição, conquanto a pronúncia predominante do *i* em tal situação seja a de *î* aberto (*î* breve inglês de *hill, bid*). Nos Açores e Madeira o *î* accentuado é jeralmente proferido assim, especialmente se a sílaba seguinte começa por vogal, como em *nario*; o *ê*, nas mesmas circumstancias é analogo ao *ê* do sr. Leite de Vasconcellos, porém muito mais fechado.

A 3.^a columna tem cinco vogais e começa em *a* normal (menos fundo, e portanto menos aberto que o *a* de varios dialectos alemães, mais aberto porém que *a* da Madeira (*dumps* *a*, *a* cava austriaco, *a* húngaro); segue-se-lhe o *a* *atono*, *sardo*, feminino de *da, consa, cada*, etc., na linha horizontal ou classe *e* — *ô*; a 3.^a vogal desta série é *ô*, que o autor compara ao *ô* alemão de *schön*, o qual é muito mais fechado; o *ô* portuguez, pois, dos Açores, e sua variedade *o* do distrito de Castello-Branco em jeral, estaria melhor collocado entre *ê*... *ô* na tabela do autor; e na pirâmide que mais abaixo dou, ver-se ha que pertencem a sub-séries que nela estabeleço: estas vogais correspondem nos Açores e no Fundão ao ditongo *ou*, de *outro, lowron*, etc., isto é de todo o ditongo *ou* que não é permutavel por *ôî*, e do qual, ha variedade individual mais próxima de *ô*; em Tras-os-Montes é *o* a dominante do ditongo, cuja subjuntiva atona é *u*: assim o dígrafo *ou* apresenta os seguintes valores, todos verificados ou pelo sr. Leite de Vasconcellos, ou por mim: *ôu* (Minho), *ôu* (Douro), *ô* Centro e Sul do Reino; *ou* Trás-os-Montes; *o* (Beira-Baixa);

tônicos
 ò (ilhas adjacentes). A 4.^a vogal da série é o denominado *u* sueco, que o sr. Leite de Vasconcellos figura por *ü*, e que eu encontrei na pronúncia dos Açores, onde os *uu* ~~átomos~~ conservam esse som, ao passo que os *oo* átonos tem o mesmo valor que no Continente. A mesma pessoa do Fundão a quem ouço proferir *ou* como *o*, ouço igualmente emitir um *u* cuasi o *u* sueco em vez do *u* e que representarei por *u*; um amigo meu de Lisboa ¹ pronuncia muitos *uu* tónicos por este modo. O *ü* é um *u* francês proferido mais nos alvéolos que nos lábios, e *u* uma vogal ainda mais semelhante a *u*.

A ultima vogal desta série é o *u* francês, sobre cuja existência nos Açores tenho dúvidas; creio que ali somente existe o *ü* (sueco), e que este erroneamente tem sido tomado por *ü* (francês).

A 4.^a columna começa num *o* muito próximo de *a*, figurado por *ä* e que é pouco mais ou menos o *a* da Madeira, que citei; seguem-se lhe quatro gradações até chegar a um *ö* muito fechado, com grande protração labial, que deve equivaler ao *o* agudo (*skarp*) escandinavo, e são elas: *ö'* (muito aberto), *ö* (normal de *dö*), *ö*, castelhano e (?) transmontano, *ö* (normal de *côr*, *favôr*).

A vogal seguinte não é apontada, nem existe: foi ali chamada por mero paralelismo, e se o *e* (*ê*) occupasse, como cumpria, a série medial, a classe estabelecida de propósito para esse *e* haveria desaparecido. Esta columna tem mais tres vogais: *ü* aberto, *ü* fechado e *ü* atenuado, o *o* masculino de *casa*, *gato*, etc., que eu represento por *u* ou *o*, e por *u*, ou *o* se é semi-vogal ou subjuntiva de ditongo.

Diz o sr. Vasconcellos que todas estas vogais podem ser nasais, «excepto talvez» *a*, ² *ö*, *ü*, *ü*, *e*, ^v *ä*. Todas elas o podem ser, e *a* o é efectivamente. O autor estabelece tres graus de nasalização. Sobre a grau intermédio entre a nasalização pura do sul do reino e a nasalização guturalizada do norte e francesa, cumpria talvez averiguar se a differença não consistirá antes no timbre da vogal: oferecem-se-me dúvidas acérea da sua existência, e é facto que de todos os foneticistas, cujas obras conheço, somente o sr. Vasconcellos faz dela menção. Pedir-lhe-ia portanto que estudasse o fenómeno e procurasse definir claramente as tres nasalizações que apontou na tese e em vários dos seus valiosos trabalhos dialectológicos, os quais formam já uma importante coleção de estudos, que pouco tem que invejar aos notabilissimos modelos escandinavos publicados debaixo da direcção de Lundell na revista que citei, e do dr. Storm na «Norvegia», ou a alguns dos publicados na «Romania» sobre dialectos românicos.

Estabelecerei agora a pirâmide das vogais portuguezas, empregando uma notação diacritica, a qual é a amplificação da que usei no «Essai».

Sistema primordial hypothético:

	a	
i	e	u
	ê	

Sistema das vogais castelhanas:

	a	
i	e	u
	ê	

¹ O sr. Alexandre Lopes Botelho, a quem peço desculpa da citação.

² (No meu livro sahia *a* em vez de *ä*, por erro typographico. — J. L. de V.)

homens amam o progresso (!) O que é facto é que a distinção entre as frases enunciativas e as interrogativas em francês é muito menor do que em português, onde a diferença está na entonação, porque a construção é absolutamente indiferente, sendo a mais usada a denominada directa, quando a frase não começa por pronome ou advérbio interrogativo. É sabido que no dialecto brasileiro o sujeito se coloca antes, como em polaco, quando pronome ou advérbio interrogativo inicia a oração.

Disse a denominada directa, porque me parece demasiadamente insistente a afirmativa do que seja construção directa, alegação a que podem applicar-se as graciosas perguntas de Larramendi ao refutar que a construção vasconga fosse ás avessas, como repreendiam os castelhanos: «Que simpleza! y de donde te consta que esta construccion es al rebes? y mas si doy yo en decir que va al rebes tu construccion Castellana?»

É facto que as línguas germánicas colocam sempre antes do substantivo os adjectivos qualificativos, quando destes não dependem regimem (em inglês e nas escandinavas); mas é também facto que, considerados como uma unidade frásica o substantivo e o adjectivo, é sempre neste que recai o acento principal, tanto nas germánicas como nas românicas.

Tenho por um tanto precipitada a afirmativa de que a construção portuguesa seja a francesa ou próximamente, emenando á disposição das palavras na oração. Vejo ao contrário que há uma diferença extraordinária, mormente na colocação do sujeito em relação ao verbo. Em francês, como em inglês, o sujeito nas proposições enunciativas é de regra que preceda o verbo, quando a proposição não é iniciada por certos advérbios, e em inglês ainda mais que em francês; sendo por outra parte a colocação depois do verbo muito mais rigorosa em inglês do que em francês, se o advérbio ou uma dessas locuções dá começo á frase; e mais em alemão e nas línguas escandinavas do que em inglês. Em português tais regras não existem, e a construção é portanto mais livre, sendo frequentíssima a posposição do sujeito em orações principais. A colocação dos pronomes pessoais nos casos obliques é em francês, como em castelhano, usualmente antes do verbo de que dependem se este não está no imperativo, em inglês depois desse verbo; em português, como em alemão, ordinariamente depois do verbo nas orações principais afirmativas, antes nas outras em português, em alemão depois nas negativas. O dialecto brasileiro segue a construção francesa e castelhana, pondo os pronomes pessoais regimem antes, com a excepção notável de pospor esses pronomes nas orações que começam pelo relativo conjunção *que*, imitando nisto o italiano. O que é, porém, indiscutível é que a construção portuguesa, a italiana e a castelhana são libérrimas, que a inglesa e as escandinavas são já menos livres, sendo a alemã e a francesa as mais presas delas todas.

Sinto não poder, sob pena de ser interminável esta análise, continuar o exame detido desta parte da tese, em que lenos com prazer muitas observações sagazes e profundas.

Ao tratar do automatismo das expressões, cita-se a reflexão de Onimus «que é frequente respondermos afirmativamente ao inquirir-se de nós se estamos de saúde, quando mesmo estejamos doentes». Não me parece bem escolhido o exemplo de automatismo: a maioria das vezes essa afirmação é mais *uma frase já feita*, sem significação, e que corresponde perfeitamente á indiferença com que se nos faz a pergunta. A falta de prática que se aponta, quando temos embaraço em expressar-nos em qualquer língua estranha, consiste mais na dificuldade de nos recordarmos dos vocábulos e modos dizer indispensáveis para a conversação corrente; os *bordões*, esses sim, esses é que são verdadeiras muletas que nos auxiliam automaticamente, e nos dão tempo a coordenarmos as ideias e as expressões delas.

Uma parte interessante do opúsculo, aquella que provavelmente interessará o maior número de leitores, é a que trata da origem da linguagem. O nosso autor pronuncia-se abertamente pela origem mais fácil de attribuir-lhe — as onomatopéias e as interjeições, e outros gritos e sons espontâneos que nos são comuns com muitos animais: está esta opinião em perfeita conformidade com a tese que se propôs a defender, isto é, que a fala do homem não é nenhum dom privativo e peculiar dele, mas uma evolução em grau adeantadíssimo da expressão fonética da

sensação ou do sentimento nos animais que lhe ficam inferiores na longa série daqueles que se expressam pela voz, de qualquer natureza que ela seja. Inclino-me a este modo de ver, não tão desasombradamente como o talentoso deficiente, mas ainda com certa hesitação. Valeria a pena traduzir aqui, para elucidação deste notabilíssimo assunto, as considerações luminosas de Frederico Müller ¹; tal citação havia porém de levar-me muito longe, pois nem tudo o que ali se assevera pode por emquanto ser tido por incontestável. E' o nosso autor partidário um pouco de-voto demais das abstrações e divagações de Sayce, a quem nunca pude bem entender, e cujas doutrinas estão longe de haver recebido aceitação, pois que nada adiantam no caminho de facilitar a resolução do problema, conquanto no seu livro haja muitos factos preciosos, coligidos e analisados discretamente.

Tudo quanto o sr. Vasconcellos aponta de factos na linguagem infantil tem muito e muito valor, e sinto que não insistisse nesse ponto de tanto interesse, bem como no da *analogia falsa*.

A PARTE SEGUNDA, *filologia*, é incomparavelmente mais resumida que a primeira. Aí a matéria está por tal forma condensada que ao autor foi quasi impossível a originalidade, o subjectivismo, o cunho especial que tem e sabe dar aos seus trabalhos glóticos. Assim, ao intitular uma das subdivisões «Caracteres das línguas», quasi que apenas nos aponta algumas particularidades de pronunciação e das menos características, não porque desconheça outras, mas porque o espaço lhe faltou: é pena que, mesmo no ponto restricto da fonética, não lhe occorresse a particularíssima fonética semítica, que até hoje ainda não foi encontrada em outro ramo de línguas, e que lhes dará ainda posição isolada entre todos os idiomas, mesmo quando a teoria do trilitérismo das raízes e a da flexão interna venham a ser totalmente banidas da ciência.

Deu-se o sr. Vasconcellos, quasi ao cabo da sua bellissima tese, ao inco-mmodo de refutar o *colapák*: não creio por isso que o tome a sério; não valia porém a pena que a ele consagrasse uma página; monstros desses deixam-se viver e morrer em paz. Eu, por mim, gostaria muito de ouvir um Chinês, um Húngaro, um Francês e um Inglês a conversarem nessa jiría sem poderem de modo algum entender-se; o que fatalmente succederia, se além desse idioma artificial não conhecessem outro além do proprio: no caso de saberem, pouco que fôsse de um dos dois últimos, é certíssimo que em menos de meia hora teriam recorrido a ele, já fartos de gritarem em vão em *colapák*.

Remata o sr. Vasconcellos a 2.^a parte do seu trabalho, que nele apenas occupa infelizmente 15 páginas, com a classificação perfeitamente sua dos dialectos lusitanicos continentais, e cujas bases me parece não poderão já ser contestadas. Farei a sua enunciação, reproduzindo textualmente:

- a) Português, lingua principal, com os seus dialectos e subdialectos;
- b) *co-dialecto galego*, com os seus subdialectos;
- c) *co-dialecto mirandês*, com os seus subdialectos;
- d) *co-dialecto riodourês* (Concelho de Bragança);
- e) *co-dialecto quadramilês* (Ibidem).

Os tres últimos foram descobertos pelo autor, e o primeiro deles, desenvolvidamente estudado, foi publicado conjunctamente com um livrinho de versos, que intitulou *Flores mirandenses*.

A terceira parte da tese, *Patologia*, trata das enfermidades da fala, e seria importantíssima, se o autor pudesse dar-lhe todo o desenvolvimento que requiere; assim mesmo, resumidíssima como está, é sumamente interessante. Classifica do seguinte modo o sr. Vasconcellos essas enfermidades:

¹ Grundriss der Sprachwissenschaft. 1 Band. 1 Abth.
² Principles of comparative Philology.

I. *Disfonia*, alteração da voz.

II. *Disartria*, perturbação na locução, compreendendo todos os vícios vulgarmente denominados de pronúncia, quando devidos a defeitos orgânicos ou a lesões adquiridas.

III. *Dissemia*, subdividida da maneira seguinte :

Dissemia sensorial	{ surdez verbal. cegueira verbal. cegueira mimica.
Dissemia motriz	{ disfemia. disgrafia. disminia.

Citei muito de propósito a classificação, porque me parece que terá de ficar aceita.

Termina o opúsculo por um apêndice em que são tratados de relance o *Jesto* e a *Escrita* como meios de expressão, sendo a última o unico característico de que propriamente se pôde dizer que seja peculiar ao homem em sociedade.

Vai longuíssima esta análise, e apesar disso tenho a convicção de que não disse muito do que cumpriria que dissesse em seu abôno; euázi que não fiz mais que apontar um ou outro passo em que me não conformava com a opinião do seu autor. Ele bem sabe que o não fiz senão no mesmo intuito que o guiei em toda a sua tese: procurar a verdade e dizê-la quando julguei havê-la encontrado.

Resta-me só lastimar que um trabalho, que honra o seu autor e a ciência portugueza, fôsse tão escassamente distribuido (150 exemplares é a tiragem accusada na capa); de forma que a maioria dos que, mesmo em Portugal, se interessam por estes estudos ele não pôde chegar. Em tanto maior agradecimento fiquei eu, que fui um dos poucos contemplados.

A edição é formosíssima e muito correcta, o que contribui para a sua fácil leitura.

Lisboa

A. R. GONÇALVES VIANNA.

AUTOS DE ANTONIO PRESTES ; 2.ª edição, extrahida da de 1587; revistos por TITO DE NORONHA. Porto, em casa da V. Moré, editora, 1871.

Sendo-me necessario para uma obra de philologia portugueza, que trago entre mãos, ler os *Autos* de Antonio Prestes, tratei de ver se poderia com segurança utilizar-me da reimpressão feita pelos cuidados do sr. Tito de Noronha. Entrando a esse fim a cotejar a edição de 1871 com a de 1587, para logo conheci que era forçoso fazer uso da edição antiga, e, continuando com o exame comparativo, bem que feito muito por alto, vim a concluir que a publicação do sr. Noronha só serve de dar tratos ao juizo de quem supposer que está lendo o que o nosso antigo dramaturgo realmente escreveu.

Primeiramente observarei que o sr. N. chama «escrupulosa» á cópia de que se serviu para a reimpressão; mas é certo que, não fallando na omissão frequente

de palavras monosyllabas ¹ e até dissyllabas ², que pode ser devida a menos cuidado na revisão das provas, e em faltar em muitos logares ora um verso ³, ora mais de um ⁴, o que todavia menos facilmente poderá attribuir-se á mesma causa, o individuo, que tirou a copia, saltou a segunda columna do verso da folha 188 ⁵, e o verso da folha 113 com o resto da folha 114 ⁶. Depois, varios erros typographicos evidentes da primeira edição (que, seja dito de passagem, contém poucos) são reproduzidos pelo sur. N., que a pag. 33 escreve da cidra (no original, quero dizer, na edição de 1587, da sidra por da hydra) que matou Hercoles, a p. 96 os que falsos deoses tem cá adorado | ante elle se acensem de ido traz (no or. ido tras por idolatras), reos, a p. 11 sera fim (no or. sera fim por serafim), a p. 136 pegulho (por pegulho; rima com filho), a p. 443 Nida (por Mida, como tambem se encontra a p. 259, = Midas), a p. 458 gantos com christa (por gantos com crista; o sur. N. é quem escreve crista com ch).

Informando o leitor sobre «o systema seguido na reproducção», adverte o sur. N. em primeiro logar, que substituiu a «embaraçosa orthographia» do original pela orthographia corrente e que suppriu as faltas de pontuação que existem na edição de 1587. Não discutindo se não seria mais conveniente conservar, em geral, a orthographia da primeira edição, é certo que não era licito alterar a fórma antiga das palavras nos casos em que a diversidade de escriptura implica diversidade de pronunciação, o que o sur. N. muitas vezes faz, até com offensa da metrificação, inclusivamente da rima. Assina o sur. N. escreve quasi sempre uma por hũa, isto ainda quando hũa é monosyllabo (v. g. em pag. 139 linha 5 e 10, p. 139 l. 10, p. 207 l. 17, p. 219 l. ultima, p. 233 l. 14, p. 257 l. 25, p. 323 l. 22, p. 458 l. 27), a p. 4 Joelho p. giolho, mihi por michi (pronuncia medieval d'aquelle dativo latino, conservada no nosso paiz até á segunda metade do seculo passado: michi rima com fiquê), p. 5 decem por dem, p. 5, 177, 452 nasce por uace (na p. 177 rima com acabasse, na 452 com tirasse), p. 11 Magdalena por Madanela (rima com capella), p. 36, 225, 299 ôli por oûli, p. 38 fructo por fructo (rima com muito), p. 118 transmonte por tresmonte, p. 133 turbada por trovada), p. 136 jejuas por jejuas, p. 143 quintas por quintas (fôrma que se encontra frequentemente v. g. em Heitor Pinto), p. 167 com um por c'um, p. 178, 222, 271, 273, 285, 350, 368, 379 lua por lûa (em p. 350, 368, 379 rima com hũa, que o sur. N. escreve uma), p. 182 não já por nanja (igualmente p. 248 não já aquelles por nanja aquelles), p. 190, 321 escuto por escuto (rima com muito), p. 198 fizeram por fezeram), p. 199 martir por martyre, p. 208 riem por rim, p. 214 reprehendo por reprimido, p. 223 luar por lûar, p. 232 crescei por crecei, p. 246 co'uma por c'ua (monosyllabo), p. 252 Evangelhos por Avangelhos, resposta por reposta, p. 267 casa por cas, p. 277 requer por require, p. 293 floresca por florea (rima com permaneca), p. 355 creem por erem, p. 361 Espada-á-Cinta por Espada-Cinta (no tempo de Prestes ainda não se estropiava o nome da villa trasmontana), p. 371 cresça por creça (rima com travessa), não mais por nô mais (a fôrma nô foi restituída por A. Coelho em alguns logares dos Lusíadas), p. 388 dezesscis por dezascis, p. 339 Thyso por Thyso (no or. tiso ?), p. 444 O por Ou (interjeição para chamar), p. 445 tivera por tevera, batizo por bautizo, p. 463 Leonor por Lianor, p. 493 carcereiro (duas vezes) por cacereiro, carcere por caceere, p. 503 deça por deça (rima com conheça).

Nesta parte do seu prologo, o sur. N. esqueceu-se de advertir que a edição do seculo XVI assinala o principio de cada estancia, praxe que o moderno editor, ainda mal, deixou de seguir da quinta estancia em diante.

¹ V. g. pag. 207 falta quem entre como e tudo, p. 251 bem antes de ltrado, p. 254 mui antes de bem, p. 323 que entre quer e a, p. 331 um antes de balsame, p. 256 no entre não e sei (2 vezes).

² V. g., p. 8 d'elle depois de natadores.

³ Em pag. 203 depois de pensada, p. 241 depois de São Conestro, p. 320 depois de morto, p. 347 depois de ninho, p. 371 depois de conoar, p. 384 depois de senhora, p. 388 depois de cothêres, p. 389 depois de attatias, p. 438 depois de maio, p. 445 depois de achas.

⁴ Dois em pag. 474 depois de determinars; tres em p. 341 depois de caminha; quatro em p. 403 depois de volentad; dez em p. 73 depois de grametes, e p. 150 depois de talá; vinte e oito em p. 471 antes de João António.

⁵ Trinta e dois versos em pag. 499 depois de andar.

⁶ Cento e dezasseis versos em pag. 295 depois de minha dama.

⁷ [Ainda hoje é vulgar no Minho a fôrma Santo Tiso (= Santo Thyso). — J. L. de V.]

Em segundo e ultimo lugar o sr. N. diz-nos mui laconicamente, que no tocante a «outras liberdades» tomou por modelo a edição das obras de Gil Vicente feita pelos cuidados de Barreto Feio e Gomes Monteiro. Nunca em vida, nem depois de mortos, aquelles dois eruditos forão tão atrozmente injuriados. O sr. N. a cada passo, com offensa da grammatica, da metrica, e do senso commum, corrumpo o texto dos autos horrorosamente, algumas vezes só pelo vão desejo, ao que parece, de dar gratuitamente quinãos em Antonio Prestes *a)*, mas, na maioria dos casos, por lhe escapar a intenção do autor de reproduzir a pronuncia popular ou provincial *b)*, por desconhecer ou só tarde, no decurso da revisão, vir a conhecer graphias *c)*, formas *d)* e vocabulos antigos *e)*, por não alcançar o sentido, embora obvio, do que está lendo *f)*, por confundir latim e castelhano com português *g)*, e até por imaginar que são palavras do dialogo as abreviaturas das designações dos interlocutores *h)*. Darei exemplos de cada um d'estes generos de corruptelas, designando com a letra P o que o sr. N. haveria de escrever, e com a letra N o que elle de facto escreve ¹.

- a)*
- P. — que cuidais terdes na mão.
N. pag. 38 — que cuidais ter na mão.
P. — muito terrível.
N. p. 56 — muy terrível.
P. — apazível (no or. *apazível*); rima com *terrível*.
N. p. 56 — *apreciável*.
P. — á que d'el-Rei.
N. p. 167, 202 — aquí del-Rei.
P. — querie-lo.
N. p. 216 — querieis lo.
P. — um rifão (no or. *refão*, que certo ereio).
N. p. 317 — uma rifão que de certo ereio.
P. — hem-me-queres.
N. p. 322 — bens-me-queres.
P. — e põe-lhe.
N. p. 323 — põe.
P. — ir buscar-me um.
N. p. 332 — ir-me buscar um.
P. — mateis.
N. p. 341 — taleis.
P. — hñas.
N. p. 355 — essas (2 vezes).
P. — por hi não gaudarei jota.
N. p. 376 — por ahí não gauderei jota.
P. — homem atreçoado (rima com *ex-communicado*).
N. p. 410 — homens atraçoados.
P. — queis (= quereis) ora.
N. p. 416 — quereis agora.
P. — minha toda boa estrêa.
N. p. 444 — minha toda, minha estrêa.
P. — que nós.
- N. p. 456 — como nós.
P. — caiar a casa aos orates.
N. p. 478 — caiar as casas aos orates.
P. — Pois has-de só-lo, | que o permite teu peccado.
N. p. 498 — Pois ha de sel-o, | que o permite seu peccado.
- b)*
- P. — in-Rei (tambem occorre em G. Vicente).
N. p. 366, 367 — el-rei.
P. — Ai alma (*ai* é o artigo com um *i* para evitar o hiato d'elle).
N. p. 367 — Ai, alma d'elle!
P. — ai alma.
N. p. 367 — ahí alma (2 vezes).
P. — ai alma.
N. p. 368 — a alma (2 vezes).
- c)*
- P. — S'ella (no or. *Sêla*).
N. p. 60 — Se la.
P. — seen-s'a reima com elle (no or. *seca sa regua cê elle*).
N. p. 136 — se casa reima com elle.
P. — Lá s'hajam (no or. *La sejam*).
N. p. 282 — *Lá sejam*.
P. — em raiz (no or. *em raís*).
N. p. 162 — em reaes.
P. — qu'ém armar (no or. *quen ar-matr*).
N. p. 291 — que armar.
P. — zombaveu (no or. *zombaveu*; rima com *seu*).
N. p. 420 — zombava.

¹ Escusado é dizer que não fallo do que pode porventura ser lançado á conta do descuido no rever das provas, v. g. na pag. 53 *estiercum* por *esterrem*, p. 185 *furtata* por *furtada* (rima com *namorada*), *que rifão* por *qu'ê el do*, p. 250 *Ordenanças* por *Ordenações*, p. 251 *que herdo* por *qu'en herdo*, p. 252 *da como* por *dá com o*, p. 349 *honará* por *honrada* (rima com *rara*), p. 381 *queis-co* por *queis-zos*.

P. — decei [= descei: no or. *descei*].
 N. p. 438 — dizei.
 P. — di-lo-ha [no or. *dilôa*; rima com

lôa].
 N. p. 463 — diz lôa.

d)

P. — quês [= queres] cativo? dá cá, toma.

N. p. 25 — que cativo, vaca toma.

P. — quês [= queres].

N. p. 37 — que és.

P. — Pees [plural de *pê*].

N. p. 43 — Pois.

P. — espiritos.

N. p. 45 — espiritos.

P. — tas [= até] que a calma mais se encurte.

N. p. 87 — faz que a calma mais se encurte.

P. — rim-se [= rien-se].

N. p. 159 — viu-se.

P. — e'hûa [no or. *cêr*].

N. p. 166 — co a.

P. — sejo [= lat. *seleo*, primo, em mi pasnado.

N. p. 169 — vejo primo, em mi pasnado.

P. — quês [= queres].

N. p. 180 — quer [2 vezes].

P. — Ques-te ir.

N. p. — Quer's-te ir.

P. — Já que os is enriquecer.

N. p. 271 — Já que os ides engrandecer.

P. — por li.

N. p. 298, 376 — por ahí.

P. — que ôtega [= etica, hectica; também em Fernão de Oliveira, *Gr.* cap. 29] me tem.

N. p. 314 — que o tenga me tem.

P. — quês entrar.

N. p. 331 — queres entrar.

P. — Queis [= quereis].

N. p. 397 — Quês.

P. — a sophisma.

N. p. 467 — o sophisma.

e)

P. — Asi, eramaa, assi.

N. p. 131 — Assi, era-me assi.

P. — fazer remoelas.

N. p. 182 — fazer remoel-us.

P. — Essa, tá [rima com *está* e *já*].

N. p. 191 — Essa tão.

P. — *adunia* [rima com *pecunia*].

N. p. 205 — á duzia.

P. — faraute.

N. p. 205 — falante.

P. — se ha li [frequentissimo ainda em Heitor Pinto, = fr. *il y a*; no or. *ay*, erro.

N. p. 238 — se ha êrro.

P. — remelhor [composto analogo a *resi*, *rendão* em Gil Vicente].

N. p. 302 — melhor.

P. — U-lo? [vem já no Vocabulário de Bluteau].

N. p. 327 — Vei-o?

P. — Por: u-lo?

N. p. 327 — Prove-o:

P. — U-lo? [rima com *engulo*].

N. p. 356 — Vi-o?

P. — atinasse.

N. p. 360 — arrivasse.

P. — boneja [rima com *pateja*].

N. p. 446 — beleza.

f)

P. — se também razão for tudo.

N. p. 37 — se também razão por tudo.

P. — vê-lo vem [= fr. *le voilà qui vient*].

N. p. 39 — vê-o bem.

P. — «é um rol que levo á feira | pera comprar? ah [no or. *há*] matrieira!

N. p. 107 — é um rol que levo á feira? | pera comprar á matrieira.

P. — apara-lhe pero á mesa.

N. p. 120 — apara-lhe pera a mesa.

P. — o que vos digo, e o | : ao! pae d'ella | vos i | : ide, contae-lhe.

N. p. 123 — o que vos digo, e o pae d'ella: | vós li, contae-lhe.

P. — mas vós renunciáis metal [= maípe].

N. p. 128 — mas vós renunciéis-me tal.

P. — se não veio esse villão.

N. p. 130 — se não veio esse villão.

P. — Desse-lh'as.

N. p. 131 — Disse-lh'as.

P. — um mau fim [rima com *min*].

N. p. 135 — um mau tiro.

P. — asinha [= depressa].

N. p. 158 — a vinha.

P. — que me punhão d'escarlata.

N. p. 175 — que me penteam d'escarlata.

P. — safar.

N. p. 186 — se faz.

P. — copro [= faço coplas] do carnaz.

N. p. 187 — corpo do carnaz.

P. — boia [rima com *joia*].

N. p. 190 — boca.
 P. — E' bom partido.
 N. p. 193 — Se é bom partido.
 P. — E' (no or. *he*) um villão.
 N. p. 196 — Ah um villão.
 P. — conerua [= conclua, acabe], que vou cear.
 N. p. 197 — converse, que vou cear.
 P. — Aquillo é nada, | é vento.
 N. p. 200 — Aquillo é nada | a vento.
 P. — negará (no or. o ultimo a está safado de modo que parece um i; rima com *está*).
 N. p. 201 — negará lá.
 P. — seu amor | é amor d'area encourada.
 N. p. 216 — seu amor : | em amor d'area encourada.
 P. — d'em toda a honra se pôr [= de alcançar toda a honra].
 N. p. 217 — de em roda á honra se pôr.
 P. — Frandes [= Flandres] com todos seus bancos.
 N. p. 221 — fraudes com todos seus bancos.
 P. — qu'eu (no or. *queu*).
 N. p. 222 — quem.
 P. — Cantores no cabo. No qual auto se trata como...
 N. p. 236 — Cantores. No cabo do qual Auto se trata como...
 P. — qu'eu era o enteado (rima com *casado*).
 N. p. 237 — que eram enteados.
 P. — ferro (rima com *cerro* que o snr. N. muda para *corro*).
 N. p. 237 — feito.
 P. — i-vos, estai lá.
 N. p. 240 — e vós estaes lá.
 P. — Parolas.
 N. p. 246 — Perolas.
 P. — mandingas.
 N. p. 247 — mangas.
 P. — Quem?
 N. p. 249 — Por que?
 P. — que nos avonde.
 N. p. 250 — que nós, aonde.
 P. — e herdades, corações.
 N. p. 255 — e herda dos corações.
 P. — trincho (rima com *pincho*).
 N. p. 256 — trinco.
 P. — custa annos de vida.
 N. p. 259 — conta annos de vida.
 P. — Aqui enterrar-vos quero.
 N. p. 260 — Aqui em terra vos quero.
 P. — Venus.
 N. p. 293 — vemos.
 P. — teisto [= texto] e mais grossa.

N. p. 311 — isto e mais grossa.
 P. — te tevesse dada.
 N. p. 321 — tiveste dada.
 P. — a neceo [= nescio] que o não souber.
 N. p. 326 — aneio que o não souber.
 P. — c'um pero canoës (rima com *mês*).
 N. p. 328 — co'um Pero Camões.
 P. — Enxagoa lá (rima com *dá*).
 N. p. 337 — Enxagoala.
 P. — por pineira [= peneira] muito rara (rala).
 N. p. 340 — por primeira muito rara.
 P. — morrer-lhe um cão.
 N. p. 351 — morrer, é um cão
 P. — montes e valles (no or. *vaes*).
 N. p. 353 — montes Nales.
 P. — cantareira d'Alfama.
 N. p. 358 cantarei d'Alfama.
 P. — ril [= rim] quente.
 N. p. 359 — elle quente.
 P. — do direito e do euvés.
 N. p. 373 — do direito e do ernez.
 P. — não ha [= não é necessario] nisso (no or. *niso*; rima com *feitoço*) | mais fallares.
 N. p. 374 — não avizo | mais falares.
 P. — erer-m'heis (no or. *erer-meis*).
 N. p. 374 — tremeis.
 P. — se me duas mãos ganhades (rima com *jogardes*).
 N. p. 375 — se me duas mãos galhardas.
 P. — Não será, senão [= mas sim] senhora.
 N. p. 384 — Não será tanto, senhora.
 P. — Haveis (no or. *Aueis*).
 N. p. 385 — Ancis.
 P. — Vivo o terá no ceo
 N. p. 386 — Vivo será no cêo.
 P. — de Pires.
 N. p. 388 — de Pariz.
 P. — mas feito é.
 N. p. 389 — mas se isto é.
 P. — o ganhado | fosse húa peça.
 N. p. 392 — esgalhado, | fosse uma peça.
 P. — ha mais malsûs [= malsins] que bemsûs (palavra formada por gracejo em contraposição a *malsins*; rima com *roins* que o snr. N. escreve *rois*).
 N. p. 408 — ha mais malsûs que bemsûs.
 P. — erer.
 N. p. 412 — querer.
 P. — irdes-vos.
 N. p. 416 — ide-vos.
 P. — Levae convosco meu pac.

N. p. 417 — Levae-a convosco, meu pae.

P. — dir-vos-hei em [no or. *eu*] metro ou prosa.

N. p. 422 — dir-vos-hei eu, metro ou prosa.

P. — Feito é, acabo [rima com *diabo*].

N. p. 422 — Feito é acabado.

P. — Venham; fuze-os sobir.

N. p. 428 — Venham francos sobir.

P. — qu'estarão.

N. p. 429 — cantarão.

P. — verão | quão bem cantam.

N. p. 429 — virão; | quão bem cantam!

P. — Ah Pelayo!

N. p. 439 — Apela-e-o.

P. — alfaqueque [rima com *seque*].

N. p. 462 — men alfaque, que.

P. — O' mãi, passo!

N. p. 472, 5.^a linha — Senhora, não.

P. — procede de animo egregio.

N. p. 481 — procede de animo, e grego.

P. — quem assi tanto aggrava[n] | a a aggrava[n] | no or. *aggrava[n]*.

N. p. 584 — quem así tanto agrava[n].

P. — Se quando o souber, mostrar.

N. o. 489 — Se quando souber mostrar.

P. — remissem.

N. p. 501 — remissem.

g)

P. — *osecro* | = *obsecro* | te [rima com *é*].

N. p. 136 — o secreto.

P. — Quem m'honra mas do que suele.

N. p. 438 — Quem morra, mas que suele.

P. — Arço [lat. *ardco*] en la mas alta esfera.

N. p. 490 — Alço em lá mais alta esphera.

h)

P. — Moço. Sim, fazia | colchas finas.

DESEMBARGADOR. Cêa fria.

[No or. *colchas finas*, de (= Desembargador) *cea fria*.]

N. p. 198 — Moço. Sim fazia | colchas finas de cea fria.

P. — Sogro. Eis aqui está.

DINHEIRO. Requeiro. | que ninguem se bula agora.

[No or. *Eis aqui está di*. (= Dinheiro) *requeiro*].

N. p. 201 — Sogro. Eis aqui está de requeiro, | que ninguem se bula agora.

P. — onde hei-de ir às quartas feiras?

CONFIADO. Tendes a Barbora Santa, | onde vão muitasromeiras; | às sextas (= sextas) tendes o Monte, | d'onde vedes terra e mar.

[No or. *onde ey de ir, cõ* (= Confiado) *as quartas feiras*].

N. p. 246 — onde hei de ir com as quartas feiras?

CONFIADO. Tendes a Barbora Santa | onde vão muitasromeiras; as] festas tendes, o monte | d'onde vedes terra e mar.

P. — Pae. Lá s'hajam.

COMPADRE. Deos vos ordene | o que vir mais sen serviço.

[No or. *Pae. Lá sejam cõ* (= Compadre) *Deos vos ordene*].

N. p. 282 — Pae. Lá sejam, como Deos vos ordene | o que vir mais sen serviço.

P. — Fernão. Assi é, tem pareceres | cá as damas.

PAE. Damas nas famas.

[No or. *cá as damas p*. (= Pae) *damas nas famas*].

N. p. 373 — Fernão. Assi é, tem pareceres | cá as damas pedamas nas famas.

P. — Moço!

MATELLA. Senhor!

AMO. Vai com ella.

[No or. *moço, na*. (= Matella) *señor, amo. vai cõ ella*].

N. p. 416 — Moço. Minha senhora?

AMO. Vae com ella.

P. — ATAFONEIRO. Villão, barbas de picauço.

[No or. *ata*. (= Atafoneiro) *villão, barbas de picauço*].

N. p. 459 até, villão, barbas de picauço.

Do acerto da pontuação posta pelo sr. Noronha, poderá muito bem julgar-se pelo modo como elle mostra entender o texto.

Em conclusão, a necessidade de se reimprimirem os Autos de Prestes existe como d'antes.

Elementos de Gramática Portuguesa, pelo dr. J. Barbosa Leão, Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1886.

Carta ao auctor

Ex.^{ma} Snr.

A minha vida afadigada, o meu penoso trabalho, não me deixam tempo nem descanso para ler com proveito algumas obras de que tiraria bom fruto para melhorar o meu saber e avigorar o meu espirito.

E' afadigada a vida pe'lo constante labutar, e penoso o trabalho por desaparecer nelle as melhores horas para estudo de assuntos para os quaes me foje a mente, ou pe'lo menos se volve como, na frase dum poeta sanscritico, «sêda de bandeira levada contra o vento».

Assim pois, meu senhor, se, ha dois meses já, tive a honra de receber a dedicada oferta de v. ex.^a, o seu livro «Elementos de Gramática Portuguesa», só hoje posso agradecer-l'la, porque só ultimamente acabei de ler a obra meditadamente.

Os motivos, que me demorirão na leitura, não valem para que me demore no agradecimento; que se este vai, pe'lo tempo, tarde talvez, o não vai segundo minha consciencia, indo agora, pois que v. ex.^a não me ofereceu o livro por me dever finezas e mais me obrigar com seu esmero e cortesia, mas sim para que o lesse, e porque v. ex.^a tem em mira provar a utilidade do trabalho que o produziu.

Sou rudo, mas sincero e entusiasta. Tenho na alma vigor de ar serrano e sentimentos de quem sempre deixou bater o coração livre de peias cortesãs e fementidas. Apesar das neves precoces que em meu rosto se accumulam e tentão apagar o vulcão de animo incendiado pe'lo fogo de quanto ha jeneroso, nobre, útil, grande, sinto essa intima ardência que é a juventude mais duradoura dos caracteres nervosos, abertos, respeitadores e dedicados.

Aprecio portanto com pleniíssima liberdade, sem preocupação e sem amor que me cegue para a luz da verdade scientifica, aprecio, despreocupadamente, eu que só tenho por ideal a verdade, o trabalho sintetizado na obra agora agradecida, e alto, aqui, em publico, lhe dou testemunho do meu respeito pe'lo fim que visa, pe'lo esforço que representa, pe'la dedicacão que tem e v. ex.^a lhe consagra.

A quem tenta ridiculizá-lo opõe v. ex.^a a sua imperturbabilidade; e faz muito bem. Os anos aconselham assim, e dão respeito a quem segue o conselho. Admiro a perseverança de v. ex.^a, e mais ainda o seu calmo porfirar. Eu, apesar de ter uns 20 anos menos do que v. ex.^a, sinto por momentos desfalecer-me o animo e enlutar-se me com a idea de que é baldado o esforço de quem sinceramente quer innovar, por ter visto o que se lhe afigura melhor ou por ter trazido para publico, em seu pais, o que é aceito já noutros paises e como útil estimado.

Não sei se isto em mim é quebrantamento pe'la doença que me avelhou, ou se, peor enfão, é segurança de vista ao encerrar as cousas da nossa pátria.

V. ex.^a sabe. — eu por vezes lh'o tenho dito —, que discordo completamente do seu modo de escrever. A base da ortografia, que v. ex.^a apresenta e defende, rejeita em absoluto quanto é rigorosamente observado como base do sistema orthográfico a que me cingo: respeito pe'los dialectos, observância da história da lingua e restrinimento ao método científico. Assim, por exemplo, v. ex.^a escreve *cortezmente*, eu escrevo *cortêsmente*. V. ex.^a dá razão subjectiva, pessoal, fundamento peculiar de v. ex.^a, ou de um grupo de homens, que, se muito respeitáveis em alguns ramos de sciência, — como de facto o são os membros da *comissão* e mui particularmente o é para meu conceito o ex.^{mo} conselheiro, snr. dr. Adriano Machado —, todavia ignorão ou desprezárão principios indiscutíveis hoje, imprescindíveis ao tratar-se de assuntos de sciência, que tem factos estudados, leis assentadas, e prescreve ditames acima dos quaes ninguém está. V. ex.^a ou a *comissão* nem os estuda, nem os quiere ouvir. Não procuram vv. ex.^{as} conhecer a historia do *z* em *cortez*, *portuguez*, etc. Eu vou estudar a história do *z*; e vejo qual é fisiológicamente a conclusão da glote e a bucal na sua formação, qual é a sua história, e qual a história do modo de escrever *s*, *z*; e concluo que em *cortez*, *portuguez*, *paiz*,

etc., existe z gráfico sem que exista z fisiológico, isto é, vejo que z na escrita desses vocábulos representa confusão do s final dos manuscritos e não representa o fonema sibilante dental brando como bem viu Alex. Herculanu, que por isso escreveu *português*, etc. Escrevo *cortês* porque s é de facto o fonema sibilante duro (geralmente pronunciado ántero-palatinamente) que nos ficou de *-ensis*, tanto de *cortensis* em *cortês*, como de *portucalensis* em *português*, e de *pagenis* em *país*. Escrevo como v. ex.^a o vocábulo *capazmente* com z, mas contra v. ex.^a não posso admitir a acentuação gráfica usada por v. ex.^a em *capázmente*. As razões que a isto me levam são de ordem histórica e científica.

Discordo pois completamente do modo de ortografar seguido por v. ex.^a; e isto porque vejo que esse modo é produto de uma preconceição errada e de adivinhações exactas mas inconscientes (pelo menos algumas), e de observações falsas, umas, e outras justas.

Permita-me v. ex.^a que lhe diga mesmo que no seu modo de escrever não ha método porque não ha teoria científica, — que o facto de a sua orthographia obedecer a *certos princípios* não lhe dá direito a que em campo científico lhe chamemos sistemática, isto é, metódica, restrita a *princípios certos*, determinados pela filiação histórico-comparativa. Nisto não sou injusto nem cruel. V. ex.^a é o próprio que amesquinha a critica científica, v. ex.^a mesmo me disse que nem sabe de *phylologia* nem de *glotologia*, nem carece de conhecer de tal para o seu sistema. — O que diria v. ex.^a de mim se eu me confessasse ignorante em medicina e quisesse ser o médico por excellência? O que diria de mim se eu desprezasse todo conhecimento das partes anatómicas dum corpo e quisesse ser o *endivirita*? Pois, meu senhor, neste corpo, que é a escrita duma lingua falada, ha também sua anatomia, — e complicada —, que é mister saber e sempre não descurar, para se reconhecer das luxações, fracturas e mau crescimento do arcabouço.

O desacôrdo, todavia, não me autoriza a desdém. Ainda que eu tivesse o talento de Cervantes não quereria applausos para o meu espirito pelas dicacidades e cautérios que poderia merecer o errado empenho de tão extremo defensor de um ideal fantástico e peregrino.

Alphonse Daudet, autor por quem tenho predilecção particularissima, escreveu um delicioso livro: «Mes amis, ne méprisons personne. Le mépris est la ressource des parvenus, des poseurs, des laiderons et des sots, le masque où s'abrite la nullité, quelquefois la greflinerie, et qui dispense d'esprit, de jugement, de bonté. Tous les bossus sont méprisants; tous les nez tors se froncent et dédaignent quand ils rencontrent un nez droit».

Ex.^{ma} sur, estas palavras são de tanta verdade que até esses a quem elas vão certezas lhes reconhecem o acerado fio.

Tenho encontrado no meu caminho, pelo qual vou sem afronta de ninguém, mas sem temer abafas, muitos desses *laidérons*, desses *poseurs*, desses *cautiens*, desses *greflins* e *bossus*, que torcem o nariz mais do que de natureza o tem torcido, e finjem desprêzo, por serem cretinos ou ignorantes, se deante deles se fala de coisas sérias, cujo estudo demanda trabalho e sacrificios, que seu mesquinho ânimo não consente e que seu aponeamento não percebe.

Creia pois, meu senhor, que me confesso verdadeiramente obsequiado com a oferta que v. ex.^a se dignou de fazer-me: que li todo o seu livro meditadamente; e creia que, se me esquivo a discuti-lo, é por saber que jamais se podem entender na discussão oppositores que não aceitam bases comuns.

Obriguei-me para com v. ex.^a a dar-lhe opinião sincera acôrda do seu trabalho. Aqui fica, publicamente exarada em testemunho do meu respeito pelo autor do livro e membros da *comissão*, e do meu desacôrdo no ponto de vista que jamais eu o aceitei fora do horizonte científico em assuntos de ciência.

Tenho a honra de assinar-me

Lisboa S. c. 15 rua do Barata Salgueiro aos 7 de novembro, 1886.

De v. ex.^a
muito respeitoso servidor

G. DE VASCONCELLOS ABREU.



II

PERIODICOS

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa. 6.ª serie, n.º 6, Lisboa 1886: *O creolo de Cabo Verde. — breves estudos sobre o creolo das ilhas de Cabo Verde offerecidos ao dr. Hugo Schuchardt.* — Os senhores Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custodio José Duarte publicaram este importante trabalho sobre os dialectos creolos cabo-verdianos, e dedicaram-no ao glotólogo que, já por tantos titulos illustre, é ainda um dos que mais se tem occupado dessas evoluções particularissimas das linguas européas, especialmente das románicas, estudadas em Portugal com igual fructo pelo sr. Adolfo Coelho, e que são para os idiomas de que derivam como estes para o latim, de que foram a bem dizer creolos. A cópia de materiais é valiosissima, e precedem-na muitos dados e algumas considerações de bastante importância sobre fonética, morfoloia e léxico, das quais nos occuparemos em breve, com a attenção que merecem. Os dialectos ali tratados são os seguintes, pela ordem da sua menor ou maior divergência aparente do português literário: Boa-Vista, Ilha-Brava, Ilha de Nicolau, Ilha do Fogo, Ilha de Santo-Antão, Ilha de São-Tiago, e estão comparados entre si neste trabalho, que para constituir um ensaio notável só carece de ser mais metódico e analítico. Em todo caso contém materiais preciosos e que muito devem aproveitar aos especialistas. Procuraremos ao deante tirar dele todo o fructo que offerece, e fã-lo-iamos já aqui se o espaço no-lo permitisse. Com a demora, porém, estamos convencidos de que o leitor terá a lucrar, porque em muitos pontos ficará mais habilitado, depois de o ler, a apreciar a discussão a que dá margem. Terminaremos, pois, agora com instantemente recomendar o seu estudo a todos quantos se occupam a sério, ou pelo menos com boas intenções e espirito claro e bem orientado, d'um ramo de conhecimentos que não é o menos proficuo nem o de menos interesse e atracção, entre aqueles que o nosso século tem alumiado com a observação philosophica e o amor infatigável do trabalho e da verdade — a glotoloia como ciência.

A. R. GONÇALVES VIANNA.

Revista de Guimarães. publicação da *Sociedade Martins Sarmiento*, vol. iv, n.º 1, Janeiro de 1887. — No numero que tenho presente ha tres artigos que interessão em particular á *Revista Lusitana*: *Os argonautas* (subsídios para a antiga historia do Occidente) por F. Martins Sarmiento; *Estudos de Economia rural do Minho* por Alberto de Sampaio; e *Folklore* por Domingos Leite de Castro. — O art. do sr. Martins Sarmiento faz parte de um trabalho extenso que está prestes a ver a luz, e de que a *Revista Lusitana* se occupará em occasião opportuna. — O art. do sr. Alberto de Sampaio é uma bellissima contribuição para a historia do Minho: o A., fundando-se numa porção de factos, finamente interpretados, estabelece que a propriedade no Minho devia ter sido collectiva em tempos anteriores aos Romanos, e depois segue a sua evolução, até ao presente, terminando por expôr a constituição moderna da *família rural*. Em apoio das ideias do A. notarei que na Beira-Alta são vulgares os *maninhos* (baldios) e a designação das *sortes* (pedaços de terra); que, se bem me lembro, *curtiha* é um termo commum a Tras-os-Montes; e que *Agro*, *Agra* o diminutivo *Agrella* (no sing. e no pl.) e *Agrello* (id.) apparecem a cada passo no onomastico, o que mostra a antiguidade da denominação. Conquanto alguns philologos tenham explicado *leira* pelo lat. *lira*, explicação a que o sr. Sampaio se inclina, notarei porém que tal etymologia é phoneticamente difficil de acceitar; sobre uma etym. mais provavel, ver D. Carolina M. in *Stadien zur hisp. Wortkennung*, Florença 1885, § 22. Nos *Portugaliae monum. hist.* apparece frequenter vezes *larea* e *laria*, que, quanto a mim, não passam de uma traducção alatinada da palavra portuguesa. — O art. do sr. Leite de Castro com-

põe-se de alguns factos curiosos para o estudo das nossas superstições; alguns não são senão variantes dos já conhecidos, outros supponho que são novos, como este de que quem quizer pedir alguma coisa a Deus ha-de fitar o sol, e de que quem quizer pedir alguma coisa a Virgem-Maria ha-de fitar a lua, — o que me parece um echo do antigo culto d'aquelles dois astros.

J. L. DE V.

Revista do Minho. para o estudo das tradições populares, Barcellos, 1885. — Esta revista offerece algum interesse, pelos materiaes que archivou. Entrando na 2.ª serie, não só tomou outro formato, mas adquiriu uma feição muito inferior á primitiva. A 1.ª serie comprehende varias superstições, antigas e modernas, contos populares, canções, xacaras, etc., e nella collaborarão F. Adolpho Coelho, A. Thomás Pires e outros. Como seria importante que em cada provincia se fundassem revistas ethnographicas com character local, as quaes pudessem mais tarde servir de base a um estudo desenvolvido e geral de todo o país!

J. L. DE V.

Gallia. revista regional de ciencias, letras, artes, folk-lore, etc., Coruña 1877, fasc. 1 e 2. — No movimento separatista que se observa em algumas das provincias hispanholas, a Galliza occupa um lugar muito sympathico para nós portuguezes, que temos nella um povo nosso irmão pela lingua, pela raça, pelos costumes e ainda pela historia e pela geographia, e com o qual muito bem e muito naturalmente, separados da Hispanha, podiamos outra vez tornar a constituir uma só nação, se a actividade dos nossos politicos se dirigisse neste sentido. A nova revista, enjos dois primeiros fasciculos estão deante de mim, vem animada de um espirito altamente patriótico e regional: «Nuestro instinto clama á voces para que miremos por nuestro decoro, por nuestra hacienda, por nuestra personalidad...», diz um dos redactores com verdadeiro entusiasmo. Oxalá que a nobre empresa dos escriptores gallegos vá por deante. Os presentes fasciculos comprehendem trabalhos historicos e litterarios principalmente; todavia, direi que predomina nelles mais o sentimento que o rigor scientifico: o artigo *Gallia*, por exemplo (pg. 51 sq.), que devia ser, vistas as tendencias da revista, um estudo profundo dos caracteres da provincia, do modo que mostrasse a vitalidade d'estes e as condições anthropologicas, linguisticas, ethnographicas, etc., d'essa vitalidade, não passa de um simples trecho lyric, que melhor ficava em verso do que em prosa! Tambem me parece que toda a revista devia ser escrita em gallego; os auctores reservão o seu idioma regional apenas para a poesia, empregando para o mais o castelhano. Eis uma amostra da poesia gallega a pag. 58 da revista, fasc. 1.ª, (auctor Benito Losada):

Cando morrea Xan Pereiras,
veciño de Santa Comba,
chorando detras d'a tomba,
iban catro pranzideiras.

— Berrade mais — dilles Nan:
«E unha, mala cara pondo,
contesta: — Berro d'abondo.
p'ra dés cartos que me dun.

Ha aqui uma allusão ao costume popular das choradeiras, sobre o qual se veñon as minhas *Trad. pop. de Portugal* § 342 y. e a *Rev. do Minho*, p. 45, 58 e 61. A lingua gallega é, como se vê d'aquelle exemplo, muito semelhante á nossa, para o que ha razões diversas, pois em epochas antigas Portugal fez parte da Galliza: o gallego deve até considerar-se como um co-dialecto do portuguez, e é, subordinada a esse modo de ver, que a *Rev. Lusitana* ha de tambem nas suas columnas occupar-se do idioma da Galliza. — No 2.º fasciculo vem um art. intitulado *El urco* (apontes para el folk-lore gallego) do sr. Octavio Lois: *El urco* (misteriosa deidade canina del carnaval) «era un ser fantástico, especie de perro negro de extraordinarias proporciones, con cuernos y largas orejas, que, partiendo de las orillas del rio y generalmente del tenebroso paraje denominado *el borón*, recorria las calles durante la noche, atrayendo con su abullido especial á los demás perros» (pg. 97). O auctor espraia-se depois em considerações etymologicas, que mostrão

El de sumo interêsse a «Introducção», em que se expõe o sistema gramatical dessa vasta família glórica. Fazei todavia desde já um reparo. Esta família que o autor, recusando a designação *banto*, denomina de «linguas de prefixos pronominaes, ou simplesmente africanas» não pertence á raça negra, a qual fala idiomas isolados ou mais ou menos agrupados a norte do equador, mas que se não differenciam por essa notavel caracteristica.

Os idiomas de flexão inicial, ou prefixativos, são usados pelas muitas tribus e nações disseminadas de costa a costa, a sul da linha, e que não são propriamente consideradas de negros. Não me parece pois que a denominação de *africanas* lhes convenha rigorosamente, a não ser na accepção em que ao sistema especial de linguas holofrasticas se applica a de americanas, por serem faladas, a bem dizer todas ellas, na América setentrional.

A. R. GONÇALVES VIANNA.

— **O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições.** por Theophilo Braga, 2 vol., Lisboa, 1886, preço 1\$500 reis.

— **Vestigios das antigas linguas da península Iberica.** por F. Adolpho Coelho, 1.^a art., Porto, 1886. — Cfr. *Rev. Lusit.*, pg. 45.

— **Studien zur Hispanischen Wortdentung** (Estudos de etymologias hispanicas, i. é. portuguezas, castelhanas, gallegas, etc.) von Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Firenze, 1885.

— **Poesias de Sá de Miranda.** edição acompanhada de um estudo sobre o poeta, variantes, notas, glossario e um retrato, por Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Halle 1885, preço 4\$500 reis.

— **Hundert Altportugiesische Lieder** (cem poesias em português antigo) von Wilhelm Störck, Paderbon und Münster 1885. — A traducção é feita em verso allemão e seguida de notas philologicas.

— **Jorge de Montemayor.** sein lieben und sein schäferroman die *Siete libros de la Diana*, von Georg Schönherr, Halle 1886. — É uma biographia, acompanhada de notas bibliographicas, d'aquelle nosso poeta do sec. xvi; o A. tomou para base o auto pastoril *Diana*.

— **Miscellanea de filologia e linguistica** em memoria di N. Caix e U. A. Canello, Firenze 1886. — Volumosa collecção em que collaborou um grande número de linguistas. Nella vem um artigo de E. Monaci intitulado *Il trattato di poetica Portoghese esistente nel Canzoniere Colucci-Brancuti*, que é a interpretação e um pequeno estudo d'aquelle monumento da nossa antiga litteratura. Creio que o sr. Monaci ignora que o sr. Theophilo Braga fez já uma edição analogá in *Era Nova*, 1880-1881, pg. 414; a prioridade do trabalho pertence pois ao auctor português.

— **Licções de grammatica luso-latina.** por Martiniano Mendes Pereira, Maranhão 1884. — É pena que o livro comece logo por um erro de orthographia. O auctor leu e estudou bastante, mas o seu trabalho é destituido de rigor glottologico. Assim elle suppõe ainda que o latim e o grego derivão do sanscrito; diz que a onomatopoeia em português deu origem a mais de trezentos vocabulos, entre elles a *balar*, *uivar*, *ladrar*, *ganir*, etc., ao passo que o primeiro vem do lat. *balare*, o segundo de *ululare*, o terceiro de *latrare*, e o quarto parece ter por base *canis*; confunde as palavras de origem popular com as de origem erudita, etc., etc. Todavia, o sr. Mendes Pereira, com aquelle material que reuniu, pôde numa 2.^a edição fazer uma obra de muito merecimento, se primeiro se orientar melhor.

— **Breve estudo sobre a ilha de Moçambique.** acompanhada d'um pequeno vocabulário portuguez-macia, por Ayres de Carvalho Soveral, Porto 1887, preço 100 reis. — Encontra-se neste opusculo a menção de muitos costumes que interessão a ethnographia: assim diz-se ahi, por exemplo, que os indigenas comprimentão os brancos inclinando o corpo e raspando com o pé no chão; em algumas partes isto é acompanhado de duas palmadas. Pelo que respeita á lingua-gem, o material reunido pelo sr. Soveral é muito escasso, e era indispensavel que o tivesse precedido de algumas considerações grammaticas (phoneticas e morphologicas pelo menos). Incidentemente mencionou elle a pag. 30 alguns factos que me parece se devem aproveitar para o estudo do *creoúlo português*, porque em Mo-

cambique, como acontece noutras possessões ultramarinas, deve haver duas espécies de linguagem, uma indigena, outra que é o *creoanto* (português modificado *in loco*); esses factos são os seguintes: os indigenas antepõem um *e* ás palavras portuguesas que ouvem pronunciar, e dizem por exemplo *ecama* (= cama), *ejunella*, *ecavallo*, etc. (é este um primeiro passo de alterações phoneticas): dizem *dô* (= dous), *trê* (= três), *dô cruzado* (= dous cruzados), o que mostra tambem que a desinencia plural se perdeu, como succede noutros creoulos. Nota o *sur*. Several que os indigenas reforçam as suas expressões por meio de gestos e gritos especiaes: vê-se que é um exemplo de linguagem emocional.

— **Methodo pratico de volapük**, por José da Silva Teixeira, Porto 1886. — Livro sem nenhum valor, já porque o assumpto é de si anti-philologico, já porque o auctor carece absolutamente de direcção scientifica. Nunca algum philologo serio, que eu saiba, tomou a peito a defesa da tal geringonça chamada *volapük*; por isso não me admiro de que o *sur*. José da Silva Teixeira, em quem a falta de critica, a ignorancia dos principios glotticos, o sophisma, e até mesmo a má fé litteraria disputão primazias, tenha pugnado com tamanho ardor na imprensa por uma causa irremediavelmente perdida. Além do *Methodo pratico*, o *sur*. Teixeira está publicando no *Jornal da Manhã* uma serie de artigos em que pretende combater os adversarios do *volapük*; custa a crer que houvesse um periodico que dêsse nas suas columnas cabimento a tantas estulticias e frivolidades como as que o *sur*. Teixeira lá fez e continúa fazendo estampar! — Sobre o *volapük* vid. *Rev. Lusit.*, p. 85, e os meus artigos impressos nos n.ºs 291, 294, 296 e 299 da *Provincia* (1886) sob o titulo de *O volapük e os volapükistas*.

— **Curso de historia da litteratura portugueza**, por Theophilo Braga, Lisboa 1886, preço 1\$500 reis.

— **Literaturblatt für germ. und rom. Philologie**, herausgegeben von Dr. O. Behaghel und Dr. F. Neumann, n.º 1 (Januar), n.º 2 (Februar).

J. L. DE V.

Publicarão-se no estrangeiro os seguintes trabalhos, que interessão mais ou menos directamente esta *Revista*:

— **Romanisches und Keltisches** (Estudos românicos e celticos) por Hugo Schuchardt, Berlin 1886. É uma reimpressão de escritos já publicados em jornaes; ali se encontram estes dois: n.º vi *Camões, Festschrift* (para o centenario celebrado em 1880); n.º x *Eine portugiesische Dichtungsgeschichte* (acerca das *Pupillas* do *sur*. Reitor de Julio Dinis).

— No jornal *Stimmen aus Maria Laach*, Katholische Blätter, vol. xxx, fasc. vi, vem um art. sobre **Luis de Camões** por A. Baumgartner.

— **Camões**, romance historico por Adolf Stern, Leipzig, Fr. Wihl. Grunow, 1886.

— No livro do Dr. C. von Reinhardstoettner, **Litterarische Aufsätze**, part. II, vem estes estudos: 5, *Camões*; 6, *Der Hyssope der Diniz in seinem Verhältnisse zu Boileaus Lutrin* (o *Hyssope* de Diniz nas suas relações com o *Lutrin* de Boileau); 7, *Goethes Faust in Portugal*; 8, *Die Romantiker in Portugal* (o Romantismo em Portugal); 9, *Portugals neuere Lyrik* (os lyricos modernos de Portugal) — Berlin, 1886.

— No jornal *Magazin für die Literatur des In- und Auslandes*, vol. VIII, fasc. 18, vem um estudo de A. Freigel, **Die Modinhas der Portugiesen**.

Annuncia-se tambem esta publicação do Dr. C. Reinhardstoettner:

— **A historia dos cavalleiros da mesa (sic) redonda e da demanda do santo Graal**, Berlin, August Hettler. A este volume, que é simplesmente texto (reprodução de um ms. da bibliotheca imperial de Vienna d'Austria) e introd., seguir-se-ha outro com commentarios criticos, notas, e...

CAROLINA M. DE V.

AMPLIAÇÕES AO ROMANCEIRO DAS ILHAS DOS AÇORES

A investigação das tradições poeticas no archipelago açoriano teve por principal campo de exploração a ilha de Sam Jorge, d'onde era natural o meu fallecido amigo dr. João Teixeira Soares, que, além do valor que ligava a esta ordem de estudos, era muito attendido pelas narradoras populares. Na ilha de Sam Miguel iniciou esta excavação ethnologica o distincto naturalista Francisco de Arruda Furtado, que teve de interromper-se na sua fructuosa tentativa pela vinda para Lisboa, chamado pela sua superior capacidade nos estudos de zoologia. Publicamos hoje alguns dos Romances e Orações populares colligidos na ilha de Sam Miguel por este meu tão illustre patricio, que nos confiara as riquezas da sua messe. Na ilha de Sam Jorge dá-se o nome de *Acuria* aos cantos heroicos tradicionaes, designação preciosissima por significar a linguagem arabe vulgar no começo da nacionalidade portugueza, e neste sentido sendo substituida pelo nome de *Romance*, que comprehendia em geral as linguas novo-latinas, empregadas na poesia moderna. Na ilha de Sam Miguel esta forma de romance é designada pelo nome de *Caso*, ao passo que este nome se emprega na ilha de Sam Jorge significando o conto novellesco em prosa. A designação de *Estoria*, com o sentido de tradição popular, como a usava Fernão Lopes no seculo xv, é a que prevalece no Romanceiro da ilha da Madeira. No seculo xiv, segundo o chronista Lopes de Ayala, chamava-se ao canto heroico *Cantar de antigo rimar*; da ideia ou caracteristico da rima, julgamos derivarem as fórmulas de *Rimanco*, usada pelo rei Dom Duarte, de *Rimance*, usada em Vimioso, e *Romance de segundas*, em Miranda. É muito natural que esta designação mimamente popular derivasse do thema popular de *rima*; porque o *romance*, significando a linguagem românica ou vulgar, só vein a designar a poesia do povo pelo desprezo dos eruditos. A phrase *romance bem rimado*, empregada por Berceo, tem implicita a relação de dependencia da linguagem para a metrica ¹. Da forma poetica especial, a *Decima*, acha-se na ilha de Sam Miguel e no Rio de Janeiro corrente a designação generica da *Decima de Bernal Francez* e *Decima da grande Obra da Creação*. Na epoca de Gonçalo de Berceo existia um genero de canção a vozes chamado *Contrahadura*; sobrevive talvez d'essa epoca a designação de *Trobas* dada pelo povo de Campo de Viboras aos romances, como observou Leite

¹ [É luminosa a relação que o sr. Theophilo Braga estabelece entre *rima* e *rimance*; mas o que eu tenho por mais conforme com os factos glottologicos é que *rimance* viesse de *romance* por influencia da palavra *rima*, pois *rima* não podia morphologicamente dar *rimance*. Estas influencias são vulgares nas linguas; o port. *resposta*, por ex., proveiu de *reposta* (que é a forma classica e ainda popular) por influencia de *responder*; e como este muitos mais factos se podiam ainda citar. — J. L. de V.].

de Vasconcellos. Assim como do conteúdo da narrativa, ou do character da linguagem, ou das fórmulas metricas derivaram os varios nomes da poesia heroica do povo, tambem do modo do canto ou da dança que a acompanha se criaram outras designações egualmente preciosas. No Alentejo, sobretudo em Gáfete e Tolosa, os romances populares chamam-se *Chacoulas*, e em Friellas dava-se o nome de *Chacolina* a uma dança hieratica; com o nome de *Covina* ha uma dança basca, bem como com o nome de *Danases* se designam no Aragão os romances. Do modo de recitar vem a phrase de *romance resado*, como usa Balthasar Dias, contraposto a *romance trocado*; é talvez da fórmula da recitação que provêm os nomes de *Corrio*, *Corrido* e *Corriola*, que designam os romances recitados de corrida. Se o nome de *Chacolina* tem relação com as antigas canções de *Chacone* (de *Ciecone*, ou dos Cegos cantores da epoca germanica) é natural que o nome de *Jacras*, usado em Duas Igrejas, assim como as *Xacaras* hespanholas do século XVII, proviessem dos *Auques* ou tunantes, como pretendia Dom Francisco de Quevedo? Da musica do romance proveiu uma designação curiosissima usada nas Asturias; das primeiras palavras do romance typico *Ay un galan d'esta villa* formou-se o verbo *Estarillar*, para designar a recitação de romances tradicionaes. Em muitas d'estas designações do vulgo acha-se implicita a historia da sua evolução poetica.

Hoje, que a tradição se acha em Portugal profundamente explorada, comprehendendo Galliza, Minho e Tras-os-Montes, Beira-Baixa e Extremadura, Alentejo e Algarve, Archipelagos da Madeira e Açores, bem como o seu prolongamento do Brazil, podem-se já determinar quaes os romances fundamentaes conservados no thesouro poetico do nosso povo. Nesta determinação precisa resulta o conhecer-se quaes os romances que se perderam, ou que por ventura se podem vir a descobrir. No Ceará e em Pernambuco foi colligido o precioso romance de *Juliana e Jorge*, que faltava na tradição em Portugal; só mais tarde o encontrou Arruda Furtado na ilha de San Miguel, fazendo nós a sua comparação nas *Notas aos Cantos populares do Brazil*. Ultimamente o meu bom amigo Leite de Vasconcellos encontrou esse romance em Campo de Viboras, muito deturpado, mas com relações intimas com o romance das Asturias *El Concite*, que explicam uma certa unidade ethnica hoje totalmente desconhecida. Eis a fórmula de Tras-os-Montes tirada do *Romanceiro portuguez*, n.º VII, de Leite de Vasconcellos:

D. Ausénia

— Apeia-te, ó cavalleiro,
Vamos d'ahi merendar.
«Tu que tens, ó Dona Ausénia
Guardado para me dar?
— Tenho vinho de ha sete annos,

Guardado para te dar.
«Eu não sei, ó Dona Ausênia
Se será muito guardar...
Dona Ausênia, Dona Ausênia
Que botaste a este vinho?
— Eu botei-lhe resalgar,
E pôs de lagarto moído.
«Oh meus filhos sem ter pae,
Minha mulher sem marido!
— Triste de ti Dona Ausênia
Co'o teu credito perdido.

Na versão asturiana, ha tambem o vinho envenenado com «la piel de *lagarto vivo*». Transcrevemos aqui pela primeira vez este romance colligido por Menendez Pidal na *Collecion de los viejos Romances asturianos*, pag. 164:

El Convite

— Vengo brindado, Mariana,
para una boda el domingo...
«Esa, boda, don Alonso,
debiera ser conmigo.
— Non es conmigo, Mariana,
es con un hermano mio.
«Siéntate aqui, don Alonso,
en este escaño florido,
que me lo dejó mi padre
para el que case conmigo.

Se sentára don Alonso,
presto se quedó dormido;
Mariana, como discreta
se fué á en jardín florido.
Tres onzas de soliman,
cuatro de acero molido,
la sangre de tres culebras,
la piel de un lagarto vivo,
y la espinilla del sapo,
todo se la echó en el vino.

«Bebe vino, don Alonso,
Don Alonso, bebe vino.
— Bebe primero, Mariana,
que asi está puesto en estilo.

Mariana, como discreta,
 por el pecho lo ha vertido;
 don Alonso, como joven,
 todo el vino se ha bebido:
 con la fuerza del veneno
 los dientes se le han caído.

— Que es esto, Mariana?
 que es esto que tiene el vino?
 «Tres onzas de soliman,
 cuatro de acero molido,
 la sangre de tres culebras,
 la piel de un lagarto vivo,
 y la espinilla del sapo
 para robarte el sentido.
 — Sáname, buena Mariana,
 que me casaré contigo.
 «No puede ser, don Alonso,
 que el corazón te ha partido.
 -- Adios, esposa del alma,
 presto quedas sin marido;
 adios padres de mi vida
 presto quedaron sin hijo.
 Cuando salí de mi casa
 salí en un caballo pio,
 y ahora voy para la iglesia
 en una caja de pino.

Em uma Ensalada, em folha volante, de romances da Bibliotheca de Praga, publicada por F. Wolf, apparecem dois versos de um romance vulgar no seculo xvi, mas que não chegou a ser colligido. Esses dois versos, como primeiro notou Menendez Pidal, pertencem ao cyclo de *Juliana e Jorge*, conhecido nas Asturias sob o titulo de *El Concite* (Obr., cit. n.º xxxvii) e na Catalunha com o titulo de *La inno-ble cenzenza*. Eis os dois alludidos versos:

¿Que me diestes, Mariana
 que me diestes en el vino?

Na versão da ilha de Sam Miguel, que abaixo publicamos, quasi que se repetem:

Que me deste, Juliana
 nesta taça com bom vinho?

Se no seculo xvi o nome da heroína do romance era *Mariana*, então achamos em Gil Vicente referencias á *Moliana*, e nas locuções

populares insulanas ouvimos muitas vezes a phrase *cantar a Moliana* com o sentido de ameaça.

O outro romance açoriano, *O caso de D. Ignez*, merece ser comparado com a versão asturiana *La princesa Isabel*.

Para as fórmas dialectaes chamamos a attenção de Leite de Vasconcellos, creador d'este capitulo especial da grammatologia portuguesa.

I

O caso de Juliana e Jorge

«Deus te salve, Juliana,
sentada no teu estrado!»
— Deus te salve a ti, D. Jorge,
em cima do teu cavallo!
«Eu venho-te convidar
se queres ir ao meu noivado.»
— Espera-me ahi, D. Jorge,
espera-me um poncachinho,
enquanto te vou buscar
uma taça com bom vinho. —
«Que me deste, Juliana,
nesta taça com bom vinho,
que tenho o freio na mão
não enxergo o cavallinho?»
— Ahi servirá de exemplo
a quem o quizer tomar;
quem deve as honras alheias
comsigo irá pagar.
«Já minha madre o sabe
que não tem o seu menino!»
— Já minha madre o sabe
que eu que não tenho marido. —

(S. Miguel — Ponta Delgada).

II

O caso de D. Ignez

Em Lisboa está Castilla
que á custa de el-rei se fez,
tambem está uma menina
chamada Dona Ignez.

Seu pai não a quer dar ¹
 nem a duque nem a marquez,
 nem a quem tenha dinheiro
 que elle contava num mez.
 Furtou-a um rico Franco,
 furtou-a que assim lhe pesa.
 Ella no meio do caminho
 principiara a chorar.
 «O que tindés D. Ignez,
 que estaes posta a bom chorar?
 Se choraes por pai ou mãi,
 já não os tornaes a ver;
 se choraes por vossos irmãos,
 já os matei todos tres.»
 — Não choro por pai nem mãi,
 nem meus irmãos todos tres,
 que eu a Deus dou este manto
 mais tambem a quem me fez.
 Emprста-me rico Franco
 o teu punhal francez,
 quero descozer barras d'ouro
 que meu pai el-rei me fez.—

Ella pegou no punhal,
 pelos peitos lh'o metterá:
 — Fica-te ali rico Franco
 co'o teu punhal francez,
 que eu já satisfiz a morte
 de meus irmãos todos tres. — ²

¹ Não ha quieren dar sur padres — ni por Conde ni Marques... — (*Rom. asturiano*, pag. 350).

² (Como se vê, este romance faz dispensar a lição hespanhola para a comprehensão da peripecia que falta nas versões de S. Jorge, e o verso com que esta é descripta tambem n'essa lição, é rigorosamente feito das mesmas palavras. Isto, o manto servindo em ambos de pretexto (o que não é em S. Jorge), e a transplantação de Castilla para Lisboa, apresentam-me a versão michaelense como se descesse da hespanhola. Não conheço a lição portugueza. As duas versões de S. Jorge parecem uma decomposição alterada da michaelense: em *Dona Ignez* diz-se, como aqui, que o pai não a dava por dinheiro que se contasse num mez, mas, no mais tudo, é esta variante assaz mutilada; no *Dom Franco*, pelo contrario, o cavalleiro paga-a e leva-a, e não ha omissão senão d'aquella passagem clara da punhalada, que lhe dá toda a belleza. A par d'estas considerações, a que dou apenas o valor de notas particulares, devo notar o quanto é perigoso deridirmo-nos sobre a narração de um ou dois individuos, em questões de pequenas omissões ou variantes. No pequeno numero de vezes em que tenho colleccionado já me tem succedido ouvir um romance segunda vez da boca do mesmo individuo com passagens a mais e a menos do que na primeira.

A variante *Dona Iuz* de S. Jorge é excessivamente incompleta: mas a palavra *Monez* (Vae uma sen Monez) parece-me tambem uma forte reminiscencia

III

O caso da Francisquinha

(1.ª versão)

Rosmanino bateu á porta.
 Manjerona: — «Quem está ali?
 Se elle é Bernardo francez,
 a porta lhe vou abrir;
 se é outro em sen logar,
 digo que não quero ir.»
 Ergui-me da minha cama
 em roda do meu fraldique
 e fui á minha cosinha
 accender o meu candil.
 No patim da minha escada
 meu candil se apagou.
 Levei o amor pela mão
 ao jardim do atemil,
 lavei-o de pés e mãos
 na agua do alecrim;
 vesti-o de roupa lavada
 e deitei-o ao pé de mim.
 Era meia noite dada,
 outra meia para vir,
 Bernardo francez não me fala,
 nem se vira para mim;
 ou elle tem dama em França,
 ou lhe dizem mal de mim.
 — Eu não tenho dama em França,
 nem me dizem mal de ti. —
 «Se temes a minha mãe,
 ella não ha-de cá vir;
 se temes a meu pai,
 inda agora vai d'aqui;

da lição hespanhola que acima me pareceu extremamente ligada á nossa versão michaelense: lá diz se:

... á un castillo
 que se llamaba *Maynés*.
Que eu a Deus doa este manto
Costaré fitas al manto
 QUE NO SON PARA FRUEZ

Algun uso nupcial primitivo de ofertar as vestes virginaes á divindade ou de abandonal-as em cerimonia religiosa? — *F. Arruda Furtado*].

¹ Vid. nota na versão 2.ª

se temes a meus irmãos,
 elles não hão de cá vir;
 se temes a meu marido,
 longes terras 'stá d'aquí;
 peixes do mar que o comam
 e novas me venham a mim.»
 — Não me temo a teu marido
 pois o tens ao pé de ti.
 Não me temo a teus irmãos
 que canhados são de mim,
 não me temo a tua mãe
 que ella é sogra de mim. —
 «Se tu és o meu marido
 eu te quero mais que a mim.»
 — Call'te d'ahi falsa Nera,
 não me estejas liginjando!
 Deixa cá vir a manhá;
 de ouro te hei de vestir,
 hei-te dar saia de gala
 colete de carmezim,
 gargantilha aclarada
 pois tu quizestes assim.

«O' lua que vaes tão clara,
 acaba de amanhecer,
 que a pobre da Francisquinha
 está p'ra ir a morrer;
 quem não tem graça no mundo
 não devia de nascer.»
 — Levanta-te d'ahi p'ra fóra
 que já basta de dormir!
 Vai-te dizer ao coveiro
 que a cova te póde abrir,
 vai-te dizer ao sineiro
 que toque signaes por ti,
 vai dizer a tua mãe
 que te venhar *carapir*;
 vai-te dizer ás vezinhas
 que tomem exemplo por ti,
 que não façam aos seus maridos
 o que me fizeste a mim. —
 1
 Sete condes la levavam
 num esquife de marfim.
 2

«Onde vás tu, cavaleiro,
tão cioso vás em ti?»
— Eu vou ver a minha dama
que ha dias eu não a vi. —
«A tua dama é morta,
é morta que eu bem a vi;
aqui levo a pá e o sacho
com que eu a cova lhe abri.»
— Se a minha dama é morta
á cova lhe vou fallar. —
A' entrada da agua benta
pricipiou a solugar.
— Abre-te, campa de flores,
que eu me quero enterrar;
nos braços d'uma querida,
que me quero sepultar! —
«Viva! viva o cavaleiro!
viva pois eu já morri!
Eu 'ston em graça de Deus,
não cuides que me perdi.
Olhos com que te eu mirava,
já de neve eu os cobri;
boca com que te eu beijava,
já de terra eu a encli;
braços com que te abraçava,
já em mim os não sinto.
Mulher com quem tu casares
não lhe queiras mais que a mim,
e filhas que d'ella tiveres
põe-lhe o nome de Francisquinha
p'ra quando chamares por ellas
logo te lembrares de mim.»
— Eu não me quero casar,
que eu vou-me metter de frade
no convento de S. Gil.
Missas que eu disser
serão por mim e por ti.
Quando eu por aqui passar
resarei uma estação
por alma da Francisquinha
que morren sem confissão. —
«Adeus, adeus, vai-te embora,
que me quero despedir,
que os diabos do inferno
já 'stão a puxar por mim!»

(S. Miguel — Ponta Delgada).

IV

Decima de Bernaldo-Francez

(2.ª versão)

«O' Aninas, ó Aninas!
 o teu corpo tão gentil!
 Abre a porta ao teu amor
 como costumás a abrir.»
 — Se isso é Bernaldo francez,
 a porta lhe vou abrir;
 se é outro em sen nome
 elle escusa de cá vir.»

Ergui-me da minha cama
 em roda do meu fraldico,
 fui p'ra minha fuminé
 accender o meu candil;
 no topo da minha escada
 meu candil se apagou;
 eu o tornei a accender
 elle se tornou a apagar;
 ou isto vai de aporfia,
 ou alguém me quer matar,
 ou isto é Bernaldo francez
 que commigo quer brincar.

Peguei na mão ao amor,
 levei-o para o jardim,
 lavei-o mui bem lavado
 na agua do alecrim;
 vesti-lhe uma alva camisa,
 deitei-o a par de mim.
 Era meia noute em pino,
 outra que estava pr'a vir.

¹ [Nesta passagem, omitida completamente nas versões de S. Jorge, ha, como se vê, uma peripecia muito natural e complementar. A sua conservação nas versões michaelenses, juntamente com a da passagem essencial do romance de D. Ignez, não ajudará muito a dar a prova decisiva de que o nosso povo conserva melhor a tradição? Mas viriam os Jorgenses d'un grupo de povo continental donde a tradição já estivesse alterada? — Será a maior mobilidade dos seus cantos, a emancipação das peias tradicionaes devida ao elemento flamengo, que sabemos ter uma grande frequência ali? — *Arruda Furtado*.]

«Que tens tu Bernaldo Francez,
que te não viras pr'a mim?
Ou tu tens outros amores,
ou te dizem mal de mim?
Se tu temes a meu pai,
elle não ha de cá vir;
se temes a minha mãe,
inda agora vai d'aqui;
se temes a meu marido,
longes terras está d'aqui,
mil adagadas leve elle,
novas me venham a mim.»
— Eu não temo a teu pai,
que elle sogro é de mim;
nem temo a tua mãe
que ella sogra é de mim. —
«Pois se tu és meu marido
quero-te mais que á minha alma.»
— Cal'te d'ahi falsa traidora
que isso não vem por ahí;
vai chamar tuas vezinhas
que tomem exemplo de ti,
que não façam aos seus maridos
o que me fizeste a mim

..... 1

.....
«Onde vais tu, cavalleiro,
tão enchido vás em ti?»
— Vou-me ver a minha amada,
ha dias que eu a não vi. —
«A tua amada é morta,
é morta que eu bem a vi,
aquí trago pá e enchada
com que a campa lhe eu abri.
— Se a minha amada é morta,
á campa lhe vou fallar...
Abre-te campa de flores,
que me quero enterrar. —

«Vive Bernaldo francez,
vive tu que eu já morri!
Olhos com que te eu mirava
já de terra se encheram,

1 Perdeu-se uma parte na memoria individual.

braços com que te abraçava
 já de terra se encubriram;
 boca com que te eu beijava,
¹

Mulheres que tu tiveres
 não lhe queiras mais que a mim.
 filhas que d'ellas tiveres
 chama-lhe Anna como a mim,
 p'ra quando chamares por ellas
 para te lembrares de mim.
 Adês, Bernaldo francez,
 já 'stão puxando por mim.

(S. Miguel — Bretanha).

V

O caso do gato Bella-saude

Eu tinha um gato em casa,
 chamado Bella-saude,
 chegou o gato a um ponto
 que o quiz suster, não pude.

Um dia pela manhã,
 á porta a querer sair;
 serviço pr'a fazer...
 era comer e dormir.

O meu linho numa meda,
 precisando de amassar;
 o meu milho temporão,
 precisando de abarbar;
 o gato a lambear as unhas,
 era comer e brincar.

Mandei o gato p'r'a terra,
 foi para o mar adanar;
 quando elle a casa chegou,
 muito que o deshonrei;
 p'ra que nós não nos cansemos:
 até *traste* lhe chamei!

¹ Outra falta de memoria.

D'ali a pouca 'instança
fui-o achar no quintal
a chorar como uma criança.

Chamei o gato pr'a mim,
p'ra bem de o aconselhar,
desprega-se-me a dizer
que estava para casar.

Pego logo numa tranca
p'ra lhe dar pela barriga,
deu um pulo e fugiu
p'ra casa da rapariga. ¹

VI

Romance de uma pastora

(Freg. do Bom Despacho Velho. — Ilha de Santa Maria)

— Deus te salve, rosa,
lindo serafi!
Pastora tão linda
que faz por aqui?
— Procuro o meu gado
que eu aqui perdi,
há vinte e quatro horas
que eu o não vi.
— Menina, seu gado
eu lhe irei buscar
pela serra fôra,
se lh'o eu achar.
— Senhor, co'o meu gado
não tenha cuidado,
que eu servi a outro
não quero creado.
— Aqui tem seu gado,
que eu já o achei;
que ditoso moço
pr'a ser seu creado!
— Senhor, vá-se embora,

não me dê mais desgosto,
não venham meus amos
trazer-me o almoço.
— Oxalá viessem,
oxalá chegassem!
Aqui nós ambinhos
Aqui nos achassem.
Por altas montanhas
correm grandes rios;
diga-me a menina
se quer vir commigo.
— Senhor, vá-se embora,
não me dê mais pesar,
não venham meus amos
trazer-me o jantar.
— Rosa tão linda
sois impertinente;
elles não são lobos
não comem a gente.
— Senhor, vá-se embora,
não me dê mais pena,

¹ (Estas quadras chistosas são muito conhecidas entre nós e parecem-me uma produção original moderna; mas nenhum indício pude colher. As camponezas, a quem as tenho ouvido, repetem-as como enigma, sem perceberem a allusão clarissima a um filho vadio. — *Arrada Fortado*).

não venham meus amos
trazer-me a merenda.

— Oxalá viessem
oxalá chegassem!
aqui nós ambinhos
aqui nos achassem.
Como vae brilhante
co'um vestido branco,
olhe não o rompa
lá por essa serra.
— Como vae brilhante
com meia de seda,
olhe não não a rompa
por essa resteva.
— Meia e sapatos

quizera eu rasgar,
só para dar gosto
a quem desejar.

— Era tanta gente
em guarda de gado!
já me cá von
co'o meu namorado.
— Sente-se aqui
não com má tenção,
fallo-lhe a verdade
que sou sen irmão.
— Ai! por tanta chuva!
ai! por tanta calma!
míl perdões te peço
irmão da minha alma.

VII

Fragmento de Romance

Era uma bella pastora
no seu gado a pastar,
dizia ella comsigo,
d'esta maneira fallava:
— De que me serve o dinheiro
Se eu não goso liberdade?!..

VIII

Outro

— Onde vás tu, Candidinha,
que assim corres tão ligeira?
onde vás tão primorosa,
tão patusca, feiticeira?
«Onde von, não me esquecen.
— Attende, Candidinha, attende,
que eu não fallo impostura,
dá-me um ár da tua graça
esses labios de locura.
— Sou mulher muito doente
doe-me muito este dente.
«Vem p'ra mim tu, Candidinha,

não queiras ser mal criada,
vem usar seda e velludo,
vem ser minha namorada ¹.

.....

IX

Oração de S. José

S. José a caminhar
e mais a Virgem Maria,
tanto andavam de noite
como andavam de dia.

Quando chegou a Belem
já toda a gente dormia.
S. José foi buscar lume
ao monte da Barbara.

Quando S. José chegou
já a Virgem (*sic*) tinha marido. ²
Não nasceu em camas d'ouro
nem em camas de cortina,
foi nascer á mangedoura
d'onde o boi bento comia.
O boisinho bafejava
e a mula descobria!
«Amaldiçoada mula!
não tenhas filho, nem filha!»
Desceu um anjo á terra
rezar uma Ave-Maria;
Ave-Maria rezada.
foi o anjo que assobin
perguntou ao Padre-Eterno
como ficava Maria?
«Ficou coberta de ouro
mais o seu bemdito filho;
o berço com que se embala
é de ouro e de latão.»
Aqui se acaba, senhora,
Vossa santa oração.

¹ Este fragmento parece pertencer a um romance mais extenso no estylo de despique.

² [Deve ser *parido* em vez de *marido*.— J. L. de V.]

Quem esta oração disser
sextas feiras de paixão,
ganhará indulgencias
e cem annos de perdão,
p'ra seu pai e sua mãe,
toda a sua geração.

(*S. Miguel — Bretanha*).

X

Oração dos pastorinhos

Assubi áquelle outeiro,
áquelle outeiro sagrado,
encontrei tres pastorinhos
cada um co'o seu cajado.
Perguntei ao mais mocinho
por ser mais adoutrinado,
se por aqui tinha passado
Jesus crucificado?
«Sim, senhora, vi passar
antes do gallo cantar;
uma cruz levava ás costas
que o fazia ajoelhar,
com um barço ao pescoço
para mais pena lhe dar.
D'onde vindes vós, senhora,
que vindes tão orvalhada?
— Venho de correr os passos
d'aquella tarde sagrada. —
Sete passos são de Deus
que se corre em devoção,
o primeiro é de lucto,
o segundo de Paixão...
vamos fazer a esmola
á Virgem da Conceição.

(*S. Miguel — Bretanha*).

XI

O pranto de N. Senhora

Uma quinta, vespera de sexta,
estando a Virgem Mãi Santissima
de seu manto posto,
chegou S. João Baptista
com novas, grandes tristuras:
botou-se a Virgem Mãi Santissima
pelas ruas da amargura: —
«Quem viu por aqui o meu filho,
mais formoso do que o sol,
mais formoso do que a lua,
mais formoso do que as estrellas,
mais formoso do que tudo?»
— Procuraes, senhora, por ventura
um homem que eu vi levar
pelas ruas da amargura?
tanto sangue lhe corria
que a vestidura lhe ia tingindo,
tanta punhada lhe davam
que ora cahido, ora ajoelhado;
mas esforçai, senhora, esforçai,
tanta paixão não tomeis;
por mais que vos avieis,
já vivo o não achareis.
Está pregado n'uma cruz,
meu senhor Jesus Christo;
por uma banda corre agua,
por outra sangue vivo. —
«Meu filho! quem vos fez isso?
foi aquelles falsos traidores?»
— Não senhora, não foram elles,
fui eu que quiz padecer
por salvar os peccadores. —
«Tambem vos eu peço, meu filho,
que salveis os peccadores.»
— Tambem vos eu peço, mãi,
que te deis por condão:
quem este meu pranto disser
tres vezes no dia,
à hora do meio dia,
ou a qualquer hora que lhe lembrar,
eu livrarei de maldição

de pai e de mãe;
 na hora da sua morte
 as portas do ceu,
 achará abertas,
 as do inferno
 nunca as verá.
 Padre-nosso e uma Ave-Maria
 à honra de Deus e à Virgem Maria.

(S. Miguel — Bretanha).

Quando nas Orações populares se tem em vista o *poder das palavras*, a metrificacão é sempre sacrificada ao conjuncto da phrase propiciatoria; isto longe de ser uma decadencia da poesia, torna-se o germen para uma elaboracão.⁴

THEOPHILO BRAGA.

⁴ Nota sobre o dialecto açoreano. — Os textos que ficão transcritos não revelão de modo completo os caracteres do dialecto açoreano; quem os dietou, ou quem os colleccionou, serviu-se em especial da linguagem litteraria, apenas intermeada aqui e além de um ou outro termo local, como, no caso II: *tindes* (fôrma que tambem apparece no Alemtejo, no Algarve e esporadicamente num ou noutro ponto mais); no caso III: *lijinjando* (= lisongeando), *lei te dar* (= *lei de-te dar* ou *lei-te-de dar*), *carpir* (= carpir); no caso IV: *adês*, (= adeus); no caso V: *instança*, (por *instante*, — aqui parece haver influencia de *instancia*); no caso VI: *serafi* (= seraphim) e *ambinhos* (demin. de *ambos*, — que tambem apparece esporadicamente no continente). Esses textos não são pois dialectologicos, são simplesmente ethnographicos; nem com outra feição os quiz o sr. Th. Braga publicar. — O dialecto açoreano occupa um logar muito distincto e muito accentuado no quadro da nossa dialectologia: assim, na *phonologia* temos que notar o *õ* (cfr. *Rev. Lusit.*, pg. 83 sq.), o *u* sueco (ib., ib.), um *t* especial que se encontra depois do citado *u* e de *õ* e *i*, etc., etc.; na *morphologia* ha, por exemplo, que mencionar *ques* (plur. de *que*: «*ques cousas!*»), os plur. em *-ales*, *-iles*, etc. de nomes terminados em *-al*, *-il*, etc., muitas fórmas verbaes curiosas, etc.; na *syntaxe* encontram-se phrases como esta: «a gente *camos*» (vulg. na Extremadura), «querer d'ir», etc.; o *vocabulario* é riquissimo. Este dialecto merece pois um estudo desenvolvido que lhe consagrarei, logo que eu possa, baseando-me para isso em varios documentos mss. e impressos, e em muitos factos que colhi directamente da boca de açoreanos. — Depois de composta esta nota, recebi do sr. Gonçalves Vianna um interessante estudo sobre a phonetica de Ponta Delgada, o qual será publicado no proximo fasciculo da *Rev. Lusit.* — J. L. de V.

ETIMOLOGIAS PORTUGUESAS

I Onsoada — II Assuada — III De consum

Consumada

O illustre historiador da litteratura portugueza, o sr. Theophilo Braga, escreveu em 1870, na *Historia do Theatro Portuguez* (vol. 1 pag. 245) o seguinte, com relação á comedia camonianna «*El-Rei Seleuco*» :

«*como grande parte dos Autos de Gil Vicente, o Auto de Camões foi escripto para ser representado em uma NOITE DE NATAL, segundo o costume portuguez, conservado nas Lãs populares.*»

Tres annos mais tarde, na *Historia de Camões*, (vol. 1 pag. 164) defendeu novamente a mesma these, affirmando que «*em 1545 escreveren Camões o Auto de El-Rei Seleuco para ser representado em uma casa particular* PELA OCCASIÃO DO NATAL.»

Em Portugal acceitaram simplesmente esta indicação, como se ella se baseasse sobre factos indubitaveis e bem provados; não honve quem a demonstrasse mais detidamente, nem quem a invalidasse com observações criticas.

Foi o erudito e engenhosissimo interprete allemão de Camões o primeiro que impugnou esta asserção (como muitissimas outras do mesmo auctor.) Este meu illustre amigo, o professor Wilhelm Storck, foi, que eu saiba, o unico a perguntar, no bello e minucioso commentario com que vae elucidando as obras do Principe dos poetas portuguezes, quaes seriam as razões que levaram Theophilo Braga áquella conclusão, apresentada como certa — mas que é evidentemente falsa. Storck não a acceita, nem em tão pouco. Com estas linhas é que vou responder á pergunta, formulada no vol. vi da magnifica traducção de todas as obras camonianas, para estudar em seguida a historia da palavra *consoar*, sua origem e seu desenvolvimento, demonstrando ao mesmo tempo o seu parentesco com as palavras *assuada* e *de consum*.

No prologo dramatico, em prosa, que serve de *Introito* ou simulacro de *Argumento* á comedia de El-Rei Seleuco, entra em scena, em primeiro logar, o proprio dono da casa ¹, para a qual Camões escrevera o seu drama. Est. da Fonseca apparece occupado com os ultimos pre-

¹ O texto diz «o Mórdomo ou o dono da casa» (cujo nome se menciona sómente no Epilogo). Subtendo, com o Prof. Storck, que Camões não quiz nem pôde impôr ao seu amigo ou protector a condição de elle entrar pessoalmente em scena; por isso indica sómente com cortezia que, caso não tivesse tempo ou vontade de fazer o papel do *Representador*, o dono se podia fazer substituir pelo seu Mórdomo.

parativos para os festejos da noite, e principalmente para a representação do Auto, á espera das «figuras» e do seu «publico». Zombando graciosamente dos seus convidados, para que o tempo da espera não se lhes tornasse aborrecido, faz do ceo cebolla, de gato sapato, e de alhos bugalhos, promettendo um regabofe, vulgar em todas as suas particularidades: casa juncada para passear, grande fogueira com castanhas, dança de espadas e machatins e musica de chocalho e buzinas. Falla da comedia, para a qual convidara, ora como se fosse uma farça burlesca, toda de riso, do cabo até á ponta, comprada a um qualquer puetastro de profissão «á cala de sua boa fama»; ora como se se tratasse de um velho Auto religioso com Ermitão e Anjo, e acompanhamento de cantochão, executado por actores e cantores da ultima ordem, mais roucos que uma cigarra, e mais sem sabor que uma perapão. Promette, n'uma palavra, enganando e illudindo sempre, uma representação publica e ordinaria, para a qual fôra forçoso deixar entrar todo o vulgo dos curiosos, conhecidos e desconhecidos, embuçados e desembuçados. E isso para quê? Para apresentar afinal, n'um patio bem alcatifado e ricamente illuminado com profusão de velas de cera donradas, uma fina comedia artistica, completamente nova, de subtil invenção, ideada por um gentil moço fidalgo, que era conhecido de todos os convidados e bemquisto de muitos d'elles, e executada por *dilettantes* distinctos, escolhidos entre os membros da sua propria familia ¹ e entre os seus amigos. Havia musica instrumental e vocal e um lauto banquete!

O Prólogo principia com a phrase: «*Eis, senhores, o autor por me honrar N'ESTA FESTIVAL NOITE me quíz representar uma farça*»; acaba com a passagem seguinte: «*E n'isto feneceirá o Auto, com musica de chocalho e buzinas, que Cupido rem dar a uma afeleceira a quem quer bem; e ir se hão cousas mercês cada um para suas pousadas, ou consoarão cá connosco d'isso que ali houver*»; e falla, no entremeio, repetidas vezes da decoração da casa, a que já alludi (*fogueira com castanhas; casa juncada, etc.*).

Para os leitores modernos e nacionaes bastará accentuar a palavra sublinhada *consoarão*, para lhes fazer entender que foi ella, exclusivamente ella, que determinou a interpretação de Theophilo Braga. O leitor estrangeiro, porém, ainda que bem portuguesado, ignorará naturalmente a significação especial que tem hoje, na vida familiar, a palavra *consoar*. Storck, pelo menos, não percebeu bem o seu valor, porque calculou que seriam 1.º) a formula *n'esta festival noite*; 2.º) a ornamentação geral da casa; e 3.º) o Auto representado, os indícios que foram interpretados como característicos peculiares da vigilia do Natal — característicos que elle declara insufficientes, allegando varias razões que o obrigam a rejeitá-los. Resumo a argumentação do illus-

1 Um dos musicos chamava-se Alexandre da Fonseca, e era provavelmente filho ou sobrinho de Est. da Fonseca. O papel do «Porteiro» parece ter sido entregue ao proprio Camões.

tre allemão, accrescentando comtudo varias observações do men peculio.

1.º) *Festival noite* é um termo muito vago e por isso improprio para caracterisar o maior dia santo de toda a Christandade.

2.º) A *fogueira* é o distinctivo da vespera de S. João (e varios outros santos); a *fogueira com castanhas* o é apenas do dia dos *magustos* i. é da Festa de Todos os Santos (1.º de Nov.). — Apezar d'isto, é para verdade que no Natal costuma tambem haver fogueiras. Queima-se um pedaço do tronco d'uma arvore bem corpulenta (oliveira, pinheiro ou carvalho), chamado o *cépo*, *madeiro*, *galheiro* ou *trafogueiro do Natal*, quer nos adros das egrejas, antes da missa do gallo, quer no lar das casas particulares. E' facto tambem que ha quem coma castanhas n'esta noite, por habito ou por acaso, ¹ mas é forçoso confessar a) que esta fructa não é de maneira alguma particular da festa do Natal e b) que para alludir ao *cépo*, não é costume fallar simplesmente de uma *fogueira*.

3.º) *Sala juncada*. E' uso antigo e geral no paiz (e fóra d'elle) juncar de ramos, folhas e flores as ruas, as egrejas e as casas particulares, em dias de regosijo, tanto religioso como domestico, especialmente em dia de casamento, de procissão, ou de entrada solemne. Nada se póde, portanto, concluir, de pratica tão vulgar.

4.º) Toda a gente sabe que em Portugal se representaram, desde tempos remotos, pela festa do Natal, diante dos presepios armados nas egrejas, nos conventos e hospitaes, nos paços reaes e em capellas e casas particulares, Autos pastoris, Colloquios e Villancicos. Mas não é menos notorio que, desde os principios do theatro portuguez, houve representações de dramas devotos tambem em outras solemnidades religiosas — Autos da Paixão na quinta feira de Endoenças, Autos da Ressurreição na Paschoa, da Adoração em dia de Reis etc. etc., e que, além de todos estes dramas hieraticos, feitos sobre assumptos de liturgia, se usavam outros profanos — farças, mômms, entremezes, eglogas e tragicomedias — compostas de proposito, por poetas regios, para os tão fallados serões da côrte portugueza, por occasião ora do casamento, nascimento ou anniversario natalicio de um rei, principe ou infante, ora motivados por grandes acontecimentos publicos. O costume palaciano passou muito depressa das Casas Reaes para os palacios dos nobres da capital e os solares aristocraticos da provincia, de sorte que, a meados do sec. xvi, os divertimentos scenicos formavam parte integrante de todos os festejos publicos e intimos.

Eis porque da representação de um Auto qualquer com Anjo e

¹ Uma cantiga do Natal diz :

O meu menino Jesus,
quereis vós castanhas quentes?
Abri a vossa boquinha
para eu ver se tendes dentes!

Ermitão pouco se pôde inferir sobre o caracter particular de um festo, e menos ainda da *mise en scène* de uma comedia profana.

Ha porém mais ainda :

5.º) Todos os autos «endereçoados ao Nascimento do Redemptor» foram representados *de dia, nas matinas do Natal* ¹ enquanto El-Rei Seleuco — como provavelmente a maioria das peças profanas — fez parte de uma festa *nocturna*, de um *sarau*.

6.º) Todos os autos do Natal que se conhecem estão em relação directa, mais ou menos íntima, com os acontecimentos da Natividade. Não ha um unico que não figure, real ou allegoricamente, o nascimento do Menino Deus. Todos devem ser desempenhados diante de um presepio armado.

Ergo: el-Rei Seleuco «cuja substancia é mui desviada», não pôde ser Auto de Natal.

Accrescentarei ainda que todas as comedias epitalamias, i. é feitas para celebrar nupcias principescas ou bodas burguezas, e exhibidas na vespera do recebimento, (genero que em Allemão tem o nome de «*Pöf-ter-abend-scherze*»), contém cousas adequadas á natureza da solemnidade, e costumam estar cheias de allusões jocoserias á vida dos noivos. Ora bem, a trama e o urdume da comedia camoniana são eroticas; a peça acaba com casamento, e allude aos amores de um certo Mendes com fulana Gonçalves.

Ergo: El-Rei Seleuco foi composto e representado por occasião dos desposorios de um dos membros da familia de Est. da Fonseca, de nome Gonçalves ou Mendes, contrahido talvez em condições bastante singulares.

Até aqui a refutação do Prof. Storck, e a these nova, que elle formulou e desenvolveu com finissimo criterio, e que eu posso apoiar — e apoiarei em outro lugar — com solidas razões.

Resta, contudo, averiguar se, apesar de tantos indicios que fallam contra a hypothese de Theophilo Braga, e apesar da falta de um presepio entre os enfeites da casa de Est. da Fonseca, a simples introdução do verbo *consoar* n'um drama do seculo xvi, é sufficiente para caracterizar o, distincta e claramente, como *Auto do Natal*.

Proverei que *não*, demonstrando que o verdadeiro e original sentido de *consoar* e *consoada* é muito differente do sentido restricto que se lhes liga modernamente e que, nos meados do seculo xvi, *consoar* significava principalmente «tomar nas noites dos dias de jejum, em fa-

¹ Entre as obras de Gil Vicente ha oito Autos do Natal, e todos foram executados nas matinas do Natal. São o *Auto Pastoril Castellano* (n.º 2, 1502); *A Sibylla Casandra* (n.º 4, 1505); *O Auto da Fé* (n.º 5, 1504); *O Auto dos quatro tempos* (n.º 6, 1505); *A Barca do Purgatorio* (n.º 12, 1518); *O Auto Pastoril Português* (n.º 8, 1523); *O Auto da Feira* (n.º 9, 1527); e *A Moína Mendes* (n.º 7, 1534). — Uma das fuças de folgar, a do *Clerigo da Beira*, trata «como este, *vespora do Natal*, determinou d'ir aos coelhos, e indo para a caça com um filho seu, rezam as *matinas*». A rubrica, porém, não diz se realmente foi representada pelo Natal; fallase simplesmente da era do Senhor de 1536. Por isso não a incluímos na lista.

mília ou *inter amicos*, uma qualquer refeiçãozinha; e para explicar racionalmente a transformação de sentido por que a palavra passou, indagarei sobre o seu parentesco com outras palavras portuguesas e castelhanas, destrinchando a final a sua, aliás, singelíssima etymologia.

I

Consoada refere-se hoje em dia quasi exclusivamente á festa do Natal.

Significa:

a) a reunião de toda uma familia com parentes ou outras pessoas amigas para a ceia, geralmente lauta e opipara, da noite do Natal. (allemão: *Weihnachts-versammlung*; *Weihnachts-zusammenkunft*).

b) o proprio banquete, ou seja ceia de familia que se costuma celebrar na *Noche-buena*, a qual em Portugal é consagrada muito prosaicamente a São-Comilão. (allemão: *Weihnachts-schmauss*).

c) o presente de doces, amendoas, ou outra qualquer especie, que se dá pelo Natal e Anno-Bom até ao dia de Reis. (allemão: *Weihnachts-geschenk*, *Christ-bescherung*). ¹

A vespera do Natal, 24 de Dez., foi sempre e é de rigoroso jejum. Eis porque a *consoada* se costumava tomar tarde, depois da meia noite ² e porque, equivalendo a uma verdadeira ceia — pantagruelica —, não é ceia, poisque não leva prato de carne. Compõe-se sómente de comidas e bebidas especiaes, de jejum, particulares do Natal, mas que, comtudo, variam de provincia para provincia, e de terra para terra ³.

A *consoada* é, pois, verdadeiramente, um *quebra-jejum*, um *break-fast* nocturno, e deve ter designado: *parca cenida*, i. é, uma qualquer refeição (de comidas leves e sem carne) tomada á noite nos dias de jejum (all.: *Abend-imbiss*); e *consoar*, antes de passar ao uso restricto usual (comer em companhia da familia na noite do Natal) deve ter significado: quebrar de noite o jejum diurno, comendo alguma coisa. ⁴

Releiam-se os documentos que eu ajuntei. São poucos em numero e insufficientes ainda, porque ha poucos dias que ando a colligil-os; mas com o tempo poderei augmental-os consideravelmente. Estou certa

¹ Sobre os costumes da noite do Natal pôde-se ver o interessante artigo de F. A. Coelho «Materiaes para o estudo das festas, creanças e costumes populares portuguezes» na *Revista de Ethnologia e Glottologia* (fasc. 11) e Th. Braga, *O Povo Portuguez* (vol. II, pag. 324).

² Hoje, porém, dão o nome de *consoada* tambem ao jantar do dia 25, repetido em muitas partes ainda no dia 26.

³ Braga tem o seu *prato de herbas*, Penafiel os seus *forquigos* ou *meiridos*, Coimbra os seus *coscoveis*. Lisboa as *bróinkas*; em outras localidades ha *bolos de bolina*, *cuscus*, *rabanadas*, *vinho quente com mel*, etc.

⁴ Temos ainda as phrases *fazer consoada* = ajuntar-se (os membros de uma familia) para celebrar conjuntamente o Natal; comer ou beber *em consoada*; e *dar a consoada* = dar prendas de Natal.

de ter lido outras muitas passagens que empregam *consoar* e *consoada* no sentido primitivo, quando ainda não tinha ténção de coordenar as minhas ideias a respeito da *consoada*.¹

Garcia de Resende na Chronica de D. João II. (pag. 156 da ed. 1798) fallando dos preparativos para o casamento do Principe Affonso refere que:

«el Rey ordenou e mandou que (as festas) fossem as mayores e mais reaes e perfeitas que se podessem fazer assi nas cousas que tocavam a cerimoniaes reaes. . . como em aposentamentos, abastança de mantimentos e outras muitas policias e sala da madeira PERA BANQUETES E CONSOADAS, e justas, momos, touros e cauas e antremeses.» (cfr. pag. 162).

e a pag. 160 *«E provea-se. . . de myltas fruytas verdes, e de tamaras, açucars e conserveas, especerarias, meles, manteiga, arroz e todas as outras cousas d'esta calidade em mylto grande abundança PERA BANQUETES E CONSOADAS.»*

O casamento teve lugar em 23 de Nov.; as celebres festas de Evora prolongaram-se, porém, até além do Natal; mas como se falla nas passagens citadas de *banquetes e consoadas* no plural, não podemos, de maneira alguma, subentender que se trata exclusivamente da «consoada do Natal».

Gaspar Fructuoso, nas Saudades da Terra, a pag. 299, relatando as façanhas do Capitão Simão Gonçalves, conta que

«EM TODAS AS FESTAS PRINCIPAES DO ANNO, principalmente na do Natal, havia em sua casa custosas CONSOADAS com ricas fructas e curiosos jogos e actos de toda a sorte».

Antonio Prestes, no Auto dos Dons Irmãos, referindo-se a uma noite qualquer, que com toda a certeza não foi a do Natal, põe na bocca de um dos protagonistas da peça as palavras:

*«Pelo serão
juntamos as CONSOADAS,
pois tão risinhas estão».*

i. é, consoemos e seroemos conjuntamente, em familia, porque já nos vamos aproximando das consoadas principaes, as do Natal.

E no Auto do Mouro Encantado, pag. 371, o mesmo escriptor introduz um villão minhoto, o qual vem visitar seu filho casado em Lisboa; custa-lhe atinar com a casa, em que este ultimo mora, de sorte que se vai fazendo tarde, antes de elle bater á porta. Por isso exclama:

¹ Por ora ainda não existe um Dicionario Historico-Critico da Lingua Portuguesa, que nos apresente um resumo bemfeito da historia dos vocabulos, demonstrando com documentos o seu desenvolvimento material, i. é sonico, e intellectual, i. é de significação. Os que existem dão longas listas para exemplificar o emprego das palavras mais usuaes e claras em quanto á sua origem, mas guardam silencio sobre todos os usos mais complicados e difficeis, onde o glottologo precisa de um material abundante, escolhido com critica sã e segura, para poder reconstruir a vida de uma palavra. Anseamos pelo apparecimento do Dicionario da Academia que, talvez, preencha esta lacuna.

*«quero sobir prestamente!
Oulá, ha cá que CONSOAR?»*

e o filho responde:

*«Não esperava por cós já,
Com «náo virá, sim virá»,
náo me achastes já deitados».*

Diogo de Paiva de Andrade, nos seus sermões (I, pag. 200) falla sobre «*se he grande peccado CONSOAR humo fati de pão*».

D. Francisco Manoel de Mello, na obra «*Guia de Casados*», pag. 102, nota que

«as antigos quebravam o jejum com qualquer cousa que comessem fóra d'aquella hora em que lhes era permittida a refeição. Veio o uso e fez CONSOAR e pôde tanto que ficou por bom uso. Aqui ajuntamos as CONSOADAS DO NATAL».

A pag. 108 torna a fallar d'estas collações frequentes de doces e fructas entre amigos, opinando que

«contado me parece convenientemente deixar cecar... as mulheres n'estas suas curiosidades femeas: serem prezadas de melhor marmelada, boas caçoulas, CONSOADAS pontuaes, licores exquisitos etc.».

E' possível, mas não é certo, que pense somente na consoada do Natal. Garcia de Rezende quando, descrevendo o banquete segundo na sala da madeira, celebrado domingo 5 de Dezembro de 1814, relata que

*«começaram a comer, e por a infinidade das iguarias, manjares, conservas, fructas, que foy como CONSOADA, durou muyto grande espaço»*¹.

O que se reconhece por estas passagens é que o anno tem mais do que uma consoada; que todas as festas principaes tem a sua; e que as pequenas refeições permittidas em dias santos ou de jejum, introduzidas primeiro sorrateiramente, contra o theor da lei, toleradas depois, e admittidas a final como bom uso antigo, são *comidas leves* com tanto rigor, com quanto costuma ser um simples *pacaro* ou *vapo d'agua* a collação que offereremos, sob este decantado titulo, a quem desejamos obsequiar.

Estabelecido isto, tratemos de examinar agora qual é aquella particularidade essencial e inherente das consoadas, que com mais vigor se manifesta na noite do Natal? Porque é que as refeições nocturnas, que se differenceciam da ceia commun em serem festivas e não levarem carne, se chamam *consoadas*?

¹ Da comessina do Natal falla o mesmo chronista no Prologo da Chronica de D. João II a pag. 23: «E as festas eram delle com grande veneração celebradas e sempre nellas se vestia ricamente, e com grande estado real guardava os antigos costumes dos Reys seus antecessores, convem a saber no Natal *consoada*, na Pascoa, Ressurreiçam, dia de Corpus Christo procissão e touros, vespóra de S. Joam grandes fogueiras etc.» -- Allusão identica encontramos na Miscellanea de Mig. Leitão de Andrade a pag. 79: «depois de *consoado* com outros, vespóra do Natal, se sahio ao pateo, pera irem á missa do Gallo».

E' bem sabido que na grande maioria das familias do *povo* portuguez a refeição da noite é, em certo sentido, a principal, porque é a unica em que, depois do trabalho jornaleiro feito e prompto, todos (ou quasi todos), os membros da familia *se reúnem* em volta do lar cazeiro para comerem em companhia, conjuntamente, *de comsum*, como se dizia antigamente e como ainda agora se diz em Tras-os-Montes (e talvez algures).

Os dias de jejum, são dias santos. Nos dias santos não se trabalha; não ha affazeres indispensaveis; ha mais descanso, mais *sacego* — eis porque é exactamente n'estes dias que o ideal da *consoada*, a *reunião* dos que formam uma familia, se torna uma realidade; e como as refeições do Natal são — em toda a parte do mundo — as que todos em geral desejam e tentam com mais empenho celebrar *em companhia e união com os seus*, a palavra *consoada* passou a designar em especial esta consoada das consoadas, a festa das festas — a do Natal.

Fica pois estabelecido, desde já, que é da formula *de comsum* que quero derivar o verbo *consoar* e o substantivo *consoada*, cuja forma archaica *consuada* por *consumida*, *consummada*, infelizmente ainda não descobri.

Vejamos, contudo, as etymologias propostas até hoje por auctores portuguezes; porque podia ser muitissimo bem que alguma d'ellas offerecesse explicação mais plausivel.

Só conheço tres.

Ha quem identifica *consoar* = *comer alguma coisa ao fim de um dia de jejum* com *consoar* = *soar juntamente, rimar*, derivando ambas as palavras do lat. *con-sonare*. Esta etymologia é facillima de explicar phoneticamente, mas *impossivel* de historiar razoavel e scientificamente quanto ao desenvolvimento da significação ¹.

Ha em segunda linha quem tira *consoada* do lat. *consolari*, sem reparar no improprio da formação, e n'uma circumstancia singular, mas importante, o facto de todos os derivados antigos e modernos d'este verbo conservarem o *l* intervogal. ²

Ha enfim quem o considere como um composto de *con* e *cear*, lat. *concoenare*, propondo a orthographia *conçoar* e julgando admissivel a mudança do *e* de *cear* em *o*, por assimilação ao *o* de *con* (!) ³.

Uma quarta etymologia, de que ninguem se lembrou, mas que se podia ter proposto com igual direito, é o lat. *continuari* (d'onde viria *conçoar*, *consoar*).

¹ Não posso citar o verdadeiro inventor d'esta etymologia que ouvi enunciar muitas vezes em conversas particulares. A noite de Natal é para os propugnadores d'esta etymologia uma noite em que os anjos cantam bellos consonantes? ou talvez uma noite em que não ha dissonancias, mas sim suaves consonancias entre os presenteados e aquelles que os presenteariam?

² P. ex. Caldas Aulete. — Estou muito conforme! os alimentos que se tomam ao fim de um dia de jejum *consolam*, sem duvida alguma, muitos Sanchos Panzas das privações passadas.

³ P. ex. Domingos Vieira.

Declaro francamente que nenhuma d'estas etymologias se pôde tomar a sério, porque todas partem da significação mais moderna e restricta da palavra e nenhuma procura decompôr a palavra nas suas partes — o prefixo *con*, o thema *so* ou *su* e o suffixo *ar* ou *ada*, para colleccionar depois outras palavras derivadas da mesma raiz, que estão em relação de parentesco com *consoada*. Por meio de um exame cuidadoso do sentido original do thema *commun* é que se chega muitas vezes á descoberta da verdadeira etymologia de um grupo de palavras, escurecida pela mudança de significação, que o tempo e o uso de longos annos produziram.

Eu já indiquei mais acima a minha opinião. O característico principal da refeição maior ou menor que o povo costuma tomar à noite, especialmente em dias de festa (e, em sentido restricto, o característico mais saliente do banquete do Natal), consiste em que n'ella *se reúnem*, se ajuntam e se congregam em volta do lar cazeiro todos os membros de uma familia, ou, ao menos, o maior numero d'elles.

Tendo esclarecido bem este ponto, passo agora a procurar outros vocabulos peninsulares, os quaes designam, pelo mesmo thema *so* ou *su*, a mesma ideia de *ajuntamento* e de *reunião*.

Os que encontro, são os numeros II e III com que rubriquei este artigo: o substantivo *assuada* e a formula *de consun*.

II

Assuada ou *assoada* (allemao: *Zusammenrothung Auflauf*) significa: 1.º ajuntamento de gente (de 10 pessoas ou mais) geralmente armada, sem consentimento das autoridades publicas, a) para uma correria, um motim, uma guerra, um roubo, em todo o caso para fazer algum mal, perturbando a ordem, ou até para commetter um crime; b) com bom fim, por causa de obrigação de honra e proveito, o que porém é mais raro; 2.º o proprio motim; tumulto, vozearia, desordem, gritaria, vaia, balburdia.

O verbo *assuar* (allemao: *zusammencerotten, sammeln, vereinigen*) quer dizer hoje: ajuntar o povo para algum mau fim ou, raras vezes, para bom fim. Antigamente, porém, significava simplesmente *ajuntar* grande porção de certos objectos ou grande multidão de gente; e *assuados* se podia traduzir então simplesmente por *juntos, em magote*.

Assuar-se é congregar-se, ajuntar-se. As locuções adverbias *em assuada*, *de assuada* e *com assuada* equivalem a *amotinadamente, tumultuariamente*.

Assuar e *assuar* são as formas mais antigas, as quaes nos textos medievaes apparecem ás vezes latinizadas (IN ASSUNATA), como se vê pelos exemplos que reuni.

Port. Mon. Hist., Leg et Cons., vol. I, pag. 190: *Quicumque in*

ASSUNADA *acceperit bovem aut vaccam pectet pro unoquoque domino Regi VI morabítnos.*

ib. 329 *item aquel que EN ASSUADA filhar boy ou vacca peyte por por cada huam'a El-Rey VI mararedis.*

ib. 221 *eu ouey consello sobre feyto das ASSUNADAS que se faziam em o meu regno.*

ib. 206 *nom caya por isso na pena que he posta nos degredos a aquelles que fazem ASSUADAS.*

ib. 222 *mando e defendo que rricome nom se ASUE nem va a ajuda doutrem.*

Canc. da Vat. n.º 1:166:

*non quer'eu cust' arreccar
pois salmon fresco acho a vender (?)
mais quero ir ben d'el ASSUAR
por enviar a miha mother.*

Ineditos de S. Boaventura III, 61

mas vamos alá todos ASUNADOS

ib. e *forom se alá ASUNADOS*

ib. 1 93 *nom sabiam por qual razom (a gente) s'ASUNARA ali.*

ib. 1 108 *os Judeus s' ASUARDOM todos*

ib. 1 127 *Ao terceiro dia fez chegar todos os mayoraes dos Judeus e desque forom ASUNADOS, disse lhes...*

Cortes de Elvas de 1361, pag. 38, *posto que o querellozo diga que lhe foi feito mal sem porque ou de proposito ou conselheiramente ou DE ASSUADA* ¹.

Sã de Miranda n.º 100,95. *São vindas minhas culpas D'ASSUADA.*

Como explicar esta palavra?

Caldas Aulete, no Dicc. Contemp., identifica *assuada* com a forma fem. do part. pret. do homonymo e homographo *assoar*. (1.º limpar o nariz, e 2.º rimar quanto ás vogaes e não nas consoantes; alemão: 1.º *sich schäutzen*; 2.º *assoniren*) o qual deriva, de facto, de *sour* = lat. *sonare* (*ad-sonare*). Subentende, portanto, que o som, o ruído, o barulho é o característico das *assuadas*. O Dicionario da Academia não explica bem a sua opinião: só menciona um latim-bar-

¹ Em hespanhol antigo temos *asonar* e *asonada*.

Conq. de Ultr. pag. 59 quando estoviesse com menos compaña que agora, que está tan *asonado* e tan apercebido e con tan buena caballeria.

ib. 413 E entanto que el Rey de Donas estava *asonado* con su hueste.

531 Aquel turco habia poder de *asonar* grand yente.

579 Eneuanon Saladin facia sus *asonadas*.

598 *asonaron-se* é fueron sobr' ellos.

baro *assonata*, que nunca existiu! ¹ S. Rosa de Viterbo contenta-se com a allegação de uma unica passagem para determinar o sentido e a derivação de *assoar* e *assunare*.

Alguns outros lexicographos ² offerecem parecer mais sensato, porque reconhecem como elemento principal de *assuar assuar assuam* o adverbio *sum* contido na phrase *de consum*; mas não explicam, ou explicam mal, o que era e d'onde provinha o tal *sum*.

III

De consum é uma locução adverbial, antigamente muito usada, hoje rara em Portugal, mas que ainda assim não devia faltar n'um Dicionario Contemporaneo, porque continúa a viver em Tras os Montes—como já disse—e foi empregada ainda por Alexandre Herculano ³. Viven e vive até esta hora tambem em Hespanha, onde os melhores romancistas actuaes não se pejam de empregar a formula *de consumo*, apesar de a verem quasi proscripta da fina confectação e marcada com a má nota de *antiquada* no archiclassico Dicionario da Academia. Significou sempre, e significa ainda hoje, cá e lá: *juntamente* podendo-se traduzir, conforme as occasiões, por *unanimemente*, *em commun*, *de companhia*, *em sociedade*, *consorcio* e *mutua correlação*; *simultaneamente*, *ao mesmo tempo*, *de mão commã*, *de commun accordo*, *consentimento e vontade* (allemao: *zusammen*, *insgesammt*, *gemeinsam*, *gemeinschaftlich*, *selbender*, *miteins*, *mitsammt*, *an ein und demselben Orte und zu gleicher Zeit*).

A forma archaica de *deconsum* é *de con-su-um*; e ao lado d'ella encontram-se nos documentos antigos, com igual significação e emprego absolutamente identico, as variantes de *su-um* e *desum* (ou *de-sua* *dessuã* *desuã*), em castelhano *de so-uno* ⁴.

Ahi vão alguns exemplos, como testemunhas irrefutaveis da verdade do que digo.

DE CONSUM:

Ord. Aff. 166,4. Partindo bem com elles as gaanças que fezerem *de consum*.

¹ *Assonata* (com *n*) não é senão uma barbara latinização de *assuada*.

² F. A. Coelho, Moraes da Silva, Frei Domingos Vieira e o Cardeal Saraiva.

³ Frei Domingos Vieira extractou a passagem respectiva do cap. 5 da «Abobada».

⁴ *Dessuum* *dessuã* *de suã* são variantes meramente orthographicas de *desuum*. Este ultimo se contrahiui mais tarde, regularmente, em *desum* (ou *desuã*); as formas *dessuã* *sua* e *suã* nunca existiram: são filhas de má leitura dos manuscriptos originaes ou erros de escripta. — *Em suum*, citado pelo Cardeal Saraiva poderia ser synonymo de *de suum*, como *emment(r)es* foi synonymo de *dement(r)es*. Eu, contudo, ainda não descobri esta forma, e julgo que é deturpação inconsciente de *em humm*.

ib. II 7,6 mandando que vivam *de consuum* os (casados) que som apartados pela Igreja.

Hist. Gen. Prov. I, pag. 276. El-Rey D. Pedro I recebeo por palavras de presente a D. Ignez de Castro, e teve a dita D. Enez por sua molher lidima, vivendo ambos *de consuum* ¹.

DE CONSUO:

Gil. Vic. I 89 y las tres diesas troyanas
dexarán de ser señoras
de consuno.

ib. pag. 92 Diana y Febo lumbroso,
Mars, Mercurio, Venus, Juno
donde moran
Y Saturno venenoso
todos juntos *de consuno*
te adoran.

Sá de Miranda n.º 115,267 var.:

Ansi lo digo a entrambos *de consuno*.

ib. n.º 151,268:

Tambien io, malpecado,
allá voi *de consuno*.

DESUUM:

Port. Mon. Hist.: Script. I, pag. 249: ajuntarom-sse todos *de suum*.

ib. pag. 264 poderiam caber muy bem LXX ou LXXX cavaleiros *de suum*.

ib. pag. 281, vaamos *de suum*.

Ined. de Boav. II 25 e Abraam ia *desuñ* com eles. ²

Ord. Aff. I 63,24 este nom deve seer feito senom por maaõ d'homem que haja alguma d'estas duas cousas: ou que seja seu natural que lho faça polo divido que ham *desuum* ou que seja homem muito honrado que o faça por sua bondade.

DE SO UNO:

D. Juan Manuel, Castigos, cap. XIX, pag. 132 e seran dos ayuntados *de so uno*.

Conq. de Ultramar, pag. 529 e los ninnos de los ricos homes de la tierra . . . trebejaban un dia *de so uno*.

Isto bastará. Falta, porém, examinar de relance as varias derivações tentadas por lexicographos nacionaes, que eu julgo dever

¹ O documento pôde ser apocrypho, a linguagem é, contudo, do sec. XV.

² Et Abraham simul gradiebatur deducens eos. — Ha ainda exemplos do emprego de *de-suñ* nas Ord. Aff. V, 109 e I 651.

classificar como *más*. F. A. Coelho passou em claro por estas palavras, registando-as apenas. Santa Rosa de Viterbo não entendeu bem as locuções, a que me refiro, nem as soube derivar: quiz contrapôr a *deconsuum* (traduzido bem por *juntamente e de companhia*) as formulas *desuum desum dessum* (sic), as quaes traduz erroneamente com *um depois de outro, não simultanea, mas successivamente* ¹. Moraes ² tira todas as formulas mencionadas do latim *simul insimul*, (ao qual accrescenta barbarismos como *de-simul a-simul* e *de-cum-simul*). Esta interpretação foi repetida posteriormente innumeradas vezes; ha pouco ainda por Frei Domingos Vieira. Este erudito, porém, quiz modificar-a levemente, affirmando que o elemento *suum* corresponde ao latim *insimulandum* (!) Note-se ainda que nenhum dos auctores mencionados desconhece a palavra antiquada *ensembra*, e que todos a derivam correctamente, do mesmo adverbio latim *in simul*, que deu a vida ao francez *ensemble*, ital. *insembre insembra*, ant. hesp. *ensembra* e *ensemble*. Quem affirma taes disparates, quem julga possivel que os mesmos sons que produziram *en-sembra*, podessem produzir simultaneamente ainda *em suum*, entende pouco ou nada das leis estaveis e firmes que regem a formação e o desenvolvimento de uma lingua.

Mas ainda não chegamos ao fim: caminhemos, pois, posto que seja de Scylla para Charybdis. O cardeal Saraiva (vol. ix, pag. 12 e 83); rejeita no «Glossario de Vocabulos da lingua vulgar portuguesa que trazem origem do Grego» a etymologia latina *insimul* como impropria — o que é bem feito — para a substituir pelo grego *sin syn* — o que é mal feito ³. O douto prelado ignora completamente o verdadeiro caracter e valor d'aquella palavrinha, como se vê pelos exemplos que allega e pela burlesca traducção «litteral» de *assuada*, com que regala os seus leitores: *puncada de gente em unido*! Com que fim se

¹ No documento de 1292 que elle allega para provar a exactidão do seu parecer, achamos «*ensembra nem desuum*». É uma das muitas formulas tautologicas que repetem duas vezes a mesma ideia, em termos differentes, para lhe dar mais realce. Moraes já emendou o erro do Elucidario. Nesta obra muito meritória, mas que precisa d'uma nova edição reformada e muito ampliada, procurem-se os vocabulos *Dessui desum* e *deconsuum*. Neste ultimo artigo o leitor é remetido a *consuum*; mas tal artigo falta, ao menos na 2.ª ed. da qual em me sirvo. O resumosinho do Elucidario intitulado «Pequeno Dicionario Portatil» — o qual varia bastante do grande — inclae contudo *consuum*, dando debaixo d'esta rubrica um mero «Vid. *Deconsuum, desui e desum*». O leitor obediente procura *Desum* e vê-se em frente da enigmatica interpretação: *O mesmo. Seria erro, por «o mesmo que desum?»*

² Leia-se o artigo de *suum* e comparem-se ainda os outros cinco que tratam de *consuum deconsuum desum desui dessui* ou *desuum* e *suum* (ou antes *sui* e *sua*, porque é assim que achamos impresso no logar competente). Acho muito inconveniente dar a explicação de um termo em varios artigos dispersos. N'um bom dicionario deve-se acceitar como fundamental a melhor fórma das palavras; as variantes devem-se rubricar apenas, com a marca correspondente de ant. desus. pop. vulg. fam. etc. Se a definição é identica, é inutil; se é differente e emprega termos distinctos, pôde confundir o leitor inexperto.

³ A pag. 294 nas «Reflexões criticas sobre o dicionario de Moraes da 4.ª edição» formula novamente esta sua opinião.

citam *synágo* e *synáisso* se não é porque o cardeal considera os verdadeiros themas *ago* e *aiisso* como meros suffixos, e o prefixo *syn* (= lat. *cum*) como raiz de ambas as palavras? A significação, illusoria, d'esta raiz seria *cahir sobre; cahir com impeto, e em união!* Com o mesmo direito poderia ter citado *sympathia* ou *syncope*, *syneretismo* ou *symphonia*, ou outro qualquer termo escolhido *adlibitum* entre os milhares de palavras gregas, que iniciam com o prefixo *syn* ¹.

Basta, porém! É tempo de eu formular a *minha* etymologia.

Sum, contrahido de *suum*, o elemento commum ás tres palavras que tenciono explicar, e que são *consoada* (de *consuãda*, por *consuã-nada*) *assuada* (de *assuãda*, por *assuã-nada*) e *de consum* (por *de consuam*) é a formula latina *sub uno*, vulgarismo que substituiu nas provincias o classico *unã*, *ad unum* e *cum uno*. O radical, o thema, a parte principal de todas ellas, é, pois, o numeral *extus* (hesp. *uno*, port. *hum* *um*) o qual apparece intimamente ligado e completamente amalgamado com a preposição *sub* na formula *subuno* vulg. *su uno*. A idea constituinte é a da *união* e *reunião*, *unidade* e *unanimidade*; da *coordenação de varias cousas ou pessoas debaixo ou sob uma concepção mais vasta*.

Posso adduzir ainda outra testemunha, que fallará em favor da minha asserção. A par de *de suum* existiu em port. antigo a locução synonyma *em hum*, em castelhano *en uno*, ambas muito usuaes, e que correspondem ao lat. *in uno*. Variam de *de-su-um* e *de-com-su-um* apenas emquanto ás preposições empregadas e podiam ser substituidas por aquellas formulas, indifferentemente, em todos os casos onde apparecem. Dous exemplos porão fóra de duvida este ponto. Veja-se:

Port. Mon. Hist., Script. a pag. 276 *ca em outra guisa nom os poderia achar em hum*.

Ined, de S. Boav. n 55: *e foy junta em hum a alma delle com ela*.

A phrase era mais vulgar em Castella. Com pouco trabalho reuni nove exemplos caracteristicos, que vão em nota. ²

¹ Na setima edição do Dicc. de Moraes encontro repetida esta bella etymologia e parece-me que já foi introduzida na 5.^a, que não possuo. No artigo *de-sum*, em contradicção com o que se avança trinta linhas mais abaixo, affirmase categoricamente que esta formula vem do -lat. *simul*, ou antes da prep. grega *syn* ou *supra*.

² Poema del Cid. 106 Rachel e Vidas *en uno* estavan amos.
Poema de Alex. 317 Comien per aventura tres deussas *en uno*.
Poema de Alex. 1834 Demas un a otro tan grant bien se querien
quel uno del otro partir non se podien;
en uno comien ambos, *en uno* yazien,
encara los vestidos *en uno* los ponien.

D. Juan Manuel pag. 134 da Ed. Rivadeneyra:

dandole a beber vinagre é fiel vuelto *en uno*.

136 et que puedan haber quatro mujeres legitimas *en uno*.

Sobre a formação de *assuada*, *consuada* e *de consum*, pouco ha que dizer: ella é regular e perfeitamente transparente. Examinemos primeiro *sum* nascido de *suum*, de *sub uno* ou antes de *su uno*. Não se deve fallar de syncope de um *b* medial, porque esta syncope não existe; o *b* que desapareceu, era final; e, rarissimo já em latim, foi apocopado em todas as fórmãs que passaram para o português (Jó, Jacó etc.). O prefixo *sub* apparece na Península em palavras populares, na fórmula *so su*, *son som* (e em varias outras que posso omitir aqui); *sób'* e *sub* são fórmãs eruditas. — *Um* ou *huum*, contrahido posteriormente em *um*, de *uno*, não precisa de explicação; a contracção das vogaes identicas, em immediata visinhança, em uma só, era indispensavel. Cfr. *dôr* de *do(h)ore*; *côr* de *co(h)ore*; *sô* de *so(h)us*; *má* de *ma(h)a* etc.

Assuada compõe-se do prefixo *a* (por *ad*); do radical composto, *s(u)u(m)* cujos elementos já conhecemos, e do suffixo *-ada*. O *s* inicial foi dobrado como em *assim* *assoar* *assanhar*. O *u* medial entre vogaes devia cahir forçosamente, (como cahiu em *toar* = *tonare*; *dour* = *donare*; *soar* = *sonare*; *coroar* = *coronare*), depois de se ter nasalizado (*assuada* *tôar* *dôar* *sôar* *corôar*). *Consuada* tem a mesma formação, distinguindo-se sómente pelo prefixo *con*.

Em *consum* o *u* final nasalizou-se como em *um* *aliquam* *nehum*.

Os litteratos portuguezes adoptaram de preferencia a orthographia *assuar* (de *ad-sub(u)-un-are*) para differenciar este verbo de *assoar* (*ad-son-are*), e fizeram muito bem. Se não se resolveram até hoje a separar da mesma maneira orthographicamente *consuar* (= *con-su(b)-un-are*) de *consoar* (= *con-son-are*), foi porque desconheceram a sua composição e origem, ignorando por isso a identidade do radical de *assuar* e *consuar*.

Para concluir direi ainda que não sei como se conjugam hoje estes verbos, mas que presumo que a sua flexão — aliás pouco usada — seja *assôo* e *consôo*, i. é, que o *u* (ou *o*) surdo do infinitivo passa para *ô* fechado nas 3 pess. do sing. e 3 do plur. do pres. do ind. e conj. — por analogia com *assoar* *consoar* *coroar* etc.

A accumulção de preposições ou prefixos que se nota na fórmula *de-com-su-um*, e que talvez pareça estranha e ridicula a alguns leitores, não é unica. Peço-lhes que se lembrem por ex. de *escomenzar* = *ex-cum-in-itiare*, e de *para comigo* = *per-ad-cum-me-cum*! A composição foi, de resto, tão intima; a liga está tão bem feita, que sómente

D. Juan Manuel pag. 261 recelando que vernia alguno... decir como la infanta et don Anrique eran desposados *en uno*.

270 Et una de las cosas que vos ayudaran para esto es que vos veades *en uno* cada que cumpriere, et non moredes mucho *en uno*, ca de la grand morada *en uno* nasce ó menosprecio ó desavenencia.

as artes chímicas — mas não alchímicas — do glottologo conseguem decompôr estes corpos nos seus elementos.

Faltam os documentos para comprovar a existencia de *consuada* e *consumada*. Logo que appareçam estas fórmulas archaicas, com a significação vaga e extensa de *reunião* e *ajuntamento*, poderei dar esta pequena dissertação por concluída. Até lá a minha demonstração pecca por deficiente e incompleta.

Porto, Janeiro de 1887.

CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS.

TRADIÇÕES POPULARES ALENTEJANAS

II

Conto popular

2. — O conto da raposa

Haviia 'mâ rapôosa que tiinha muunto piôolli' no ráabo e fôí á cáasa d'uum bräabêér' a cortáal-o, e diisse-le q'ô détäasse p'ráa ciima d'uum tilháado. No ôotre diia fôí láa, e diisse-le: — O' sôo bräabêér', dêe-me cá o mê ráabo. — Atirêe co' êel' p'r'ó tilháado. — Entâ fuurte-l' 'mâ naváalha. E fuurtôo-l' 'mâ naváalha. Fôí á cáasa d'uum ôlêero e diisse-le: Aquii teim êesta naváalha, q'êe p'r'a rapáar as tegéelas. Fôí láa no ôotre diia: — Ô sô ôlêero, aonde 'stá a m'nhá naváalha? — A s'â naváalha cuubrêe' á rapáar as tegéelas. Entâ fuurte-l' 'mâ tegéela. Fuurtôo-l' 'mâ tegéela. Fôí á cáasa d'uum ôrtelâao: — Ô sô ortelâao, aquii 'stá êesta tegéela q'ê p'r'a regáar as brêengéelas. Fôí láa no ôotre diia: — O' sô ortelâao, q'êe da m'nha tegéela? — Cuubrêe-a, de regáar ás brêengéelas. — Entâ fuurte-l' 'ma brêengéela. Incontrô uum rapaziinh' amontaade nuum burriinh' a comêer num bocadiinho de pãa' e dêe-l' a brêengéela. Fôí no ôotre diia: — O' rapaziinho, dáa-m' á m'nha brêengéela. — Comii-a com páao: — Entâ fuurte-t' a burriinha. Fôí á cáasa d'uum mulêero: — Aquii teim êesta burriinha, q'êe p'r'a l' acár'taar á fariinha. Fôí no ôotre diia: — Q'êe da m'nha burriinha, sôo mulêero? — A s'â burriinha morrêe d' acár'taar á fariinha. — Entâ fuurte-l' uum sâacc' de fariinha. Fôí á cáasa d'uma méestra de m'niinas: — Aquii teim êeste sâacc' de

fariinha, p'r'a fazêer buliinhes p'r'áas s'ás m'ninas. Fôï no ôotre diia: — Q'ée do mé saacc' de fariinha? — Do saac' de farinha fiiz buliinhes p'r'áas m'nhas m'ninas. — Agóora fuurte-l' 'má m'niina. Fôï â cáasa d'uun viiulêere: — O' são viiulêer', aquiï teim êesta m'niina, q'ée p'r' aprêndêer a tocári viiôola. No ôtro diia fôï â buscáar a m'niina: — A s'á m'niina morrée de tocári viiôola. Entâ fuurte-l' 'má viiôola. E furtôo-l' 'má viiôola. Fôï p'r'aa ciima d'uun tiilháado, e pôis-s' a tocári e a cantári:

Ê do ráabo
fiiz naváalha,
da naváalha
fiiz tegéela,
da tegéela
fiiz brêengéela,
da brêengéela
fiiz burriinha,

da burriinha
fiiz fariinha,
da fariinha
fiiz m'niina,
da m'niina
fiiz viiôola...
Tum, tum, tum,
Que m' vôo embóora. ¹

(Recolhido em Villa-Boim, concelho d'Elvas).

A. THOMAZ PIRES.

A ETYMOLOGIA POPULAR

E' tão interessante para a etymologia em geral, para a psychologia e a historia da linguagem o processo da etymologia popular que estou certo que as contribuições recentes dos snrs. J. Leite de Vasconcellos e Julio Moreira ² nesse dominio foram recebidas com agradecimento por todos os investigadores a cujo conhecimento chegaram.

Depois que me occupei d'esse assumpto nas *Questões da lingua portugueza* (Porto, 1874), pag. 109 e segg., reuni alguns outros exemplos, parte dos quaes foram achados tambem pelos referidos philologos, o que prova a sua generalidade, tão digna de notar-se. Esses exemplos communs são: *Migalhada* por *Mealhada*, *mão refinada* por *mão de finado*, *tres-só* por *treçó*, *Santanaz* por *Satanaz*, *Fonte da Ourina* por *Fonte Tourina*, *Leonardo perpetuo* por *Lunario perpetuo*. *Vagamundo* por *vagabundo*, reproduzido pelo snr. Julio Moreira, tinha

¹ O anexam: — «A raposa anda toda a semana a dar, e tira tudo ao domingo», terá relação com este conto popular?

² Na *Miscellanea de Filologia, dedicata alla memoria dei Professori Caix e Canello*, pag. 263-269 e na *Revista Lusitana*, 1, pag. 56-59.

já sido dado por mim, — *Questões*, pag. 119. *Sanchristão* por *sacristão*, reproduzido pelo snr. Leite de Vasconcellos, já tinha sido dado pela snr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos *Studien zur rom. Wört-schöpfung*, pag. 104.

Vou dar agora alguns exemplos que creio novos.

a) *Palarras substituídas por outras da lingua em virtude apenas de similhaça phonetica.*

Ulysses por *Lyuce*, nome d'uma embarcação. Ouvido no Porto. O nome de Ulysses foi vulgarisado pelos versos saídos da escola bocagiana: «Ulysses era sapateiro» etc., de que me affirmaram ter sido auctor, em parte pelo menos, Ricardo José Fortuna, o ultimo dos bocagianos, que ainda por 1860 redigia versos para os cartazes das touradas em Lisboa, e foi o auctor das *Astucias de Zanguizarra*.

Mastro da Garvea por *Vasco da Gama*. Ouvido no Porto. Prova quão pouco são conhecidos do povo os heroes nacionaes. A' primeira vista a troca é extraordinaria; mas confrontem-se da fôrma seguinte os nomes e ver-se-ha que não o é:

Mas-tro da Ga-vea
Vas-co da Ga-ma

Ha duas trocas de sons proximos labiaes *m* e *r* e de *k* e *t* (masto, mastro), trocas sem duvida não normaes na lingua; o momento psychologico, porém, como em toda a etymologia popular, prepondera aqui sobre o phonetico. Talvez este exemplo pertença já um pouco á classe c).

Rua de Pedro-Sino por *Rua do Patrocinio*. Ouvido em Lisboa.

Tintura d'odio por *tintura d'iodo*. Ouvido em Lisboa, etc.

Agua d'objecto por *agua de vegetal*. Vulgar.

Escapulas por *capsulas*. Não raro.

Picacoelho por *ipecacuanha*. Ouvido em Lisboa.

Cartilha por *carretilha* (de *carreta*, der. de *carro*), instrumento com uma roda serreada que serve para cortar massas doces, etc.: confundido com *cartilha*, der. de *carta*. Fôrma fixada na lingua.

Cifrão por *syphão*. Muito vulgar em Lisboa.

Sellim por *cylindro*. Ouvido em Lisboa.

Belverde por *belvér*, com influencia de *verde*.

Valverde por *belvér*, com influencia de *valle* e *verde*.

b) *Alteração parcial d'uma palavra por influencia d'outra sem interpretação de sentido.*

Distrilítro por *districto*, com influencia de *litro*. Ouvido a um ca-traeiro de Setubal.

Emboticar por *hypothecar*, com influencia do adv. prefixo *em* e de *botica*. Vulgar na Extremadura. Tambem se diz *embatocar* por *hypothecar*.

Malmequerque por *Albuquerque*, com influencia de *malmequer*. Ouvido em Lisboa.

Rodrigão, hesp. *rodrigon*, do lat. *ridica*, com influencia do nome *Rodrigo*, como já Diez notara E. W. II ³, 174.

c) *Palavras substituidas por outras em virtude de similhaça phonetica com interpretação de sentido.*

Deputar por disputar. Os *deputados* vem para Lisboa *deputar*. Uns homens estavam *deputando* por causa das obras da barra. Ouvido em Vianna do Castello a um marinheiro.

Ferrugem da chaminé por fuligem (felugem). Freqüente.

Premio de casas por predio. Vulgar na Extremadura.

Breloques por blocs. Ouvido nas obras do Porto de Leixões. Como os *blocs* se suspendem a correntes de ferro para serem lançados ao mar, não receio pôr o exemplo nesta classe.

d) *Derivados novos, palavras forjadas substituidas a outras em virtude de similhaças phoneticas com interpretação de sentido.*

Clarete por chloreto de cal, como se fosse um derivado de *claro*, porque o chloreto de cal serve para branquear, fazer *clara* a roupa. Muito vulgar em Lisboa.

Regalice do fr. *régisse*, alcaçus, que, como doce, *regala*. Nos dicionarios da lingua.

Andorinha, do lat. *hirundo*, -inis ou talvez antes de *hirundinina*, como se fosse um derivado de *andur*. Fixado na lingua.

Santa Magestina por *Septuagesima* (Domingo de). Ouvido a gente da Beira.

Espantera por *panthera*, como se derivasse de *espantar* e significasse o animal que espanta. Ouvido varias vezes ¹.

Mal-feio por *morphea*. Muito frequente em diversos pontos.

Meninas eternas por *meninas internas* d'um collegio; as *meninas eternas* são as que estão sempre no collegio.

Todos esses exemplos representam a boa e verdadeira etymologia popular no sentido que primeiro Forstemann deu a essa expressão. Os exemplos d'esse genero colligido até hoje em portuguez pelos citados philologos, a snr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos e o auctor d'estas linhas são ainda pouco numerosos (não attingem o numero de cem) para permittirem uma classificação psychologica como a que O. Weise esboça de modo ainda incompleto num bello artigo *Zur Charakteristik der Volksetymologie* ².

Por vezes a determinação d'exemplos de etymologia popular offerece difficuldades. O caso dá-se com *sargento* que designa na terminologia technica o mesmo instrumento d'apertar madeira que o cha-

¹ O nome de *panthera* foi assignalado para a etymologia popular. Do sanskrit *pundarika* (nd cacuminaes) fizeram os gregos (*panthēr*) como se fosse um composto de *pan* tudo e *thēr* animal; os allemães quizeram de novo ver o seu *tier* animal na palavra que lhes chegou pelo latim: no maa, ha *pan-tier*. G. Curtius, G. E. 4 pag. 430; A. Vanicek, *Fremdwörter in Griechischen und Lateinischen*, pag. 41, O. Weise, art. cit. infra, pag. 212.

² *Zeitschrift für Völkerpsychologie und Sprachwissenschaft* herausgegeben von prof. Dr. M. Lazarus und prof. dr. H. Steinthal, XII, Bd. S. 203-223,

mado *cingente* e ainda outros instrumentos d'apertar. Nas oficinas de tecelagem ha assim um *sargento d'apertar* differente do *cingente* propriamente dito. Ora aqui póde ser-se tentado a ver um simples caso de etymologia popular; mas em francez ha *sergent* num sentido semelhante, que em verdade se pretendeu explicar tambem por etymologia popular. Eis o que a esse respeito diz Littré s. v.: «*Sergent*... Terme de menuiserie. Barre de fer ou de bois aplatie par un des bouts, et qui sert à tenir serrées les pièces de bois qu'on a collées et celles qu'on veut cheviller. On a prétendu que ce mot était une corruption de serre-joint; mais cela paraît une pure hypothèse, serre-joint ne se trouvant nulle part et sergent (le serviteur) étant tout à fait dans les habitudes du langage figuré des ouvriers; en preuve, le valet, instrument de fer qui maintient sur l'établi la planche à travailler.»

Sergento no sentido de *cingente* suggere tres hypotheses: 1.^a é uma etymologia popular portugueza; 2.^a originou-se em portuguez pelo mesmo processo sematologico a que Littré attribue o emprego indicado do fr. *sergent* (port. ant. *sergente* = lat. *servientem*); 3.^a veiu do francez, como muitos outros termos tecnologicos ¹.

Parece-me que a segunda hypothese é a mais accetável. *Cingente* poderia ser uma correccão primeiramente erudita, depois vulgarisada, de *sergente*, *sargento*. Temos tambem *moço* designando um instrumento semelhante ao *sargento*.

Nas traducções de palavras estrangeiras, sobretudo francezas, ha ás vezes processos que lembram o da etymologia popular, comquanto não devam ser confundidos com este.

O fr. *entremets*, prato do meio, acha-se traduzido em livros de cozinha por *entremecio*, como se *mets* fosse o mesmo que *meio*.

O fr. *exploiter* é traduzido absurdamente por *explorar*, sendo aliás palavras de sentido e origem muito diversa. Os hispanhoes adoptaram para fugir á difficuldade o gallicismo *explotar*. *Desfructar* nem sempre póde traduzir *exploiter*.

Aurifrisio designa, segundo o volume unico do *Diccionario da Academia*, «certa ave grande, chamada communmente aguia marinha», isto é, a aguia pesqueira, brita-ossos ou xofrango ². Cita-se alli Fr. Bernardo de Brito *Chron. de Cister.* liv. iv, cap. 22: «Ha outras aves pönco menores que aguias, chamadas *aurifrisios*, que tem um pé brando e largo a modo de patos e accomodado pera nadar com elle, e outro armado com umas unhas mais crueis e rompentes, que as das proprias aguias.»

«*Aurifrigia*, *Aurifrisia*, *Aurifrisum*. Fimbria aurea, limbus aureus, Gall. *Frangé d'or*» Ducange s. v. Como é que uma palavra que

¹ Aos exemplos d'etymologia popular franceza que reuni nas *Questões da Ling. port.* juntarei o seguinte colhido em Littré: *âne salé* alteração do nome do jogo inglez *Amal Sally*.

² E o *haliaetus nius* de Savigny, *falco ossifragus* de Gmelin.

significa etymologicamente e nos documentos medievaes *franja d'ouro* veio a designar a aguia pesqueira? Evidentemente, não por um processo popular, pois a expressão não é popular, mas por alguma monstruosidade erudita. Vejamos. Em francez o nome da aguia popular é *orfraie*, de **osfraie*, do lat. *ossifragus*, d'onde tambem o nosso *cofrango*. Os nossos eruditos, ou antes Fr. Bernardo de Brito, confundiram *orfraie* com *orfoi*, que é o reflexo francez do baixo latim *aurifrisum*, *aurifrisium*, e traduziram o primeiro termo por este, cuja etymologia por acaso conheceram.

Nas *Questões da ling. port.*, pag. 115-116, trasladei de J. Quicherat traducções latinas medievaes de nomes de logar francezes, que, comquanto em parte assentem sobre verdadeiras etymologias populares, não deviam todavia ser considerados senão como um processo erudito, apparentemente similar, mas realmente distincto da etymologia popular propriamente dita, e identico ao que nos manifesta *aurifrisio*. O exemplo alli extractado de Gil Vicente *indulgencia pearnaria* por *indulgencia prenarica* (*plenaria*), se não era popular, mas sim fabricado por aquelle escriptor por zombaria, deve ser riscado. Os snrs. J. Leite de Vasconcellos e J. Moreira, renniram nos seus citados artigos 38 exemplos de alteração de palavras por similhaça ou mistura com outras em que a intenção de zombaria ou gracejo é evidente. Conheço muitos outros do mesmo genero; cada um de nós os fabrica com facilidade na conversação familiar. *Bacharel* torna-se *baixo e reles*, por esse processo, *Germano* — *Genero-humano*, etc. Esse genero não deve ser confundido com o da etymologia popular, apesar da sua relação externa com elle, e tem apenas um interesse muito secundario, porque não nos revela nenhuma das verdadeiras forças vivas da linguagem. E' elle e não o da verdadeira etymologia popular que deve ser posto ao lado dos *trocadilhos*, *charadas*, etc.

A critica das partes dos artigos dos snrs. J. Leite de Vasconcellos e J. Moreira consagradas a esse genero, em que o primeiro d'estes dois philologos crê apresentar uma novidade, estava préviamente feita por O. Weise ¹.

O snr. J. Leite de Vasconcellos viu bem que o que elle chama etymologias populares do primeiro grau se distingue claramente do que elle chama etymologias do segundo grau; o mesmo viu o snr. J. Mo-

¹ „Doch ehe wir weiter gehen, muss es zunächst unsere Aufgabe sein, das Gebiet der Volksetymologie etwas genauer abzugrenzen: Man ist im Laufe der Zeit soweit gegangen, unter diesen Begriff alle diejenigen Wörtererklärungsversuche zu subsumiren, in denen die ursprüngliche Bedeutung nicht auf dem Wege sprachgeschichtlicher Forschung eruiert wird, sondern der Wortklang die einzige Norm der Etymologie abgibt, in denen daher alle, auch fremde Wörter, aus dem heimische Sprachschätze gedeutet werden. Mit Unrecht; denn von der Wahren Volksetymologie in dem Sinne wie sie Förstemann aufgefasst hat, als er diesen Namen erfand, ist sorgfältig zu trennen und fern zu halten, was durch spöttelnden volkswitz geschaffen worden ist oder den Schrullen grübelnder Gelehrter sein Dasein verdankt, also auf *absichtlicher Entstellung* oder künstlicher, unrichtiger

reira que estabelece igualmente duas secções. O primeiro diz que a segunda secção, a das verdadeiras etymologias populares «compreheende as palavras ou phrases em que o sentido se perdem, em que a formação é, ou pelo menos se revela hoje, perfeitamente inconsciente». O sr. Leite quer dizer que nesse caso a representação da palavra alterada não está no espirito do que falla e que a substituição se deu inconscientemente. Isto é perfeitamente exacto, mas estabelece uma profunda linha de separação psychologica entre as etymologias verdadeiramente populares e as que o referido auctor chama do primeiro grau.

Esta critica dirige-se tambem em parte ao que eu escrevi em 1873 sobre etymologias populares, e a que já fiz acima algumas restricções. Nos exemplos como *filho da pucara*, *filho da curta*, para evitar uma palavra baixa, *seiscentos nabos* por *seiscentos diabos*, ha motivos ethicos e religiosos ¹, muito interessantes, e que nos revelam tambem forças vivas da linguagem popular, mas esses exemplos separam-se das verdadeiras etymologias populares, porque a representação das palavras alteradas existe no espirito d'aquelles que os empregam.

Conquanto de muito interesse para o conhecimento do espirito popular, as lendas etymologicas toponymicas, de que no citado artigo o sr. J. Leite de Vasconcellos dá alguns exemplos, devem ser separadas das etymologias populares, no sentido de Förstemann. Essas lendas não levam em regra á alteração dos nomes de logar e entra nellas um elemento de livre phantasia, constituindo um producto especial que se colloca ao lado das palavras; assim na explicação do nome de *Paranhos* ², que o povo das proximidades do Porto diz chamar-se assim porque os francezes *pararam* quando lá chegaram.

A etymologia popular é, como a define Steinthal ³, uma compre-

Deutung beruht. Daher in gleicher Weise die naiven Wortklärungsversuche der alten Grammatiker und die Grillen etymologisirender Mönche als die Wortspiele der Komiker und Satirenschreiber und die *Wortdrehungen* des alle Zeit schlagfertigen Soldatenwitzes von unserer Betrachtung ausgeschlossen bleiben müssen». Art. cit., pag. 207.

Hermann Paul *Principien der Sprachgeschichte* (1.^a ed.), pag. 120, depois de ter fallado de duas especies que distingue na etymologia popular, comprehendendo a primeira as modificações, por similhaça, das antigas palavras da lingua, e a segunda as modificações immediatas, tambem por similhaça, de palavras d'origem estranha, diz: «Ganz verschieden ist natürlich auch die absichtliche, witzige umdeutung».

¹ Sobre o momento ethico na linguagem vid. W. Wundt *Das Ethische in der Sprache* em *Deutsche Rundschau* 1889 (não tenho á mão o numero) e L. Tobler *Aesthetisches und Ethisches im Sprachgebrauch* em *Steinthal's Zeitschrift für Völkerpsychologie* vi, 385-428.

² *Paranhos* está por *Paramios*, forma que se acha em documentos e na Galiza, e que provem de *paramo*, *paramus*, empregado já numa inscripção hispano-romana. Vid. *Corpus Inscript. lat.* ii index, e cf. *Segontia Paramica* Ptol. ii, 6, 50 e 66.

³ *Geschichte der Sprachwissenschaft bei den Griechen und Römern, mit besonders Rücksicht auf die Logik*. Berlin, 1863, 8.^o pag. 6.

hensão inconsciente pela influencia da analogia, em virtude das leis da appercepção ¹.

W. Wundt, que conserva á palavra *appercepção* não o sentido da escola d'Herbart, mas sim o que primeiro lhe deu Leibniz e que se liga á sua theoria da vontade, faz entrar a etymologia popular no processo que denomina *assimilação* e que classifica entre as associações simultaneas ², processo que os herbartianos chamam particularmente *appercepção*.

Examinemos rapidamente o processo da etymologia popular, abstrahindo aqui da questão da terminología e de qualquer theoria que ella possa implicar.

O sujeito S tem representação R mais ou menos complexa, segundo as leis da synthese associativa, da complicação, etc., do objecto O. Essa representação pôde reproduzir-se independentemente de nova percepção do objecto (memoria, reproducção em sentido estricto), e isto com maior ou menor energia, o que depende de diversas condições que não nos importa aqui expôr. Quando O vem produzir em S nova representação immediata R', R reproduz-se e funde-se com R'. Aqui podem dar-se varios casos: ou R' se apresenta como perfeitamente identico a R, ainda que no objecto O se tenha operado alguma modificação e então $R + R' = R$, ou uma differença é percebida, embora inconscientemente, e então $R + R' = R'$ ³; enfim da comparação, que muitas vezes é precedida do momento $R + R' = R$, chega-se á consciencia da differença D entre R e R'. Quando, por exemplo,

¹ Sobre a appercepção segundo os continuadores d'Herbart vid. Steinthal *Abriss der Sprachwissenschaft* 1, 166-263; Gastav Glogau, *Steinthal's psychologische Formeln zusammenhängend entwickelt*. Berlin 1876, 8.º pag. 25-55; Hermann Siebeck, *Das Wesen der ästhetischen Anschauung*, Berlin, 1875, 8.º pag. 29-57.

² «Eine Assimilation findet dann statt, wenn durch eine neu in das Bewusstsein eintretende Vorstellung, meist eine unmittelbare Sinnesvorstellung, eine frühere ihr ähnliche reproducirt wird, und wenn nun diese beiden Vorstellungen zu einer einzigen verschmelzen. Von den Reproductionsvorgang selbst nehmen wir in diesem Falle nichts wahr; wir schliessen auf ihn nur aus Vergleichung des unmittelbaren Sinneseindrucks mit der Vorstellung, die er in uns anregt». *Logik*, 1, 15. «Die augenfälligsten objectiven Zeugnisse für die Assimilation der Vorstellungen bietet aber die Sprache dar.» pag. 16. «Auch die Aneignungen der Fremdwörter und die Volksetymologien sind im weiteren Sinne als solche Assimilationsprocesse zu betrachten; doch pflegt bei den ersteren, wie z. B. bei der Uebersetzung von fenestra in Fenster, vasculum in Flasche u. s. w., nicht sowohl eine bestimmte Vorstellung als das allgemeine Lautgefühl assimilirend zu wirken. Wo das fremde Wort ein bestimmtes Wort der eigenen Sprache reproducirt und nun dieses assimilirend gewirkt hat, wie z. B. bei der Uebersetzung des Sanskritwortes «markata» (Affe) in Meerkatze, da ist augenscheinlich die Aneignung aus einer Volksetymologie hervorgegangen bei welcher ausser der allgemeinen Lautverwandtschaft noch specielle associative Beziehungen der Vorstellungen wirksam waren», pag. 17.

³ Enquanto em a natureza os objectos O, O', O'' similares são distinctos ($O + O' + O'' + \dots$ exteriores uns aos outros), no espirito as representações similares $R + R' + R''$ fundem-se. A palavra *tudo*, por exemplo, apresenta-se no espirito com uma só representação, ainda que a ouçamos pronunciar a muitos indi-

revemos uma pessoa, um lugar, um objecto qualquer cuja representação se conservava mais ou menos fiel em o nosso espirito, dá-se um d'esses casos. Muitas vezes a fusão de $R + R'$ é o resultado de um trabalho mais ou menos consideravel, por exemplo, quando encontramos e não reconhecemos logo uma pessoa que deixamos de ver durante certo tempo e se acha mudada, ou uma pessoa cuja representação não se determinou claramente em o nosso espirito. Aqui ou a diferença entre R e R' é assaz consideravel para que os elementos de R' embarcem a reproducção de R , ou R não tem assaz energia para ser suscitada immediatamente. Outros momentos influem ainda; por exemplo uma representação R de O pôde andar ligada a uma série d'outras representações $r + r' + \dots$ de $o + o' + \dots$, de modo que quando O nos apparece desligado de $o + o' + \dots$ não o reconhecemos. E' assim que muitas vezes não reconhecemos um individuo que encontramos fóra de meio em que o costumamos ver.

Eis agora outro caso. Um objecto novo O' em vez de produzir em S uma representação nova R independente faz reproduzir a representação d'um outro objecto O analogo a O' de modo que $R + R = R$. D'aqui resulta uma confusão. Isto dá-se, por exemplo quando comprimentamos ou fallamos a um desconhecido na convicção de que é uma pessoa que conhecemos. E' evidente que a confusão será tanto mais completa quanto maiores forem as analogias de O e O' .

Succede ainda que um objecto O já conhecido de nós é confundido com O , tambem conhecido, de modo que a representação de O apparece ante a de O ou vice-versa. O que escreve estas linhas observou mais d'uma vez em si este caso. Um dia em Lisboa, estando fatigado depois de uma conferencia, fallava ao dr. T., de Lisboa, na convicção de que se dirigia ao dr. P., do Porto. Tinha conhecido estes dois cavalheiros em Coimbra; pareceu-lhe sempre haver entre elles certa analogia de caracter; são ambos louros, etc.

O processo da etymologia popular é na essencia o mesmo que acabo de exemplificar nas suas variedades.

Assim a palavra *syphão*, nova para S , faz reproduzir nelle a palavra *cifrão*, se esta lhe é conhecida e se não emprega a necessaria energia para adquirir a palavra nova. A representação do grupo phonetico *syphão* pôde chegar a apresentar-se em S , mas ser substituida por a representação *cifrão*, como por uma correccão espontanea, inconsciente, como se *syphão* fosse um erro. Quando além do puro som se complicam nas representações antigos elementos de significação, essas representações teem mais energia que as novas; tal é o caso com *clavete* por *chloreto* (*de cal*). Na maioria dos casos d'etymologia

viduos. Em cada um d'estes a producção do som *tudo* é uma série d'actos de phonação physicamente distinctos; como não ha na floresta duas folhas perfeitamente eguaes assim nunca em dois individuos a mesma palavra é produzida com identidade de logares d'articulação, d'intensidade, de timbre, etc.: o que ouve *somma tudo* numa só representação. Apenas o glottologo distingue um pouco onde o vulgar funde.

popular pôde afirmar-se que nunca em S a representação nova R chega a distinguir-se da representação já adquirida R. Os que dizem, por exemplo, *rua do Pedro-Sino* em vez de *rua do Patrocínio*, nunca, provavelmente, chegam a perceber *rua do Patrocínio* quando estes sons ferem o seu ouvido. A varias pessoas tenho ouvido chamar *conselheiro* ao meu collega Pedroso; ora essas pessoas nunca perceberam o nome d'elle como *Consiglieri Pedroso*. E' certo todavia que a representação d'uma palavra pôde existir algum tempo em S e ser substituida depois por uma analogia, por menor grau d'energia de reproducção na primeira. Em todos nós se dá o caso de não nos lembrarmos bem de certas palavras, reproduzindo outras por ellas, de confundirmos nomes d'auctores, etc.: esses casos são similares. Quão diverso é o das substituições por gracejo em que a forma substituida fica ao lado da que se lhe substitue conscientemente, como no caso de *substitruto* por *substituto*, etc.

Como se vê, a distincção entre duas especies de etymologia popular feita por Hermann Paul, de que acima dei conta, é de pouca importancia; porque ha a distinguir, não o caso em que a palavra alterada ou substituida por outra por etymologia popular existia já na lingua d'aquelle em que ella é um termo extranho, mas sim o caso em que o termo existia já na linguagem individual d'aquelle em que elle não existia. De facto que importa que uma palavra exista ha muito na lingua, se ella se apresenta sempre ao individuo, cedo ou tarde, como cousa nova, extranha ao seu vocabulario já adquirido?

Do que fica dito resulta não ser rigoroso o modo de dizer — alteração d'uma palavra por etymologia popular, pois neste processo o que ha é fusão, substituição de representações. Nesse processo psychico ha que notar a influencia dos seguintes momentos:

1.º a tendencia para o menor esforço; a formula — nada esquecer, nada aprender, — não representa só o espirito do *Philister*, como com ella faz Steinthal; é infelizmente a formula do espirito popular;

2.º a noção mais ou menos presente ao espirito popular da correlação das palavras, de que ellas não são simples sons vazios e a tendencia que d'ahi resulta para os interpretar;

3.º a noção, tambem mais ou menos presente ao espirito popular, de que ha palavras que teem significações muito diversas, noção por assim dizer latente que faz, por exemplo, não parecer extranho que *escapula*, além de designar uma peça de ferro conhecida, designe tambem um pequeno vaso hemispherico, um certo producto pharmaceutico.

O estudo da etymologia popular não entra como secção no da semiologia ou melhor sematologia. Esta occupa-se da significação das palavras e suas variações, buscando descobrir as leis a que essas variações estão sujeitas. A etymologia popular entra no dominio da phonetica, pois estuda as mudanças de som produzidas por analogia,

portanto uma série importante d'excepções ás leis phoneticas ¹. Psychologicamente ha tambem grande differença entre o processo da etymologia popular e o da mudança de significação. Wundt, que como vimos colloca o primeiro na assimilação, portanto entre as associações simultaneas, classifica o segundo entre as fusões apperceptivas das representações ². A exposição do ultimo processo por aquelle philosopho patenteia claramente quanto elle diverge do primeiro.

A interpretação dos gritos d'animaes, de que no seu artigo o sr. J. Leite de Vasconcellos dá alguns exemplos como *tem-te lá!* pelo grito do sapo, é em geral um puro jogo, e como tal a acolhi nos meus *Jogos e rimas infantis*, á maneira do que tinham feito Rochholz e outros; d'outro lado aproxima-se das lendas etymologicas. E' mister em todo o caso separa-las da etymologia popular e reuni-los a outros productos da phantasia e do bom humor, como certas interpretações do latim feitas pelos rapazes, etc.

Um processo que offerece intimas relações com o da etymologia popular é o da onomatopeia. Occupar-me-hei d'elle num futuro artigo, assim como noutro d'uma especie de etymologia popular de que até hoje não se fallou entre nós. Nessa especie não ha alteração phonetica: palavras, que se assemelham no som, são assimiladas na significação, consideradas como etymologicamente affins, por exemplo *gozo*, raça canina (cat. *gos*, hesp. *gozque*), figura-se connexo com *gozar*, como se fosse *cão de gozo*; *conchavar* (lat. *conclavare*) figura-se connexo com *concha*. Essa especie de falsa etymologia ou é espontanea, simplesmente sentida e então verdadeiramente popular, ou reflectida e então erudita e dá lugar a um sem numero d'erros de que os dictionarios estão cheios. O famoso *sol* quia *solus* entra nessa categoria.

Termino aqui, comquanto tenha que omitir muitas outras observações que o assumpto suggere.

F. ADOLPHO COELHO.

¹ Nas proprias leis phoneticas ha influencia da analogia, como mostra H. Schuchardt *Ueber die Lautgesetze*, Berlin, 1885, 8.º

² *Logik* 1, 34.

OBSERVAÇÕES SOBRE AS CANTIGAS POPULARES

Objecto das cantigas. — Fórmãs. — Dichotomia das quadras; antithese, comparação, absorpção (e trocadilhos); obscurecimento gradual do sentido; obscurecimento total. — As repetições.

Habituação a ver o seu *eu* em toda a parte, e a julgar o exterior por si, o povo personifica a Natureza a cada passo nas cantigas: invoca os astros, os rios, os montes e os valles; attribue ás flores uma vida como a d'elle, identifica com ellas a pessoa amada, e conta-lhes os soffrimentos e segredos proprios; convive com os animaes, pede ao rouxinol que com o seu canto não acorde a *menina que ainda dorme o primeiro somno* da noute, falla aos peixes e conversa com os bois. A Natureza toda é um grande scenario de que se elle aproveita quando precisa.

Mas a lyra popular não se inspira unicamente nos factos naturaes: a vida moral, os usos, as superstições, as crenças, a luta pela existencia, as esperanças, os desenganos... tudo alli está representado.

O artista ou o ethnologo, que se encarregasse de coordenar em um quadro seguido todos esses retalhos do coração do nosso povo, faria um rico monumento ao mesmo tempo esthetico e historico.

Se do assumpto passamos á fórma, que naturalidade e graça no dizer! Não se encontra, ou raro se encontrará, um verso forçado, uma inversão anormal; quanto se exprime em verso, tudo se podia exprimir quasi pelo mesmo modo em prosa. Os poetas lyricos mais eminentes são tambem aquelles que mais se aproximão do veio popular, como Bernaldim Ribeiro ou João de Deus. As cantigas populares offerecem ordinariamente uma extraordinaria belleza, o que se deve a serem ellas pela maior parte antiquissimas e terem corrido umas poucas de gerações que, á proporção que as vão cantando, as vão sempre amoldando aos proprios sentimentos, e aperfeiçoando, — como um seixo rolado pelas aguas, que a pouco e pouco se torna mais polido e luzidio. Este processo de modificação observa-se bem com certas poesias cujo auctor seja conhecido, as quaes, passando para a bocca do povo, logo se alterão consoante os principios indicados. Já as cantigas improvisadas na occasião não são tão bellas; falta-lhes ainda o retoque que o povo lhes ha-de dar, apresentam apenas o pensamento individual, mal definido e incorrectamente enunciado no repente do desafio. O verdadeiro *desafio* é aquelle que se realisa entre dois *cantadores*, que para isso (em algumas aldeias do Minho por exemplo) são rogados e assalariados, e nesse caso as cantigas offerecem o cunho do improvisado; no entanto o povo sabe já de cór innumeras quadras proprias para desafios, que são antigas e por isso muito correctas. Con-

vém ter presente ao espirito esta distincção, que é fundamental para o perfeito conhecimento da litteratura vulgar.

O pensamento de cada quadra é em geral muito simples, como a alma que o enuncia; por isso a canção precisa de ter principalmente fôrma, e esta adquire-se com uma antimetabole vulgar, uma repetição, um trocadilho, uma palavra onomatopaica ás vezes sem sentido, — o que tudo se dá na linguagem familiar, de que a poesia popular não é senão uma variante especial.

Um grandissimo numero de cantigas tem duas partes morphologicamente distinctas: uma, constituida pelos dois primeiros versos; a outra, pelos dois ultimos. A distincção apparece muito perfeita em certas comparações e antitheses, menos exacta noutros casos. O primeiro grupo encerra ordinariamente um sentido geral, tirado quasi sempre das cousas naturaes; o segundo um sentido particular, com applicação a um dado facto. Exemplos:

1

{A oliveira pequena,
/Que azeite pôde dar?
{Sou filha de um hóme probe,
/Que amores posso tomar?

2

{A rosa, para ser rosa,
/Deve ser de Alexandria:
{A mulher, p'ra ser mulher,
/Deve-se chamar Maria.

3

{Indas que o lume se apague,
/Na cinza fica o calor:
{Indas que o amor se auzente,
/No coração fica a dôr.

4

{Quatro voltas dá o rio
/Em volta do amieiro:
{Outras tantas dá o amor,
/Sendo leal verdadeiro.

5

{Assucena com pé n'agua
/Dura mais quarenta dias:
{Eu contigo nem um hora,¹
/Quanto mais, noites e dias!

6

{Quem quizer que a salva cresça,
/Ponha-a no alto vallado:
{Quem quizer o amor firme,
/Traga-o bem scandalizado.

7

{Já lá vae o sol a baixo,
/Já não nasce onde nascia:
{Já não dou as minhas fallas
/A quem as dava algum dia.

8

{Delicado é o fumo,
/Que passa a telha dobrada:
{Delicados são os olhos
/Que namóirão por pancada.

¹ O povo diz *um hora* em vez de *uma hora*. A razão d'esta apparente masculinisação do substantivo resultou, quanto a mim, da pronúncia *úa hora* [*úa* por *uma* é não só ant., mas ainda vulg.]; o primeiro *a* foi absorvido na vogal seguinte, e por consequencia ficou apenas *ú hora*, ou, o que vale o mesmo, *um hora*.

9

{Stá o sol innaboado,
 {A mais num hade chuber:
 {Tenho o meu amor doente,
 {A mais num hade morrer.¹

11

{O sol anda e desanda,
 {Mil voltas em de redôr:
 {Eu não ando nem desando,
 {Sou leal ao meu amor.

10

{Quem tem pinheiros, tem pinhas,
 {Quem tem pinhas, tem pinhões:
 {Quem tem amores, tem zelos,
 {Quem tem zelos, tem paixões.

12

{Candeia que não dá luz,
 {Não se espeta na parede:
 {O amor que não é firme,
 {Não se faz mais caso d'elle.

E' facillimo em cada uma d'essas cantigas estabelecer a comparação, ou a antithese, entre o primeiro grupo de dois versos e o seguinte; vejamos a 1.^a quadra, temos: *assim como a oliveira pequena não dá azeite, assim eu, que sou filha de pobre, também não posso aspirar a ter grandes amores*. O primeiro grupo é uma especie de *logar commun* em que a musa se fixa antes de saltar o seu vôo. Uma vez ou outra a dichotomia não é muito regular, como neste exemplo:

13

O amor é forte e num quebra,
 O rio corre e num cança:
 Quem me dera adivinhar
 Se me trazes na lembrança!

não é regular no pensamento; todavia o povo faz sempre pausa no segundo verso, o que prova que elle tem consciencia da divisão formal. Este facto é importante, porque, como se sabe, em várias litteraturas os disticos (estrophes de dois versos) resultão de um desdobramento de uma quadra, cada dois versos da qual deu um d'aquelles.

A's vezes a comparação é tão completa que chega a ser *absorção* (imagem), como nesta conceituosissima cantiga em que a mulher amada, mas inacessivel, se identifica com uma rosa:

¹ Vulgarmente diz-se *a mais* em vez de *e mais*. Aquelle *a* podia parecer uma expletiva, mas aqui creio que não passa de uma transformação phonetica do *e*, que se mudou em *a* por influencia da consoante labial seguinte (*m*), como acontece em *samiar* (= sernear).

14

Oh! que linda rosa branca
 Aquella roseira tem!
 De baixo ninguém lhe chega,
 Lá cima não vae ninguém.

Neste caso o que determinou a absorpção dos dois termos da comparação (a *mulher* e a *flor*) foi talvez o nome proprio *Rosa*, vindo assim a quadra, pela sua forma, a ser um trocadilho, como o povo usa muito, e se vê mais nestes exemplos:

15

O papel com que te escrevo
 Sae-me da palma da mão,
 A tinta sae-me dos olhos,
 A *penna*, do coração.

17

Se eu soubera que, voando,
 Alcançava o que desejo,
 Mandava fazer as azas,
 Que as *pennas* são de sobejo.

16

Se os passarinhos vendessem
 As *pennas* que Deus lhe deu,
 Eu também vendia as minhas,
 Que ninguém tem mais do que eu!

18

Não ha flor como o *suspiro*,
 Para minha estimação:
 Todas as flores se vendem,
 Só os *suspiros* se dão. ¹

Na cantiga 15.^a o equívoco resulta da homophonia entre *penna* de escrever e *pena* (sentimento), e nas 16.^a e 17.^a entre *pena* (sentimento) e *penna* de ave; o povo regula-se pelo ouvido, e é por isso que para os olhos as cantigas não são tão bellas, pois cada uma das palavras tem a sua orthographia. Na cant. 18.^a o equívoco resulta da homophonia entre *suspiro* (flor) e *suspiro* (acto respiratorio), bem como do facto da gente dizer ordinariamente *dar um suspiro* em vez de *suspirar*; quem não estiver bem ao facto da linguagem vulgar não percebe a fina delicadeza d'estes versos.

Eis mais alguns exemplos de *absorpção*:

19

Anda comigo, ó rosa,
 Deixa ficar a roseira,
 Andarás p'rond'eu andar,
 Serás minha companheira.

20

Rosa que stás na roseira,
 Fichadinha no botão,
 Deixa-te lá star, ó rosa,
 Que lá te procurarão.

¹ Vid. mais exemplos de trocadilhos em Theophilo Braga, *Cancioneiro popular* (Porto 1867), pag. 69 (6.^a cant.), 74 (3.^a cant.), 128 (2.^a cant.), e em Adelino das Neves, *Musicas e canções pop.* (Lisboa 1872), pag. 32 (4.^a cant.), 41 (3.^a cant.) e 99 (3.^a cant.).

21

Minha mãe é uma rosa.
Eu sou filha da roseira:
Nunca me apartarei d'ella.
Indas que a vontade queira.

24

Silva verde, não me prendas.
Olha que me não seguras,
Olha que tenho quebrado
Outras algemas mais duras.

22

O ladrão do negro melro
Toda a noite assobiou:
Pela fresca madrugada,
Bateu as ~~afas~~ asas, voou.

25

Silva verde, não me prendas,
Eu não tenho quem me corte,
Não sejas tu, silva verde,
A causa da minha morte.

23

O ladrão do negro melro,
Onde foi fazer o ninho!
Lá p'r'ós lados de Vianna,
No mais baixo pinheirinho.

26

Quem quer vender, que eu compro,
Um limão por um vintem,
Para tirar uma nódoa
Que o meu coração tem?

Nas cantigas 19.^a 20.^a e 21.^a a *imagem* pôde resultar ainda do nome *Rosa*, que é popularissimo entre nós; nas cant. 22.^a e 23.^a ha uma identificação entre o *melro* e o *rapaz vadio* ou *inconstante*, o que se observa ainda noutras canções em que entrão aves (cfr. por ex. as minhas *Trad. pop. de Port.*, pag. 161 a respeito do *rouxinol*). Nas cant. 24.^a e 25.^a, onde o *simile* é tirado da *silva* e do *amor* (que como ella também prende), pôde ao repente parecer que o appellido vulgarissimo *Silva* deu causa a esse *simile*, mas as cantigas populares não costumão ser feitas a appellidos e só sim a nomes proprios, pois que o povo de ordinario no seu tracto familiar não emprega também os appellidos, e prefere servir-se de uma alcunha frisante a servir-se de um appellido; como se o nome por ser imposto no baptismo, e tirado de um santo, tivesse por isso um certo character sagrado que o fizesse usar de preferencia a outro ¹. Na cant. 26.^a a *nódoa* do coração é a *mágoa* que o cantor sente.

Nas canções transcriptas ha pois mais do que simples *allegorias*.

Ainda que umas vezes a comparação é perfeitamente clara, embora quasi nunca introduzida pelas fórmulas *como*, *qual*, etc., e outras

¹ No tracto polido tem-se porém como pouca delicadeza chamar os homens pelos seus nomes proprios quando estes são vulgares, como Manoel, Antonio, João, José, Joaquim etc.; a civilidade apenas permitta que se empreguem sem ser seguidos dos appellidos os nomes menos communs, como Theodorico, Henrique, Theodoro, etc. Com relação ás creanças, podem empregar-se á vontade os primeiros, com tanto que estejam no diminutivo. A's senhoras, como são tractadas por *Donas*, pôde chamar-se pelo simples nome proprio, quer seja vulgar, quer não.

ella é tão íntima que ha identificação ou absorpção, acontece porém não raro que a relação dos dous termos comparados deixa de ser nítida, percebendo-se apenas o sentido por um modo um pouco vago e geral, como :

27

A laranja, quando nasce
Logo nasce redondinha:
Tambem tu, quando nasceste,
Foi logo para ser minha;

i. é, assim como a laranja ao nascer traz um destino (ser redonda), assim tambem tu (que era o de — seres minha):

28

Cortei o elo á couve,
E pul-o a semear:
Andavas muito doidinho,
Dei-te tempo de assentar;

i. é, assim como á couve se dá tempo para crescer e desenvolver-se, assim te dei tempo a ti para teres fimo.

29

A salsa vende-se aos molhos.
A hortelã ás mancheias:
Tanto custarão a Deus
As bonitas como as feias:

i. é, ha tanta abundancia de mulheres como de salsa e hortelã.

30

Todos os passaros verdes
Vem beber á flôr do rio:
E toda a namorada
Por fim tem o seu desvio;

i. é, a fatalidade é geral (cfr. n.º 27).

31

O serpão é meudinho,
Não se pôde atar aos mólhos:
Menina, não se namore
De moço que empisca os olhos;

i. é, parece querer estabelecer-se uma tal ou qual semelhança entre o serpão, que é meudo, e o olhar pisqueiro (que dá também a ideia de uma cousa meuda); além d'isso estabelece-se paralelo entre a negação do primeiro grupo e a do segundo.

32

Assucena era de ouro
O caminho era de prata:
Tomar amores não custa,
O deixá-los é que mata;

i. é, o amor é como uma *assucena de ouro*, e amar é como que seguir por um *caminho de prata*, por isso *não custa tomar amores*; mas o peor é ter de os abandonar.

33

Salsa da beira do rio,
De mimosa cae-lhe a folha:
Tenho um amor bem bonito,
Se não houver quem m'o tolha;

i. é, o meu amor é tão mimoso como a salsa da beira do rio; assim elle me não fuja como áquella a folha.

34

Já o caminho tem herva,
Já o atalho tem feno:
Quando me encontro contigo,
O dia é sempre pequeno;

i. é, estou sempre contigo, e não me fica tempo livre para limpar a herva dos caminhos e segar o feno dos atalhos.—Como se vê, a rima e o metro são ás vezes quasi a unica cousa que dá cohesão á cantiga.

35

A perdiz anda no monte,
O perdigão no vallado:
Diga-me, ó minha menina,
Quem é o seu namorado.

A leitura um pouco attenta faz ainda comprehender o sentido d'essa quadra.

Assim afastadas cada vez mais as duas ideias que se querem

comparar, e persistindo apenas no espirito do cantador, pelo uso da poesia, a noção vaga da divisão dichotomica da quadra, a cada um dos dois grupos da qual devem corresponder sentidos diversos que porém se ligão, dá-se às vezes o caso de a cantiga se não entender. O poeta começou-a, exprimindo nos dois primeiros versos o pensamento geral do costume; mas depois, levado do pensamento particular que o absorve, acaba-a, exprimindo nos dois versos finais esse pensamento particular que se não subordina absolutamente ao primeiro, e para cuja enunciação, na fôrma actual, às vezes tambem concorre a *associação das ideias*, provocando uma rima perfeitamente desconnexa. Ha muitissimos exemplos: darei aqui agora alguns:

36

(Não ha roxo como o verde,
(Nem verde como a ortiga.
(Eu desejo-te encontrar.
(Indas que eu nada te diga!

38

(O alta Serra da neve,
(D'onde o penedo caliu!
(Ninguem diga o que não sabe,
(Nem affirme o que não viu.

37

(Já lá vae o sol a baixo,
(Logo vem a triste noite.
(Coitadinho de quem spera,
(Pelo que stá nas mãos d'oitre!

39

(O limão talha o fastio,
(A laranja o bem querer;
(Tira de mim o sentido,
(Se me queres ver morrer...¹

Em nenhuma d'estas cantigas o segundo grupo se relaciona com o primeiro, a não ser talvez, mas muito remotamente, na 38.^a que significará isto: «assim como se não esperava que o penedo calisse do alto da Serra da neve, e elle caliu, assim tambem ha muitas cousas com que se não conta, e todavia acontecem; por isso ninguem negue nem affirme antes do tempo». Onde este processo de obscurecimento de sentido se observa bem é nas cantigas que se dizem ou cântão seguidas: as primeiras da secção offerecem pensamentos completos e harmonicos; nas ultimas aproveita-se d'aquellas apenas, como estribilho, uma phrase ou um verso ou dois de sentido mais geral, contendo os restantes outras ideias. Exemplos:

¹ O sentido d'esta quadra entende-se melhor, se a compararmos com a seguinte que vem em Th. Braga, *Cancioneiro pop.*, p. 44:

O limão tira o fastio
A laranja o bem-querer;
Tira de mim o sentido,
Se me queres ver morrer.

Onde o verbo *tira* estabelece a conexão do primeiro grupo com o segundo. Este é um bello exemplo do processo de obliteração que estou estudando.

40

1.^a) No mar ha um peixinho,
Que se chama tubarão:
S'elle não comesse gente,
Dava-lhe o meu coração.

41

2.^a) *No mar ha um peixinho*
Que anda á roda do vapor:
Inda stá para nascer
Quem hade ser meu amor.

Na 1.^a quadra, onde o poeta allude de longe á maldade de uma mulher, ha um pensamento completo: na 2.^a, que tem um verso da 1.^a não.

42

1.^a) A canna verde no mar
Anda á roda do hiate:
Hei de ir d'aqui pr'a Lisboa
Aprender a calafate.

43

2.^a) *A canna verde do mar*
Anda á roda do vapor:
Inda stá para nascer
Quem hade ser meu amor.

O sentido da 1.^a é tirado da vida maritima, e entende-se, embora a quadra deva ser a continuação de outras que me não disserão: o da 2.^a não se entende.

44

1.^a) Botei o limão correndo,
A' tua porta parou:
Quando o limão tem amores,
Que fará quem no deitou!

45

2.^a) *Botei o cravo ao pogo,*
Foi fechado, veio aberto:
Os olhos do meu amor,
São ligas com que me aperto.

Egualmente a 1.^a é clara, e a 2.^a, que foi pedida por aquella, não.

Este processo de obscurecimento observa-se ainda nas cantigas que tem por thema certos nomes, com os quaes o poeta joga, e muito melhor nas cantigas que se chamão *modas* e *modinhas* e que encerrão muitos estribilhos. Exemplos do primeiro caso:

46

O' Anna, só tu és Anna,
O' Anna, só tu és ãa:
O' Anna, tu és o sol,
Tiras os raios á lua.

47

O' Anna, tres vezes Anna,
Maria só uma vez;
Mais vale Maria só,
Que as Annas todas tres.

Aqui o obscurecimento não é completo, mas, um passo mais, e elle apparecerá: não me occorrem porém agora outras cantigas.

Exemplos do segundo caso:

Moda da Auga leva o regadinho (Gaia)

48	51
1. ^a) Auga leva o regadinho, Vae regar e regar O milho do labrador Que está todo a seccar.	4. ^a) Auga leva o regadinho, Rega o milho pela folha: Esta casa stá caiada, Quem na caiou foi o trollha.
49	52
2. ^a) Auga leva o regadinho, Vae regar a quinta ao Freixo: Antes que muito me custe, Eu a ti nunca te deixo.	5. ^a) Auga leva o regadinho, Pela minha porta a baixo: Quanto mais amores eu tenho, Lida mais amores eu acho!
50	53
3. ^a) Auga leva o regadinho, Rega o milho pelo pé; Eu vou p'ra ti, tu foges, Eu não sei o que isto é!	6. ^a) Auga leva o regadinho, Pela minha porta dentro: Todos dizem que te logre, Eu não tenho tal intento.

A primeira quadra offerece um sentido acabado; nas outras o poeta aproveitou apenas o primeiro verso (estribilho) a que ligou um segundo que com elle fôrma sentido, e assim concluiu o primeiro grupo de dois versos com um sentido geral (cfr. o que eu disse a pag. 150); depois os restantes versos vêem apenas pedidos pela musica que acompanha estas *módas* e encerrão o pensamento particular que o poeta pretende exprimir, e que nada tem que ver com a primeira parte, que se tornou nma especie de *logar commun*, como eu já fiz notar.

Em resumo: por um processo continuo de transformação, as canções populares, de formosissimas e perfeitas na sua origem, chegam a apresentar um sentido escuro e a tornar-se quasi apenas mero jogo de syllabas e de rimas. A evolução d'este processo foi a seguinte: em primeiro lugar a canção offerece dois grupos de versos, um com um sentido geral, tirado quasi sempre da Natureza, o outro com um sentido particular, que se compara claramente com aquelle; em seguida, a ligação do primeiro grupo com o segundo obscurece-se um pouco, o que é devido à preocupação cada vez mais constante do poeta com o seu ideal, que o faz desviar de tudo o mais que poderia servir para o manifestar exteriormente com mais nitidez e agrado; por fim a ligação rompe-se de todo, e o poeta, por um hábito a que

a sua mente se affez, e em virtude de expressões automaticas e estribilhos que lhe acodem, e a despeito do emprêgo de rimas diversissimas provocadas por associação de ideias, trata só de expôr o seu pensamento no segundo grupo, *enchendo* o primeiro seja como fôr, com tanto que o *ouvido* (não a *mente*) se satisfaça.

Quando se compáram entre si, quer as cantigas de uma região, quer as de várias regiões, encontram-se a cada passo não só cantigas que derivão de um mesmo thema fundamental, e que por isso se devem considerar como simples *variantes*, mas também algumas que offerecem versos de outras diferentes.

Começarei pelo primeiro caso.

Nas *Músicas e canções populares* de Adelino das Neves (Lisboa, 1872) encontra-se a pag. 129 esta cantiga :

54

Amar e saber amar
Ensinou-me quem sabia:
Amar foi a Natureza,
Saber foi a sympathia

mas eu tenho-a ouvido com esta fôrma, que é sem dâvida mais perfeita e mais logica :

55

A amar e a escolher amor
Ensinou-me quem podia:
A amar, foi a Natureza,
A escolher a sympathia.

Ha nestas cantigas a figura de estylo que os rhetoricos chamão *epanodos*. Na *Rev. do Minho*, vol. 1, pag. 24, vem a seguinte cantiga popular do Minho :

56

O anel que me tu déstes
Era de vidro, quebrou,
O amor que me tu tinhas
O anel o demostrou

que eu ouvi na Beira-Alta com ésta fôrma :

57

O anel que tu me déstes
Era de vidro, quebrou:
Se me q'rias bem ou não
O Anel o demostrou

e vem nas *Músicas e canç. pop.* de A. das Neves, pag. 100, assim:

O anel que tu me déste
Era de vidro, quebrou-se.
O amor que tu me tinhas
Era pouco, acabou-se.

A versão de A. das Neves é por ventura mais artistica, em virtude da symetria syntaxica (*homeoptoton*).

As duas seguintes afastão-se um pouco mais:

58

Tanto limão, tanta lima,
Tanta silva, tanta amora:
Tanta menina bonita,
Só meu pae sem ãa nora.

59

Tanto limão, tanta lima.
Tanta laranja no chão:
Tanta menina bonita.
Nenhuma na minha mão.

Ambas são delicadissimas; mas a primeira, por ser mais indirecta, tem mais sal.

A seguinte

60

Rio Douro, rio Douro,
Rio de tão penedo,
Se não fôra o rio Douro,
Eu não tinha amor's tão cedo

diz-se tambem referida ao rio Thedo (Beira-Alta) com as mesmas palavras; mas tem outra variante na seguinte, que vem na *Rev. do Minho*, t. 19:

61

Anel das sete pedrinhas,
Salta fóra do meu dedo,
Que tu foste o causador
De eu tomar amores tão cedo.

A canção que fica transcrita acima, sob o n.º 43, tem a seguinte variante:

62

No mar ha um peixinho
Que anda á roda do vapor:
Inda stá para nascer
Quem hade ser meu amor.

Na *Rev. do Minho*, p. 66 (n.º 107 do *Cancioneiro minhoto* do sr. J. da Silva Vieira), lê-se a seguinte variante da cantiga n.º 6 d'este artigo:

63

Quem quizer que a agua corra.
Dê-lhe um golpe na levada:
Quem quizer o amor firme.
Cale-se, não diga nada.

Comparem-se mais as duas quadras que se seguem:

64

Já corri o mar á roda
C'uma véla branca accesa:
Em todo o mar achei fundo.
Só em ti pouca firmeza.

65

Já corri o mar á roda.
C'uma bangala na mão.
Em todo o mar achei fundo.
Só no teu coração não.

Na primeira ha, ao que parece, uma tal ou qual confusão phonetica entre a *véla branca* do navio e uma *véla accesa* com que se pudesse observar o fundo do mar; na segunda a *bangala* (bengala) representa uma sonda.

Comparem-se ainda estas duas, a primeira da Beira-Alta, a segunda de Gaia:

66

Aqui á beira do rio
É um regalo o morar:
Quem tem sêde vae beber,
Quem tem calma vae nadar.

67

É um regalo na vida
A' beira do mar morar:
Quem tem sêde vae beber,
Quem tem calor vae nadar.

A beirá é mais perfeita do que a outra, quer na harmonia, quer no sentido, porque a agua do mar não presta para beber. No Minho canta-se a cantiga 67.ª apenas com a variante *á beira d'agua* em vez de *á beira do mar*, o que dá maior sonoridade ao verso.

Em geral uma das composições é mais perfeita do que a outra. A razão geral d'estas variantes é facil de perceber, pois a diversidade de meios, gostos e circumstancias, em que se ellas cantão, por força que hade influir nellas; por outro lado, o facto de se repetirem de cór, naturalmente as modifica tambem.

Vejamos alguns exemplos de cantigas diversas com versos eguaes:

68

1.^a) O Villa-Real alegre,
Provincia de Tras-os-Montes,
No dia que te não vejo,
Meus olhos são duas fontes.

69

2.^a) Solipanta da solipanta,
Solipanta meu ai-Jasus,
No dia que te não vejo
Nem o sol me quer dar luz.

A cantiga 72.^a é de Portugal, a 71.^a é do Brazil (*Cant. pop. de Silva Romero*, Lisboa 1883, vol. I, p. 26):

70

S. João, por vêr as môças,
Fez uma fonte de prata:
As môças não vão a ella,
S. João todo se mata.

71

Seu Manuel, pr'a vêr as môças,
Fez uma fonte de prata:
As môças não passam nella,
Sen Manuel quasi se mata ¹.

Podião-se ainda citar outros exemplos de adaptação dos versos de certas quadras a sentido diverso.

Passarei agora a outra classe de factos. Como já notou o prof. F. Adolpho Coelho, «a lyrica popular tem em geral curto alento. A's ideias e sentimentos, que nella se exprimem, offerece um quadro sufficiente, na grande maioria de casos, a estrophe de quatro versos; muitas vezes até esse quadro é já de si largo, de modo que é mister adoptar *versos bordões*, *repetições de palavras ou de versos* para conseguir encher o quadro» (in *Jornal do Commercio*, n.º 9.085). Vou dar alguns exemplos de cantigas com repetições:

72

Tenho corrido mil terras.
Mil terras tenho corrido:
Muito cão me tem ladrado,
Mas nenhum me tem mordido.

73

Salsa da beira do rio,
Da beira do rio salsa:
Mais vale uma feia lisa,
Do que uma bonita falsa ².

Nestas duas quadras a antithese de phrase, ou antimetabole, dos dois primeiros versos, corresponde perfeitamente a antithese de sentido dos dois ultimos. Aqui a razão não depende pois só do facto mechanico de completar as quadras.

¹ Sen aqui, como em Portugal em casos identicos, significa *senhor*.

² *Rev. do Minho*, p. 19. Cfr. uma variante em Adelino das Neves. *ob. cit.*, p. 37.

74

A parreira tem mil varas,
As varas tem mil enleios:
Quando comecei a amar-te,
Tinha eu mil arreceios ¹.

75

Sete-estrello rondador,
Que rondas a toda a hora.
Recolhe-te, sete estrello,
Que eu quero rondar agora ².

76

Viola, minha viola,
Bandurra, minha bandurra.
Heide fazer um vestido
Do coiro da minha burra ³.

77

Lóreiro que bate, que bate.
Lóreiro que já bateu,
Lóreiro que bate, bate
Num amor que já foi meu ⁴.

Nestas quatro quadras ha de facto varias repetições para *encher*: a cant. 76.^a vê-se claramente que foi feita para ser cantada, e nesse caso bastavão quasi só rimas, embora a quadra ficasse, como ficou, sem sentido.

Nas cantigas populares encontram-se portanto grandes recursos de expressão (*figuras de rethorica*) mais ou menos expontaneos, que ás vezes são aproveitados de um modo consciante e artificioso nas obras dos litteratos. A facilidade e simplicidade das cantigas dependem muitas vezes d'esses jógos de palavras, tão communs como eu já disse, na linguagem familiar. O que é triste é quando os poetas propriamente ditos abusão d'isto. Bocage e os seus sequazes forão d'esse numero. Toda a gente sabe que a *escola elmanista* se fundava principalmente no artificio dos versos: repetições constantes, antitheses, symetrias, etc. Tudo o que é exaggerado enfada, por isso a escola morren; e se houve um artista eminente como Garrett, que num dos seus primeiros ensaios a adoptou (no *Retrato de Venus*), elle mesmo em obras posteriores a abandonou de todo. A facilidade dos improvisos de Bocage dependia grandemente, quanto a mim, d'esta forma de versejar, que auxiliava immenso já a metrificacão, já a rima.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

¹ Adelino das Neves, *Musicas e canç. pop.*, p. 127.

² Id., ib., p. 128. Nesta cantiga a força de expressão pedia antes o verso *que quero eu rondar agora* em lugar do que está, porque a phrase fundamental do verso antecedente é *recolhe-te*, a que neste havia de corresponder a opposta *quero eu*, por onde a oração devia começar.

³ *Rev. do Minho*, p. 19.

⁴ Id., p. 80. A metrica e o 3.^o verso d'esta quadra mostram que no primeiro verso se deve supprimir o segundo *que*.

MATERIAES PARA O ESTUDO DOS DIALECTOS PORTUGUESES

I

Fallar de Rio Frio

(TYPE BRAGANÇANO ¹ DOS DIALECTOS TRANSMONTANOS)

Considero como característica fonética dos dialectos transmontanos a distincção constante entre os valores de *r* e *s* surdo, de *z* e *s* sonoro.

E' esta distincção hipotética jeral em todo o dominio glótico transmontano, em que não influa ou tenha influido a assimilação operada nos outros dialectos, mormente no falar culto do centro do reino? Fica assim estabelecido o problema, e é a quem tenha occasião de estudar as diversas falas de Trás-os-Montes, que compete ir fornecendo elementos para a sua resolução, pois me parece que para determinar o tipo transmontano convirá estudar diversos falares independentes, agrupando-os ao depois pelos seus caracteres communs. Contribuirei agora com o ensaio que se segue e no qual a parte fonética avulta principalmente. Acrescento um vocabulário parcial e avulso, sem nenhuma pretensão a ser completo ou methodico, mero subsidio em suma para um vocabulário local d'este ponto.

Referi-me a «vocabulários locais»; direi pois que, para o conhecimento e apreciação completa de todo o dominio glótico português, é da maior conveniência que se publique um dicionário da lingua popular comum, que sirva de norma para tais vocabularios especiais das diferentes variedades em que se reparte o nosso idioma, ou melhor dito, que o constituem. Publicado que seja esse dicionário tipo, com a pronuncia rigorosamente indicada, e que deverá ser a de Lisboa ou a de um tipo jeral estremento, dicionário em que se incluam tão sómente os termos de formação espontânea e os de artificial que tiverem o cunho necessário de verdadeiramente usuais e populares, seguido cada um dos termos de uma definição ideológica ou funcional resumidissima; todos os vocabularios provinciaes seriam a ele referidos, e constariam sempre de duas partes, como os dicionários bilíngues: a primeira consistiria na collecção de vocábulos ou locuções do dialecto, tendo como definição os seus correspondentes do dicionário jeral; a segunda a reprodução d'esse dicionário jeral com o correspondente dialectal, de cada vocábulo como definição.

Estes vocabulários poderiam subdividir-se, ou agrupar-se, pelas diferenças ou pelos caracteres comuns, e ministrariam excelente material de estudo, ao mesmo passo que trariam importantissimos subsidios para o tesouro jeral da lingua comum.

¹ *Bragançanos* chamam os habitantes do extinto concelho de Vila-d'Onzeiro aos habitantes do antigo concelho de Bragança. Aplico o termo *bragançano* ao grupo de dialectos, cujo principal tipo é o falar do povo das cercanias de Bragança, não o da propria cidade. E' de notar que tanto em Bragança como em Vila-Real a pronuncia é muito mais semelhante á do centro do reino, desde Coimbra até Lisboa, do que ás das suas povoações rurais, ou das cidades das duas Beiras, do Douro e do Minho.

Estudei cuidadosamente a fonética, e quanto me foi possível a fonologia, do falar de Rio-Frio, aldeia ao pé de Bragança; este estudo, porém, tem base individual, pois é feito principalmente sobre a pronúncia de uma só pessoa, muito inteligente é verdade, e habilitada além disso com a sufficiente instrução especial para compreender o alcance das minhas interrogações, e satisfazê-las, e que tem, no maior número de casos, a consciéncia perfeita das suas particularidades dialectais, quer invencíveis, quer já dominadas e substituídas pelas do falar de Lisboa, onde reside.¹

Usarei de uma notação sufficientemente intelligivel, e cada forma, cada elemento fonético que registar, terei o cuidado de o comparar ao seu correspondente de Lisboa, escrito segundo a orthografia que emprego nesta Revista, diferenciada porém com os sinais diacriticos ou expedientes gráficos indispensáveis á distincção.

Começarei pe'los elementos vocálicos ou sistema de vogais, orais ou nasais, e correspondentes ditongos: seguir-se-há o sistema de consoantes, e pe'las leis fonológicas, quer vocabulares quer syntáticas, concluirá o que sôbre fonética oferece interessante este falar local. Darei em seguida algumas notas soltas de morfológia e o vocabulário parcial a que me referi. Farei ainda algumas considerações, tendentes a pedir vénia para a imperfeição dêste trabalho.

Para nenhum estudo dialectológico português é por emquanto executivel empregar o método rigoroso de que tais trabalhos carecem para serem perfectos, por isso que falta ainda colijir muitos materiais ordenadamente, mesmo para a constituição da gramática do dialecto literário, e não temos uma gramática histórica da lingua portugueza á qual nos reportemos como termo de comparação. Por outra parte, sendo, como é, destinada esta Revista especialmente para Portuguezes, seria também inoportuno o guiar-me pela Gramática das linguas románicas de Diez, desconhecida para a maioria dos individuos portuguezes que podem ler estes estudos, e atrasada, atrasadíssima, incorrecta e deficiente ao ultimo extremo no que respeita á fonética portugueza, real e não aparente, e que é a parte mais fraca d'aquella obra monumental. A norma, pois, que segui, é a que tem empregado o sr. Leite de Vasconcellos nas suas preciosas contribuições dialectológicas: serei fiel ao método científico quanto o caráter de mera collecção de materiais e apontamentos dado a este estudo o permitir, não perdendo nunca de vista, porém, a feição de subsidio que tem, subsidio que ha de servir a seu tempo, com outros mais por mim ou por outrem ministrados, á constituição do tipo dos dialectos transmontanos. Só quando esse tipo esteja conhecido e assente, convirá fazer a sua comparação e referência ao latim popular, ao tipo hispânico do romance, ao português meridional comum emfim.

¹ O sr. Manuel Ferreira, professor de philosophia e de geographia e história nos liceus de Lisboa e um dos directores da «Revista de educação e ensino».

SISTEMA DE VOGAIS ¹

VOGAIS ORAIS

ã á â

ê é

ê é

i i

i i

i i

i i

i i

i i

i i

i i

i i

i i

i i

i i

i i

i i

i i

i i

i i

i i

i i

i i

i i

i i

i i

i i

i i

i i

VOGAIS ORAIS EXEMPLIFICADAS

sô

du

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

ar

DITONGOS ORAIS, SUBJUNTIVA ¹

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

DITONGOS ORAIS, SUBJUNTIVA ¹

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

ã ãi, e ãi

¹ O Itálico designa a escrita fonética, o romano a grafia usual, o normando, ou o Itálico espaçado, o valor dessa grafia no dialeto normando, isto tanto na taboleta, como em geral no decurso deste trabalho.

Pela inspecção destas tabelas reconhecemos que as vogais singelas, tanto orais como nasais, são as mesmas do dialecto de Lisboa.¹

Com relação ao seu emprego e origem, direi que *é, ô* correspondem com muito maior rigor a *ê ô* românicos (i *ê, ã ô* latinos), e *ê ô* a *ê ô* (*ê, ae, ô au*) do que no jeral dos dialectos do reino, por isso que estão apenas sujeitas á influência dos sons contiguos, e são isentas da regra de paralelismo regressivo a que as vogais átonas obrigam as tónicas *e, [i], o, [u]* no dominio português. Mais de espaço falarei d'êste objecto, ao tratar sucintamente da flexão.

Os ditongos orais são os mesmos, e tem a mesma origem que os de Lisboa; devendo apenas notar-se que o digrafo *ou* tem o valor de ditongo *ôû*, correspondente ao *ôû* dos dialectos interamnenenses e da Beira-Alta, não se tendo em nenhum deles dado a condensação em *ô* dos seus dois elementos, como aconteceu ao sul do Mondego; é mantida por tanto a distincção fonética entre as grafias *ô* e *ou*, distincção perdida na Extremadura, no Alentejo² e no Algarve. Denoto por *ôû* a pronúncia que êste digrafo adquiriu no dialecto que estou estudando, modo de escrever pelo qual indico que o primeiro elemento, o tónico, é uma vogal mista, análoga, porém não idéntica ao *eu* aberto francês de *jeune*; o valor total do ditongo é exactamente o do *ô* longo, alfabético, inglês, segundo a recentíssima pronunciação usual em Londres³. Sobre este ditongo observarei ainda que ele substitui quasi sempre *ôi* do dialecto de Lisboa, dando este último raro em vocábulos em que esteja coberto, isto é, seguido de outra sílaba que começa por consoante.

O ditongo *lu*, que em quasi todo o reino aparece apenas na flexão das 3.^{as} pessoas do singular dos perfectos dos verbos em *-ir* fracos, vêmo-lo ser applicado á grafia *-io*, em duas sílabas. dos outros dialectos, de modo que vocábulos tais como *tio, fio* são proferidos *tiû, fiû*, isto não só em Rio-Frio (pron. *Riû-frîû*) mas igualmente no falar bragançano, e jeralmente em toda a provincia de Trás-os-Montes, como eston informado: a distincção manifesta, mantida cumumentemente entre [o] *rio* [en] *rio* e [ele] *riu*, desaparece pois.

O ditonho *uû* (escrito *uo*), de Lisboa, creio que não existe, sendo substituído por *ô*; efectivamente, mesmo em Lisboa ele só é ouvido na boca de pessoas de esmerada educação, e que tem conseguido-

¹ V. «Essai de phonétique et de phonologie portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne» in «Romania» t. xii, p. 29 38. 1883. V. em jeral, *passim* todo o Ensaio, que uma vez por todas cito como referência aqui.

² No Alentejo e nos falares especiaes das povoações suburbanas a norte de Lisboa (Saloios) o ditongo *êi* (e não aberto e i atermado) originariamente *êi*, teve destino idéntico ao de *ou*: acha-se reduzido á sua vogal tónica, *ê*. E' de notar que tão viciosa é tida em Lisboa esta confusão de *ê* com *êi* (= *âi*), quanto o parece ao habitante do norte do reino a unificação de *ô* e *ôu* em *ô* em todo o sul, incluídos os dois centros de cultura. Coimbra e Lisboa. E' provável que se no ditongo *êi* não se houvesse dissimilado o elemento tónico *ê* do átomo *i*, ele teria sofrido redução igual á que sofreu nos falares em que se não deu esta dissimilação e que citei.

³ V. H. Sweet «A History of English Sounds», p. 72.

mente uma pronúncia sua especial e muito convencional e reflectida; assim, *ao campo*, *compra-o*, são proteridos em Rio-Frio, como o são pelo vulgo da capital, *ô campo*, *cômprô*.

Sobre as vogais nasais tenho apenas de observar que *ã*, com o *a* aberto, sómente se me depara na crase de *a* com *ã* inicial átono; se a crase é de *â* com *ã*, a vogal *ã* (*a* aberto) resultante é longa, e longuíssima em crases como esta *da-a à Antónia* = *diãããtônia*, figuração em que *ããã* representa um *ã* aberto nasal protraidíssimo, sendo diferente de *dã à Antónia*, o de *da Antónia* = *dantônia*. O mesmo acontece em Lisboa.

Fora destes casos únicos as vogais nasais são fechadas, sendo pois os seus timbres orais *u* (= *û*), *e*, *ô*, *i*, *â*, talvez mesmo *i*, *û*; *a* antes de consoante nasal é fechado, seja, ou não, tónico, do mesmo modo que em Lisboa, ou ainda com maior firmeza, visto que não existe o *â* aberto da 1.^a pess. pl. dos perfeitos dos verbos em *-ar*, sendo substituído por *ã*, e ficando essa terminação igual á da mesma forma pessoal no presente do indicativo.

Não me parece que as vogais tónicas antes de consoante nasal se nasalizem, como succede em outros pontos do reino, nomeadamente no Algarve; assim *cama*, *goma*, *lenha*, *fino*, *fumo*, pronunciam-se *cãma*, *gõma*, *lênha*, *fino*, *fũmo*, e não *câma*, *gôma*, *lênha*, *fino*, *fũmo*.

As vogais e ditongos nasais não são guturalizados, ou se o são, essa guturalisação é muito menos sensível que a dos dialectos minhotos e durienses, mesmo até que a dos falares beirões.

Sobre os ditongos nasais direi sómente que as suas vogais tónicas são sempre fechadas, e que *êi*, correspondente á grafia *em* tende a desaparecer, e portanto a confundir-se com *ãi*, correspondente a *ac*, assimilação análoga á de *êi* a *ãi* e que é jeral no centro do reino.

O ditongo *ũi*, que em Lisboa se ouve unicamente no vocábulo *muito* e sua abreviatura já desusada *mui*, é substituído pelo oral *ui*, como em *fui azuis*. Ditongo nasal de subjuntiva *ã*, sómente existe, como em Lisboa, *ãã*, escrito *ão*, e no qual o *a* é surdo não aberto (*ã* não *â*).

Os ditongos de subjuntiva *i* guturalizado e reduzido são idénticos aos de Lisboa, com a diferença única de que a vogal tónica não participa da guturalisação, nem mesmo quando essa vogal é *â*, *ê* ou *ô*. Como em Lisboa também *êi* é raríssima.

SISTEMA DE CONSOANTES

ORDENS	ARTICULAÇÕES	SONORAS						SURDAS				
		CONTÍNUAS						CONTÍNUAS	DIVIDIDAS			
		Ancipites							Explosivas	africatas	aspiradas	
		Semi-vogais	Núcleais	Late-rais	Centrais	lenes	vibrantes					Primitivas brandas
Guturais	1. ^a	—	—	—	—	—	—	gala, lago	—	capa, para	—	fico
	2. ^a	—	em 7 água	—	—	—	—	guorta, segdr	—	—	—	figue
	3. ^a	—	manha	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Palatais	4. ^a	fala, far	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	5. ^a	—	—	ma/ha	—	—	—	—	—	—	—	—
	6. ^a	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Labiais	7. ^a	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	8. ^a	—	—	md, alto	—	—	—	—	—	—	—	—
	9. ^a	—	nada, pena	la, mala	—	—	—	—	—	—	—	—
Labio-dentais	10. ^a	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	11. ^a	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	12. ^a	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Labio-dentais	13. ^a	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	14. ^a	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

Farei algumas considerações sobre as consoantes.

ca, co, cu, ga, go, gu, são iguais ás do dialecto de Lisboa; o mesmo acontece com *que, qui, que, qui*, sendo as da 1.^a linha mais guturais e as da 2.^a mais palataes. Nesta última articulação há uma nasal especial, mais funda que o *nh* usual português, igual ao *ng* depois de vogal palatal nas linguas jermánicas, do alemão *singen* por ex., inglês *sing*, diferente do mesmo grupo de letras em *sang, song*: esta consoante apenas a ouço na união da preposição *em* (= *ã*) com a palavra seguinte se esta começa por vogal, como por exemplo nestas frases: *em ãa tu bendo* = em a tu vendo —, *em ã-armas* = em armas —.

ch é igual ao castelhano, e differença-se sempre de *x*, que é som raro no dialecto.

s e *z* (= *z*) distinguem-se constantemente de *c*, *z* (= *z*), os quais são iguais no valor a *s*, *z* iniciais de sílaba do Porto, e portanto diferentes de *s z* de Lisboa; e para a sua produção as paredes do opérculo ou fenda por onde passa o ar expellido estão muito mais aproximadas, sendo consequentemente o sibilo mais perceptível: o órgão ajente é a superfície da pajina superior da lingua, quasi junta á sua extremidade anterior, o que obriga os lábios a uma fenda horizontalmente maior, e portanto a estarem mais paralelos entre si.

s e *z* tem constantemente o valor de consoantes subcacuminais ou reversas, quer sejam iniciais de sílaba, quer estejam depois de vogal ou antes de consoante: deste modo o *s* tem apenas dois valores: é surdo, se é inicial de vocábulo, medial, depois de consoante, quando se escreve *ss*, e depois de vogal na pausa ou antes de consoante surda; é sonoro entre vogais e antes de consoante sonora: exemplo: *s* surdo — *saír, insia, passo, os corpos*; *s* sonoro — *casa, os baís, pasma, os homens*.

Não havendo *s* palatal nem surdo nem sonoro, é evidente que a modificação mais palatal que sofre nos dialectos do sul, o *s* impuro, quer surdo, quer sonoro, não existe neste dialecto, como não existe nos outros do norte, em que o *s* e o *z* são reversos; assim o *s* subcacuminal de isto é exactamente como o de *pasto*, surdo, o de *cisma*, como o de *rasgar* sonoro; consequência desta invariabilidade é que o *e* átono de *entestar*, por exemplo, conserva o som de *z*, em vez de passar a *x*, como em Lisboa. E' sabido que o som dos dialectos a sul do Mondego são susceptíveis de ter seis sons diversos: *s* surdo apical, quando é inicial ou está depois de consoante; *x* atenuado depois devogal na pausa, e quando se lhe segue consoante surda, mais palatalizado se aquella vogal é um *i* ou *z*; *z* apical entre vogais; *j* atenuado entre vogal e consoante sonora, mais palatalizado se a vogal é *i* ou *z*.

O *z* final vale por *c*; assim *dez, vez, feliz, cuezuz, faz*, pronunciam-se *deç, bêç, feliz, cuçucç, faç*. Se na flexão ou na syntaxe esse *z* fica immediatamente antes de uma vogal ou de uma consoante sonora, passa ao seu valor natural de *z*; exemplos: *dez mulheres, dezo-*

seis, vezes, felizes, fizes, que se pronunciam *dé_z mulhé_ras, dzozé_sis, bé_zas, fá_lizes, fí_zas*.

As duas palataes *x* e *j* (= *x̃*, *j̃*) palatalizam-se mais (*x̃ j̃*) em conjunção com *i* ou *z*, e o *e* átono que as precede ou segue immediatamente em vez de *e* pronuncia-se *z*, que se pode figurar por *e* para não alterar a grafia usual: exemplos: *deixar, frijir, deseje* (= *deseje*) Factos idénticos se produzem em todos os dialectos a sul do Mondego em todo o litoral.

As duas fricativas *d* e *b* em *mula* e *cubo* (a última das quaes poderia ser figurada por *v*, sendo o *v* labio-dental representado por *v* e diferenciando-se assim toda a ordem labio-dental por um traço cortando os caracteres da ordem bilabial *p, b, m*, etc.), essas duas fricativas, digo, sómente se ouvem quando *d* ou *b*, *v* estão entre duas vogais, e nesse caso mesmo podem ser substituídas por *d, b* explosivos¹; nenhuma diferença se faz entre o *b* e *v* escritos, assim *beijo* e *vejo*, tem por inicial igualmente *b*, sendo pronunciados *beijo* ou *báijo*, *bêjo* ou *bêjo*.

(Continúa).

A. R. GONÇALVES VIANNA.

NOTAS E PARALLELOS FOLKLORICOS

I—Tradições relativas a S. Cypriano

1. Lenda minhota de S. Cypriano

—S. Cypriano era feiticeiro e depois morreu-lhe o pae que tinha um dinheiro e não o deixou a nenhum dos filhos. O pae era muito amigo com o tal Cypriano, e elles cuidavam que o irmão ficara com o dinheiro todo e por isso ralhavam com elle todos os dias.

—Tu é que tens o dinheiro.

—Sodes vós; eu cá não tenho dinheiro nenhum.

Cypriano foi ao inferno. Pelo panto que tinha com o diabo ia lá quando queria. Chegou lá; o pae estava muito desesperado e estava deitado numa cama muito acuada. Quando viu o filho, disse:

—Então já para cá vens? Para cá venhaes vós todos, que a vossa conta é que eu aqui eston.

¹ O *d* e *b* fricativos são semelhantemente facultativos em Lisboa.

Elle disse-lhe :

— O' men pae, está ahí numa cana tão acesa e tão preparada e está assim tão zangado?

— Estou, estou bonito. Chega aqui um dedo.

Cypriano chegou um dedo e elle ficou-lhe lá, porque o pae estava em fogo. Diz :

— O' meu pae! eu venho saber onde vocemecê deixou o dinheiro, que andamos lá numa guerra uns com os outros.

— Olha, o dinheiro... vae á adega, atrás da cuba grande, que elle lá está enterrado, e a troco d'esse dinheiro é que eu aqui estou.

Cypriano foi-se embora e foi á adega com os irmãos e acharam lá o dinheiro, e elle então disse :

— Tomae lá; eu não quero nenhum, que a troco d'esse dinheiro não quero ir para o inferno.

Pegaram os irmãos no dinheiro e elle foi-se embora fazer penitencia e foi para o céu*.

(Minho — Onrille. Recolhido em 1883).

2

Um clérigo nigromante diz na tragicomedia de Gil Vicente, *Exhortação da guerra*, representada em 1513 :

Farei por magicas rasas
Chuvas tão desatinadas,
Que estem as telhas deitadas
Pelos telhados das casas;
E farei a torre da Sé,
Assi grande como he,
Per graça de sua clima
Que tenha o alicesse ao pé
E as ameas em cima.

Não me quero mais gabar,
Nome de San Cebrian,
Esconjuro-te Satan,
Senhores não espantar.
Zet zeberet zerregud zebet
O' filui soter
Rehe zezegot relinzet.
O' filui soter.

3

Nas sentenças da inquisição allude-se frequentes vezes á oração de S. Cypriano (vid. por ex. a minha *Ethnographia portugueza. Costumes e crenças populares*, n.º 325).

As *doze palavras* repetem-se algumas vezes em Portugal com o nome de *oração de S. Cypriano*. (vid. o n.º II d'estas *Notas e parallelas*).

4

«S. Cypriano, segundo a crença popular, foi o primeiro feiticeiro que houve. Lêr o livro d'elle é peccado; mas, quem o lêr, *assóbe as nuhes* (nuvens) sem azas. (Gandifellos). Em Guimarães diz-se a seguinte oração a S. Cypriano:

Meu S. Supriano,	Com ellas fallastes.
Meu S. Suprianinho,	Comestes, e bubestes:
Meu feiticeiro,	Vossa sorte botastes,
Meu feiticeirinho,	Milhor a tirastes:
No mar andastes,	Dizei-me agora a minha
Onze virgens encontrastes	P'ra saber se casarei.

(J. Leite de Vasconcellos. *Tradições populares de Portugal*, § 379).

5

«No Auto de fé de 23 de Novembro de 1621 saiu condemnado a sambenito perpetuo Luiza de Sousa, porque resava esta oração:

Deus diante e eu detrás
Deus detraz e eu diante...

O christão velho Pedro Affonso foi tambem condemnado, além de ter communicação com o diabo em fôrma de *menino de dez annos*, porque «Tinha um livro intitulado de *S. Cyprião*», e nelle se diziam as curas que se haviam de fazer. Querendo curar alguns doentes, os levava *ao longo de um rio*, e ali os sangrava na testa com um alfinete, e lhes fazia dizer estas palavras:

Estou picado e enfeiticado.
Jesus, nome de Jesus,
Despicae-me e deseneiticae-me.

«Não curava senão ao domingo, dizendo que assim lh'o mandava o livro de S. Cyprião. Aconteceu que uma vez lhe achou este livro um clérigo, e vendo as torpezas e parvoices que nelle estavam escriptas, o rompeu e botou debaixo dos seus pés, e o pisou com elles, e por fazer isto, fez com que os diabos tomassem o clérigo e o levassem a *um monte*, onde estava um mato e o trataram alli muito mal, e tanto que o não puderam d'alli trazer senão em um carro. Outra

vez fez com que os mesmos diabos fossem a casa do mesmo clérigo e lhe quebrassem toda a loiça que tinha.» (Ribeiro Guimarães, *Summário de varia historia*, tom. IV, pag. 88. Cit. no jornal *A volta do mundo*, tom. II, pag. 291).

6. Lendas septentrionaes de S. Cypriano

a. Cyprianus was a student, and by nature a gentle and orderly person, but he had passed through the Black School in Norway, and was therefore engaged to the devil to apply his learning and extraordinary faculties to the perpetration of evil. This grieved him in his later years, his heart being good and pious; so to make the evil good gain, he wrote a book wherein he first shows how evil is to be done, and then how it may be remedied. The book begins by explaining what sorcery is, and with a warning against it. It is divided into three books, viz. Cyprianus, Dr. Faustus, and Jacob Ramel. The last two parts are written in characters which are said to be Persian or Arabic, and also in ordinary characters. In this book are taught exorcising, laying and raising of spirits, and all that of which mention is made in the 5th book of Moses, xviii, 10, 11, 12. Whether this book has been printed is uncertain, but manuscript copies of it are concealed here and there among the common people, who regard it has something sacred. Those who possess the book of Cyprianus need never want money, they can read the devil to them and from them, and no one can harm them, not even the evil himself. But whoever possesses the book cannot get rid of it; for whether he sells, burns or buries it, it will come back; and if a person cannot dispose of it before his death, it will go badly with him. The only method is, to write his name in it his own blood, and lay it in a secret place in the church, together with four shillings clerk's fee.» B. Thorpe, *Northern Mythology*. London 1851, 8.^o, II, 186-7. (De J. M. Thiele Danmarks' *Folkesagn*).

b. «Two miles from Horseus (Jutland) there dwelt a miller, who was a master in the black art and possessed the book of Cyprianus. A peasant having once stolen an axe from him, was obliged to bring it back at midnight, and was, moreover, borne so high in the air that his feet rattled among the tops of the trees in Bierre forest. This miller in fact performed so many wonderful things that all his neighbours were astonished at his feats. Impelled by curiosity, a journeyman miller once split into his master's private room, where having found an old quaint-looking volume, he began to read in it, when the horrible Satan appeared before him and asked his commands. The man, who was not aware that it was necessary to give to the fiend some stiff job to execute, fell down in terror deprived of speech, and it would, no doubt, have been all over with him, had not his master entered at the moment and seen how matters stood. Snatching up the book, the miller instantly began to read it in ano-

ther place, in order, if possible, to drive the fiend away; but things had already gone to far, and nothing remained to be done but to give him something to do, so taking a sieve, he commanded him to bale water with it from the mill pond; but being unable to do so, he was obliged to take his departure through the air, and left behind him a most loathsome stench.» *Ob. cit.*, p. 188.

c. «In ancient times there lived in one of the Danish isles a man named Cypriannus, who was worse than the devil; consequently, after he was dead and gone to hell, he was again cast forth by the devil and replaced on his isle. There he wrote nine books, in the old Danish tongue, witchcraft and magical spells. Whosoever has read all these nine books through becomes the property of the devil. From the original work three (or nine) copies are said to have been dispersed over the world. A count, who resided in the castle of Ploen, is said to have possessed a perfect copy, which he caused to be fastened with chains and buried under the castle; because in reading through eight books he was so troubled and terrified that he resolved on concealing it from the sight of the world. One of this books still exists in Flensburg. Some spells from the nine book are still known among aged people. Whoever wishes to be initiated there in must first renounce to christianity.» *Ob. cit.*, 187.

Creio que estas duas últimas lendas são tiradas de K. Müllenhoff, *Sagen, Märchen und Lieder der Herzogthümer Schleswig-Holstein und Lauenburg* (Kiel 1845), nr. 263.566, mas não posso agora fazer a verificação.

7. Um livro «authentico» de S. Cypriano

Ha alguns annos mostrou-me o fallecido conservador da Bibliotheca nacional de Lisboa, Antonio da Silva Tullio, um livro de S. Cypriano tão *authentico* que cada folio tinha a rubrica do magico! Não pude proceder então senão a um rapido exame do livro, reservando-me para fazer d'elle um estudo mais detido e até uma copia completa, mas a doença do prestimoso bibliothecario, a quem o livro pertencia, obsteu á realisação do meu projecto. Eis as notas que eu tirei quando vi essa preciosidade bibliographica.

Título: «*Cypriani Magici septem horae Magicae* (Rubrica: Cyprianus). Editae ab ipso Bernae anno 154...» Um caderno formado de 33 meios quartos com uma tira. Impresso á mão (pelo processo porque as typographias tiram as provas de granel), com typo preto e vermelho. Cada folio tem numeração manuscrita no alto, e por baixo do numero *Cyprianus*.

E' tudo em latim, mas que latim! um latim proprio dos diabos e seus inspirados. A pessima impressão e o mau estado do exemplar, dobrado ao meio, quebrado e em parte roto, por andar na algibeira ou no seio dos feiticeiros e feiticeiras, por cujas mãos foi passando, tornam difficil a leitura.

A fol. 32 v. lê-se:

«Ne Opuz hoc contrafial & falso meo NOMine currant Hoc Subscripsi & Rubricavi Mea propria Littera

Cyprianus Magnus primus.

Na fol. 2, depois do frontespicio:

Cyprianus gratia [Belse]buth Locifuge Resoce et ejusdem omnium potestatum Universi Magust primust, cui tantummodo cognoscere Magiae arcana principalia, et tolere de sinu Terrae unica et generali methodo Thesaura omnia invenire..... concessum fuit; nunc pro viribus meis attenuatis Magicandi... et parvulos inopiam suam perdere volens; au rient [arg]entummon ne et aurum, sicut alia pretioza in terra jandudum Magiae virtute detenta: has septem horas Magiae didico sequentibus notiz. primo: De antiquiz solum. ADAMI, MAEGI, quae vera est [fama] De paradiso omni Boni ac Mali Cientia expulsus est. Secundo: Nemo Thezaura haurire deziderans v... FICAN (?) quaerat... Mulieres, illac raro pacto sufficiens debent: Querit egenum (?) vel CLORICIV, qui pro interin Locifuge Thezaurorum custode pactum faciat, et fide legat vel a sacerdote audiens pronuncied omnia infra scripta:

Magiae artes abjudicate manu; quis in illis aliquod deficiet, et tantum mea propria manu subscripta, et Typis edita valent, ed solum in ipsis data; potente pactum Verum facienti.»

Além das quadras das horas magicas que formam a parte mais importante do livro ha nelle a *receita* para fabricar uns certos *telarios* de grande importancia para descobrir os thesouros e que eram preparados com pau de cypreste infructifero, colhido na Canicula, nas noites de Saturno, sujeito aos rocios das noites dos reis Magos, pelo tempo de Joves e Venus, e applicando-lhe depois complicados ingredientes. Não menos complicada era a fabricação d'uma vela magica, empregada para descobrir os thesouros, cujo fio devia ser fiado por uma Maria de 67 annos, que tivesse 5 filhos solteiros; os ingredientes terrificos d'essa vela eram, entre outros, unto humano, olho de gato negro, dentes laniars de lobo macho, enxofre; era tambem preciso para a fabricação um craneo humano.¹

8. Os livros modernos de S. Cypriano

Como todas as outras velhas superstições, a do livro de S. Cypriano vive ainda hoje na tradição popular. O povo, que não é constituido pelos proletarios e analphabetos, mas por todos os que são avessos á concepção scientifica do mundo, e que por tanto se conser-

¹ Voltarei a fallar d'essa vela num proximo artigo relativo aos *Mythos dos dedos e da mão*.

vam num estadio intellectual que os colloca ao nivel do selvagem ¹, o povo sonha sempre com thesouros e meios magicos de os descobrir, isto é, com a emancipação do trabalho rude. A superstição mantem-se pela ignorancia, pela falsa educação e pela miseria.

Numerosas vezes ouvi fallar a pessoas do nosso povo no famoso livro de S. Cypriano, de que, segundo me affirmavam, corriam numerosas copias manuscriptas, até que um creado de servir do Porto mandou imprimir uma d'essas copias com o titulo seguinte:

Livro de S. Cypriano, tirado d'um manuscripto feito pelo mesmo santo, que ensina a desencantar todos os encantos, feitos pelos mouros neste reino de Portugal, indicando os logares onde se encontram os encantos. Ensina a desfazer toda a qualidade de feitiçaria e ensina algumas magicas tal qual as fazia S. Cypriano; ensina como se hão de curar muitas doenças, que se suppõem causadas pelo demonio. Copiado fielmente pelo dito manuscripto, mandado publicar por Joaquim José Simões. Porto, Imprensa Portuense 1875. 8.º, 110 pp. Preço 600 reis.

Essa edição esgotou-se em pouco tempo; fez-se outra que tenho à mão, e o negocio tentou um livreiro de Lisboa, que publica com grande frequencia o annuncio no *Diario de Noticias* d'esta cidade:

O grande livro de S. Cypriano: em 3 volumes

1.º Volume: Vida de S. Cypriano — Orações e esconjurações — Desencanto dos thesouros — Magicas de S. Cypriano — Arte de deitar as cartas e de ler as sinas. — Preço 500 reis.

2.º Volume: Verdadeiro thesouro da magica preta e branca — Segredos da feitiçaria para ligar e desligar namorados — Orações do Anjo Custodio — Explicação dos sonhos, etc. — Preço 500 reis.

3.º Volume — Os prodigios do diabo — Os thesouros da Galliza — Remedio contra os espiritos diabolicos — Segredos para não ter filhos — Receitas varias para augmentar e diminuir amizades — Poderes occultos do odio e do amor, etc. — Preço 500 reis.

Os 3 volumes juntos 1\$200 reis.

Livraria Economica, Travessa de S. Domingos, 9 e 11.

E somos nós quem pretende civilisar a Africa! Ha pouco um jornal mostrava-se indignado por se apresentarem no Museu de South Kensington productos com a indicação que eram dos *selvagens do Algarve!* Mas a arte africana é cem vezes mais perfeita que a arte algarvia representada nesse Museu, e os manipansos cem vezes mais dignos de veneração do que certas estatuetas de barro e conchas, feitas nas costas do Algarve, representando santos e o general Saldaña, uma especie de heroe solar d'aquella pobre gente!

¹ Nesse numero entram muitos sujeitos que aliás se distinguem por conhecimentos mais ou menos variados e até por descobrimentos em tal ou tal ramo de sciencia: são selvagens aparentemente civilisados. A publicação ingleza *Journal for psychical science* revela claramente esse estado singular de muitos espiritos do nosso tempo.

O *Livro de S. Cypriano*, edição do Porto (só conheço pelo annuncio a de Lisboa) não offerece quasi nenhum interesse particular. Um extracto do index dará ideia do seu conteúdo. i. Como S. Cypriano tomou pacto com o Demonio. ii. Como S. Cypriano fez a escriptura do pacto. iii. Cypriano depois de ser Santo. iv. Modo como se hão-de desencantar os thesouros. v. Os logares onde se encontram os encantos. vi. Como S. Cypriano desfazia tudo quanto era feitiço. vii. Como é que Deus permite que o Demonio atormente as creaturas. viii. Oração geral para desfazer toda a qualidade de feitiçarias. ix. Remedio espiritual para benzer as casas que se sentem perturbadas pelo Demonio. x. Remedio espiritual como se ha-de benzer uma criança que se desconfia que o demonio a atormenta. xi. Remedio espiritual para atalhar a erysipella (no texto zirpella). xii. Remedios espirituaes como se ha-de conhecer se a creatura tem feitiço. xiii. Como S. Cypriano assistia aos entermos. xiv. Modo de votar (sic) uma peneira para adivinhar como fazia S. Cypriano depois que era santo. xv. Para adivinhar com 6 paus de alecrim. xvi. Como se ha-de votar as cartas. xvii. Responso de S. Cypriano para votar as cartas. xviii. Remedio espiritual para curar todos os temores que a medicina não poder curar. xix. Remedio espiritual que usava S. Cypriano para curar os temores, dores de cabeça, etc. xx. Como S. Cypriano curava tudo quanto era causado pelo Demonio.

O livro não tem o caracter terrifico d'outros do seu genero: offerece algumas formas e termos populares interessantes, como *galinhão*, *azango*, etc. No cap. xiv encontra-se o seguinte ensalmo da peneira:

Peneira que peneiraes
 Todo pão da christandade,
 Pego-vos eu, Senhor,
 Das tres pessoas distinctas
 Da Santissima Trindade
 Que não me faltes á verdade.
 Para gelão (?) traga matão (?),
 Raiz do panto achião (?):
 O molitão (?) possa esperar
 Para entregar
 Ao infernal Lucifer.

9. Le Dragon rouge

Consolemo-nos com o mal alheio. Não é só em o nosso paiz que circulam e são lidos com avidez livros semelhantes. Entre outras publicações do mesmo genero citarei a seguinte de que possuo um exemplar:

Le Dragon rouge, ou l'art de commander les esprits célestes, aériens,

terrestres, infernaux, avec le vrai secret de faire parler les Morts, de gagner toutes les fois qu'on met aux Loteries, de découvrir les Trésors cachés, etc. Imprimé sur un manuscrit de 1522. Paris. Chez tous les Libraires. 1838. 105 pp. in-12.^o

Charles Nisard na sua *Histoire de la littérature de colportage*, t. 1, p. 159 ss., occupa-se de diversas publicações francezas do mesmo genero, taes como o *Grand Grimoire*, p. 159 ss. e *Le Véritable dragon rouge*, p. 174 ss. Tendo adquirido *Le Dragon rouge* tempo depois de lido o livro de Nisard, que agora não tenho á mão, não posso verificar que relações mais proximas ha entre as publicações de que elle se occupa e aquella de que transcrevi acima o titulo.

Le Dragon rouge, como outros livros similares francezes, offerece relações com *Cypriani magi septem horae magicae*. Assim no cap. III d'aquelle achamos *la véritable composition de la baguette mystérieuse, ou verge foudroyante* que é feita com uma *baguette ou verge de noisetier sauvage* e varios ingredientes, o que é muito semelhante aos telarios de Cypriano. Tambem *Le Dragon rouge* dá o nome do diabo *Lucifuge Rofocale* (em Cypriano *Resocèle*).

Deitar varas para achar thesouros ou descobrir nascentes d'agua é processo magico que anda em a nossa tradição popular: «nem lance sortes para adivinhar: nem varas para achar aver». (*Constituições synodales d'Evora* de 1534).

Sobre a *vara dicinatoria* pôde ver-se por exemplo Louis Figuier, *Histoire du merveilleux dans les temps modernes*, 2.^a ed., t. II, pp. 253-426.

F. ADOLPHO COELHO.

MISCELLANEA

1

in der Fl. part. de Lant. Allingeren vordr.
L. xxv. beidlin

ETYMOLOGICALS

1. Sedico

SÊDIÇO ' representa certamente um adjectivo **seditiuus* (forma intermedia *sedeticius*), derivado de *sedere*, analogo a *subditicius*, *suppositicius*, etc. O suffixo *-itiu-s* junto ao thema acabado em vogal tem em português a forma *-iço* (d'ahi os derivados formados analogamente CHOVEDIÇO, ALAGADIÇO, etc.). As duas vogaes atonas que ficarão contiguas pela queda normal do *d* intermedio (SEEDIÇO) foram regularmente contrahidas em uma só vogal aberta (SÊDIÇO) como em CREDOR (*creditorum*), MEZINHA (*medicina*), PREGAR (*praedicare*), TAVARES (no latim dos documentos medievales *Talacures*), CÔRAR (*colorare*), etc. Quanto ao sentido cf. o substantivo latino *situs* (= estada prolongada em um mesmo lugar, d'ahi = bolór, mofo, bafio) com o adjectivo *situs*, ambos da mesma raiz, e o proverbio: «Pedra movediça não cria bolór». (Com significação mais achegada á primitiva parece que tambem se empregou em tempo a palavra SÊDIÇO, pois que no Dictionario portuguez e ingless de Vieira vem *sedica aqua*, *stragant water*).

2. Valhellsus

O nome d'esta villa da Beira (situada, diz Bluteau, «entre des-
abridas terras e asperas montanhas») deve representar o accusativo
do plural de *vallidula* ou *valliculo* (deminutivo de *vallis* ou *valles*) men-
cionado por Servio, Festo e Paulo Diacono, e que se encontra na
Vulgata, Lev. xiv 37 (v. a trad. francesa do Dicc. lat. de Freund).

O *l* dobrado latino é aqui representado pelo português *lh* como em *FOLHELHO* = *folliculus*, *CENTELHA* = *scintilla*, *GALHA* = *galla*, *TOLLER* = *tollere*. No mais é *Valhelhus* = *valliculus*, como *OVELHA* = *ovicula*, *ORELHA* = *auricula*, etc. A *Romania* cita algures um nome de povoação francesa, que tem a mesma etymologia.

A. EPIPHANTO DIAS.

¹ Noto como accento grave as vogaes abertas, mas atonas.

II

EPIGRAMMAS POPULARES

A par do profundo sentimento de tristeza que tantas vezes transparece nas poesias populares portuguezas, não raro também a veia satyrica se manifesta em toda a sua pujança. Eis alguns epigrammas que respigo na minha vasta collecção de cantigas do povo.

1

Tendes cara de papel,
Nariz de penna aparada,
Beijos de lacre vermelho,
Dentes de carta fechada ¹.

2

Estudante, deixa a arte,
Dá-me fallas ao jardim:
Mais vale um hora d'amores,
Que sete annos de latim.

3

Eu casei-me c'um ferreiro.
Fado tinha de passar... ²
Gastei tudo quanto tinha
Em sabão para o lavar!

4

Tomei amores c'um padre,
Nunca melhor coisa fiz!
Que logo me deu uma anágoa
Da sua sobrepelliz.

5

Não ha pau como o carvalho,
Nem lenha como o azevinho,
Nem filhos como os dos padres
Que chamam ao pae — padrinho.

6

Tambem o mar é casado,
Tambem o mar tem mulher;
E' casado com a areia,
Bate nella quando quer. ³

7

Uma velha, muito velha,
De baixo de uma figueira:
Até os figos dançaram
De ver a velha gaiteira.

8

Uma velha, muito velha,
Mais velha ca minha avó:
Fallaram-lhe em casamento,
Dixe a velha: — bitaró!

9

Uma velha muito velha,
Mais velha do que um chapen:
Fallaram-lhe em casamento,
Levantou as mãos p'ra o ceu!

10

O rouxinol, quando canta,
No meio dá um assobio;
E' como o filho do clérigo,
Que chama ao pae — senhor tio.

¹ Esta quadra refere-se ao tempo em que se escrevia com *pennas de ave*, que para isso erão *aparadas*, e ao uso de lacrar as cartas, hoje decadente.

² Comparando a última palavra d'este verso (*ferreiro*) com a inicial do seguinte (*fado*), vê-se que presidiu á formação d'elles um tal ou qual sentimento de allitteração.

³ Que ideia o povo faz da missão social da mulher!

11

Ha duas cousas no mundo
Que eu não posso comprehender:
Um padre não se salvar,
E um cirurgião morrer.

14

Oh! que pinheiro tão alto,
Lindo pau para colhéres!
As verdades são dos homens,
As mentiras das mulheres ¹.

12

Se eu casar contigo, velho,
Ha-de ser com tal partido,
Que ou tu has-de morrer cedo,
Ou te eu hei-de enterrar vivo.

15

O amar-te foi um sonho.
Foi uma variedade,
Foi enquanto não achei
Amor à minha vontade.

13

O meu amor engeitou-me,
Não tenho pena, nem dó:
Muito fraco é o navio
Que tem uma amarra só!

16

Minha mãe, pr'a me casar,
Prometteu-me uma escudella:
Depois que me viu casado,
Quebrou-me as costas com ella!

A parte da poesia popular, onde as cantigas epigrammaticas ás vezes apparecem mais, é nos *desafios*, principalmente quando os *cantadores* estão acirrados. O nosso povo tem mesmo um geito particular para o escarneo.

J. L. DE V.

III

COLLOCAÇÃO DO PRONOME REGIMEN (DIRECTO OU INDIRECTO)

A collocação do pronome regimen é extremamente embaraçosa para os estrangeiros que pretendem fallar ou escrever a nossa lingua, e é sabido como neste ponto a linguagem brasileira se afasta do nosso uso. Comprehende-se facilmente o primeiro facto, sabendo que as grammaticas da nossa lingua ou não expõem ou só expõem de modo incompleto e em parte erroneo as leis de collocação dos pronomes. Enquanto ao segundo facto, o uso brasileiro, só pôde ser explicado attendendo ás condições do desenvolvimento historico da linguagem d'alem-mar.

Nesta nótula limito-me a indicar as leis, ou antes lei, que creio ter descoberto no que respeita á collocação do pronome regimen (directo, indirecto, reflexo) em a nossa hodierna linguagem, reservando-me para outra occasião o estudo historico e desenvolvido do assumpto.

¹ As mulheres invertem o sentido dos dois ultimos versos.

Attrahem o pronome regimen para antes do verbo:

1.º Os pronomes indefinidos:

2.º Os pronomes interrogativos;

3.º Os pronomes relativos;

4.º Os advérbios em geral (excepto os com-
postos com *-mente*):

5.º As conjunções em geral:

6.º As preposições com infinito.

Esta lei, como em geral as da linguagem, não é *necessária*: exprime apenas a generalidade das tendências; mas examine-se o nosso uso hodierno, e ver-se-ha que ella se verifica quasi sempre, fóra d'um pequeno numero d'excepções fixas.

Exemplos:

1. *Todos te veneram. Tudo o opprime. Ninguém nos via. Outrem col-o explique. Todos os officiaes do mesmo officio se guerreiam. Ambos os irmãos nos visitaram.*

2. *Quem lh'o affirmou? Qual te parece melhor?*

3. *O estudo que te convem mais é a medicina.*

4. *Agora te comprehendo* (tambem, mas menos emphatico — *agora comprehendo-te*). *Ainda te vejo. Amanhã te verei. Nunca nos visitamos. Amigo, amigo, de longe te trouxe um figo; Apenas te vi, comi-o. Talvez te conte uma historia.*

Com alguns advérbios o lugar do pronome regimen é variavel: taes são *agora, cá, lá, aqui, amanhã*, etc.; com outros muito excepionalmente o pronome regimen segue regularmente o verbo: *Hoje espero-o*. Com muitos o pronome regimen precede sempre o verbo; e taes são: *ainda, já, jamais, logo, nunca, quando, sempre, longe, onde, não, apenas, talvez*.

5. *Nem te estimo, nem te odeio. Ou perdes, ou te salvas. Sabermos, se nos dedicarmos ao estudo. Não mettas as mãos no fogo, porque te queimaris. Disseram-me que me haviam de enviar um livro.*

A conjunção copulativa *e* e as adversativas *mas, porem*, constituem excepções fixas. *Conheço-te os defeitos e estimo-te. Não gosto d'este fato, mas uso-o.*

6. *Sem o ver. Tenho desejo de te fallar.*

Em todas as referidas excepções fixas e em todos os outros casos não comprehendidos pela lei — o PRONOME REGIMEN SEGUE SEMPRE O VERBO.

Resulta da natureza das palavras que attrahem o pronome regimen para antes do verbo que a primeira vez parece que a lei devia enunciar-se do modo seguinte: *nas orações principaes o pronome regimen segue, nas subordinadas precede o verbo*; mas como acaba de ver se, essa lei, que teria um caracter logico, não é exacta. O lugar do pronome regimen depende essencialmente de presença ou não presença antes do verbo d'uma das palavras das classes mencionadas.

F. ADOLPHO COELHO.

IV

NOTA SOBRE FONETICA ALEMTEJANA

A um natural de Mertola, e que aí viveu até depois de adolescente, noto tres especies de *e* tonico:

1.^a) *e* aberto, correspondendo a esta mesma vogal no centro do reino, e perfeitamente idéntico ao de Lisboa;

2.^a) *e* medio, igual ao *e* castelhano, correspondendo ao *e* latino, — por exemplo no infinito dos verbos da conjugação em *-er*, e tambem a *z*, isto é, ao *e* romanico, com a excepção seguinte:

3.^a) *e* fechado, como em Lisboa, correspondendo porém somente ao *i* latino em sílaba fechada, como *este* (iste), *esse* (ipse), e por tanto muito menos frequente que qualquer dos outros dois.

O som do 2.^o *e* é o dado ao *ê*, ou *e* fechado, antes de consoante palatal, e é ele tambem o elemento tonico dos ditongos *êi* e *ên* (*îi*), por exemplo em *sêja*, *sêha*, *rêi*, *bên*.

A. R. GONÇALVES VIANNA.

V

ENO = EM NO

A par de EM NO ou EN NO (que resulta, por assimilação, de *em to*) encontra-se, segundo é sabido, no português archaico *eno*, que deu o moderno *no*. A pronuncia deve ter sido *ê-nô* e não *en-o* ¹. Tornando-se EM proclítico, a vogal nasal posta antes de uma consoante nasal perdeu a nasalização. E' o mesmo facto que se dá em NO-MAIS (de NON-MAIS), fôrma que se encontra ainda durante o seculo XVI, v. g. em Prestes no Auto do Mouro Encantado, em Christovão Falcão no Chrisfal (onde o snr. Th. Braga escreve inexactamente *non mais*), nos Lusiadas III 67, x 145 (onde o snr. A. Coelho restabeleceu a verdadeira lição), e igualmente em NO-NADA ² (de NON-NADA), em CO-MIGO (de COM-MIGO), em NE-MIGALHA (de NEM-MIGALHA).

Lisboa, 27 de Abril de 1887.

A. EPHELIANO DIAS.

¹ A pronuncia *ê-nô* devia ter-se seguido *ê-nô*; por causa da proclise, as duas vogaes tornárão-se atonas e surdas, e, como é inadmissivel *e surdo* no principio de vocabulo, cahiu. Devo dizer tambem que a desnasalização de vogal antes de consoante nasal não é geral em todo o reino. — J. L. de V.

² Esta palavra foi-me lembrada pelo esclarecido professor do Collegio Militar, o snr. Carlos Claudino Dias.

VI

DOIS COSTUMES POPULARES ANTIGOS

Na *Descripção de Entre-Douro-e-Minho e Tras-os-montes*, que existe em mss. na bibliotheca municipal do Porto (vid. o respectivo catalogo, n.º 549), e de que é auctor João de Barros (sec. xvi; não se confunda este A. com o das *Decadas*, — cfr. *Rev. Lusit.*, pag. 50), encontrei mencionados os dois seguintes costumes:

a) A'cérca do mosteiro de Paço de Sousa: «ahi tem os labradores do Couto hum costume e tributo, que no dia de St.º Estevão, nas oitavas do Natal, hão de casar (lêde *caçar*) um pisco vivo, e apresentá-lo ao D. Abbade, e não o fazendo assim, hão de lhe dar um porco cevado». Fls. 23-24. — Nas *Posturas municipaes* de varios concelhos tenho visto consignados tributos semelhantes.

b) «Em Tras-os-Montes ha hum concelho, a que chamão Aguiar e tem huma aldeya junto ao rio Tamega e hum bosque, e como quer que os Reys dessem então grandes privilegios aos que povoassem terras hermas, diz o Foral daquella aldeia que quando o rico-homem for no rio fazer troviscada, que elles lhe dem huma merenda de porretas com vinagre, sem mais outro foro». Fls. 18. — As *troviscadas* ainda hoje são vulgares na Beira-Alta; mas, em vez da tal *merenda*, a lei impõe multas a quem as faz.

J. L. DE V.

VII

ETYMOLOGIAS

1. *leo* = *levem*

leo em expressões como *estar ao léo*, etc. representa o latim *le-rem* pela vocalisação do *r*, e está para *levem* como *não* para *nacem*.

2. *redrar* = *reiterare*

redrar = cavar segunda vez, deriva de *reiterare*, que temos tambem em portuguez sob a fôrma erudita de *reiterar*.

No hispanhol ha, derivados da mesma palavra latina, *redrar* e *rendar*. Esta ultima fôrma tem exactamente a mesma significação que o portuguez *redrar*, assim como o substantivo *redra*, do thema de *redrar*, significa o mesmo que o hispanhol *renda* = a segunda cava.

3. marisma = marítima

*Marisma*¹ corresponde ao latim *marítima*. O hispanhol tem *marisma*; em italiano ha *marenna*, e em francez *maremme*. Cf. em hispanhol *byzma* de *epítima* e a fôrma *arismetica* por *aribnetica*.

4. argal = algalia

argal que designa um instrumento ôco, de fôrma levemente cônico, com uma extensão de cerca de 50 centímetros, que se introduz nas pipas para tirar d'ellas vinho, agoardente, etc., tem a mesma origem que a fôrma erudita *algalia*, do baixo-latim *algalea*, *algalia*, que Littré, seguindo Ménage, relaciona com o grego *'argaleion* por *'ergaleion*. A palavra *argal* não occorre nos nossos dictionarios.

5. cerro = serra

cerro. O latim *serra*, instrumento de cortar, deu o portuguez *serra*, com a mesma significação, e *serra*, serie de montes, por uma tal ou qual similitude entre os picos da segunda com os dentes da primeira. *Cerro*, cuja explicação deu que fazer aos nossos etymologistas, que descobriram aqui uma palavra celtica, é apenas um masculino formado de *serra*.

6. fulo = fulvus

fulo provém de *fulvus* pelo desaparecimento pouco vulgar do *v* (Diez, Etym. Wörterbuch, II, b), como *Gonsalo* de *Gonsalvus*. Este desaparecimento pode ser devido ou á vocalisação do *v* (*fulvus*=*fulro*=*ful(u)o*) ou á sua assimilação *fulvo*=*fullo*=*fulo*, como *pulvis*=**polvo*=**pollo*=**poto*, e d'aquí *pó*.

7. cesão = accessionem

cesão resulta do latim *accessionem* que deu o portuguez *acessão*. Houve queda do *a* inicial e passagem dos *ss* para *s* (=z).

8. sonso = insalsus

sonso. O hispanhol tem *zonso* e *soso*; o portuguez popular tem *insonso*, d'onde resulta *sonso*, com perda de syllaba inicial, como *sanha* de *insania*, *salobra* de *insalubrem*.

JULIO MOREIRA.

¹ «Na bahia de Lagos entre a margem esquerda da ribeira de Bensafrim e a costa ha um extenso campo lodoso ou sapal (as marismas) com mais de trinta hectares de superficie, coberto de vegetação marina e que a maré cobre no fluxo das agoas vivas.» Nery Delgado, apud Martins Sarmiento, *Ora marítima* de Avieno, pag. 57, nota.

VIII

NOTAS DE ETHNOLOGIA

1

Meninos bentos

O sr. Adolpho Coelho em um excellente quadro de mythologia portugueses publicado no fasciculo II da sua Revista de Ethnologia e de Gilottologia, a pag. 185, abre um capitulo consagrado a *Benedictors* e *Pessoas de virtude*, no qual deve entrar a especie conhecida pela designação de *meninos bentos*, que constitue uma crença bastante espalhada, pelo menos nas provincias do Minho e 'Tras-os-Montes, e de que se não faz menção especial nesse trabalho.

O menino bento *falla no ventre da mãe*, mas esta não deve revelar tal circumstancia a ninguém, até que o filho complete sete annos para lhe não fazer *perder a riqueza*.

O que principalmente o caracteriza é ter uma cruz no céu da boca e ser dotado do poder de adivinhar. Segundo se lê no § 278 da Revista acima citada, é tambem isto o que caracteriza os *salvadores*.

Uma das pessoas a quem devo esta informação, e que era uma mulher natural de Vianna do Castello, affirmou-me ter conhecido um *menino bento* perto d'aquella cidade, e que de todas as partes affluia gente a consultá-lo, porque tudo quanto elle dizia *sahia certo*.

Cfr. tambem *Trad. pop. de Port. de Leite de Vasconcellos*, §§ 335-a e 375.

2

Ir ás vozes

No Porto cre geralmente o povo que quando se desejar saber qual será o resultado de uma empreza, se é viva ou morta uma pessoa ausente, se é feliz ou infeliz, etc., bastará ir de noite, *sem falla*, até à capella da Senhora das Verdades, junto da Sé, levando no sentido a ideia sobre a qual se pretende algum esclarecimento, e reparar nas palavras que ouvir a quem passar ou a quem residir nas immediações, as quaes, bem interpretadas, serão a resposta ou revelação que se deseja obter.

Cfr. tambem Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Port.*, § 314-a.

JULIO MOREIRA.

IX

PORT. oe = FR. oi

As seguintes palavras portuguezas provenientes do francés testemunham pela antiga pronuncia *oi* do diptongo fr. escripto *oi* e pronunciado hoje *oi* (*oi*, *oi* ainda nos dialectos):

toesa do fr. *toise* (lat. *tensa*)

oboi » » *hautbois*

framboesa » » *framboise*.

F. ADOLPHO COELHO.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

Historia de la literatura gallega, por Augusto G. Besada, — La Coruña, 1887. xii-176 pag., t. i, vol. 1.º (n.º 8 da *Biblioteca gallega*). — preço avulso 3 pesetas.

A Hispanha tem-se assigualado ultimamente por um grande movimento litterario nos dominios ethnologicos e philologicos, pelo que se refere á colleccionação de materiaes; a respeito da Galliza publicou-se já uma boa serie de volumes, que, com o que havia, constituem elementos sufficientes para um estudo, senão completo, pelo menos bastante profundo, do idioma gallego.

O sr. Augusto G. Besada, no livro cujo titulo me serve de epigraphie, e que é o primeiro de um vasto plano, afasta-se do trabalho de simples colleccionação, e entra em exegese: mas, a julgar pelo que li, eu devo notar com toda a franqueza que o escriptor gallego não me parece bem preparado com bases philologicas, nem com bases de critica litteraria para a obra que empreheendeu. Além d'isso, — defeito commun a outros escriptores do visinho reino —, a forma preoccupa-o um pouco, do que resulta dar-nos elle ás vezes, em lugar de ideias novas ou factos bem averiguados, apenas phrases rhetoricas que só satisfazem o ouvido.

Na introdução occupa-se do *idioma gallego*. Nesta introdução ha phrases anti-scientificas como a seguinte: « Si admitimos que los habitantes primitivos de nuestra tierra vivian en un estado de barbarie, nada nos interesa su language, que ni habia de ser lógico, ni obedecería á reglas filológicas, ni tendria etimologia racional, ni tampoco se perpetuaria como no se perpetuaron las costumbres, los hábitos y las leyes» (pag. 21); mais adiante diz que não se conservon até hoje «ni la más rudimentaria noción exacta de los primeros pobladores». Ha aqui uns poucos de erros. Em primeiro lugar, não existe lingua nenhuma, por mais selvagem que pareça, que não tenha regras; as linguas são em parte productos naturaes, em parte productos sociaes, e qualquer d'essa ordem de phenomenos está sujeita a leis. Em segundo lugar, ao contrário do que suppõe o sr. Besada, seria uma grande fortuna para a nossa Ethnologia em particular, e para a Glottologia em geral, que apparecesse, algum fragmento que fosse, da lingua ou linguas dos primitivos habitantes da Lusitania, alem do que dos periodos historicos nos é conhecido pelas inscripções, pelos AA. classicos, etc. Em terceiro e ultimo lugar, desconhecerá o sr. Besada os estudos prehistoricos realisados em Portugal e Galliza? Certamente que alguns dos costumes dos nossos maiores podião ter-se conservado, e de certo se conservãrão, até ao presente, mais ou menos modificados, como acontece por exemplo com os amuletos, etc.

O A. expõe a origem e desenvolvimento do idioma gallego, mas deixa-se ás vezes levar pela phantasia, attribuindo ao celta (sic), ao grego, etc., influencias mais que duvidosas sobre a linguagem da Galliza; a exposição da origem românica está tambem muito embrulhada. O auctor certamente não estudou Frederico Diez, nem Adolpho Coelho; a introdução da *Gramm. des ling. románicas* do primeiro, e as *Questões da ling. portug.* e *A ling. portug.* (vol. 1 do *Curso de Litt. nac.*) do segundo tê-lo-hão orientado melhor. Em etymologias romantiza tambem muito, como se vê com *Castro, Castrelo, Maceda, Carlegada*, que contrariamente ao

que o A. pensa, são de origem latina. As palavras que cita do nosso André de Resende (*De antiquitatibus Lusitaniae*) acerca da acção do grego nos idiomas da península são sem valor. Muita gente, alheia á severidade do methodo philologico, insiste nessa acção: já Saco Arce, auctor da *Gramatica gallega*, a cada passo compara formas gallegas com formas gregas; em Portugal os falsos etymologistas causão-se tambem em estabelecer analogias entre a bella lingua de Homero e a nossa, mas a verdadeira philologia ri-se de tudo isso. Effectivamente ás vezes ha uma certa analogia: assim o grego *mesēmbria* de *mesm(e)ria* é de algum modo comparavel a *hombr*, de *humerus*: as modificações que se observão em *tenõ* de *tenõ*, *keirõ* *keriõ*, etc., parecem-se com as port. *capitaina* de *capitani*, *primeiro-primaio* de *primarius*, etc.: mas estas e outras analogias são puramente fortuitas, dependentes de causas geraes que actuão do mesmo modo na vida da linguagem, e não devidas a communidade de origem immediata.

No cap. III combate o A. a conhecida divisão de Saco Arce do gallego em dois dialectos, um septentrional, outro meridional, e parece admitir seis variedades principaes: gallego de Pontevedra, de Lugo, de parte da Coruña, de Santiago, de Orense e de Bayona. — mas devia ter insistido mais sobre isto, notando de uma maneira precisa e circumstanciada os fundamentos d'esta divisão; menciona, mas confusamente, *el habla de los habitantes de Varedo* (perto de Bayona) que *tienen frases suyas y pronunciación distinta*; refere-se pelo mesmo modo vago á tendencia que os povos costeiros teem para *castellanizar el gallego*, e por fim acercescenta que os gallegos da nossa raia fallão o puro gallego, «siendo por el contrario los portugueses los que admiten tanta frase de Galicia, que bien puede decir-se que hablan mas bien gallego que portugués». O que eu entendo é que tanto nos povos raianos de lá como nos de cá deve haver *linguagens intermedias* e não propriamente *linguagens mistas*; cfr. os meus opusculos *Dialectos minhotos*, I-II, pag. 15 e 19, *Dial. interamnienses*, VII, pag. 22-23, *Linguas raianas*, pag. 14-15, e *Dial. mirandês*, in fine. — onde tenho exposto as minhas ideias sobre este ponto. — Ao mencionar os dialectos gallegos, o A. esqueceu-se de fallar do idioma do Viero, que tantas relações tem com o da Galliza.

No cap. IV tracta o A. ligeiramente da comparaçã do *babie* (asturiano) com o *gallego* e o *castellano*, suppondo que o asturiano é a lingua romanica mais antiga da Hispanha, e que o gallego deu origem ao castelhano (pag. 63): como se vê, o sr. Besada não está no bom terreno, pois as tres linguas provierão parallelamente do latim popular fallado na península hispanica; se em certos casos uma apresenta phenomenos que parecem anteriores aos de outra, isso é devido a condições particulares que num ponto actuão num certo sentido de evolução, e noutro num certo sentido de estacionamento.

O cap. V interessa-nos mais a nós portuguezes, porque o A. pretende provar, fundando-se apenas em passagens de varios escriptores, que o gallego gerou a nossa lingua, e que esta se deve considerar como um sub-dialecto d'aquelle. Eu já disse algures que a questão de linguas, dialectos, co-dialectos e sub-dialectos, é uma questão prática, vindo tudo a ser a mesma coisa em theoria. O A. foi levado aqui por um espirito de nacionalidade: de facto eu tenho como exacto o seguinte: a lingua dos Romanos, trazida para a Lusitania (que comprehendia a Gallaecia), transformou-se em um idioma que chamarei *português-gallego*, que, apesar de variedades ou ao menos tendencias dialectaes que havia de apresentar desde a origem, mantinha uma tal ou qual unidade, como se observa nos primitivos documentos escriptos; depois, em virtude de condições communs a todos os idiomas, e de outras particulares a este (como a vida historica de Portugal, a absorpção da Galliza na Hispanha, etc.), o *português-gallego* differenciou-se cada vez mais, constituindo de um lado o *gallego* (com os seus dialectos) e do outro o *português* (tambem com os seus dialectos e sub-dialectos). Vê-se pois que estão ambos nas mesmas relações com o latim, e que se não deve dizer nem que o gallego provém do português, nem este d'aquelle. Mas, na vida social e litteraria, qual das duas linguas é mais importante? A que se tornou orgão de um povo independente e progressivo, senhor de uma litteratura riquissima, collaborador activo e fecundo da civilização, ou a que pouco mais serve do que para os usos domesticos de uma provincia annexada a um reino, e cuja litteratura, vida e influencia social se não podem comparar com as

da outra? Evidentemente a primeira. E' por isso que eu digo que o português é propriamente uma *lingua* e o gallego um *co-dialecto português*, pois na classificação dos idiomas romanicos da península estes dois idiomas hão-de forçosamente ficar juntos e numa certa relação, que não póde de modo algum deixar de ser aquella. Attenção de mais a mais os escriptores gallegos á acção absorvente da lingua e litteratura castelhanas sobre a sua, e verão claramente que não devem pertender para o gallego o nome de *lingua* e para o português o de *sub-dialecto*. Nesta exposição não entrei em consideração com outros idiomas raianos que, numa classificação glottologica, ficão egualmente ao lado do *português-gallego*. Não eu deo o snr. Besada que me cega o amor da patria; eu até concedo-lhe muito mais do que varios philologos romanistas que considerão o gallego como dialecto português: vid. Ad. Coelho *A lingua portuguesa*, 1868, pag. iv, G. Paris in *Romania*, vol. i (n.º 2), o principe L. L. Bonaparte in *Transactions of the Cambridge Philolog. Society*, vol. ii (pag. 4 do extr.), Monaci e d'Ovidio *Mammalotti d'introduzione agli studi neolatini*, ii, 50, etc., etc. Mas eu entendo que a sciencia está superior a todos os preconceitos.

No cap. iv considera o gallego como *idioma* e não como *dialecto*; respondendo-lhe com o que fica dito antecedentemente.

Terminada a introdução, o A. entra propriamente no assumpto, com um capitulo preliminar, *ideia geral da litteratura gallega*, em que estuda algumas formas da poesia popular, etc. Em seguida occupa-se dos *primeiros cantos* da litterat. gallega até ao sec. xii; com grande estranheza vejo comprehendidos ahí os celebres versos á *Perda de Hispanha* (poema da Cava) e a *canção de Gonçalo Herninques*! O A. ignora de certo os trabalhos de critica litteraria de que essas composições (que ha motivos para chamar apoeryphas) forão objecto. E' pena ver um escriptor, do entusiasmo e da dedicação do snr. Besada, occupar-se de um assumpto que elle não domina bem; e isto é um perigo, porque a Hispanha, tão atrasada ainda em estudos philologicos, continuará no marasmo, se os seus escriptores não aproveitarem o que já está feito ácerca do seu pais por homens competentes.

Aguardo a continuação da obra. Creia o snr. Besada que nessa critica que lhe dirigi não ha da minha parte a menor sombra de offensa pessoal; eu queria sómente que a sciencia andasse para deante, em logar de andar para trás.

J. L. DE V.

Lo llamp y 'ls temporals per D. Cels Gomis, Barcelona 1884, xxiv—72 pag., preço 6 reales.

Ao fervor scientifico que, ainda ha relativamente poucos annos, despontou na Europa com o fim de colher e estudar as tradições populares, essas reliquias das civilisações dos nossos maiores, esses documentos interessantissimos e puros da vida do povo, respondeu a Catalunha com uma actividade muito para louvar. São mais ou menos conhecidos de todos os ethnographos os trabalhos de Milá y Fontanals, Pelay Briz e Bertran y Bros sobre a poesia popular, de Maspons y Labrós sobre novellistica e jogos infantis, etc. O elegante volumezinho cujo titulo dei acima, faz parte de uma bibliotheca popular da *Associació d'excursions catalana*, poisque um dos objectos d'esta sociedade é tambem «arreplegar tot quant á la litteratura popular fa referencia». Direi d'elle duas palavras.

O primeiro capitulo do livro de Cels Gomis occupa-se das *Pedras de raio*. Muitas das superstições mencionadas nelle encontrão-se no nosso pais: com a crença de que «quan cau un llamp s'enfonza set canas sota terra» cfr. as minhas *Trad. pop. de Port.*, § 146.

— «En molts pobles pirenaychs de la provincia de Girona hi ha la costum de posar aquestas pedras ab lo tall cap amunt quan hi ha temporal, creguts de que aixis se lliuran del llamp» (pag. 5): cfr. as minhas *Trad. pop.*, § 146-b.

— Em Vilabertran acredita-se que a agua não apaga o fogo causado pelo raio : o mesmo em Portugal, *Trad. pop.*, pag. 64.

O segundo cap. tracta das *Tempestades*. Na Catalunha julga-se que as tempestades são produzidas pelos Bruxos e pelas Bruxas : em Portugal ha um echo d'esta crença, vid. as minhas *Trad. pop.*, § 104. Na propria doutrina da Igreja catholica existe uma ideia semelhante, pois na *Pratica de exorcistas e ministros da Igreja*, trad. e accrescent. pelo padre M. Rodrigues Martins, Coimbra 1694, lê-se este esconjuro : «Conjuro te, aër ✕ per Deum Omnipotentem, . . . ut non habeas potestatem continendi aliquo loco istum spiritum nequam & nefandum, nec omnes faventes sibi, sed ipsum a te rejicias, etc.» (pag. 224-225) ; aqui está mais um exemplo de como as crenças pagans. pois ésta é uma, o que se prova pela comparação historica, forão tractadas pela Igreja, que attribuiu á conta do Diabo o que os povos anteriores ao christianismo attribuião aos seus deuses e aos seus fetiches. — Entre outras, o A. cita estes versos infantis :

Plou y fá sol,
las bruixas se pentinan,
plou y fá sol,
las bruixas y'ls bruixots :

aos versos que publiquei nas minhas *Trad. pop.*, §§ 24 e 128 posso juntar mais estes, os primeiros de Paços de Ferreira, os segundos de ao pé de Mafra :

Está a chover e a fazer sol
E as feiticeiras a pentear-se em Pena-maior ;

Quando chove e faz sol
Estão as bruxas a pentear-se em Ponte-do-sol ;

aqui ha dois elementos que distinguir. — de um lado o nome da localidade que figura nos versos, do outro o acto de pentear : o primeiro é puro e simplesmente pedido pela rima 1 ; o segundo é mais complexo. Uma superstição port. aclara o sentido dos versos, dizendo que as bruxas, quando chove e faz sol, deixão *cahir* as *lendeas*, que são a chuva ; os factos encadeião-se assim : o phenomeno meteorologico é produzido por uma entidade mythica que deixa cahir lendeas (ou *perolas*, segundo outra versão). Porque se escolheu só a chuva que se acompanha de sol e não qualquer chuvada ou borriço sem sol ? Porque neste caso a chuva é branda e as gottas de agua adquirem á luz um certo reflexo (ésta porém pôde ser apenas uma das razões). Porque se escolherão as lendeas ? Talvez porque noutra concepção mythica as nuvens sejam identificadas a cabellos. Note-se tambem que o *pente* entra em muitas tradições populares. Noutros paeses ha versões semelhantes ; a respeito do orvalho diz uma obra fr. do sec. xviii que «les vilageois s'imaginent, tantost que ce sont des poux d'argent tombez le matin de la tête du Soleil qui se peigne» (apud *Devinettes pop.* de E. Rolland, pag. 131). Podia ainda comparar-se o que a respeito dos flocos da neve diz J. Grimm, na sua *Deutsche Mythologie* (pg. 267 sup. do t. I da traducção inglesa, — que é da de que me sirvo), e Carnoy in *Romania*, viii, 160. — No livro catalão de que me occupo citão-se ainda varios ditos a respeito de quando chove e faz sol (pag. 14-15) :

Plou y fá sol,
lo diuoni *tupa* (pega) á la dona (Mallorca),

que o A. identifica com este da Alta-Bretanha

V'la le diable qui bat sa femme.

1 Cf. o meu *Annuario das trad. pop. port.*, pag. 68. No jogo da *cabra-cega* (vid. *Trad. pop.*, pag. 181), tanto se diz *Tizella*, como *Castella*, que rimão nos versos do dito jogo com *canella* e *dia*.

e compara com este da Baixa-Normandia

Il plent et fait solet,
le diable est à Caunteret
qui bat sa femme à coups de contet, de martet ;

eu posso comparar isto com o que se diz em Portugal (vid. as minhas *Trad. pop.*, § 24), e com o que se lê na *Romania*, viii, 260 : « quand le soleil est caché par les nuages, on dit que le diable se bat avec sa femme » (art. de H. Carnoy).

Cuando llueve y hace sol
hace la vieja T requeson (Valladolid) ;

nestes versos do Minho (Vieira)

Stá a chover e a fazer sol
E a velha a arrumendar o fol

entra igualmente *A Velha*, entidade mythica notavel, que apparece muito nas nossas tradições.

Cuando llueve y hace sol
el diablo casa á su hija (Madrid) ;

em Portugal diz-se «que está a raposinha a casar» (Mogadouro ; cfr. tambem *Trad. pop.*, § 24) : ha aqui, como se vê a mesma ideia do casamento ; cfr. ainda Consiglieri Pedroso, *As bruxas* (Porto, 1880), e Ad. Coelho in *Rev. scientifica* do Porto, pag. 515.

O terceiro cap. intitula-se *Remedys contra 'ls llamps y 'ls temporals*. O A. começa por dizer que é costume tocar os sinos para afugentar as trovoadas ; o mesmo em Portugal. Depois indica várias orações e práticas (como cirios accesos, etc.) contra as tempestades, — factos analogos aos que se dão em Portugal.

O cap. quarto tem por titulo *Oracions populars contra 'l llamp*, e comprehende várias orações, algumas das quaes o proprio A. teve o cuidado de comparar com outras portuguezas publicadas por mim.

O cap. quinto e ultimo denomina-se *Dikxos sobre 'l llamp y pronóstichs que d'ell se deduheixen*. O povo catalão, analogamente ao portuguez (vid. *Trad. pop. de Port.*, pag. 65), explica o ruido da trovoada por meios familiares : « Al cel hi ha bodas y 'ls angelets romanen las caixas dels confits » ; « quan trona diuen que Sant Pere 's muda de casa » etc. (pag. 51). Póde notar-se a este respeito o que diz Grimm, *ob. cit.*, (trad. ingl., t. i, pag. 166 sq.).

O volume fecha com um appendice sobre *Lo toch de mal temps*, traduzido de Maurer por D. Ramon Arabía y Solanas, que havia já publicado este art. in *La Renaixensa*, anno xiv, d'onde eu o conhecia por um extracto que o traductor me mandou.

O trabalho do snr. Cels Gomis está bem organizado, e é bastante rico de factos.

J. L. DE V.

II

PERIODICOS

Revista archeologica e historica. redigida por A. C. Borges de Figueiredo e M. Alexandre de Sousa, Lisboa 1887, n.º 1 a 4, preço do n.º avulso 120 rs. — Raras serão em Portugal as povoações que não possuão o seu monumento antigo; poucos montes haverá em que o antiquario não descubra os vestígios de um velho *castro*: uma revista pois na indole d'aquella era muito necessaria, e os seus redactores merecem pela sua iniciativa grandes elogios. Notarei porém que ella devia ser apenas *Revista archeologica*, porque, com o titulo que traz, não tem campo bem definido; por outro lado eu quizeria que a *Revista* fosse exclusivamente portugueza, porque entre nós ha tanta cousa que estudar, que não nos cresce tempo para estudarmos as cousas alheias senão nas suas relações com as nossas, afim de explicarmos estas. Passarei a summariar o que mais interessa á *Rev. Lusit.* No 1.º n.º começo a publicar-se umas *Constituições do archiepiscopo de Lisboa* de 1402-1414; o seu editor, o sr. Borges de Figueiredo, promette um extenso commentario, que espero com o maximo interesse: estas *Constituições*, que estavam ineditas, são muito curiosas para a nossa ethnologia (pelas superstições a que alludem) e para a nossa philologia: nellas acho por exemplo as graphias *liall, qiall, tall, pessoalmente* e *especialmente*, que, como eu tinha suspeitado (vid. *Rev. Lusit.*, pg. 64), mostram que no sec. xv se usava *ll* nas circumstancias em que hoje se gutturalisa o *l*; se não ha erro, a graphia *moro* (pg. 14) em vez de *mouro* mostra pelo seu lado, que já nos principios do sec. xv se dava na Extremadura a condensação do ditongo *ou* em *ô*. — A pg. 8 mencionão-se duas inscrições, acompanhadas de um fac-simile, em que se lê este nome proprio *Orne* (*Jul. Orne*), e apparecem (em uma d'ellas apenas) como ornato dois corações, o que prova que o uso dos corações pintados, gravados, etc., tão vulgar no nosso povo, estava tambem em voga no periodo luso-romano. — No n.º 2 continua-se a publicação das *Constit. de Lisboa*, onde ha que assignalar em apoio da minha theoria: *secularall, fiellmente, samiquell* e *corporall*. — No n.º 3 vem um magnifico artigo inedito, feito *ad hoc* por E. Hübner sobre os *Monumentos de Balsa* (Tavira); o sabio epigraphista allemão, baseando-se no estudo dos nomes de algumas inscrições antigas d'aquella povoação do Algarve, chega ás seguintes conclusões, realmente muito importantes para a nossa ethnologia: observar-se-ha, embora a estatística seja muito incompleta, uma certa preponderancia do elemento grego na classe inferior dos habitantes. Esta observação, é plenamente confirmada pela nomenclatura dos habitantes de Faro (*Ossonoba*), e de outras cidades de commercio maritimo no resto da peninsula. As cidades romanas do interior de Portugal apresentam sob este ponto de vista um aspecto muito differente (pg. 38). Que pena estarem sempre os estrangeiros a dar-nos novidades sobre as nossas cousas! Não seria melhor, em vez de mandarmos para a Alemanha, França, etc., os materiaes scientificos, estudarmos-los nós cá primeiro, de modo que os outros copiassem de nós, e não nós d'elles? Sem que eu de modo algum deixe de prestar os devidos tributos de respeito aos sabios que se occupão das cousas portuguezas, não posso porém calar os fortes sentimentos do meu orgulho nacional. — No n.º 4 vem um pequeno art. em castelhano sobre a geographia arabe de Portugal; outro ácerca de uma ara romana achada em 1877 em Castro-Daire, sobre cuja interpretação ha ainda muitas sombras. Na occasião em que esta ara appareceu, apparecerão tambem algumas moedas romanas, das quaes possuo uma que me derão em Castro-Daire ha annos, mas que não tenho agora a geito de a poder descrever. Na curiosa ara em questão está representado um quadrupede, javali ou porco, a respeito do qual o sr. B. de Figueiredo faz algumas considerações tendentes a mostrar que o culto suino existiu outr'ora na Lusitania e do qual restão ainda vestígios, quer nas trad. pop., quer nos monumentos, como o *porco do pelourinho de Bragança*, a *porca de Murça*, etc. A este respeito notarei mais os seguintes factos: no Museu de anthropolo-

gia de Lisboa vi ha pouco uns moldes de gesso de um pequeno monumento d'este genero, que existe no Algarve: na aldeia de Parada de Infanções (c. de Bragança) encontrei em 1884, no adro da igreja, um curioso monumento de pedra muito semelhante ao de Murça (eu vi este de noute, á luz de um phosphoro, muito de corrida, e não pude estabelecer bem a comparação, que só á face de photographias ou bons desenhos se pode fazer com exactidão), a proposito do qual o povo da localidade conta que havia alli outr'ora um porco e uma porca de que se pagavão grandes tributos não sei a quem: por causa d'isso mettêrão a porca na parede da igreja e deixarão o porco cá fora; o povo chama a este interessantissimo monumento o *berrão do adro*. Será verdadeira a lenda da introdução de um monumento analogo na parede? Não sei. Em todo o caso a archeologia e a ethnologia portugueza podem archivar mais este facto da existencia de um monumento, certamente idolo ou cousa semelhante, analogo ao de Murça e de Bragança. E' para notar que numa zona tão pequena apparecessem pelo menos tres tão parecidos.— Como dado bibliographico direi que a inscripção de Castro-Daire foi já publicada tambem noutro jornal, se bem me lembro, o *Jornal de Vizeu*, que não tenho agora á mão, mas que li em tempo.— Neste mesmo n.º vem a continuação das *Constit. de Lisboa* (sec. xv): nella se encontra egualmente *persoall, quall, tall, portugall, espiciall e leygall* (por *legall*); ahi passou sem nota da parte do editor *morrem* em vez de *morem* (a pg. 62); a pag. 63 notou-se como estranha a palavra *saguars* (*juizes saquacs*): será *sagraes* ou *sagraes* (seculares)?

J. L. DE V.

Revista de estudos livres, dirigida por Dr. Theophilo Braga e Teixeira Bastos, Lisboa 1887, vol. iv, n.º 1 e 2 (juntos). Neste fasciculo vem um curioso art. de J. José Marques intitulado *Notas para a historia da musica em Portugal*, o § 2.º do qual se refere a varios usos populares portuguezes antigos de danças e superstições hieraticas, desde o sec. xii em diante. Alguns d'esses usos encontrão-se ainda hoje, mais ou menos modificados, nas nossas aldeias.

J. L. DE V.

Galliza, revista regional de ciencias, letras, artes, folk-lore, etc., La Coruña 1887, fasc 5, 6 e 7 (Maio a Julho).— Esta revista continúa a publicar alguns materiaes interessantes para o conhecimento do idioma e litteratura popular da Galliza, como poesias, adagios, etc.; mas nos artigos doutrinaríos ha muita cousa que censurar. No n.º 5, por ex., dá-nos o sr. Florencio Vaamonde a seguinte novidade: «Los celtas gallegos, como primitivos pobladores del país, no tenían otra ocupacion que la de defender-se de las fieras y comer lo que producian los arboles y las plantas» (pg. 243). Quem disse ao sr. Vaamonde que antes dos celtas não houve outros povos na Galliza? E os pobres gallegos só a trincarem fructas e a lutar com os bichos! A pg. 244 afirma gravemente que «los celtas ó galos descendian de Noé por Tubal, su jefe ó patriarcha, que fué el que los condujo desde las riberas del Caspio á las tierras de España». Artigos d'estes melhor fóra que nunca apparecessem em público; são um mal para quem os lê desprevidos, e uma vergonha para quem os escreve.

J. L. DE V.

Revue de traditions populaires. 2.^{me} année, n.º 6, 25 Juin 1887. Tem-se recebido regularmente nesta redacção todos os fasciculos, desde o 4.º em diante (cfr. *Rev. Lusit.*, pg. 96). O ultimo fasciculo occupa-se dos seguintes assumptos: *Le folk-lore au Salon*, por A. Tausserat (estudo dos quadros expostos no *Salon* de 1887 com assumptos tirados das tradições populares); *Barbe-Bleue* (légende d'Auvergne, Cantal) por Antoniette Bon; *Acegue mes sabots* por Ch. de Sivry (canção e musica); *La chanson «En passant par la Lorraine» au xv^e siècle* por J. Tiersot; *Le pou et la puce*, por A. Gittée (conte walon) *Les eaux thermales et minérales* por Paul Sébillot; *Le mois de Mai en Angleterre* por Szyrma (refere-se a varios costumes que se relacionão com as nossas *Maías* e o nosso *Maio moço*, festas campestres que se realisão em Portugal no 1.º de Maio e têm a sua origem nos velhos cultos da Natureza); *Usages de Mai en Champagne* por

Fertault (ligão-se com as antecedentes): *Jeanne Cozie* por L. F. Sauvré (lendas baixo-breton); *Le tonnerre et les éclairs* por Zanetti e Milieu (lendas pop.); *Superstitions iconographiques* por P. Sébillot (alguns dos factos d'este artigo não me parece terem que ver com as superstições: são simples hábitos puramente pessoais); *Blason populaire de la Belgique* por A. Harou (são dictados topicos de diversas terras: muitos parecem-se com os nossos. Cfr. *Rev. Lusit.*, pg. 60 e not.); *Les Bourbonnais et le Cabri* (conte de l'île Maurice) por P. Sébillot; *Alexandre en Algérie* par Basset (é uma pequena lenda que entra na classe d'aquellas que se referem a obras monumentaes feitas por grandes personagens, como entre nós succede com S. Gonçalo em Amarante, o Diabo, etc.); *Extraits et lectures* por P. Sébillot, Harou e F. Dumonteil; *Bibliographie, Notes et enquêtes*, e menção de livros recebidos.

J. L. DE V.

Mésuline, revue de mythologie, littérature populaire, traditions et usages, dirigée par H. Gaidoz e E. Rolland, n.º 17. O summario d'esta interessante publicação é o que se segue: *L'anthropologie* (continuação) por H. Gaidoz; *Corporations, compagnonnages et métiers au xviii^e siècle* por H. Gaidoz; *La Haute-Bretagne au xvii^e siècle* por A. de la B.; *Chansons populaires de la Basse-Bretagne* (texto bretão com traducção fr. ao lado) por F. M. Luzet; *Jean de l'ours* por H. G.; *Les langues coupées* por H. G.; *De quelques similaires des contes de Perrault en Haute-Bretagne* por H. Sébillot; *Le petit chaperon rouge* pelo mesmo; *L'ogre* pelo mesmo; *La fraternisation* por H. Gaidoz; *Peau d'âne* por E. R.; *Les saints de la mer* (extractos); *Bibliographie*.

J. L. DE V.

III

VARIA QUÆDAM

Obras de que a *Rev. Lusit.* se não pôde occupar agora detidamente:

— *Biblioteca de las tradiciones populares españolas*: tomos I a XI (1883-1886). Valiosa collecção de materiaes. No t. viii vem um estudo da nossa illustre collaboradora a sr.^a D. Cecilia Schmidt Branco sobre a *A Rosa na vida dos povos*, com uma introd. por Ad. Coelho. Comquanto este trabalho me não pareça muito bem cabido numa serie de tradições pop. hispanholas, todavia elle é de veras interessante, e revela na sua auctora não só uma larga erudição mas uma penetração sagaz, o que constitue uma glória para as lettras patrias e para Portugal, onde em geral as damas quando são novas tractão mais do piano e do tocador do que dos livros.

— *El idioma gallego, su antigüedad y vida*, por Antonio de la Iglesia, 3 vol., La Coruña 1886. É antes uma serie de textos em gallego e portuguez.

— *Aires da minha terra*, por M. Curros Enríquez, La Coruña 1886, x-260 pg. Lindo volume de poesias, que só tem menção neste logar pelo facto de ser uma bella collecção de textos para o estudo da philologia gallega.

— *Cuentos populares catalans*, per lo Dr. D. Francisco de S. Maspons y Labrós. Barcelona 1884, x-148, preço 8 reales.

— *Ethnologia de Blânes*, per D. Joseph Cortils y Vieta, Barcelona 1886, 202-vi pg.

— *Folk-Lore* par le Comte de Paynaigre, Paris 1885, vi-368. Elegante volume, em que o A. coordena varios estudos que andavão dispersos.

— *Notas psychologicas e ethnologicas do povo português* por Arruda Furtado, — I, *Nomes vulgares de peixes* (extr. do *Jornal das Sciencias mathem., physicas e natur.*, n.º 42, Lisboa 1886). O auctor, que é um fino observador, e, apesar de ainda moço, um naturalista muito distincto, chega á conclusão de que na população do Sul (Lisboa, Setubal, Algarve) ha uma poderosa aptidão para apanhar e formular caracteristicas materiaes, e que alguns dos qualificativos populares no caso sujeito tem um alto valor descriptivo, envolvendo comparações sagazes e de

admirável justeza, e, o que é mais importante, feitos com os outros animaes: taes são por exemplo *peixe-aranha*, *peixe-coelho*, *peixe-gato*, *lucrau do mar*. A persistencia ethnica de certos nomes é tambem muito curiosa: *peixe-raposo* é já uma denominação aproveitada por Plinio (*culpes marina*) e conservada pela sciencia (*alopis vulpes*). Pg. 16. E' provavel que esta persistencia exista noutros muitos nomes cuja significação nos é hoje desconhecida.

— *Excavações litterarias na Beira-Baixa* por A. Alfredo Alves, Lisboa 1887, 60 pg., preço 240 reis. — E' uma tentativa de collecção das tradições populares baixo-beirãs. O auctor tem boa fô e sinceridade, mas falta-lhe o criterio sufficiente para distinguir o que é genuinamente popular do que o não é: assim o *Campeão*, o *Cavalleiro-amoroso*, a *menina* e o *cavalleiro*, etc., devião desaparecer d'alli. Varias cousas que o auctor traz, estavam já publicadas, como a *Viuva resignada*, *Santa Catharina*, *Santa Cecilia* e muitas cantigas do S. João. A lenda de S. Antonio e a *Estudantina* precisão ainda de estudo. A *medicina das benzedoiras* é talvez a parte mais interessante do livro.

— *Literaturblatt für germ. und roman. Philologie*, herausgegeben von Dr. Otto Behaghel und Dr. Fritz Neumann, nr. 5 (Maio), nr. 6 (Junho). Não recebi os n.º 3 e 4, cuja remessa peço á redacção.

— *Programa para o estudo do sânscrito clássico* por G. de Vasconcellos Abreu, Lisboa 1877, 30 pg. Este opusculo é uma separata do *Programa e exercicios para o estudo do sânscrito clássico* que aquelle distincto professor do curso Superior de Lettras de Lisboa tem em via de publicação.

— *Miscelânea folk-lorica* (por varios auctores). Barcelona 1887, viii-1884 pg. Comprehende musicas, canções, jogos, vocabularios populares, etc.

J. L. DE V.

— Acaba de publicar-se o *Diccionario de construccion y regimen de la lengua castellana* de R. J. Cuervo, t. 1, preço 27,5 pesetas. A avaliar pelo bom nome que o auctor goza entre os romanistas, e por um especimen que elle em tempo me enviou d'esta obra, entendo que o novo *Diccionario* deve ser um trabalho importante.

— Annunciação-se para breve as seguintes publicações, que muito interessão os philologos romanistas:

Revue des patois gallo-romans publicada trimestralmente por Gilliéron e Rousselot (preço annual 14 fr. fóra de França);

Revue des patois, recueil trimestriel consacré à l'étude des patois et anciens dialectes romans de France et régions limitrophes (Suisse romande, le pays Wallon, etc.) publié par L. Clédât (preço 15 fr.).

— Para espanto da sciencia portugueza neste seculo, começou a sair á luz em Lisboa a *Historia da Iberia e da Lusitania*, devida á penna magica do sr. João Bonança, o qual, segundo a declaração ingenua dos seus admiradores, vem destruir todo o edificio da Philologia romanica.

E' caso para exclamar:

Mons parturibat, gemitus inmaues ciens,
Eratque in terris maxima expectatio...
At ille murem peperit...

— Por carta recebida do meu amigo J. Cornu, soube que este illustre professor da Universidade de Praga, a quem a nossa lingua deve tanto, está trabalhando numa *Gramatica portugueza* destinada a fazer parte de uma grande collecção de trabalhos de philologia romanica, publicados sob a direcção de Gröber em Strassburgo. Seria razão para folgarem as lettras patrias, se, com excepção de meia duzia de individuos, ou poucos mais, houvesse em Portugal quem se interessasse pelo estudo da nossa lingua.

Creio que o sr. J. Cornu tenciona dar cabimento na sua *grammatica* aos dialectos portuguezes. Talvez as seguintes notas, que vou fazer, lhe possam servir para alguma cousa.

O dominio glottologico português, que chamarei *grupo lusitano* ou *lusitano-romanico*, comprehende estes idiomas (cfr. *Rev. Lusit.*, pag. 85):

I. Português

Lingua principal, com seus dialectos e sub-dialectos. E' impossivel fazer actualmente uma classificacão rigorosa d'elles, porque falta ainda colher muitos materiaes; todavia apresentarei aqui uma classificacão provisória. Os dialectos portuguezes podem dividir-se em tres familias: *dialectos continentaes*, *dialectos insulanos* e *dialectos ultramarinos*. Eis um esboço de cada uma.

A. DIALECTOS CONTINENTAES. Compreendem as diversas fallas do reino, com excepção das de alguns pontos de Tras-os-Montes, como logo direi. Esta familia consta do seguinte:

a) *Dialecto interamnense*, ou de Entre-Douro-e-Minho, cujos caracteres se achão em parte mencionados nos meus opusculos *Dialectos minhotos* e *Dialectos interamnenses*, e são: confusão entre *b* e *v* (que já remonta muito longe, no tempo), ditongo *-aum* (no sec. xvi *-om*), várias particularidades morphologicas, syntaxicas e de vocabulario, etc., etc. Este dialecto subdivide-se em *sub-dialectos*:

1.º — *sub-dialecto alto-minhoto* (do Alto-Minho). Vid. para alguns dos seus caracteres os meus opusculos *Dialectos minhotos*, pag. 15, e pag. 19 e *Dial. interamnenses*, viii pag. 22 e 23;

2.º — *sub-dialecto baixo-minhoto* (do Baixo-Minho). Vid. para alguns dos seus caracteres *Dial. interamnenses*, iv e vi. Este sub-dialecto comprehende ainda variedades: vid. *Dial. interamn.*, viii, pag. 23, not.;

3.º — *sub-dialecto baixo-duriense* (do Baixo-Douro). Vid. para alguns dos seus caracteres *Dial. interamn.*, iii, §§ 5-7 e pag. 28-29; e vii, pag. 31;

4.º) Faltão-me ainda elementos bastantes para dizer se se deve formar um *sub-dialecto interamnense-maritimo*, que comprehenda a linguagem da Povoa de Varzim, etc.

b) *Dialecto transmontano*. Este dialecto é tambem um grupo de sub-dialectos. Apesar de eu ter quasi todos os materiaes para um estudo geral d'elle, não posso agora alargar-me muito, e por isso limito-me a dizer que distingo nelle:

1.º — *sub-dialecto transmontano-raiano*, que se estende por quasi toda a raia; é em parte uma transição para o mirandês e para o dominio hispanhol; distingue ainda o *s* do *ç* e as sonoras correspondentes (cfr. tambem *Rev. Lusit.*, pag. 165), tem um o e um e tónicos analogos aos hispanhoes, o ditongo *ou* (que talvez não seja commun a todo o sub-dialecto), o som *b* em vez de *v* (que falta lá), formas verbaes, especiaes, etc., e muitos outros caracteres;

2.º — *sub-dialecto alto-duriense* que abrange a região vinhateira do Alto-Douro e entesta com o alto-beirão e o baixo-duriense; ha nelle o som caracteristico (antes de consoante nasal) *æ* (analogo ao *a* inglés de *man*), já lá se não substitue sempre o *b* ao *v* (embora se troquem ás vezes), mas substitue-se o *s* ao *ç*.

[3.º] — E' provavel que com as fallas de outros pontos da provincia (centro e Occidente) se consiga estabelecer outro sub-dialecto.

c) *Dialecto meridional*. Sob esta designação abranjo as fallas do Sul do rio Mondego até ao mar. Caracterisào-no: a condensação do *ou*, e ás vezes do *ei* e do *eu*, a substituição de *ç* a *s*, e de *x* a *ch*, a não-gutturallisacão das nasaes, certas formas verbaes, como a terminacão *-i* = *-ei* nos preteritos (que vae sendo cada vez mais frequente até ao Algarve), o phraseado, o vocabulario, etc., etc. Neste grupo devem formar-se alguns sub-dialectos, mas não os posso distinguir ainda claramente: assim no Algarve ha o som *æ*, *-dm*, etc., certas formas deminutivas especiaes, etc.; no Alemtejo ha *ö* e *à* (analogo ao *u* ~~suave~~), sons que ouvi a gente de Nisa e que parece chegão até á vizinha Beira-Baixa (cfr. *Rev. Lusit.*, pag. 82), e fazem-se, como no Algarve, um grande numero de apocopes que não são communis á Extremadura, pelo menos ao geral d'ella; a linguagem de Lisboa afasta-se da de outras provincias, etc., etc. — Sobre este conjuncto de fallas vid. o *Essai de phonétique d'après le dialecte actuel de Lisbonne*, de G. Vianna, e os meus *Dial. extrem.*, *Dial. algarvios* e *Sub-dial. alem.* Já neste meu último opusculo, pag. 2, eu insisti na analogia das fallas d'estas provincias, dizendo: «a linguagem do Alemtejo liga-se inti-

anamente com a extremenha e a algarvia, podendo até formar-se um grupo, *dialecto do Sul do Mondego*, muito bem caracterisado. Mas o dizer-se *dialecto* ou *sub-dialecto* é apenas uma questão de nomenclatura; o que importa é colligir e apreciar bem os factos glotticos.

d) *Dialecto beirão*, que corresponde ao principado da Beira pouco mais ou menos. Elle estabelece transição do Norte (Entre-Douro-e-Minho e Tras-os-Montes) para o Sul (Extremadura, Alentejo e Algarve). Podemos dividi-lo do seguinte modo:

1.º — *sub-dialecto alto-beirão* (da Beira-Alta), que offerece o som *ou*, *ái*, (= *ei*), *ái* (= *em*), confusão de *b* com *v*, substituição de *s* a *ç*, nasalidade média entre a do Minho e do Sul; mas este sub-dialecto nos limites do Alto- e Baixo-Douro confunde-se com as fallas d'aqui, e em alguns pontos offerece *ô* (= *ou*), como se pôde ver nos meus *Dial. beirões*, v, § 10;

2.º — *sub-dialecto baixo-beirão* (da Beira-Baixa); ver alguns dos seus caracteres nos meus opusculos *Dial. beirões*, i e ii (especialmente ii, pag. 11 a 15);

[3.º] Nos districtos de Aveiro e Coimbra, que fizerão parte da antiga Beira, deve talvez formar-se um grupo que sirva de transição mais proxima da Beira para o Sul; de facto eu nessa região tenho ouvido *ô* (= *ou*), etc.

B. DIALECTOS INSULANOS. Denomino assim as fallas dos archipelagos dos Açores e Madeira. Compreendem pelo menos dois dialectos:

a) *Dialecto açoreano*, que de certo consta ainda de alguns sub-dialectos. No proximo fasciculo da *Rev. Lusit.* sahirá um estudo do sr. Gonçalves Vianna sobre a phonetica da ilha de S. Miguel; cfr. tambem esta *Rev.* pag. 116, not., e o livro de Arruda Furtado, *Materiaes para o estudo anthropologico dos povos açoreanos*.

b) *Dialecto madeirense*. Vid. alguns poucos factos na *introd.*, not. 1. do meu *Dialecto mirandês*, e na *bibliographia* do meu *Anuario das trad. pop. pop.* Porto, 1882. — Em breve espero occupar-me d'estes dialectos mais de espaço; supponho que muitos, senão a maior parte (ou todos), dos seus caracteres, por mais estranhos que pareçam á primeira vista, são a continuação ou o desenvolvimento do que se passa ou passou no continente.

C. DIALECTOS ULTRAMARINOS. Este grupo comprehende o *dialecto brasileiro*, que, em virtude de condições sociaes proprias, se aproxima muito mais da lingua escrita do que qualquer outro do grupo, — e os *dialectos creoulos*, que mal se podem ainda classificar. Sobre os dialectos ultramarinos vid.: Ad. Coelho, *Os dialectos romanicos ou neo-latinos na Africa, Asia e America* (3 opusculos); H. Schuchardt, *Kreolischen Studien* (varios opusculos); e o meu *Dial. brasileiro*. Em breve tambem publicarei alguns outros materiaes que colhi acerca d'este grupo.

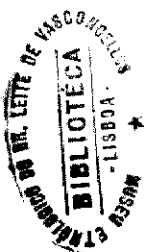
A classificação que acabo de fazer de todos os dialectos portuguezes é, como se viu, geographica, mas é tambem glottica (como será facil provar, e em parte se mostrou já) e historica: de facto os *dialectos continentaes* representam a evolução do latim popular num determinado meio; os *dialectos insulanos* representam a evolução do portuguez, desde a epocha da colonisação para cá, tambem num certo meio, mas diverso do primeiro, e livremente de qualquer influencia extranha de grande importancia; os *dialectos ultramarinos* representam igualmente a evolução do portuguez d'aquella mesma epocha, todavia num meio differente dos já indicados, e ao contacto de povos e linguas perfeitamente extranhas, que tinham de exercer nelle uma influencia assignalada.

II. Co-dialecto gallego

Tem tambem os seus sub-dialectos. Os materiaes bibliographicos que ha para o seu estudo são já abundantes, e permittem que o sigamos desde a idade-média. Cfr. *Rev. Lusit.*, pg. 95, 183-185 e 190.

III. Co-dialecto mirandês

E' o idioma da *Terra de Miranda* em Tras-os-Montes; serve de órgão quotidiano a umas poucas de mil pessoas. Tem varios sub-dialectos, como: o *mirandês de Duas-Igrejas*, o *sêndinês*, etc. Vid. os meus opusculos *Dial. mirandês* (e a



crítica de H. Schuchardt in *Literaturblatt für germ. und rom. Philologie*), *Flores mirandesas* e *Lingua raianus de Tras-os-Montes*.

IV. Co-dialecto riodonorês

Falla-se na povoação transmontana de Riodonor, no concelho de Bragança. E' uma lingua puramente domestica, sem litteratura. Vid. sobre ella o cit. opusculo *Ling. raianus*.

V. Co-dialecto quadramilês

Falla-se na povoação transmontana de Quadramil, no dito concelho. Está nas mesmas condições que o idioma precedentemente indicado. Vid. o referido opusculo.

Quando se tiverem analysado e comparado bem todos estes dialectos, sub-dialectos e co-dialectos, e discriminado as suas razões de vida, i. é. as suas relações com o clima, a raça, os idiomas antigos, e ainda outras, o estudo da *Dialectologia Portuguesa* estará feito. Que grande auxilio não advirá d'elle para a nossa Historia em geral, e em particular para a da lingua portugueza propriamente dita! Ha ainda em Portugal muita gente que chama ninharias a estas cousas, e nega a existencia de dialectos e a independencia dos co-dialectos (*co-dialecto* quer dizer *idioma irmão*, idioma que está com o portuguez nas mesmas relações de parentesco que este com o latim); mas pouco me importa isso, porque taes pessoas não tem fé nenhuma scientifica, e mal de mim se fosse a esmorecer por ver que o meu trabalho era menospresado d'aquelles que nada entendem d'elle! Quem souber alguma coisa de portuguez e castelhano, e tiver umas leves luzes de glottologia, reconhecerá immediatamente a existencia dos taes co-dialectos. A existencia dos dialectos tambem se não pôde pôr em duvida, porque o facto de alguns dos nossos dialectos, principalmente os continentaes, divergirem pouco uns dos outros (postoque não seja tão pouco como communmente se suppõe), não é razão sufficiente para se deixar de os admittir; tambem os dialectos gregos não differem entre si certamente mais do que os portuguezes, e contudo ninguem lhes retirou ainda, que eu saiba, aquella denominação.

J. L. DE V.

Publicarão-se no estrangeiro estes trabalhos, que devem interessar os leitores da *Rev. Lusit.*:

—*Cantigas de amor e de maldizer* di Alfonso el Sabio, por C. de Lollis in *Studj di filologia romanza*, fasc. 4.

—Apreciação critica do *Curso de litterat. port.* do sr. dr. Th. Braga, por A. M. Elliot, in *Modern language notes*, II, 6.

—*Beiträge zur einer kritischen Ausgabe der vatikanischen portugiesischen Liederbuches* por A. Epiphanyo Dias, in *Zs. f. roman. Philologie*, XI (not. critic. 4 ed. do *Cancion. da Vaticana* do sr. Th. Braga).

MATERIAIS PARA O ESTUDO DOS DIALECTOS PORTUGUESES

I

Falar de Rio-Frio

(Continuação da pag. 166)

ERRATAS IMPORTANTES

Nos cuadros dos sistemas de vogais e de consoantes devem fazer-se as seguintes correcções:

Sistema das vogais

DITONGOS ORAIS, SUBJUNCTIVA ã, p. 160

	ãũ	
ẽũ	—	—
—	—	gũ —
êũ	—	—
iu	—	—
—	—	—
—	—	—

Veja-se na pirâmide dos exemplos:
o ditongo iũ de *riu* desceu duas
linhas.

SUBJUNCTIVA ɣ desceu também duas linhas; veja-se o ex. *barril*.

Sistema das consoantes

		<i>Surdas</i>
		<i>Dividuas</i>
		<i>Explosivas</i>
		<i>Ténues</i>
2.ª articulação	Acrescente-se	<i>queda, aqui</i> , que foram omitidos

Fonologia das vogais

â, á, i, u, quer tónicos, quer átonos, correspondem exactamente a estas mesmas vogais em Lisboa, com a única excepção de que a 1.ª pessoa do perfeito no plural é *-âmos* como no presente, em vez de *-âmos*, como já disse, porque *a, e e o* são em regra fechados antes

de nasal, mesmo quando a essa consoante se siga *e* surdo, ao passo que *e* e *o* tónicos são em jeral abertos neste último caso em Lisboa se a nasal não é *nh*.

A influência da vogal átona final sobre *e*, *o* tónicos da penúltima sílaba não existe nem para os verbos, nem para os nomes, com a excepção notável de que os adjectivos em *-oso*, flexionam-se em *-osos*, *-ôsa*, *-ôsas*.

Deste modo, as vogais tónicas *ê*, *ò*, *é*, *ô* orijinárias permanecem não só nos plurais e femininos mas ainda nos verbos e em toda a derivação e flexão, emquanto conservam o acento, e assim também *i*, *u* nos verbos em *-ir*, não se mudando para *ê*, *ò*, quando as terminações conteem *e*, como em Lisboa. A ausência da insistente distinção feita em cuási todo o reino entre verbo e nome (*o jêlo*, *eu jêlo*, *o sópro*, *eu sópro*); entre a tónica *e*, *o*, *i*, *u*, segundo a terminação contém *a*, *o*, ou *e*, nos verbos das conjugações em *-er* e *-ir* (*dêco*, *dêre*, *cômo*, *côme*, *fujo*, *foje*, *frijo*, *freje*); entre *o* do singular e *o* do plural de *ôco*, *ôcos*; entre *ô* do masculino singular por um lado, e *ô* do singular feminino e plural de ambos os números pelo outro (*tôrto*; *tôrta*, *tôr-tos*, *tôr-tas*); entre *o* *ê* do masculino dos pronomes demonstrativos e pessoais, e *o* *è* dos respectivos femininos (*êle*, *êles*; *êla*, *êlas*); a ausência de tais diferenciações, repito, é só por si suficiente para constituir os falares transmontanos (se em todos eles se nota esta particularidade com relação aos demais do dominio português) e nomeadamente o de Rio-Frio, em um grupo de dialectos à parte, em que estas distinções perturbadoras da orijem das vogais tónicas *ê*, *ò*, *é*, *ô*, se não manifestaram; ou, melhor dito, no qual os dialectos transmontanos concordam com as outras linguas románicas: formam, pois, os outros dialectos portuguezes grupo especial de per si. E' portanto da maior urjência que se estudem os restantes falares desta interessante provincia, e que se publiquem vocabulários deles, sem o qué o estudo histórico e comparativo do português será sempre imperfecto.

Na resumidissima flexão, e no vocabulário avulso que rematam este trabalho verá o leitor exemplos (que aliás terei o cuidado de asinalar) destas particularidades do dialecto de Rio-Frio.

O *ê* orijinariamente fechado, antes de consoante palatal, que em Lisboa passou a *á*, conserva o seu valor primitivo: exemplos: *têno*, *têlha*, *sêja*, *fêcho*, *invêjo* e não *tânha*, *tálha*, *sája*, *fáxo*, *invêjo*; mas se o acento se desloca o *ê* passa a *z* (escrito *e*, e que se pode figurar, como disse, por *z*), como acontece em Lisboa; assim: *tanzêdis*, *têlhal*, *sajêmos*, *fêchêr*, *invêjar*. Um *o* sofre a mesma palatalização: *castêlheiro*.

O *ê* orijinário permanece nos derivados do adjectivo *vêlho*; ex.: *encêlheir*, *vêlhice*, como no dialecto de Lisboa.

As vogais átonas seguem em jeral a norma das suas consímiles nos demais dialectos; assim *ò* passa a *o*; *ê*, *é* a *e* antes de consoante, *z* antes de vogal, *z* antes ou depois de palatal; *ò*, *ô*, *u* convertem-se em *o* e em *u* antes de vogal: *i* permanece antes de consoante, passa

a *i* antes de vogal, e atenua-se em *ɨ* em conjunção com consoante palatal. Numa sequência de sílabas cuja vogal seja *i*, sómente o *i* da última delas conserva o som, os das precedentes passam a *ə* como no resto do reino; como em Lisboa, se a consoante seguinte ou precedente é palatal o *i* (e também o *ə*) atenua-se em *ɨ*. São excepção da neutralização de *i* átono em *ə* os condicionais dos verbos, por exemplo *feriria*; assim também nos demais dialectos.

A nasalização do *e* da prefixa latina *ex*, que converteu nas origens da língua *examen* em *enxame*, continua no falar de Rio-Frio, como na língua popular de Lisboa; ex.: *exemplo*, *exército*, pronuncia-dos *inzeṃplo*, *inzército*.

en átono inicial pronuncia-se *in*, se o *e* do vocábulo na sua flexão ou derivação não pode receber o acento: assim *entrar*, não *in-trar*, em razão de *entro*; mas *impuhar*, escrito *empenhar*. Em Lisboa mesmo na segunda hipótese se pronuncia *in*.

e átono antes de *r* tende a suprimir-se com maior generalidade do que no dialecto de Lisboa; assim *preira* = *pareira*, e mesmo *terás*, *rerás*, pronunciados *trás*, *brás*, não se diferenciando de *trás*, *Brás*. Em Lisboa o *e* átono conserva-se antes de *r* na flexão dos verbos, e ainda em outras circunstâncias, ou se muda para *u* no falar popular, o que não acontece no dialecto de Rio-Frio.¹

ə mesmo depois *r* desaparece em vários vocábulos nos quais antes dêsse *r* há *ə*, ou *u*, como em Lisboa; ex.: *marcér*, *porcér* por *maracér*, *poracér*.

Redução das vogais tônicas e outros elementos vocálicos, na flexão e na derivação, quando passam a átonos, ou na próclise

Tônicas	Átonas		
	antes de con- soante excepto	antes de pala- tais contínuas	antes de vo- gais
à	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>
â	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>
ê, é	<i>ə</i>	<i>i</i>	<i>i</i> , que se escrevem com <i>e</i> , o qual pode ser figurado por <i>z</i> , <i>e</i> .
í	<i>i</i> , <i>ə</i>	<i>i</i>	<i>i</i> , que se escrevem <i>i</i> ; este <i>i</i> soa como <i>ə</i> numa série de sílabas que o contenham, excep- to na última; pode em tal caso ser figu- rado por <i>i</i> .

¹ Em breve tratarei nesta Revista da supressão de *ə* e *u* em conjunção com *r*, e bem assim da confusão entre *er*, *re* das prefixas *per*, *pre*.

Tónicas	Atonas		
	antes de con- soante	excepto antes de pala- tas continuas	antes de vo- gais
ô, ó	o	o	ũ, que se escrevem com <i>o</i> , que pode ser indi- cado pelos símbolos <i>o</i> , <i>ô</i> .
ô, ó iniciais	ô	ô	ũ, escrito <i>o</i> .
u	u	u	ũ, que se escrevem com <i>u</i> .
ai	ai	ai	ui
au	au	au	au
ei	ei	ei	ĩ, escrito <i>e</i> , que se pode figurar por <i>ê</i> .
ēi	ēi	ēi	ĩ, <i>id.</i>
eu	eu	eu	eu
ēu	ēu	ēu	eu
iu	iu	iu	iu
oi	oi	oi	oi
ōi	ōi	ōi	oi
ou	ou	ou	ou
ão	ão	ão	o, escrito <i>o</i> que se pode figurar por <i>ô</i> .

Todos os mais elementos vocálicos, isto é, as vogais nasais, os ditongos nasais, excepto *ão*, e os ditongos cuja subjuntiva é *o*, e cujas prepositivas são *ô*, *ê*, *é*, *í*, *ô*, *ê*, *ú* jamais se reduzem.

São estas, com raríssimas excepções, as leis fonológicas das vogais em Lisboa. Excepção notável, todavia, é a elisão muito mais frequente do *a* final de vocábulo, quando se lhe segue outro vocábulo, com ele ligado sintacticamente, começado por vogal tónica, mesmo que seja *ô*, *ó*, *ô*; ao passo que em Lisboa esse *e* sómente se elide usualmente antes de *ê*, *é*, *í*, *u*; ex.: *nôcoras* = *norã horas*.

Acentuação

É inteiramente a mesma que a do Minho e Douro, diferenciando-se igualmente da do sul em que os diminutivos e aumentativos, tenham ou não o infixo *z*, tem dois acentos, um no radical outro no sufixo e portanto não atenuam a vogal daquele; assim de *bola* faz-se *bólica*, e não *bolinda*, que é a pronúncia de Lisboa, onde sómente os de infixo *z* são duplamente acentuados.

Marcos mais acentos do que pede a ortografia que sigo, afim de evitar toda a confusão. Para escrever o dialecto usualmente parece-me desnecessário ser-se tão minucioso; no entanto, é de toda a conveniência assinalar sempre com o circumflexo os *ee* e *oo* penúltimos fechados, *haja*, ou não, vocábulos idénticos na escrita, mas com

essas vogais abertas. Deste modo fica-se sabendo que essas vogais quando tónicas, penúltimas, sem acento marcado, são abertas.

As particularidades fonéticas do falar de Rio-Frio concordam em muito com as do dialecto mirandês ¹ sem que todavia sejam absolutamente idénticas. Como o mirandês, diferença *s* de *ç*, *z* de *ç*; como ele não nasaliza o ditongo *ui* de *nuí[to]*; condensa *io* em *iã*; não tem porém o *lh* inicial, o ditongo *ui*, os ditongos crescentes *ii*, *ou*, nem o ditongo nasal *ão*, nem o *u* gutural. Está perfeitamente conforme com o sentir do snr. Leite de Vasconcellos, que o mirandês é uma lingua diferente do português, ao passo que os falares transmontanos, interamunenses, etc., são verdadeiramente dialectos do último.

Morfologia

A morfologia do dialecto, com relação a prefixos e sufixos, é absolutamente a mesma que a do dialecto de Lisboa, salvo o caso de a 1.^a pessoa pl. do pretérito dos verbos em *-ar* ser igual à do presente, isto é, *-amos*, como já indiquei, e de o diminutivo mais usual ser formado com o sufixo *-ico*, e não *-inho*.

Pelo que respeita à declinação, dá-se o facto de que, exceptuados os adjectivos em *-oso*, os *ê*, *é*, *ô*, *ó* originários permanecem inalteráveis nos plurais e femininos dos adjectivos e substantivos. Semelhantemente os substantivos masculinos derivados de femininos, e vice-versa, conservam igualmente a qualidade da vogal tónica; assim de *pôco*, *pôca* e não *pôca*, como *môrto*, *môrtos*, *môrta*, *tôrto*, *tôrtos*, *tôrta*, *rêgo*, *rêgos*, *ôbo*, *ôbos*, *dôbro*, *dôbra*, *êste*, *êsta*, *aquête* *aquêta*, etc., o que disse antes. Dito fica também que os nomes derivados de verbos da 1.^a conjugação não alteram as vogais tónicas *ô*, *é* para *o*, *e*, e vice-versa que os verbos derivados de nomes conservam *ê*, *ó* em vez de os mudarem para *ê*, *o*; assim *o jêto*, *eu jêto*, *cêra*, *incêro*, *fôlha*, *sfolho*, etc.

Os verbos em *-er* e *-ir* não alteram a vogal tónica, quando a terminação é *o* ou *em*; assim *dêco*, *dêce*, *dêrem*, *fujo*, *fuje*, *fujem*. Os verbos formados com sufixo *-ecer*, tem o *e* sempre fechado quando é tónico; ex.: *parêço*, *parêce*; mas os verbos *esquêccer*, *aquêccer*, em que *e* é aberto mesmo átono, como sendo contracção de *ae* (*excades-cere*, *calescere*), assim o conservam em toda a conjugação, do mesmo modo que em Lisboa.

Os verbos em *-iar*, não se confundem com os em *-ear*, como sucedem irremediavelmente nos dialectos das outras provincias e na lingua literária: assim *negociar* faz *negocio*, e não *negocôio*.

O sufixo *-ejar* em vez de *-ear* é mais frequente do que no português comum: *spanjar* por *espernear*.

¹ Veja-se Leite de Vasconcellos — *Flores mirandezas*, Porto, 1884 e o *Dialecto mirandês*, Porto, 1882, do mesmo notabilissimo dialectólogo.

O plural, 1.^a pessoa, do subjuntivo dos verbos em *-er*, *-ir* não desloca o acento, conserva-o no radical, como em galego, e mesmo no dialecto popular de Lisboa; ex.: *hájamos, trágamos, façamos*; o sufixo da 2.^a pessoa do plural do pretérito é como em castelhano *-steis*, e não *-stes* como no português literário; ex.: *fujisteis, dêsteis*, etc.

Alguns dos verbos fortes tem formas especiais, analógicas em geral, de que apresentarei algumas:

trazo por *trago* de *trazer*

fazo por *faço* de *fazer*

ouço por *ouço* de *ouvir*

fize por *fiz* de *fazer* (perfeito)

dize por *diz* de *dizer*

trouxe por *trouxe* (= *trousse*) perfeito de *trazer*

iba por *ia* de *ir*, imperfeito, como em castelhano

ser por *for* futuro subj. de *ser*

sésse por *fosse*, imperfeito do subj.

anduce, *andere* por *andei*, perfeito de *andar*, como em castelhano.

Conjugação dos verbos em *-er* e *-ir*

devêr	cozer	ferir ¹	fujir
dêvo	côzo	firo	fújo
dêves	côzes	fíres	fújes
dêve	côze	fíre	fúje
devêmos	cozêmos	ferimos	fujimos
devêis	cozêis	feris	fujis
dêvem	côzem	fírem	fújem
devia	cozia	feria	fujia
etc.	etc.	etc.	etc.
devi	cozi	feri	fuji
devêstes	cozêstes	feristes	fujistes
devêu	cozêu	feriu	fujiu
devêmos	cozêmos	ferimos	fujimos
devêsteis	cozêsteis	feristeis	fujisteis
devêram	cozêram	feriram	fujiram
devêra	cozêra	ferira	fujira
etc.	etc.	etc.	etc.
deverêi	cozerêi	ferirêi	fujirêi
etc.	etc.	etc.	etc.

¹ Pronunciado *ferir* ou *frir*.

deveria etc.	cozeria etc.	feriria etc.	fujiria etc.
dêve devêi	côze cozêi	fîre feri	fûje fuji
dêva dêvas dêva dêvamos	côza côzas côza côzamos	fira firas fira firam	fûja fûjas fûja fûjamos
(?) dêvais dêvam	(?) côzais côzam	(?) firais firam	(?) fûjais fûjam
devêsse etc.	cozêsse etc.	ferisse etc.	fujisse etc.
devêr etc.	cozêr etc.	ferir etc.	fujir etc.
devêndo	cozêndo	ferindo	fujindo
devido	cozido	ferido	fujido.

Vocabulário

A ortografia que conviria adoptar para a escrita deste dialecto é a seguinte :

- â, aberto átono sempre marcado em sílaba aberta.
- á, aberto tónico.
- a, a neutro átono, melhor figurado por o.
- ä, a neutro tónico.
- è, e aberto átono, sempre marcado em sílaba aberta.
- é, e aberto tónico.
- ê, e fechado, sempre marcado com ^.
- e, e neutro, melhor representado por o.
- e = i sempre marcado.
- z = z atenuado, sempre marcado.
- ẽ = ỹ semivogal.
- i, átono.
- í, tónico.
- î, i aberto, sempre marcado com `.
- z, i atenuado.
- ĩ, i semivogal.
- ı — o neutro, sempre marcado.
- ò, aberto átono, sempre marcado.
- ó, aberto tónico.

ô, fechado, sempre marcado com ^.

o, o atenuado = u reduzido.

o, ã semivogal.

u, átono.

ú, tónico.

u, atenuado.

ũ, semivogal.

As nasais são indicadas do seguinte modo: *ã, am, an; em, en; im, in; om, on; ã, um, un*, como na ortografia comum; a acentuação é regulada igualmente pelos princípios da ortografia comum que sigo.

Os sinais diacríticos desusados sómente os emprego quanto seja indispensável à clareza, ou quando a enalidade da vogal difira da do dialecto de Lisboa.

Os ditongos são figurados como na escrita usual; marco todavia sempre o *e* de *ei em*, tónicos, porque os valores de tais ditongos variam de *ei* a *ai*, *ee* a *ae*. O ditongo *ão* átono nos verbos é indicado por *am*.

Notação das consoantes

p, ca, cu, ca, t, f t } como em Lisboa.

b, ga, gv, gu, d } como em Lisboa.

que, qui, gue, gui, como em Lisboa.

m, n, r, rr, l, como em Lisboa.

lh, nh, j, como em Lisboa.

x, como em *xadrez*.

ã, j: *x, j*, com a vogal *i*, mais palataes, como em Lisboa.

s, š, s e *z* sub-cacuminais.

ç, ç, s e *z* mais sibilantes do que em Lisboa.

š, d fricativo.

v, r pronunciado com os dois lábios.

(j), l guturalizado.

ch, africata, cuasi igual a *tx*.

ñ, n gutural, na articulação de *gue, gui, que, qui*, 2.^a (Veja o Sistema de consoantes).

Subsídios para os vocabulários transmontanos

(RIO-FRIO E MOIMENTA) ¹

Abelado, M., amarelo, à maneira de vela de cera (B.). E' falsa a identificação: *avelado* é contracção de *avelaado*, derivado de *avelã*:

¹ O vocabulário de Moimenta é colijido pelo sr. P.^c M. de J. B. natural dali. As definições do colector vão seguidas de (B.). M. significa Moimenta; R. F., Rio-Frio. As dições que não teem estas designações são dadas como comuns a ambas as localidades; é possível, porém, que com muitas das outras aconteça o mesmo.

deu-se a queda do *n* medial, como no galego *avellado* correspondente do castelhano *avellanado*.

abelhar, empregar diligência: cf. o adjectivo *abelhudo*, «curioso», «metedido». E' derivado de *abelha*.

abiacas, R. F., a[i]vecas: em Bluteau, «Voc. Port. Latino», *aicacas*.

aboa (pronunciado *abóa*), R. F., avó: o mesmo em galego.

acejar, M., observar: cf. o castelhano *acechar*, «espreitar», e note-se a permutação de *ch* em *j*, como em *ajagado* por *achagado* em R. F.

achar menos, R. F., dar por falta: deve ser pura imitação do castelhano *achar menos*, que tem a mesma significação.

açucar, *açucures*, R. F. Vê-se por esta pronunção, como também pelo castelhano antigo *açucar*, moderno *azúcar*, galego *zucce*, que se deve escrever o vocábulo com *ç* e não com *ss*.¹

adil, R. F. terra de pousio. Cf. *adénia*, *adema*, «terra no sopé de monte», ou «entre monte e rio, susceptível de qualquer lavoura».

aende, R. F., aonde: em mirandês [*a]ende*, «ali». De *ad inde*.

afogar, R. F.: eu *afôgo*, o *afôgo*, os *afôgos*.

agorciar, M., (?) *aceleumar* a cria dando de comer a outra (B.)

agotar, M., esgotar: castelhano *agotar*.

ajagado, R. F., chagado: note-se a mudança de *ch* em *j*, como em *acejar*, q. v.

ajinha, M., logo, imediatamente: em R. F. *asinha*. E' obsoleto no jeral dos dialectos, arcaismo no dialecto literário. Esta forma confirma a identidade do vocábulo com o italiano *agina*, *aina*, galego e castelhano antigo *aina*, não obstante a hesitação de Diez.²

albarinha, M., urze: tem a flor vermelha, faz toro redondo e quebra-se facilmente (B.)

albarinho, choupo branco.

albondar, R. F., alcançar. ¿E' o francês *bondir*, derivado do latim *bombitare* segundo o que pretendem Diez e Brachet?

alfa, M., marco entre bens comuns e particulares (B.)

alferza, M., medida de semente de trigo: em galego *alferza*, «didal».³

¿*aliface*, M., defeito. E' provável que seja *alifafe*, «tumor na perna do cavallo».

amarear, M., cobrir, cercar de areia (B.)

andar ao pão grande, R. F., andar vadiando.

aneçoado, M., donoso.

anubiar, M., anoiar-se (B.) E' uma acepção especial do vocábulo esta, que os dicionários não dão.

¹ V. *cuzcuz*.

² Etymologisches Wörterbuch der Romanischen Sprachen II b, sub voc. *Asinha*.

³ Escrevo e pronuncio *didal* de *digitale*; *dedal* como derivado de *dedo*, é correção pretenciosa e puramente erudita.

apejar, M., fazer parar o moinho. É forma duplicada de *apear*, como *carrear* e *carrejar*, ou dissimilação palatal de *apojar* por *apoiar*?

apor, M., fazer andar o moinho, pô-lo a moer.

argadilheiro, M., mentiroso: galego *argalleiro*, de *argallar* que se define: «andar á todos lados como argadillo».

argadillo, M., dobadeira para meadas: o mesmo no Fundão (Beira-baixa); em galego e castelhano *argadillo*.

de bom arnaz, M., de bom estômago, bom de contentar. Em galego *arnaz* é uma espécie de tojo: este significado opõe-se à identificação.

arrebolar, M., arremessar. Este verbo é derivado de *bola*, mediante os prefixos *a* + *re*, e nada tem comum com *arrebol*, cujo étimon é *rubellum*, ou *ruborem*, mais plausivelmente o primeiro (de *rubellum*, proveiu um verbo *arrubelar*: *arrubolar*: *arrebolar*, e d'este último formou-se o substantivo *arrebol*).

arredôres, R. F., arredôres.

arrochar, R. F., enxotar aves.

arrombos, R. F., fúrias, assomos de valentia.

asinha, R. F., rapidamente. V. *ajinha*.

ataburrar, M., amedrontar as crianças. Cf. *arrider au enfant* no patoá de Berry ¹ «fazer rir uma criança».

atafal, R. F., retransca.

atagalhar-se, M., misturar-se o gado. V. *tagalho*.

atragantar-se, M., engasgar-se: enganar-se: castelhano *atragantarse*.

atrapar, pilhar, alcançar na carreira: castelhano *atrapar*, como, por ex. em, *como lo atrape!* «se o pilho!»

azedia, R. F., azia, acidez de estômago: de *azêdo*, como em castelhano *acedia*. No dialecto comum deu-se uma contracção pela perda do *d*: *azela*: *azia*.

baju (pron. *bájá*), roupinhas com abas. No «Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa» vem este vocábulo como usado no Minho com a mesma significação.

baleira (*baca*, *obêlha*), R. F., estéril, que não conceben.

balho, M., banha interior do porco, donde se extrai o pingo. (B.)

baranco, M., serve para unir e amparar os estadulhos na eixada do carro (B.)

batibarba, M., ditos ofensivos lançados em rosto. Significa propriamente «pancada dada com a mão debaixo da barba», segundo o Dicc. Contemp.; em galego, porém, quer dizer *batibarbas*: «bofetada que se da com a mano abierta en la mejilla» (Cuveiro Piñol, «Diccionario Gallego»).

baziu, R. F., carneiro de um a dois anos, que ainda não padreou. É o vocábulo *vazio*?

belicoso, R. F., melindroso, mimoso. É talvez por *melicoso*, deri-

¹ Littré, *Histoire de la Langue Française*, II, p. 131.

vado de *mel*, mediante a mudança de *m* inicial em *b*: cf. *berrão* com *marrão*.

berjoeira, M., fueiro. E' nome de lugar no Minho.

berrão, M., varrasco. E' o mesmo que *marrão*: v. Dicc. de Moraes, sub voc. *marrão* e *varrão*. João de Sousa deriva este último do árabe *barrāni*, «montês». Veja-se, ainda assim Diez ¹. Em galego é *berrou*. As permutações de *m* e *b* iniciais são possíveis entre o português do sul e o do norte e galego.

bersadeira, R. F., versejadora de *verso*, «verso».

bersador, R. F., versejador.

bezerra, M., pão.

bigote, R. F. bigode: castelhano *bigote*. ²

hintóito, R. F., vint'óito, vinte e oito: em Lisboa são usadas ambas as formas, sendo a primeira a mais comum.

bôla, R. F., um pão, um bôlo: o mesmo em Coimbra: em galego *bôla*, em cast. *bolla*; em mirandês *bólha*, pão mole. Equivale na significação ao inglês *loaf*, que se refere à forma, emquanto que *bread* designa a massa.

bolandro, M., bocado grande.

boleira, M., castanha, sem *carão* (B.) Em galego *holera*, castanha chocha. V. *folera*.

bonda, R. F., basta! de abundat. E' jeral na Beira-Alta e no Douro.

borregada M., repreensão pública.

ONZENEIRO: Hou lá, hou demo barqueiro,
Sabeis vós no que me fundo?
Quero lá tornar ao mundo,
E trazer o meu dinheiro,
Qu'aquel'outro marinheiro
Porque me vir sem nada
Dá-me tanta *borregada*,
Como arrais lá do Barreiro.

Jil Vicente, *Acto da Barca do Inferno*.

botêl[go], M., bucho, estômago.

brôssa, R. F., pus, sânie.

bubela, R. F., poupa (ave): latino *upapella*, diminutivo de *upupa*, pela queda de *u*, e abrandamento de *p* em *b*: cf. port. *bispo*, castelhano *obispo*; port. *baço*, catalão *ubach*, **opacium*, *opacum*.

¹ Etymologisches Wörterbuch der Romanischen Sprachen, II b, sub voc. *marrano* e *marron*. V. também Carolina Michaelis de Vasconcellos «Studien zur Spanischen Wortdeutung» (Firenze, 1885), sub voc. *bagoa*, e «Revista Lusitana», p. 89, onde vem citado o *Berrão* do Adro. V. *marrancho*.

² Observa-me o meu amigo J. Leite de Vasconcellos, que esta forma é usada em outros pontos. Algumas notas ao vocabulário por ele sugeridas marcá-las-hei com J. L. de V.

Em galego é também *bubela*, em mirandês *boubela*, em castelhano *abubilla*, havendo-se dado igual abrandamento de *p* em ambas as sílabas, como se deu no italiano *bibbola*, que perdeu a vogal inicial. Tanto a forma portuguesa, como a mirandesa e as dialectais italianas *poppa*, *popo* fazem pre-supor por uma forma latina *up pūpa*.¹

bucho d'água, R. F., bochecho de água: cast. *buche*.

bufarra, M., neblina, nevoeiro branco com muito frio (B.)

cabucho, M., bode de um ano sem capar (B.)

caçar, peixes, M., pescar.

cacho, R. F. pedaço; galego e castelh. *cacho*, pedaço, caco; ambos de *calculus*, **calelo*: cf. *faca* de *falculam*, *sacho* de *sarculum*, *cinco* de *vinculum*. Em mirandês *cacho* significa igualmente «pedaço». Diferente de *cacho* cast., italiano *quatto*, lat. *co-actum*, sôbre o qual, v. Diez, «Etm. Wtb.» sub voc. *quatto*.

cair-se, R. F., cair: castelh. *caerse*.

calceta, R. F., peúga: castelh. *calceta*, meia, *calcetin*, peúga.

caminheira, M., (de couves, etc.), talhão, sementeira de plantas para dispor.

canouro (pron. *camouro*), M., que faz que não ouve.

canada, R. F., senda estreita: castelh. *canada*. Conquanto pouco empregado no dialecto literário, é provincialismo usualissimo.

candeeira, M., varinha de urze muito seca, que se acende para alumiar.

candeolos, M., galhos grossos de urze, crestados pelo lume.

candil, R. F., candeeiro.

canêlha, R. F., senda no despovoado: é diminutivo de *canada* (*canadêlha*: *canêlha*: *canêlha*). Pe'la queda do *n* medial fez-se no dialecto jeral *quêlha* (*canêlha*: *caêlha*: *quêlha*), como de *rã* (*rana*) se fez *rêla* (*ranela*: *raêla*: *rêla*) e de *calente*, *quente* (*caente*). É possível que as formas *canada*, *canêlha* provenham do mirandês, ou de outro co-dialecto, em que o *n* medial persista assim como também o *l*, que em português e em galego caem; assim em mirandês diz-se *ganado* = «gado», *cêna* = «ceia», *portalada* = «portada», *calavera* = «caveira», (com intercalação de *a* como em cast., de *caluariam*, intercalação que se deu em *caveira* igualmente). Diez e o sr. Adolfo Coelho vêem em *quelha* o latim *canalicula*. É talvez possível fazer concordar as duas etimologias.

canêlha, R. F., vaso de madeira que recebe o grão que cai da tremoia. ¿É o mesmo que o antecedente, ou um diminutivo em *-êlha* de *cana* por *cano*, *canudo*? || Talvez de *canada* medida. J. L. de V.

canhona, R. F., ovelha: o mesmo em mirandês. Pode ser português puro, porque o sufixo *-ona*, aumentativo feminino, não é raro, permutando ou concorrendo com *-ôa*, *-ô*.

¹ O dr. Hugo Schuchardt admite *up pūpa*, que não explicaria o ditongo *ou* nem a reduplicação da consoante ou o *o*, dialectais italianos. (*Literaturblatt für Germanische u. Romanische Philologie*. 1883, 3).

cántara, R. F., vaso pequeno de barro, correspondendo ao vocábulo *bilha*, de Lisboa e arredores.

cántaro, R. F., bilha grande: em Coimbra este vocábulo designa um vaso de folha — de Flandres com duas asas, uma junto à boca, e a outra perto do fundo e oposta à primeira; a capacidade do vaso é próximamente de 16 litros.

çapato, R. F., o mesmo significado que na lingua comum: as pronúncias transmontana e castelhana indicam ser esta, e não *sapato*, a ortografia correcta, concunanto hoje, indevidamente, desusada.

carambelo, M., jeada que fica pendente, «caramelo».

carambina, M., o mesmo significado: castelhano *carambano*.

carapela, M., mão de linho de três pés para se *açotear* (B.): «carpela», com um *a* intercalar entre o *r* e o *p*, como nos vulgares *carapinteiro*, *carapir*, *caravelha*.

carcella, R. F., braguilha da calça: em Lisboa este vocábulo designa uma espécie de presilha.

cardena, *cardiela*, M., espécies de tortulhos.

carolo (pron. *carólo*), M., pedaço de pão: terra dura: no Minho significa milho traçado ou também, como em galego, a maçaroca esbagoada: *carólo* em Lisboa é a massa de farinha de trigo e água, de que se servem os çapateiros. Cf. a segunda acepção de *carólo* com *biscoito*, voz que nos Açores se aplica à superfície de lava que cobre certos terrenos. || *Carólo* é na Beira-Alta o «meolo de pão». J. L. de V.

caroujo (pron. *caronjo*), caramelo grosso.

carpin, M., peiga: por *escarpim*. V. Bluteau.

carrapito, R. F., maquia. O significado próprio d'este vocábulo é «ponta», «came», e portanto *cugulo*, a «medida por arrasar».

carrela, *carrola*, M., ramo carregado de fruta e flores, de que deve ter mais de três pés: é o *palmito* dos arredores de Lisboa.

carunha, R. F., pevide de maçã, etc.

castanha, R. F., o mesmo significado que no jeral do país.

castanhola, R. F., batata; derivado de *castanha*: o mesmo em Miranda, onde também se usa *batata*. Em várias partes de Hispanha, como por exemplo na Galiza (*castaña*), não se jeneralizou o termo americano e foi substituído por vocábulos vernáculos, determinados ou não por sufixos. || Este alimento é pouco usado no Norte de Trás-os-Montes. J. L. de V.

castenheiro, (pronunciado *castanhêiro*) R. F., castanheiro: o *z* é devido à influência dos dois sons palatais, a consoante *nh* e o ditongo *ei*, que concorreram para a dissimilação do segundo *a* protónico.

castrão, M., bode castrado.

castrar, R. F., crestar: metátese idêntica à de *quebrar* por *crebar*, de *crepare*.

ceção, R. F., frescura, humidade na terra. ¿E' este vocábulo o mesmo a que o snr. J. Moreira se refere (p. 181 desta Revista) como provindo de *accessionem*, e que escreve *cesão*? O snr. M. Ferreira insiste na pronúnciação que indico.

cēibas, M., tempo de pastajens comuns nos baldios. E' um derivado do verbo *ceibar*, que em galego e no norte de Portugal (Cabeceiras de Basto, *aceibar*, «entornar») significa «soltar», «dar liberdade, ao gado por exemplo». Deve ser caelibare de caelibem? ¹

cemba, M., espécie de muro de terra e torrão que separa as agúeiras e levadas (B.)

cerrucho, M., pequena porção de liquido.

cezim, M., gordura.

chaira, R. F., plano, planície, chã. V. o seguinte.

chairo, R. F., plano, chão. ¿ E' este em português mais um *aló-tropo* ² do latim *planum*, a par dos conhecidos, *chão*, *praino*, semi-erudito *plano* e erudito *plano*, italiano *piano*, mirandês *chano*, galego *chao*, castelhano *llano*? Parece que sim; no entanto a mudança de *n* em *r* é bastante anormal.

chaloca, M., calçado de pau, aberto por cima do tacão: *tamanco*, no sul, *soco* (pron. *sico*) no Minho. Deve ser metátese das sílabas extremas de *galocha*, análoga à que se deu em *choupo* de *plopum* por *pop'lum*.

chaniça, M., lenha miúda e delgada, meia queimada: na lingua comum *chamigo*, galego *chamizo*.

chanela, M., perdiz, sp., parda, de pouco vulto.

chanfaina, guisado de carne: *chanfana*.

charela, R. F., truta pequena.

cheripa, M., fortunilha (B.), pechincha: corresponde na significação aos vocábulos, francês *chance*, castelh. *ganga*.

chicórra, M., toda a espécie de cogumelo.

chino, M., sinal.

chirita (água), M., magra, sem temperos (B.): água *chilra*, de que é um diminutivo por *chilrita*, com perda do *l*. Em castelh. *agua chirle*.

chito, M., marca: em castelhano é nome de jogo, a que em português se chama *conca*.

chóbe, *chóba*, a *chuba*, *chóve*, *chôva*, a chuva, com *ô* e não *ô*, mesmo na 2.^a e análogas formas do verbo. Cf. o italiano *piòce*, *pioggia*, castelh. *llueve*: o *ü* de *pluvia* foi tratado como *o* breve no verbo e nome em italiano, como *o* breve no verbo e como *u* longo no nome no transmontano, em castelhano, e no galego *chuva*, *chuvia*.

¹ V. Carolina Michaelis de Vasconcellos, «Studien zur Hispanischen Wortdeutung» sub voc. *ceibo*. A illustre romanista atribui a mesma etimologia a este vocábulo no precioso opúsculo que cito, e do qual devo à sua extrema amabilidade o exemplar que possuo.

² Parece-me excelente este termo técnico modernamente introduzido para designar as diversas formas que um vocábulo latino, ou outro, adquire nos dialectos românicos, e que os Franceses chamam *doubléts* e os Allemães *Scheidformen*, formas divergentes. V. K. Nyrop, *Adjektivernes Kønssbøjning i de Romanske Sprog*, 1886, p. 21. København.

choradeiro, -o, R. F., chorão, chorona, criança que chora continuamente.

o choro, os chôros, eu choro, etc., o chôro, os chôros, eu chôro.

ciada, M., emboscada: deve ser o vocábulo *cilada*, com queda do *l*.

cidouro (pron. *cilouro*), bocado de couro forte que liga a *manguêira* ao *pôrtego* (B.): são as duas peças que constituem o *mangual*, ali denominado *malho*. Em galego *cidoiro* significa «cinta», «facha». É um substantivo de *ceñir*, «cinjir», com a perda do *s* medial?

coanho, M., palha pisada (B.)

colaga, R. F., viela. Em português e castelhano há o vocábulo *colada*, que se define «garganta larga entre montes»; a mudança, porém, de *d* em *g* seria singular. A permanência do *l* medial em português aponta-nos para um derivado de *collem* ou de *collum*. O snr. Leite de Vasconcellos sujere-me **collacula*.

colhal, M., caminheira de couves pequeninas (B.) Pronuncia-se *côlhãl*, o que nos indica estar por *coadhal* e ter portanto relação com o verbo *coadhar*, no sentido de «encher».

conheiro (pron. *cônheiro*), feixe de herva, de *coanho*: cf. *côrte*, *coresma*, *corenta*, vulgares por *cuartel*, *cuaresma*, *cuarenta*, e o antigo *contia* por *cuantia*.

conta, R. F., conto, história.

córno, *córnas*, *córno*, *córnos*: veja-se o seguinte.

côrpo, *córpas*, R. F., *côrpo*, *córpas*. O *o* era breve por natureza em latim, como o prova esta forma dialectal portuguesa e o italiano *côrpo*, com o aberto; o mesmo acontece com *môrto* e outros. Nos dialectos portugueses do sul o *o* aproximou-se por assimilação parcial, influência regressiva, do *u* da última sílaba destes vocábulos em latim: assim *corpus*, *mortuum* deram *côrpo*, *môrto*; *corpora*, *mortuos*, porém, deram *córpas*, *mórtos*. São estes verdadeiros factos de refracção, metafonia, *umlaut* enfim, segundo a denominação conhecida em fonologia germânica.¹

cortinha (pron. *côrtinha*), R. F., terra vedada, de sementeira: em galego *cortiña*, diminutivo de *côrte*.

cuadraçal, R. F., granito na pedreira; talhado chama-se *cantaria*, como em Lisboa o calcareo afeiçoado.

cuase, R. F., *cuási*: em Lisboa é usual *cuaise*, vulgar *a cuaise*, todos com *e* surdo e *s* sonoro, o *cual*, como todo o *s* medial, é em Rio-Frio subcacuminal e também sonoro.

cuzcuz, R. F., (pron. *cuási cucecuze*, plural *cuzenzes*, pron. *cucecuzes*), *cuscuz*: O *z* final de sílaba vale por *ç* cedilhado.² Como é sa-

¹ V. «Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise, etc.» in «Romania», t. xii, p. 73 e seg. 79 e seg.

² Em *cuási* todos os vocábulos que os nossos escritores quincentistas e mesmo anteriores, e posteriores a estes até o presente século, tiraram por audição de línguas vernáculas, a sibilante surda apical *s* é representada por *ç* quando inicial de sílaba e por *z* quando final, e outro tanto se pode dizer dos escriptores cas-

bido, êste vocábulo provein do árabe *koskos*, *koskosu*, *koskosun*; Pedro de Alcalá escreve *cuzeçu*. Dozy («Oosterlingen», 1867) attribui-lhe origem africana, berbere ou de qualquer idioma de Negros.

de louças (pron. *delouças*), R. F., às voltas.

demonho (pron. *demónho*), R. F., demónio; o *i* postónico caiu palatalizando o *n* em *nh*; e segundo a regra em português, o *o* tónico (como também o *e*) antes desta palatal nasal fica fechado nos paroxítonos, se a vogal final é *o* ou *a*.

desfelujar, R. F., limpar a fuligem (*feluje*, q. v.)

desleigar, M., descompor com palavras. *Desleigado*, «el que no tiene ley ó amor á la patria, á la familia, amigos ó bienhechores (segun Cervantes)» Cuveiro Pinol, «Dice. Gallego».

dezoito, R. F., pronunciado *dezóito*, não obstante *oito* se pronunciar *ôito* como em Lisboa, e não *áito* ou *ôuto*, como em muitos dialectos do norte.

diabrilho, R. F., diabinho: diminutivo de *diabo*, «diabo». Nestes vocábulos, tanto em Rio-Frio como no mirandês e galego, e no português comum em *diabrura*, *endiabrado*, *diabrete*, ao latim *diab[ol]um* deu-se tratamento análogo ao que vimos em *cacho* por *caco*, isto é, o *l* medial não cai, como em *diabo*, mas converte-se em *r*, permanecendo a sonora *b*, ou, se no grupo de muta e líquida é forte a muta, passa o grupo à africata *ch*. Estes dois tratamentos são, aliás, os mais usuais em todo o domínio português, exceptuados alguns vocábulos, como *cavo* (*calculus*), *faca* (*falculam*), *povo*, antigo *poboo* (*populum*), nos dois primeiros talvez por influência do *l* final da primeira sílaba. O terceiro é mais difícil de explicar, mormente porque temos os vocábulos obsoletos *pobrar*, *pobrador* por *povoar*, *povoador*, que podem, é verdade, ser dialectais; é possível também que a forma *poro* (*poboo*) provenha da necessidade de se differenciar êste vocábulo e seus derivados de outro de aspecto semelhante, *pobre*, pois que nos derivados dêste último, logo que o *o* deixasse de ser acentuado, desapareceria a distinção do *ô* do primeiro e do *ò* do segundo, porque ambos esses *oo* passariam a *o* = *u* reduzido, confundindo-se portanto esses radicais diversos.

dunha, R. F., espaço de 24 horas, durante o qual um co-proprietário de moinho, pertencente a muitos donos em comum, pode moer o seu grão.

eido, M., sitio. E' duvidosa esta acepção.¹

telhanos. E' esse o motivo por que o *s* é a bem dizer desusado nos nomes geográficos e pessoais das Américas hispanholas e do Brasil. V. *passim* em Jil Vicente a «Farça das Ciganas», na qual o Plauto português, procurando imitar o castelhano andaluzado e estropiado dos Ciganos, se serviu do *s* final com o valor do *ç* inicial ou medial, em vez de *ç*; por ex.: «Mantenga fidalguz, señurez bermuzuz». A razão do emprêgo do *s* final está em que o *ç* era desusado em tal situação, tanto em português como em castelhano.

¹ V. Carolina Michaelis de Vasconcellos, *op. cit.* sub voc. *eido*, cujo étimon aditum, defendido pela eximia romanista, me parece incontestável.

imar, M., inflamar.

facanito, R. F., diabinho que se alimenta de *açoa moida* (limalha de aço): entidade mítica.

faranduleiro, M., trapaceiro; falador: galego *farandulo*, cast. *farandulero*.

farneiro, sitio onde cai a farinha, no moíno: deve estar por *far-deiro*, como *farnel* por *furdel*.¹

fazer as bôrdas, R. F., (à spera de fazer o mœio), requestar.

fê, R. F., *fê*: já desusado por *fê*.

feluge, R. F., *fuljem*: galego *fulure*. Parece-me ter havido influência do vocábulo *ferrugem* sobre o *fuliginem* latino, para a produção da forma *felugen* ou *fulajem*², que muito boa entrada teria na língua comum.

finção, M., esteio para a rama do feijão. É augmentativo de *finca*, «esteio», «escora».

foleira, R. F., o mesmo que *boleira*, q. v. ¿É talvez de **follicula*? É mais que duvidoso. Cf. no entanto, *bêlho* e *felho* de **folliolam*?

fulmeça, fagulha que despede a madeira a arder.

fundir-se R. F., afundar-se: cf. castelh. *hundirse*, «desabar».

furgulho, M., pedacinho. Em galego *furco* designa «la medida que resulta desde la punta del pulgar á la del indice, abierta la mano». (Cuveiro Piñol. «Dice. Gall.»)

gafar-se, M.,ingar-se, encher-se. É o antigo vocábulo *gafar*, de *gafa*, «lepra». Cf. *comer-se de peolhos*, por «encher-se deles».

gameita, M., galho, cano pequeno nas árvores (B.).

¹ O sr. Leite de Vasconcellos sugere-me *farinarium*. ¿Se a forma port., porém, é *farinha* para o latim *farinam*, porque razão iria o *-ia* produzir a neste derivado, quando em *farinheiro*, *farinhento*, *enfarrinhar* permanecem a sílaba *inh*, não obstante ser também pre-tónica?

² O sr. F. Ad. Coelho parece ser de opinião contrária (p. 135, l. 8 desta «Revista»); isto é, que *fuljem* seja o correspondente fonológico português do latim *fuliginem*, que deu o castelhano *hollín*, e que se mudasse em *felujem* por influência de *ferrugem*. Chamo a atenção do doutíssimo professor, sem nenhuma contestação hoje em dia o mais competente em questões de etimologia portuguesa, para o facto de que em Lisboa o vocábulo *fuljem* é, a bem dizer, desconhecido do povo, que lhe substitui a catacrese *ferrugem - da chaurim*, análoga a estôntas: *pedra-de sal, pó-de pedra, pós-de capotos*, etc. Submetto pois ao seu critério, para que decida se é razoável, esta minha opinião:

Os dois vocábulos *fuljem* e *ferrugem* tem um certo paralelismo de consoantes, e o povo aumentou essa aliteração pelo paralelismo das vogais, de sorte que no sul os dois vocábulos foram considerados idênticos, sendo *felujem* absorvido por *ferrugem*, cuja noção era mais familiar; a introdução posterior de *fuljem* no dialecto literário é artificial e directa do latim.

Tanto o vocábulo *felujem* por *fuljem* como o castelhano *hollín* oferecerem mais a particularidade de não corresponderem propriamente a uma forma literal latina *fuliginem*, mas antes a uma hipotética *fulliginem*, por isso que permaneceu o *l* em português, e em castelhano o vocábulo tem *ll*, e o em vez de *u* na 1.ª sílaba, facto este último que levaria a considerar como mais rigorosa a forma portuguesa *fulujem*, não obstante o galego *fulure*.

garruncho, R. F., ramo seco preso na árvore.
gazpacho, M., petisco, piteu: é o castelh. *gazpacho*.
grima, medo, pavor: também castelhana: cf. inglês *grim*, «horrendo», «medonho».

guicho, M., esperto.
guico, M., pedacinho de pau aceso, que serve de luzeiro.
guilho, M., peça do moinho sobre a qual jira o rodizio. V. em

Morais.

herbascos, M., folhas soltas, hervas.
horas (dar as boas), R. F., dar os bons dias.
husma (estar à), M., estar à espreita: castelh. *al husmo*.
icha, M., uma ave.
imbelga, M., faxa de terra para semear.
imborsado, R. F., versificado: de *berso*, verso.
imbolear, R. F., botar a baixo: castelh. *volcar*, tomar: é o português commum *emborcar*, mais próximo porém da forma castelhana e do latim in-volnicare de *noluer*.

imboligar-se, M., sujar-se no lodo, enlamear-se, espojar-se: é o mesmo que o antecedente, numa accepção mais restrita, e seu alótopo.
imboutar (pron. *imboutár*), M., cercar de água, de terra molhada.
impelgar, M., parar o moinho pela demasiada água *incórada* (B.).
impinchar (verbo activo), R. F., tombar. Na Beira *pinchar*, «saltar». J. L. de V.

incanhadeira, M., torcedeira de linhas.
incanhar, M., torcer linhas.
incar, M., propagar (B.).
incarroar, M., lavrar as terras nas *revoleas*, ou em sentido inverso (B.).

ingaranhados, M., *ingaranhidos*, R. F., tolhidos, entorpecidos (os dedos) com frio: cf. em Lisboa *engadanhado*, de *gadanho*, dedo recurvo, unha recurva, donde *esgadanh*. A ser bem cabida a aproximação que faço, ter-se-ia dado a rara permutação de *d* por *r*, como se deu no port. e castelh. *mentira* por *mentida*, que é a forma catalã.

*ingarabellhe[c]*idos, M., o mesmo significado: em galego *engorrobellados*.

ingorrobitar-se, M., enjelhar-se. Em galego ha *engorrobellarse*, *enrugar-se*.

inguichar, M., fazer-se esperto, activo: do adjectivo *guicho*.
ingurr[ich]ar, enrugar. V. *ingorrobitar-se*.

insempla (com *s* sonoro = *z* subcacuminal), R. F., sentença, conceito. Cf. em Lisboa, e em jeral na Extremadura, *inzérito*, *inzame*, etc.

intexar, M., entalar, apertar. Representa este verbo uma forma latina *intaxare*, na accepção de «tocar repetidas vezes», frequentativo de *tangere*, à qual se refere Aulo Jélio (*Noctes Atticae*, II, 6, 5.)? Cf. *seixo* de *saxum*.

intremôço, *intremôços*, R. F., tremôço, tremôços: castelh. *altramuz*, *altramuces*.

jaleco, R. F., como em mirandês, colete: castelh. *chaleco*, gal. *chaleque*. Cf. *ajagado* = [a]chagado.

jôgo, jôgos, R. F., seixo boleado, liso (calhau rolado): em Castelo-Branco creio que se diz *gôgo*.

lapea (sic.) M., grande labareda de incêndio (B.): ¿cual a sílaba tónica? *lápia*, ou *lapéia*?

lançadêiro, R. F., mesa, aparador em que se dispõe e reparte a comida.

larego (pron. *larêgo*), R. F., porco muito novo: galego *lavero*, *larego*, mirandês *lharêgo* ¹.

lareirada, M., enfiada de chouriços ao fumeiro.

lareiro, M., vara, fueiro, no lar, em que se dependuram os chouriços.

lares, R. F., cadeia de ferro na lareira; em mirandês *thares*, castelh. *llares*.

ô léu, R. F., à vela, patente. Vid. *Revista Lusitana*, p. 180: *léu*, de *le u e m*: Em Lisboa *apanhar léu*, «ter ocasião».

liso, — a. R. F., lesto: cast. *liso*.

magote, M., rebanho de gado: em Lisboa significa bando, grupo de pessoas em tom de desafio, de resistência.

maior, maiores, R. F., maior, maiores.

malho, R. F., mangual.

malhó, M., correia cilíndrica para atar o sapato.

mangueira, R. F., cabo do *malho* com que se bate o grão.

manjeira, M., armadilha de rede e arcos para caçar peixes.

mão de linha, M., doze estrigas juntas.

maravalhas, M., hervas, fôlhas para os porcos: no Riba-Tejo significa as agulhas do pinheiro, tronquinhos, fôlhas secas para queimar.

marouça (pron. *marouça*), torrão de terra. Cf. *morouço*, «monte de pedras».

marrancho, marranchico, R. F., porco, porquinho: o mesmo em galego. Cf. *marrão*, galego *marran* ou *marran*, do qual são diminutivos ambos, e veja-se *berrão*.

massacote, M., mistura de cal, barro e areia.

medos, R. F., aparições, fantasmas: corresponde ideologicamente à locução de Lisboa *cousas-más*. Em mirandês *múdo* (que o snr. L. de Vasconcellos ² escreve *mũdo*) tem a mesma acepção especial.

melhór, melhóres, eu melhôro, melhóras, R. F. (o *e* que precede o *lh* pronuncia-se *i*), *melhór, melhóres, melhóro, melhóras*.

mentes, R. F., intentos, tenções.

mochôna, M., fagulha que salta do lume crepitante, e a que em Lisboa se chama *vélha*.

moínha, M., prágana separada do grão. Em Lisboa, e Riba-Tejo

¹ V. L. de Vasconcellos «O Dialecto Mirandês», p. 35.

² O *Dialecto Mirandês*, Porto, 1882. Represento por *ũ* o ditongo crescente que o autor escreve *êê*, porque ao meu ouvido a tónica é igual ao *i* ingl. de *bid*.

significa especialmente «palha, ou outra fôlha, como por exemplo a do chá, sêca e *molda*, isto é, muito dividida».

morçia, M., *roda* de linho verde, com a *vaga* enterrada (B.): nos arredores de Lisboa quer dizer porção de trigo ou palha que faz uma carrada.

môrto, *mórtos*, *mórta*, *mórtas*, R. F., *môrto*, *mórtos*, *mórta*, *mórtas*: veja-se *côrpo*.

mouchão (pron. *mouchão*), M., montículo de terra, para divisória de terrenos. Vid. Bluteau, *Vocabulario Portuguez e Latino*.

muafas, M., arremedos à maneira dos bois, ou como eles fazem (B.).

munheiro, R. F., moleiro: galego *muñeiro*, cast. *molinero*.

mumbo, R. F., moinho: forma análoga às minhotas, *bú[i]pho* por *buínho*, *vãe*, *côe* em vez de *ruín*; em galego *muído*.

munício, R. F., pão de munição.

murganhos, M., restos de espigas depois da malhada: em galego *murgueiro*, «monton de paja de mijo menudo ó panizo antes de majarla» (Cuv. Piñol, D. Gall.).

murua, M., verruga dos carvalhos, castanheiros, etc. (B.); diz-se *murúa* ou *múrua*? E' mais provável que a vogal tónica seja o segundo *u*, porque de outro modo é natural que o colector houvesse escrito *muroa*.

nabinha, semente de nabo ou de plantas análogas: o mesmo no Douro e Minho.

nebrinha, M., neblina.

negrilho, R. F., olmo, sp.

ôbo, *ôbos*, R. F., *ôvo*, *ôvos*: Vid. *côrpo*.

ôito, *oito*; não obstante os derivados *dezôito*, *vint'ôito*.

osga, *ódio*.

ôssô, *ôssos*, R. F., *osso*, *ossos*: Vid. *côrpo*.

palatio, M., chouriço de massa de pão: na Extremadura e Alentejo *paio*, que é o mesmo vocábulo; (v. *canêlha*); significa «chouriço de lombo de porco», e em Lisboa dá-se em especial êste nome àqueles que veem enleados em cordel, para não rebentarem ao cozer-se.

panca, R. F., alavanca de ferro: dêste vocábulo veio o jeral *pancada*, cast. antigo *palancada*, «golpe». Corresponde *panca* ao castelhano *palanca*, que me parece ser o lat. *planca*, picardo *planke*, inglês *plank*, com suarabacti de *a* entre *p* e *l*, sendo portanto alótropeo de *prancha*, tirado do francês *planche*.

pancha, R. F., panela de barro.

pão tenro, R. F., pão mole: cf. francês *pain tendre*.

pão spido, M., pão olhado, fôfo. Em galego *espilir* é definido por Cuveiro Piñol: «... aligerar, mover uma cosa para que le entre el aire con facilidad.»

paradêlho, M., rede que se atravessa nos rios para colhêr o peixe; galego *paradelo* e *paradella*. ¿E' o que nos rios da Extremadura se chama *caveiro*?

à *la parigüela*!, R. F., vá ganhar a vida! vá trabalhar!: é o castelhano *parihuela*, «padiola», que também se pronuncia comumente *parigüela*, substituindo-se ao *u* *consonans* um ditongo de consoantes igual ao que se ouve em *huero*, *hueso*, *huerto*, pronunciados pelos Andaluzes ou pelos Estremenhos, e cujo primeiro elemento é um *g* muito fundo, velar ¹. Note-se a permutação entre *r* lena e *d*, já apontada em *engaranhido*. Tanto *padiola* como *parihuela* devem de provir de **paleõla* por *paleõla*, diminutivo de *pala*, mudado o *l* para *d* em português e para *r* em castelhano por dissimilação do *l* da última sílaba: a deslocação do acento é de regra no romance para os grupos *eo*, *io*.

parro,-rra, R. F., pato, pata: cast. *parro,-rra*.

pedra de linho, M., doze arrâteis (B.).

peituga, R. F., peito de ave: cast. *pechuga*.

peleira, M., sova: talvez por *paleira*, castelhano *paliza*, de *palo*, «pau».

pendengues, M., pinjentes, arrecadas: em galego *pendengues*.

peór, *peôres*, *peôras*, *peôro*, R. F., *peór*, *peôres*, *peôras*, *peôro*.

pera (pron. *péra*) R. F., *péra*, barba crescida na ponta do queixo de baixo.

péra R. F., fruta.

pértego, M., a parte do *malho* (mangual) com que se bate na eira: galego *pértego*, derivado de *pértega*, lat. *pertica*.

portinhola (com *e* surdo) R. F.: é o diminutivo *portinhola*, de *porta*, no qual o *o* passou a *e* neutro por dissimilação da labial precedente; fenómeno inverso do que produziu *huber* em vez de *beber* nos dialectos de norte e mesmo em Lisboa, *desporcatado* por *desprecatado*, *sumana* por *semana* em galego e também em português, *bustianco* por *bestianco* de *bestia* em mirandês, e mesmo *reporitorio* em vez de *reperitorio*, e os jerais *rihora* de *uipera*, *por* de *per*, etc.

a *pésca*, *ele pésca*, *eu pésko*, R. F., a *pésca*, *ele pésca*, *eu pésko*, de *pescar*. Em italiano o *e* de *pesca* é igualmente fechado, diferenciando-se este vocábulo de *pésca*, com *e* aberto, que significa a fruta a que chamamos *pêssego*, de [*ma lum*] *persicum*.

pestarêlhos, M., carrilheiras, enfarte das glândulas debaixo das orelhas (B.).

pezunho, M., unha de cão.

pinção, *pinções*, R. F., pé de fruta: castelhano *pezon* ².

pinchar, R. F., entornar. V. *Diccionario Contemporaneo*.

pito,-a, R. F., pinto, galinha: é jeral no norte e deriva-se de *pictum*, *pictam*. Em galego o mesmo.

poléla, R. F., traça (bicho): castelh. *polilla*.

¹ Esta consoante é a sonora correspondente à surda, transcrita por *q*, das linguas semíticas, que é pronunciada sonora pelos Beduínos. (Veja-se Caussin de Perceval, «Grammaire arabe vulgaire», p. 9.)

² V. Díez: *Etym. Würtb. d. Rom. Spr.* sub voc. *picciuolo*.

pósto, póstos, pósta, póstas, R. F., *pôsto, pôstos, pósta, póstas*: V. *córpo*.

pote, R. F., panela de ferro: o voc. *panela* designa sómente a de barro.

poulo (pron. *paulo*), terra de pousio: lat. *pabulum*.

prôcura, R. F., pergunta. Pode dizer-se que sómente nos centros de maior cultura se diferenciam bem os dois verbos *procurar* e *perguntar*: no Alê-m-Tejo trocam-se-lhes os significados; exemplos: *ir à prê-gunta d'alguê-m*, «ir em busca d'alguem»;

«...e procurando-lhe se aquelle tabaco e fazenda era d'elles, responderam...» (Documento n.º 1 do Processo n.º 1:772, l. 33 da Direcção Jeral das alfândegas, 1882).

pícharo, R. F., panelinha; em Coimbra *pícaro*, em Lisboa *pí-caro* e *pícaro*: em galego *pícaro*. São vasos para beber água ou para a tirar do *pote*; têm uma asa só, sendo o segundo de maior capacidade e sempre de barro, emquanto que o *pícaro* pode ser de folha ou de arame ¹. É o mesmo vocábulo que o castelh. *puchero*, que também significa «panela de barro». Ha todavia mudança da sílaba tônica.

queimado por *coimado*, R. F.: cf. em Lisboa *cobrar* confundido com *quebrar*, *forrajens* com *ferrajens*.

rabona, R. F., jaqueta com abas: o mesmo em mirandês.

ragueda, M., urze: deita flor branca, odorífera; é forte e torce sem quebrar (B.)

raigôto, M., raiz grossa das árvores (B.) É notavel a permanência da gutural e neste derivado de *raiz*, *radicem*, como o é a mesma consciência do valor primitivo da consoante final radical em *noçado*, *noqueira*, *noção* de *noz*, *nucem*. Deve advertir-se que as vogais *ai* da primeira sílaba não formam o ditongo *ai*, mas sim *ai*, como o denota a grafia *ei* (*reigoto*), que vinha no apontamento; a melhor ortografia parece-me que será a que adoptei, isto é, considerando o vocábulo de quatro sílabas, *ra-i-gô-to*, por isso que a diferença entre *ra-i-gôto*, e *ra-igôto*, é tenuíssima, em razão da atonia das pre-tónicas; o mesmo acontece em *arraigar*, cujo étimon é também *radicem*.

raiva calada, R. F., hidrofobia sem mor ler (sic), *raiva malsa*.

rebôlo, -ôlos, R. F., calhan.

reco (pron. *rêco*), R. F., porco; o mesmo em mirandês.

andar às recubeques, M., andar fazendo ziguezagues.

rejão, M., pedaço de *balho* ou *cabeção rojado* para se lhe extrair o pingo (B.). Veja-se *rajão*: o mesmo no Minho.

répas, M., cabellos raros, e fios de feno, herva ou linho (B.): cf. *farripas*, na primeira acepção, e o verbo *ripar*.

restrelar, M., (o linho) tirar o *tasco* mais grosso para assedar (B.).

¹ V. sobre substantivos concretos, que mudam o jénero gramatical para denotar alteração da forma usual no objecto que denominam, *Essai de phonét. et de phonol. de la l. portug.*, já citado, p. 87.

retonhar, M., rebentar a árvore.

retraussado, M., retido, demorado.

rexêlo, R. F., rés de gado lanijero; o mesmo em galego.

robechar, M., brincar.

rodriço, M., estaca que ampara o bacêlo.

rojão, rojões, R. F., torresmo, carne de porco frita: em galego *rôxô, roxons*.

rojar, R. F., pôr em brasa.

rozemunho, R. F., redemoínho; cf. *munho*, «moínho»: entidade mitica.

sabor (com *a* neutro, obscuro), R. F., sabor, gosto.

Sabor (pronunciado *sábôr*, com *â* aberto), R. F., o rio Sabor.

sacuda, M., sova: em castelhano diz-se *sacudir un apabullo*, por dar uma jebada, uma cochichada.

samar, R. F., sarar. *Samar* é jeralmente usado no dialecto literário só no sentido figurado de «prover de remédio». O Dr. J. Cornu atribui a *sasar* uma enjenhosa etimologia, a qual é bastante provável: De *samar*, pela perda do *n* medial, própria do português, ficou *saar*, contraído em *sar*, que foi tomado como radical, a que se acrescentou a terminação do infinito *-ar*, do que resultou a forma actual *sasar*. Cf. *asa* de *ala*: pela perda do *l*, *aa*, forma arcaica, cujo plural *aas* foi talvez tomado como singular, com um plural **ases*, convertido depois em *asas*, de que se tirou o singular *asa*. Exemplos conhecidos de plurais considerados, como singulares, a que se acrescentou mais tarde nova terminação de plural, são certos vocábulos em *ô* agudo, como *felhō[s]*, *eirō[s]*, etc., pl. *felhoses*, *eiroses*, e o vulgar *poses*, que supõe um singular *pós*, o qual na realidade não existe. Outra etimologia possível de *asa* é *a n s a*, que deu em castelh. *asa*, no sentido de «asa» = pega; porque a asa da ave, do insecto, etc., diz-se *ala*.

sbategado, M., com o peito descoberto; em Lisboa *esmamelado*: em castelhano *despechugado*.

sberracar, M., berrar de continuo.

scabel, escabelo.

scachoar, M., ferver em cachão: em galego *escachoar*, de *cachon*, «cachão», cujo étimon, como se sabe, é o latim *coctionem*.

scalamboado, M., frijidíssimo.

scano, M., casta de banco de cozinha: galego *escano*, castelh. *escaño*. É o latim *scannum*, cujo diminutivo *scabellum*, deu *escabel[o]*.

scarcha, R. F., jeada: cast. *escarcha*.

scarnicôto, M., escárnio. A par de *escarnecer* ha o vulgar *escarnicar*, de que se deriva o nome *escarnicadeira*, também plebeu.

scatimar-se, M., melindrar-se: castelh. *escatimar*, «cercear» e também, «retrair as palavras», dar-lhes mau sentido.

scoçomelar-se, M., encolher os hombros recusando.

scolar-das nuvens, R. F., demónio. Segundo a definição que dessa entidade mitica me foi dada por um soldado, é «alma penada, que

não pode entrar nem no ceu, nem no inferno, nem no purgatório».¹

scorrinaça, M., escaramuça.

scossir-se, M., esgueirar-se: em castelhano diz-se *escurrirse*. Em Bluteau encontra-se *escosido*.

scote, M., vaca velha, que se engorda para a matança.

scoufrar, M., tirar tado (B.)

sconssar (a linbaça), M., limpar-lhe a água, esgotá-la. Bluteau dá, como termo do Além-Tejo, *escorar* no sentido de *limpar*.

scrinho, R. F., cesto de vórga barrado: em castelh. antigo *escriña* (= *escriña*) significa, segundo o *Vocabulário de Vozes Antiquadas* de A. Sanchez (Paris, 1842), *caja, cajon, cesto*. Parece-me que seria conveniente a adopção d'este vocábulo, com a forma *escrinho*, como termo de arqueologia pré-histórica portuguesa, para designar essa cerâmica primitiva.

sgarrabunhar, M., arranhar com as unhas: o português comum é *esccarrar*.² Cf. *esgarafunhar*, e o galego *esgarabellar* que tem aquele significado. Na Beira Alta *arrebunhar*. J. L. de V.

segada, R. F., ceifa: é um substant. partici-pal do verbo *segar*, que também é usado em galego, a par de *sega*.

secceno, M., cacimbo, nevoeiro. Nas duas Beiras *sincelo*.

simplez, R. F. (pronuncia-se quasi *simplece*, com os *ee* surdos; plural *simpleces*). Conquanto a orthographia correctã do dialecto literãria devesse ser esta, creio todavia difficil, assim como em *ourices*, admitir outra forma de plural além da usual *simples*, *ourives*, jeralmente usada. E' este um documento mais de quanto as orthographias pertensamente etimolójicas tem concorrido para deturpar a lingua popular e jenninamente portuguesa.

seica, M., talvez, pelos modos; interrogativamente, «acaso». Em galego ha duas formas *seica* e *seique*. Esta particula é empregada funcionalmente, como *est-ce que* em francès, *an* em latim, *czy* em polaco, para iniciar frase interrogativa; assim, por exemplo, em ga-

¹ Vid. Consiglieri Pedroso, *O Secular das Naveas* in *Positivismo*, 4.º an., n.º 6, e Leite de Vasconcellos, *Tradições Populares de Portugal*, p. 52.

A forma correctã é a que dou, *scolar* por *escolar*, que mesmo em Garret (Frei Luis de Sousa, acto 1, cena 11, Telmo) tem a accepção de «erudito», «sabe-dor», *savant*, ingl. *scholar*. Que a forma correctã é esta prova o não só a variante dada pelo sr. C. Pedroso (ibid.) *escolarão*, mas ainda e principalmente a circumstãncia de que *secular* não poderia ser popular, como também o não é *século*, cujo correspondente propriamente português é *segre*; *secular* deu *segral*, com a variante *seglar*, que deve ser castelhanismo artificial e semi-erudito. O sr. Vasconcellos Abreu emprega *escolar* como o fez Garrett. A causa da confusão entre *escolar* e *secular* provém da queda do *s* surdo, que precede ou segue o *s* subcaminal, o que produziu a homofonia *seglar*. Cf. *esnoga* por *sinagoga*.

² *Escarrar*, castelh. *esccarbar*, que o «Dice. Contemporaneo», ignoro por quais processos, deriva de *excalpere* (!), é *scari-phare*, «riscar», *leuder in superficie radere*, *scalpello aperire*. Vid. Hugo Schuchardt, «*Romanisches und Keltisches*», Berlin, 1886, p. 22.

lego: *seica vas levá-los?* «*caso, sempre, não vais levá-los?*» *Seica* provém de *sei cá*, ou talvez antes, de *sei que*, reunidos em um só vocábulo pelo movimento do acento frásico, o qual, recaindo sempre no verbo principal da oração, acabou por fazer a locução proclítica. E' pois uma junção análoga à que produziu *nanja* por «*não já*», *quicá*, o francês *peut-être*, o latim *quare*, etc.

smarnecar, R. F., esmagar, prostrar.

smelodiar-se, R. F., esfoliar-se, escalavrar-se.

¿*sopear*; ¿*sopiar*, R. F., baptisar-se em casa, sem o ritual.

sopla-moscós, R. F., bofetão: cast. *soplamoscos*. A permanência da líquida *l* indica que o voc. não é português.

spabilado, R. F., esperto, espevitado: cast. *desparilado*.

spolinhar, M., crescer, desenvolver-se.

stadulho, M., tueiro, pau que se crava no tabuleiro do carro.

stela, M., pedaço de pau da forma de ponta de baioneta, que se espeta na carne (B.).

stordegar, M., torcer (um pé: em Lisboa, *estortegar*, «torcer», *estortegão*, «torcedura»: **extorticare*).

stornicar, M., crepitar, estalar a lenha acesa.

stourinhado, M., retesado à maneira de touro (B.). Não se entende a definição.

suôr, suôres, R. F., suôr, suôres. O *o* fechado é mais conforme com a origem *sudorem*. Cf. *melhôr, peôr, maiôr*.

tagalho, rebanho: cf. na Estremadura *atalho*, manada, rebanho, pouco numerosos.

tagalho de rexeiros, R., F., 7 cabeças de gado lanijero.

tagalhico, R. F., 3 cabeças de gado miúdo.

tajasno, M., uma ave.

talanquêira, M., arco enfeitado, por baixo do qual passam os noivos.

talha, R. F., talha; forma diminutiva, como o seguinte, de *tina*?

tialha, R. F., talha: cast. *tiuaja*, com a perda do *n* medial, e portanto diminutivo de *tina*. ¿E' o vocábulo *talha* este mesmo?

tômo, tôma, tôme, do verbo *tomar*, R. F., *tómo, tôma, tôme*, de *tomar*.

torar, L., crestar, cuási queimar.

tralhar, M., coalhar: nos arredores de Lisboa, *talhar*, com o qual parece não ter relação mórfica.

tralho, M., paradelho (q. v.) de malhas grossas.

tremôia, tremonha. Cf. o siciliano *trimoja*, francês *trémie*. As formas portuguesas opõem-se às etimologias propostas por Diez e Brachet. Vid. Littré ¹.

trepa, M., sova: é moderno em Lisboa neste sentido.

trilha, M., sova, carga de pau. E' substantivo derivado de *trilhar*, «pisar», bastante comum, concuanto o não seja em Lisboa.

¹ «Dictionnaire de la Langue Française».

troba, M., grande concavidade no tronco dos castanheiros.
trupir, R. F., fazer tropel.
zêbres, M., (saber a), não ter gosto, sem sal nem adubo (B.): galego *enxebre*. Vid. o vocábulo em Cuveiro Piñol.
zambulhada, M., baque com a barriga no chão.
zanganito, R. F., duende, trasgo: diminutivo de *zangão*.
zirboada d'água, M., pancada-d'água, aguaceiro.

II

Subsídios para os vocabulários minhotos (Cabeceiras de Basto)

(Colhidos oralmente em 1883 a Francisco Teixeira Bastos, da idade de 16 annos, natural da Parada de Podraça, naquelle concelho 1)

abesouro (*abezôuro*, com *b* fricativo) besouro: galego *abésouro*.
accibar (*asséibár*, com *s* subcacuminal e *b* fricativo), entornar. V. o «Vocabulário de Rio-Frio» sub voc. *ceibar*.
amoroso, (z subcacuminal) liso, pulido, como por exemplo a superficie de um móvel.
antre (*ántre*), entre; *per antre* (*perántre*, com *o* e de *per* surdo), por entre: galego *antre*.
aparo de roca, pena-d' aço para escrever.
ares maus. V. *purburinhos*.
auga (*ãr duga*), água: galego *aug[u]a*.
bespra (*béspra*), véspra; em Lisboa é vulgar *véspra*: provém de uma forma diminutiva *vesp'la de uespa.
béu, veiu: galego *veu*.
cabaça (*cabassa*, com *s* subcacuminal e *b* fricativo) cabaça.
cabaço (id.), abóbora.
caçoula (*cassôula*, *s* subcacum.) caixinha.
caranguejo (*carànguêjo*), abrunho grande.
careta, caraça; em castelh. *careta*, «máscara».
charca, charco, poça.
criada dos lobos, lobis-homem fêmea: «a sétima de sete filhas a seguir». Vid. Consigliieri Pedroso, «O Lobis-homem» in Positivismo 4.º ano, p. 424 e seg.
cuitelo (*cuitélo*), cutelo: em galego *cuitelo*; em castelhano *cuchillo* significa «faca».
doudo (*dôúdo*), «o que tem o diabo no corpo», espiritado, possesso.

1 Sabia mal ler e escrever. Sobre a pronúncia direi apenas que era estritamente minhota, sendo os característicos principais os seguintes: *ch*, africada surda, como em jeral no norte, enási *tx*; *b* e *v* confundidos; *s* e *ç* confundidos ambos em *s* subcacuminal; *s* sonoro e *z* igualmente em *s* subcacuminal; *â*, antes de nasal e euando nasal, em vez de *ã*; *ê* = *é*; *ou* = *ôu*. Sigo no vocabulário a ortografia jeral, indicando porém a pronúncia.

duro, forte; por exemplo: *homens duros*, «homens vigorosos».

esquizar (*squissar*, ss *subcaum.*), espalitar os dentes com uma agulha de pinheiro: cf. *guizo* no «Vocabulário de Rio-Frio», pauzinho que em algumas partes da Beira serve de luzeiro.

erbedeiro, medronheiro, lat. *arbutum*.

fatêia, fatia.

fidalgo, homem que não trabalha em officio manual a salário.

fôrno, *fornos*, *fôrno*, *fornos*.

fôsfro, fulminante. Veja *palito*.¹

gabeta, feixe de espigas ou de mato: galego *gabeta*, cast. *gabilla*.

gaola, gaiola. Assim também *maór* por *maior*, em jeral no Minho.

incarangado, adoentado, castelhano *enclenque*.

lambrioso, guloso.

lapa, uma pedra pequena.

leirão, rato dos campos: castelhano, *liron*, galego *leiron*.

minga, falta; *faz minga*, é necessário. E' o português comum *mingua*.

morim, pano branco fino de algodão, que em Lisboa se chama *paninho*.

nabinha, semente de hortaliça. Veja «Vocabulário de Rio-Frio».

nomeadas, nomes [feios], impropérios.

a-da-voupa-feita, o lobo. *Roupa* deve ter um significado diverso do usual.

ôbo, *ôbos*, *ôvo*, *ôvos*.

palitos de lume, lumes-prontos, *fósforos de pau*.

porborinhos, «almas penadas que não teem ceu nem inferno», *spritos*. *Balborinho*, definido como «redemoinho de vento» escreve o snr. Consiglieri Pedroso nas suas riquissimas collecções de Tradições populares portuguezas (Positivismo, 4.º ano, p. 391).

sôga, «atilhio para os bois».

tôna do pepino, casca do pepino: *u* reduzido por *e* neutro, em razão das labiais. Em galego *tôna*, entre outros significados, os cuais todos implicam a idea de capa, superficie, quer dizer: a pele da cebôla e a pellicula interna da castanha. (Cuveiro Pinol, «Dicc. Gall.»).

ũa, uma; *nem ũa*, nenhuma: jeral em todos os dialectos minho-

¹ E' de notar que as acendalhas que vieram substituir ha cuarenta e tantos annos em Portugal a antiga *mecha* — e *isca* receberam em cada terra seu nome. Em Lisboa e seus subúrbios chamam-se *fósforos de pau*, se a massa explosiva está applicada a uma haste de madeira. Na Suécia, creio eu, primeiro se obtiveram acendalhas sem fósforo nem enxofre, e, como é sabido, veem aos mercados estrangeiros em umas caixinhas forradas de papel azul, com letreiro sobre papel amarello, que diz, além da fabrica onde são feitas: *säkerhets tandstickor* — *utan svavel och fosfor*, «acendalhas de segurança — sem enxofre e sem fósforo».

Os Alemães, os Americanos e os Ingleses fabricaram-nas depois, e acomodaram-nas em caixinhas iguais, traduzindo a legenda citada para alemão ou para inglês. Por fim a industria portugueza contrafez também, em Lisboa: azaranzada, porém, com o contra-senso de escrever *fósforos de segurança sem fósforo*, limita-se a dizer *sem enxofre*. [Na Beira chama-se-lhes *lumes* e *lumes prontos*.—J. L. de V.]

tos e interamnenses; em mirandês *ũa* (Leite de Vasconcellos, «Dialecto Mirandez»), em galego *un-ha*, que é simples diferença ortográfica do antecedente, representando ambos a pronúncia *unga*, próximamente. Garrett queria que se empregasse a forma *ũa*, pelo menos no verso, quando o vocábulo seguinte começasse por *m*; não foi imitado o seu exemplo.

III

Etimologias populares e falsas analogias eruditas, ou semi-eruditas

A's etimologias populares tratadas a p. 58 e ss. e a p. 133 e ss. pelos snrs. Julio Moreira e F. Ad. Coelho acrescentarei algumas, a título de contribuições para avolumar esse, por emquanto escasso, tesouro de derivações portuguesas vulgares.

água de sete celitros (decilitros), *água de Sedlitz*.

água sanativa, *água sedativa*.

alpéssego, alperche, como se proviesse de *pêssego*.

aspar, *aspadeira*, supondo-se derivado de *aspa*, em vez de *raspar*, *raspadeira*: semi-erudito.

(*comer a dois*) *carrinhos*, *comer a dois* «carrilhos», por se ter tornado obsoleto este último vocábulo, castelhano *carrillo*, «bochecha».

chulipas, «travessas de madeira, sobre as cuais assentam os carris nas linhas férreas: inglês *sleepers*, ouvido cuasi como *celipas*.

coelheira, por *colheira*, cast. *collera*, como se viesse de *coelho*.

deficultativo, por *facultativo* «médico».

esgatanhar, por *esgadanhavar*, como se tivesse relação com *gato*.

espulgatório, por *expurgatório*: nome de um repartimento especial no mosteiro de Mafra, onde o povo diz que os frades «sacndiam as pulgas».

(*grande*) *felecidade*, por *grande velocidade*.

forcura, por *fressura*, fr. *fressure*, como se derivasse de *fôrça*.

(*carne*) *ladrilhada*, por *carne lardeada*, como se proviesse do vocábulo *ladrilho*.

(*óleo-de*) *meio membro*, por *óleo de meimendro*, ouvido, assim como a primeira locução citada, a uma velha, criada de um amigo meu.

(*O Conde de*) *Nove-unhas*, o Conde de Novion, Francês que occupou em Portugal um alto cargo de policia em fins do século passado: a alcunha é satirica e alude talvez à sua rapacidade.

salsa-parrilha, por *çarça-parrilha*, castelhano *zarza-parrilla*. (V. Littré, «Dict. de la langue franç.» *sub voc.* «salse-pareille»).

vidrão, por *bridão*, fr. *bridon*, como se tivesse alguma relação com *vidro*.

Uma falsa analogia, esta porém erudita, deu origem à errônea ortografia de *ancia* e seus derivados, como *ç* em vez de *s* (castelhano e italiano *ansia*), por se lhe supor certa relação com a terminação *-ancia*, lat. *-antia*, de *constância*, *ambulância*, etc. Como tantos outros errados modos de escrever, convém corrigir este, qualquer que seja, aliás, o método de ortografar seguido, o etimológico, o histórico português que adopto, ou o puro e exclusivamente fonético. Com efeito, nos falares transmontanos em que *s* é diferenciado do *ç*, *ansia* tem a sibilante dura subcacuminal. Sobre os vocábulos deturpados, que enumeram e analisam os dois escritores que citei, tenho a observar: que o n.º 13 de p. 58 não é a forma correcta, mas sim *prestidijitador*, que ali é dado como etimologia popular: nem *prestijiador*, nem *prestidijitador* são populares. Com relação a *mastro de gávea*, por «*Vasco da Gama*», direi que a analogia é facilitada no **Porto** pela circunstância de que o *a* antes de consoante nasal conserva lá o som alfabético *â*, ao contrário do que acontece a sul do Mondego e em toda a banda oriental do reino, onde, em jeral, é proferido como *â*.

IV

Notas sobre a fonética dialectal de Ponta-Delgada

(Segundo a pronúncia do malogrado naturalista Francisco de Arruda Puntado, de quem as coliji oralmente.)

Systema das vogais

Orais				Nasais			
	æ	p	o		ã		
	é		ô				
	ê		ô		ẽ		õ
i		ə	ü	ĩ		ũ	
ɪ			ɔ				

DITONGOS DE SUBJUNTIVA ï

Orais				Nasais			
	æi	pi	oi		ãi		
			ói				
			oi		ẽi		õi
		üi				ũi	

DITONGOS DE SUBJUNTIVA ã

	æu	—	ou		—	âu	—	—
	—	—	—		—	—	—	—
eu	—	—	—		—	—	—	—
—	—	—	—		—	—	—	—
iu	—	—	—		—	—	—	—
—	—	—	—		—	—	—	—

Não existe o *à* de Lisboa, o qual é substituído por *æ* muito aberto, igual ao *a* inglês de *father*; o *e* aberto é semelhantemente substituído por *æ* (*a* inglês de *bad*); o *ê* fechado é representado pelo *e* médio castelhano, ouvindo-se o *ê* fechado apenas como representante do ditongo *êi*. O ditongo *ou* condensou-se, não em *ô*, como no sul do reino, mas em *o*, que é o *ö* alemão de *schön*, bastante mais aberto, como em parte da Beira-baixa, o que pre-supõe a existência anterior de *öu*, do mesmo modo que em vários falares de Trás-os-Montes. Falta igualmente o *u* normal, sendo substituído pelo *ü* sueco, que é uma vogal intermédia entre *u* e *u* francês ou holandês (*y*), isto é, uma vogal com menor protração que o *u* francês e mesmo que o *ü* alemão, pois nela essa protração é mais dental do que labial, permanecendo os lábios descerrados: este som é atribuído ao *u*, quer tónico quer átono, diferenciando-se assim este último do *o* átono, que vale *o* (*u* reduzido) como no continente: dêste modo os vocabulos *moral* e *mural*, por ex., não são homófonos, sendo o primeiro pronunciado *mōrāl*, e o segundo *mūrāl*. O *u* tónico português é difficilimo para o natural da ilha, a bem dizer euási impossivel, como o é para a jente do Fundão, que lhe substitui também o *u* sueco, ou um arremêdo dele.

O *a* átono, neutro, obscuro, é representado por uma vogal que figuramos aqui por *p*, e que está mais próxima de *æ* do que o *á* do continente: esta vogal ouve-se, mormente no norte do reino, na pronunciação affectada de *mas*, popular *mais*.

Existem os ditongos de subjuntiva *ɨ* (*ɨ* guturalizado); a vogal tónica não sofre porém infecção da subjuntiva, no que se diferenciam tais ditongos da pronúncia de Lisboa, mormente com as vogais abertas, *ã*, *ê*, *í*, *ô*.

As vogais nasais são de primeiro grau, isto é, sem guturalização, e qualquer vogal antes consoante nasal é nasal também se é tónica: assim *câma* e não *cúma*, *sôno* e não *sôno*, fenómeno conhecido em vários falares do continente, bem como no antigo francês, etc.

O timbre das vogais nasais é o que resulta da sua posição no respectivo quadro, a par do das vogais orais, e é por falta de symbolos apropriados já feitos que elas ai estão indicadas pe'los symbolos das vogais básicas.

E' notável que não exista o *ɣ* gutural ou *y* polaco, *u* russo, que é comum nos outros falares insulanos portugueses.

Resumindo, vemos, com relação ao sistema das vogais, que às grafias do dialecto literário devem corresponder, no falar da jente culta de Ponta Delgada, as seguintes vogais e os seguintes ditongos:

a (â aberto tónico ou átono)	<i>a</i>
a (a neutro tónico ou átono)	<i>p</i>
a (a neutro tónico seguido de consoante nasal)	<i>ã</i>
ã (nasal)	<i>ã</i>
ai (tónico ou átono antes de consoante)	<i>ai</i>
ai (átono antes de vogal)	<i>pi</i>
æ	<i>ði</i>
au	<i>ou</i>
ão, am	<i>au</i>
é (aberto, tónico ou átono)	<i>æ</i> (<i>a</i> breve inglês)
ei (êi aberto)	<i>æi</i>
eu (êu aberto)	<i>æu</i>
e (ê fechado)	<i>e</i> (castelhano)
e (antes de consoante nasal)	<i>ê</i>
em, en (e nasal)	<i>ê</i>
ei (êi, âi, êi, de <i>rei, fúteis</i> , tónico ou átono)	<i>ê</i>
e (ê tónico antes de palatal)	<i>ê</i>
em, en (de <i>bem, êi, âi</i>)	<i>êi</i>
e (neutro de <i>me, te, se</i>)	<i>e</i> neutro
e (neutro antes de palatal = <i>i</i>)	<i>ɛ</i>
e (átono inicial = <i>i</i>)	<i>i</i>
i (antes de consoante nasal)	<i>î</i>
im, in (<i>i</i>)	<i>î</i>
iu (iu, de <i>riu fúiu</i>)	<i>iu</i>
o (aberto, tónico ou átono)	<i>ò</i>
oi (ôi, de <i>sóis</i>)	<i>ôi</i>
o (fechado)	<i>ô</i>
o (antes de nasal)	<i>ô</i>
om, on (ô)	<i>ô</i>
oi (ôi, de <i>sóis</i> , raro)	<i>ôi</i>
õe (ôi)	<i>ôi</i>
ou (= <i>ô</i> no sul, <i>ou</i> no norte)	<i>o</i>
o (átono = <i>u</i> reduzido)	<i>o</i>
u (tónico ou átono)	<i>û</i> (sueco)
ui	<i>ûi</i>
ui (ûi)	<i>ûi</i> (u sueco nasalizado)

Sobre o sistema de consoantes notei apenas o seguinte:

As explosivas, *p, t, c, qu*, seguidas de *g*, de *e* surdo, e de *ão, em*

fim de vocábulos, são aspiradas, como na maioria dos dialectos do continente.

O *t* depois de vogal é guturalizado como em Lisboa e no jeral do reino, mas não se dá, como já disse, a infecção gutural da vogal precedente, nem mesmo quando é *u* ou *i*: assim os ditongos de subjuntiva *i* são sómente êstes: *ai*, *ai*, *ô*, *ô*, *ô*, *ô*, *ô*, *ô*.

Todas as mais consoantes me parecem idénticas às do sul do reino, dando-se também a confusão entre *ç* e *s* surdo, *z* e *s* sonoro, *x* e *ch*, que respectivamente se pronunciam *s*, *z*, *x*, como em Lisboa.

Há uma consoante, porém, especialíssima e que é comum, segundo informações fidedignas, a todo o arquipélago: o *t* depois de *i* oral ou nasal átonos (*fitar*, *pintor*) e bem assim o *qu* como em *pequeno* pronunciam-se de modo muito particular. Os pontos de contacto do órgão activo, a lingua, são dois: o primeiro, e mais importante, as jenjivas dos dentes incisivos superiores; o segundo, o extremo do palato duro, o ponto em que se profere o *qu*; sem que por isso, todavia, o *t* resultante tenha o carácter de palatalização que o afecta nas linguas esclavónicas, isto é, não tem nem a sombra de um *i* formando com ele subjuntiva de ditongo consonantal. A impressão acústica que produz é a de *k*, se a palavra se escreve com *t*, a de *t* se se escreve com *k*: assim *pintor* parece *pincor*; *pequeno*, *püeno*, grafia que deve ser a adoptada para esta forma insulana. Esta consoante é frequente nas linguas da Polinésia: o melhor modo de figurá-la seria um *q*, com a haste prolongada e cortada acima da linha, e a branda correspondente com *g*, tendo a haste igualmente prolongada, isto é, um compêndio de *d* e *g*, representante do seu valor fonético. É possível que esta última exista também no Arquipélago, sem que tenha sido notada. Para indicar o *t* mixto poderemos, á falta de melhor, usar de um *q* sem *u*, por exemplo: *püqor* = *pintor*, *püqeno* = *pequeno*.¹

A. R. GONÇALVES VIANNA.

¹ O vocábulo *pequeno*, ou, como jeralmente se pronuncia e Garrett escreveu, *püqeno*, castelh. *pequeño*, italiano *piccolo*, é derivado: tem um radical *pek*, *pik*, e um sufixo diminutivo *-eno*, *-êno*, *-olo*. Por outra parte, o vocábulo correspondente em significação no ramo provençal-francês é igualmente um derivado, formado com um radical *pet*, e um sufixo diminutivo *-it*, francês *petit*. Serão os dois radicais *pek*, *pik* idénticos e terão origem em *paucum*, com atenuação da vogal radical *o*? A confusão insulana de *k* e *t* em um som mixto autoriza talvez a hipótese, que, a verificar-se, nos daria a origem do castelhano *chico*, resultante das seguintes formas intermediárias: *poco*, *poquico*, *poqico*, *pochico*, *chico*, com substituição do sufixo *-eno* por *-ico*.

PARA O PANTHEON LUSITANO

O museu da Sociedade Martins-Sarmiento possui alguns monumentos epigraphicos, consagrados aos deuses, de que vou dar conta, juntando as noticias que recolhi sobre os logares onde foram encontrados, e quaesquer outras que possam justificar as observações, que desejo fazer um dia sobre o Pantheon lusitano em geral.

*

DEUS AERNO (Castro d'Avellans). Uma ára de marmore, hoje partida pelo terço superior da terceira linha da inscripção, e onde apenas se lê com certeza :

DEO AER
NO M

Creio que foi Ribeiro de Sampaio quem primeiro publicou esta inscripção no 5.º volume das *Memorias de Litteratura Portuguesa*, lendo:

DEO AR
NO M
ACIDI

O snr. Hübner reproduzio-a nas *Inscriptiones Hispaniae Latinae*, n.º 2:607, sob a responsabilidade do nosso compatriota, mas suspeitando com a sua habitual sagacidade que o nome do deus estava errado, devendo ler-se AERNO e não ARNO. O E, suprimido na copia de Sampaio, está tão distincto no original, que mal se percebe a causa d'aquella omissão. Tambem por falta d'explicações deste antiquario se tem admittido que na 3.ª linha se lê distinctamente ACIDI e nada mais. Não é assim. Desta 3.ª linha resta apenas a parte superior de cinco letras, que justificam effectivamente aquella leitura: mas, antes d'ellas, existia com certeza uma, com probabilidade duas outras letras, que desapareceram de todo. A simples lição d'ACIDI é por tanto mais que duvidosa. ¹

Sobre a leitura de AERNO não póde haver a menor hesitação, sem embargo das duvidas do snr. T. Mommsen.

Além da ára de que tratamos, havia ainda no tempo de Sampaio uma outra mais interessante, dedicada ao mesmo deus ², e quem ler

¹ Não será inutil advertir, que pela memoria de Sampaio se vê que a ara mutilada estava já embutida na parede d'uma casa particular, d'onde agora foi tirada, e era tão legivel então, como o é hoje.

² Que dizia: DEO | AERNO | ORDO | ZOELARVM | EX VOTO.

a collecção do professor Hübner enidará que pôde encontral-a ainda hoje na Igreja do Castro; mas, uns bons 15 annos antes da publicação do 2.º volume do *Corpus*, a lapide, que tambem era de marmore, estava transformada no remate d'um mausoleu de Bragança, com todas as letras destruidas ¹.

Na copia de Sampaio o nome de AERNO apparece com todas as letras, e desta vez o seu testemunho é tanto mais insuspeito, que elle considerava AERNO, como uma «abreviatura» d'AETERNO. Viterbo, quando afirma descobrirem-se vestigios d'um V, ligado ao A, que houve a cautella de supprimir, não mirava senão a arranjar um DEO AVERNOR(um) e não merece nenhuma confiança.

A existencia d'um deus AERNO é incontestavel; e, pelo que se vê, era elle o deus por excellencia de Castro d'Avellans; mas é preciso procurar o Castro noutra parte, que não na povoação que lhe usurpou o nome, e que fica numa planície. Um Castro numa planície é quasi um não-senso. A tradição sabe ainda que o Castro era num relevo orographico a poente do actual logar d'este nome, nas chamadas terras de S. Sebastião, por onde mesmo à flor do sólo se encontram numerosas reliquias de ceramica antiga, alguns objectos de bronze, etc.

Ao sr. professor José Henriques Pinheiro, que se incumbio de adquirir para a Sociedade M. S. a ára mutilada do deus Aerno, cabe a gloria (se entre nós estas cousas dam gloria) de ter chamado a attenção para aquellas ruínas e de começar por sua conta uma pequena exploração, que a Sociedade continuou depois até onde pôde ². Para calcular o premio que daria uma exploração em fôrma, bastará dizer que no pouco tempo, em que alli se trabalhou, além de varias mendezas, de que não posso occupar-me, foram descobertas cinco lapides funerarias da epocha romana, pela maior parte quebradas, e por tanto com inscripções incompletas, dous marcos milliaris, uma inscripção gravada numa peça de schisto, etc.

¹ Este vandalismo foi commettido por um vereador da Camara Municipal de Bragança. O povo do Castro tumultou, quando teve noticia de que lhe queriam levar a antigualha; mas o camarista chamou uma escolta de soldados e fez respeitar a sua auctoridade e a sua rapina.

² Esta exploração, ou antes reconhecimento, valeu á Sociedade e ao sr. professor Pinheiro algumas injurias. O *Journal do Commercio de Lisboa*, depois de noticiar as excavações em que a primeira anclava empenhada, lembrava ao governo a necessidade de tomar conta d'aquella exploração e de todas as explorações possiveis, para que as particulares e as sociedades se não apossassem das nossas preciosidades archeologicas e as não vendessem aos estrangeiros. O sr. Pinheiro foi victima, na *Provincia* d'umas brutalidades sem nome, na *Revista archeologica e historica* d'umas ironias e insinuações azimadas, que deviam magoal-o mais que as primeiras, attendendo a que o signatario do artigo da *Revista* lhe devia algumas finezas, entre ellas a permissão de copiar as inscripções que tinha desenterrado. Tudo isto, já se vê, era dicto a pretexto de servir a sciencia e as nossas antiguidades, e tão bem servidas foram ellas, que as explorações pararam.

O Castro era pois uma povoação de certa importancia, que, como todos os nossos Castros, remonta ao periodo pre-romano, e — o que especialmente nos interessa — o deus Aerno foi mais que provavelmente o protector daquella povoação, tendo talvez um templo muito proximo ao local, onde depois se levantou a capella de S. Sebastião, hoje quasi totalmente destruida ¹. Em abono desta supposição cumpre citar a noticia de Sampaio, de que «constava, que se tinha achado outra (inscripção) egual (à que nos occupa) em huma antiga Igreja de S. Sebastião, que fica em um oiteiro, junto áquelle lugar (o Mosteiro)».

E' bem possivel que esta terceira memoria do deus Aerno esteja sotterrada nas ruinas.

*

DEUS BORMANICO (Caldas de Vizella). Ha duas inscripções allusivas ao *Bormanico* de Vizella, ambas ellas já conhecidas. O snr. Hübnér, que as viu, transcreve-as assim no 2.º volume do *Corpus*:

C. POMPEIVS
GAL. CATVRO
NIS. F. rect
VGENVS. VX
5 SAMENSIS
DEO BORMA
NICO. V. S. P. s.
QVISQVIS HO
NOREM. AGI
10 TAS. ITA. TE. TVA
GLORIA. SE. ET
PRAECIPIAS
PVERO. NE
LINAT. HVNC
15 LAPIDEM

/ R

As quatro primeiras linhas estão hoje pouco menos d'illegiveis, bem como as duas ultimas letras da septima. Na sexta linha lê-se muito distinctamente REO, em vez de DEO; porém Mascarenhas Neto, que primeiro deu noticia deste monumento ², informa que o

¹ No relatorio que o snr. Pinheiro tenciona publicar na *Revista de Guimarães*, com a competente planta da parte explorada das ruinas, melhor se aclarará este ponto. As noticias, que temos dado a respeito do Castro, foram nos communicadas por aquelle cavalheiro.

² Nas *Memorias de litteratura portugueza*, III, pg. 93 e seg.

seu possuidor lhe mandou renovar as letras, e é d'ahi certamente que vem aquella anomalia.

A outra inscripção diz:

MEDAM
VS CAMALI
BORMANI
CO. V.S.L.M. ¹

Esta segunda inscripção está gravada numa âra portatil, de granito meio fino; enquanto que a primeira foi aberta numa grosseira pedra d'uns oito palmos d'alto, que devia ser fixada no sólo.

Como se sabe, o culto de Bormanico estava vulgarisado nas Gallias, na Liguria, segundo se infere do nome d'uma povoação deste paiz, o Vicus Bormani, e eu já mostrei, bem ou mal ², que o Bormos maryandino é o mesmo deus, primitivamente um deus das fontes. Foi só com o andar do tempo, a men ver, que elle se tornou um deus curandeiro, fazendo milagres com as aguas thermaes.

Certo é que nos apparece nesta qualidade em quasi todas as inscripções, e provavelmente em Vizella o proprio Esculapio, mencionado noutra inscripção, infelizmente perdida, a par d'um Olympo quasi inteiro ³, não o pôde destronar.

Tanto na margem direita do rio Vizella, onde foi encontrada a primeira lapide (na Lameira), como na margem esquerda, onde parece ter sido achada a segunda, ha vestigios d'estabelecimentos thermaes da epocha romana. O da Lameira devia ser importante, em vista dos excellentes mosaicos, que algumas excavações casuaes têm posto a descoberto.

Quem da Lameira segue o caminho, que leva á egreja de S. Miguel, encontra a cada passo fragmentos de telha com rebordo, e, interrogando a gente da povoação, ficará sabendo que houve por alli a «cidade Suzana». Pedra d'antigas construcções, aproveitada em casas e paredes modernas, não falta, e não é raro desenterrarem-se por aquellos sitios capiteis e fustes de columnas, moedas romanas, etc.

Noticias mais circumstanciadas sobre as antiguidades de Vizella podem ver-se no n.º 4, anno de 1884, da *Revista de Guimarães*.

A segunda inscripção de Bormanico traz-me sempre por asso-

¹ Nesta inscripção, como noutras que se seguem, ha letras ligadas. Visto que o nosso trabalho não é propriamente epigraphico, achamos inutil especifical-as, salvo num ou noutro caso.

² Na *Revista de Guimarães*, 1.º anno, n.º 2.

³ Vid. *Corpus*, II, n.º 2407. No cit. n.º da *Revista*, onde enfileirei este «agnen deorum», como lhe chama o sr. Hübner, regulei-me pelas suas *Noticias archeologicas de Portugal*, em que a leitura das nossas inscripções nem sempre concorda com a do *Corpus*, no caso sujeito, por exemplo.

ciação uma outra, insculpida numa lage da Citania, e que o sr. Hübner, quando visitou estas ruínas, leu, como eu já tinha lido:

CORV
ABE
MEDAMVS
CAMALI.

Este Medamo, filho de Camalo, podia muito bem ser o mesmo devoto do Bormanico de Vizella; mas não é para isso que chamo a atenção dos competentes. Que é Córva e Abe? A inscrição não pôde ser funeraria, porque se encontra dentro do primeiro recinto de muralhas, onde não é crível que existissem memórias desta especie. O que é pois?

*

DEUS BRICO. (Delães, c. de Villa Nova de Famalicão).

A.BRICO
FLAVS A
PILI VAL
ABRICII
NSIS VO
TYM.S.L.
M. MIRITO.

Esta inscrição, até hoje inedita, existia numa casa da freguezia de Delães, proxima ao Monte de S. Miguel, o Anjo. Quem primeiro teve della noticia foi o meu amigo José da Cunha Sampaio em 1884.

A primeira letra da primeira linha está um pouco deteriorada, mas era com certeza uma sigla, porque um ponto muito distincto a separa do nome seguinte. Tem todos os visos de ser um A. As demais letras estão perfeitamente conservadas e não ha que hesitar na sua leitura.

O monte de S. Miguel é um outeiro isolado, onde são ainda hoje muito visiveis os vestigios d'uma povoação do typo da Citania, mas de muito menores dimensões. Seguem-se ainda muito distinctamente as linhas das muralhas; notam-se aqui e alli alguns restos de construcções; a telha com rebordo e fragmentos de vazilhas apparecem frequentemente, tanto dentro, como fóra do recinto dos muros, porque a povoação para o lado de sud-este alargou-se além da circumvallação. E' porisso que muitas vezes, ao revolver os terrenos proximos ao outeiro, se desenterram mós de moinhos, algum objecto de bronze, moedas, etc. Quasi todos os objectos se somem, segundo o costume, sem se saber por onde. Se o arado, lavrando mais fundo, embica

Deus D?
Ha inscripção em DIANA
AVG, Galonius Aug. In
Angusta, etc. (sic) por
Rev. Archdol., 1839, 468
447), um signi AVG
signo do nome

com uma pedra, trata-se d'arrancar a pedra e, se deste modo se descobrem os alicerces d'uma caza redonda, «feita de pedras queimadas», como já aconteceram, destrõe-se tudo.

Nenhuma tradição se conserva ácerca do nome da povoação. Sabe-se apenas que foi *coisa dos Moiros*.

O que não tem duvida nenhuma é que o deus Brico foi alli adorado, como é hoje S. Miguel, cuja capella se levanta no tôpe do monte.

Como se vê, o voto ao deus foi feito e cumprido por um Flaus, natural de Valabrica. E' provavelmente a Volobriga de Ptolomeu: mas, para fixar a sua posição, de nada nos servem as indicações d'um geographo, que nos põe Braga nas margens do rio Minho.

Volobriga põe-n'a elle na esquerda do rio Næbis (Neiva); mas, mesmo que os Nemetanos, a quem a cidade pertencia na sua opinião, tivessem alguma relação com o Næbis, o que é bem possível, nas margens deste rio, como em todos os do Entre Douro e Minho, não faltam ruínas de povoações pre-romanas, para nós podermos orientar numa direcção certa.

*

DEUS CORONO. (Cerzedello, c. de Guimarães). Foi ainda o meu amigo José Sampaio que em 1885 teve a primeira noticia da inscripção, que vae occupar-nos, e inedita até hoje, como a antecedente.

O nome do deus está no lado esquerdo da ara e lê-se distinctamente: CORONO. O nome do dedicante e a formula votiva tomam toda a frente e as ultimas linhas obliquam de tal modo, que a derradeira já entra pelo soco da ara.

Não me atrevendo a dar como certas as duas ultimas linhas, substituí-as-hei por pontos e copiarei só as cinco primeiras, substituindo tambem por pontos duas letras duvidosas.

PATERN
VS FLAVS
A.APOS
VIT IIXSV
O.O MH

.....
.....

Entre os dous AA da terceira linha distingue-se um traço vertical, que eu penso ser resto d'um R, formando com o A seguinte ligadura de R-A-M. Uma ligadura de M-A apparece na palavra MAXSIMO d'uma outra inscripção, achada na mesma localidade e que transcreverei abaixo. Eu inclino-me a ler ARAM POSVIT, ou

mesmo ARA POSVIT, admittindo um barbarismo, que tem fiadores na epigraphia desses tempos.

Entre os dous OO da quinta linha não faltará quem queira ver um T, e neste caso temos de ler EX VOTO, sendo a preposição EX representada por IIXS. Os dous II por E, já os vimos duas vezes na inscripção de Delães, freguezia, que, diga-se de passagem, dista de Cerzedello pouco mais d'uma legoa. O XS por X encontra-se na outra inscripção de Cerzedello, a que alludimos acima, na palavra MAXSIMO.

As duas ultimas letras da quinta linha parecem o começo da palavra MERITO, dando nesta epigraphie um segundo exemplo de dous II por E. As letras restantes completavam a formula do voto; mas não me arrisco a restaural-a.

O que para mim não tem a menor duvida é que o dativo CORONO, que se lê no lado esquerdo da ára, é o nome do deus.

A lapide appareceu no logar de Castro, num campo da propriedade chamada Villa-Meã. O logar occupa a corôa do monte de Pedrâdos, que pelo norte é soffrivelmente abrupto e pelo nascente liga com o systema orographico, onde domina o alto cabeco da Senhora do Monte. Quem do Castro sobe naquella direcção encontra a pouca distancia d'elle um outeiro isolado com o nome de Crasto. Aqui, como noutras partes, tem-se por assente que *Castro* é appellido d'homem, *Crasto* consa muito diversa. Eu sempre quiz examinar um e outro; mas o Crasto não me mostrou o menor vestigio que me fizesse crer ter sido alli a primeira séde da povoação ¹. Pelo contrario no monte Pedrâdos, que só tem o contra de ser pouco defensavel, excepto pelo norte, como já disse, ha numerosas indicações d'uma povoação de certa importancia, e, segundo a tradição chamava-se ella «cidade de Pedrâuca». Pedras d'antigas construcções encontram-se pelas casas e paredes da aldêa; fragmentos de telha romana e de lonça apparecem numa grande extensão; no campo, onde foi achada a ára de Corono, descobriram-se, ao plantar umas arvores, alicerces d'uma casa, que foram sotterrados de novo.

Fontes com tradições de thesouros ha duas, a Fonte Velha e a Fonte de S. Miguel. A primeira tem sido explorada pelos cyprianistas, e o diabo fallou lá uma vez, perguntando-lhes o que queriam. Como na resposta mettessem o nome de Jesus, imagina-se o resultado: um estampido medonho, que poz tudo em debandada.

Mostra-se tambem, já no monte, o «Penedo do caixão», uma sepultura aberta em rocha, e já meio destruida.

A povoação ficava a pouca distancia do rio Selho e não longe do ponto, em que este rio conflue com o Ave.

Não era só o deus Corono que fazia milagres na cidade da Pedrâuca e seus arredores. Junto da egreja de Cerzedello, que pouco

¹ Perto do Crasto ha uma fonte do mesmo nome, afamada *pelos thesouros que lá tem dentro*.

disto do Castro, foi encontrada uma outra ára, esta destinada a ser cravada no chão, onde se lê simplesmente:

IOVI OPTI
MO MAXSIMO. ¹

*

DEUS CUSUNENEORCO (Burgães, c. de S. Thyrsó) [e TURIACO (no mesmo conc.)].

A inscrição de Burgães encontra-se na collecção do snr. Hübnér, sob o n.º 2375, mas o insigne epigraphista não a examinou, e a copia, de que se serviu, não podia ser mais infeliz.

O leitor, avaliará, comparando a lição do *Corpus*, que ponho em primeiro lugar, e a lição verdadeira, que ponho em segundo:

DEOD
OMEA
OVS
VEM
ECOE
VOTOX
Ao lado:
SEVE
RVS F
OSVE
F.

DEO D
OMEN
O CVSV
NENEO
ECO EX
VOTO
»
SEVE
RVS P
OSVI
T.

Num lazo de Noefer:
DOMINO SOBAREX
In Nova Inf. 1887.
435.

Temos por certo que a segunda palavra DOMENO está por DOMINO.

A pequena ára, em que se lê esta inscrição, foi achada ha cerca de 40 annos, parece, numa propriedade chamada S. Simão, proxima á Chan das Cruzes. Na Chan foi desenterrada em 1841 uma panella com moedas romanas, algumas de Constantino, segundo um apontamento que tenho á vista. A sul da Chan e contigua a ella ha um outeiro, por cuja encosta se descobrem fragmentos de telha com rebordo, que mais abundantes se tornam para a corôa do cabeço.

Vêm-se aqui e alli alicerces de construcções e pelas paredes dos campos e bouças vizinhas não faltam pedras, que de certo lhes pertenceram. A's vezes desenterra-se por aquelles sitios um grande

¹ Descoberta tambem no anno de 1885 pelo meu amigo, Padre João Gomes, hoje abbade de Tagilde. Foi offerecida á Sociedade M. S. no mesmo anno. Dedicada a Jupiter ha no Museu o fragmento d'outra lapide, apparecida em Negrellos.

«têsto de pedra», que, sabidas as contas, é uma das peças d'um moíno de mão.

Em summa, ha todas as provas de que o alto fosse a sêde d'uma povoação, em que o deus Cusuneneoeco dava leis, antes que o Christianismo o derribasse do seu throno — povoação que se estendeu na epocha romana para a Chan de Santa Cruz.

Como em toda a parte, todas aquellas velharias são attribuidas aos Moiros, e a alguma distancia mostra-se mesmo a Campa do Moiro, que é uma sepultura em rocha, como a de Pedrâdos, salva a differença de fôrma. Parte da campa foi já quebrada a tiro.

Thesouros encantados é de ver que tambem não hão de faltar, e o Penedo do Ouro que se encontra num campo do mesmo nome, não longe do outeiro, deve ter feito perder o sonno a muita gente. E' um grupo de penedos coberto de musgo e carvalhos e hoje parece estar um pouco desacreditado, como mina de riquezas, porque nem mesmo conserva uma lenda, que alimente os sonhos dos crendeiros.

Como estamos no concelho de Santo Thyrso, não devo deixar de mencionar um outro deus, que já estaria conhecido, ha muito, se os nossos antiquarios fossem menos estouvados nas suas copias e nas suas interpretações.

O leitor tem talvez visto em mais d'um escripto que em Santo Thyrso existe o «epitaphio d'um soldado que venceu Viriato». Aqui está o «epitaphio»:

L. VALERIUS SILVANVS
MILES. LEG. VI. VICT.
... TVRIACO
. S. L. M.

No *Boletim dos Architectos e Archeologos portuguezes*, n.º 7, anno de 1884, onde dei conta desta inscripção, punha em duvida se o deus, ao qual Valerio Silvano fizera o seu voto, era ou não TVRIACVS. Hoje, depois d'um novo exame, por que passou a lapide, nenhuma duvida me resta. Antes de TVRIACO havia a palavra DEO, que, menos uma parte da ultima letra, desapareceu, bem como o V da terceira linha, a um choque brutal que lascou esta parte da pedra.

O snr. Hübner, *Corpus*, n.º 2374, achou prudente supprimir o VIXIT VIRIATO das antigas copias, na supposição de que andava aqui uma interpretação inepta do numero e nome da legião. Não era isso, mas cousa talvez peor. Do nome da legião VICT(ricis) fizeram os nossos epigraphistas VICIT, de TVRIACO fizeram VIRIATO. O que elles deixaram de copiar, foi a formula votiva, que faria mudar inteiramente as idéias do sabio allemão, se lhe fosse conhecida.

DEUS DURBEDICO. — (Ronfe, c. de Guimarães). No n.º 5 do *Boletim* já citado, mesmo anno, dei noticia da descoberta e do texto desta inscripção. Diz ella:

CELEA
CLOVTI
DEO D
VRBED
ICO EX V
OTO A...

Foi achada em 1881 na face interna da parede da torre de Ronfe. Segundo dizia o informador, que m'a foi mostrar, apenas se lhe distinguia uma ou duas letras. A verdade é que todas as letras estão muitissimo distinctas, excepto as tres que completavam a formula do voto.

Debalde procurei tradição, allusiva a quaesquer ruínas, pelas cercanias da egreja. As minhas investigações por aquelles logares tambem nada produziram. A pouco mais de meia legoa não nos faltariam ruínas. Não é de crer porém que a lapide viesse de longe, e por isso, mais que provavelmente, o deus Durbedico teve a sua sêde não longe da egreja de Ronfe.

*

GENIO DOS LONCORRICENSES. — (Freixo, c. do Marco de Canavezes). Esta inscripção, que com as duas antecedentes já tornei conhecidas no *Boletim*, é sobretudo notavel por nos revelar o antigo nome da povoação do Freixo. A povoação actual, occupa o primeiro recinto de muralhas d'uma *briga*, egual a centenas d'outras, que coroavam os altos do nosso paiz. Mas, se a quasi totalidade dellas foram despresadas, devemos suppor que não succeden o mesmo no Freixo, por não se tornar crível que elle fosse repovoado depois d'um largo abandono.

Como por alli se revolve a terra frequentemente, a cada passo estão a descobrir-se velharias que ninguem recolhe. De moedas de cobre ninguem faz caso; objectos de ceramica que appareçam, apenas algum curioso guarda um ou outro. Na minha primeira visita àquella povoação, curiosidades desta ultima especie havia apenas tres, uma alampada de louça encarnada com relevos, duas vasilhas, uma das quaes me permittiu reconstruir outras da Citania, onde só apparecem os bocaes, que chamam a attenção pelo exquisito da sua forma.

Creio firmemente que, se todas as antiguidades descobertas no Freixo tivessem sido conservadas, formariam um curioso museu.

Mas fallemos da inscripção. Está insculpida numa ára de granito, bastante duro para resistir aos maus tratos que tem soffrido. Ainda assim do lado direito, esquerdo para o observador, alguma pancada mais que brutal fez-lhe saltar uma lasca, que levou a pri-

meira letra da primeira linha, o que pouco importa, porque a restauração da letra é forçada, um G, mas que deixa em duvida se levaria também a primeira letra da segunda linha, o que é deveras lamentavel, porque a duvida versa nada menos que sobre o ethnico, que a inscrição menciona.

No seu estado actual o que se lê é :

ENIO
ONCOBRI
CENSIVM
ANIVS
V. S. A. L. M. ¹

O primeiro O do segundo nome não alinha com o E superior; coincide com parte do intervallo entre esta letra e o G que a precedia, e entre elle e a aresta da ára mal podia caber outra letra, a não ser um I, ou um L de travessão muito curto. E' esta ultima hypothesis que me namora, dando-a pelo que ella vale. Entre ONCOBRICA e LONCOBRICA não resisto á tentação d'optar pela segunda. ²

O nome do dedicante está soffrivelmente apagado e en hesitava na sua leitura, quando escrevi no Boletim o artigo a que me tenho referido, e onde egualmente publiquei outra inscrição do Freixo, que sahia deploravelmente desfigurada. As duas inscrições aclaram-se mutuamente. A lapide, em que se lê a segunda, serve hoje de pedestal d'uma cruz e, porque os angulos lhe foram cortados d'alto a baixo, as letras das extremidades das linhas desapareceram. A difficuldade da leitura está apenas no primeiro nome, mas depois d'um aturado exame ficou provado que este nome era ANIVS. A restituição de toda a legenda é pois:

ANIVS IOVI
O. M. V. S.
L. M. ³

Anius Jovi Optimo Maximo, votum solvit libens merito.

Tenho por certo que os votos ao Genio dos Loncobricenses e a Jupiter foram feitos pelo mesmo devoto, ANIO.

O snr. Hübner, *Corpus*, n.º 2385, copia a inscrição, sem suspeitar a falta, deixem-me dizer symetrica das letras, o que o inhabilitava para tentar uma restituição qualquer. Allude elle, por informações de Levy, a uma terceira inscrição, que existia ao canto da

¹ O B.R.I da segunda linha estão ligados, como o V.M da segunda e o A.N da terceira.

² LONCOBRICA parece-me estar fóra de qualquer discussão.

³ O nome d'Anius tinha ligadura de letras.

egreja. Esta tem todos os visos de haver sido um marco miliario. Está mutilado na parte superior e hoje apenas se lê:

INVICTO
AVG. P. M.
TRI P. P. P.

Está actualmente num quintal proximo da igreja.

A «mesquita», a que se referia Serra, citado pelo professor Hübner, é a chamada «egreja dos Moiros», ainda dentro da antiga circumvallação, e consiste em alguns lanços de parede, d'apparelho mendo, excellentemente conservados, graças á solidez da sua primitiva construcção. Só uma escavação, que puzesse a descoberto os alicerces da parte demolida, poderia indicar a fôrma e o prestígio d'aquelle edificio.

Não entra no meu plano fazer a resenha das antiguidades do Freixo. Pouco se perde porém em mencionar duas sepulturas abertas em rocha, do genero da de Pedrões e de Burgães, que se encontram no centro da povoação. Os que attribuem a estes monumentos uma altissima antiguidade têm aqui uma prova de que elles são posteriores ao comêço da epocha romana. Na minha humilde opinião pertencem ao periodo christão.

•

NYPHAS (Guimarães).—Ha tres annos o inquilino d'uma casa da rua dos Laranjaes, vendo passar uma ára, que fôra offerecida á Sociedade M. S., disse que tinha dentro do predio uma cousa muito semelhante. Effectivamente era uma ára no melhor estado de conservação com a inscripção seguinte:

VRBANVS
PROCRY
SIDE
NYPHIS
EX VOTO
POSVI

Esta inscripção, até hoje inédita, é a unica que conheço em Guimarães. ¹ Argote falla numa outra, que no seu tempo havia na loja

¹ Em S. Miguel de Creixomil, freguezia suburbana, existe, embutida na parede da igreja, uma lapide funeraria, de que o Padre Antonio Caldas deu noticia na sua obra sobre Guimarães. Diz:

IVLIAE
AVITAE
NIGRI
SEMPRO

O nome de SEMPRO não está mutilado. É um nominativo muito completo.

d'um particular; mas nunca pude saber onde existia, e com certeza não é a que nos occupa.

*

DEUS TAMEOBRIO (Castello de Paiva). — A primeira noticia d'esta inscripção apparece no 1.^o volume das *Dissertações chronologicas* de J. P. Ribeiro a pag. 347. O snr. Hübner, *Corpus*, n.^o 2377, serve-se da copia das *Dissertações*, mas esta copia não é fiel.

O nome de deus está insculpido no friso superior da ára, e o gravador, calculando mal o espaço de que dispunha, deixou incompleta a ultima letra. Esta letra era um O, e, porque lhe falta um pouco mais que um quarto de circulo, comprehende-se que alguem a tomasse por um C; mas por um G já é pouco explicavel; dar como certos um G e um O é inexplicavel de todo.

Não é preciso um exame muito demorado do original, para decidir que a ultima letra é um O incompleto. Assim a legenda diz:

TAMEOBRIO
POTITVS
CVNELI
VOTVM
PATRIS
S. L. M.

Mesmo que TAMEOBRIO seja uma contracção de TAMEOBRIO, como parece provavel, ha aqui um facto linguistico, digno d'attenção; e por isso a leitura exacta tem mais importancia do que muitos podem imaginar.

Não se sabe ao certo em que sitio appareceu a lapide. J. P. Ribeiro diz que ella «foi transferida das margens do Douro para o lugar do Castello de Paiva»; mas o lugar do Castello de Paiva fica proximo das margens do Douro, e a gente do lugar não sómente sabia que a pedra era dos Moiros, mas acreditava que, se alguem lhe decifrasse as letras, ficaria conhecendo onde estava o thesouro, a que nella se alludia. Parece pois que a pedra não podia ter vindo de longe, visto que com a sua translocação se não perderam as lendas, que lhe andavam associadas.

A propriedade, onde ella se conservava, quando foi offerecida á Sociedade M. S., e onde de certo já estava no tempo de J. P. Ribeiro, fica na margem esquerda do Douro e proxima da foz do rio Paiva, num sitio chamado Castello-de-baixo. Havia por tanto um outro Castello, ¹ mais a montante do rio, e um exame minucioso destes loga-

¹ Não ha que pensar nos castellos da edade media. Muitos dos nossos Castros pre-romanos são conhecidos hoje com a denominação de castellos,—o do Neiva, de Vermoim, etc.

res aclararia talvez o ponto das duvidas, em que estamos enredados. Eu não os conheço. As informações que delles tenho e quasi sempre d'accordo com as de Pinho Leal, só me permitem concluir que por alli abundam antiguidades dignas de muita attenção.

Guimarães, 5 — 6 — 87.

F. MARTINS SARMENTO.

ENSAIOS DE ONOMATOLOGIA PORTUGUESA

(2.º Artigo ¹)

7. O latim *quercus* (carvalho), por meio dos suffixos *-ada*, *-osa*, *-al*, *-ira*, *-edo*, *-eda*, tão vulgares na nossa lingua, deu: CERCADA, CERCOSA, CERCAL, CERQUEIRA, CERZEDA (= *querreta*, vid. § 2), SARZÊDO, SARZEDA, SARZEDAS, e o diminutivo SERZEDELLO (que se deve escrever *Cerzedello*). — O *a* de *Sarzeda*, *Sarzeda* e *Sarzedas* explica-se bem por influencia do *r* vizinho, pois este faz mudar facilmente um *e* a tono e surdo em *a*, como se vê em *sargento* = ant. *sergente* (femin. *sergenta*; vid. *Elucidario* de Viterbo, s. v.), fr. *sergent*, do lat. *serrientem*, — e em varios outros nomes de natureza popular; o *qu*, de *quercus* adquiriu a pronúncia do *c* romanico antes de *e* (cfr. Diez, *Gr. des l. rom.*, I, 244) e por isso transformou-se de guttural em sibillante. Creio que o fr. *Cerqueux*, que E. Littré (in *Études et Glanures*, p. 217) tira de *sarcophagus*, não é mais do que um derivado de *quercus*, pois o suffixo lat. *-osus* deu em fr. *-eux*.

8. IZEDA, povo em Trás-os Montes. A etymologia d'este nome é o lat. *iliceta* (de *ilicetum*; vid. § 2), de *illex* (azinheira). O *c* mudou-se em *z*, como vimos nos §§ 2 e 7; o *t* abrandou-se em *d*, como em *azedo* = *acetum*, etc.; o *l*, que estava entre vogaes, foi syncopado, como em *saudação* = lat. *salutationem*, *vidoeiro* = lat. **betularium*, etc.; os dois *il*, que ficarão juntos, pela queda do *l*, formaráo uma crase, como em *eir* = ant. *viir*, etc. Assim: *Izeda* ≤ **Iizada* ≤ **Iliceta* ≤ *iliceta*. — Para se designar um terreno plantado de arvores, alternão-se frequentemente os suffixos *-eda* e *-edo* (cf. §§ 2 e 7), talvez com a unica differença de um indicar maior grandeza do que o outro; na nossa lingua, *janéllo* (masculino) é menor que *janélla* (feminino), *saxôlo* (masculino) menor que *saxóla* (feminino), *cancéllo* (masculino) menor que *cancélla* (feminino), etc. De um modo geral, os masculinos referem-se a objectos menores que os femininos. Cfr. o magnifico trabalho *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise*,

¹ Vid. *Rev. Lusit.*, pag. 45.

pag. 58. de Gonçalves Vianna, que fez uma observação igual á minha. — Talvez tambem o nome ZEDES tenha a mesma etymologia; admitindo um sing. **zedē*, este podia corresponder a **izēdo* (= *ilicetum*, como IZEDA = *iliceta*), pelo mudança de -o em -e (cfr. § 1. MELRE = *melro*), e apherese do *i* (o que é semelhante ao pop. *Zabel* = *Isabel*, etc.).

9. Do lat. *avellana* (avellã) provierão directa ou indirectamente muitos nomes de terras, os quaes ás vezes se tornarão appellidos. Com os suffixos -oso e -eda (cf. §§ 3 e 7) temos AVELLANOSO e AVELLANEDA; d'aquí provierão (por syncope do *n*, o que é vulgar entre vo-gaes) **avellaoso* e **avellaeda*, que se transformarão (pela redução de *ao* a *o*, e *ae* a *e*) em AVELLOSO e AVELLEDA; d'aquí provierão (pela apherese do *a*, tão vulgar em casos semelhantes) VELLOSO (e VELLOSA) e VELLEDA (e VELLEDO). Por processos phoneticos semelhantes, e por junção dos suffixos -ale (-ar), -ada, -eiro, -eira, -ida e (ao que parece) -ide, o que tudo se encontra em nomes de terras, se formá-rão: AVELLAL, VELLAL, AVELLAR, AVELLADA, AVELLEIRO, AVELLEIRA, VELLIDA e VELLIDE. — Em ant. port. ha as fórmãs *avelana* e *avela-negra*, como se vê dos seguintes versos do *Cancioneiro Português* da Vaticana:

So aquestas avelaneyras floridas
So aqueste ramo d'estas avelanas. ¹

Ainda que se suppuzesse que estas graphias com *n* tanto podião denotar a nasalisação vocalica (*avelãa*, *avelãeira*), como realmente a pronuncia do *n* dental, isso não fazia nada ao caso, porque entre o lat. *avellana*(*m*) (acc. de *avellana*) e o moderno português *avellã*, houve *avellana* e *avelãa*. Em hisp. ha hoje ainda *avellana* (pron. *avelhana*), e no sub-dialecto mirandês de S. Martinho de Angueira (Tras-os-Montes) diz-se tambem *abelhána*; estas duas fórmãs representam uma portugueza archaica *avellana*. A fóрма alto-beirã (i. é, da Beira-Alta) correspondente á litteraria *avelleira* é *avelãzeira* (= *avellanzeira*); o *z* está aqui intercalado, como em *romanzeira*, *cãozinho*, *lanzinha*, etc.

10. Em vez do lat. *malum* *Matianum* disse-se na baixa-latini-dade simplesmente *matiana*, já porque o plural neutro de *malum* tomou a significação sing. femin. (cf. §§ 2 e 7-8), já porque o appella-tivo *Matianum* substituiu o nome proprio do objecto a que elle se referia. ² De *matiana* proveiu *maçã* em virtude de uma fóрма que

¹ *Canti antichi portoghesi* di E. Monaci, Imola 1873, pag. 5.

² Mais exemplos: em vez de *molassus canis* temos *molosso*; em vez de *cão gallico* (*gallicus*, da *Gallia*) temos *galgo*; em vez de *pomo persico* temos *pêssego*, (que se escreve incorrectamente *pecego*; os antigos escrevião ainda com *ss*), como o proprio Camões diz nos *Lusiadas*, ix, 58,

O *pomo* que da *patria Persia* veio:

hoje se acha representada nos dialectos de Tras-os-Montes por *maçana*. Na forma *matiana* (lede *maciana*) ou *maçanu* assentão os derivados seguintes: MAÇADAS (com o suffixo *-ada*, como AVELLADA, CARVALHADAS, CERCADAS, SOBRADA, etc.), MAÇAINHAS, MAÇAL, MAÇANICAS (de min. com o suffixo *-ico* muito vulgar em alguns dialectos ainda hoje), MACEDA, MACEDINHO, MACEDO (nome local e appellido), MACEDOS, MACCEIRA, MACEIRAS, MACEIRINHA, MACIDO e ~~MACIDE~~ (suff. *-ido*, e *-ide*, que está a par d'aquelle; cf. § 9), MACIEIRA (nome e appellido), MACIEIRAS, MACEIRINHA, MACEIRINHAS, MACEIRO, MACEIROS. Os processos phoneticos e morphologicos d'estas derivações ficão em parte já estudados nos §§ precedentes: notarei apenas que *ie* (por ex. em MACIEIRA) se reduziu a *e* (por ex. em MACEIRA) como na forma comum *maceira* = *maceira* (que se usa na Beira-Alta, onde se pronuncia *macidira*) = lat. **matianaria*, e que *ae* (por ex. em MACIEIRA = **Maciaeira* = **macianeira* = **matianaria*) se reduziu a *e* como no pop. baixo-duriense (i. é, do Baixo-Douro) *kêinda*, por *quenda* = ant. *caenda* (= lat. *caenda*). — As formas precedentes tanto podião assentar todas directamente em *matianu* (e neste caso remontavão á epocha pre-historica da nossa lingua), como umas nesta e outras em *maçanu*. A exactidão da etymologia permanece, porém, em qualquer dos casos. — Ao lado de *maçana* ha uma forma antiga, *mançana*, que se encontra em Gil Vicente, *Obras*, II, p. 444 (ed. d'Hamburgo, 1834) nos seguintes versos:

Hum amigo que eu havia
Mançanas d'ouro m'envia,
Garrido amor!

Hum amigo que eu amava,
Mançanas d'ouro me manda,
Garrido amor!

Estes versos fazem parte da *Tragicomedia Pastoril da Serra da Estrella*: como Gil Vicente diz que elles são cantados *arremedando os da Serra*, e logo adeante apresenta o mesmo personagem que disse esses versos a fallar *á guisa do Sardoal* (i. é, á maneira da linguagem do Sardoal, povoação que pertence ou pertencen ao bispado da Guarda), podemos evidentemente ver nessa expressão uma forma popular do sec. XVI¹, que corresponde á castellana *manzana*; tanto o *n* d'esta, como a nasal de *mançana* (pron. *mãçana*) resultarão principalmente, quanto a mim, de uma influencia do *m* antecedente, como se vê mais em *mã* (= *mã*, que se usa ainda em mirandês, etc.), *mensageiro* (= ant. *messegeiro*), *mim* (= ant. *mi*), pop. *manjor* (= *majór*,

em vez de *herba medica* (da *Medio*) escreveu Vergilio (*Georg.*, I, 215), e outros, *medica*; em vez de *canis laconicus* escreveu Phedro (*Fab.*, V, 10) simplesmente *lacon*. Os exemplos são innumerados, e por isso bastão esses. E' a isto que em Rhetorica se chama *antonomasie*.

¹ Da analyse philologica das *Obras* de Gil Vicente resulta uma abundancia incalculavel de materiaes, quer para o conhecimento das phases archaicas da lingua commun, quer para o da dialectologia antiga. Numa edição que espero fazer d'aquellas *Obras*, e para a qual já tenho alguns elementos, hei-de proceder, quanto em mim caiba, a tal analyse.

do lat. *majorem*), meridon. *ménza* (= mesa), pop. *manjarona* (de *majorana*), *mancha* (= mácula); ¹ é para notar que em algumas d'estas formas a nasalisação se produziu em vogal tónica final, e neutras antes de uma consoante continua (sibillante e palatal). — Outra forma onomastica está em MACIEL (que é um diminutivo (**maciuel* — **macianello*); cfr. CASTEL (em composto) ao lado de CASTELLO, PINHEL ao lado de PINHO, PORTEL ao lado do PORTO, etc. Este diminutivo assentaria pois na forma masculina (*matianum*). Assim como ao lado da forma *pêra* existe *pêro* (Beira-Alta), que porém é um fructo diverso, nada de admirar que com *matiana* coexistisse *matianum*. Cfr. a última nota a este §. ²

11. Fão, povo no Minho, perto do rio Cávado. — Vejo neste termo um representante da religião dos nossos maiores, pois corresponde perfeitamente, quanto á phonetica, ao lat. *fanum* (sanctuario); o sentido tambem se não oppõe, porque ha no nosso onomastico muitos nomes semelhantes, como adeante direi; o onomastico italiano offerece a forma parallela FANO, que provém da antiga FANUM FORTUNAE. — Resta agora saber se *fanum*, no nosso caso, corresponde a um sanctuario pagão, ou a um sanctuario christão: como esse termo não existe com character popular na lingua commum, e apenas com character erudito em *fano* (poet.), *fanático*, *fanatismo*, etc., ³ o que prova a origem recente, sou levado a acreditar que elle foi somente empregado na epocha romana, deixando por unico vestigio a designação do local, e que por tanto se referiu a um templo pagão. A ar-

¹ Cfr. um art. meu in *Rev. Scientif.* do Porto, 1882, pag. 199.

² Nas chorographias lê-se ainda MAÇÃO e MAÇAGOSO. Não me posso declarar positivamente acerca d'estas formas; todavia talvez MAÇÃO venha de *matianum*, que neste caso conservaria o genero neutro e o numero sing., do mesmo modo que *pimento* se conservou ao lado de *pimenta* (aquelle de *pimentum* e este de *pigmenta*), *fado* ao lado de *fada*, (aquelle de *fatum*, este de *fata*); a terminação *-anum* daria -ão, como em *mão* (= *manum*), *Romão* (= *romanum*), etc. A forma MAÇAGOSO póde estar por **matianicosus*, vindo **matianicus* a ser um adj. derivado de *matianus* como *romanicus* de *romanus* (suff. *-icus*, vulgar); para o suff. *-osus* vid. §§ 3, 7 e 9; cfr. ainda *pedragoso* e *pedregoso* = lat. *petricosus*. — MUCETI-NHAS ligar-se-ha ainda com a mesma familia.

³ Em todas as linguas cultas ha sempre duas correntes, que ora seguem parallelamente, ora se approximão ou enconão, ora se afastão: uma é a corrente popular, outra é a corrente erudita. A corrente popular conserva a tradição directa da origem da lingua; a corrente erudita manifesta influencia litteraria posterior á formação primitiva da lingua. No exemplo citado, Fão remonta á epocha em que no nosso solo se disse *fanu* (*fanum*), da qual deriva por uma tradição constante, desde a epocha romana até hoje; *fanu* foi tirado posteriormente ao vocabulario latino por algum auctor que quiz dar aos seus escriptos um cunho especial; *fanático*, *fanatismo*, *fanatisar*, etc., revelão já o espirito moderno de livre exame. — Esta distincção tão simples das duas correntes é desconhecida por muitos dos nossos professores e escriptores que a cada passo as confundem nas suas explicações, como eu poderia provar com livros d'aulas, etc. A distincção não offerece em geral difficuldade a quem estiver familiarizado com o methodo philologico; mas no nosso país, infelizmente, bem poucos individuos o estão!

cheologia pertence investigar se em Fão, ou nos arredores, ha, ou houve, vestígios de construcções, etc., que ~~facedo rememorar~~ ^{façam rememorar} a historia da povoação moderna a uma epocha tão antiga.

12. PENAMACÔR (lêde: *Penamacôr*), villa na Beira-Baixa. Antes de expôr a etymologia, que tenho como exacta, d'esta terra, e que eu tambem já publiquei ha annos na *Rev. da Soc. de Instr. do Porto* (vol. iv, p. 569), vou apresentar uma lenda local, que é uma verdadeira *etymologia popular* do nome da povoação ¹. Esta lenda foi colhida pelo meu presado amigo, intelligente collega e antigo condiscipulo, Joaquim de Carvalho e Silva, medico municipal em Penamacôr, o qual se me exprimiu assim em carta do mês de Dezembro de 1886: «Havia um salteador e assassino célebre, homem feio, tostado pelo sol, *tisnado*, em fim, de — *má côr* —, que, perseguido pela justiça, se refugio na excavação de uma rocha que se vê ainda hoje no sitio chamado do *castello*. Em volta da rocha, ou *Penha do Má côr*, construíram-se casas e fez-se a povoação que hoje existe e que ficou com o nome de *Penha do Má-côr*, mais tarde *Penamacôr*». Nesta lenda ha que notar, de um lado o instincto que assignalou o *castello*, o edificio talvez mais velho ² e que mais impressiona o povo, como a origem da terra; do outro os caracteres que a imaginação popular associa ao bandido, — a fealdade, a côr escura, a *má côr* ³; o que porém parece mais admiravel é que logo fosse escolhido para eponym de Penamacôr um individuo d'aquelles, collocado tão baixo na escala social! — A precedente etymologia popular, apreciavel como documento demopsychologico, refuta-se todavia com facilidade: 1.º, porque ha muitas lendas eguaes ou semelhantes, o que nos faz suppôr immediatamente que se tracta de uma concepção commum a espiritos que vivem em condições identicas, e não de um facto real, historico; 2.º, porque de *penha* não podia phoneticamente vir *pena*. Vejamos então qual é a etymologia mais razoavel. Um grandissimo numero dos nossos nomes locaes resulta do aspecto da superficie do solo, como se vê em PEDRAS RUBRAS, PENEDO BRANCO, PENHA VERDE, PENA VERDE, PENALVA (= *Peña*

¹ Sobre *etymol. populares* vid. *Rev. Lusit.* pp. 56, 153 e 222.

² Segundo leio na *Chorogr.* do P.^e Carvalho, o *castello* de Penamacôr foi fundado por D. Galdim Paes, mestre dos Templarios.

³ Todas as creanças (cuja imaginação se deve pôr em certos casos em parallelo com a do povo, *esta creança social*) tem em geral muito medo das pessoas edosas e feias, dos mendigos esfarrapados, etc., e attribuem-lhes acções perversas. Eu me recordo ainda, a este respeito, de muitos factos da minha infancia, e os exporia, se aqui fosse o logar conveniente. As proprias *entidades mythicas* com que se espantão os meninos tem nomes e caracteres em harmonia com esta ideia (por ex. a *Carantónha*, a *Maria da manta*, etc.; vêr as minhas *Toad. pop. de Portugal*, § 367 e *Rev. Lusit.*, pg. 96). Na mythologia popular as pobres velhas servem de typo ás *Bruzas* e *Feiticeiras*, seres tidos como malevolos; o *Diabo* é pintado com as mais negras tintas. A estes factos poderão reunir-se muitos outros para provar como do exterior, do visivel, se conclue facilmente para o invisivel; mas, como dizia o fabulista, *nec semper ea sunt quae videntur, decipit froas prima multos*.

alva), MONTE BRANCO, MONTE NEGRO, ROCHA AMARELLA, etc., etc.: de mais a mais, ao lado da palavra *penha* encontra-se *pena* (pedra), que existe na lingua commun no derivado *penedo*, (e *penedra*), e no onomastico em muitissimos casos, já independente, como PENA (que é vulgarissimo), e talvez PENE, já em compostos, como PENALTA (=Pena alta), PENA FRIA, PENA LONGA, PENA VENTOSA, PENA FIRME, PENAFIEL (=Pena fiel, d'onde o nome patrio alatinado *penafideliense*, sobre *-fidelis*), já em derivados, como PENEDA, PENEDAES, PENEDÃO e de certo PENÃO (i. é, *pen'dão* = *penedão*, augmentativo de *penedo*), PENEDELLO, PENELLA, PENESCAL (= **penascal*, de **penasco*; cfr. *penhascal*, de *penhasco*), PENIDO (suff. *-ido* § 10) e o diminut. PENIDELLO, PENINA e PENIM e PENINHA (diminutivos). PENIQUE (com o suffix. diminut. *-ique*; cfr. *-ica*; cfr. PENE = pena). PENOSO, PENOUÇOS (cfr. PEDROUÇOS): por tanto, nada de estranhar que a um sitio que tivesse um rochedo ou rochedos de má côr (côr negra, côr de sangue, etc.) se chamasse **Pena de má côr*, o que offerece analogia de sentido com os nomes LAGE MÁ, BOA VISTA, MONTE BELLO, BELLO MONTE e BELMONTE, BELLAS AGUAS, MAU VINHO, MALARRANHA (= **mala arranha* ou *mala ranha*. De facto RANHA e, ARRANHO, que suppõe o radical **arranha*, existem no onomastico; *mala* é a forma femin. do adj. lat. *malus*). Como é que de **Pena de má côr* se passou para PENAMACÔR? E' o que vou dizer. Ha aqui dois factos que notar: um, consiste na suppressão da preposição *de* que estabelece a composição da palavra; outro, na mudança de *má* em *mi*, pois toda a gente, segundo creio (pelo menos assim tenho ouvido sempre), pronuncia *penamícôr* com os *aa* fechados e o accento tonico na syllaba final, i. é, *pena-mícôr* (como se a palavra fosse composta de *pena* e *macôr*). O primeiro facto não offerece dâvida nenhuma, pois, assim como a preposição desaparecen em *beira-mar* (= beira do mar), PENA LOBO (Pena do lobo), PENA SOL, RIBATEJO (Riba do Tejo), RIBA-UL, RIBA RIO, RIBAMAR, tambem desaparecen em **Pena-mi-côr*; o segundo facto explica-se por uma lei que poderei chamar *lei da atonia*, e que enuncio assim: *a lingua portuguesa tem tendencia em certos casos para não admittir como fazendo parte de uma palavra as vogaes atonas e e o quando abertas ou fechadas, e a vogal atona a quando aberta*. Em virtude d'esta lei que estudarei desenvolvidamente noutra occasião, a palavra *Pena-mi-côr*, cujos elementos deixarão de ter independencia psychologica para constituirem apenas um só nome, transformou-se em *Penamacôr*. Assim em resumo, temos: *pena de má côr*, **Pena-mi-côr*, *Penamacôr*.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

NOTAS E PARALLELOS FOLKLORICOS

II — As doze palavras retornadas

1

a) Na *Romania*, III, 269-273 (Paris, 1874) colligi diversas versões da oração chamada de S. Cypriano ou de S. Custodio, a que o nosso povo attribue tantas virtudes e que é vulgar em toda a Europa com outros nomes.

b) Mais tarde dei na *Renascença*, I, 47, a seguinte versão collhida na Foz-do-Douro:

- Simão amigo meu.
- Simão sim, amigo teu, não.
- Das doze palavras
Ditas e retornadas
Dize-me a primeira.
- A primeira é a casa de Jerusalem,
D'onde Nosso Senhor Jesus Christo
Morreu por nós, amen.
Simão, etc.
- Dize-me as duas.
- As duas são as duas taboas de Moysés
Onde Nosso Senhor Jesus Christo
Botou seus divinos pés.
- Simão, etc.
- Dize-me as tres.
- As tres são as tres pessoas
Da Santissima Trindade.
- Simão, etc.
- Dize-me as quatro.
- As quatro são os quatro evangelistas.
- Simão, etc.
- Dize-me as cinco.
- As cinco são as cinco chagas
De Nosso Senhor Jesus Christo.
- Simão, etc.
- Dize-me as seis.
- As seis são os seis cirios bentos.
- Simão, etc.
- Dize-me as sete.
- As sete são os sete sacramentos.
- Simão, etc.
- Dize-me as oito.

—As oito são as oito bemaventuranças.

—Simão, etc.

Dize-me as nove.

—As nove são os nove mezes.

—Simão, etc.

Dize-me as dez.

—As dez são os dez mandamentos.

—Simão, etc.

Dize-me as onze.

—As onze são as onze mil virgens.

—Simão, etc.

Dize-me as doze.

—As doze são os doze apóstolos.

Doze raios tem o sol,
Doze raios tem a lua;
Estoira, d'ahi diabo,
A alma é minha, não é tua.

2

A seguinte versão, do lugar dos Trovões, bispado de Coimbra, foi-me offerecido pelo meu amigo e collega G. de Vasconcellos Abreu, professor de sauscrito no Curso superior de lettras.

Custodio, amigo meu, dize-me lá uma.

Custodio sim, amigo teu não; a uma eu t'a direi.

A uma é a Santa Casa de Jerusalem, onde Jesu-Christo nasceu e morreu por nós, amen!

Custodio, amigo meu, dize-me as duas.

Custodio sim, amigo não, as duas eu t'as direi.

As duas são as taboinhas de Moysés, onde J. C. poz os seus SS. pés.

Custodio, etc.

As tres são as tres pessoas da Santissima Trindade, Padre, Filho e Espirito Santo.

Custodio, etc.

As quatro são os quatro novissimos do Homem.

Custodio, etc.

As cinco são as cinco chagas de Christo.

Custodio, etc.

As seis são os seis cirios bentos.

Custodio, etc.

As sete são os sete Sacramentos.

Custodio, etc.

As oito são as oito bemaventuranças.

Custodio, etc.

As nove são os nove templos da Santissima Trindade.

Custodio, etc.

As dez são os dez mandamentos.

Custodio, etc.

As onze são as onze mil virgens.

Custodio, etc.

As doze são os doze Apostolos.

Custodio, amigo meu, dize-me lá as treze.

Custodio sim, amigo não; as treze en t'as direi.

Quatro quartos tem a lua,
Nove raios tem o sol.
Arrebenta, diabos e diabas!
Qu'esta alma não é tua.

Esta oração, rezada á meia noite todas as noites, converte um insensato á hora da morte.

3

Eis outra versão portugueza, que foi recolhida em Villa Nova de Gaya, pelo sr. João Vieira de Andrade:

- Custodio, amigo!
- Custodio sim, mas amigo não.
- Queres-te salvar?
- Sim, senhor, quero.
- Diz-me lá o primeiro.
- E' o padre.
- Custodio, amigo!
- Custodio sim, mas amigo não.
- Queres-te salvar?
- Sim, senhor, quero.
- Diz-me lá as duas.
- As duas são as duas taboas de Moysés.
- E o primeiro é o padre.
- Etc.
- Diz-me lá as tres.
- As tres são os tres prophetas.
- Etc.
- Diz-me lá as quatro.
- As quatro são os quatro patriarchas.
- Etc.
- Diz-me lá as cinco.
- As cinco são as cinco chagas.
- Etc.

- Diz-me lá as seis.
— As seis são os seis cirios bentos.
Etc.
— Diz-me lá as sete.
— As sete são os sete salmos (psalmos).
Etc.
— Diz-me lá as oito.
— As oito são os oito corpos santos.
Etc.
— Diz-me lá as nove.
— As nove são os nove coros d'anjos.
Etc.
— Diz-me lá as dez.
— As dez são os dez mandamentos.
Etc.
— Diz-me lá as onze.
— As onze são as onze mil virgens.
Etc.
— Diz-me lá as doze.

Doze restes tem o sol
E doze restes tem a lua.
Arrebenta para ahí diabo
Qu'esta alma não é tua.

Quando se diz esta oração arrebenta um diabo no inferno.

4

O sr. A. Thomaz Pires publicou outra versão portugueza no *Archivio per lo studio delle trad. pop.*, t. 1, pp. 100-103, e uma andaluza, *ibid.* pp. 104-106.

Deram ainda versões portuguezas J. Leite de Vasconcellos na *Vanguarda* n.º 68 (22 Agosto 1881), Z. C. Pedroso, *Tradições populares portuguezas*, n.º XI, pp. 12-14.

5

Ha uma versão da Extremadura hispanhola, em fórma de jogo infantil, na *Biblioteca de las tradiciones populares españolas*, t. II, pp. 180-182.

Encontram-se versões italianas no *Archivio per lo studio delle trad. pop.*, t. 1, pp. 98-99 (Abruzzi), pp. 416-423 (Messina).

A seguinte versão allemã acha se num livro que teve pouca circulação.

Lieber Vater, sage mir:

Was ist Eins?

Eins ist Gott allein.

Lieber Vater, sage mir:

Was ist Zwei?

Zwei Tafeln Mosis,

Eins ist Gott allein.

Lieber Vater, sage mir:

Was ist drei?

Drei Patriarchen

Abraham und Isaac

Und der kleine Jacob

Mit dem ledern Schnappsack,

Wo er Käs und Brod stak

Und ein Pfeifchen Tabak.

Zwei Tafeln Mosis,

Eins ist Gott allein.

Lieber Vater, sage mir:

Was ist Vier?

Vier Evangelisten

Drei Patriarchen

Abraham und Isaac

Und der kleine Jacob,

etc.

Lieber Vater, sage mir:

Was ist Fünf?

Fünf Bücher Mosis,

Vier Evangelisten,

etc.

Lieber Vater, sage mir:

Was ist Sechs?

Sechs Krüge mit rothen Wein

Schenkt der Herr zu Kana ein,

Kan'in Galilæa;

Fünf Bücher Mosis,

Vier Evangelisten,

etc.

Lieber Vater, sage mir:

Was ist Sieben?

Sieben Sacramente,

Sechs Krüge mit rothem Wein,

etc.

Lieber Vater, sage mir:

Was ist Acht?

Acht Chöre der Heiligen,
Sieben Sacramente,
etc.

Lieber Vater, sage mir:

Was ist Neun?

Neun Chöre der Engel.
Acht Chöre der Heiligen,
etc.

Lieber Vater, sage mir:

Was ist Zehn?

Zehn Gebote Gottes,
Neun Chöre der Engel, etc. ¹

Ha duas versões tirolezas em I. v. Zingerle *Sitten, Bräuche und Meinungen des tiroler Volkes*, p. 236.

Num conto grego da collecção de Hahn, *Griechische und Albanesishe Märchen*, II, 210, o heroe tem que advinhar dez enigmas que lhe ha de propôr um dragão, sob pena de ser devorado por elle. Uma velha sabedora compadece-se do heroe e responde de dentro d'um castello, imitando a voz d'elle. Eis as perguntas enigmaticas e as respostas:

«O que é uma palavra?»

«Deus é um.»

«O que são as duas palavras?»

«Dnas palavras são os justos.»

«O que são as tres palavras?»

«Tres pés tem a tripeça.»

«O que são as quatro palavras?»

«Quatro tetas tem a vacca.»

«O que são as cinco palavras?»

«Cinco dedos tem a mão.»

«O que são as seis palavras?»

«Seis estrellas tem o setestrello.»

«O que são as sete palavras?»

«A dança das sete virgens.»

«O que são as oito palavras?»

«Oito pés tem o polvo.»

«O que são as nove palavras?»

«Nove mezes te trouxe a tua mãe.»

«O que são as dez palavras?»

«Essa é a tua própria palavra e agora rebenta, Drago.»

¹ *Ueber Volks- und Kinderdichtung, etc.* von Dr. Sachs, no *Jahresbericht über die höhere Knaben-Schule Potsdamer-Strasse n.º 3*, etc. Berlin. 1869, pag. 48.

Um episodio semelhante se encontra em contos allemães de collecções que não tenho á mão.

Em Portugal achamos já a formula no seculo xvii, mas a sua introdução é provavelmente muito anterior. Tanto a versão allemã, como as portuguezas e outras mais ou menos semillhantes doutros paizes, teem necessariamente uma fonte commum.

Segundo a *Romania*, 1, 223, na obra rabinica *Sepher Haggadah* encontra-se uma versão da mesma peça que comprehende: 1 Deus, 2 taboas da lei, 3 patriarchas, 4 matriarcas (Sara, Rebeca, Rachel, Lia), 5 livros de Moysés, 6 livros de Michna, 7 dias da semana, 8 dias que precedem a circumcisão, 9 mezes de gravidez, 10 mandamentos de Deus, 11 estrellas de Joseph, 12 tribus de Jacob e 13 tribus de Deus. Mas nenhum dos antigos manuscriptos do *Sepher Haggadah* contém o canto dos numeros: é mister pois considerá-lo como de origem não judaica.

A tradição é, segundo as maiores probabilidades, d'origem persa, como mostram os factos reunidos por R. Köhler em *Zeitschrift der deutschen Morgenl. Gesellschaft*, xxix, 633-36. ¹ O sabio allemão cita: uma versão pehlevi no *Book of Arda-Viraf*, ed. M. Haug (Bombay und London, 1872); uma kirgisa em W. Radloff, *Die Sprachen der türkischen Stämme Süd-Sibiriens*, 1 Abtheil. in Theil, p. 693 ss. Tradução in Theil, p. 780 ss.; *Literarisches Centralblatt* 1870, n.º 52 (art. de Köhler), Hahn, *Griech. und albanes. Märchen*, n. 210 (vid. supra); Haltrich, *Deutsche Volksmärchen aus den Sachsenlande in Siebenbürgen*, n.º 32; Müllenhoff, *Sagen Märchen und Lieder der Herzogthümer Schleswig, Holstein und Lauenberg*, p. 303, n.º cxv. Nessas collecções de contos de que só tenho á mão a de Hahn, de que fiz o extracto dado acima, a tradição das palavras da verdade anda envolvida num conto.

Resumirei a investigação de Köhler.

Numa narração em pehlevi publicada com traducção por E. W. West na edição do *Book of Arda-Viraf* de M. Haug diz-se que o feiticeiro Akht, queprehendera destruir a cidade dos adivinhadores d'enigmas e destruir os seus habitantes, mandou a Ghöst-i Fryânó, um piedoso habitante d'essa cidade, a mensagem seguinte: «Vem ter commigo para que eu te diga 33 enigmas, e, se tu não deres resposta alguma ou disseres — Não sei, matar-te-hei immediatamente.» Ghöst-i-Fryânó accedeu ao que se exigia e adivinhou todos os enigmas. Então do seu lado disse tres enigmas ao feiticeiro, e, como este não soube responder, destruiu-o empregando uma certa formula sagrada.

A decima terceira das perguntas enigmaticas (ou antes as perguntas enigmaticas 13.^a a 23.^a) consiste no seguinte:

O que é um? e o que é dois? e o que é tres? e o que é quatro?

¹ Vid. ainda R. Köhler in *Orient und Occident*, t. II, 558-559 e F. Liebrecht *Zur Volkskunde*, pp. 164-165.

e o que é cinco? e o que é seis? e o que é sete? e o que é oito? e o que é nove? e o que é dez?

A resposta é:

Um é o bom sol que alumia todo o mundo; e dois são o inspirar e o expirar; e tres são os bons pensamentos e boas palavras e boas acções; e quatro são a agua e a terra e as arvores e os animais; e cinco são os cinco bons Kaianides (Kai-Kabâd, Kai-Kahûs, Kai-Khûsrôv, Kai-Lôrâsp, Kai-Gushtâsp); e seis são os tempos de Gâhanbâr; e sete são os archanjos; e oito são as oito boas famas; e nove são as nove aberturas do corpo do homem; e dez são os dez dedos da mão do homem.

A materia do conto de Ghôst-i-Fryânô é já mencionada nos textos zend; West pensa que muito tempo antes do periodo sasanico, talvez já no fim do periodo achemenico, existia um livro com os enigmas de Akht o feiticeiro e os do seu adversario, Ghôst-i-Fryânô; e que, seja qual fôr a idade da obra que traduziu, ella é, no principal, certamente baseada sobre fontes antesasanicas.

W. Radloff publicou e traduziu um canto kirgis em que se conta como o propheta Aesrât Ali, que tinha promettido pagar a divida d'um pobre crente e vae procurar dinheiro para isso, é levado por uma calhandra a uma cidade habitada por infieis. Tendo-se dado lá a conhecer como um propheta, vae ser morto se não responder a dez perguntas de Mulla o infiel. Ali responde ás dez perguntas e dirige perguntas e dirige do seu lado tres perguntas a Mulla. Este responde bem a ellas e abraça o Islam e com elle fazem-se crentes todos os habitantes. Ali, rico d'ouro e prata com que elles o presenteam, é trazido pela calhandra e paga a divida do pobre.

As perguntas enigmaticas de Mulla são:

- 1) O que é um e não é dois? Que quero eu dizer?
- 2) O que são só dois e não tres? Que quero eu dizer?
- 3) O que são tres e não quatro? Que quero eu dizer?
- 4) O que são quatro e não cinco? Que quero eu dizer?
- 5) O que são cinco e não seis? Que quero eu dizer?
- 6) O que são seis e não sete? Que quero eu dizer?
- 7) O que são sete e não oito? Que quero eu dizer?
- 8) O que são oito e não nove? Que quero eu dizer?
- 9) O que são nove e não dez? Que quero eu dizer?
- 10) O que são dez e não onze? Que quero eu dizer?

As respostas de Ali, que se acham expressas cada uma em quatro versos são: 1) Deus, 2) Sol e lua, 3) o Oturashyp, 4) os quatro khalifas Omar, Osman, Hasret Ali e Abu Bekr, 5) as orações com as oblações, 6) as seis palavras do iman de Deus, 7) os sete infernos, 8) os oito paraísos, 9) os nove filhos do propheta Ibrahim, 10) os dez mezes da gravidez.

Os kirgises são ha muitos seculos mahometanos; essa versão pôde pois ser entre elles assaz antiga. Köhler, pensa que ella se baseia

sobre uma antiga versão mahometana, derivada da historia de Ghôst-i-Fryânô e o feiticeiro Akht.

E' evidente que as versões européas também partem d'uma fonte oriental; mas os materiaes á nossa disposição são insufficientes para traçar a historia do canto dos numeros. Na Europa elle não foi provavelmente conhecido antes da idade media. Veiu-nos provavelmente pelos judeus, apesar da supposição que se fez de que só na Europa é que os judeus o conheceram. Tel-o-hiam aproveitado d'uma fonte musulmana, a qual a seu turno derivaria da Persia.

A popularisação da formula não é difficil d'explicar pela facil adaptação d'ella ás ideias christãs e pela sua facillima mnemonisação.

Sobre as nove aberturas do corpo, de que se falla na versão pehlevi, vid. W. L. Holland em *Orient and Occident*, I, 196. A expressão encontra-se entre os indios e iranianos. Um poeta allemão da idade média (Freidank), diz:

Nim venster iesliche hât,
von den lützel reines gât.
diu venster ob und unde
müent mich zaller stunde.

O sr. Stanislaô Prato tencionava fazer um estudo especial sobre as *Doze palavras retornadas*; ignoro se levou a effeito o projecto. Vid. ainda sobre o canto dos numeros um artigo de G. de Vasconcellos Abreu na *Renascença*, publicada por Joaquim d'Araújo.

III — Cavallinhos fuscós

Em Coimbra, na minha infancia, ouvi muitas vezes a expressão *ir ver os cavallinhos fuscós* no sentido de — ir vadiar, ir passear á busca de qualquer espectáculo que se offereça pelas ruas, *flaquer*. Ninguém me soube dizer o que eram os taes cavallinhos fuscós, a que depois encontrei allusões em diferentes auctores.

Na *Feira dos Auxílios* de D. Francisco Manuel de Mello (sec. xviii), ed. de I. Francisco da Silva 2, 2, 1 lê-se: «Está sempre no cavallinho da alegria; mas vigie-se dos *cavallinhos fuscós*.»

O auctor das *Enfermidades da lingua* (sec. xviii), s. letra C, condemna a expressão *cavallinhos fuscós*.

Soropita (sec. xvi) falla na sua prosa burlesca e embrulhada, de *cavallinhos fustes*, o que parece ser a mesma coisa que *cavallinhos fuscós*. «E depois se levaram de presente ao sogro do grão Turco, juntamente com umas beringelas e uns *cavallinhos fustes*, que lá comem esperregados pelo inverno, que são maravilhosos para dôr de madre; e nós somos tão malhadeiros que os temos aqui todos os annos e nunca sabemos aproveitar d'elles.» *Poesias e prosas inéditas*, publ. por C. Castello Branco, p. 38.

No século xviii Antonio Diniz da Cruz allude também aos cavallinhos fuscos:

E por dar mais prazer aos convidados
De *cavallinhos fuscos*, depois d'elle
Na vaga sala, com soberba pompa,
O galante espectáculo prepara.

O Hyssope, canto vi.

D'estas passagens não se conclue ainda o que eram os taes cavallinhos fuscos; sabemol-o, porém, claramente de dous documentos publicados por João Pedro Ribeiro nas *Dissertações chronologicas e criticas*, tomo iv, parte ii, pp. 201-207 e 226-230. No segundo d'esses documentos, que é o regimento da festa do Corpo de Deus feito pela camara de Coimbra, em 1517 (segundo Ribeiro), lê se:

«Os cordoeiros, e albardeiros, e odreiros e tintureiros, que todos andam em o officio, são obrigados a darem quatro *cavallinhos fuscos* bem feitos e pintados, e se os eles taes não fizerem a cidade os mande fazer, como lhe parecer que devem de ser, e elles os paguem, e teram humba boa bandeira, e hiram em Priciação.» No outro documento, que é o regimento da mesma festa feito pela camara do Porto, em 1621, estatue-se: «*Item*. Irão os Celleiros, e Cutileiros, Bainheiros, Espadeiros, Caheiros, e Asteireiros, e Correeiros, com sua bandeira e castellos bem ornados de bandeirinhas, boninas, e flores, e sua cera com os cavallinhos, e Anjo armado no meio, etc.»

Vê-se d'essas passagens que os *cavallinhos fuscos* deviam ser umas figuras de cavallos, feitas de madeira ou pasta, semelhantes ás que na minha infancia vi numerosas vezes pelo carnaval, movidas por homens que figuravam ir a cavallo. Esses cavallinhos constituíam uma parte necessaria da procissão do Corpus Christi, como hoje os cavallos de carne e osso, enfeitados e levados pela redea por lacaio, atraz da imagem de S. Jorge, feita de madeira e montada num cavallo escolhido, seguido do pagem que é de carne e osso como os cavallos. Em Lisboa o pagem leva uma armadura de ferro, noutras partes substituída por uma armadura de papelão.

D'onde vem a expressão *cavallinhos fuscos* para designar esse divertimento popular, da qual Soropita nos dá a variante *cavallinhos fustes*? São essas designações igualmente legítimas ou uma é alteração da outra e neste caso qual a mais antiga? Em Ducauge, ed. Henschel s. v. *Cavalletus*, citam-se documentos pelos quaes se vê que *cheval-fust* designava o cavallette da tortura: *cheval-fust* (forma apenas distincta phoneticamente) o móvel do qual «*tutuntur mercatores, ut merces suas venales exponant, ponderent vel metiantur pro vario mercimoniorum genere...* Cujus modi instrumentum plurimis artificibus in usu est, quod quatuor velut pedibus sustinentur, sic dictum.»

O *cavallinho fuste* era pois a forma primeira, sendo a designação

*«Os Cavallinhos fuscos... de quem se fez o...
também a... cavallinho
fusco... que está...
festa...
Doc. Hist. de Evora, de S.
Pimenta, II, 160.»*

tirada do facto da figura ser armada sobre um com quatro fustes. *Cavallinho fusco* é uma forma d'etymologia popular.

O cavallinho fusco é evidentemente o mesmo que o *algodon* dos hispanhoes, *caball cotoner* dos catalães, o *godon* dos Orleans, o *cheval-godin* de Namur, o *bidoche* do departamento de l'Orne, o *cheval-mallet* da Loire inferior, o *Hobby-horse* dos inglezes, o *Schimmel*, *Theaterpferd*, *Pferd von Pappe*, *Schlitten-Pferd* dos allemães. É um divertimento de que ha reflexos até na China. Vid. E'delestand du Mèril, *Histoire de la comédie. Période primitive*. Appendix, 1, pp. 421-423; Brand, *Popular antiquities*, t. 1, p. 267-270; 492-493 (ed. George Bell and Sons, 1877). Sobre as relações do cavallinho e do cavallo do sacrificio e o costume na Allemanha, vid. J. Grimm, *Deutsche Mythologie*, (3.^a ed.), pp. 621-629, A. Kuhn und W. Schwartz. *Norddeutsche Sagen, Märchen und Gebräuche*, pp. 369, 381, 402, 510, K. Simrek. *Deutsche Mythologie* (2.^a ed.), p. 559.¹

IV — Sete alfaiates para matar uma aranha

Este proverbio que se emprega quando vae muita gente para fazer um acto que não exige nem força, nem valor, nem coragem, é o echo d'uma tradição portugueza, perdida hoje ao que parece na sua integridade, mas que tem parallelos noutros paizes da Europa, parallelos em todos os quaes se trata de ridicularisar a cobardia de um individuo, d'uma classe, dos habitantes d'um logar, d'um povo.

Na Allemanha encontramos o conto dos *Sete suabos* (*Die sieben Schwaben*, n.º 119 da collecção *Kinder und Hausmärchen*, dos Gebrüd. Grimm). Os sete valentes vão pelo mundo com uma lança, nma unica lança, empunhada por todos elles conjunctamente; depois d'um grande susto causado por o zumbido d'um besouro ou bicho similhante, viram num campo uma lebre que dormia com os olhos abertos e as orelhas erguidas. Os sete depois de se terem animado mutuamente e de terem pensado que está alli o diabo em pessoa, ou sua mãe ou o seu cunhado, avançam; o da frente, ao aproximarem-se do monstro, solta um grito, o animal foge, e os valentes reconhecem que era uma lebre. A redacção dos K. u. H. M. foi feita sobre a versão no *Wendunmuth* de Kirchhof (sec. xvi), d'um *Meistergesang* e d'uma folha volante. W. Grimm indica uma versão antiga ingleza no poema *the hunting of the hase* em Weber, *Metrical Romances*, III, 277-290 e uma hollandeza no livro popular dos *«tres westfälenses faarfarröes»*.

Em parte das versões figura como o animal contra o qual se di-

¹ Esta nota sobre os *Cavallinhos fuscos* foi ministrada por mim com pequenas differenças á edição do *Hyssope* de Antonio Diniz da Cruz, dada pelo sr. José Ramos Coelho, Lisboa, Typographia Castro & Irmão, 1879, 8.^o, pp. 441-443. Posteriormente aproveitou-se da nossa explicação de *Cavallinhos fuscos*, escondendo a fonte, um escriptor que frequenter vezes põe a sacco as nossas investigações, como as d'outros, sem aviso. Vid. o jornal *A volta do mundo*, II, 142.

rige o ataque um afamado pela sua cobardia, como a lebre — o caracol.¹

G. Baist e A. Tobler reuniram em *Zeitschrift für romanische Philologie*, II, 303-306 e III, 98-102, numerosas alusões á forma da tradição em que figura o caracol. Num canto allemão narra-se o combate dos alfaiates contra o caracol; este estende os cornos, e os heroes da agulha fogem. Não conhecemos infelizmente esse canto senão pelas indicações dadas pelos dous citados romanistas e R. Köhler, *ob. cit.*, II, 513.

A tradição existiu em Hespanha, como parece indicar uma obra satyrica do seculo xv, *Libro de cetrería de Evangelista* publicado por A. Paz y Melia no mesmo periodico, I, 222 ss. A p. 235 diz-se que os esmerilhões «son grandes caracoleros y andan syempre dos juntos por se ayudar y ponen tanta fuerça y descargan sobre el caracolar dando surtes al cielo y descendiendo a los abismos que como los caracoles tengan los cuernos feroses con el desatyno que trahen se lançan el vno por el vn cuerno y el otro por el otro. Asy acaban los mas y los que quedan no tyenen ley con nadie, y luego se van.»

Charles Nisard (*Histoire de la littérature de colportage*, I, 145-147) extrahê de *Le grand Calendrier et Compost des Bergers* (1633, Lyon, in-4.^o) um *Débat des gens d'armes et d'une femme contre un lymasson*, dizendo d'essa composição: «Elle est plaisante, encore qu'elle soit, au fond, une énigme pour moi. Elle est précédée de cette planche.» A gravura representa o caracol numa torre no acto de ser accommettido pelos homens d'armas com a mulher atrevida.

LA FEMME A HARDY COURAGE

Vvide ce lieu, très-orde beste,
Qui des vignes les bourgeons mange,
Soit arbre, ou soit buisson,
Tu as mangé iusques aux branches.
De ma quenouille, si tu t'auances,
Je te donrray tel horion,
Qu'on l'entendra d'ici à Nantes.

LES GENS-D'ARMES

Lymasson pour tes grandes cornes,
Le chasteau ne lairrons d'assaillir,
Et si pouuons te ferons fuir
De ce beau lieu où tu reposes;
Onques Lombard ne te mangea,
A telle sauce que nous ferons.

¹ Sobre a lebre (*lepus timidus*) como typo da cobardia, vid. E. Rolland, *Faune populaire de la France*, I, 88 ss.; sobre o caracol fanfarrão, *ibid.*, III, 208.

Nous te mettrons dans un beau plat
 Au poyure et aux oignons :
 Serres tes cornes, nous te prions,
 Et nous laisse entrer dedans.
 Autrement nous t'assandrons
 De nos bastons qui sont tranchans.

LE LYMASSON

Je suis de terrible façon,
 Et si ne suis qu'un lymasson.
 Ma maison porte sur mon dos,
 Et si ne suis de chayr ny d'os.
 J'ay deux cornes dessus ma teste,
 Comm'un boeuf qui est grosse beste;
 De ma maison je suis armé,
 Et de mes cornes embastonné;
 Si ces gens-d'armes là s'approchent,
 Ils en auront sur leurs caboches :
 Mais ie pense en bonne foy
 Qu'ils tremblent de grand'peur de moy.

Na versão hollandeza citada por W. Grimm, os heroes ouviram um besouro que julgaram ser o tambor do inimigo (como na versão *Die Sieben Schuraben*) e deitaram a fugir; o que ia atraz tocou com a ponta da orelha numa vara plantada no caminho e gritou: «Rendo-me»; os que iam adiante ouvindo-o gritaram tambem: «Quartel, quartel!»

Em Portugal conta-se que no tempo dos francezes, em que se usava rabicho de cabello, um valente da Idanha fugira, e como o rabicho lhe batesse nas costas julgou serem os francezes ás voltas com elle e exclamou tambem: «Rendo-me, rendo-me».

A substituição que apresenta o nosso proverbio d'um animal cobarde, como a lebre ou o caracol, por um animal bellicoso, como a aranha, produziu uma alteração consideravel na ideia fundamental do conto.

Na collecção real da Ajuda ha uma salva de prata em que se representa a luta contra o caracol, de modo que lembra a versão do *Grand Calendrier des Bergers*.

O snr. J. Leite de Vasconcellos colligiu os seguintes versos populares allusivos á tradição:

Setecentos alfaiates
 A matar uma aranha.
 Fortes são os alfaiates
 Que nem isso apanha!

(Vouzella).

700 alfaiates
 E' tudo: farei, farei...
 Para matar uma aranha
 Gritam «àque d'elrei!»

2:500 alfaiates
 Todos postos em campanha,
 Com as tesouras abertas
 Para matar uma aranha.

(Minho).

No Fundão havia um divertimento popular em que uma aranha d'arame era levada num andor, avançando contra ella os 7 alfaiates armados de tesouras. Diziam uns versos que me não foi possível obter.

Diversas quadras popul. alludem á cobardia dos alfaiates; por ex.:

Alfaiates não são homens,
 Nem se lhe podem chamar:
 Em perdendo uma agulha,
 Poem-se logo a chorar.

Semei no meu quintal
 O brio dos alfaiates;
 Nasceu-me uma parreirinha
 Rodeada de bonifrates.

A'que d'el-rei quem acode
 Ao fogo de Santarem!
 Acudam os alfaiates
 Emquanto os homens não veem!

(Coimbra).

V — Atar as cardas

Esta phrase, como é sabido, significa — morrer.

Segundo o snr. J. Leite de Vasconcellos¹) na Extremadura andam cardadores de lã de terra em terra, a que dão o nome de *minde-ricos*. Ha tambem cardadores ambulantes noutras provincias; a elles allude a seguinte cantiga popular:

Sou cardador de lã,
 Meu officio é cardar,
 Andar de terra em terra
 — Ha alguma lã p'ra cardar?

Segundo informação de pessoa bastante edosa, costumavam os cardadores quando iam sair d'uma terra gritar para chamar algum freguez moroso: — «Ata as cardas!» Virá d'ahi *atar as cardas* no sentido primeiro de *partir, acabar* e depois no usual de *morrer*?

F. ADOLPHO COELHO.

¹ *Dialectos extremenhos*. 1, p. 34. Porto, 1885, 8.º

MISCELLANEA

I

NOTA SOBRE A ETYMOLOGIA DE *gemeo* E *astea*

A *Grammatica das linguas romanicas* (a pag. 193 do 1.º vol. da tr. franceza) dá como exemplos da syncope em português do *l* dobrado latino *GEMEO* e *ASTEa*. Suppõe consequentemente que estas palavras representam *gemellus* e **hastilla*. Ha nisto uma inexactidão, sendo que *GEMEO* e *ASTEa* não podem, como esdruxulos, representar aquelles deminutivos latinos (de *geminus* e *hasta*) accentuados na penultima.

GEMEO representa o latim *geminus*, sendo *GEMEO* : *geminus* = *FEMEA* : *femina*.

ASTEa (ou *HASTEa*) é um alongamento de *ASTE* ou *ASTa*, como *RESTa* (fôrma popular) de *RESTE* = *restis*, *LENDEa* (*lens*) *ALFACEa* (f. p.) de *ALFACE* (pal. arabe), *LOGEA* (f. antiga) de *LOJA* (pal. germanica) ou *LOGE* (f. p.); cf. tambem *LAGEa* a par de *LAGE*, pop. *VESTIA* (*vestis*) a par de *VESTE*.

ASTE resulta de *ASTa* por enfraquecimento da vogal final, se é que ao lado de *hasta* não existia já no latim popular a fôrma **hastis*, suggerida pela palavra *hastile*.

ETIPHANIO DIAS.

II

UM CONTO POPULAR EM MIRANDÊS

Sobre o *mirandês*, vid. *Rev. Lusit.*, pg. 193. Os contos populares neste dialecto chamão-se *contas*. O que se vai ler foi collido por mim em Duas-Igrejas (concelho de Miranda-do-Douro) em 1884. Para se entender a notação phonetica, consulte-se o meu opusculo *Flores mirandezas*, pg. 31 sq. Aqui direi apenas que *l* representa o *l* gutturalizado português.

Eis agora a *conta* :

Er' ãna béc¹ um lhóbo, ancontrou ãna cuchina², qe temê uns³ cuchinicos, i chigou i lhóbo a la bórda d'êilhas i dixo qe ps q'riê cu-mér, i la cuchina dixo-le que nó, q' aguardára mais uns diês.

¹ Leia-se *bézian*.

² *Porca*.

³ *Tenê* fôrma com *uns* só duas syllabas, vindo *-tenuo* a constituir um tritongo.

— Púis biēm, cá benarei. ¹

Fui ² pār'un ñ aradór ³, i dixo-le q'abiē de cumé-las bacas. Depois dixo Parádór:

— Nó, q'inda stā mui fracas. Deixaremo-las mais uns diēs.

Apúis ⁴ fui pār' uña baca qe staba num çerrado angurdar. ⁵

— Ah! baca, qe t'ei-de cumér!

— Agora num me cómas; deixam'mais uns diēs, q'agora stou mui fraca.

D'alhi a uito diēs fui 'lhóbo ⁶ a cumé-la baca i dixo-l' 'lhóbo: ⁷

— Agora bou-t'a cumér!

— Púis cóme, cóme!

Depois prēndiu i 'lhóbo uña ^vcorda a la baca, i dixo-l' la bac' a' 'lhóbo: ⁸

— Méte la ^vcorda ne cachaço; z-agora ⁹ qers que t' anfine cumo fáia las bacas ne bráno ¹⁰, qando dá-la mósca?

— An/inaí, an/inaí ¹¹. Tód' yiē ¹² biēm fabér.

I púis faltou la bac'a fugir cu' 'lhóbo ¹³ a la rastra. ¹⁴ Apúis cu-brou-fe la ^vcorda i fui 'lhóbo pà la rapóza, e dixo-le:

— *fi, fi*, cumadrica,
fe la ^vcorda qebra
i i nólo ¹⁵ num dezata,
yion ¹⁶ iba parar a caza
Dēi donho de la baca.

J. L. DE V.

¹ *Virci*.

² = lat. *fact*.

³ *Lavrador*.

⁴ *Depois*.

⁵ = a *angurdar* (engordar).

⁶ = i *lhóbo*. O i foi absorvido no lh seguinte.

⁷ Vid. a nota antecedente.

⁸ = a i *lhóbo*. Vid. as not. precedentes.

⁹ O z é euphónico, como acontece frequentemente em linguagem emphatica.

¹⁰ *Verão*.

¹¹ No mirandês é vulgar o tratamento de *vós* referido a uma só pessoa, como em francês. Este phenomeno observa-se ao longo da raia transmontana, mesmo fóra do dominio mirandês.

¹² *E'*.

¹³ = cui *lhóbo*. Vid. not. 1.

¹⁴ *De vastas*.

¹⁵ *Nó*.

¹⁶ *Eu*. — Os outros termos escusão de explicação.

III

ETYMOLOGIAS PORTUGUESAS

1. A proposito da «Revista Lusitana» I, 180-181

Ha muito que fazer ainda no dominio da etymologia romanica em geral e muitissimo no especial do hispanhol e do portuguez. São portanto bemvindos todos os trabalhadores serios nesses dominios, como os snrs. Julio Moreira e Epiphanyo Dias, cujas contribuições esperamos se tornem frequentes nesta *Revista*. E' ardua a tarefa do etymologista; escorregadio, traidor o terreno que elle pisa; mas ha tantos e tantos exemplos de quedas dos maiores mestres, que nós os discipulos não devemos desanimar, encostando-nos tanto quanto possivel aos bons bordões do methodo. Para a etymologia portugueza faltam os auxiliares mais necessarios que outras nações possuem já, pelo menos em parte, — boas edições dos classicos, glossarios especiaes d'estes, um dictionario historico, um balanço geral dos resultados adquiridos na etymologia, etc.

Confio que as seguintes observações ás etymologias do snr. Julio Moreira não sejam motivo para elle desistir da empresa começada.

1. *leo*. A leitura de Diez, *Etym. Wörterb.*, 3.^a ed., I, 250, II, 148, teria sido util; cf. ainda o mesmo auctor *Ueber die erst port. Kunst und Hofpoesie*, pg. 32 (*greu, lleu*).¹

3. *marisma*. A etymologia foi dada por Diez, *Etym. W.* I, s. v. *mare*.²

5. *cerro*. A graphia com *c* e o hispanhol *cerro* tornam duvidosa a etymologia de *serro*. Todavia em hisp. ha (*de, i*) por lat. *s*: *cerrar*, que se encontra tambem em portuguez, é derivada por Diez de lat. *sera* e o mesmo aponta ainda hisp. *c* por arabe *s*, etc. — *Gramm. trad.* fr. I, pg. 341. Cf. Carolina Michaëlis *Studien zur romanischen Wortschöpfung* (Leipzig, 1876), pag. 233. Diez *Etym. W.* II, 116, traslada de Covarrubias a etymologia de *cerro* do lat. *cirrus*, comparando as significações do inglez *top*; cf. port. *tope, topele*.

6. *fulo* de *fulvus*. Etymologia já dada por Diez *Etym. W.* II, pag. 134.

7. *cesão* de *accessionem*. Esta etymologia está impressa ha annos: mas falta apontar outros exemplos de port. *s(z)* por lat. *ss*.³

8. *sonso* de *insulsus*. Diez *Etym. W.* II, pag. 181 dá a etymologia de hisp. *zonzo, soso*, port. *insosso* = *insulsus*.

¹ [No Cadaval diz-se: «não ter léu» por «não ter vagar», onde *léu* tomou já um novo sentido. Cfr. *Rev. Lusit.*, pag. 212. — J. L. DE V.]

² [Cfr. tambem J. Cornu, in *Romania*, XIII, 289, o qual, a respeito do hisp. *marisma* derivado de *maritima* indica a série intermédia **maridima*, **maridma*, **marizma*. — J. L. DE V.]

³ [Outro ex. de *s(z)* = *ss* está em port. *narciso* = lat. *narcissus*. — EPIPHANIO DIAS.]

2. *Espatilar, patife*

Espatilar é, segundo os dicionários, fazer em muitos pedaços, dividir, lacerar, estragar, dissipar. A idea de rasgar, dilacerar, abrir as entranhas, está talvez na base d'essas significações e vae entroncar no lat. **expatefacere*. A relação phonetica é a mesma que em *escalfar* de lat. **excalefacere*, **excalfacere*; cf. francez *échauffer* ao lado de *faire* e port. *far(ei)* ao lado de *fazer*. De **patifar* por derivação sem suffixo (Diez *Gramm.* trad. fr. II, 265-268) viria *patife*, propriamente o que *espatifa*, em seguida *maroto*, *mau sujeito*, *radio*, etc. Os substantivos derivados sem suffixo, de verbos, terminam em portu-guez em *a*, *e* ou *o*: *estima*, *leva*, *cresta*; *lance*, *alcance*, *toque*; *erro*, *furo*, *torno*. Em geral esses derivados designam acção ou estado, algumas vezes agente, como *espalha*, *contraste* (do ouro, da prata). Terminarei em relação a esta etymologia com a sigla prudente dos guarda-livros: S.E.O.

3. *lio*

No *Diccionario contemporaneo*, que por certo não é auctoridade em etymologia, deriva-se *lio* do francez *lais*. Conviria apontar o antigo franc. *liois*. Em inglez ha *lias* e a palavra é apontada como d'origem desconhecida. Parece-me que *lio* representa porém o antigo alto allemão *grioz*, glarea (allem. mod. *Gries*, anglo-saxão *great*, scots, nordico *griot*, lapides, saxa), Graff IV, 345. A mudança de *r* em *l* no elemento germanico é frequente (Diez *Gramm.* trad. franc. I, 289); o *g* póde ter caído como em port. *lande* de lat. *glandem*, *lirão* der. de *glirem*. A forma port. *grés* vem do franc. *grès*, que representa o ant. alt. all. *grîez*.

4. *arneo*

arneo significa — manjo, porção que se põe de cada vez na roca para fiar. Representa, creio, o antigo alto allemão *arnilo* (allem. mod. *Ermel*), manica: *arnil*, lacinia. Graff I, 426.

F. ADOLPHO COELHO.

IV

ADIVINHAS PORTUGUEZAS

(Recolhidas na provincia do Douro)

1. *Os morangos*

Pucarinhos, pucaretos,
Oh! que lindos ramalhete,
Nem cozidos, nem assados,
Nem comidos com colhér.
Não é capaz de adivinhar
Nem pr'ó anno que vier.

2. *O sal*

a) Femea foi meu nascimento,
Macho me fizeram ser,
Por fim da minha vida
Femea tornarei a ser.
b) Eu sou femea de nação,
Macho me quizerão fazer,
Vou-me deitar a afogar
Pr'a femea tornar a ser.

3. *A chave*

Tringalinha, tringalhava,
No buraco se mettia,
E de lá se não tirava
Sem fazer o que queria.

3'. *O ouriço e a castanha*

Se me rio,
De mim sae uma donzella,
Mais donzella do que eu;
Ella vae com quem a leva,
Eu fico com quem me deu.

4. *A orelha*

Branca lavrada
Que anda pela arada,
Come e bebe
E todo o mundo veste. ¹

5. *A moelha*

Vós que vindes de Grijó,
Sabeis da falcatrua:
Dizei-me qual é a coisa
Que tem por dentro pelle
E por fóra carne crua.

6. *O linho*

Verde foi meu princípio,
Azul minha mocidade.

Amarello meu acabamento;
Foi tal a dignidade
Que toquei no Sacramento.

7. *O rúbão (rúbano)*

E' verde, não é limão,
Encarnado, não é sangue
E' branco, não é papel. ²

8. *A pé tirando as brazas da lareira*

E' um campo de vaccas-louras,
E veio uma negra
E bota-as cá fóra. ³

9. *A caixa do rapé e os dedos*

Uma estalagem muito aceada,
Com tres hospedes á entrada,
Um bate á porta e os dois entrão.

10. *O sino*

Altas torres na memoria,
Cada um passa, ninguem o adora. ⁴

11. *A formigu*

Nasce branca,
Faz-se preta como o péz.
E a bôca é uma torquêz. ⁵

¹ Cfr. Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. Port.*, p. 184 [Na minha versão diz-se *larada*, termo que se acha aqui deturpado em *lavrada*. De certo *larada* é o lat. *lanata* que em Juvenal tem o sentido de *ovelha*. O *n* mudar-se-hia em *r* como em *sarar* — *sanare*. O aut. *saar* considero-o como um divergente perdido. — J. L. de V.]

² Cfr. *Adivinhas do Alentejo* in *Archivio per le tradizioni popolari*, III.

³ Cfr. *Revista do Minho*, III, n.º 1.

⁴ Cfr. Ad. Coelho, *Rom. pop. e rimas infant. port.* in *Zeitsch. f. rom. Phil.*, III, 198.

⁵ Cfr. Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Portugal*, p. 138; e Th. Braga, *O povo port. nos seus costumes*, etc., II, 388.

12

- a) Estando dois-pés-em-pé (*homem*)
 Assentado em tres-pé-em-pé (*tripeça*)
 Comendo um-pé-em-pé (*chispe*),
 Veiu quatro-pés-em-pé (*gato*)
 E tirou o-pé-em-pé (*chispe*);
 O dois-pés-em-pé (*homem*)
 Atira com tres-pés-em-pé (*tripeça*)
 Ao quatro-pés-em-pé (*gato*). ¹ ✓
- b) Um gulipé de dois pés,
 Assentado num gulipé de tres pés,
 A guardar um gulipé de um pé só,
 E veio o gulipé de quatro pés
 Que queria comer o gulipé de um pé só:
 E o gulipé de dois pés
 Atirou co'o gulipé de tres pés
 Ao gulipé de quatro pés
 Que queria comer o gulipé de um pé só. ✓

13

Estando o druma na drumaria,
 Veio a pinta pinturia
 Pr'a comer o druma na drumaria,
 E cahiu a pinha pinhuria,
 Matou a pinta pinturia,
 Ficando o drama na drumaria. ¹ ✓

(Estando um homem a dormir debaixo de um pinheiro, veio a bicha (cobra) para o comer; cahiu uma pinha e matou a bicha, continuando o homem a dormir).

14. O vento

Adivinha uma adivinha,
 Que não tem osso nem spinha,
 Corre o mar e a marinha.

¹ Cfr. Th. Braga, *ib.*, II, 396.

² Cfr. Leite de Vasconcellos, *Estudo ethnographico*, p. 26; Th. Braga, *ib.*, *ib.*, *ib.*

15

Hoje se matou uma perdiz,
Hoje mesmo se comeu,
O homem que a matou
Ha tres dias que morreu. ✓

(Um homem, morto ha tres dias, estava em cima de um muro, e, cahindo, matou uma perdiz).

16

Ahi vem os nossos paes,
Maridos de nossas mães,
Paes dos nossos filhos
E nossos maridos legitimos. ↓

(Dois homens viuvos; cada um tinha sua filha, e tomou por mulher a filha do outro).

17. *A ceia*

Comi hoje uma sardinha, e assei-a. ¹

18. *O pôço*

Alto como um pinheiro,
Redondo como um peneiro. ²

19. *Buracos na roupa*

Qual é a coisa, que, quanto mais ha, menos deseja ver a costureira?

20. *A telha*

Qual é a coisa que vem em pé, e está deitada?

21. *Agua, caracol e chafariz*

Quaes são as tres coisas que nascem sem raiz?

22. *A corda do carro*

Vae ao pinhal encolhida
E vem estendida. ³

23. *O resplendor*

Qual é a coisa que está mais alta que Jesus-Christo?

Elvas, 1887.

A. THOMÁS PIRES.

¹ Cfr. *Revista do Minho*, I, p. 44.

² Cfr. Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Port.*, p. 84.

³ Cfr. Th. Braga, *O povo port.*, II, p. 392.

V

ETYMOLOGIA POPULAR ¹

Eis mais alguns factos d'etymologia popular portugueza :

Eucalidro por *eucalypto*, com influencia de *litro* (cf. *distrilidro* a pag. 134);

Olivellas por *Odivellas*, com influencia de *oliveira*, *olival*, ou puramente phonetica (cf. *amido* = lat. *amyghum*); notado por Madureira no seculo XVIII ²;

Christão por *crestão*, *crastão*, o que *castra*; recolhido por Bluteau, vid. todavia Madureira: ³

Santa Olaia por *Santa Eulalia*, que phoneticamente daria antes *Oalha*, por influencia do nome d'arvore *olaia*; frequente sobre tudo no Alemtejo, onde ha um logar d'aquelle nome, perto d'Elvas; ⁴

Sardonía por *celidonia*, com influencia de *sarda*, *sardão*?

Esfalque por *asphalto*, por influencia de *desfulque*;

Sobrecripto por *sobrescripto*, por influencia de *Christo*;

Frescal por *fiscal*, por influencia de *fresco*, *frescal*;

Auctorisar-se por *utilisar-se*, por influencia de *auctorisar*, etc.;

Illusão do coração por *lesão do coração*;

Pôr sella na barriga, para significar — deixar de comer —; evidentemente por *pôr sello na barriga*;

Batesola por *Bartissol*, nome d'um engenheiro, empreiteiro das obras do porto de Leixões.

Os inglezes fizeram de *Setubal* — *Saint Ubes*, nome que figura em mappas serios como o de Hughes, etc.

Para explicar o processo da etymologia popular farei mais algumas observações.

Como em todo o processo da linguagem, não é preciso admittir aqui que todos os que empregam uma etymologia popular a produzissem independentemente: um *inventa* (inconscientemente), outros *acceitam*, e assim se vulgarisa uma etymologia.

Nalguns casos uma alteração analogica produzida conscientemente, por gracejo, pôde ser tomada a serio, recebida e reproduzida inconscientemente por outros; isso parece dar-se com *frescal*, que tenho ouvido por puro gracejo; vice-versa, uma verdadeira etymologia popular é muitas vezes repetida por simples gracejo.

¹ Vid. *Revista Lusitana*, I, p. 133-142.

² Será *Olivellas* a forma antiga de *Odivellas*, em que ao primeiro *l* succederia *d*, alteração favorecida pela tendencia dissimilatoria?

³ [Na Beira-Alta diz-se vulgarmente uma *cristã*, uma *cristão* por uma *questão*. — J. L. DE V.]

⁴ [Mas *Olaia* pôde tambem ser um desenvolvimento phonetico de *Eulalia*, pela redução vulgar de *eu* inicial a *o(u)* e dissimil. de *l*. — J. L. DE V.]

A mechanica do processo da etymologia popular, na producção e na acceitação, manifesta-se por completo no seguinte caso:

Uma boa mulher de Coimbra, tão perfeitamente inculta quanto pôde ser-se no meio da nossa sociedade popular, veio um dia a Lisboa, e, querendo ir a *Alcantara*, perguntou ao cocheiro d'um carro americano que passava, se ia para *Cantanhede* (nome d'um logar a algumas leguas de Coimbra, onde a boa mulher ia muitas vezes); o cocheiro não hesitou um momento em responder que o carro ia para lá, e a mulhersinha chegou ao seu destino. Numa loja pediu a mesma *bilhetes cristaes* por *bilhetes postaes*, e o caixeiro não hesitou um momento em vender-lhe *bilhetes postaes*. Talvez nem cocheiro, nem caixeiro chegassem a ter consciencia das alterações feitas pela mulhersinha.

Em dictados escriptos pelos rapazes d'uma escola que dirijo, colliji diversas alterações do genero da etymologia popular, principalmente em nomes geographicos; exemplos:

Rio Nidos por *reunidos*, numa noticia sobre o Tigre e o Euphrates;

«Ceylão é a *parte* da canella» por «Ceylão é a *patria*, etc.»;

«O Indostão foi *Ponte de Mira* dos povos conquistadores» por «o Indostão foi ponto de mira, etc.»;

Lados por *lagos*;

Destrictos por *districtos*, com influencia de *tristes*.¹

Nesses exemplos ha influencia de palavras, nalguns casos determinada pela preoccupação do momento (*Rio Nidos*, porque se fallava de rios; *Ponte de Mira* como se se tivesse dictado um nome geographico); nos exemplos seguintes, collhidos nos mesmos dictados, os quaes não se correlacionam com o processo da etymologia popular, ha simples alterações por *influencia de má audição*, que representa nessas alterações uma papel mais importante do que em geral se tem notado:

Jo-Malaya por *Himalaya*;

Gobin, *Bobin* por *Gobi*;

Altataria por *Altatartaria*;

Taus por *Taurus*;

Planauto por *planalto* (cf. *Montauto* por *Mont'alto*);

Firlandia por *Finlandia*;

Tambaras por *tamaras*;²

Batico por *Baltico*;

Duramica, *doramica* por *turanica*;

Nomanas por *nomadas*;

Mondorge por *mongolica*;

¹ Introduz-se muitas vezes um *s* antes d'outra consoante na pronuncia e escripta irreflectida de palavras menos usadas ou novas: *indisgenas* escreveram algumas creanças; *paralispapedos* tenho ouvido dizer a muitas.

² [Cfr. pop. *câmbara* = *camara*, etc. — J. L. de V.]

Propontil por *Propontide*;
Arao por *Aral*;
Calcasia por *Caucasia*;
Caldi por *caldi*;
Mesopotania, *Mozoktaneu*, *Mesopotauha*, *Mesopetania* por *Mesopotamia*;
Denares por *Benares*;
Condichery por *Pondichery*;
Dequin por *Pekin*;
Doromandel por *Coromandel*;
Meduinos, *Deluinos* por *Beduinos*;
O Ibano por *O Libano*;
Batago, *Dataria* por *Bataria*;
Celedes, *Celgles* por *Celebes*;
Sungara por *Sunda*;
Tokil por *Tokio*;
kanaco por *kanato*;
poufins por *confins*;
Estreito de Ardanellos, *de Bardalenas* por *estreito de Dardanellos*;
Carifa por *Tarifa*;
Pistra por *viscera* (cp. fr. ant. *estre de *essere*).

F. ADOLPHO COELHO.

VI

FÓRMULAS POPULARES

(Infantis e de adultos)

1	4
Faça, faça Que o seu fazer tem graça.	Reu, reu, Vae ao ceu, Vae buscar O meu chapen. S'elle é novo Traz-m'o cá, S'ell'é velho Deixa-o lá. ²
2	
— Que lhe falta? — O fol e a gaita.	
3	5
Para o ceu vá Que creada já stá. ¹	Mão morta, mão morta Vae bater á tua porta. ³

¹ Diz-se por gracejo, quando alguém espirra.

² Diz-se, atirando o chapen de um rapaz ao ar.

³ Diz-se, pegando no punho d'outra pessoa, sacudindo a mão, e dando-lhe por fim com ella na cara.

6	13
— Isto é ten? ¹	Dei-t'a barriga?
— E'.	Coices de mula parida,
— E isto? ²	<i>Curáda</i> da mãe
— Também.	E <i>cinquáda</i> da filha,
— Então para que é este barco? ³	E se t'esses num bastar',
	Outros tantos de bêsta cavallar.
7	14
Ouro — bezouro	Quem perdeu o que eu achei,
Prata — barata.	Boas novas lhe darei.
8	15
Ouro — do rabo do touro.	Xi, coração,
Prata — do rabo da gata. ⁴	Peitinho de rola
	Sabe a leitão. ⁵
9	16
— Viva.	Alfaiate das mentiras
Quem tem barriga!	Todo o panno faz às tiras.
— E quem a não tem	17
Viva também. ⁶	Simão, come pão,
	Não comes mais,
10	Porque t'ó não dão.
— Adeus,	18
Olhos pretos como os meus.	Chico rapado,
— Adeusinho,	Não vale um cruzado;
Que é mais docinho.	Chico d'além
	Não vale um vintem.
11	19
O fumo vae p'r'ó seu logar,	Miguel, migalhas
Quem é preguiceiro	Farripa de palhas. ⁹
Deixa-s'estar. ⁶	
12	20
Arre, cavallinho,	Antonio — medronho,
Vamos pr'a Belem,	Arrenega o demonho;
Que amanhã é dia santo	No tempo dos nabos
E <i>passado</i> também. ⁷	Arrenega os diabos.

¹ Diz-se, tocando na maçã do rosto de um lado a um sujeito.

² Diz-se, tocando no outro lado.

³ Diz-se, puxando-lhe pelo nariz.

⁴ Esta e a antecedente dizem-se de metaes que não são ouro nem prata, mas que alguém quer fazer passar por isso.

⁵ Em comprimento.

⁶ Diz-se, quando alguém, que está ao lume, se queixa do fumo.

⁷ Diz-se, sentando uma creança no joelho, e mexendo com este.

⁸ Ao abraçar uma creança. Em linguagem infantil, *xi* significa abraço. —

Cfr. *Trad. pop. de Portugal* de J. Leite de Vasconcellos, § 345.

⁹ [E' uma alliteração: *Mig... mig* — J. L. DE V.]

21	29
Maria — rabo d'ingua, Dá-me do pão, Que já é meio-dia.	Sapateiro — rumandeiro, Com'as tripas d'um carneiro. ⁴
22	30
Magalhães, Esfolla gatos E mata cães. ¹	Bem feita, Minha perna direita. ⁵
23	31
Cath'rina dos alhos Perna fôfa Cheia de bogalhos.	— O' rapaz, A burra come ou que faz? — Nem come, nem bebe, Nem o diabo que te leve.
24	32
João, Sardinha gorda, Pinga no pão; Pinga no meu, Que eu pinguei no teu.	Ai Senhor, Senhor, Barquinho de neve Leva o meu amor.
25	33
Francisco, Varre a casa, Deixa o cisco.	Anda ver, anda ver Um ratinho a nascer.
26	34
— Que é do Francisco? — Perdeu-se na palha Achou-se no cisco.	— Quantas horas são? — Falta dez-reis Para meio-tostão E uma sardinha Para um quarteirão. — Olha o burrinho Como sabe a lição! ⁶
27	35
— E antão? — Gallinha leitão. ²	Ou! ou! Que se desencavon.
28	36
— E ó depois? — Vaccas não são bois. ³	Quem tem c'rôa na cabeça Nunca lh'o cabelo cresce. ⁷

¹ Também se diz de *Guimarães*.

² Cfr. id., ib., ib.

³ Cfr. Leite de Vasconcellos, in *Archivio per le trad. pop.*, 1, 573.

⁴ Cfr. id., in *Trad. pop. de Port.*, p. 251.

⁵ Diz-se quando acontece qualquer pequena desgraça a um sujeito a quem se não quer bem.

⁶ Cfr. *Archivio*.

⁷ Diz-se depois de ter posto qualquer cousa (uma casca, um papel, etc.) na cabeça de alguém.

37	47
— Teve bexigas!	Ora vamos lá
— Quem?	C'o rabo da pá.
— Olha p'ra trás,	47
Que elle ali vem. ¹	
38	O' santa Libarata,
Diz-lhe que tussa,	Quem de novo não morre,
Que tem uma carapuça.	De velho não 'scapa.
39	49
Não tem vista — nem crista,	O Senhor me valha
Nem cousa que lhe assista. ²	E m'appareça
40	Com sete pães
Muito bem se canta na sé,	Numa cesta.
Mas é só quem é.	50
41	Com mais um empurrão
Ai, pae,	Vae a carga ó porão.
Que tão mal te vae.	
42	51
Ai, Dolores,	São onze horas
Quem tem mal	E eu com poucas melhoras.
Padece dores.	
43	52
Ai, meu anjo,	Riô, riô... laranjeira,
Se tu me faltas,	Quem te escreven, que te leia. ³
E' um desarranjo.	
44	53
Ai que desgraça,	Sim, senhores,
Morreu o pae á Engracia.	Abades não são reitores,
45	Nem juizes [são] vereadores,
— E então que lh'havemos de fazer?	E os curas são os peores.
— Virar as costas e deixar bater.	54
46	Men amigo,
Rana, cataplana,	Eu tinha um figo,
Mata aquella ratazana.	Des-que te vi, comi-o.

¹ Parece ser equivalente ao ditado: *Fallae no mau — e apparelhac o pau.*

² Diz-se, quando uma pessoa pede para ver qualquer cousa.

³ Diz-se de uma calligraphia má.

55

[*A vida do macaco*]

Do meu rabo
Fiz navalha,
Da navalha fiz sardinha,
Da sardinha fiz farinha,
Da farinha fiz menina,
Da menina fiz camisa,
Da camisa fiz viola,
Ferrum... frum, fum... que vou
para Angola.¹

56

Ai, Jasus,
Que nabos tão crus!
Cozidos nenhuns!

57

Ai, Jasus,
Que tal t'en puz!
Senão *reparava*,
Que tal t'en prantava.

58

O Senhor m'ajude
Ao pipo de alimude.

59

Ai, meu Deus de Covas,
Que tarde vens e longe moras.

60

Por onde tens andado,
Que tão boa lá tens creado?

61

Ai filha das minhas entranhas!
Chama-me pae,
Que te hei de dar castanhas.

62

Vira-te meu folle,
Que d'esta banda já stás molle.

63

Emquanto o burro bebe,
Leve o diabo o almoceve.

64

O' redôr, ô redôr,
Como o cão do reitor.

65

Deus te veja ir
Co'as pernas a bolir.

66

Anjo papudo,
Cabeça de burro.

67

Arre, arre,
Quem te soltou que te amarre.

68

O Zé da Costa
E mai-l'a mulher
Jogaram as terras
Atrás do tonel,
Vieram os filhos,
Fecharam-lhe a porta...
Zumba, catumba,
Sê² Zé da Costa.

A. DE SEQUEIRA-FERRAZ.

¹ O macaco foi a um barbeiro pedir uma navalha, este disse que lh'a trocava pela cauda; acceitou e foi trocando pelos outros objectos enumerados, até achar a viola.

² = Senhor.

VII

EMBORA

A etymologia é claramente *em boa hora*, e ainda alguma gente escreve *embhora*; assim *ir-se embora* significava primeiro *ir-se em boa hora*. Achemo-nos pois diante da superstição antiquíssima das *horas boas* e *más*, e que corresponde aos dias *aziagos* ou *egyptios*, sobre os quaes se podem ver umas notas de Ad. Coelho in *Rev. archeolog. e histor.*, I, 65-70. A crença nas *horas boas* e *más* está hoje já em decadencia, mas encontram-se ainda muitos factos dispersos que ajudam a reconstitui-la. Do mesmo modo que se julga que certos dias são nefastos («á terça feira — não cases a filha — nem urdas a tea», etc.), egualmente se acredita que, numas dadas horas, quem fizer qualquer cousa se sae bem ou mal. As horas das Trindades, ou *abertas*, são particularmente perigosas. Ha mesmo um Senhor e uma Senhora da invocação da *Boa hora*, aos quaes a devoção dos fieis não falta. São tambem vulgares hoje estas expressões: «em *má hora* vieste», em *boa hora* vás», etc. Nos *Adagios da ling. portug.* de Francisco Rolland Lisboa 1780, lêem-se estes: «Nascido na *má hora*»; *má hora* vá contigo»; «em *má hora* nasce quem má fama cobra» (onde ao mesmo tempo se quiz estabelecer um paralelo). Bernaldim Ribeyro, Egloga 3.^a, disse:

Amador, pois que te vás,
As *boas horas* ¹ vam contigo,
Comigo fiquem as *maas*...

Em Lamas cantão-se as seguintes quadras:

Na *hora de Deus* coméço,
Na *hora de Deus*, amen;
Quem na *hora de Deus* anda,
Sempre lhe acontece bem.

Na *hora de Deus* coméço,
Padre, Filho, Esp'rito-Santo:
E' hoje a primeira vez
Que neste auditorio canto.

Com a continuação de se dizer *em boa hora* vás, e phrases analogas, *embora* veio a receber a significação de adverbio de despedida, como acontecen com *adeus*, que tambem na origem era uma especie

¹ Evora, 1557, fl. 252. Neste verso *boas* conta-se só como uma syllaba (*búas* horas, como se hoje diz em linguagem rapida; *uá* é um ditongo). Numa ed. de 1536 (volante) lê-se porém:

Boas horas vam contigo
Comigo ficam has *maas*.

de encomendação religiosa. ¹ Ha na lingua muitos exemplos d'estas transformações de sentido. Além da significação adverbial, *embora* adquiriu depois a de conjuncção, e significa *ainda que, contudo, não obstante*, etc.

*Tenho ovelha e bodego,
toda me dizem: ven-
ha-as embora
Pedro (ndg.)*

A repetição frequente da phrase assim completa fez com que *em boa hora*, ou *embora*, recebesse toda a significação concessiva, — e a conjuncção propriamente dita desapareceu, deixando-lhe o lugar. Depois o emprêgo de *embora* estendeu-se das phrases temporaes a todas as outras. — Ao lado de *embora* deve pôr-se a antiga expressão *aramá* (= hora má) com as suas variantes.

J. L. DE V.

VIII

DUAS TRADIÇÕES POPULARES

1. O dinheiro de Charonte

Quando se restaurou a igreja de S. Miguel do Castello em Guimarães, houve necessidade de reparar um dos tumulos, que se vêem embutidos na parede externa da igreja, e dentro d'um d'elles encontrou-se uma moeda de cobre do tempo de D. João I.

Não liguei a menor importancia ao achado, na supposição de que a moeda tinha ido alli parar por um simples acaso; mas hoje estou firmemente persuadido de que foi lá collocada muito intencionalmente.

Quasi ao mesmo tempo que o meu amigo José de Barros, hoje no Marco de Canavezes, me mandava uma outra moeda, encontrada numa antiga sepultura d'quelles sitios, mostravam-me outras, achadas em sepulturas que se descobriram no sitio da igreja velha de Pedralva (c. de Braga). Todas as moedas que vi são ceitis.

Em Canavezes, segundo me diz o doutor Barros, ha ainda a tradição de que o dinheiro era pósto nas sepulturas, para o morto poder «pagar a passagem», mas a viagem, que elle tem de fazer, anda relacionada com a de Compostella, que todos havemos de realisar, ou em vida, ou depois de finados.

Na segunda hypothese, em que tempo? Aqui está uma *historia*, que recolhi perto de Guimarães e que esclarece o ponto: — Uma mulher, que já tinha ido a S. Tiago de Compostella duas vezes, uma a pé, outra a cavallo, passando por um caminho, ouviu gritar uma alma penada, que andava pelos ares. Perguntou-lhe o que a affligia, e respondeu a alma que não tinha tempo d'ir a S. Tiago, porque a sua

¹ Ainda em algumas partes se diz hoje: *vá com Deus, vá com Nossa Senhora, guarde-o Deus, Deus o ajude*, etc. Quem viaja pelas aldeias (por ex. no Norte), a cada passo ouve estas e semelhantes saudações. Na Extremadura diz-se também *salve-o Deus*, etc.

familia se apressára a mandar-lhe o corpo para a cova, e, tendo de o acompanhar, não podia fazer aquella viagem. ¹ A mulher deu-lhe uma das duas viagens que já tinha feito (estas doações valem), deixando-lhe a escolha de qualquer dellas. A alma preferiu a jornada a pé e salvou-se.

Como se vê, em Canavezes a superstição já está christianisada; mas vamos encontra-la noutra parte na sua forma mais nua. Contou-me o snr. Abbade de Sobreposta (c. de Braga), que em Ruivães (c. de Vieira) ainda não ha muitos annos se mettia no caixão dos defunctos uma moeda de cobre, para que os mortos podessem pagar «a passagem da Styge». Tão assombrosa me pareceu a conservação da palavra, que lhe pedi o favor de me tirar o ponto bem a limpo. Respondeu-me, passado tempo, que não havia a menor duvida — o dinheiro era posto no caixão para «pagar a passagem da lagôa Styge».

Por fim de contas, a vitalidade deste nome não é mais admiravel que a da palavra — *manas*. Na *Revista de Guimarães*, n.º 4, anno de 1886, conta-se a *historia* d'uma alma penada, que, por andar associada com seis *manas*, podia, forçada por ellas, fazer mal a uma pessoa querida. Estas *manas* não são senão a corrupção da palavra *manes*.

Não sei que no Minho o dinheiro de Charonte seja ainda depositado nas tumbas; mas, segundo me affirmou o snr. Abbade de Sobreposta, em Espinho (c. de Braga) a costumeira ainda estava em uso, quando o actual parochio tomou conta da freguezia. ²

2. Ao sol poente

Vou-me despedir de vós,
Adens, sole (*sic*) que te vaes;
Deixas-me ficar sosinha
No meio dos pinheiraes.

Oh! sole, torna amanhã,
Eu quero-te ver nascer;
Só a vós é que eu adoro,
Só por vós quero morrer.

Esta oração diz-se, olhando para o sol poente, e só áquella hora. Em qualquer outra, é peccado.
(Ouvida a uma velha de Pedralva, c. de Braga).

F. MARTINS SARMENTO.

¹ E' outra crença popular no Minho que a alma tem liberdade de voltar á terra, para acompanhar o corpo á sepultura.

² Sobre o *dinheiro de Charonte*, cfr. tambem Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Portugal*, §§ 230 e 342-3.

IX

NOTAS PHILOLOGICAS

1. Allitterações vulgares

Ha grande número de *phrases feitas* na nossa linguagem familiar, nas quaes se descobre um certo principio de allitteração. Esta tendencia não tem nada de especial em português: encontra-se já em latim e nas linguas romanicas e germanicas; todavia reuno aqui alguns exemplos nossos que agora me occorrem:

- «O remedio não está em *Roma*»;
- «A *deus dinheiro*»;
- «E' o *bom* e o *bonito*»;
- «Dens não castiga com *pan* nem com *pedra*»;
- «*Vai* na *vela*»;
- «*Mata-mouros*»;
- «*Mal-me-queres*» em vez de «bem-me-queres»;
- «Nem rei nem *roque*»;
- «*Quebra-costas*»;
- «Qual *cabaca!*», «qual *carapuça!*»;
- «Come e *cala-te*»;
- «Caro *custa* o *que* bem *sabe*».

Attribuem-se tambem a várias terras certas qualidades que se enuncião allitteradamente, como: «A Guarda é *farta, feia, fria e forte*». De outras terras diz-se ainda que teem «*padres, pêras, etc.*»

A repetição da lettra inicial faz com que se fixe melhor a palavra cujo sentido se deseja exprimir. Está aqui o germen da rima, que resulta assim de uma longa evolução, pois a um fim primitivamente utilitario, embora já traduzido por forma rythmica, correspondeu mais tarde uma alta perfeição esthetica.

2. Etymologia popular

A's etymologias populares já conhecidas podem juntar-se mais estas: «nem rei nem *roca*», onde *roca* está em vez de *roque* (Porto); «*ver-se em papos de aranha*» (por *palpos de aranha*, como já em Lisboa se começa a escrever nos jornaes e até nos cartazes); «*atirar duas sôlhas*»¹, onde *sôlhas* está em vez de *sôcos*. O meu amigo Gonçalves Vianna ouviu dizer *diabrêtes* por *diabêtes*. Tambem em Lisboa se diz popularmente *Jardim jiologico* (geologico) em lugar de *Jardim zoologico*; aqui a etymologia popular foi singularmente auxiliada pela phonetica, pois a pronúncia vulgar pedia «*ziologico*» por *zoologico* (zu-u-lô-gi-co).

J. L. DE V.

¹ Th. Braga, in *Cont. trad. do povo port.*, t. 203.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

Vestigios das antigas linguas da peninsula iberica. — Primeiro artigo — por F. Adolpho Coelho. Porto 1886 (extr. da *Revista de Guimarães*, III, 169-189).

M. Adolpho Coelho est un des meilleurs linguistes de notre temps, rompu aux méthodes de la grammaire comparée, au courant de tous les progrès de la science, qu'il aide en même temps à faire progresser davantage. Mais il ramène tous ses travaux à l'étude de son propre pays, de ses origines linguistiques et ethnographiques : et, lorsqu'il pouvait écrire des livres sur des sujets généraux et qui en imposeraient au grand public, il préfère se consacrer à des monographies d'un caractère circonscrit à la péninsule ibérique. M. Coelho fait de l'érudition patriotique. Tel est le caractère de sa récente dissertation, dont le sujet est limité pour être traité avec précision et utilité ; car, dans la reconstruction d'un passé peu connu (et peut-être peu connaissable !) on ne va sûrement qu'à la condition d'aller lentement.

Cette brochure se divise en deux parties. Dans la première M. Coelho analyse et critique les plus récentes publications sur la linguistique et l'ethnographie anciennes de la péninsule. Parmi elles figure une dissertation du R. P. Fidel Fita qui est un brillant esprit et un polygraphe plein de mérite, mais qui en linguistique est malheureusement de l'école de la *Tour de Babel*. Dans la seconde partie, M. Coelho réunit les noms des inscriptions hispano-latines qui présentent le suffixe *-aico*. Il montre que ce suffixe est fréquent dans la péninsule, et qu'en dehors d'elle il ne se rencontre qu'en Grèce et à l'état sporadique. Il constate en outre que ce suffixe est apparenté à des suffixes usités dans les langues celtiques, et il conclut avec très grande vraisemblance que ce suffixe *-aico* appartenait à une langue formant un dialecte celtique, mais éteinte sans laisser des traces littéraires.

Ce résultat nous paraît certain, et, pour être limité à un détail (*in tenui labor*), il n'en a pas moins son utilité ; car la science est formée par l'accumulation de petits faits ; et un fait bien établi vaut mieux pour elle que de brillantes théories construites dans les airs.

H. GAIDOZ. ¹

¹ [Este artigo foi, a meu pedido, escrito expressamente para aqui pelo sr. H. Gaidoz, fundador da *Revue Celtique* e redactor de *Mélanges*. Os leitores portuguezes da *Rev. Lusit.* com certeza folgarão de ver o trabalho de um escriptor nacional julgado com tanto elogio por um homem da competencia do sr. H. Gaidoz, que, além de ser um philologo eminente no dominio das linguas celticas, é um ethnologo de primeira ordem. — J. L. DE V.]

Anteckningar om Folkmälet i en trakt af vestra Asturien Akademisk Afhandlingen af Åke Wison Muntke. Upsala 1887. 1-98 p.

Numas poucas linhas preliminares que antecedem a Introdução a este interessante trabalho sobre o dialecto asturiano, tão pouco estudado por emquanto, diz-nos o sr. Muntke que na sua viagem de estudo a Hispanha, no anno de 1886, se deteve algumas semanas nas Astúrias, com o propósito de adquirir algum conhecimento do dialecto, tanto aproveitando-se em Oviedo do que sobre ele encontrasse escrito, como também para ter occasião de o observar, por conta própria, entre o povo das serras que demoram a sudoeste da provincia, dando a preferéncia a esta parte do país, por ser aquella em que nenhuns estudos dialectais se hão feito até agora.

Confessa ainda o sr. Muntke que os resultados que apresenta ao público são desconexos e incompletos, como era natural. Diremos todavia que neles transpuz muita finura de observação, rigoroso método e conhecimento bastante notável da melhor bibliographia moderna e modernissima peninsular, relativa aos dialectos respectivos, e entre essa bibliographia vemos citados, no decurso do opúsculo e principalmente no curiosíssimo vocabulário critico que o remata, os nomes já nestes estudos dialectológicos bem e merecidamente conhecidos de Carolina Michaelis e de Leite de Vasconcellos. Não lhe é menos familiar a pouca literatura asturiana, sendo «El Evangelio segun San Mateo», publicado pelo Príncipe L.-L. Bonaparte em 1861, citado a cada momento, e comparadas as formas que ali se encontram com as da demais literatura asturiana, berceana, galega e especial castelhana e portugueza, conforme os escriptores onde esta se revela mais espontânea e popular, em Julio Dinis, por exemplo. Vê-se bem que o sr. Muntke estudou com amor e zelo o objecto do seu opúsculo, e trabalhou nele com muito esmero e boa critica, tendo por guia, que nunca perde de vista, o método histórico-comparativo.

Passando em claro, porque o espaço me escasseia, a introdução, a qual occupa umas doze páginas substanciosas sobre os subsidios escriptos de que se valeu o autor, examinarei de relance a parte gramatical e lexicográfica, sobretudo onde encontre alguma observação que mais de perto interesse ao domínio restricto desta Revista.

a) Ortografia

A ortografia empregada na escrita do asturiano é a castelhana, e o autor diz que não se considerou obrigado a usar de transcrição fonética. Se reflectirmos que a pronúncia efectiva e rigorosa não se poderia determinar em todos os casos com segurança, confessaremos que teve razão.

b) Fonologia

O autor faz sobre a pronúncia e valor das letras as observações seguintes, adoptando a excellente nomenclatura empregada por Lundell no *Landsmålsalfabet*¹:

1.º O dialecto differença *e*, *o* fechados de *e*, *o* abertos mais decididamente que o castelhana, concuanto o não faça com tamanha regularidade como o portuguez.

2.º O ditongo castelhana *ue* é representado frecuentemente por um ditongo (crescente), cujo valor é próximamente o de *uá*, pendendo para *uó*, e o sr. Muntke nas notas finais compara-o ao *úo* do dialecto mirandês, citando L. de Vasconcellos («Flores mirandezas», p. 33), o que de modo nenhum confirma a primeira affirmativa.

3.º As labiais *b*, *v* ambas figuradas por *b*, representam cuási sempre a fricativa bilabial sonora, (*ß* de Lundell, *w* de Schuehardt, isto é, tem o valor do *b* medial portuguez e castelhana).

¹ Ja «Nya re Bidrag till kännedom om de svenska Landsmålen ock evenskt Folkliif — Tidsskrift etc. 1878.

4.º As outras brandas *d* e *g* são igualmente fricativas, mormente quando mediais; o *d* (explosivo), ordinariamente *postal* (alveolar), é às vezes *supradental* (subacuminal) como o *r suave*.

5.º O *x* é a fricativa surda *dentopalatal*, (isto é o *x* português), concuanto os autores indígenas sejam incertos na descrição que dele fazem.

6.º A africata *ch* é pouco mais ou menos o *ch* castelhano, talvez mais alta (mais palatal?) ainda, e mais *apical*, aproximando-se por vezes da seguinte.

7.º A africata, representada pelo autor com *ts*, é por ele definida como *ts supradental*, (é portanto proferida no ponto em que se pronuncia o *r* de *caro* e o *s* heirão e transuontano, equivalendo pois ao *ts* dos Vasconços, que também tem *ts*, representado por *tz*, e o *ch* 1), pósto que o primeiro elemento, *t*, pareça não ser forte (surdo?)

8.º O *s* sonoro (2) ouve-se antes de *b*, *g* e depois de *i* «atraído», como em *beiso*, *queiso*; (não nos diz, porém, se o *s*, quer surdo, quer sonoro, é, ou não, supradental, como parece que será, atendendo a que é diferenciado de *z*, cujo valor também ficamos ignorando).

9.º *n* final é gutural, menos porém que *ny* sueco (ou alemão, inglês), tendo também esse valor antes de *g*, *k*. (O autor formula a hipótese de que o *n* apical, em fim de vocábulo, se limite ao centro da Hispania, sendo gutural a pronúncia do *n* na Andaluzia, em Murcia, etc., e cita em abono desta hipótese o Prof. Storm (Engelsk Filologi) e o Dr. Schuchardt, que affirmam ser essa pronúncia jeral, na Andaluzia o segundo, e na Andaluzia e Estremadura o primeiro. Conheço os passos citados, e com respeito ao dialecto andaluz expus em tempo as minhas dúvidas 2; o Dr. Schuchardt, em carta a mim dirigida, insistiu, porém, na sua affirmativa, a aceitar a qual, depois de mais cuidadosa observação, estou hoje mais propenso. E' por outra parte fora de dúvida, como diz o autor, que *n* final e *nh* galegos são também *n* gutural, pelo menos em alguns pontos

Sobre as vogais átonas, vemos que o castelhano é representado por *u*, como em português (conquanto escrito *o*) e no galego meridional; como final, porém, isolado ou principalmente antes de *s*, e ainda em outras situações, é em alguns falares figurado por *o*, cujo valor todavia parece não estar perfeitamente averiguado.

Semelhantemente, ao e átono castelhano corresponde no asturiano *i*, mais como tendência do que como facto decisivo, sendo porém o *e*, em todo o caso, muito fechado, e ouvindo-se o *i* principalmente antes de cons. nasal (*m*, *n*, *ñ*), de vogal e em conjunção com uma consoante palatal: é digno de menção que em todas essas situações coincide nestas leis fonológicas o asturiano com o português, conquanto em relação à primeira o dialecto literário divirja. Por outra parte *e* átono inicial passa a *a* (surdo?) como no mirandês, mormente antes de *r*, no que se dá também coincidência com o português popular. Assim, a imitação do português popular, sobretudo no norte, *e* átono passa ordinariamente a *u* em conjunção com labial.

Isoladamente, encontramos analogia com o português no tratamento das átonas em *catalismo*, *chiculati*, *Ulaya* (Eulalia), *Usebío* (Eusébio), etc. Manifestou se também a aférese do *e* da preposição *en*, em *nel*, *no*, *naquel*, etc. Em opposição com os demais dialectos românicos da península, nos vocábulos começados por *s* impuro não houve a prótese de *e*, no que está de accôrdo com o port. do norte.

Encontra-se acrescentamento de vogal intercalar entre muta e líquida (suara-bácti), como em português, em *cal-bicha*, «[a]ravelha», e perda de vogal, ao contrário, em *Cruña*, *aelana*, «Corunha», «avela»: cf. *c'róa*, *c'ronha*.

Nas vogais tônicas notaremos *mañena*, «manhã», português popular *manhã*,

¹ Veja Prince L. L. Bonaparte «Le Verbe Basque en Tableaux» — Londres, 1859; item: «Initial Mutations in the living Celtic, Basque, Sardinian and Italian Dialects», p. 79 («Transactions of the Philological Society»). Este precioso trabalho de fonologia comparada, bem como os primeiros folios do primeiro citado, devo-se a extrema generosidade do illustre e venerando glotólogo, pois que separados, por ser a drajem escassissima, infelizmente elles não estão à venda, e são difficilissimos portanto de obter. Pela espontanea offerta destas e de tantas outras interessantissimas e eruditas publicações suas aqui lhe tributo a homenagem devida de muita gratidão, e a confissão do muito que por ellas tenho aprendido.

² In *Positivismo*, vol. IV, 1882, p. 73.

exemplo único talvez de *ê* fechado final, e que é devido sem dúvida à concorrência de duas leis fonológicas, dissimilação da vogal átona *a* e assimilação à nasal palatal.

É digna de igual reparo a atracção de *i* nos ditongos *ái, íi, ói, úi*, por *ái... í, é... i, ó... i, ú... i*, idêntica à que se deu em português e galego, como em *beisu*, «beijo», *baqueiru*, «vaqueiro», *salmoira*, «salmoira»; *au* todavia não passa a *oi*, permanecendo em *ou*: parece pois que a identificação que se deu de *o... i* e *au* para *oi*, *ou* em português escapou o asturiano.

Interessante é igualmente o ditongo *ie* passar na última sílaba a *ia*, como em *diaz*, «dez».

O ditongo crescente escrito *ue* representa propriamente *uó*.

Com respeito à permutação de consoantes entre o castelhano e asturiano notamos coincidência entre as formas ast. e port. *manteiga*, *sabugu* por ex.: comparadas com as cast. *manteca*, *sauco*.

m por *b*, e vice-versa.

h inserto para evitar hiato, *abuey* por *aney*, «hoje».

Em jeral ao *f* latino corresponde *f*, e não *h*, nos falares ocidentais, e *j* (a fricativa gatural castelhana) nos orientais.

d cai entre vogais e quando final, como no andaluz principalmente, e no falar popular de Madrid.

x corresponde ao *j* castelhano da ortografia actual.

A africata *ch* corresponde em jeral a *cl, pl* latinos iniciais, *ll* castelhano, *ch* português e galego, e a *cl, tl, pl, gl, li...*, port. *ll, l* em qualquer situação.

A africata peculiar do dialecto, marcada pelo autor com *ts*, corresponde a *l* inicial, e a *ll* (*l, ll*) entre vogais.

O *y*, isto é *i* consonans, vemos que é inicial antes de *e, i*, e medial para evitar hiato, como em *yir*, *ryído*, «ir», «ouvido».

güe (= *gué, gu-é*) por *bue*, ex.: *güeno*, cast. *bueno*: o mesmo em andaluz.

g inserto para evitar hiato, *almugada*, «almofada».

O *r* das terminações dos infinitos dos verbos cai não só antes do *l* do pronome objectivo da 3.^a pessoa, como em português, mas também antes das iniciais dos outros pronomes enclíticos: *querela, lenesi, chamáti*, etc.

O *u* permanece entre vogais.

Outras observações interessantíssimas acêrca da fonologia deste dialecto passo em claro, para não alongar nimiamente esta análise.

c) Morfologia

Nas notas morfológicas vemos que também neste dialecto são dados femininos em *-a* aos adjectivos em *-és*, como *muntés, muntesa*.

Os paróxitonos cujo tema é em *-ino* fazem o singular em *-in*, o plural em *-inus*, como *piquinín, piquinínus*, e o feminino em *-ina, piquinína*. Os nomes terminados em *ey* tem o plural como em português e castelhano antigo, e não em *-es* como no cast. moderno, ex.: *rey, reys*, cast. *rey, reyes*.

Ha bastante concordância entre as formas dos pronomes pessoais asturianos e as dos portugueses, o que se pode ver do quadro seguinte:

you, eu, *mí, mín*, mim, *me, me*, *cunigu*, contigo.

nós, nós, nus, nos.

tú, tu, tí, ti, te, te.

bós, vós, bus, vos.

él, elle, lu, [l]o } *tsé, tsí, lhe*.

etsa, ela, la, [l]a }

etsus, eles, lus, [l]os }

etsas, elas, las, [l]as }

Os pronomes possessivos conjuntivos declinam-se com o artigo como em português, italiano e antigo castelhano; ex.: *el mín, lus mínus, la(s) nuesa(s)*.

Os pronomes *cual, tal* são declináveis, *cuala, tala*.

São interessantes, como observa o sr. Muntke, as formas *dalgún, dengun*, em vez de *algun, nengun*, que também se empregam.

O numeral *dous* faz no feminino, como em português, galego e antigo leonês, *duas*.

Permanece ainda a terminação *-des* da 2.^a pess. do pl. do indic., conj. e imper. dos verbos, (forma, cujo emprêgo em português se limita desde o xv século a verbos monossilábicos), sobretudo se não está precedida de *-a*: assim, *queredes*; mas *falais*, *falay*, etc.: cf. *vedes*, *daís* em port.

A 2.^a pessoa do plural do preterito é em *-es* (*-is*) como em português, e não em *-eis*, como no castelhano. A 1.^a e 3.^a do singular são: *ey*, *ôu* na 1.^a conjugação: na 2.^a e 3.^a conjugações a 3.^a pess. sing. é em *êu* ou *lu*, havendo-se consequentemente confundido a conjugações em *-er* e *-ir* como no castelh. (*ió*), emquanto que em português comum e galego se conservam distintas. Esta confusão alcança o pretérito do subjuntivo.

A terminação *-e* da 3.^a pess. pres. suprime-se jeralmente: assim: *sal*, *güel*, *quier*, «saí», *cheira*», «quere»¹, cast. *sale*, *huele*, *quiere*.

Os verbos em *-ecer* conjugam-se como em português, *cunozu*, «conheço»; *merezu*, «mereço», e não como em castelhano *conozco*, *merezo*.

A vogal do infinito dos verbos em *-er*, *-ir* não cai no futuro e condicional, como em castelhano frequentemente acontece, ex.: *habirá*, *tiniria*, cast. *habrá*, *tendría*.

Os verbos *dar* e *estar* fazem no presente *dou*, *stou*, como em português.

E' curiosa a coincidência entre o português popular e o asturiano na forma *somos*, por *somo*, que também lá é usual.

Entre as particulas vemos, como em galego e transmontano (*Rev. Lus.*, p. 218), *sei-quí*, no sentido de «talvez», o que confirma a segunda origem que attribui a este (*sei* + *que*) vocábulo, ficando prejudicada portanto a primeira (*sei* + *cá*).

O sufixo augmentativo mais jeral é *-ou*, *-ona* e o diminutivo *-in*, *-ina*; há porém outros também usuais, com exclusão todavia euási completa dos vulgares castelhanos *-ico*, *-ito*. Coincide portanto o asturiano com o galego e português do litoral.

São frequentes os sufixos *-eira*, *-era* para nomes de arvores; concorrem, porém, com *-al*, sufixo feminino, que, masculino, é o mais usado em castelhano.

O colectivo *-êu* de arvoredo corresponde aos portugueses *-eda*, *-edo*, *-al* como em *castañalêu* (= *souto de castañalis*), «castanhãl», «souto de castanheiros», em castelhano *castañeda*.

Aos sufixos verbais *-ear*, *-ejar*, castelhano *-ear*, corresponde em asturiano *-izar*; ex.: *bucizar* «bocejar», *bocear*.

d) Léxico

Perecorrei agora as interessantes e copiosas notas lexicográficas, advertindo primeiro que não sei explicar o fundamento que o autor teve para intercalar os vocábulos começados por *ts* entre *ch* e *d*. Não sendo elles inscritos depois de *t*, o melhor fôra incluí-los logo depois de *ll* (= *lh*), som do qual o da africata *ts* parece ser modificação análoga à de alguns dialectos romanches², correspondendo etimologicamente a *t* inicial.

ah, interjeição de vocativo, comparada a *hou* em Jil Vicente, e a *ó* do português moderno. Em Albandra, a 20 quilómetros de Lisboa, a interjeição vocativa é também *ô*, e toda a frase é proferida em tom ascendente, como se fôra interrogativa, por exemplo: *ô senhora Maria!* = «ó senhora Maria!»

beiru: *pune'si à beiru*, abrigar-se, *recolher-se* da chuva; o verbo *abeira'si* significa «aproximar-se», como em português do norte *abeirar-se*.

O autor chama a atenção para a expressão portuguesa, *não ter leira nem*

¹ E' uso escrever-se em português *quer* por *quere*; a junção dos accusativos dos pronomes pessoais da 3.^a pessoa, *quere-o*, *quere-a*, mostra quanto é errônea esta grafia: efectivamente, creio que ninguém, no sul pelo menos, escrevera *quê-lo*, *quê-la*, que resultariam inevitavelmente da grafia *quer*, se fosse correcta. [Na Beira, etc. *quê-lo* é a forma litter., e *quere-o* a popular—J. L. de V.]

² V. Th. Gartner, «Raetomanische Grammatik», Heilbronn, 1883.

beira, na qual *beira* parece significar «abrigo». E' duvidoso, porém, se o vocábulo primeiro é *leira* ou *eira*, sendo este último o mais vulgar em Lisboa.

bádru, e não *bádris*: o mesmo no português moderno *vidro* comparado ao antigo e ao cast. *vidrio*.

bierzu: o autor cita a forma portuguesa antiga *brego*; é porém necessário acrescentar que é usualíssima ainda hoje na Estremadura esta metátese do *r*.

bintana, «janela», *bintam*, «janelinha». Diversificação de jénero gramatical para indicar alteração de forma ou dimensões: formação portuguesa muito conhecida, como por exemplo em *canêlo* de *canela*, *cortêço* de *cortiça*, *caldeiro* de *caldeira*, etc., e *vice-versa*, *capota* de *capato*, *poça* de *poço*.

blincu, «brinco», pingente pequeno de orelha: grandes chamam-se *prindengas*. V. *Rev. Lus.* p. 215, *pendengues*.

burru, cavalo. Em toda a Beira se chama *burro* a qualquer animal de tiro.

canada, «vaso de madeira cavado para nele se munjir o leite». Cf. *canilha*, no vocabulário de Rio-Frio, (*Rev. Lus.* p. 206).

cêu (*cêu* ou *cêu*?) cedo. E' de sentir que o autor não differenciasse por qualquer sinal os *ee*, *oo* fechados dos *ee*, *oo* abertos.

clis, «erise», obscurecimento do sol, e em jeral qualquer fenómeno natural extraordinário. E' conhecida a etimologia *eclipsis*, concuanto o autor, por isso mesmo talvez, a não indique.

corti, «côrte», estábulo.

cueltsu, regação: a mesma alteração de significado recebem em português e galego o vocábulo *colo*, e o autor adverte que o castelh. *cuello* não adquiriu esta acepção, que é comum aos três outros dialectos hispânicos.

currielsu, «pocilga»: o autor, indicando o castelh. *corro* e *corral*, esquecem-se de citar o port. *cortelho*.

chueca, «choca», chocalho. Em galego *choca*, francês *cloche*. Em cast. diz-se *cencerro*, o que tudo adverte o autor.

deda, forma interessante para designar o dedo (grande) do pé: differenciação de jénero gramatical, como em *bintam*, e no port. *queija*, de *queijo*.

desquí, «visto que»: o autor cita o português *desque* (por *desde que*).

doíru, «riba», com terreno mais alto adjacente. O autor pergunta se haverá alguma relação entre este apelativo e o nome do rio *Douro*, cast. *Duero*.

(*e*)*scalada*, «escada», que é contracção de *escalada*, como é sabido.

(*e*)*sperriar*, «espirrar», em português e em galego.

(*e*)*staduchiu*, «estadulho», gal. e port., «fueiro».

(*e*)*squeicer*, «esquecer».

faritsus, «farelos», tanto em português como em galego, para o qual o castelhano tem *salvado*, que também se emprega em asturiano com a forma pl. *salváns*.

Farruco, «Francisco», usado também no Minho.

feisuelo, «feijão», galego *feixoo*, *feizon*.

ferruñu, «ferrujem», *enferruñá si*, «enferrujar-se». O autor cita o galego *feluxe*, portug. *feluxem*. (Veja-se *Rev. Lus.* p. 211, n.º 2).

fulquera, «feto». E' digna de attenção a nota a respeito dos nomes locais formados com o radical d'este vocábulo ou dos seus correspondentes galegos e castelhanos: a essa lista poderemos acrescentar os portugueses, como «Felgueiras», «Falagueiras», «Folgosas», «Feitosa», «Feital», etc.

furami, «buraco quadrado na madeira». Cf. o italiano *forame*, que o autor não cita. ¹ E' o lat. *foramen*.

furaco, «buraco». (Sobre a permutação entre *b*, *f*, *m* veja-se p. 205 e 211).

furadu, «forcado», cast. *horquilla*.

ganzu, «palito seco de urce para alumbrarse». Cf. *guíço*, *Rev. Lus.* p. 212.

¹ Breve portugio dentro alla muda
Che per me ha il titol della fame,
E'n che conviene ancor ch' altri al ebuda,

M'avea mostrato per lo suo forame.

Dante, *Inferno*, XXXIII, 22-25.

minal (de *manal*, *manuale*) «mangual».

minin (el *didu*), «o dedo meiminho», galego *dedo meniño*, *meniño*. O autor compara-lhe o voc. port. *menino*.

murgazu, «lixo». O autor compara-lhe o galego *murgueiro*, «monton de paja de mijo menudo antes de mazarla», que já citei a p. 214, em *murgonhos*.

nuebu, «novo», «moço», como em port. e galego.

o! (provavelmente um tanto nasalizado, diz o autor) abreviatura de *home*, «homem», que assim interjectivamente é vulgar em port. e galego.

papon, «papão», galego *papon*; catalão *papo*, que cita. A definição que dá do significado próprio d'este vocábulo no dialecto galego mostra que equivale no emprêgo ao português *bicho*, «insecto qualquer, que no se le sabe el nombre ó causa repugnancia».

picchar, «fechar á chave», galego *pechar*. Segundo o autor, conformando-se com a indicação de Carolina Michaelis («Studien zur hispanische Wortdeutung», *sub voc.* «macho»), é o mesmo vocábulo que o português e galego *fechar*, e relaciona-se com *pestulum*, *peasulum*, *peas'lare*.

piértigu, «a vara mais curta do *minal*». Veja-se *pêrtego*, *Rev. Lus.* p. 215. O autor cita a formação, que diz beirá, *pirtigo* (*pirtigo*), «a vara mais pequena do mangual». O «Diccionario Contemporaneo» diz, não sei com que fundamento, que *pirtigo* é, pelo contrário, «a vara mais comprida».

piesecu, «pêssego». E' conhecida a etimologia deste vocábulo, [malum] *persicum*. A grafia usual portuguesa *pecego* é manifestamente falsa.

pingar, «pingar»: o autor cita uma expressão, que é também portuguesa, com referência a chuva: *ta pingandu*. *Pingu*, «pinga»; «pingo» (gordura), castelhano *pringue*. O autor sujeira em nota um latim *pendicare*.

pita, «galinha»: V. p. 215. E' vulgaríssimo o vocábulo no norte de Portugal.

prigueira, «pastor»; port. *pegureiro*, galego *pecoreiro*, ital. *pecorajo*: latim *pecus*, -oris.

quizabis, «talvez»: é o português, desusado actualmente, *quizá*, castelhano *quizá(s)*, ainda de emprêgo frequente.

requero, «regueiro», riacho. «el asturiano llama *requero* al arroyo que pasa por valle entre dos montes.» *Riegu* corresponde ao português *rêgo*, «sulco».

resclabu, «pêgadas de cavallo». Talvez, diz o autor, em vez de *rescrabo*, *rescarbo*, que corresponderá ao português *escarvar*, castelh. *escarbar*. V. *Rev. Lus.* p. 218.

resgar, «rasgar». Ao autor não occorreu que a forma portuguesa vulgar é *resgar*, *resgo*.

rinchar, «relinchar»: citando o cast. antigo *reinchar*, esqueceu-lhe o português vulgar *rinchar*.

roucu, «rouco»: forma portuguesa, galega e asturiana que falta no castelhano, onde deveria ser *roco*.

tarabica «t[ra]ramela», galego *taravela*, cast. *taravilla*. O autor põe em dúvida a etimologia apresentada por Carolina Michaelis, *trabilla*, de *traba*, *trabar*, que aliás me parece aceitável, e que ministraria mais um exemplo de permutação entre *b*, *v* e *m*. Sôbre o *a* intercalar de *tara*... veja-se *Rev. Lus.* p. 214, e confronte-se *cara pinteiro*, *escaravella*, *carapela*, etc.

toucin, «toucinho». E' interessante a nota em que o autor aproxima este vocábulo e os seus derivados ao galego *tousa*, «pedaço de códea», e ao aragonês *toza*, e português *touça*.

truëbanu, «cortiço». Cf. *troba*, p. 220.

tsieldu, «elevadura», galego *lévedo*, a mesma acepção.

tsoru, «loro», «correia».

tsota, «molho pequeno de gabelas». O autor supõe ser forma aparentada com o port. cast. *lote*. Temos também *lota* «de pescaria para venda em leilão».

tsousa, «pedra chata»: é o português *lousa*, que o autor não cita.

tsubietsu, «novêlo». O autor deriva não só este vocábulo mas também o português e galego *novêlo*, e ainda provavelmente o castelhano *ovillo*, do latim *glo-bellum*, citando como termo de comparação *lande* de glandem. Outra derivação que me parece admissível é *ovillo*, *ovêlo* serem diminutivos de *ouum*, e estar *novêlo*, portanto, por *ovelo*, provindo o *n* da junção do artigo *un*, como em *no-*

jo por *enojo* = in odium. E' todavia fora de d'úvida que [g]lobellum explica todos estes vocábulos, admitindo-se a influência de ouum para a forma castelhana, e que assim poderia ser preferida esta etimologia, que o Dr. Júlio Cornu tem por indiscutível, indicando-me que globellum se encontra em Isidoro Hispalense.¹ *tsuenzi*, galego *lance*, português *lanje*, que o autor, aliás correctíssimo, cita errado, attribuindo-lhe a forma galega.

tucu, parte leñosa da maçaroca do milho: compara-lhe o cast. *tocon*, port. *toco*.

uz, «*urze*».

xabaril, «javali». Cita o português antigo *juvaril* e o moderno *juvali*, mas não a forma alentejana *javardo*.²

xantar, «jantar», a principal comida durante o dia.

ziplar, *assobiar*, de ad-sibilare, castelhano *chiflar*, *silbar*.

Fui mais extenso do que talvez conviria, e apenas fiz citação dos vocábulos que me pareceram ofereceriam maior curiosidade a leitores portugueses. Concluo re-commendando a leitura d'este trabalho, serio e importante, a todos os que se interessam nos estudos de dialectologia românica.

GONÇALVES VIANNA.

II

PERIODICOS

Revista do Minho para o estudo das tradições populares, publicada por José da Silva Vieira. Barcellos 1887-1888. Vol. m. — O vol. 3.º readquiriu o formato e a feição do 1.º (cfr. *Rev. Lus.*, pg. 95); continúa encerrando artigos de interesse ethnographico, como poesias, superstições, contos, adivinhas, etc. Farei apenas algumas notas avulsas. No n.º 2 vem uma serie de cantigas ao S. João e S. Pedro, que são curiosas, pois nella se revela mais uma vez o processo que o povo emprega para de um pequeno thema e de um limitado numero de composições fundamenteas deduzir toda uma serie extensa: por ex., esta ideia das *môças darem com S. João*, que se encontra simples e com uma variante nestas duas cant. beirãs:

S. João adormeceu
Nas escadinhas do côro
Derão as môças com elle,³
Depenecaram-no todo

S. João adormeceu
Nas escadas do colleijo,
Deu a Justiça com elle,
S. João tem privileijo

apparece egualmente na *Rev. do Minho*:

S. João de Miragaia
Foi passear p'ra Lordello,
Derão as môças com elle
Teve de vir em cabello.

O S. João d'Espozende
Foi p'ra Braga num carrinho,
As môças deram com elle
Lá ficou escondidinho.

¹ *Gubellum*, corrupte à globo dictum por diminutionem, quasi globellum — Isid. Hispal. Episc. Originum sive etymologiarum liber XIX, cap. XXIX. Parisiis MDLXXX, f. 139 v, col. II.

Como se vê, porém, o verdadeiro vocábulo é *gubellum*, e *globellum* pura conjectura etimológica, como muitas do d'outo bispo. Voltarei em breve a este assumpto.

² V. Dozy et Engelmann - Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe, sub voc. *JABALI*.

³ Uma var. d'este verso é «*Derão as freiras com elle*».

Em geral as cantigas populares podem reduzir-se a um certo numero de formas typicas d'onde todas as mais derivão; tentarei esse trabalho noutra occasião. As cant. 8, 9, 15 e 16 parecem-me semi-populares, isto é, não receberam ainda bem o cunho d'esta espécie de poesia, estão em via de transformação. A collecção não tem notas da terra a que pertence; pelas localidades a que allude, e por certas rimas, concluo que é de Entre-Douro-e-Minho. Nellas rima *Valbom* com *illuminação*, e *S. João* com *bom*; em todas estas palavras se deve mudar a terminação *-om* e *-ão* em *-um*, que é assim a pronuncia interamnense.— N.º 3: *cantigas do Natal* recolhidas no Alentejo por A. Thomás Pires; parte d'ellas parecem-me modernas, mas ha ali muitos elementos populares antigos, sendo até as ultimas quadras curiosas pela familiaridade com que o povo fallia a Jesus e o identifica com os proprios usos da vida:

O' meu amado menino,	O' meu menino Jesus,
Alfaiaatinho do ceu,	Minha ginja garrafal,
Dae-me um dos vossos retalhos,	Sereis o meu confessor,
Para fazer um mantem.	Farei confissão geral.

E'sta collecção continúa em n.ºs seguintes. A primeira das cant. transcriptas tem a seguinte variante na mesma collecção (fascic. 5.º):

O' men menino Jesus,	Mandae-me lá d'esses ceus
Alfaiaatinho sob'rano,	Um retalhinho de pauno

o que está de harmonia com o que eu disse acima a respeito da adaptação e derivação morphologica. Na cantiga

O' mè menino Jasus,	Olhou para mim,
Boquinha tão doce...	Dormiu e ficou-se

a palavra *ficou-se* deve emendar-se em *fiço-se*, como a rima e a pronuncia local pedem (tambem deve ser *olhô*). Semelhantemente ao que se passa no Alentejo, é costume nas igrejas da Beira, por occasião das novenas do Natal, cantar certos versos feitos ás vezes *ad hoc* por algum curioso, embora entremeados de elementos tradicionais como no caso presente. No mesmo fasciculo 5.º vem a seguinte quadra:

Sou cigana do Egypto,	Hei-de furtar o Deus menino
Minha sina é roubar:	Pr'a minh'alma se salvar

que mostra notavelmente o caracter dos ciganos — o roubo; a esse caracter se refere um conto hispanhol no mesmo fasciculo, e elle se deduz tambem da *lingua dos ciganos do Alentejo* publicada na *Rev. Lusit.*, pg. 4 sqq.

J. L. DE V.

Revista archeologica e historica. red. por Borges de Figueiredo e Alexandre de Sousa. Lisboa, 1887, vol. I, n.º 5 e 6. — Como me falta o espaço, indicarei apenas rapidamente alguns art. mais importantes. N.º 1: *Dias egypcios*, por Adolpho Coelho (art. valioso, mas deslocado nesta *Revista*); *Amuleto luso-romano*, por B. de Figueiredo (achado valiosissimo). E' um amuleto complexo: uma figa tendo do lado opposto um phallus; na parte inferior um pennis sobre o escroto e na superior uma argola. O sr. Figueiredo vê na disposição total uma cruz, o que me não parece muito evidente, e na união do primeiro phallus com a figa a fórnica de meia-lua, o que talvez seja, vista a grande importancia que a meia-lua gosa ainda hoje como amuleto. E' vulgar encontrar no nosso povo amuletos complexos ou associados, como este); *Constituições de Lisboa* do sec. xv. (Encontra-se nella: *cál-leças*, plur. de *cálíce* ou *cálece*. Encontra-se mais *emalheamentos* e *enmalheamentos*, o que prova a pron. *malheamento*, porque, se se pronunciassem os dois *an*, não se escre-

veria m, e vice-versa). N.º 6: *Cippo funerario de Vizeu*, por B. de F. (Interessante pela escultura que traz de uma mulher com túnica franjada, e pelo nome *Viriato* que alli apparece. Como o sr. Figueiredo diz, este nome é vulgar na península. A palavra *viriatu* encontra-se como nome commun em Varrão e Lucillio, vid. *Dioc. Lat.* de Freund s. v. O nosso *Viriato* é pois na origem um homem ornado de *viriae*, bracelete; cfr. Diefenbach, *Orig. europaeae*, 1861, pg. 439. E' como *Torcato*, *Torquatus*, de *torques*, vid. Ad. Coelho, *A ling. port.*, 1.ª ed., pg. 60); *O supposto Brigantium* por B. de F. (O auctor suppõe que a antiga *ordo Zoelarum*, assentou em Castro de Avellãs, ao pé de Bragança, e que *Brigantium* ou antes *Brigantia* foi mais longe. Cfr. *Rev. Lusit.*, supra. Com relação ao nome notarei que a forma ant. de *Bragança* é *Bregança* ainda hoje pronunciada *Brègança* pelo povo da raia; a forma latina é pois *Brigantia* e não *Brigantium*); contin. das *Constit. de Lisboa* (deve emendar-se *porem* de em *por ende* ou *por ende*, forma arch. O verbo *commungar* é empregado transitivamente no sentido de *dar a commungar*: «commungar os enfermos.» Forma curiosa: *Antoninho* diminut. de *Antônio* como se hoje diz na Beira, etc. Nesta parte das *Constituições* (pg. 94 sq.) ha uma serie interessante de superstições que, por serem do sec. xv, tem muito valor).

J. L. DE V.

Galliza, revista regional de ciencias, letras, artes, folk-lore, etc., La Coruña 1887, fasc. 8 a 12 (Ag. a Dez. de 1887).—Nesta revista continúa a inserir-se artigos de litteratura e historia, tendo-se principalmente em vista os interesses da Galliza. Folgo por vêr que ao lado das poesias escritas em gallego vão já apparecendo tambem trabalhos em prosa escritos no mesmo idioma. Cfr. *Rev. Lus.*, pg. 95. Convem aqui mencionar em especial a bella collecção de *Refranes, proverbios y decires gallegos no contenidos en la gramática de Saco-Arce*, muitos dos quaes são iguaes ou semelhantes aos portuguezes, como por ex.:

Longe d'a vista, longe do corazon;
Mentra-l-o pau vai e vén, descanza o lombo;
Morra Maria e morra farta;
Nadie as faga, que, tarde ou cedo, todas se pagan;
Nadie diga: «d'esta auga non beberei»;
Nadie vai ó rio que non se molle [em port.: — *Quem vai á chuva, molha-se*];
N'hai boda próbe, nin mortuorio rico;
N'hai carne sin óso;
Non todo o que relóce é ouro;
O que non mata, engorda;
O que tén lingua, á Roma chega [em port.: — *Quem tem bica, vai a Roma*].

E como estes podião transcrever-se muitos mais, o que prova pelo seu lado o intimo parentesco das tradições callaicas e portuguezas.

J. L. DE V.

Archivio per lo studio delle tradizioni popolari, Palermo 1887, vol. vi, fasc. 1) *Seminazione, mietitura, trebbiatura del frumento* (Sicilia) por G. Pitré. Neste art. ha muitos factos semelhantes aos nossos, como a benção dos campos, os santos protectores da agricultura, a devoção do lavrador ao começar a trabalhar, as cantigas do campo, etc.; cfr. as miúhas *Trad. pop. de Portugal* § 340. «In aprile, ed anche in maggio si raccolgono delle spighe e se ne fa qualche mazzolino per essere offerto a qualche santo (S. Giorgio, S. Alois, S. Sebastiano)». Nas aldeias de Portugal é tambem costume collocar nos altares os primeiros casulos da seda e pendurar nos andores nas precissões os primeiros cachos de uvas. São vestígios das antigas prunicias aos deuses pagãos; Horacio (*Satir.* II, 5) diz ainda:

..... dulcia poma
 Et quoscunque feret cultus tibi fundus honores
 Ante Larem gustet venerabilior Lare dives.

O adagio siciliano *A Giugna — Lì fauci 'n pugna* tem em português a forma *Em Junho — foice em punho*, de que ha variantes noutras linguas. 2) *La leggenda di S. Antonio* por G. P. Traz versoes italianas e uma portugueza (de Elvas). E'sta lenda é ainda muito viva entre nós; noutra occasião me occuparei d'ella detidamente. 3) *Bibliographia paremiologica italiana* por G. Fumagalli (continuação). 4) *Una novellina popolare italiana* por Stanislao Prato. A's variantes portuguezas que o A. traz, uma tirada de Ad. Coelho, *Jogos e rimas infantis*, p. 40-41, e outra das minhas *Trad. pop.*, § 151, eu desejava juntar mais outra, colhida no Cadaval, mas não as tenho agora á mão: nesta variante entra porém um *padre*, o que a aproxima das outras estrangeiras; além d'isso, ao lado do padre, figura a *ama*, o que lhe augmenta o lado satyrico; o nomes dos objectos varião tambem. 5) *Etimologie* por G. Nerucci. As etymologias que este A. propõe, carecem de demonstração. O italiano *danzare* não vem directamente do allemão *tanzen*, mas liga-se com o alto-allemão ant. *dansōn*, como já diz F. Diez, *Et. W.* s. v., e que o A. poderia ter verificado. 6) *Il festino di Gurgenti* por V. S. Gallo. 7) *Usi funebri ciciari* por G. F. Tozetti. 8) *Chansons pop. du Pays-Messin* pelo Conde de Puymaigre (continuação). 9) *Usi nuziali dei contadini toscani* por P. Fanfani. 10) *Novelle pop. nicosine* por Bonelli (em dialecto de Nicosia). 11) *Spigolature pop. monferrine* por Ferraro. 12) *Miscellanea*. 13) *Rivista bibliografica*. 14) *Bulletino bibliografico*.

J. L. DE V.

Revue des patois, recueil trimestriel, consacré à l'étude des patois et anciens dialectes romans de la France et des régions limitrophes publié par L. Clédat, professeur à la Faculté des Lettres de Lyon. Vol. 1, n.º 1, 2, 3 (Janeiro a Outubro de 1887). Conforme a noticia dada na *Rev. Lusit.* pg. 191, publicaram-se já os primeiros fasciculos da *Revue* do sr. L. Clédat. Elles referem-se aos patois gallo-românicos da França, da Suissa occidental, dos Wallons, da Italia e da Hispanha. Diz o redactor: «Il est inutile d'insister sur l'interêt qu'offrent les patois et dialectes, et en eux-mêmes, et par les éclaircissements qu'on en peut tirer pour l'étude scientifique des langues officielles. Nous ajouterons qu'il est urgent d'entreprendre une enquête sur les patois de France; car le développement si heureux de l'ins-truction primaire tend à leur enlever une grande partie de leur originalité en y introduisant chaque jour un plus grand nombre de formes et de tournures françaises» (Pg. 1). Estas palavras podem applicar-se tambem a Portugal. — Os fasciculos publicados encerram muitos textos populares, notas dialectaes e indicações bibliographicas. A notação phonetica diverge ás vezes da empregada noutras Re-vistas e trabalhos analogos.

J. L. DE V.

Revue Celtique, publiée sous la direction de H. d'Arbois de Jubainville, vol. viii, n. 1-4 (Janvier-Octobre 1887) e n.º 1-2: Evans et Loth, *Fragment du Mabronogi de Gereint ab Erbyn*, 2º art.; Ernault, *Etudes bretonnes*; Stokes, *The Siege of Howth*; Dottin, *Mots bretons dans les chartes de Beauport*, 4º art.; Ernault, *La vie de Sainte Cathérine*, texte moyen breton; de Jubainville, *Recher-ches sur l'origine de la propriété foncière et des noms de lieu en France*, 1º art.; MÉLANGES, BIBLIOGRAPHIE, CHRONIQUE. N.º 3: de Jubainville, *La Gaule au moment de la conquête romaine*; Ernault, *La vie de Sainte Nanne*; de Jubainville, *Recher-ches*, etc., 2º art.; Stokes, *The Irish verses, notes and glosses in Harleian 1802*; MÉ-LANGES, BIBLIOGRAPHIE, CHRONIQUE. N.º 4: Ernault, *Vie de Sainte Nanne*, 2º art.; Loth, *The Breton glosses at Orléans by W. Stokes*; Ernault, *Les glosses bretonnes d'Orléans*; MÉLANGES, BIBLIOGRAPHIE, CHRONIQUE. O volume fecha com uma taboa das principaes palavras estudadas (gaulês, irlandês, bretão, gaelico da Escossia e gallês), o que facilita bastante a consulta.

J. L. DE V.

III

VARIA QUÆDAM

Trabalhos recebidos, mas de que a *Rev. Lusit.* se não pôde occupar agora detidamente :

— *O critério nominalístico*. Capítulos de um livro inedito. Lições feitas no *Curso Superior de Letras* ácerca de *Dados anthropológicos na sciencia da Linguagem*, por G. de Vasconcellos Abreu. Lisboa, 1887, 82 pg. — Excelente opusculo em que o dr. Vasconcellos Abreu condensa alguns dos resultados mais geraes da historia natural do homem. O trabalho está feito com muita clareza e escrito com uma correcção classica que raro se encontra nos nossos escriptores de hoje. Começa-se por indicar a relação da anthropologia com a etimologia, a ethnographia, a ethnogenia, etc., e depois expõe-se a theoria da evolução biologica, terminando tudo com abundantes indicações bibliographicas. Se algum reparo o presente opusculo poderia causar aos leitores era a sua inoportunidade numa aula de linguistica, pois o A. remontou muito longe e expraiou-se bastante em questões de origem antes de chegar propriamente ao assumpto, — parecendo que isto ficava melhor num curso de physiologia ou anthropologia; todavia, no caso especial do ensino português, esse reparo desvanecer-se-ha, se se attender á pouca preparação official com que os alumnos se matriculão no *Curso Superior de Letras*. — Espero com o maximo anseio a conclusão da obra.

— *Os argonautas*, subsidios para a historia antiga do Occidente, por F. Martins Sarmento. Porto, 1887, xxxi, 292 pag. com 2 mappas.

— *A historia dos cavalleiros da Mesa redonda e da Demanda do Santo Graal*. Handschrift, n.º 2594 der K. K. Hofbibliothek zu Wien, zum ersten Male veröffentlicht von Karl von Reinhardstoettner. Erster Band. Berlin, 1887, 142 pg. — Cfr. uma critica de G. Paris in *Romania*, xvi, pg. 582 sq.

— *Revue des patois gallo-romans*. Recueil trimestriel publié par J. Gilliéron et l'abbé Rousselot. Paris, 1887, n.º 1, 2 e 3. Cfr. *Rev. Lus.* pg. 191. — Importante publicação, onde o estudo da phonetica tem principalmente desenvolvimento.

— *Revue des traditions populaires*, n.º 7 a 12 de 1887 e n.º 1 a 3 de 1888.

— *Ramalhete de canções populares* collidas no concelho de Espozende por José da Silva Vieira. Espozende, 1887, 15 pg. — Collecção de 50 cant. amorosas, delicadas como em geral todas as nossas neste genero.

— *Romania*, recueil trimestriel consacré à l'étude des langues et des littératures romanes publié par P. Meyer et Gaston Paris. Tomo xvi (1887).

— *Curiosità popolari tradizionali* publicate per cure di Giuseppe Pitre. Vol. iv *Zoologie popolari veneta* raccolte ed. illustrate da Angela Nardo Cibeles. Palermo, 1887, 168 pg. Lire 4 — E' mais uma contribuição valiosa para o conhecimento das crenças, lendas e superstições populares, — e a illustre collectora merece por ella todo o louvor.

— *Ao publico e em geral aos leitores da «Revista Lusitana»*, por J. Barbosa Leão. In-folio de 4 pg., s. l. n. d. — A proposito da carta publicada na *Rev. Lusit.*, pg. 92-93, á qual o sr. Barbosa Leão mandou uma resposta que eu não publico por não estar escrita em termos scientificos dignos de publicação. O sr. Barbosa Leão imprimiu-a pois á parte, fazendo-lhe varios commentarios. Quem, como o auctor, se colloca fóra da sciencia, não é crêdor de discussão: por isso limito-me a dizer que neste seu trabalho o sr. Barbosa Leão continúa a afirmar, de um modo extravagante, não só o seu profundo desdém da philologia, mas uma grande falta de senso critico.

— *Revista archeologica e historica*, red. por Borges de Figueiredo e Alexandre de Sousa. N.º 7 a 12.

— *Revista archeologica*, estudos e notas publicadas sob a direcção de Bor-

ges de Figueiredo. N.º 103. E' a continuação da *Rev.* antecedente, só com mudança de titulo, que assim fica mais exacto (cfr. *Rev. Lusit.*, pg. 188).

— *Annuaire des traditions populaires* Paris, 1887. Publicação da *Soc. des traditions populaires* de Paris, analogo ao *Almanach des traditions populaires* de Eugène Rolland e ao meu *Annuario das tradições populares portuguezas* (1882). Traz bastantes artigos e além d'isso musicas e desenhos.

— *Grammatica portugueza dos lyceus*, por Francisco José Monteiro Leite. Porto. 1887. 247 pg., sendo uma de erratas. Livro sem sciencia nem consciencia.

— *Les gateaux alphabétiques*, par H. Gaidoz. Paris, 1886, 8 pg. (extr. de *Mélanges Renier*). O A. refere-se ao antigo uso de estimular as creanças a aprender a ler dando-lhes pãesinhos ou bolos em que estavam gravadas as letras do alphabeto; cita a antiguidade romana, a Irlanda antiga e a Allemanha do sec. XVIII. Creio ter encontrado nas nossas aulas o vestigio de um uso semelhante, ainda que hoje com o sentido invertido. Castigar as creanças com palmatoadas, diz-se na Beira-Alta e em Lisboa *dar bôlas* e no Porto *dar bôlos*. O castigo tomaria por irenia o nome do premio, como é frequentissimo na linguagem vulgar.

— *Neues Wörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprachen*, por H. Michaëlis. Leipzig, 1887, vi, 737 pg.

J. L. DE V.

Factos estrangeiros que interessam a *Revista Lusitana*:

— A *Universidade de Göttingen*, por occasião da celebração da sua festa semisecular de 8 de Agosto de 1887, concedeu ao sr. F. Adolpho Coelho o titulo de *doutor em philosophia e mestre em artes liberaes* (*philosophiae doctorem et artium liberalium magistrum*). O motivo d'esta concessão foi o seguinte, como consta do respectivo diploma: «quoniam, cum omnem philologiam romanensem auxit scriptis numero permittis, subtilitate conspicuis, tum patriam Lusitanorum linguam, a se primo ad vera artis praecepta exactam, cives altius cognoscendum docet, et popularium litterarum fontes integros aperit, denique pro excolenda et emendanda adulescentiae indigenae educatione et eruditione ardore iuvenile pugnare nunquam cessat.» A *Revista Lusitana* archiva com o maior prazer esse notavel documento do aprêço em que o distincto professor do Curso Superior de Lettras é tido no estrangeiro, e sanda tambem no seu collaborador uma das glórias mais vivas da sciencia portugueza.

— No *Literaturblatt für germ. und rom. Philologie*, n.º 11 (1887) vem uma lisongeira apreciação do prof. Reinhardstoettner ao *Dicc. port. e allemão* da snr.ª D. Henriqueta Michaëlis, indicado acima. Appareceram tambem apreciações in *Deutsche Literaturzeitung*, Nov. 1877, nr. 48, por W. Storek e in *Neuphilologisches Centralblatt*, Nov. 1878, nr. 5, por E. Stengel.

— A *Romania*, xv, pg. 367, referin-se com palavras de louvor á *Rev. Lusit.*, o que agradeço pelos meus collaboradores e por mim.

— Na *Zeitschrift für roman. Philolog.*, pag. 419, sahii um art. do sr. Epiphânio Dias *Ueber die spanischen Laute c, s und j*.

— Nas *Modern language notes*, 1887, n.º 2, sahii uma apreciação de um art. do sr. Adolpho Coelho sobre a *Tradição das sereias*, publicado no *Archivio* de Pitre, vol. iv.

J. L. DE V.

DA ORIGEM DE UM SYMBOLO POPULAR NA FESTA DE S. MARTINHO

Poucos assumptos haverá que se prestem tanto a um estudo de psychologia popular como o dos santos favoritos e o das suas festas.

Nas lendas orthodoxas ha sempre uma parte reflectida, consciante. Comquanto tambem o estudo d'essas — sobretudo das que carecem de base historica — pertença legitimamente ao dominio do folk-lore, aquella parte intencional que todas ellas tem, obriga a dar-lhes um logar separado e por vezes até as attrae para um campo diverso.

O mesmo pôde dizer-se com respeito ás manifestações festivas ordenadas pela Igreja. Não é decerto na symbolica commemorativa, nas allegorias de character puramente moral de que ella compõe os seus cultos solemnes, que se revela o espirito do povo, mas sim nas mil variações caprichosas com que elle, a seu sabor, orna, deturpa muitas vezes, o thema imposto. Da comparação, porém, entre a narração orthodoxa e a sua fôrma vulgar, entre a solemnidade ecclesiastica e aquell'outra parte da festa que se passa fóra do recinto sagrado, facilmente se colhem dados valiosos para a apreciação da mente popular. Ahi se vê como uma formula, um symbolo, pôde conservar-se indefinidamente, comquanto a idéa que presidiu á sua creação deixasse ha muito de ser intelligivel; conservar-se graças a uma imaginação fecunda, que interpreta, a seu modo, sem hesitar, aquillo que lhe é obscuro, tornando, é verdade, mais densas as trevas com os esforços que faz por dissipá-las. Assim é que a fórmula, o symbolo, chega não raro a assumir nas mãos do povo uma significação diametralmente opposta á primitiva, verdadeira.

Em Portugal existe, em relação com a festa de S. Martinho, um costume popular que offerece um exemplo curioso d'aquelle processo de transformação intima, costume cuja proveniencia, enigmatica á primeira vista, é todavia tão clara como historicamente interessante.

Alludimos ao emprego do chifre como symbolo da embriaguez. Este objecto, tão desprezado que não se ousa dar-lhe o verdadeiro nome — *pruderie* aliás exclusivamente nossa — é nessas festas conferido com fingida solemnidade, em guisa de condecoração, áquelle que mais se haja illustrado nos certamens bacchicos das vespéras, ou então posto ás escondidas, satyra pungente, á portó d'algun bebedor emerito, pelos espirituosos da localidade, ou em fim o symbolo é levado em triumphal procissão, pelos «irmãos de S. Martinho», debaixo de um improvisado pallio, como o Sacramento em calix ou custodia nas procissões verdadeiras. O symbolismo attribuido ao chifre naquellas ceremonias grotescas é tanto mais curioso por ser, segundo parece, exclusivo d'ellas.

Este costume, tal como hoje o pratica o povo, é não sómente grosseiro e indecoroso, mas chega por vezes a tocar a raia do sacrilegio e, todavia, na sua significação original, nem sequer profano se

poderia chamar. Não busquemos interpreta-lo pela historia do Santo, pois, nem na sua lenda authentica, nem nas variantes populares, se acha episodio algum que possa considerar-se como origem do symbolismo em que tal costume se baseia. Mais probabilidade haverá de se lhe achar a raiz cavando em terreno pagão, esse terreno fertil onde brotaram quasi todos os usos similares. Pagã é, com effeito, toda a festa de S. Martinho.

Não me consta existir hoje em dia em outro paiz o costume português de que me estou occupando, mas em algumas regiões da Alemanha cosem-se para o dia de S. Martinho certos pães ou bolos aos quaes se dá o nome de *Martinshörner* (chifres de S. Martinho). A interpretação d'este costume tradicional importa-nos, pois que a base mythica d'elle é evidentemente a mesma do costume português. Adolph Wuttke (*Der Deutsche Aberglaube der Gegenwart*) vê nos *Martinshörner* as ferraduras do cavallo de Wodan (Odhin) ou ainda chifres de bode (dos bodes de Thor?). E' certo que no S. Martinho se reconhecem feições do mytho de Wodan, por exemplo o cavallo branco; todavia a explicação d'aquelle mythographo é na verdade demasiadamente artificiosa. A segunda interpretação, pelos chifres dos bodes de Thor — se são esses os que elle tem na mente — seria inadmissivel. Os bodes são com effeito um dos attributos inseparaveis do deus, que até deriva da sua relação para com elles um dos seus epithetos, porém as armas d'estes animaes é que não possuem de modo algum a importancia mythica que a hypothese de Wuttke presuppõe. Salvo erro, em toda a *Edda Saemundar* só uma vez se falla nellas, em *Hymiskvidha*, 7, onde os bodes são chamados «os das armas magestosas». Outros tem trazido ao campo, a proposito dos *Martinshörner*, a opinião de que estes sejam os chifres por onde bebia Thor. Esta aproxima-se do alvo, mas não acerta ainda. Em *Skaldskaparmál*, 16, onde se falla nos vasos por onde bebe Thor, estes vem apenas mencionados de um modo geral como taças (*skálir*), sem se especialisar a fôrma nem a materia d'ellas.

Evidentemente, costumes tão persistentes, tão tenazes como são os dois de que se trata, não podem nascer de uma feição mythica secundaria; a sua base deve ser larga e sólida, uma circumstancia mythica ou cultural da mais alta significação.

Confrontando a historia de um santo, quer ella seja authentica, quer authenticada por decisão ecclesiastica, com a lenda popular — geralmente dispersa em fragmentos — resultará que a segunda se acha sempre tanto mais alterada quanto mais querido elle é; e que além d'isso o povo opera a metamorphose quasi regularmente em sentido jocundo, despidendo a narração de tudo quanto lhe parece demasiadamente austero, e bordando-a com alegres recamos de invenção sua. Não podendo elevar-se à altura d'esses personagens, cuja grandeza moral está a maior parte das vezes muito acima da sua comprehensão, trata de os abaixar até ao proprio nível. O nosso santo é um d'estes favoritos.

Entre os santos populares nenhum de certo o é mais do que S. Martinho de Tours ¹, e nenhum também — com unica excepção talvez de S. João Baptista — é mais geralmente festejado, não só pelo povo português, mas por todas as nações do occidente da Europa, inclusive as protestantes. Tal popularidade, ganha pelo santo Bispo em parte durante a sua vida e entre os proprios contemporaneos, não cessou, depois da morte d'elle, de se avolumar com a addição de elementos diversos, estranhos, heterogeneos, derivados de fontes varias e, infelizmente, nem sempre puras; assim se explica que o santo fosse progressivamente perdendo em dignidade o que ia ganhando na sympathia publica. Poucos seculos depois da morte d'aquelle austero modelo de virtude christã, a sua festa era celebrada com excessos taes que o Papa julgou dever intervir, e só a resistencia quasi desesperada dos fieis, a qual fazia temer uma rebelião no seio da Egreja, é que ponde salvar de ser riscada do Calendario esta festa offensiva.

Muitas são as tradições apocryphas, muitos os ditos picarescos de que o povo rodeia a memoria d'aquelle heroe da fé, alterando-lhe a physionomia historica tão veneravel, e fazendo d'elle um personagem semi-comico. Para o povo, S. Martinho é não já um santo christão, porém um verdadeiro Baccho. Peor do que isso, chega a representá-lo sob a figura de um beerrão vulgar, tomando por modelo a qualquer de entre os seus numerosos sectarios ². Nada ha porém na vida de S. Martinho que auctorise o fazer-se d'elle o Baccho christão, nada senão o acaso do dia da sua morte — dia portanto da sua festa principal — cahir no mez de novembro. Para a viticultura Gallia, sua patria, e berço do seu culto, era aquelle o mês do vinho novo, mês em que os lavradores celebrariam com regosijos, necessariamente um tanto grosseiros, um dos principaes momentos da vida agricola. Nada mais natural do que escolherem por patrono d'aquelle importante processo annual, e, naturalmente, também para presidente das festas orgiasticas com que lhe celebrariam a feliz conclusão, aquelle santo tão grande, tão amado já do povo entre o qual vivera, e o immenso

¹ S. Martinho, Bispo de Tours. A 4 de Julho, *Martinus calidus*, é a festa da ordenação de S. Martinho. O dia 11 de Novembro, *Martinus frigidus*, é o dia da sua morte e da sua festa principal.

² Uns versos allemães, ornados de latim de cosinha — porventura obra d'algum estudante adorador do santo — dizem que «S. Martinho era bom homem; gostava de cerveja, e quando não tinha dinheiro para a pagar, empenhava a tunica.»

Sankt-Martin war ein braver Mann
Er trank gern cerevesiam
Und hatt' er kein pecuniam
So liess er seine tunicam.

Aqui a tunica é evidentemente um echo vilificado do formoso e tocante episodio da vida de Martinho em que elle, guerreiro ainda e pagão, reparte com um mendigo a sua capa, aquella capa tão famosa, que no tempo dos reis merovingios era levada nas batalhas, á frente do exercito, como verdadeiro palladio da França.

brilho de cuja auctoridade eclipsava e absorvia o de todos os demais santos que com elle occupam o calendario na mesma estação.

Para as nações do norte, que não conheciam a vide, a época era ainda assim solemne por marcar o termo da bella estação e o principio do inverno; a festa do grande confessor gaulês veio para ellas substituir uma das grandes festas naturalisticas da sua religião, festa que era como que um preludio da de Yule, a maior de todas, com a qual, um mês depois, se celebrava a morte do anno velho e a reascenção do sol no zodiaco.

Na primitiva Igreja catholica romana, como ainda hoje na grega, seguia-se ao S. Martinho um jejum de quarenta dias, destinado a preparar os fleis para a celebração do Natal (o Yule dos pagãos). O natural desejo de se pagarem antecipadamente de tão longo periodo de abstinencia era novo motivo para que as nações do noroeste, addictas por natureza aos prazeres d'aquella ordem, celebrassem com addicionaes orgias a festa que tão bom pretexto lhes offerecia para isso, collocada como estava na linha de separação dos dois periodos, o de alegrias que findava e o de penitencias que ia começar. O S. Martinho estava pois triplamente destinado a tornar-se um culto orgiastico.

O paganismo classico teve as suas Bacchanaes, as suas Vinalias¹, mas, ainda que o nosso S. Martinho sem duvida recebesse larga contribuição por esses canaes, o essencial na sua caracteristica é mais septentrional que greco-romano. Com effeito, foram os povos do norte, que, abaixo da França, lhe tributaram culto mais fervoroso. Só na cidade de Londres conta elle ainda hoje não menos de sete igrejas. Na Allemanha é popularissimo, mais talvez que em Portugal, e quanto aos paises scandinavos, era tido nelles em consideração especialissima.

O beber era um ponto capital para os antigos povos do norte. Tacito menciona esta feição nacional tallando dos germanos, e pôde dizer-se sem grande exagero que poucos são os documentos da velha litteratura do norte que não comprovem directa ou indirectamente o mesmo facto. A Edda apresenta-nos deuses e heroes bebendo constantemente. A sabedoria é symbolisada no mytho de Mimir por uma fonte de hydromel: Mimir (memoria) é omnisciente porque todas as manhãs bebe o hydromel magico de que elle é dono; o proprio Odhin, o deus supremo, é-lhe inferior em sciencia, e não duvida, em occasião critica, dar um de seus olhos em troca de um só trago do sublime licor. Do mesmo modo que a sciencia, assim tambem a inspiração poetica é o

¹ Os *jogos plebeus* em honra de Jupiter Capitolino, eram celebrados na mesma epocha que hoje dedicamos a S. Martinho, pois se prolongavam desde 4 a 17 de novembro, cahindo a cerimonia principal, o sacrificio com a refeição solemne subsequente (*epulum Jovis*), nos idos d'aquelle mês; não é impossivel que a coincidência chronologica tivesse certa influencia na festa de S. Martinho, conquanto estes jogos não tivessem a importancia que tinham os *ludi romani*, celebrados em honra da mesma divindade nos idos de setembro, e que parece terem sido o prototypo dos *plebeus*. (Vid. *Pretler*, — *Römische Myth.* 3.^a ed., pag. 145 e 227.)

hydromel contido em tres vasos que os deuses guardam com ciosa vigilancia. Os costumes representados tanto nas Eddas como nos demais monumentos da litteratura norsica estão em perfeita harmonia com taes noções. Bebendo se comprimenta o hospede, bebendo se ratifica um contrato ¹, bebendo se prova o valor de um homem, se commemora um ausente ou um morto, e bebendo ou despejando no chão a cerveja ou o hydromel se honram os deuses.

Este ultimo costume conservou-se depois da christianisação da Europa septentrional, substituidos Christo, Maria ou um Santo a Odhin, Freya ou Thor. Esta cerimonia (*minni*) ficou sendo como d'antes um rito predilecto entre os recém-conversos, e, se pensarmos quanta semilhança haveria aos seus olhos entre ella e o rito essencial da religião nova — semilhança que de facto se torna identidade para o moderno calvinista, que não crê na transsubstanciação e para o qual, portanto, a communhão é um verdadeiro minni —, acharemos naturalissima tal adaptação. Grimm trata circumstanciadamente d'este ponto na *Mythologia Germanica* ².

«Bebia-se em honra de Thor para proveito dos campos» ³. Com effeito, a nenhum dos celestes era mais apropriado o tributo liquido que a Thor (Donar), o filho da terra, o tonante, o senhor da chuva e dador da fertilidade; a Thor «o amigo dos homens», ao qual de direito pertencem no outro mundo as almas dos lavradores, que não se peja de ir em pessoa procurar o caldeirão da cerveja ⁴; a Thor, o mais forte dos deuses, que nas bodas de Thrym esgota por seu quinhão tres cubas de hydromel, além de devorar prodigiosa quantidade de viandas ⁵, e de quem o mytho narra que, desafiado na côrte de Utgard-loki a provar o seu vigor bebendo por aposta, e servindo-se, por manhã d'aquelle gigante, de um vaso sem fundo, cuja extremidade mer-

¹ Nas *Observ. hist. e criticas* de João Pedro Ribeiro, P. 1, Lisboa, 1798, obs. 4.^a, diz o A. que «desde o seculo x, e com mais frequencia no xii ocorre nas cartas de venda, prasos, &c, a declaração de ter recebido *pro robora* do contracto certa cousa além do preço especificado, que sempre com relação ao mesmo he insignificante». Cita em doc. lat., por ex. *unam balsam de ottimo vino, uno quinal de vino, panem et vinum et carnem, quartam vini, quinquaginta quinales de vino...* e em doc. port. por ex. *hãã cabaga de vinho...* mas isto ao lado de *un pradium, una fugaza, uno manto, dous coelhos, hums socos*, etc. Pag. 98-99.

Em a not. 2 a pag. 99: «Na provincia do Minho ainda hoje se encontra hum costume, nas vendas dos bois, que fazem os lavradores nas feiras e mercados. Depois de justo o preço, se disputa ainda quem deve pagar o vinho, que bebe naquella occasião o comprador e vendedor, cuja despeza explicão por hum termo proprio. Depois de convirem neste incidente, he que se reputa completo o contracto, e que já o vendedor não pode variar, ainda que lhe offereçam maior preço. Será isto por ventura ainda hum vestigio da *revora* dos nossos Maiores?» Cita *ib.* um doc. de 1389 em que se diz: *E estas vendas revoramos assi como he costume dantre doyro e minho hu fom as dictas quintas, etc.*

² Gottesdienst. Minne. Na 4.^a ed. pag. 48-51.

³ *Id.*

⁴ Edda Saemundar. Hymiskwidha.

⁵ Ed. S. Thrymskwidha.

gullhava no oceano, consegue ainda assim com tres tragos fazer baixar o nivel d'este de maneira tal que d'esta sua proeza é que provém o phenomeno das marés ¹.

Se, por um lado, na christianisação dos velhos mythos, os attributos de Donar (Thor), considerado como deus tonante, deviam naturalmente passar, como de facto passaram, para o proprio Christo, por outro lado a figura humanamente vigorosa, e tão germanica, do mais popular de todos os deuses do norte difficilmente acharia no calendario romano um santo mais digno de lhe succeder no favor publico que o genial bispo de Tours. Esta substituição operada na mente popular é, não uma hypothese, mas sim um facto positivo, provado por testemunho contemporaneo. Em *Forumanna Sögar*, citadas por Grimm no cap. já mencionado da *Myth. Germ.*, o proprio S. Martinho ordena ao rei Olau que d'hora-avante em vez de se beber os mimi de Odhin e de Thor essa cerimonia se cumpra em honra d'elle S. Martinho.

Como o beber fosse quasi — em muitos casos deveras, segundo vimos — um rito, o vaso usado para tal fim não podia ser considerado como um utensilio vulgar. Esse vaso era o chifre. Era de chifres, ninguém o ignora, que os povos do norte se serviam usualmente para beber, o que só por si teria bastado para lhes dar um papel da maxima importancia no viver d'aquellas gentes sequiosas; as circumstancias porém, mais ou menos sollemnes em que elles diariamente figuravam, deviam inevitavelmente attrair-lhes especial consideração. Poder-se-hiam colligir na litteratura norsica citações em numero indefinido que o provem. A propria lua é na Edda representada mythicamente sob a figura de um chifre (imagem ainda viva); é-o em dupla acceção: já como o vaso por onde o sabio Mimir bebe todas as manhãs o inspirador hydromel ², já como a trompa de Heimdall, a sentinella que os deuses põem nocturnamente no ceu a vigiar a ponte Bifröst ³. Entre as runas secretas, magicas, ha uma classe particular, litteralmente chamadas «runas da cerveja», (aelrunir) ⁴, as quaes, riscadas no chifre pelo qual se bebe, são potentes para desviar certos males e encantamentos ⁵.

O uso frequente que se fazia d'estes utensilios no culto religioso devia necessariamente communicar-lhes certo character hieratico. Nos templos viam-se chifres preciosos, de artistico lavor, destinados ás libações rituaes ou simplesmente offerecidos como ex-voto. D'esta ultima classe parece terem sido os dois famosos chifres de ouro achados na Jutlandia (e roubados do museu de Copenhague em 1802), nos quaes se julgou ver trabalho celtiberico. Esta ultima circumstancia,

¹ Snorra Edda. Gylfaginning. Daem. 46.

² Ed. S. Hrafnagaldur, 17. Sn. Ed. Gylfaginning. D. 15.

³ Ed. S. Volsunga, 31, 47.

⁴ Ed. S. Sigdrifumal, 7.

⁵ Ed. S. Gudhrunarkvidha, II, 22. Volsunga Saga, 41. Egilssaga.

a dar-se, provaria que tambem na nossa Peninsula a fôrma do chifre era considerada como hieratica.

Finalmente o facto de nos calendarios runicos o chifre ser o symbolo que designa os dias festivos não deixa permanecer a minima duvida sobre a antiga symbolica d'aquelle objecto, duplamente adequado a tal funcção, já por os dias de festa serem dias especialmente destinados aos prazeres da mesa, já por nelles se offerecerem libações (circumstancias que concorrem insignemente no dia de S. Martinho).

Ora, assim como o *minni* passou inalterado para a religião christã, assim tambem passou o symbolismo ligado á cerimonia. Nos calendarios runicos da época christã ainda o chifre continúa a figurar á testa dos dias sanctificados, a par de outros symbolos particulares.

Duas citações do *Glossario* de Du Cange (s. v. *Cornu*) bastarão aqui para provar que as libações continuavam a ser offerecidas aos santos pela mesma fôrma com que o eram aos deuses pagãos:

I.—Charta Witlasii, Regis Merciorum, apud Ingulfum: Et cornu mensae meae, ut senes Monasterii bibant in festis Sanctorum, etc.

II.—Ulphus Toraldi filius Eboracum divertit, et cornu quo bibere consuevit vino replevit, et coram altari Deo et Petro Apostolarum Principi omnes terras et redditus flexi genibus propinabit...

Um terceiro extracto transcripto do mesmo artigo faz mais ainda: demonstra que o povo considerava o chifre simplesmente como o vaso mais adequado a usos sagrados, *sem excepção do summo sacrificio*, pois que a auctoridade ecclesiastica julgou necessario prohibir «ne de cornu bovis calix aut patena fieret ad sacrificandum, quod de sanguine sunt».

O attributo offensivo do S. Martinho portuguez é pois na realidade o que os profanos adoradores do santo, num espirito d'arremedo sacrilego, ás vezes fingem que elle seja: um emblema cultural, um symbolo religioso de pura e historica significação.

CECILIA SCHMIDT BRANCO.

ETYMOLOGIAS PORTUGUESAS

I Arvoado

ARVOADO: *aturdido, atordado, tonto, estonteado*, está por *ervoado* de *errolado*, lat. *herbulatus* de *herbula*, dim. de *herba*, e significa *envenenado, intoxicado, embriagado com plantas maleficas*.

ARVOADO em lugar de *ervoado* por influencia do *r*.

Cfr. o gall. ARBULARIO, cast. ARBOLARIO: *hombre sin seso, botarate*; — cast. HARBOLARIO: *apotecario, vendedor de yerbas medicinales*, — e o antigo port. *errolar*, cast. *erbolat*: *envenenar por meio de plantas*.

Berceo, Mil. 340,3: *Semeias erbolado, que ás iervas bebido*.

Timonedá, Ciegos y Moço: *aunque sé un poco entenderme de harbolario y también de apotecario*.

Port. Mon. Hist., Leges p. 764 *Quin rio errolaverit, pectet in morabitinos* (id. p. 809, 882 e 926).

II Avental

Está por *avantal* que hoje ainda é popular no Minho, Douro e Tras-os-Montes e é derivado de *avante*. Cfr. hesp. *delantal* e *delantar* de *delante*. — Significa pois á letra — a cousa que se põe por diante.

III Bebera. IV Baforeira

Uma especie de figo temporão tem em port. o nome de *bebera*, em cast. o nome gallego de *breva*. — (Em port. temos a phrase *dar bebras em janeiro*; em cast. a formula *de higos en brevas*, que significa *de vez em quando*). — O tal figo, comprado por uma minha criada, *estramontana* como ella costumava dizer, no mercado da Granja (9/9/86), foi por ella chamado *bifaro*. — Além d'isso ha no paiz figueiras bravas, nomeadas *baforeiras* que têm fama de possuirem força magica. O sumo da fructa verde é remedio «infallivel» contra as verrugas. As *Ordenações Manuêlinas* (v, 33 § 3) prohibiram *cortar solas em figueira baforeira*.

Todas estas formas — *bebera*, *breva*, *bifaro* e *baforeira* (vulgarmente também *beforeira* e *belforeira*) procedem do lat. *bífera*.

Omitto o material comprovativo, porque o snr. Cornu o dá no seu admiravel estudo sobre a lingua portuguesa nos paragraphos 7, 26, 54; 50, 51, 64 e 65. ¹

¹ [Talvez se deva relacionar com este etymon o nome de terra BAFORÉIRAS (na Beira-Alta) = *baforeiras*, com dissimilação do *r*. — J. L. de V.]

V Bolsar

Este verbo popular que designa o vomitar das crianças de peito, não representa o lat. *vorsare versare*, como o indicam o meu amigo Coelho (Dicc. Etym.) e o snr. Cornu (§ 53).

A forma mais velha, em que a litteratura o apresenta é *boomsar*.

Boav. III 147.: «E dirás ao povoo: eras vos darey carnes ataa huñ mes e ataa que *boomsedes*». E' facillimo reconhecer nesta forma primitiva o latim *vomitare* por *vomitare*.

Bolsar ou *bolçar* de *bomsar* por *boomsar* pôde ser considerado como etymologia popular.

De *comçar* (*vomitare*) nasceram ainda, por metathese, *vosmar* e *gosmar*.

VI Brilha[s]

A parte superior da coxa tem na linguagem popular de Portugal e de Galliza o nome de *brilhas*. A linguagem antiga dizia *verilha* [s]; Boav. II p. 268 e 270. Os litteratos modernos escrevem *virilhas*, em harmonia com o etymo verdadeiro que é o latim *virilia* (franc. *virille*), como reconheceu o erudito professor de Praga que já citei nestas notas (Veja-se p. ex. o § 31). *Esbrillado* (gall.): quebrado, roturado.

A queda de vogaes atonas, collocadas entre muta e liquida é eminentemente popular, e muito usada, principalmente na primeira syllaba, na Galliza mais ainda do que em Portugal.

Temos *branda* por *veranda*; *berengena* por *berengena*; braco = *ver-raco*; *bringela* por *beringela*, *brau* por *verao* = *verão*; *San Brijeme* por *San Veríssimo*; *broa* por *boroa* = *moroa*; *crella* = *querella*; *eresma* = *coresma* por *quaresma*; *cruja* = *coruja*; *crocha* = *curocha*; *Crolina* = *Carolina*; *cruto* = *curuto*, *cocuruto*; *Cruña* = *Coruña*; *erosidá* = *curiosidad*; *cração* = *coração* (Boav. II 13 e 231); *fraude* = *faraute*; *frida* = *ferida*; *Fleçiana* e *Freciana* = *Feliciano*; *pregrino* = *peregrino*; *plucia* = *pelucia*; *prizel* = *perrexil*; *trunjil* = *toronjil*; *enflujar* e *enfrujar* = *enfelujar*; *enclorizar* = *en-colerizar*; *tribulo* = *turibulo* (Boav. II, p. 143, 144 e 152).

VII Brinco

Um dos nomes mais vulgares com que o moderno Portugal designa as arrecadas, e às vezes os braceletes, os broches etc., emfim todos quantos ornatos de ouro, prata ou outro metal tem forma de argola ou grilhão, é a palavra *brinco*.

O nome com que o antigo Portugal nomeava os mesmos objectos, é *rinco*.

Eis alguns exemplos para provar este facto (que os Dictionarios

conhecidos *não* registam), extractados da traducção da Bíblia que o benemerito Fr. Fortunato de S. Boaventura publicou.

Ined. II, p. 34 Enton deu Eliezer a Rebeca *vincos d'ouro pera as orelhas*.

Ib., p. 134. Aarom escusou-se dizendo que el lançara os *vincos* eno fogo e que saíra feito aquela fegura de bezerro.

Ib., p. 135. Tomade os *vincos* de vossas molheres.

Ib., p. 202. Mas hũa cousa vos peço que me dedes todos os *vincos* d'ouro e as doas das orelhas.

Compare-se ainda a seguinte passagem do Cod. Alf. (v, 47, 5): «Se alguma mulher levar *vincos nas orelhas*, mando que lhos nom tome nenhum nem lhos embargue».

E' claro que o etymo de duas palavras de fôrma tão parecida e de significação identica deve ser um só. Neste caso é o latim *vinculum*: laço, atadura, algemas, grillhões.

Já demonstrei, em tempos, como de *vinculum* nasceu *vinco*, passando pela fôrma intermedia *vincoo*, exactamente como de *diabulum* veio *diaboo*, *diabo*, de *populum*, *poroo*, *povo*; de *periculum*, *perigoo*, *perigo*; de *baculum*, *bagoo*, *bago*; (V. Miscell. Caix-Canello. N.º 48 e 47). Mas só tratei do sentido moderno de *vinco*, deixando de lado o material com que tencionava construir a etymologia de *brinco*. Resta-me pois completar o que então comecei.

Para chegar á forma *brinco* temos que partir, não do classico *vinculum*, mas sim do vulgarismo *vinclum*.

Este *vinco* existiu na dicção antiga de Castella. Lêmos p. ex. nos *Castigos e Documentos del Rey D. Sancho*, cap. XI, o trecho seguinte em que *vinco* significa o *anel*, e *sortija* o castão da pedra preciosa.

«En la mano diestra tenia un rubi con una sortija; en el *vinco* della estaban letras escriptas en que la llamaban *mesura*».

A emenda de Pascual de Gayangos que quer substituir *vinco* por *rinco* é inutil, se a minha interpretação fôr exacta.

Vinco devia, forçosamente, tomar em Portugal a fôrma *vincro*; em harmonia com *reg(u)la* regra, *saec(u)lum* segre, *gland(u)la* landre, *sab(u)lum* sabro (d'onde o moderno *sabro*).

O seu desenvolvimento, porém, ainda não parou aqui. Para a palavra trajar perfeitamente á portuguesa, o *r* da syllaba final devia mudar para a primeira, attrahida pela consoante *v* ou *b*.

De *vincro* nasceu *brinco*, assim como nasceram *fresta* de *festra* *feestra* *fenestra*; *trevas* de *tebras* *tebras* *tenebras*; *bradar* de *braudar* *baladrar*; *trado* de *taladro*; *fralda* de *faldra*; *breve* de *bebera*; *frauga* de *fabrica*; e os galleguismos *croba* de *cobra*; *prove* de *pobre*; *freve* de *febre*; *prebe* de *pebre*; *crabito* de *cabrito*; *crongo* de *congro*; *crosto* de *costro* = *colostro* *calostro*; *crasto* de *castro*, etc., etc.

O sr. Cornu explica (no § 168 do seu Estudo) *brinco* do port. ant. *vinco*. E' muito provavel que nestes dous vocabulos esteja em germe esta minha etymologia — coincidência de que eu só me podia regosijar.

VIII Elo

Elo designa: 1.º cada um dos aneis de uma cadea, ou das argolas de uma amarra.— 2.º as gavinhas das plantas sarmentosas e trepadeiras.— 3.º a porção de linho que se pôde abarcar pelo pollegar e o index formando aro ou anel.— 4.º em sentido figurado qualquer ligação. Resulta que em todos os casos o *élo* é um *annel*, o lat. *anellum*.

Annel ou *anel* é uma forma erudita: a forma popular mal podia conservar o *n* simples entre vogaes. De *anello* devia ou podia provir *aello** e por assimilação da atona á vogal accentuada *ello* ou *élo*. A queda do *n* e a contracção das vogaes são factos tão conhecidos e tão amplamente demonstrados que já não vale a pena accumular exemplos. Baste um unico: *quelha* de *queelha*=*canalicula*.

IX Espanto

A forma antiga é *espaanto* i. é *esparanto* com queda do *e* como no antiquado *paão*=*pavão*; por *espavento* (cast. *espaviento* e *aspaviento*), substantivo verbal de *es-parentar*, do radical lat. *par-* que significa — medo, terror. Os verbos derivados em *-entar* eram numerosissimos nas antigas linguas da península. Tinhamos (e temos) *afugentar*, *aculentar*, *adormentar*, *aferventar*, *amolentar*, *apascentar*, *apodrentar*, *apouquentar*, *apousentar* (de onde *aposento*) *aque(e)ntar*, *ase(e)ntar*, *aciveentar*, *engugentar*, *enriqueentar*, *empeçoentar*, *endureentar*, *regentar*, *sementar* e muitos mais.

X Fueiro

Toda a gente sabe o que são *fueiros*, aliás *estadulhos*: paus mettidos a pino em buracos feitos no leito do carro de bois, para segurar a carga que elle leva. Nestes *fueiros* é que se amarram muitissimas vezes *cordas*. Corda em lat. é *funis*; o fueiro é um *funarius**. Ao lado de *fueiro*, existe ainda outro synonymo, derivado tambem de *funis*. É o gallego *funfueiro* que parece corresponder a *funicularius* mas que será talvez antes um derivado em *-eiro* de um antigo e hoje perdido *fungo*=corda, por *fungoo*=*funiculum*.

XI Gronho

Desejo e espero que todos os leitores dirão, um pouco admirados: «Que quer dizer gronho? Nunca ouvimos tal palavra».

Confesso que tambem ha pouco a desconhecia. Lubriguei-a apenas nos vastos, tristonhos mas indispensaveis cemiterios da lingua — nos Dictionarios.

Moraes foi o primeiro que compoz para a sua bella obra o artiguiño seguinte:

«*Gronho s. m.: certa pera.— Canc. do Res. fl. 3*» — o qual foi posteriormente transcripto, com levissimas modificações, por quantos lexicographos Portugal produziu, e pelos estrangeiros que se dedicaram a este ramo de estudos. *Gronho* lá figura até no «*Wörterbuch*» da minha boa mana D. Henriqueta Michaëlis. Quando revi as provas d'esta obra, publicada em Leipzig, não me atrevi a risca-lo. Respeitei-o como a um desconhecido de quem eu não sabia cousa alguma, nem de bem nem de mal. Mas resolvi seguir-lhe as pisadas, e hoje posso desmascara-lo como um impostor, indigno da boa fé com que foi tratado até agora.

Na lingua viva não ha *pera* ou *pero gronho*; e se aquelle trecho do *Canc. de Res.* foi, como devo presumir, a unica fonte do supracitado artigo, posso asseverar que tambem não existiu na lingua antiga. Se não vejamos.

A passagem a que Moraes se refere, é de Francisco da Silveira e pertence ao celebre processo entre o *Cuidar* e o *Suspirar* suscitado por D. Leonor da Silva. E' como advogado dos suspiros que elle diz a p. 15 do vol. I da edição de Stuttgart:

Pois vossa gran fermosura,
nos pos todos em cuidado,
conheça quem tem tristura
que, por sa desaventura,
sospiros lhe days de grado!
Ca por ley dos amadores
o cuydar sospirar ponho (?):
cuydar he cuydar no gronho,
sospiros, vivos amores.

Explique quem quizer e poder o que uma *pera-gronho* tem que fazer aqui. Só se *cuidar no gronho* equivale á phrase pittoresca e popular «*scismar na morte da bezerra*» ou «*cuidar na péga, se é branca ou preta*»!

Investigando tive a boa fortuna de descobrir o mesmo *gronho* em outra passagem do Cancioneiro (II, p. 46); e diz:

De meu mal cura ninguém!
Triste, desaventurado!
nem quem amo tem cuidado
de quanto dano me vem.
Mantenho-me no que sonho
por espaçar,
como quem quer meu sonhar
se torna cuydar no gronho
mays que nojos afastar.

O mesmo *cuidar negronho*! Ia dizer *cuydar no gronho*, mas a minha penna, impaciente e avida de chegar á verdade, já rectificou o duplo erro da velha edição de 1516, assim como en julgo que deve ser rectificado.

Negronho, de *negro*, seria como *negregado* tomado sómente no sentido figurado, e significaria tudo o que é triste, infausto, desgraçado, malfadado e aborrecido. Tal adjectivo não figura, é verdade, nos dicionarios ao lado de *negraço*, *negral*, *negralhão*, *negrejante*, usados sómente no sentido real. Mas isso importa pouco. Os adjectivos *tristonho*, *risonho*, *medonho*, *guardonho*, *enfadonho*, *pedigonho* (e outros), que também faltam, em parte, na maioria dos tesouros da lingua litteraria, autorisam-me a suppôr a existencia de *negronho*. *Negregado* e *negrainho* viveram e vivem positivamente, apesar de excluidos dos *Repertorios* da vernaculidade.

Quem acceitar a minha explicação, perguntará ainda assim: «como e porque é que Moraes inventou a fabula da *pera-gronho*?» Tentei adivinhar o enigma. O leitor dirá se acertei.

Na folha immediata do Cancioneiro de Resende (4.^a), e fazendo parte da mesma poesia, ha uma estrophe satyrica em que se enumeram varias qualidades de fructa nacional como sendo o objectivo dos suspiros apaixonados das damas palacianas. Quem fala é dom João de Menezes «por parte do cuidar e contra o suspirar». E diz:

Senhoras, pois sospyraes
por pessegos, por melão,
por peras, figos orjaes,¹
marmelos, uvas ferraes,
aas vezes por queijo e pão etc.

Pois bem! Nos excerptos de Moraes o *gronho* da folha 3.^a devia figurar muito perto dos *figos orjaes* e mais fructas da folha 4.^a, e esta visinhança levaria o auctor do Diccionario a suppôr que *suspirar por pessegos* etc. e *cuydar no gronho* significavam a mesma cousa e que *gronho* devia ser, portanto, o nome de uma fructa qualquer!

Existiram e existem *peros negronhos*? Bem possível é! Ha muita qualidade de fructa, cujo nome especial deriva da sua côr. Conheço *peras ruivae* e *trigae*; *figo verde-l* e *verdelho* e *lourelo*; *uva ferral* e até *figos negrainhos* (Ined. da Acad. v, 558), *figos* e *maças orjaes* (Ined. v, 559) e *maças negrainhas* (ib. p. 557).

¹ Emendei a punctuação que era defeituosa. — *Pro domo* direi ainda que os erros de impressão são numerosissimos, tanto nos originaes, como na edição moderna. Os *figos orjaes* vem citados ainda no vol. III a p. 588.

XII Ichó

Ichó designa uma armadilha para apanhar perdizes etc. Tem forma de alcapão. — Ha variantes vulgares da palavra, de que falarei depois: a unica fórma antiga é, comtudo, *ichéo*¹, o que basta para indicar claramente como etymo latim um diminutivo em *-olum* ou *-iolum*².

Quem conhecer o feitiço e a estrutura da simples, mas engenhosa armadilha, composta principalmente de duas meias portinhas, reconhecerá comigo que o etymo latim não pode deixar de ser *ustjolum* por *ustiolum* de *ustium* por *ostium*, cast. *uzo*, ital. *uscio*, franc. *huis*, prov. *uis us*.

O *stj* latino tem como representante unico e legitimo em Portugal a palatal *x* ou *ch*³; substituição de *u* atono, na vizinhança immediata de palataes, por *i*³, é vulgarissima na nossa lingua — de sorte que nem da parte da forma, nem da parte do sentido podem ser levantadas serias objecções.

As variantes vulgares de *ichó* são: 1.º *chó*, nascida por simples apherese do *i*; 2.º *inchó* com nasalação do *i*, que se explica como em muitos outros casos, por influencia do prefixo *in*; 3.º *enchó* e *eichó* por assimilação ao conhecido instrumento de carpintaria que tem este nome; 4.º *ichóz*, *inchóz* e *chóz*, extrahidos por «falsa analogia» dos pluraes dúplos que o vulgo inventou para o grupo de palavras que acabam em *ó i é á ã ei e z*.

Omitto um longo excurso sobre estes pluraes (*inchózes*, *ilhózes*, etc.) assim como outro sobre o genero feminino dos substantivos em *-ó*.

¹ Mencionarei apenas a formula *caçar com ichéo* que se acha nos Ineditos da Academia III, p. 500.

² *Treçó* (*terçol*) é *tritio-olum*; — *Misc.* Caix. Can. n.º 43; *ourizó* (gall.) *ordio-olum*; *treçó*, *tertiolum*; *feijóo*, *phasioolum*; *enchó*, *asciolum*; *pió*, *pediolum*; *Grijó*, *ecclesiolum*; *filhó*, *filioolum*.

³ Temos *ichão* por *uchão* (v. o art. seg.); *chicolate* por *chucolate*; *chimão* por *chumão*; *chirumbela* por *churumbela*; *abichornar* por *abochornar*; *eichote* (gall.) de *sueho* (cast.; port. *chuch...*); *chitão* do franc. *chut*; *icharo* por *ocharo*; *ilhó* por *ulhó* (v. o art. XIV); *milher* por *mulher*; *Junó* por *Junol*; *jibão* por *jubão*; *jumento* por *jumento*; *rujões* por *rujões*; *sogigar* por *sojugar*; *escominhão* por *escominhão*.

Existem ainda outros exemplos da troca de *i* e *u*, como em *titor*, *tutor*; *Titudo*, *Tutudo*; — *prudente*, *prudente*; — *derrubar*, *derrubar*; *arrimar*, *arrumar*; *Furmino*, *Firmino*; — *Imbelina*, *Umbelina*; *imbigo*, *umbigo*; — *inguento* *unguento*; *crusol*, *crisol*; *qitelo*, *cuteio*; *Frituoso*, *Frituoso*; mas os diferentes grupozinhos que separei admittem ou exigem explicação especial.

⁴ O povo moderno não gosta do *e* e *i* e o surdo no principio de palavras, e prefere a preposição conhecida *in*, que lhe é muito familiar. Assim é que prefere *inducar* a *educar*; *indefício* a *edifício*; *integante* a *elegante*; *inconómico* a *económico*; *interno* a *eterno*; *Inlias* a *Elias* (Bussaco); *Ingito* a *Egypto*; *inquívoco* a *equivoco*; *inlogio* a *elogio*; *inleito* a *eleito*; *ingreja* a *egreja*; *inzame*, *inzaminar*, *inzem-ple*, *inzeigente*, *insolencia* (*insolencia*), *inzercito*, *inseccução* a *ex*; e até *Europa* a *Europa*; *incullar*, *incasião* a *ocullar*, *occasião*; *inritar* a *irritar*; *incesso* a *excesso* e *improcríta* a *hypocríta*, exemplos colhidos na feira do Anjo d'esta cidade do Porto.

XIII Ichão

Icham (Ined. m, 107, 118, 138, 291, etc.) *ycham*, *hicham*, *eycham* (*Mon. Leges*, p. 195) e *ucham*, *hucham*, parecem à primeira vista derivados da mesma raiz *ustjum* que reconheci em *ichó*. *Ustjanus* synonymo de *ustjarius* que vive no franc. *huissier*, ital. *uscieri*, antig. hisp. *uxier*, *uxero*. A significação não o admite todavia. Um *dispenseiro* não é um *guarda-portão*.

Uchão, *ucheiro* e *ucharia* ¹, de *ucha hucha*, lat. medieval *hutica* = arca do pão e da farinha, são de origem alemã. V. Diez II, c.

O cast. ant. conheceu o *echan*. Julgo acha-lo num verso de Berceo, *Duelo* 39:

Dieronli mal bebraio como malos ECHANES, no qual Pascual de Gayangos vê o francez *chien* = *canis* (!).

XIV Ilhó

Já indiquei acima a minha opinião sobre a origem d'este termo technico com que o povo denomina o furinho redondo aberto com o furador em panno, coiro, cartão, etc., por onde se enfiam fitas, atacadores, etc. *Ilhó* por *ulhó* é um diminutivo de *olho* e representa portanto *oculolum* — um olho muito pequeno.

Esta figura rhetorica está em perfeita harmonia com o modo de vêr de quasi toda a familia romanica. O francez chama ao *ilhó* *ocillet*, o cast. *ojete*, o catalão *ullet*, o gallego *ollite* e *ollal*, o italiano *occhiello*.

Quanto á forma, bastará que eu apresente o gallego *ilhó* e *ulhó* que designam ambos um «olho de agua, um pequeno lago, pantano ou charco» ².

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS.

¹ Conheço duas phrases populares sobre *ucharia*: a *casa da magra ucharia* (wo Schmalhans Küchenmeister ist) e a pergunta: *Onde é a sua ucharia?*

² Os nomes de lugar e de familia ILHÓ(A) e ULHÓ(A) podem muito bem ter a mesma significação e origem.

ESTUDO DO RIFÃO

«Lá vae tudo quanto Martha fiou»

Ha em português um rifão, — *Lá vae quanto Martha fiou* (Bento Pereira, — *Prosodia*), ou *Lá vae tudo quanto Martha fiou* (forma hoje mais vulgar) —, que significa: *lá se foi tudo!* Um seu synonymo, mas mais grosseiro, é: *Lá vae o burro com as canastras* (Beira-Alta, etc.). Este segundo adagio é facil de entender; mas o primeiro, por causa do nome de Martha, não é tão facil. Vou tentar interpretá-lo.

1. Com elle pôde relacionar-se quanto á forma:

a) o italiano *Non è più il tempo che BERTA filava* por «Non è più il tempo della felicità» (*Dictionn. italien, lat. & fr.* de Antonini, Venezia 1755);

b) o francês *Du temps que la reine BERTHE filait* por «au bon vieux temps» (*Dict. de Littré*).

Grimm diz tambem na sua *Mythologia allemã* (trad. inglesa): «In Italy and France, a far distant past ist expressed by the phrase: «*nel tempo ove BERTA filava*», «*au temps que la reine BERTHE filait*». Pag. 280.

Em todos estes adagios existe a ideia de que uma Martha ou Bertha fia.

2. Nas minhas *Tradições pop. de Portugal* citei a crença algarvia das *Jans*, que gosão da virtude seguinte: se deixarem á noite no borralho do lar um pouco de linho e um bolo, encontrão pela manhã o linho fiado tão fino como cabello; se porém se esquecerem de deixar o bolo ao pé do linho, este de manhã apparece queimado. Pag. 372. O sr. Th. Braga, que tambem cita ésta crença no seu livro *O povo português*, vol. II, accrescenta, segundo uma nota que lhe forneceu o sr. Reis Damaso: «Muita gente verdadeira sustentava que isto era assim, e até conservavão ainda lençoes fiados pelas *Jans*». Paginas 170.

D'esta crença posso aproximar os factos que se seguem:

a) O sr. Ad. Coelho, no seu estudo sobe *As Sereias* (in *Archivio per le tradizioni popolari*, IV, pag. 325 sq.) compara com uma crença asturiana a respeito das *Xanas* a nossa, que elle considera como um «echo enfraquecido e obscurecido» d'aquella. De facto o nome *Xana* corresponde a *Jã* (*x* astur. = *j* port.), com quanto eu ignore a verdadeira origem d'estas formas; alli figura a *lã*, aqui o *linho*; o desfecho é semelhante, embora se encontre noutras lendas. As *Xanas* asturianas vivem nas fontes, como as nossas *Mouras encantadas*, entidades mythicas, que, quanto a mim, absorvêrão em si várias crenças.

b) Em Jacob Grimm, *obr. cit.*, traducção inglesa, lê-se o seguinte a respeito da deusa germanica Holla: «Industrious maids she presents with *spindles*, and spins their reels full for them over night;

a slothful spinner's distaff she *sets on fire* or soils it. The girl whose spindle dropt into her fountain, she rewarded bountifully». Pag. 269. Aqui a offerenda consiste no *fuso* (spindle); entra de mais a mais a *fonte*, como na tradição asturiana. Continúa Grimm a respeito da deusa Berchta: «Berchta, like Holda, has the oversight of *spinners*; whatever spinning she finds unfinished the last day of the year, she spoils» Pag. 273.

3. Em Portugal *Santa Iria* é tida como advogada das tecedeiras, porque o povo diz que ella foi tambem tecedeira; em Rôças (Minho — Cabeceiras de Basto) as mulheres levão-lhe um *novelinho de fiado* para o altar, a fim de que as teias saião boas para se poderem vender. Em Canellas (Penafiel) as tecedeiras pendurão *ruda e trorisco* nos teares para não vir alguma *dada* (maleficio) às teias. Além de S. Iria, tambem a Virgem, que é a Mãe dos homens, protege as tecedeiras, que cântão (Minho):

Nossa Senhora m'ajude,
Ella me queira ajudar
A *spiar* a minha roca
E a torná-l'a *carregar*.

Fiai, môças, fiai, môças,
Fiai muito d'algadinho,
Que lá vem o mercador.
O'o dinheiro trocadinho.

Minha rôquinha spiada,
Meu fuzinho por incher,
Minha sogra interrada,
Meu marido por nascer.

Nestes ultimos versos foge-se já do sentido serio dos primeiros. Tambem Grimm, *obr. cit.*, falla de uma advogada christã das fiandeiras: «In Bavaria and German Bohemia, *Berhta* is often represented by *St. Lucia*». Pag. 274, not.

4. No Minho, etc. diz-se que no Entrudo se não deve fiar, porque «se fio' as barbas ó Intruido». Accrescenta-se tambem: No dia de Entrudo não se fia, porque estão as mãos untadas de se *comer* a carne, e os ratos roem depois o fiado; mas, continúa o povo, *como* ninguém fia com as mãos untadas, vê-se que isto «são agoiros da gente».

Quem está habituado a penetrar nas superstições populares, reconhece que ha nesta crença um sentido profundo desnaturado pela jocosidade do povo: esse sentido profundo é a prohibição de fiar num certo dia, e o castigo de quem a transgride.

Na citada obra de Grimm lê-se que quando Holda volta para casa, no Entrudo, todos os fiados devem estar completos; se ella encontra as cousas como devem ser, lança a sua benção, e no caso contrário a sua maldição. O dia de Holda tem um certo character sagrado, e é um dia de descanso em que se não fia. Pag. 270; cfr. ainda a not. 2.^a

Parece-me que todos esses factos se podem encadear assim:

Houve uma poderosa entidade mythica *x*, que fiava, e protegia as fiandeiras e tecedeiras, as quaes, como era natural, lhe fazião offereñas; ésta entidade tinha o seu dia, e quem trabalhava nelle era castigado.

D'este facto fundamental foi que sahirão os seguintes (na tradição portugueza):

A. Em primeiro lugar, o nome da entidade perdeu-se, e acha-se representado popularmente no adagio por *Martha*, catholicamente por *Santa Iria* (e por extensão de sentido, pela *Virgem*), menos-catholicamente pelo *Entrudo*. — Sabe-se como na implantação do catholicismo muitas crenças pagans forão sanctificadas, ficando às vezes vestigios puros das primeiras; esse vestigio puro aqui é *Martha*, que era talvez o nome portuguez que ao tempo mais se aproximava do germanico com que se liga *Berchte* e *Perhata* (ant. alto allemão, — vid. Grimm, pag. 272 sq.). Hoje o nome *Martha* não é muito popular, mas foi-o d'antes, como se vê do nome de terra *Santa-Martha-de-Penaguido*, e de outros adagios taes como: *Morra Martha, morra furta*; — *Lá se haja Martha com seus pollos* (B. Pereira); — *Em louvor de Santa Martha, quem comeu que paria*. Num antigo processo da Inquisição figura a oração de *Santa Martha*, em que entra

*Martha, não ja a dina
Nem a saneta,
Senão aquella
que o peccado encanta;*

vid. Consiglieri Pedroso, *Contrib. para una Mythologia pop. port.*, VI, pag. 8 (cfr. o meu *Pantheon*, pag. 295). O sr. Th. Braga compara esta *Martha* com *Má-Martha* que é o nome de um sitio em Cabo Verde, em que o Diabo apparece, — vid. *O Povo Portuguez*, II, 65. Esta expressão *Má-Martha*, bem como a *Martha que o peccado encanta*, tem quanto a mim muito valor, porque mostram o character malevolo que se costuma attribuir ás divindades decahidas, — e *Martha* de certo aqui é uma. Ao lado da Martha má, havia a Martha boa, a *dina*; em Rôças (Minho) ha mesmo uma capella de *Santa Martha*. — Porque é que se escolheu *Santa Iria* tambem? Nem sempre se pôde dar a razão da existencia do nome de um santo numa lenda ou superstição não-christã; isso depende de muitas causas (popularidade, analogia, etc.), algumas das quaes indiquei no meu *Anuario das trad. pop. port.*, 1.º anno, pag. 67-68. Nas nossas tradições *Santa Iria* é uma santa muito querida; tem mesmo um romance sentidissimo, que se repete com mágoa em quasi todo o país, — vid. Th. Braga, *Romanceiro geral*, e o meu *Romanceiro portuguez*, n.º 38. — Ao passo que nas Asturias *Xan* é o nome da entidade mythica a que me refiro, no Algarve *Jan* não é. No Algarve ha differença entre a entidade e as *Jans*; éstas parecem ter

mais ou menos o character de sacerdotisas da entidade *x*, isto é, no caso presente, fiandeiras especializadas. Não se devem estranhar estas applicações diversas do nome, quando a lenda está obscurecida, e só a critica a pôde recompor.

B. Em segundo lugar, a offerenda na tradição pagã do Algarve é um bolo e linho; na tradição catholica é um novelo. Ha já uma differença, mas a ideia do *fiado* não desapareceu. No nosso povo existem outras superstições de offerendas de bolos; é mesmo costume em certas festas vender *pãesinhos* especiaes.

C. Em terceiro lugar, o castigo de quem violar a santidade da entidade mythica acha-se representado por dois modos: num os ratos roem os fios (cfr. Grimm, *Myth. alemã*, pag. 270, not. 2, da trad. ingl.); noutro o linho é queimado (vid. acima a citação de Grimm).

Nada de admirar que haja em Portugal vestigios tão claros de uma antiga crença em que entrava a industria do linho, pois essa industria é vulgar entre nós, e tem muitas raizes na tradição (arte e poesias populares, superstições, etc.).

Mas ésta tradição é mais extensa: Coelho relaciona as Nanas com o mytho das Sereias, Grimm põe em connexão com as aguas e com a neve Holda, que por seu turno se liga a Berchta. Tudo isso sae fóra do meu plano, que consistia simplesmente em relacionar o que havia na tradição portuguesa a respeito de uma crença cuja fórmula ultima é o rifão *tá vae tudo quanto Martha fion*; desde ésta fórmula, e das crenças que se aparentão com ella, até á fórmula primitiva do mytho ha ainda um longo e escabroso caminho, pelo qual não posso eu seguir agora.

1886.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

MATERIAIS PARA O ESTUDO DOS DIALECTOS PORTUGUESES

V

Correcções e aditamentos ao «Vocabulario de Rio-Frio e Moimenta» publicado a p. 202-220 da «Revista Lusitana»

Sujere-me ainda o snr. Manuel Ferreira Deusdado os apontamentos que abaixo se leem. Pouco ou nada lhes acrescentei, e direi apenas que espero do seu interesse pelo estudo da nossa dialectologia, que não descontinuará no empenho de concorrer com subsidios de tamanho valor para o melhor conhecimento e para a ampliação do léxico português; e tanto mais que muitos desses vocabulos teriam boa aceitação no tesouro comum da lingua. Fôra também de desejar que este professor publicasse uma copiosa collecção dos termos e locuções relativos a agricultura e indústrias domésticas, bem como a nomenclatura botânica e zoológica daquelas localidades, acompanhando esse trabalho com a descrição dos costumes, usanças, superstições, etc., que de certo conhece perfeitamente, e na qual poderia tomar por modelo os interessantissimos e pitorescos estudos de Pitré.

abessêdo, R. F., a parte, virada ao poente, de um monte orientado no sentido dos meridianos, sendo a parte oposta denominada *soalheiro*.
ajagada (rês), R. F.: a definição dada pode induzir em erro, por ser pouco explicita; *rês ajagada* é propriamente a que foi *abocanhada* do lobo. Com respeito à forma, cf. também *jôrro*, com o castelhano *chorro*.

carrapiça, R. F., pedaço de velo a que é difficil desfazer os nós; *scarrapiçar* (carmear).

carrica, R. F., ave conhecida; monte de herva; tufo de cabelo.

carrico, R. F., individuo de cabelo crêspo.

chicha, R. F., «carne» em linguagem infantil.

coanho, R. F., residuo de palha, contendo ainda grão, a qual fica no eirado depois da trilha. É provável que a definição já dada fôsse deficiente também para Moimenta.

cor[o]cumbas (de), R. F., de *corôcas*, de *côcoras*. Em castelhano diz-se *de cucullas*.

curjidade, *curjidoso*, R. F., curiosidade, curioso: cf. em Lisboa *crusidade*.

folecca, R. F., é também nome de um pássaro.

furgalho, R. F., migalha, restos.

mó, R. F., monte de pão na eira, já limpo da palha. *natibó*, R. F., noutibó, ave: criatura desairosa, desastrada, «jarreta».

nízcaro, R. F., (pron. cuási *nícecaro*), espécie de cogumelo: na Beira Alta *nízcaras*.

panca, R. F., alavanca de madeira, e não de ferro, como equivocadamente se disse, a p. 214.

parba, R. F., cereal na eira, antes de trilhado: Cf. *parga*.

parbão, cereal já trilhado, amontoado em colunas para ser levantado ao vento e limpo.

peleira, R. F., bebedeira.

pelindrengas, R. F., *pendengues* em Moimenta. V. p. 215.

pelubrinho, R. F., redemoinho; nevoeiro. Cf. *porborinho*, p. 221.

Todas as formas indicadas parece que são variantes de *murmurinho*, *murmurio*, ou, mais provavelmente, que houve influência mútua entre este vocábulo e *pulco*, «pó». ¹

préxigo, *prexigueiro*, R. F., «pêssego», «pessegueiro». A notável permanência do *r* na forma dialectal corrobora a já conhecida etimologia [malum] persicum. E' também ali usual a locução *de saccha-prexigueiro*, correspondente á de Lisboa, *d'escacha-pessegueiro*, «de grande força», «decisivo». ²

scarrapichar, R. F., carrear a lã: cf. *carrapicha*.

soalheiro, R. F., a parte de um monte virada ao nascente. Veja-se *abessêdo*.

sopcar, R. F., Acrescente-se que é termo de Ciganos.

sterfogueiro, R. F., cubo ou cilindro de pedra, dentro da lareira, para se lhe encostar a lenha. Em casas abastadas usa-se também de ferro: cf. *trafogueiro* e *trasfogueiro*.

t[a]trahoeira, R. F., armação para apanhar taralhões. A locução *caír na trahoeira* corresponde á usual *caír na esparrela*, «ser inopinadamente logrado, surpreendido».

trilha, R. F., cereal estendido na eira para ser pisado. Veja-se *parba* e *parbão*. ³

¹ [Em mirandês diz-se *pulburino*, em linguagem de Bragança *pulverinho* e *pulberinho*. Estas formas supõem o lat. *apolvercinus* ou *apolverinus*, sobre *pulvis*, -eris (arch. *polvis*). A forma *porborinho* parece assentar também nesta, embora o *porborinho* se deva explicar por influência de *murmurinho*. A forma *pelubrinho* creio que assenta directamente; tendo havido porém suabacti de *u*: *apulub(h)ri-(u)u(o)*: *apulubrinho*, *pelubrinho* por dissimulação (*e*—*u*—*u*—*u*). — J. L. de V.]

² [Em Matella, c. de Vimioso, ouvi ha annos dizer também *préxigo* (com *e* aberto) e *prexigueiro* (com *e* surdo). E' provavel que *préxigo* não assente directamente em *persica*—(a metathese do *r* em syllaba tónica parece-me ser insolita) mas sim em *prexigueiro*=*persicaria*. — J. L. de V.]

³ [Esta palavra liga-se com o verbo *trilhar*, e este com o instrumento de lavoura denominado *trilho* (lat. *tribulum*). O *trilho* serve para debulhar nas ciras o trigo, o centeio, etc., e corresponde ao *mangual* da Beira Alta e ao *malho* do Entre-Douro-e-Minho, embora difira completamente quanto á forma. A descripção do *trilho* transmontano póde fazer-se com as seguintes palavras de Varrão: «Tri-

* *pluteronus*
* *pluturinho*
= *porborinho*

VI

Fonologia dos elementos vocálicos átonos no dialecto português do centro do reino

Vogais ciciadas

Considerando como dialecto hipoteticamente uniforme os falares de Entre-Tejo-e-Mondego, não-raianos, isto é o idioma que se toma como X dialecto literário, diligenciarei averiguar as leis fonológicas que regulam as vogais e ditongos, especialmente as primeiras, conforme a sua situação relativamente às sílabas tónicas e às consoantes contiguas. Estabelecerei neste primeiro artigo o que me parece constituir a doutrina principal da afonia de certas vogais, reservando para estudos subsecuentes a verificação do funcionamento dessas leis, e a explicação das excepções que resultarem do exame mais minucioso dos factos, que apenas deixo agora apontados, e que tenho por de suma importância.

Numa lingua em que, assim como na portuguesa, o icto, ou acento tónico, sem que exerça, como nas jermánicas, constantemente função lójica, é feição ainda assim tão proeminente da sua fonologia, que, avultando as sílabas tónicas, ofusca pela sua intensidade todas as sílabas subordinadas, é perfeitamente explicável que estas percam tanto mais a sua sonoridade, quanto menos os elementos que as compõem participem da condição de voz, isto é, quanto em si elles sejam menos sonoros.¹

Por outro lado, em quasi todos os idiomas em que a noção de quantidade prosódica nas vogais se vai obliterando ou se obliterou já, obliteração que Lepsius advertiu produzir-se nos dialectos de occidente com relação aos seus co-dialectos orientais, é tendência reconhecida, para compensar essa distinção, o dar-se todo o relêvo à sílaba dominante em detrimento das que a precedem, e sobre tudo das que se lhe seguem.

Este último facto é digno da maior ponderação. Assim teremos de examinar a atenuação sofrida pelas vogais das sílabas antetónicas em separado da que sofrem as sílabas postónicas, pois muitas vezes não coincidem as leis fonológicas por que se regulam. Exemplo fri-

bulum fit e tabula lapidibus aut ferro asperata, quae imposito auriga aut pondere grandi trahitur jumentis junctis. ut discentiat e spica grana. *De re rustica* 1, 52, 1.
— Uma estampa que vem no *Dict. des antiq. rom. et grecques* de A. Rich (trad. fr.), s. v. *tribulum* (*tribula*), completa aquella descripção, e dá exactamente a ideia do trilhio. Em Tras-os-Montes tanto o costumam tornar aspero por meio de pedras duras, como por meio de pedaços de ferradura: em cima vae a fazer peso um *paquete*, i. é, *môco* (auriga) ou uma enorme pedra (*grandi pondere*). Não tem rodas, como também as não tem o que vem em Rich. — *J. L. de V.*

¹ Veja-se Leite de Vasconcellos «A Evolução da Linguagem», p. 37.

sante d'êste tratamento diverso é no inglês actual da Europa a circunstância de se admitirem depois da tónica mais de duas sílabas átonas com as competentes vogais atenuadas, emquanto que antes dessa tónica apenas duas, e usualmente uma única, são toleradas, realçando-se em vocábulo extenso outra sílaba por meio de um ictó secundário, que, mantendo o ritmo, facilita a emissão vocábular, ou melhor a frásica, da qual é de supor que esta lei derivasse para a enunciação dos vocábulos.

Factos análogos veremos que se dão, se não em todo o dominio continental do português, pelo menos nos falares do centro do reino. Sendo de presumir que a esse equilibrio não fujam absolutamente os outros dialectos, não pode porém asseverar-se a generalidade do fenómeno por falta de estudos parciais prévios, que ainda estão por fazer, o que não admira por ser talvez esta a primeira vez que a tal facto se atende desenvolvidamente.

Devo, todavia, advertir já aqui, para que não pareça estranho, ou em mim predisposição de espirito para criar distincções entre português setentrional e português meridional no continente, que só a êste último me referirei por emquanto, ao attribuir-lhe a feição característica da existência de vogais ciciadas. Até que mais completo estudo dêste facto fonético nos venha revelar essa existência nos dialectos do norte e nos galegos, tenho como provisoriamente admitido que lhes é estranha a afonia das sílabas postónicas.

O sistema das vogais orais portuguesas, tal como, regulando-me pela minha pronúncia de Lisboa, o fixei no «Essai de Phonétique et de Phonologie de la langue portugaise» ¹, é o seguinte:

Símbolos				Exemplos		
	à			Sá		
è	g	ò		sé	da	só
é	—	ô		sê	—	sou
i	e	u		ti	de	tu
(ɛ)	(ɛ)	(ɔ)		cear	soar	

Da leitura d'êste quadro deve concluir-se que cada uma das vogais é aí sómente considerada pelo seu carácter essencial, pelo seu timbre, pelo que ela é em si, independentemente de toda a relação com os sons contíguos, e de qualquer acidente de entonação, quantidade prosódica ou energia de emissão (ictó).

A p. 56 do estudo citado dei eu, porém, às vogais tónicas à, á, è, é, ò, ô, i, u as correspondentes átonas, nas sílabas não-acentuadas, resumindo essa correspondência no quadro seguinte, que transcrevo para aqui por ser pouco conhecida em Portugal aquela publicação, mesmo pelos que entre nós se interessam nestes estudos, e porque é necessário esse quadro à intelligência do que vou expor.

¹ «Romania», t. xii, p. 28.

A publicação a que me refiro, e da qual datam os estudos portugueses metódicos de fonética, teve certa aceitação lá fora, e provocou especial atenção da parte de dois eminentes glotólogos ¹, que da fonética portuguesa se haviam occupado contemporaneamente, sem que eu o soubesse, e que em vista do meu trabalho aditaram e corrigiram os deles. Na doutrina e método que assentei filiam-se também os estudos dialectais do sr. Leite de Vasconcelos na parte fonética, e muito recentemente nessa doutrina se funda o trabalho primoroso do dr. J. Cornu sobre o português, que vem inserido nos «Elementos da Filologia Românica» ². Não será pois, espero eu, levado à conta de imodestia o referir-me constantemente ao «Essai», pois que, até que outro estudo mais perfeito appareça, é ele ainda o mais completo.

Correspondência das vogais tónicas e átonas

vogais plenas	vogais reduzidas antes de con- soante palatal	antes de outra consoante	antes de vogal	
ā	ā	ā	ā	(ā tónico somente antes de nasal)
ā	ā	ā	ā	(ē = ā ou āi)
ē	ē	ē	ē	representado por e
ē	ē	ē	ē	representado por e
i	i	i	i	representado por i
ō	ō	ō	ō	representado por o
ō	ō	ō	ō	representado por o
u	u	u	u	representado por u

Como este quadro, mesmo desenvolvido tal qual o apresento aqui, seria pouco intelligivel destacado da exposição de que faz parte, vou, sem o alterar na essência, ampliá-lo, exemplificando-o com vocábulos, pelos quaes todo o individuo português do centro do reino poderá apreciar a alteração que as vogais sofrem quando passam a átonas, ou no caso contrário.

Das vogais nasais e dos ditongos nada direi por agora, pois que, exceptuando *ai*, *ei* e *oi*, antes de vogal, e *e* inicial, todos estes elementos escapam, com pequenas excepções de que me occuparei depois, à redução que faz o objecto deste primeiro estudo. Indicarei, no emtanto, no mapa as reduções de *ai*, *ei*, *oi* e *oi*.

¹ Príncipe L.-L. Bonaparte, «Portuguese Vowels, according to Mr. R. G. Vianna, Mr. H. Sweet and Myself» (Trans. of the Philol. Soc.), e H. Sweet «Spoken Portuguese». Veja-se também do Pr. Bonaparte. «On Portuguese Simple Sounds, compared with those of Spanish, Italian, French, English, etc.»

² Gröber, «Grundris der Romanischen Philologie».

Vogais e Ditongos	Antes de consoante que não seja nasal ou palatal			Antes de consoante nasal			Antes de consoante palatal, mesmo que seja nasal			Antes de vogal		
	Tónicas		Átonas	Tónicas		Átonas	Tónicas		Átonas	Tónicas		Átonas
	Exemplos	Exemplos	Valores	Exemplos	Exemplos	Valores	Exemplos	Exemplos	Exemplos	Exemplos	Exemplos	
<i>a</i>	lava						malha, laseca, rasga	malhar, lascar, rasgar	malhar, lascar, rasgar			
<i>âi</i>	raíva						caíva	caíva	caíva			
<i>â</i>							telha, peja, lonha	telhar, pejar, lonhear	telhar, pejar, lonhear			
<i>ê (=ê)</i>												
<i>êi (=âi)</i>	deita						beija, deixa	beijar, deixar	beijar, deixar			
<i>è</i>	leva						velha, inveja, cresta, envesque	envelhar, invejar, enfiar, enfiar, enfiar	envelhar, invejar, enfiar, enfiar			
<i>ê</i>	ceia						cesto, desde	destar, cesteiro	destar, cesteiro			
<i>i</i>	viva						filho, linha, rijo, dis-ta, frega	filhar, linhar, enfiar, distar, fregar	filhar, linhar, enfiar, distar, fregar			
<i>ò</i>	cova						molha, mostra, rosna	molhar, mostrar, ros-nar	molhar, mostrar, ros-nar			
<i>ôi</i>												
<i>ô</i>	foro						rolha, sonba, resto	rolhar, sonhar, arro-sar	rolhar, sonhar, arro-sar			
<i>oi</i>	moita						roxo	arro-xar	arro-xar			
<i>u</i>	lava						empuxa, fuja, custa, resga	empuxar, fujir, cus-tar, resgar	empuxar, fujir, cus-tar, resgar			
<i>ou</i>	louva						ajouja	ajoujar	ajoujar			

Os factos fonéticos e leis fonológicas importantes revelados pe'lo exame d'este quadro, além de outros que ao depois apreciarei, são os seguintes:

- a) *â* e *á*, ao perderem o *i* cto, convertem-se em *a*.
- b) *ê* e *é*, teem ambos como correspondente átona a mesma vogal neutra *e*, antes de consoante que não seja palatal.
- c) Semelhantemente, *ô*, *ó* e *u* corresponde *o*, como vogal reduzida, em todas as situações porém.
- d) *e*, *i*, átonos juntos a consoante palatal não se diferenciam, convertendo-se o *e* e o *i* na reduzida *i*, o primeiro por assimilação palatal, o segundo por atenuação, qualquer que seja a origem do *e* (*ê*, *é*, *è*.)

Pe'los exemplos que comprovam esta última lei, da qual me occuparei especialmente agora, conjuntamente com a de redução de *ô*, *ó*, *u* a *o*, vê-se que *s* final de sílaba é considerado palatal. Effectivamente, assim se proferem os *ss* em tal situação no sul do reino, a partir do Mondego, em toda a faxa litoral, e é este o valor característico d'esses *ss* no dialecto comum, mantendo-se diferença constante entre eles, e os iniciais de sílaba. Os exemplos que dei são, como se vê do quadro:

<i>basta</i>	<i>testa</i>	<i>cesta</i>	<i>desde</i>	<i>dista</i>	<i>fisga</i>	<i>mostra</i>	<i>rosto</i>	<i>custo</i>	<i>rusga</i>
<i>bastar</i>	<i>testar</i>	<i>cesteiro</i>	<i>desdar</i>	<i>distar</i>	<i>fisgar</i>	<i>mostrar</i>	<i>arrostar</i>	<i>custar</i>	<i>rusgar</i>

Para fazermos perfeita idea da identidade da vogal átona *i*, quer provenha de *ê* ou *é*, quer de *i*, antes de *s* palatal, podemos emparelhar vocábulos que pouco se diferencem nos outros fonemas, tais como: *desdar*, *distar*, *testar*; *pesgar*, *pescar*, *piscar*, os dois últimos idénticos na pronúncia.

Sabemos que o *s* final de sílaba é palatal, isto é, que equivale a *x* antes de consoante surda, e a *j* antes de consoante sonora, reduzidos porém, e logo direi em quê me parece que consiste essa redução.

Emparelhando, como disse, os três vocábulos *desdar*, *distar*, *testar* reconhece-se que de um para outro há diferença de sonoridade, de perceptibilidade na vogal átona que precede o *s*: no primeiro é ela apenas reduzida, indistinta; no segundo ainda mais indistinta e menos caracterizada; no terceiro em *testar*, é proferida sem voz, em sêgrêdo, *ciciada*.

Temos portanto no português meridional, como elementos, vogais reduzidas sonoras, semi-sonoras, e *ciciadas* ou surdas; fenómeno este último que tem passado despercebido, mas que qualquer pode apreciar facilmente pela sua própria pronúncia, e melhor, colocando-se, em relação a uma pessoa que esteja falando ou lendo sem ênfase, mas com voz clara, a distância tal que das palavras não sejam perfeitamente intelligíveis as consoantes, mas simplesmente as vogais, e que portanto a atenção à pronúncia delas não seja distraída e prejudicada pelo interesse que deriva da intelligibilidade do discurso. O mais competente apreciador, mesmo, d'estes fenómenos seria um estrangeiro, que com dificuldade entendesse o sentido das palavras, mas

que tivessê o condão de bem distinguir os sons que ouvisse pronunciar.

Vê-se pois que a vogal átona *g*, representante de *è, é, i* tónicos, antes de consoante palatal, é susceptível de três graus de sonoridade: voz plena, meia-voz, afonia ou completa extinção de voz, conforme as consoantes com as cuais está em conjuncção sejam ambas sonoras, uma delas sonora e a outra surda, ou ambas surdas: *desdar, distar, testar*.

E' de notar que se dão as mesmas leis de gradação de sonoridade com *g* proveniente de *ò, ô, u*, e que, pelo menos aqui em Lisboa, o *g* nunca, talvez, atinge completa afonia, sendo semi-sonoro no segundo e terceiro casos de atenuação.

O que primeiro chamou a minha atenção para a existência provável de vogais ciciadas em português, facto a que apenas de leve eu aludira no meu «Essai», e também no que disse no «Positivismo» (1882, p. 165) com relação ao *e* e ao *i* átonos antes de palatal, foi uma observação feita, entre outras, acêrca daquele meu trabalho pelo eminente foneticista inglês que citei, o snr. H. Sweet, observação contida nas seguintes palavras que transcrevo, aproveitando aqui o ensejo para lhe agradecer a equidade benévola com que apreciou a minha exposição. Diz ele a p. 34 do seu notável opúsculo. «The only mention of whisper by G. V. is where he attributes it to the second element of diphthongs», p. 33. (Spoken Portuguese, Concluding Remarks).

Impressionou-me logo a ponderação do exímio foneticista, um dos mais conspicuos da actualidade, e fiz propósito de estudar melhor esta questão importante, e de a ela voltar na «Romania», porque evidentemente o que dissera no «Essai» fôra insufficiente. Outras occupações desviaram-me até aqui dêsse estudo, e é ele o que faz o assunto desta monografia, e em grande parte das que se lhe hão de seguir sobre a fonologia portugueza.

Tentarei pois, como já disse, esmiuçar êste ponto e outros interessantíssimos da fonética portugueza e que sómente de relance tratara no referido trabalho; sendo, me parece, a falta de menção expressa das vogais ciciadas, e das consoantes aspiradas ¹ *c'*, *qu'*, *t'*, *p'*, as lacunas mais importantes que se notarão nele.

¹ V. «Rev. Lusitana», p. 198. Sobre as aspiradas veja-se ibid. p. 225, 226, onde expressamente já as reconheci como jerais.

O Prof. Vasconcellos Abreu, no opúsculo intitulado «Programa para o estudo do sânscrito clássico» (Imprensa Nacional 1887), faz menção das aspiradas a p. 2, nestes termos: «Os fonemas *k h*, *g h*, *t h*, *d h*, *p h*, *b h*, e os outros são aspirados como são *c (q) t, p* em português em certas vozes; a diferença é de intensidade de...» Já antes o snr. Leite de Vasconcellos, na sua tese «A evolução da linguagem» (Porto 1886), mencionou e classificou (na tabela, a p. 28 e 29) as consoantes aspiradas como elementos da fala portugueza; todavia conta entre elas sonoras que não encontro na pronúncia de Lisboa.

Creio ter sido ele o primeiro que por escrito nos «Dialectos Interamnenses»,

As vogais ciciadas portuguesas encontram-se em sílabas átonas, ou antetónicas ou postónicas, em conjunção com explosivas ou fricativas surdas. São essas vogais:

a) o (*u*) e finais na pausa, precedidos das fricativas surdas *x*, *s*, *f*, e das explosivas também surdas *k* (*c* ou *qu*) *t*, *p*, que neste caso são aspiradas se a sílaba está descoberta (não seguida de outro fonema). Se a sílaba é fechada por consoante que não seja *s*, *x*, (*s* pal.) o *q* não é afónico.

o (*u*) e mediais entre essas consoantes surdas, não se aspirando neste caso as explosivas, ou aspirando-se muito pouco. Para o átono, porém, em contacto com *x*, veja-se b).

Devo advertir que sómente a *q*, *ç* me refiro. Quando *e* ou *o* são abertos ou fechados não há afonia nem aspiração.

b) *i* e *e* entre duas palatais, das quaes uma fricativa, surdas porém ambas elas, valendo qualquer destas duas letras vogais em tal caso por *z*, *i* reduzido surdo.

O melhor modo de notar as vogais ciciadas seria o sinal ' subscrito, como esse mesmo sinal sobrescrito ' indicaria a aspiração da consoante. Era esta última a notação de Bopp, e adoptam-na hoje Brücke, Sievers, Lundell e outros.

Cualquer das vogais ciciadas é semi-sonora se um só dos sons contíguos é sonoro; sonoras se ambas o são, e ainda mais se as consoantes sonoras são ambas fricativas.

A reduzida *ç* parece-me que nunca é inteiramente afónica, como já disse.

i, *u* semi-vogais são igualmente sonoros, semi-sonoros ou surdos, nas mesmas circunstâncias. Quando surdos podem marcar-se com ' ; fora dêste caso com o círculo sobrescrito.

Sobre os *ss* palataes, surdo e sonoro em fim de sílaba, no português meridional, valores, cuja apreciação tem variado tanto, direi que me parece serem simplesmente *x* e *j*, mais ou menos palataes conforme a vogal que os precede ou a consoante que se lhes segue, atenuados, porém ¹); e que a diferença que existe entre *diz* (*dix*) e *diche* (*diri*),

III, p. 7 (1885), fez menção de aspiradas em português, determinando na generalidade onde o *p* aspirado se produz. E' facto, porém, que elas haviam já chamado a minha atenção, e que eu as havia citado em correspondência epistolar com vários. Também me consta que o meu amigo Vasconcellos Alreu as reconhecia em português, pelo menos nestes dois últimos anos, quando na sua exposição da fonética do alfabeto devanágrico tinha que as descrever na aula de sômscrito.

Como é sabido, pelas afirmativas dos modernos foneticistas alemães, ingleses, e já entre os franceses do sr. Paulo Passy, e muito antes de todos eles pelas de Lepsius, existem surdas aspiradas nos mais dos dialectos germânicos e igualmente em alguns falares de França, especialmente no começo da sílaba tónica.

Sobre o sinal ' pelo qual as designo, veja-se in *Positivismo* «O livro da Escrita do Prof. Faulmann», p. 340.

¹ Respondo dêste modo a outra observação do sr. H. Sweet, concebida nestes termos: «His description of (os símbolos da sua transcrição, que não teria modo de figurar aqui, e que representam o *s* palatal surdo e sonoro) is vague.»

por exemplo, consiste principalmente em que o segundo vocábulo depois da palatal *x* tem o *i* reduzido surdo, emquanto que o primeiro termina positivamente nessa palatal *x*, proferida no menor espaço de tempo possível para a emissão de uma fricativa; e se está na pausa, a ponta da lingua estabelece logo após essa emissão uma oclusão no ponto do palato, ou antes das jínivas, que lhe fica mais próximo, ou abandona a posição que tomara para estabelecer o apêrto, voltando à posição indiferente. No primeiro caso o sibilo é um tanto mais prolongado e confundir-se há mais facilmente com a sílaba *xz*.

Se a palatal é sonora (*jz*), nesse caso o *i* reduzido é sonoro também; e como *s* palatal sonoro não aparece na pausa, não será fácil a confusão: *s* seguido de palatal sonora não terá a vogal *z* a separá-lo dela, como sucederá com a sílaba *jz* (*je, ji*) se tal sílaba for seguida de outra começada por consoante igualmente palatal. Com efeito, para se compreender a distinção, basta compararem-se: *reje-the, foje-the*, com *rês the (dó), foz the (faz)*. Compare-se também *reje m'a*, com *res-ma, rês de cá* com *ranje de cá*.

Concluindo por agora, direi ainda que é da maior urgência que se publique um vocabulário, no qual todas as particularidades da pronúncia vocabular de cada palavra estejam indicadas gráficamente, como acontece nos dicionários de pronúncia ingleses. Esse trabalho, para ser perfeito, ou pelo menos correcto, é forçoso que seja executado, ou revisto, por um foneticista competente. Só então, pelo estudo de tal vocabulário, poderão fixar-se todas as leis que regulam a pronúncia portuguesa, tal como ela é actualmente, e não como o era há um século. O meu maior desejo é que esse trabalho apareça feito por quemquer que seja, mas bem feito.

Quanto a notação diacritica, a que estabeleci no «Essai», ampliada com os sinais que aqui proponho, creio que seria a suficiente, para a transcrição vocabular pelo menos: ficando por certo tão rigorosa como as melhores inglesas, alemãs ou escandinavas, que tem sido propostas e empregadas pelos especialistas d'este ramo da glotologia. E se nesta Revista eu não indico as feições principais do sistema, é porque dificuldades tipográficas m'o impedem. Por motivo de dificuldades semelhantes, mas muito menores, certissimamente, há incongruências e deficiências na notação que empreguei na «Romania».

Em breve proseguirei nestes estudos.

A. R. GONÇALVES VIANNA.

Satisfeitas ficam igualmente as dúvidas que o Príncipe L.-L. Bonaparte me propôs acerca destas consoantes, e ampliada a descrição que delas lhe fiz. Conu-dá-as como idénticas a *xj*, Sweet supõe semi-sonoro o *s* antes de consoante branda: não tem razão.

NOTAS E PARALLELOS FOLKLORICOS

VI — Romance de D. Gato

1. Versões de Elvas

- a. Estando lo senhor D. Gato,
Na sua cadêra sentau,
Com sua mêa de seda,
Seu sapatinho virau,
Recebeu uma noticia,
Que estava para casau,
C'uma gatinha morena,
Que nam tinha dom nem rabo.
- b. Estando o senhor D. Gato,
Na sua cadeira sentau,
Calçando meia de seda,
E seu sapatinho virau,
Sua cassaca vestida,
Seu chapésinho embicau,
Cartas novas lhe vieram,
Que havia de ser casau,
C'uma gatinha morena,
Que tinha o dote no rabo.

Colligidas por A. Thomaz Pires. F. Adolpho Coelho, *Os Jogos e as Rimas infantis de Portugal*. Extrahido do *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, serie 4.^a, n.^o 12, pag. 26.

5. Versão gallega

Estando o Señor don Gato
En silla d'ouro sentado,
Poñendo media de seda
Y o seu zapato picado,
Mandáronlle cartas novas
Se quería ser casado,
C'unha gatiña morena
D'unha pintaña no rabo
O gato co'a alegría
Subiu-se logo á un tellado,
Unha pulga deull'un couce
E' caiu o gato embaixo,

Partindo catro costellas
 E a metade d'o espinazo.
 Mandon logo chamar curas
 Pra dar conta d'o robado:
 Sete varas de chorizo,
 Ontro tanto d'adubado,
 Unha xerriña d'aceite
 Pra facer millor guisado.

Milá y Fontanals, in *Romania* vi, 71: «Una mujer de Menargues (pueblo catalán fronterizo de Aragón) nos dijo haberlo aprendido de los gallegos que pasaban por allí.»

3. Versão gallego-castelhana

Estando el señor jato (=gato)
 Sentado na sua silla,
 Calsando médias de seda,
 Sapatos de oro picado
 Con el sombrero á los tres bentos,
 Parecía un escribano,
 Le llegó una noticia
 Que había de ser casado,
 E el jato con la risa
 Cayó de la silla en bajo;
 Quebró las siete costillas
 También la punta del rabo;
 Maudó á llamar lus médicos
 Y tambien un surjano,
 Para hacier testamento
 De lo qui había róbado,
 Binte libras de tócinu,
 Siete jallinas y un jallo.
 Ah! pobrecito jato!
 Que no si entierra in sagrado!
 Intierra-se en num campo bérde,
 D'onde paseja el janado,
 Con la cabezita fuera
 Y en cabelo bien peinado,
 Para quien pase por allí
 Dija: «Aquí murió un disdichado.»
 Mico jato meu!

Colhido da boca d'un gallego por J. Leite de Vasconcellos. *El Folk-Lore betico-extremeño*, año 1, n.º 1, pp. 99-100. Frejenal, 1883.

4. Versao andaluza

Estaba señor don gato
 en silla de oro sentado
 calzando media de seda
 y zapatito picado
 Llegó su compadre y dijo
 si queria ser casado
 con una gata morisca
 que andaba por los tejados.
 El gato por verla pronto,
 cayó del tejado abajo
 se ha rompido tres costillas,
 se ha descoyuntado un brazo;
 venga, venga presto el médico,
 sangrador y cirujano,
 y sobre todo que venga
 el doctor señor don Carlos.
 El señor don Carlos manda,
 despues de haberle pulsado,
 que maten á una gallina
 y que le den buenos caldos.
 Al otro dia de mañana,
 amaneció muerto el gato:
 los ratones de alegría
 se visten de colorado;
 las gatas se ponen de luto,
 los gatos capotes largos,
 y los gatitos chiquitos
 dicen miau, miau, miau.

Ferd. Wolf, *Beiträge zur spanischen Volkspoesie aus den Werken Fernan Caballero's*. Sitzb. d. K. Akad. d. Wissenschaften, phil. hist. Classe. xxxi. Bd. 1. Hft. pp. 155-156. (Do romance *Cosa cumplida*.)

5. Outra versão andaluza

Estandu señor dun gatu
 Sentadu en sillón de palu,
 Haciendu media de puntu,
 Zapatitos encarnadus;
 Vinu una jata rabona,
 Chiquetita y de este barriu,
 Y un día por darle un besu,
 S'ha caidu d'un tejadu;
 S'ha quebrau siete costillas
 Y un brazu descoyuntadu.

Lllaman al cura,
 Birlura,
 Para hacer el testamentu
 Birlentu
 Que lu entierren en sagradu,
 Birladu

Dunde nun pase janadu,
 Yá la cabecera pongan
 Un Christu crucificadu,
 Y á lus pies una bandera
 De tafetan encarnadu,
 Cun un letrero que diga:
 «Aquí murió el desgraciadu»;
 Nun murió de calentura,
 Niu d'olor de custadu,
 Que murió de mal d'amores,
 Que's d'olor desesperadu.»

Atribúyesele un origen gallego y de aquí el lenguaje usado en la alicantina copiada, lenguaje que el pueblo andaluz supone imitación perfecta del de los asturianos, gallegos, etc.; que, como de los moros y franceses, dicen que todos son unos. Sirva en descargo de my paisanos el saber que cuando los españoles del norte quieren imitar el lenguaje andaluz, suelen decir: «Soy de Guerez; eche usted fierro compadre,» *et sic de ceteris*. Compárese el final de la alicantina con el del 1.º de los *Juegos de rueda* que publiqué en el num. 3.º de esta Revista. Recuerdo incompleta una relación muy parecida que empieza de este modo:

Estando un gato sentado
 En su gran sillón de palo,
 Le ha venido la noticia
 Que si quiere ser casado
 Con una gata morisca,
 Hija de un gatillo pardo, etc.

El Folk-Lore andaluz, año 1 (1882), pp. 371-372.

As versões que reuni do *Romance de D. Gato* teem interesse por nos apresentarem ao vivo o facto da sua transmissão. O romance é uma parodia, cujo começo lembra o dos RR. da *Dona Infanta*¹ e d'outros ainda e que pelo seu character não deve ser antigo. A Galiza, Portugal e a Catalunha foram estranhos á elaboração original dos romances antigos e verdadeiramente populares que nestas regiões

¹ Th. Braga, *Romanceiro geral*, n.º 1 e 2, etc. Cf. p. ex.: Sentado está el señor Rey — en su silla de respaldo. *Romanceiro geral*.

teem sido encontrados: receberam-nos de Castella, como já Ferdinand Wolf mostrára relativamente a Portugal e Catalunha, num escripto em que characterisa perfeitamente a litteratura d'esses dois paizes ¹. Os povos, falhos d'originalidade litteraria, pendem para a parodia. Notou-se esse facto em relação á Italia, onde todavia apparece o genio compensador de Dante. Na litteratura portugueza abunda a parodia. Já no Cancioneiro do Vaticano ha uma parodia de *Cancão de gesta*. Em o nosso theatro contemporaneo o genero é cultivado com afinco. Não se esqueça todavia que a propria Grecia teve a *Batrachomyomachia* e que a França medieval nos apresenta parodias epicas como *Audigier* e *Le siège de Neuville*. São sobretudo os factos especiaes relativos ao *R. de D. Gato* que tornam muito provavel a sua origem gallega.

As versões (incompletas) colligidas por A. Thomaz Pires mostram-nos o *R.* a passar da forma hispanhola (extremenha) para a portugueza; do mesmo modo, em muitos dos antigos romances populares da tradição portugueza, as formas castelhanas revelam a origem extranha.

E' assim que o *R. de Gerinaldo* (Versão de Traz-os-Montes), que se pretendeu não nos ter vindo atravez de Hispanha ², revela a sua origem castelhana na forma *castillo*, conservada por causa da rima.

¹ *Proben portugiesischer und catalanischer Volksromane: Mit einer literar-historischen Einleitung über die Volkspoesie in Portugal und Catalonien*. Wien, 1856, 8.^o (Aus dem Märzhefte des Jahrganges 1856 der Sitzungsberichte der phil.-hist. Classe der kais. Akademie der Wissenschaften [xx. Bd., S. 17] besonders abgedruckt.)

Sobre as origens hispanholas dos RR. populares portuguezes vid. tambem Th. Braga, *História da poesia popular* (Porto, 1867), pp. 137 ss. O auctor d'esse livro não soube tirar as consequencias dos factos reunidos no l. c. e esqueceu-se muitas vezes d'elles, que em verdade tinham na maior parte sido já notados por Ferd. Wolf.

Sobre as mesmas origens, vid. ainda algumas observações sensatas de J. Leite de Vasconcellos, *Romanceiro portuguez (Bibliotheca do povo e das escolas)*, Introducção. Discordo deste auctor quando, seguindo Th. Braga, admite que, nos tivessem vindo romances pelos cruzados e os Gallo-Frankos, que se estabeleceram em territorio portuguez, ao Sul. A historia inteira do romanceiro hispanhol e os factos seguros que respeitam aos RR. portuguezes testemunham contra a hypothese da transmissão pelos cruzados e Gallo-Frankos. Vid. D. Manuel Milá y Fontanals, *De la poesia heróica-popular castellana* (Barcelona, 1874) livro não lido dos citados auctores portuguezes; vid. nelle especialmente para o caso as investigações sobre o cyclo carolingio, pp. 327-379. Cf. Gaston Paris, *Histoire poétique de Charlemagne*, pp. 203-217.

De Puymaigre, *Romanceiro*, p. xi, diz: «Almeida Garret, dont l'opinion a été sanctionnée par Wolf, faisait remonter un vieux romance aux compagnons d'Henri de Bourgogne» e cita p. 54 do escripto alludido de Ferd. Wolf, onde este não sanciona a tal opinião de Garret, mas diz simplesmente que o *R. A Infaticada* está mais proximo da versão franceza, verosilmente original, que a castelhana *De Francia partió la niña* (*Primavera y Flor de romances*, n.^o 154).

Mais avisado anda o auctor francez quando diz, p. xlix: «Les romances portugais les plus anciens ne semblent pas dépasser le xve siècle.»

² Th. Braga, *ob. cit.* n.^o 6 e nota correspondente.

Não é esse o unico criterio da origem dos nossos romances. Acima de tudo está em primeiro logar a comparação directa com os RR. hispanhoes, e em seguimento com os das nações d'além dos Pyreneus. Na Hispanha pode ter-se perdido o prototypo de um romance portuguez, que todavia de lá viesse: aqui a critica deve dispôr de todos os elementos combinatorios existentes para a solução do problema. P. ex., attribuiu-se origem portugueza ao R. da *Nau Catherineta* e foi-se na hallucinação até a achar os elementos d'elle numa relação portugueza de naufragio ¹; mas a comparação com os romances extra-peninsulares do mesmo cyclo, desconhecidos de Garret e do continuador d'este, Th. Braga, tornam evidente a sua origem não portugueza e provavel a sua passagem pela Hispanha antes de chegar a Portugal, e tanto mais quanto é certo que nas Asturias se achou um R. incompleto do cyclo, com versos que se reproduzem nas versões portuguezas ².

A historia da poesia popular portugueza está por fazer. Os livros do snr. Th. Braga sobre o assumpto ³ contem alguns materiaes aproveitaveis ao lado de muita coisa extranha; mas são apenas compilações desordenadas, muito falhas de critica, feitas com ignorancia até do que seja o verdadeiro sentido da expressão *poesia popular*, recheadas de theorias absurdas, revelando conhecimentos muito limitados, pela ~~maior~~ parte de segunda mão, da litteratura dos outros paizes sobre a poesia popular ⁴.

maior

¹ Idem, *ob. cit.* n.º 23; *Cantos populares do Archipelago Açorianno*, RR. n.ºs 37, 38, 39 e 40 e nota correspondente. Numa versão açoriana apparece a forma hisp. *chiquito*, trocada inintelligentemente por *p'iquito* noutra dessas versões.

² Sobre o cyclo de RR. a que pertence a *Nau Catherineta*, vid. R. Kochler em *Literaturzeitung* (Jena) 1874, artigo 301; A Wonderful ballad of the seafaring men. By Professor Grundtvig em *The Folk-Lore Record*, vol. III, Part. II, 7 a (versão dinamarqueza); Le Comte de Puymagre, *Romanceiro. Choix de vieux Chants portugais* (Paris, 1881), pp. 173-174.

Como já Ferd. Wolf notou (*Proben*, etc., p. 89 ss.), o elemento demoniaco, que se nota no R. da *Nau Catherineta*, é em extremo raro nos RR. peninsulares. De Puymagre diz tambem: «L'intervention du diable, lequel n'a que rarement un rôle dans les fictions méridionales, ne se produit pas dans toutes les leçons de la *Nef Catherineta*.»

³ *Historia da poesia popular portugueza*. Porto, 1867, 8.º peq.; *Epopéias da raça mosarabe*. Porto, 1871, 8.º peq. Os erros destas obras repetem-se em livros posteriores do mesmo auctor. Vid. a nota seguinte.

⁴ Cf. as criticas de A. Morel-Fatio na *Romania*, II (1873), pp. 124-134 e pp. 369-370. Para exemplo da paixão do snr. Th. Braga pelos seus erros, notarei que depois de Morel-Fatio e G. Paris terem posto ao ar as raizes do disparate, repetido de Garret, por aquelle auctor, sobre o *malato* do R. da *Infantina*, palavra que significa *doente*, *leproso* e nada tem que ver com o *malado* do *Elucidario* de Viterbo, o snr. Braga repete o erro no seu livro *O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições* I, p. 84 (Lisboa, 1886). Com referencia ás obras sobre poesia popular do mesmo escriptor portuguez, disse Milá y Fontanals, que conheceu a fundo a historia da poesia popular da nossa peninsula: «Al citar las colecciones de este autor, mas fieles e copiosas que la de Almeida Garret, debemos advertir que estamos muy distantes de admitir ciertas ideas que con especial insistencia en ellas se exponen.» *Romania*, VI (1877), p. 52, n. 2.

VII—Oração dos anjos da guarda

1. Versões portuguezas

Na *Romania*, III, p. 267 publiquei a seguinte oração que o nosso povo reza ao deitar-se na cama (versão de Celorico de Basto):

- | | |
|---|---|
| <p>a. Graças a Deus
Que já me deitei,
Com sete anjos
Me encontrei;
Tres aos pés,
Quatro á cabeceira,
E Nossa Senhora
Na deanteira;
E ella me disse
— «Dorme e repousa;
Não te temas
De nenhuma cousa.»
Persina-te</p> | <p>E persino-m'eu.
Benta é a hora
Em que Christo nasceu;
Bento o altar,
Benta a hora
Que me en fui deitar.
Tange a hora;
O Christo a tange
A virgem a adora.
Ditosa a alma
Que se deita
Nesta hora.</p> |
|---|---|

Posteriormente publiquei a seguinte versão colhida da bocca d'uma mulher do Carregal (Beira):

- b. Nesta cama me deitei
Sete anjinhos nella achei;
Tres aos pés quatro á cabeceira;
Nossa Senhora na deanteira.
Christo a adora
Bem dita seja a alma
Que se deita nesta hora.
A cruz se deite commigo,
A cruz da divindade,
A cruz se deite commigo
Da sanctissima Trindade.

Desça Deus do ceo á terra
E se metta entre mim
E Jesus crucificado
Falle e responda por mim.
Nem meu corpo seja preso,
Nem minha alma perdida,
Nem meu sangue derramado.
Padre Nosso e Ave-Maria.

A seguinte versão de Taboação foi colhida pelo meu amigo J. Leite de Vasconcellos:

- c. Nesta cama me venho deitar,
Quatro anjos hei-de achar;
Dois aos pés, dois á cabeceira,
Nossa Senhora na dienteira,
Ella me disse: «Dorme e repousa;
Num tenhas medo nem temor,
Nem de noite, nem de dia,
Nem no pino do meio dia».

2. Versões estrangeiras

Encontram-se espalhadas por toda a Europa christã versões d'esta oração, ou antes da primeira parte, relativa aos *anjos protectores*; ha versões que correspondem de modo mais ou menos perfeito ás nossas portuguezas. Indicarei algumas.

a. Dinamarqueza, publicada por Lyngby, p. VIII do seu prefacio ao livro de E. Hagerup, *Om det danske sprogi Angel*, citado por Reinhold Köhler no *Jahrbuch für der romanische und englische Literatur*, VIII, p. 416.

Om Avtne ven æ i Seng gær,
Så manne Gujs Engle fô mê stær:
To ve mit Høj,
To ve min Fôr,
To ve min hÿr Sí,
To ve min vinstr Sí,
To te ã dæk mê
To te ã væk mê,
To, dê mê æ Vej vis
Uri den himmelsk Paradis.

b. Allemã, publicada por Dr. Sachse no seu escripto *Ueber Volks- und Kinderdichtung*, no *Jahresbericht über die höhere Knaben-Schule Postdamer-Strasse*, n.º 3, etc. Berlin, 1869.

Abends, wenn ich zu Bette geh,
Vierzehn Engelchen um mich stehn:
Zwei zu Häupten
Zwei zu Füßen,
Zwei zu Rechten,
Zwei zu Linken,
Zwei, die mich decken,
Zwei, die mich wecken,
Zwei, die mich weisen
Zu dem himmlischen Paradeize.

Como se vê, esta versão é perfeitamente correspondente á dinamarqueza acima transcrita.

c. Ingleza, reproduzida no art. citado de R. Köhler no *Jahrbuch*, de J. Harland and T. T. Wilkinson, *Lancashire Folk-Lore* (London, 1867) p. 69.

Mathew, Mark, Luke, and John,
Bless the bed that I lie on;
There are four corners to my bed,
And four angels overspread,
Two at the feet, two at the head.
If any ill thing me betide,
Beneath your wings my body hide.
Mathew, Mark, Luke, and John,
Bless the bed that I lie on. Amen.

d. Francezas (*Melusine*, I, p. 308, 190; cf. 390):

Petite Patenôtre blanche
Que Dieu fit,
Que Dieu dit,
Que Dieu mit en paradis.

Au soir m'allant coucher,
Je trouvai trois anges à mon lit couchés,
Un aux piés, deux au chevet,
La bonne Vierge Marie au milieu,
Qui me dit
Que je m'y couchis
Que rien ne doutis;
Le bon Dieu est mon père,
La bonne vierge est ma mère,
Les trois apôtres sont mes frères,
Les trois Vierges sont mes sœurs

La chemise où Dieu fut né,
Mon corps en est enveloppé;
La croix Sainte Marguerite
A ma poitrine est écrite.

Madame s'en va sur les champs
A Dieu pleurant,
Rencontrit monsieur saint Jean.
Monsieur saint Jean, d'où venez?
Je viens d'*Ave salus*.
Vous n'avez point vu le bon Dieu?
Si est, dans l'arbre de la croix,

Les pieds pendans
 Les mains clouans,
 Un petit chapeau d'épine blanche sur la tête.

Qui la dira trois fois au soir,
 Trois fois au matin,
 Gagnera le paradis à la fin.

(Thiers, *Traité des Superstitions*, 1, p. 97.)

Dien l'a faite, je la dis;
 J'ai trouvé quatre anges couchés dans mon lit,
 Deux à la tête, deux aux pieds
 Et le bon Dieu au milieu.
 De quoi puis-je avoir peur?
 Le bon Dieu est mon père,
 La Vierge, ma mère,
 Les saints sont mes frères,
 Les saintes, mes sœurs
 Le bon Dieu m'a dit:
 Lève-toi, couche-toi,
 Ne crains rien; le feu, l'orage et la tempête,
 Ne peuvent rien contre toi!
 Saint Jean, saint Marc, Saint Luc et saint Mathieu
 Qui mettez les âmes en repos
 Mettez-y la mienne, si Dieu le veut.
 (Charente).

Je me suis couché dans un bon lit;
 Il y avait moult anges.
 Jésus-Christ est mon père,
 La sainte Vierge, ma mère,
 Saint Pierre est mon parrain,
 Saint Jean-Baptiste, mon cousin.
 Je puis bien passer la nuit,
 J'ai quatre bons amis,
 Qui gardent ma place dans le Paradis.
 (Warloy-Baillon, Amiénois).

e. Venezianas en Bernoni, *Pregchiere Popolari Veneziane*. Venezia, 1873 (reproduzidas em *Ausland*, 1876, p. 303):

a) In leto me ne vago
 La mia vita ghe la dago;
 Ghe la dago a San Zuane,
 Chè el mondo no me ingane,
 Nè de di, nè de note,
 Fin al punto de la mia morte:

Segna ti,
 Segna mi,
 Segna el leto e el cavezal
 Segna mi che só mortal.

In nome del Padre, del Figliuolo, e de lo Spirito Santo. Ame.

b) Me ne vago in leto
 Co l'Anzolo perfeto
 Co l'Anzolo di Dio,
 Co San Bartholomio,
 Co la Madre benedeta,
 Co Santa Elisabeta,
 Co i quatro Evangelista
 Co San Giovanni Batista;
 Che i me porta la so santa benedeta benedizion:
 Gesù, Guisepe e Maria,
 Benedi'l cor e l'anema mia.

f. Versão italiana de Pontelagoscuro, provincia de Ferrara, publicada na *Revista de Filologia romanza*, II, p. 208 por G. Ferraro:

Mi na vagh a lett,
 Cun l'anzol perfett,
 Cun l'anzol de Dio.
 Vi ricumand l'anima mia.
 Vu, Signor, ch'al savi,
 Bona uardia mi fari,
 Tre cos vi dumand,
 Cunsion, comunion,
 Benedission del Spirit Sant.

Não é meu intento estudar agora as relações d'essas versões, em que ha combinações de diversos elementos que ora faltam numas ora noutras; similhante trabalho poderia dar resultados interessantes extendendo-se a um maior numero de versões do que conhecemos. Köhler no artigo citado do *Jahrbuch f. rom. und engl. Lit.*, VIII, p. 409-417, apresenta um specimen de investigação comparativa sobre as versões que ali reune e cita um trabalho seu sobre a mesma oração na *Germania* de Pfeiffer V, p. 448-56; XI, p. 435-45 e addições de Maurer na mesma publicação XII, p. 234-36.

Como se vê, a oração acha-se espalhada nos paizes germanicos e romanicos. Qual é a sua patria primitiva, de que irradiou?

Koehler cita as observações do professor Paganini que tornam verosimil que a oração tivesse sido composta por um franciscano de Pistoia e que franciscanos a tornassem conhecida fora da Italia (*Jahrbuch*, VIII, p. 417).

A historia da nossa oração offerece pois interesse para a questão das migrações das composições poeticas e sua assimilação pelos diversos povos, questão cujos termos são mal conhecidos ou vistos sem clareza por certos pseudo-ethnologos.

A nota precedente, como outras do mesmo genero, materiaes para um estudo sobre a transmissão das tradições populares, estava já em manuscrito ha cerca de nove annos. Depois disso tive occasião de notar mais algumas versões da mesma oração.

1. Duas versões catalãs em Francisco Maspons y Labrós, *Jochs de la Infancia* (Barcelona, 1874) pp. 61-62.

2. Tres versões de Gasconha em Jean-François Bladé, *Poésies populaires de la Gascogne* (Paris, 1882) vol. 1, pp. 27-35.

3. Duas do Tirol em Ignaz v. Zingerle, *Sitten, Bräuche und Meinungen des Tiroler Volkes* (Innsbruck, 1871), pp. 235, n.ºs 44 e 45.

4. O mesmo Zingerle no seu escripto *Das deutsche Kinderspiel im Mittelalter* (Sitzb. d. K. Akad. d. Wissenschaften zu Wien. Phil.-hist. Cl. LVII Bd. 1. Heft), p. 166 cita uma antiga versão allemã collida por Johannes Agricola (n. 1:492) nos seus *Sprichwörter*.

6. Versão suissa em *Basterische Kinder-und Volksreime* (Basel s. d.), n.ºs 6 e 7 (pp. 2 e 3).

7. Versão bretã publicada por L. F. Sauvé in *Revue celtique* v, p. 180-181.

8. Versões andaluzas, em F. Rodriguez Marin, *Cantos populares españoles*, vol. 1, n.ºs 1029-1033.

F. ADOLPHO COELHO.

VIDA DE SANTO ALEIXO

SEGUNDO OS CODICES DO MOSTEIRO DE ALCobaça

A *Vida de Santo Aleixo* parece ter sido escripta originariamente em latim, no seculo viii ou ix, por um auctor anonymo, que se julga ser algum dos monges do Mosteiro de S. Bonifacio ¹, onde, segundo a tradição, foi sepultado aquelle santo, e eram depois guardadas as suas reliquias. Em breve adquiriu grande popularidade, pois que já no seculo xi se havia espalhado por quasi toda a Europa; e como então nos diversos paizes o latim se tornava cada vez menos comprehendido do povo, foi tambem uma das obras cedo vertidas nas linguas vulgares; assim conhecem-se traducções que remontam ao seculo xi ².

Os monges de S. Bernardo, que povoavam o Mosteiro de Alcobaca, tinham tambem em seus livros a *Vida de Santo Aleixo*, que trasladaram em linguagem vulgar, a fim de satisfazerem a piedade d'aquelles fieis, para os quaes era incomprehensivel o latim: não se sabe ao certo a epocha; mas a julgar pela linguagem das copias, que chegaram até nós, a traducção parece remontar ao fim do seculo xiii, ou ao principio do seculo xiv.

A *Vida de Santo Aleixo* encontra-se em tres codices de Alcobaca; em latim no Cod. 35, e em linguagem vulgar nos Cod. 36 e 266 ³.

O Cod. 35 é de pergaminho, encadernado, do formato denominado 4.º grande, medindo 280 × 180 millimetros; cada pagina occupa 205 × 130 millimetros em uma só columna de 25 linhas, em caracteres goticos do seculo xiii ou xiv: foi escripto por Fr. Seraphim de Porto de Moz, monge de Alcobaca. A *Vida de Santo Aleixo* começa no fim do fol. 67, v., assim: «Temporibus archadii et honorii magnorum imperatorum. fuit rome quidam vir magnus et nobilis. enfemianus nomine.» Termina no fol. 72, r., por estas palavras: «Explicit uita sancti alexis Confessoris.» O texto contido neste codice é o publicado nas *Acta Sanctorum* ⁴; contudo apresenta numerosas variantes, sendo algumas vezes uma redacção mais desenvolvida do que a impressa; o que faz presumir que o texto do Cod. 35 é mais moderno, do que o que serviu para a impressão das *Acta Sanctorum* ⁵.

O Cod. 36 é de pergaminho, encadernado, do formato denominado 4.º grande, medindo 280 × 180 millimetros; cada pagina occupa 190 × 130 millimetros em uma só columna de 27 linhas, em caracteres goticos: foi escripto por Fr. Esteuam Annes, monge de Alcobaca, no anno de 1454 ⁶. A *Vida de Santo Aleixo* começa no fol. 149, r., e termina no fol. 153, r. O auctor do *Index Codicum Bibliothecae Alcobatiae* (Olisiponc. 1775, pag. 34) diz que esta recensão da *Vida de Santo Aleixo* é a traducção do texto do Cod. 35; entretanto pela comparação se observa que, ainda que em geral concorda com elle, frequentes vezes porém se aproxima mais do texto publicado nas *Acta Sanctorum*, do que do texto do Cod. 35.

O Cod. 266 é de pergaminho, encadernado, do formato denominado 4.º grande, medindo 266 × 178 millimetros; cada pagina occupa 198 × 124 millimetros em uma só columna de 30 linhas, em caracteres goticos do fim do seculo xiv, ou

¹ O Mosteiro de S. Bonifacio e de Santo Aleixo, situado no Monte Aventino, em Roma, era da Regra de S. Bento (*Acta Sanctorum*, Julho, dia 17; tom. iv, pag. 243).

² Cf. *La Vie de Saint Alexis*, par G. de Paris et L. Pannier. Paris, 1887, pag. ii.

³ Actualmente os Cod. 35 e 36 estão depositados na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e o Cod. 266 no Archivo Nacional da Torre do Tombo.

⁴ Julho, 17; tom. iv, pag. 250. A *Vida de Santo Aleixo* foi pela primeira vez publicada em Roma em 1636.

⁵ Na *Aurea legenda Sanctorum*, compilada por Fr. Jacobus de Voragine, (Lugduni, 1507) lê-se (fol. 85, r, b — 86, r, a) a *Vida de Santo Aleixo*, que parece ser uma redacção mais abreviada, da que foi publicada nas *Acta Sanctorum*.

⁶ No fim do fol. 148, v., lê-se: St. ann. o fez era hij^o hij^o annos.

principio do seculo xv. A *Vida de Santo Aleixo* começa no fim do fol. 67, v., e termina no fol. 74, r.

Comparando com attenção as recensões da *Vida de Santo Aleixo* contidas nos Cod. 36 e 266, reconhece-se facilmente que ambas são traducção de um mesmo texto latino; apresentam contudo, uma a respeito da outra, diversas variantes, que vamos enumerar:

1.^o *Variantes orthographicas*. São as mais numerosas; o Cod. 36 emprega de ordinario mais abreviaturas, em quanto que o Cod. 266 usa muitas mais vezes da escriptura plena.

2.^o *Archaismos*. Geralmente o Cod. 266 apresenta formas mais antigas que o Cod. 36; entretanto algumas vezes se nota o inverso.

3.^o *Formas litterarias*. O Cod. 36 contém uma linguagem mais polida, empregando as formas que se approximam mais do latim.

4.^o Algumas das variantes do Cod. 36 parecem denunciar talvez uma influencia local.

5.^o *Faltas*. No Cod. 36 nota-se por vezes a falta de palavras, ou de expressões, que se lêem no Cod. 266, e vice-versa; ainda que este ultimo caso é muito pouco frequente.

Para explicar estas variantes admittiremos a hypothese da existencia de um codice mais antigo, que conteria a traducção portugueza e provavelmente remonta ao fim do seculo xiii, ou principio do seculo xiv: d'este codice se fizeram as copias contidas nos Cod. 36 e 266, a primeira no meião do seculo xv, e a segunda na mesma epocha, ou pouco antes, no principio do seculo xv. Mas os copistas, ao escreverem, hesitaram entre as formas do codice primitivo e as usadas no seu tempo; sendo o copista do Cod. 36 mais erudito, deu preferencia ás formas litterarias e mais proximas das latinas, em quanto que o do Cod. 266 empregou as formas vulgares; e em fim cada copista parece ter introduzido diferentes modificações segundo a linguagem da terra da sua naturalidade.

Ainda que o Cod. 266 nos parece mais antigo do que o Cod. 36, damos contudo de preferencia á recensão d'este ultimo, porque tem a preciosa qualidade de estar datado; assim temos a certeza de publicar um texto da linguagem portugueza, que não é posterior ao anno de 1454, antes segundo todas as probabilidades é anterior; em as notas porém ajuntamos as variantes do Cod. 266.

Por conveniencias de imprensa, usamos de *s* em vez de *ss* renascença, e de *ī* em vez de *j* com til.

F. ESTEVES.

7 A lenda da Santo Aleixo foi ainda assumpto da melhor composição dramatica em verso devida a Balthasar Dias, poeta portuguez, natural da Ilha da Madeira, que floresceu no reinado de D. Sebastião. Apesar de cego de nascimento, Balthasar Dias possuia certa erudição que aprendera de ouvido, e compoz diversos *Auto's*, que se representam por quasi todas as aldeias do nosso paiz; é de todos os poetas dramaticos portuguezes o mais conhecido do povo.

No *Auto de Santo Aleixo*, Balthasar Dias inspirou-se directamente da vida do mesmo santo, que se lê na *Aurea legenda Sanctorum* de Jacobus de Voragine, mas alterando consideravelmente o fundo da antiga lenda; para melhor se fazer ideia vamos resumir summariamente o mesmo *Auto*.

Aleixo, filho de Eufemiano, senador de Roma, e de sua mulher Aglaia, acceitára, por comprazer a seus pais, o casamento com Sabina, filha e herdeira do throno do Imperador Honorio; mas deixando as bodas, parte em romaria para Jerusalem, trocando na Ilha de Dostria os seus sumptuosos vestidos pelos andraxes de um mendigo. Proseguindo o seu caminho apparece-lhe o diabo em figura de pobre, que em vão o tenta por duas vezes, procurando fazer-lhe acreditar que sua mulher Sabina, por se ver abandonada de seu marido em a propria noite do noivado, se entrega em Roma á mais vergonhosa dissolução. O diabo, vendo baldados os seus esforços, volta uma terceira vez em figura de corteza, que em prova da infidelidade de Sabina apresenta o anel que Aleixo lhe dera em a noite do noivado. Então intervem um anjo, que a Aleixo livra da tentação, e lhe declara que sua esposa se conserva fiel e virgem, como a deixara. Chegado a Jerusalem, Aleixo visita os santos lugares, e em seguida volta para Roma, onde é recebido como pobre peregrino em casa de seu pai que o não reconhece; escolhe para seu asylo o desvão de uma escada, onde soffre com a maior paciencia as injurias e afrontas que os servos de seu pai lhe fazem.

Passados annos, um anjo avisa o Papa que vá enterrar o corpo de um servo de Deus, que acaba de se finar em casa de Eufemiano. O Papa, acompanhado de quatro Cardeaes, do Imperador e

fol. 149. r.

Aqy se começa a vida de Sancto alexo. Confesor.

Em Roma foy hũm homẽ per nome chamado. Eufemyano. nobre e rico mujto. E era dos grandes. e dos priuados em casa do enperador. E este tijnha tres mil moços nistidos todos de nistiduras de sirgo. e cingiam todos cintas douro. Aqueste era homẽ iusto e misericordioso. e daua mujtas smollas por amor de deus aos pobres. Cada dia em sua casa se poynhã tres mesas. e em elas dauã de comer aos orfãos e aas uytuas e aos pelegrjs e romeus. e aos homẽs caminhantes. E ele comya a hora de noa. e senpre cõ religyosos. A sua molher aqy nome aglaes muy religiosa. e que temya deus. E nõ tijnha filho por que era manjnha. por a qual cousa erã ambos tristes e chorosos. E por que auyam mujtos bẽes. e nõ tijnhã herdeiros. e por que seruos e seruas. os nõ ouuessem de herdar. dauã cada dia mujtas smollas por amor de deus. E cada hũm dia stauã. e perseuerauã em rogos e em orações. pidiudo a deus que lhe prouuesse de lhes dar algũu filho que herdasse seus bẽes. E nosso senhor deus neẽdo a contriçom danbos por a sua benignidade. e nẽbrando se das boas obras. que ambos polo seu amor faziã. outorgoulhes o rogo e a petiçõ que lhe pidiam. E deu lhes hũm filho e baptizarõ no. e poserõ lhe entõ nome. Alexo. por o qual filho se alegrarõ mujto. E derom a deus graças. Entõ stabelecerom ambos que dhi em deante o mais tẽpo da sua njda. njuessem ẽ castidade e em sanctidade polo filho que lhes deus dera. E que todo tempo nõ dormissem ambos em hũa cama. nẽ se iũtassem ambos carnalmẽte. Mais que persenerassem em toda castidade e ljupeza. em guisa que eles podessem a deus plazer. E cõ o seu filho se alegrarẽ.

149. v. Depois que o moço ueo a ydade cõijnhanjẽ pera auer doctrina e castigo. derõ no a meestres que o ẽsignassem em nos santos sacramẽtos da sancta eglesia. E pera lhe auerem de insignar as artes liberãães. E prouue a deus. que assy foy ensignado. e aprendeo em tal guisa que era mais sabedor em arte de philosophia spicialmẽte em spiritual antre todos os seus parceiros. E depois que ueo a ydade de mãebia. e o padre e a madre ujrom que era ia de ydade pera scẽer casado. trabalharõ se pera lhe auerem hũa moça do lnhagẽ dos enperadores. e casarõ no cõ ela. E apostarõlhes hũa camara. em na eglesia de santo bonifacio martir. E mujtos hõrados sacerdotes. lhes poserom senhas co-roas. E assy em aquele dia cõ grande alegria lhes fezerom suas uodas. Depois que foy noite. disse o padre ao filho. filho entra na tua camara

da Imperatriz, vão a casa de Eufemiano, onde encontram o corpo de Aleixo, que, havia pouco, fallera, e tendo em sua mão uma carta. Successivamente o Papa, cada um dos Cardaes, a Imperatriz, o Imperador, Eufemiano e Aglaes lhe pedom a carta em nome de Deus; mas só a entrega a sua esposa Sabina, que em seguida a dá ao Papa para saber do seu conteúdo; nella declara quem é, e pede perdão a seus pais, a sua esposa, e aos Imperadores. Depois, entre os prantos de todos os circumstantes, levam com grande pompa o corpo do santo a enterrar.

De todas as peças do theatro hieratico, o *Auto de Santo Aleixo* é a mais notavel, e ainda hoje se representa pelas aldeias. Foi impresso a primeira vez em Lisboa em 1613, e conta depois muitas reimpressões. (Cf. Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa 1741, tom. 1, pag. 446; Theophilo Braga, *Historia do theatro portuguez*, tom. 1, pag. 210.)

e uay uéer tua sposa. E ele entron dentro. E começou o mujto nobre e honrado mâcebo. e sabedor a ensinar sua sposa. em na disciplina
15 de xpõ. e a lhe declarar mujtos sacramêtos. E depois deulhe hũu seu anel donro. e hũa cinta cõ que se cingia enuolta em hũu sudairo de pano de purpura muj branco. E disse. Recibe estas cousas e guardaas atáa o tempo que prouuer a deus. O senhor seia antre nos. E depois que disse esto. tomou dos bẽes que tijna e partyu se e foy se
20 ao mar. e meten se ã hũa naue. e prouue a deus que chegou a hũu logar que chamauã per nome. Laodicia. E dalj tomou o camjnho. e foise a hũa cidade da terra de Siria que chamauã Edissa em a qual cidade sta a figura de nosso senhor Jhũ xpõ. em hũu pano. nõ pintada. nõ feyta per m̃ao de nẽ hũu homẽ. que a li pintasse nõ fizesse.
25 E depois que chegou ao dito logar. todos os bẽes que cõsigo leuara.
150, r. e os panos de seu uistir. deu a pobres. e mistynse de panos uijs. e começou de seer cõ os outros pobres em no adro de hũa eglesia de sancta maria. E cada domĩgo comũgaua do corpo de deus. E das smollas que lhe danã. tomaua pera sy aquelo que entendia que lhe abas-
5 tarya. E o mais que lhe sobeiana. daua polo amor de deus. E depois que se partyu de sa sposa. catarõ no andando per toda a cidade de Roma. e nõ o poderõ achar. E quando o padre uyu que o nõ podiã achar. mandon homẽes e moços per todas partes desnairadas de todo o mũdo que lho buscassẽ. E andandoo eles assy buscando. aconteceo
10 que algũus destes homẽes que o assy forõ buscar. chegarõ áaquela cidade que chamanã Edissa. e acharõ no e ujrõ no séer antre os outros pobres. e derõlhe a smolla. mais nõ o conhecerõ e partirõse e ueerõse. E este homẽ de deus. quando os uyu. conheceos. e deu graças a deus e disse. Graças don a ti meu senhor deus que me chamaste. e fizeste
15 que polo teu nome tomasse e recebesse smolas dos meus seruos. Rogote e peço. que esta obra que em mĩ começaste. que te plaza e tenhas por bem. de ma leixares acabar. E depois tornarõse estes homẽes e disserõ a seu padre que o nõ podiã achar. Desaquele dia que se alexo partyu. sua madre strou hũu pano de burel. em o chãao da
20 sua camara. e sija sobre ele. e bráádaua e choraua. e dizia. Senhor tu niue. ca eu aqui assy starey. atáa que sabha que he do meu filho. E a sposa disse a sua sogra. Eu nõ quero sair da tua casa. mais quero séer semelhanjl aa tortore. que depois que perde o seu parceiro. nõca mais se iũta a outro. E eu assy farey atáa que sabha que he do meu
25 muj doce marido. Aqueste homẽ de deus. em este dicto adro stene em aquesta saneta conuersaçõ. e aspera. e cruel uida que o nõ conhocia nem hũu. por dez e sete anos. Depois desto. querendo nosso senhor deus
150, v. renelar a sua uida. A ymagẽ que em a dicta eglesia stana áa honra da nĩrgẽ maria. disse ao sancristam daquela eglesia. faze entrar o homẽ de deus por que digno he do regno dos céeos. e spĩritu de deus he ã ele. e a sua oraçõ. sobe áa presença de deus como encẽço. E elle
5 quando esto ounyu sayu fora e catouo. e nõ o conheceo. e tornou se dentro. E começou de rogar áa misericordia e piedade dela. e de deus todo poderoso. que lho mostrasse. E outra uez essa ymagẽ lhe disse.

- aquele que sée fora áa porta. esse he. Entõ o sancristã sayu trigosa-mête fora. e conheceo. e deitou-se aos seus pees. e rogo. que entrasse
 10 dentro na eglesia. E esto todo uirom aqueles que hi stãuã. E des ali
 é deãte. começarõ no de honrar mujto. E ele querendo fugir áa glo-
 ria. e áa honra dos homêes. partyuse e foise scondidamête da cidade
 Edissa. pera a cidade Laodicia. E hi se meteo é hũa nãã pera se hir
 áa cidade de Tarsioa da terra de Cezilya. pera star em hũa eglesia
 15 de sam paulo que hi stana por que poderia hi star desconhecido. E
 prouue a deus. que a nane em que ele hia. foy arreuatada de muj forte
 uento e tragida ao porto de Roma. E quando ele parou mêtes. e uyu
 que era em no porto de Roma. disse em seu coraçõ. Senhor deus lo-
 uado seias tu pois te plaz que daqui em deante nõ seia a nẽ hũu
 20 theudo nẽ encarregado. ca eu pera outro lugar. nõ yrey. nẽ pera ou-
 tra casa nẽhũa. se nõ a casa de meu padre. por que creio que ia me
 hi nõ conheceram. E saindo da nane. ueo se áa cidade. e achou seu
 padre uijr da casa do Enperador cõ mujta gente. E começou a bráadar
 e dizer. Serno de deus. oolha e para mêtes em mĩ. e aue de mĩ mise-
 25 ricordia. ca eu pobre e peregrino som. E mãda que me recebã em tua
 casa. e comerey das mĩgalhas que caãy da tna mesa. que deus bẽeza
 a ti. e acrecente nos teus anos. E se amercee daquelle que anda fora.
 151, r. do qual nõ sabes parte. E o padre quando esto onnyu. nẽbrose do seu
 filho. E pũgido de contriçom. mandou uijr a ssy. E disse aos moços
 sens. Qual de uos outros auera cuydado deste homẽ? e plazera ao
 meu senhor deus. que eu o farey ljure. E recebera e auera de minha
 5 casa. toda cousa que lhe for compridoira. Entõ lhe deu hũu sergente
 que o seruisse. E mandou que o recebessem em sua casa. E mandou-
 lhe fazer hũu leito em na sala em hũu canto áa entrada. que quando
 saysse e tornasse que o uisse. E que quando o nisse e el comesse. que
 lhe mandasse dar de comer. E que de nẽ hũa cousa que lhe mester
 10 fizesse. nõ ounesse mĩgua nẽ noio pola nõ auer. E depois que ele foy
 assy recebido. em casa de seu padre. nõ quedou de perseuerar em na
 aspreza de sua uida cõ geiũs e orações e uijgilyas. E os moços co-
 meçarom de scarnecer dele. E deitar lhe a augua cõ que lauauã os
 talhadores. per cima da cabeça. E fazianlhe mujtas iniuryas. E todas
 15 as cousas o homẽ de deus. suportaua polo amor desse senhor. E enten-
 dendo e sabendo ele. que o emijgo do lĩnhagẽ hũanal. estas enseiãças
 e cousas todas lhe fazia fazer. E assy em casa de seu padre. fez esta
 uida per outros. xbij ãnos. E sabendo ele e entendendo que o tempo
 da sua uida. era cõprido e acabado. e parando mêtes áa fim de seu
 20 trabalho. demandou áaquele sergente que lhe fora dado. hũa screpua-
 nya e papel. E screpueo per ordem a sua uida. Em como leixara as
 uodas que lhe forõ fectas. e como se fora áaquela romarya. e como
 cõtra sua uodade. se tornara a Roma. E como em casa de seu padre.
 suportara mujtos deostos. A qual uida assy scripta e acabada. que-
 25 rendo deus mãeffestar e declarar a sua uitoria. Em hũu domĩgo aca-
 badas as missas. soou em na eglesia hũa noz do céo. E disse. Vijn-
 de uos outros pera mĩ. que trabalhades e suportades. encarregos. e en uos

- 151, v. fartarey. A qual uoz ouujrô todos os que stauã na eglesia. e ouuerom grande spanto e medo. e cayrô todos em terra sobre suas faces. bráádando e dizendo. senhor amerceate de nos. E eles esto dizendo. Outra uez ouujrom hũa uoz que disse. Jde e buscade o homẽ de deus
- 5 que hore por Roma. E ele deu a alma a deus. em dia de sesta feira de endoenças. Entô sayrô e forôno buscar e nã o acharom. E entô iũtarôse todos em dia de endoenças na eglesia. Rogando cõ grandes gimidos e choros a misericordia de deus. que lhe prouesse de lhes mostrar o logar onde iazia aquele homẽ de deus. Entô ouujrô outra uoz
- 10 e disselhes. Yde e buscadeo em casa de Eufemyano. E tornarô se entô a Eufemyano e disserõlhe. Ó Eufemyano. tu tijnhas em tua casa tal graça e nã amostranas. Entô disse Eufemyano. par o senhor. eu nã o sey. E chamou entô o mayoral de sua casa. e disse lhe. Sabes se em mjnha casa ha tal homẽ que ouuesse tal graça. E ele respondenu.
- 15 Em uerdade eu nã o sey. Entô os Enperadores. s. Archadio. e Honorio. que entô em aquel tempo regia Roma. E o papa Jnocêcio. mandarô hir áa casa de Eufemyano buscalo cõ grande diligêcia. Entô Eufemyano ueo se deãte cõ sens homẽs. pera lhes postar as séedas. E ueerom receber os Enperadores e o papa. cõ lanpadas acesas. e cõ turribulos. E uijndo assy Eufemyano a sua casa. calarôse entô todos. E
- 20 o sergente que o seruyã disse. Senhor neé pela nẽtura se he aquel que me deste a quẽ seruisse. Por quanto eu uij que fazia cousas boas e louuauijs. e em todos os domĩgos comũgana. E todas iniurias. e todas tristezas que lhe os teus seruos faziam. soffrya do boamẽte. Eufemyano. quando ouyru esto. correo muj agjnha e trigosamẽte foy
- 25 pera o uéer. e achouo ia finado. E achegou se a el. e descobryuollhe a face. e nyulhe o rostro luzir. como se fosse de angeo. E tijuha em
- 152, r. na sua m̃ao hũu scripto pequeno. E quiselho Eufemyano tomar. e nã lho pode tirar da m̃ao. da qual cousa ele ficou muĩto spantado. e ouue grande temor. E tornou se aos enperadores. e disse. Aquele que nos buscamos. sabede que nos o achamos. Entô começoulhes de cõtar
- 5 as cousas que lhe cõtara dele o seu sergente que lhe dera pera o auer de servir. E como o achara finado. E como tijuha na m̃ao aquela carta. E entô os enperadores e o papa. cõ Eufemyano. forô ao logar hu iazia. estenerom ante o seu leito. E disserom com el. Enpero que nos peccadores seiamos. o regimẽto téemos. Este outro he padre
- 10 sancto. Danos esta carta. e saberemos que cousas som em ela scriptas. E entô chegou se o papa. e tomou a carta da sua m̃ao e deuã ao cartairo da sancta eglesia de Roma que auya nome Echio que a léesse. E entô calarôse todos. e ele leeua ante eles. E eufemyano quando ouyru as palauras da carta. foy em sy come se nã teuesse co-
- 15 raçõ. e cayu em terra. e er leuãtouse. E tornou suas uistiduras. E começou de depenar os cabelos da barua e as cãas da sua cabeça. e romperse e sfarraparse todo sobre o corpo. e dizia. ay eu. ay de mí. misquinho. O'õ meu deus. e meu senhor. por que me fezeste esto. E por que contristaste. e anoiaste assy mjnha alma. E me atormetaste
- 20 e atribulaste cõ gimidos e cõ suspiros. E ontrossy bráádana e dizia.

- Oo filho meu. Eu sperauna que ainda em algũu tẽpo ounesse de ti nonas. e a tua uoz hu quer que tu fosses. e agora filho meu e guarda da mjunha ujlhice. neio te iazer em este leyto e nõ me falas nõ me dizes cousa nõ hũa. Oo mesquinho de mĩ. e qual cõforto e cõsolaçõ
- 25 poerey agora no meu coraçõ. E a madre depois que onnyu estas cou-
 152. v. sas. assy como leoa que rompe algũa rede sayu da casa com as uistiduras cortas. e os cabelos soltos polo pescoço. e ergia os olhos ao cẽeo. E pola gente que era muyta. nõ podia chegar hu iazia o corpo de seu filho. E bráadaua. e dizia. O'õ homẽes dademe logar e entrada
- 5 per hu possa uer a minha cõsolaçõ e cõforto da minha alma. o qual criei aas mjunhas tetas. E ueo ao corpo. e deitou-se sobre ele. E bráadaua dizendo. ay mesquinha de mĩ. ay lume dos meus olhos. por que razõ quizeste esto fazer. E por que quizeste que tam cruelmẽte ou-
 15 nessemos nossa uida. Vyas teu padre e mĩ amargosamẽte chorar. e nõ te demostrauas a nos. O'õ filho os teus seruos te enjryanã. e tu a todos sofryas. E assy dizendo esto. deitaua sobre o corpo. e stendia os braços amende sobre ele. e beyiaua. E bráadaua dizendo. O' nos outros que stades presentes chorade comjgo. que. xbij. ãnos o tje e mjunha casa e nõ soube que era hũu meu sõiõ filho que tijnha. Mais os
- 15 seus seruos o euryauã e lhe dauã as bofetadas. e cuspiam em na sua face. e deitauã lhe muytos scarros. Oõ mesquinha de mĩ quẽ desse aos meus olhos fontes de lagrimas que de dia e de noite nõ quedassem de chorar a dõor da minha alma. E a sua sposa ueo uestida de uistidura de dõo. e começou de correr e chorar e dizer. Ay mesquinha de mĩ
- 20 como oie som desconsolada. e oie som nyuaa. e agora nõ tenho quẽ atẽda nõ quem spere. nõ em quem pare mẽtes nõ alenãte os meus olhos. E agora he roto o meu spelho. E pereceu a minha sperança. E agora ouue dõor que nõca ha de auer fim. E as gentes todas que hi stauã. Onũdo todas estas cousas. chorauã muy dóoridamẽte cõ grande amargura e tristeza. Entõ o papa. e os enperadores. poserom
- 25 o corpo em hũu atahude muyto honrado. e trouuerom no per meo da cidade. E entõ mandaram apregoar ao poboo que ia era achado o homẽ
153. r. que buscauã. E todos corryam pera ueerẽ o corpo sancto. E se algũu enfermo aquele muy santo corpo tãgia. logo era curado. E os cegos recebiã uista. E os demõidos. e qual quer outro enfermo que o tangia. logo era sãao. E os enperadores nẽdo tãtas marauilhas. e o papa on-
- 5 trossy. tomarõ per sy o leito por lhes uijr algũu bem dele. E mandaram sparger muyto ouro e plata polas plaças por se detẽerem as cõpanhas. que erã muytas. e leixarẽ passar e leuar o corpo santo aã eglesia. E o poboo todo nõ curaua deste auer. e corryam todos a ueerẽ o corpo santo. e ao tangerem. E assy cõ grande trabalho o le-
- 10 uarõ aã eglesia de sancto Bonifacio martyr. E ali stenerõ per sete dias louuãdo deus. E mandarõ fazer hũu muynẽto douro e de pedras preciosas. e poserom o muy sancto corpo em ele cõ muy grande honra. acabados os. vij. dias. que eram dez dias andados do mes de Junho. Aquele muynẽto assy cheiraua. e tal odor dele sayu. como se fosse
- 15 cheo de todas as specias do mũdo. E entõ as gentes todas alegrarõse.

E cõ grandes alegrias. e plazerres. dauã lououres e graças a deus. E louuanõ no por quanto lhe prouuera de ao seu pobõõ dar tal ainda e padrom. Per o qual. todos aqueles que cõ linpa e boa uõõdade o demandassem e rogassem. o seu rogo impetraryam e aueriam sem nẽ
20 hũa daujda. Per dominum nostrum Jesum Christum. qui cum patre et sancto spiritu uijit et regnat. Amen. Benedicamus domino. Deo gratias.

VARIANTES DO CODICE N.º 266

(OS NUMEROS INDICAM AS LINHAS DO TEXTO ATRÁS IMPRESSO)

fol. 149, r.

- 1) alexo. Confessor.
- 2) eufemiano.
- 3) *a* Rico *b* era hũn dos grandes. *c* emperador.
- 4) *a* nestidos *b* uestiduras *c* E çingiam
- 5) Justo.
- 6) *a* E daua *b* esmollas pollo amor *c* ã sua casa
- 7) *a* poinham *b* ellas davam *c* orphãaos
- 8) *a* pellegrijs *b* Romens *c* camynhantes.
- 9) *a* elle *b* aa hora *c* E senpre *d* Religyosos *e* A ssua mo-
lher auja
- 10) *a* — muy + molher *b* Religiossa *c* temia *d* E nam
- 11) *a* que ella era *b* — manjha. + sterile *c* tristes anbos
- 11-14) — E porque.... por amor de deus. + E por que nõ
tijnham herdeyros pera tantos bees quantos tijnham. E seruos e ser-
uas que nom ouuessem de herdar. E porẽ cada dia tantas esmollas
pello amor de dens dauom.
- 14) *a* estauam e perseuerauam *b* Rogos *c* ã orações
- 15) *a* — pidindo a deus *b* fjlho
- 15 16) — que herdasse seus bẽes, + O qual ã os seus beens
ouuesse derdar.
- 16) *a* ssenhor *b* — ueẽdo a contriçom + veendo e olhando a
cõtriçam.
- 17) *a* begnidade *b* nembrandosse *c* — pollo + pello
- 18) *a* faziam *b* Outorgoulhes *c* ho Rogo *d* pediam
- 19 — e baptizarõ..... nome Alexo + ao qual poserom nome
quando o baptizarom alexo.
- 19-20) — por o + pello
- 20) *a* sse allegrarom *b* deram *c* em tam estabelleçerõ
- 21) *a* dhy *b* em adeante
- 21-22) ho mais tempo da ssua vjda ujuessẽ E santidade e em
castidade e esto pollo fjlho
- 23) dormissẽ abos
- 24) *a* — nẽ se intassem..... carnalmẽte + nem que ouuessem
de auer ajuntamẽto hũa cõ outro carnalmente *b* persseuerassem
- 25) *a* elles *b* aprazer *c* com ho seu fjlho sse allegrar.

fol. 149, v.

1) *a* — Depois que o moço ueo + O moço depois que ueo.
b Idade cõijnhaue

2) *a* Derom *b* emssynassem

3) *a* santa egreja *b* auerẽ de emssinar

4) *a* aprouue *b* emssynado

5-6) — que era mais sabedor... os seus parceiros. + que ẽ arte de philosophia specialmente ẽ a speritual antre todos os seus parceyros mais sabedor era.

6) *a* — E depois + Despois *b* Idade *c* mançebia

7) *a* ujrõ *b* ja *c* — ydade pera seer + hydade e apto pera seer
d trabalharõse

8) *a* auer *b* linhagem *c* E

9) *a* camera *b* egreja *c* saneto bonifacio

10) *a* — E *b* honrrados saçerdotes

11) *a* ẽ *b* dya *c* fezerõ

12) *a* despois *b* — foy noite + noite foy *c* Entra *d* camera

13) *a* nae *b* esposa *c* — ele entrou + elle foy *d* — E começou + e começou *e* — o mujto + ho mujto

14) *a* honrrado mancebo

14-15) — sabedor.... de xpõ. + sabedor ẽ na disciplina de xpõ a emssynar sua esposa.

15) *a* — lhe declarar + decrararlhe *b* despois *c* sseu

16) *a* — E hũa + e hũa *b* çinta *c* çingia *d* çuolta *e* ẽ
f sodairo

17) *a* muy *b* — E disse + e disselle *c* Recebe

18) *a* ho tẽpo *b* aprouer *c* ssenhor

19) *a* despois *b* dise *c* beens *d* — partyuse e foy se + partiuuse e foyse

20) *a* meteusse *b* aprouue

21) *a* lugar *b* laodicia *c* daly *d* ho caminho

22) *a* çidade *b* siria *c* edissa *d* — em a + Em na

23) *a* — sta a figura + esta afigurada a figura *b* nom pijutada

24) *a* — nẽ feyta + nem feyta *b* — nẽ hũu + nem hũu *c* hij pijntasse nem fizesse.

150, r. 25) *a* despois *b* dicto lugar *c* beens *d* — leuara + trounera

1) *a* — de seu uistir deu a pobres. + de nestir deu todo a pobres. *b* nestyuse

2) *a* Egreja

3) *a* sancta *b* domingo comungaua *c* esmollas

4) *a* dauõ *b* abastaua.

5) *a* pollo *b* — E depois + E elle despois

6) *a* partyo *b* — de sa sposa. *c* çidade

7) *a* roma. *b* E nom *c* poderom *d* uyo *e* podia

8) *a* — mandou + entom mandou *b* — per + que per

9) *a* ho mundo *b* — que lho + lho *c* elles asi *d* aconteçen
e aaquella çidade

11) *a* — chamanã Edissa. e + chatauõ dissa. E *b* ujom

12) *a* esmolla *b* — mais + mes *c* — o conhocerõ + no conhe-
cerõ *d* partirõsse e ueerõsse.

13) *a* ujo *b* conhoçoos. E

14) *a* — dou a ti + dou eu a ti *b* — meu senhor + senhor meu

15) *a* — nome + amor *b* Reçebesse esmolos

16) *a* — mĩj *b* praza e

17) *a* deixar *b* depois *c* tornaronsse

18) *a* disserom a sseu *b* nom

18-19 — Des aquell... strou + Sua madre des aquel dia que
se seu filho partio estrou

19) *a* — em o chãao + ã ho chãao

20) *a* camera *b* E sia *c* elle *d* braadaua *e* — e choraui

21) *a* ujue *b* — ca eu aqui + que eu aqui *c* asy estarey
d saiba

22) *a* esposa dise a ssua ssogra *b* nom

23) *a* semelhanel *b* tortere *c* ho seu parçeiro *d* nunca

24) *a* — se iunta a outro + a outro sse ajunta *b* saiba

25) *a* muyto *b* ã *c* esteue

26) *a* santa cõnersaçõ *b* conheçia *c* nẽ

27) *a* ãnos *b* Depois

150, v. 1) *a* Renelar *b* ssua *c* — A ymagẽ + foy assy. a Imagem *d* ã
e egreia estaua

2) *a* virgẽ *b* sam cristãao *c* egreia *d* ãtrar ho

3) *a* Reyno *b* çeeos *c* e o espirito

4) *a* em elle *b* a ssua horaçõ *c* ãcẽço

5) *a* — ouuyo + ujo *b* sayo *c* E nom ho conhoçoõ *d* tor-
nousse

6) *a* Rogar *b* — E outra + outra

7) *a* ymagem

8) *a* sam cristãao sayo

9) *a* E conhoçoõ *b* deitoussse *c* E rogonõ *d* ãtrasse

10) *a* egreia *b* hij estauã

10-11) e des ali adyante começaram

11) *a* honrrar *b* elle

12) *a* — partinse e foise scondidamẽte + escondidamẽte se foy e
sse partiu *b* çidade

13) *a* — Edissa... Laodicia. + edissa E ueose pera a çidade
Laodicioo. *b* e hij *c* meten *d* naao *e* sse

14) *a* çidade *b* tarsia *c* çezilia *d* estar *e* Eigreia

15) *a* hij estaua *b* poderya hy estar desconhoçido.

16) *a* aproune *b* ã *c* elle hya *d* arebatada

17) *a* — e tragida + e foy trajuda *b* elle *c* paroumentes
d ujo

18) *a* Disse *b* coraçom *c* — deus

19) *a* apraz *b* desaqui *c* — em deante + auante *d* nom

20) *a* ãcarregado *b* lugar *c* Irei *d* nem

21) *a* sse nom *b* Ja

22) *a* hy *b* conheceram *c* sse *d* cidade *e* — achou + entrou cõ

23) *a* — uir da casa + que vijnha do paaço

24) *a* seruo *b* mentes *c* (*bis*) mij

25) *a* — ca eu... som. + Ca eu pobre soo e peregrino. *b* e manda *c* Regebam *d* ã

26) *a* caae *b* — deus beçza + deus te beenza *c* E acregente *d* sse *e* amerçee *f* daquelle

fol. 151, r. 1) *a* nom sabes *b* — E o padre + O padre *c* — esto onuyu + onuyo esto *d* Nenbrousse *e* sseu

2) *a* cõtrigom *b* — assy + per ante sy

3) *a* qual *b* cujado *c* aplazera

4) *a* — eu o farey liure + eu liure o farey.

4.5) — recebera e auera de minha casa + receberã de minha casa e auera

5) *a* — Entõ lhe deu + E deulhe

6) *a* serujsse *b* Recebessem ã

7) *a* leyto *b* — entrada + entrada do paaço

8) *a* saisse *b* — tornasse + neesse *c* — quando ho uisse *d* — el

9) *a* — de comer + do que comesse *b* nehũa

10) *a* — no ounesse mĩgua nẽ noio + nom tomasse noio. *b* — pola nõ auer. *c* depois quj elle

11) *a* recebudo *b* — em na + ã na *c* uida

12) *a* Jajũus *b* — e oraçoões e uigilyas + e ã oraçoões e ã uigilias *c* — E os + Os

12-13) começaram descarneçer delle

13) *a* — E deitar lhe a augua + e deytar augua

14) *a* çima *b* — da cabeça + da cabeça delle. *c* ãjurias. e

15) *a* ho homẽ *b* — soportaua polo amor + soportaua de boamente polo amor *c* — desse senhor + de deus.

16) *a* ssabendo *b* elle *c* Enmijgo da linhagẽ humanal

17) *a* — fazer. *b* em

18) *a* elle

19) *a* complido E acabado *b* mentes

20) *a* screujninha

21) *a* e escreuen *b* hordem

22) *a* forom feitas *b* sse *c* Romaria

23) *a* uoentade *b* sse

24) *a* doestos *b* a qual *c* — uida assy scripta e acabada + acabada

25) *a* manjfestar *b* — declarar a sua ujtoria + declarar ho trabalho sen e a sua uictoria *c* — hũn domĩgo + hũn dia de domingo

26) *a* egreja *b* çeeo *c* e disse

27) *a* mĩj *b* Eu

151, v. 1) *a* a qual *b* — os + aquelles *c* estauã *d* Eigreja

2) *a* espanto *b* E cairõ *c* ã *d* façes

- 3) *a* amergeate *b* elles
 4) *a* ouujrô *b* ho homê
 5) *a* ore per Roma. *b* elle *c* ã dya *d* seyta
 6) *a* — de endoenças + dendoenças *b* — Entô sayrô + E entom saiorô *c* nom no acharam.
 6-7) — E entô... eglesia + E entom todos ã dya dendoenças ajuntarôsse na Egreia
 7-8) — Rogando... de deus + Rogando a deus cõ grandes gemidos e choros a misericórdia de deus.
 8) *a* quj *b* aprouesses *c* amostrar
 9) *a* lugar *b* — Entô + E entom
 10) *a* diselhes *b* ide *c* Em casa *d* tornarâsse
 11) *a* entom *b* enfemyano *c* disseronlhe *d* eufemiano *e* ã
 12) *a* — e nõ amostrauas + E nõ na mostranas *b* enfemijano
 12-13) — par o... sey + por ho senhor que Eu nom ho ssey.
 13) *a* — E chamou + e chamou *b* êtom *c* diselhe *d* sabes
 14) *a* ã minha *b* elle *c* Respondeu
 15) *a* ã *b* nom ho sey *c* archadio *d* honorio
 16) *a* entom *b* aquelle *c* Regiam *d* rroma *e* Inoçençio
f mandaram
 17) *a* hijr *b* eufemijano *c* — buscalo + e que o buscassem
d com *e* diligênçia *f* — Entô + E entom
 18) *a* ueosse deante com *b* apostar
 19) *a* Receber os êperadores *b* com tribollos
 20) *a* asy *b* — a sua casa *c* calaronssse *d* êtom
 21) *a* dise *b* senhor *c* pella uentura *d* aquele
 22) *a* seruise *b* por
 23) *a* louuanees *b* domingos *c* comungana *d* êjurias
 24) *a* — soffrya de boamête + sofrias todas de boamente.
 25) *a* Eufemiano *b* coreo *c* aginha *d* — foy + e foy
 26) *a* fynado *b* e *c* elle *d* — descobriuolhe a face + desco-
 brio na face.
 fol. 152, r. 1) *a* uyolhe *b* — o rostro... angeo + ho rostro delle luzir assy
 como se fosse anio. *c* ã
 2) *a* — E + e *b* quiseo *c* — Eufemiano *d* E
 3) *a* nom *b* Da qual *c* elle *d* espantado *e* E
 4) *a* grã *b* tornoussse *c* — disse + disselhes *d* aquelle
 5) *a* buscamos *b* Sabede *c* — o + ho *d* — Entô + E entom
e contar
 6) *a* contara delle ho seu
 7) *a* ho achara
 8) *a* — E entô + Entom *b* Eufemiano forom ao lugar
 9) *a* — iazia + gazia *b* — esteuerom + e esteuerom *c* leyto
d — com el. *e* Empero
 10) *a* pecadores *b* — o regimêto teemos + o regimêto do Reyno
 teemos. *c* — Este + E este
 11) *a* danos esa *b* ella

- 12) *a* — entõ + em tom *b* chegouse *c* E tomou *d* E entom
 13) *a* egreja *b* auja
 14) *a* entom callaronse *b* — e el + entom *c* — eles + todos
 15) *a* eufemiano *b* ouñju
 15-16) — foy em sy come se nõ tenesse coraçõ. e cayu em terra.
e er
 16) *a* — levåtouse + Aleuantousse *b* — E tornou suas uistiduras + e cortou as suas uestiduras *c* — E + e
 17) *a* cabellos *b* barba
 18) *a* E rrompersse e esfarraparsse *b* mĩj
 19) *a* mezquinho
 20) *a* contristaste *b* — assy minha alma + asy a minha alma
 20-21) *a* — E me atormētaste e atribulaste + E me atormētaste
e anoiaste e atribulaste
 21) *a* com gimidos *b* sospiros *c* — outrossy
 22) *a* — Eu speraua + e eu esperaua *b* ajuda *c* ã *d* tempo
e ty
 23) *a* E agora
 24) *a* minha *b* uelhice *c* E *d* fallas *e* nem
 25) *a* — nõ hua + nehũa *b* mezquinho *c* mĩj
 26) *a* — agora no meu + agora em no meu *b* depois
 fol. 152, v. 1) *a* asy *b* lyoa *c* Rede *d* sayo *e* cõ as uestiduras
 2) *a* — os cabellos soltos + os cabelos todos soltos *b* pelo
 3) *a* polla *b* nom *c* chegar *d* — hu iazia + onde estaua
e ho corpo
 4) *a* E entrada
 5) *a* consollaçom *b* conforto *c* O qual
 6) *a* — crieý aas + mamou as *b* deitoussse *c* elle
 7) *a* — dizendo + e dizia *b* mezquinha *c* mĩj
 8) *a* razom *b* quisseste *c* quiseste *d* cruelmente *e* ouuesemos
 9) *a* ujas *b* margurosamente *c* E
 10) *a* nom *b* filho *c* ãjuriauam
 11) *a* — a todos + todo *b* sofrias *c* deitauasse *d* ho corpo
e E estendia
 12) *a* amiude *b* ssobre elle *c* beijauao *d* — E + e *e* — dizendo + e dizia *f* — O' + O'õ
 13) *a* estades *b* comigo *c* — xvij + dez e sete *d* ho tiue
 14) *a* minha *b* — e nõ + E nunca *c* ssou *d* mais
 15) *a* — seus + meus *b* ho ãjuriauã *c* dauam as bofetadas
d E cospiam
 16) *a* face *b* deitauonlhe *c* escaros *d* mezquinha *e* mĩj
 17) *a* nocte
 18) *a* — sua sposa + sposa sua *b* — ueo + era *c* — de uistidura + de hũa uestidura
 19) *a* E começou *b* ay *c* mezquinha
 20) *a* — som + ssou *b* — som + pareça que era *c* — e + que ia

- 21) *a* atenda *b* quẽ espere *c* ẽ quẽ *d* parementes *e* allenante
 22) *a* Roto *b* espelho *c* pereceu *d* esperança
 23) *a* nunca *b* — de auer + dauer
 24) *a* hy estauã *b* ouujndo *c* — cousas + cousas e uendo
d dooridamente
 25) *a* Entom ho papa *b* poserõno
 26) *a* — o corpo *b* ẽ *c* ataude *d* onrrado *e* trounerõno
 27) *a* çidade *b* e emtom *c* mandarõ
 1) *a* coriã *b* — E se + se
 2) *a* aquelle *b* tangia *c* — E os + os
 3) *a* demoinhados *b* E qual *c* — outro
 4) *a* ẽperadores *b* tantas *c* maravilhas *d* — outrossy
 5) *a* — per sy o leito + o leito per sy *b* — uijr + aujr *c* bẽ
d mandaram
 6) *a* espargir *b* prata *c* praças *d* sse deteerẽ
 7) *a* — e leixarẽ + e por leixarẽ *b* sancto
 8) *a* igreja *b* — todo *c* coriã
 9) *a* sancto *b* — ao tangerem + tangelo
 10) *a* igreja *b* bõifago martere *c* alli *d* estenerõ
 11) *a* mandarã
 12) *a* preçiosas *b* E *c* santo *d* ẽ elle *e* honrra
 13) *a* — eram dez dias + erã aos dez dias
 14) *a* — Aquelle + E aquelle *b* moymento *c* saia *d* — como
 + assy como
 15) *a* espeçias do mundo *b* — E entõ + Entõ *c* gẽtes *d* ale-
 grarõsse
 16) *a* alegrias e prazeres *b* — dauam lououres e graças + lou-
 uores dauam e graças *c* louuauã
 17) *a* quãto *b* aprounera *c* pouos *d* — dar + por *e* ajuda
 17-18) — e padrom + e tal padrom
 18) *a* Por *b* noontade
 19) *a* E rrogassem *b* Rogo *c* Inpetraryam
 10-20) — nẽ hũa duvida + dunida nẽhũa
 21) *a* — uujt et *b* Benedicamus domino.

FÓRMULAS E PERLENGAS DIVERSAS

I

Dictados relativos a jogos

a) GERAES

Quem jogou, jogará. — Quem joga, não guarda cabras. — Infeliz ao jogo, feliz nos amores. — Antes perder por carta de mais que por carta de menos. — Mulher de jogador, não te alegres: hoje ganhas, amanhã perdes. — Cahem-lhe das orelhas. — Joga a mão, toca a musica.

b) NO JOGO DO VOLTARETE

Quem ao voltarete quizer ganhar, não se enfade de passar. — Não dês a tua filha a quem fôr á casca sem basto ou espadilha. — Para o feito facadas. — Quem as faz é que as apanha. — Levantam-se com os cotovellos. — Trunfo e rei, compra de lei. — Eu sou feito, e vós triumphaes? — Cinco para ouros é codilho. — Codilho e monquillo. — Mão de roque nunca vae só. — Mão de casca, mão de pitada. — Mão de casca, mão de cigarro. — Repuxar para o fraco.

c) NO JOGO DO WISTH E NO DA MANILHA

Quem faz dama, não volta. — Quem faz valete, não repete. — As damas para casa. — Vasa barata, triumpho na mesa. — Em cima de figura não se mette figura. — Em falso nunca se corta. — Das ignaes a maior. — Quem tem seis trunfos e não trunfa, é trunfo. — Quem tem quatro trunfos e não trunfa, vae para o inferno, e quem tem cinco e não trunfa, já lá está. — Estalajadeiro á porta é signal de poucos fregueses. — Quando pitos, flautas, quando flautas, pitos. — Sua Magestade suéca, tocando rebéca. — Paus, Pausanias lacedaemonius. — Ouros, ourina. — Espadas, a espadilha o affirma. — Copas, copias, são retratos. — Paus, e os dias maus, e as penas em que vivo, paus digo. — Ouros, só de vê-los, tremem-me os couros. — Espadas, espatula férro. — Copas, de cóc'ras estava Eneas. — Azes e biscoas, e cartas alegres. — Manilhas e azes, que é jogo de rapazes. — Jogador de carta sécca.

d) NO JOGO DO GAMÃO

Az e tres, casa fez. — Cinco e tres, casa fez. — Duque e az, casa faz. — Terno e az, casa faz. — Az e seis, casa fez. — Cinco e az, é um seis. — Dois e az, é um tres. — Tres e az, é um quatro. — Quatro e az, é um cinco. — Quatro e dois, quatro andores. — Cinco e dois, se-

quidões. — Cinco e dois, cinco andores. — Seis e quatro, casa do boticário. — Seis e cinco, carreira da Índia. — Seis e cinco, S. Jacyntho. — Cinco e az, cincaste meu bem nas Arabias. — Senas, Senatus Populusque Romanus. — Senas, sêneas. — Quinas, químicas. — Quinas, quinatus do João. — Duques, duquédinês. — Duques, dux prudens imperat. — Quadras, quadradas. — Azes, Azias, que é o pae de Judas. Ternos, terno vobis. — Duas na mão é governo. — Fizeram o seu dever. — São ossos.

e) NO JOGO DA BANCA

Az, rei atrás, e, se me enganei, cavallo ou rei. — Carta negada, carta micada. — Az québra jogo. — As damas são para se lhes saltar. — Canto negado, canto cercado. — Cartas novas, rei á mesa.
 (Recolhidos em Elvas).

II

Gymnastica vocal

Tenho uma capa bilrrada, chilrrada, galrripatalhada;
 Mandei-a ao senhor bilrrador, chilrrador, galrripatalhador,
 Que m'a bilrrasse, chilrrasse, galrripatalhasse,
 Que eu lhe pagaria bilrraduras, chilrraduras galrripatalhaduras.
 (Elvas).

III

Amphiguri

Era, não era,
 Andava lavrando,
 Com um boi carrapato,
 Outro calhandro.
 Vieram notícias
 Que men pae que era morto,
 Minha mãe por nascer.
 Prendi os bois á *noita*,
 Deitei o arado a comer.
 Fui por esses *vaes* abaixo,
 Encontrei um ninho de cartaxo,
 Com sete ovos d'*abatarda*,
 Deitei-os á minha galga,
 Tirou-m'os a minha burra parda;
 Tirou-me sete galguinhos,
 Fui-me com elles á caça,
 Encontrei uma avelleira
 Carregada de maçans;

Veio de lá o guarda :
 — Quem é que lhe deu ordem
 De colher uvas em faval alheio ?
 Abaixei-me a um *tarrão*,
 Aventurei-lhe c'um melão,
 Acertei-lhe n'um artélho,
 Chegou-lhe o sangue até' ó joélho ;
 Fui-me p'ró colmear
 A contar as colmeias ;
 P'ra mais depressa despachar
 Contei as abélhas,
 Faltava-me uma
 Fui-me á *cata* d'ella,
 Estava lá detrás d'uma carrasqueira,
 Sete lobos a comerem nella ;
 Já tinha só uma perna,
 Agarrei n'ella ás côstas,
 Levei-a para casa,
 Espremi-a e deitou
 200 e tantos almudes de mél.

(Elvas).

IV

Tango-mango

Fui-me casar c'uma velha,
 Por via da filharada,
 Deu-lhe o *tango marangotango nella*,
 Teve dez d'uma ninhada.
 Dos dez que me ficaram
 Mandeí-os a contar cobre,
 Deu-lhe o *tango, rititango, mango, mango*,
 Não ficaram senão nove.
 Aquelles nove que me ficaram
 Mandeí-os a guardar bois,
 Deu-lhe o *tango, etc.*,
 Não ficaram senão oito.
 Aquelles oito que me ficaram
 Mandeí-os prantar um espéque,
 Deu-lhe o *tango, etc.*,
 Não ficaram senão sete.
 Aquelles sete que me ficaram
 Mandeí-os lá outra vez,
 Deu-lhe o *tango, etc.*,
 Não ficaram senão seis.
 Aquelles seis que me ficaram

Mandei-os guardar uns pintos,
 Deu-lhe o *tango*, etc.,
 Não ficaram senão cinco.
 Aquelles cinco que me ficaram
 Mandei-os guardar uns patos,
 Deu-lhe o *tango*, etc.,
 Não ficaram senão quatro.
 Aquelles quatro que me ficaram
 Fiz caso d'elles alguma vez,
 Deu-lhe o *tango*, etc.,
 Eram quatro, ficaram tres.
 Estes tres que me ficaram
 Mandei-os a guardar bois,
 Deu-lhe o *tango*, etc.,
 Não ficaram senão dois.
 Destes dois que me ficaram
 Mandei-os a guardar *piruns*,
 Deu-lhe o *tango*, etc.,
 Não me ficou senão um.
 Aquelle um que me ficou
¹
 Deu-lhe o *tango*, etc.
 Nunca mais ninguem o viu.

(Elvas).

V

Cantiga

Quando Judas se formou,
 Em palacio de grande altura,
 Muita gente lá penou,
 Outra foi á sepultura;
 Casa cheia tem fartura,
 Não sou só eu que o digo;
 A gallinha corre ao trigo,
 A fama é do pardal;
 Não ha doutor sem ter livros,
 Nem altar sem castiçaes,
 Não ha portas sem postigos,
 Nem burro sem atafaes,
 Tambem lhe é dado estribos;
 Nas vendas se vendem figos
 P'ra contentar os rapazes;

No mar andam alcatrazes,
 Tambem se péscam gaivotas;
 Quem tem as pernas tortas
 Logo lhe chamam *canejo*;
 Curam-se as sezões com desejos
 E as fr'idas com *enquanto*,
 Mõem moinhos com vento,
 Quem fáz a teia é a aranha;
 Esta *cantiga* é tamanha
 Não tem principio nem fim;
 Um raminho d'alecrim
 E' que se dá aos namorados;
 As armas são p'r'ós soldados
 E tambem p'r'ós caçadores;
 Isto de quem tem amores

¹ O verso que aqui falta é uma phrase licenciosa, muito vulgar no povo, e que significa — despedir, expulsar, etc.

C'o pé ligeiro deve andar;
Fêz-se a gaita p'ra tocar
E o pente para a cabeça;
Menina não me endoideça
Que se póde dar por fliz;
Tem um tamanho nariz
Que até lhe chega ao seio;

(Elvas).

Já me vieram dizer
Que tem mais de palmo e meio;
Vae-te d'aqui nariz malvado
Criado com tanto rigor,
Já m'o vieram gabar
P'ró quêjado d'um pastor.

A. THOMAZ PIRES.

[Nota ao artigo precedente. — As fórmulas e perlangas antecedentes, com quanto a muitos leitores menos avisados pareçam á primeira vista irrisórias, tem no entanto bastante interesse, já philologico, já ethnographico. Em muitas das fórmulas, além da construcção syntactica especial aos ríthmos e mais dizeres sentenciosos, ha, apesar de não serem metrificadas, um principio rythmico que ajuda o espirito a fixar melhor o sentido d'ellas. umas tem rima consoante ou toante, outras como «Para o feito facadas», tem rima allitterante. Sobre ésta já publiquei uma nota na *Rev. Lusit.* pg. 277 (cfr. pg. 270, not. 9), á qual posso juntar outros factos, por ex.: «man, Maria», «Pedro-Paulo» (= S. Pedro e S. Paulo, em ensalmos populares, vid. *Era Nova*, 518, 523 e 528: diz Paulo Meyer in *Romania*, xi, 579, que se encontrão muitas vezes nas canções de gesta nomes proprios allitterantes como *Gerius et Geriera, Ire e Ivoric, Aimes e Aindefreis ab Aimeric*, etc.), «a ferro e fogo», «por paus e por pedras», «são e salvo» (= *sanus et salvus*), «rompe-ruas», «troca-tintas», «tempo tem», «toma tentos»: cfr. Garrett: «Fatal funesto, fadado. — E ninguém foge ao seu fado. — Não fugi, fiquei...» (*Flôres sem fructo*, 3.ª ed., pg. 148), e D. Francisco Manuel de Mello «isso me mata, que, não tendo miolo, mettem as mãos na massa» (*Feira de amexins*, pg. 1). «temo-la travada» (*ib.*, pg. 19. Na Beira-Alta diz-se ainda «temo-la tramada»). Em todos estes exemplos, menos nos dois ultimos, a rima é por assim dizer automatica, brota espontaneamente do espirito, não é procurada, rebuscada, como nas poesias. «A tendencia para a rima, diz Fuchs, *Die romanischen Sprachen in ihrem Verhältnisse zum Lateinischen*, 1849, pg. 249-250, é tão profunda no ser humano, baseia-se de tal modo na linguagem, que tão pouco se deve fallar da invenção da rima, como da do canto ou da dança: tudo isto é dado pela propria natureza». O mesmo A. menciona muitos casos de rima, tanto allitterante como de outras especies, em antigas poesias gregas e latinas (*ob. cit.*, pg. 253-290). Com as locuções portuguezas enumeradas acima podem comparar-se ainda estas: *mundos e fundos, lusco-fusco, letras e tretas, sabe ler e estreller* (nesta ultima, *estreller* = *tresler*, ha tambem reforçamento da palavra *ler*), *ande o bando* (Beira-Alta), etc. Encontrão-se exemplos analogos noutras linguas, como em allemão: *Mann und Maus, Wissen und Willen, Dach und Fuch* (Fuchs, *ob. cit.*, 252; vid. lá outros exemplos). A's vezes uma das palavras da phrase não tem sentido, e é apenas pedida pela outra. Com o mesmo principio se ligão ainda as reduplicações, taes como *lat. furfur, tur-tur*, etc. (vid. mais casos em Fuchs, *ib.*, *ib.*, e cfr. a minha *Evol. da ling.*, pg. 54 e not. 2), e em parte as repetições da mesma palavra em certos casos, como *man mau, bom bom, ah ah*, etc. Na *Romania*, xi, 572-579, reuniu M. Paulo Meyer tambem muitos exemplos francezes, antigos e modernos, de allitteração. Vid. ainda G. P. Marsh. *Lectures on the english language*, London, 1868, lect. xxv, §§ 2, 3, 5 e 8, onde ha principalmente referencias á rima allitterante em anglo-saxão, islandês e inglês. Nas fórmulas recolhidas pelo sr. Pires ha muitas em que o principio phonetico da allitteração foi ultrapassado, e se attingiram os dominios da etymologia popular, como em *paus* — *Pausanias*, *ouros* — *ourina*, *copas* — *copias*, *espada* — *espátula* (aqui andou-se perto da verdade), *duques* — *dux* (id.), *quatro e dois* — *quatro andores*, *senas* — *senatus*, *senas* — *semeas*, *quinas* — *chimicas*. Sobre o processo da etymologia popular vid. *Revista Lusitana*, pg. 56, 133, 222, 267 e 277. Aquelles exemplos alemtejanos são de origem erudita, mas isso nada faz ao caso,

porque a tendencia tanto está no espirito do povo, como no dos que possuem alguma illustração. — Palavras como *galrrripatalhada*, *zango marangotango* e *rititango*, e outras parecidas, tem igualmente importancia por mostrarem as forças vivas da linguagem: muitas vezes alguns dos seus elementos talvez sejam onomatopáicos, não se ligarão com outras palavras de significação precisa, pertencer lhes hão como proprios, tendo por fim apenas dar mais corpo á fórmula (cfr. *rana calaplana*), ou então provêm de outras palavras por analogia phonetica, embora a não haja rigorosamente de sentido. Sobre palavras semelhantes vid. os meus *Ensaio glottologicos*, III, in *Rev. Scientif.* do Porto, pg. 200-201. Em *galrrripatalhado* o primeiro elemento pôde pôr-se em conexão com *galrar* (lat. *garrulus, garrulare*), o que está de accordo com *chilrada*: o suffixo *-alh-* apparece em muitas palavras de sentido gracioso ou pejorativo, como *fradalhão* (*frad-alh-ão*), *espantalho*, etc. O *zango* foi alliado com *marangotango*, porque *zangar* significa «fazer mal», etc., e até no Entre-Douro e Minho se diz «dar o zango em alguem», «ter azango». Em *marangotango* houve ligação de *marango* (usado no Brazil em *tango marango*, apud Manuel de Mello. *Notas lexicologicas*, 1880, III, pg. 28) com *tango*. Finalmente *rititango* offerece-nos um alongamento, em virtude da duplicação do *t* e junção do prefixo reforçativo *ri* (= *re*); cfr. o port. faml. *retintim*. — Com a fórmula «Tenho uma capa bilrada, chilrada, galrrripatalhada»¹ do sr. Pires podem comparar-se as fórmulas que os hispanhoes denominam *trabalenguas*, de que ha exemplos in *El Folk-Lore Andaluz*, pg. 46, 126, 184 e 226 e in *El Folk-Lore Francense*, pg. 51, 134 e 309. Sobre a significação de *tango mango* vid. *Notas mythologicas* de F. Adolpho Coelho, 1881. — De *amphiquis* ha já um exemplo em Filyuto Elysio, Obras, I, pg. 332 not. (ed. 1817). Todas estas comparações se podião alongar — J. L. de V.]

NOMES DE DEUSES LUSITANICOS

O descobrimento ou publicação de varias inscripções ou ainda a simples reedição com melhor leitura d'outras já conhecidas é um serviço assignalado feito pelo justamente celebre explorador da Cítania, sr. F. Martins Sarmento, ao estudo das nossas antiguidades. O artigo publicado nesta revista, pp. 227-240, *Para o pantheon lusitano*, tem, sem duvida sido lido com interesse e proveito por todos os que mais ou menos se dedicam a esse estudo. Pela minha parte demovo-me a publicar algumas notas sobre os nomes das divindades lusitanicas, começando pelos referidos nesse artigo. Farei algumas observações previas.

Nestas notas, como noutras que já publiquei e nas que publicarei, se não me faltarem as condições necessarias, não tenho de modo algum a pretensão louca de tudo explicar: junto a proposito de cada nome o material comparativo que me foi possivel colher, apresento as hypotheses que se me afiguram mais razoaveis e affirmo só quando os dados põem fora de duvida a affirmação. Por emquanto o meu fim principal é determinar a parte do elemento celtico no antigo onomastico peninsular; por isso recorro primeiro que tudo á comparação com os

¹ *bilrada* é «com renda feita ao bilro»; *chilrada* é por pedido da rima; *galrripatalhada* completa tudo pelo modo indicado acima.

nomes proprios provenientes dos paizes extrapeninsulares que sabemos terem sido a sede de estabelecimentos celticos e com os vocabularios das linguas celticas modernas ¹ e das outras linguas do grupo indoeuropeu ou aryo-europeu, se se prefere esta denominação. Os principios do methodo d'essa comparação foram bebidos nos trabalhos capitais sobre as linguas indoeuropeas em geral e em especial na *Grammatica celtica* de J. C. Zeuss, reeditada com grandes melhoramentos por H. Ebel em 1871, e nos escriptos da escola hoje florescente de celtistas que toma por ponto de partida esse monumento do genio e da perseverança humana. Para mim é inabalavel a these de que as chamadas linguas celticas representam realmente a lingua ou antes a familia de dialectos estreitamente afins dos povos que a historia nos permite chamar celticos ou celtisados. O que um dilettantismo jactancioso e superficial possa dizer contra essa these, repetindo auctores que a critica fez esquecer, esvae-se como bolas de sabão, ante a analyse severa historica e glottologica, como será mostrado.

No seguimento destes estudos encontraremos a par de elementos do antigo onomasticon peninsular d'origem indubitavelmente celtica outros em que essa origem é simplesmente verosimil ou apenas provavel e outros ainda a que nenhum fundamento nos permite attribuir tal origem e que devem ser considerados como derivando d'outras linguas que aqui foram falladas. Examinando a distribuição dos nomes celticos na peninsula completaremos e corrigiremos com os dados da glottologia as noticias laconicas, por vezes obscuras e até contradictorias, dos escriptores antigos, resolvendo criticamente muitas d'essas contradicções e obscuridades.

Vamos aos nomes dos nossos deuses.

1. Aernus

Corpus inscriptionum Latinarum, vol. II, nrs. 2:606 e 2:607. *Revista Lusitana*, I, 227. Inscriptões de Castro d'Avellãs. Em 1874 vi no local, na parede d'uma casa, a unica d'essas inscripções que ainda existe e li nella sem hesitação alguma DEO AERNO. Tal qual se acha escripto, esse nome apparece-nos isolado no onomasticon antigo, não só peninsular, mas europeu. Pertence ao celtico ou a outra lingua do ramo europeu das linguas indoeuropeas? O seu isolamento só permite erigir frageis hypotheses; mas enunciemo-las ainda assim.

Aernus pode ser derivado de *aer* com o suffixo *-no-*. Nesse caso *aer*, *air* seria a raiz. D'um radical *aer* derivam alguns antigos nomes europeus no dominio e fora do dominio celtico; taes são: *Aerecura* (leitura duvidosa d'um nome de divindade na Pannonia superior) *C. I. L.* III, nr. 4395; *Aericusa* (uma das Lipari) *Plin. hist. nat.* 3, 9, 94;

¹ Isto é, das phases das linguas celticas posteriores ao seculo VI da nossa era, e que são o irlandês com o erse ou gaelico d'um lado e o kymrico (cambrico, welsh, galez), cornico e baixo bretão (armorico) do outro.

Aeria (Vasio, cidade dos Cavares na Gallia Narbonense) Plin. *h. n.* 3, 4, 36, Strab. 4; *Aeropus* (montanha da Illyria grega) Liv. 32, 5; *Aipzi* (cidade na Macedonia) Steph. Byz.; *Aerenosii* *Aiprosii* (povo da Hispania, proximo dos Pyreneas) Polyb. 3, 35; *Aeronius* (nom. d'homem, inscr. da Dalmacia) *C. I. L.* III, nrs. 2161 e 6384, etc. Como se vê essas indicações não nos levam longe. Nem tam pouco tiraremos luz clara da consideração das raizes indoeuropeas de que possa ter saído a forma *aer*, como a sanskrita e zend *ir* pôr-se em movimento, levantar-se, apressar-se ², ou d'um thema *ai* — *ro* significando que toma, escolhe: cf. gr. *αἰρ-ω*, lat. *aerumna* ³. Ficamos sempre no vago.

Se ao menos soubessemos qual o character d'esse deus Aerno, teriamos um ponto d'apoio. Era um deus fontenario, como outros da Lusitania e tantos da Gallia? Muito perto de Castro d'Avellãs ha o Banho, cujas aguas mineraes escassas são procuradas como remedio a varios males. Seria Aerno o deus d'essas aguas?

Santa Rosa de Viterbo, que reproduziu uma das inscrições do deus Aerno ⁴, a do *C. I. L.* II, nr. 2606, pretende que se leia AVERNO, i. é. *Avernorum*, pois na lapide se descobrem vestigios de V ligado com o A. A inscrição da outra lapide existente não justifica essa presumpção, e quando a justificasse, ler-se-hia simplesmente *Averno* dat. sing. e não *Avernorum* gen. pl. O *Avernus, lacus Avernus* da Campania, que Viterbo teve em vista, foi não só considerado como a entrada do inferno ou como o proprio inferno, mas ainda como uma divindade ⁵. Não era impossivel o culto do Averno fora d'Italia; temos uma inscrição da Britannia romana consagrada por um Julius Quintilianus ao GENIO AVERNI ⁶. E' verdade que ali é um homem de nome romano o dedicante: numa das inscrições de Castro d'Avellãs é dedicante a ORDO ZOELARUM. Esses Zoelas são-nos conhecidos tambem pelos instrumentos de hospitalidade lavrados nos annos 27 e 152 da nossa era e conservados numa taboa de bronze ⁷. Plinio ⁸ menciona os Zoelas entre os Astures Transmontanos; o mesmo ⁹ nos falla do afamado *Zoelicum limen*. A concordancia da graphia em Plinio e nos documentos epigraphicos torna indubitavel a forma do nome d'aquelle povo, cuja sede se põe com muitas probabilidades pelo lugar onde nos apparecem os documentos do culto do deus Aerno. O *z* latino no tempo de Plinio representava geralmente o som duplo do grego zeta (dz). Tal signal não nos apparece em nenhum dos nomes celticos antigos de nós conhecidos e até a ligação *ds* se nos offerece apenas medialmente uma vez, sem duvida em resultado d'um processo de

² A. Fick, *Vergleichende Wörterbuch der indogermanischen Sprachen* I ³, 245.

³ Idem, *ibid.* II ³, 31.

⁴ *Elucidario das palavras* etc. 1.^a ed. I, 188-9, nota.

⁵ Servius ad Verg. *Georg.* II, 161.

⁶ *C. I. L.* VII, nr. 161.

⁷ *Ibid.* II, nr. 2633. Vid. ainda o nr. 2651.

⁸ *Hist. nat.* 3, 3, 28.

⁹ *Hist. nat.* 19, 2, 10.

derivação e talvez de syncope subsequente de vogal, em *Redsomarus* (Inscr. Grut. 806, 11); é só muito mais tarde que *z* nos apparece como signal d'um processo d'alteração phonetica em formas como *Abuzacum* por ant. *Abudiacum* (*Rin. Ant.* 275, 1) ¹⁰. *Zoelae* é pois, segundo todas as probabilidades, um nome d'origem não celtica, como outros muitos que se encontram na Lusitania e que serão indicados no seguimento d'estes estudos. Provém o nome do deus Aerno da mesma origem? Não é improvavel que possa ter outra origem, pois os cultos se communicam até a grandes distancias e demais na taboa dos Zoelas figuram nomes celticos, como *z* mostrarei noutra parte. Partindo d'esta consideração pode enunciar-se outra hypothese com relação a esse nome, suggerida em parte por Viterbo: *Aerno* está por **Averno*. Ter-se-hia dado aqui syncope de *v*, phenomeno que se nos apresenta em diversas condições noutros nomes antigos e palavras do latim na peninsula e fora d'ella. Referindo-se ao facto de se achar em Plinio (*hist. nat.* 3, 3, 25) o nome *Vialia* por *Viratia* (*Viratiense* no *C. I. L.* II, nr. 3251) diz o sr. E. Hübner: «quam frequenter iam aetate Augusti *v* inter duas vocales posita exciderit tam pronuntiando quam scribendo notum est ¹¹.» Na maior parte dos exemplos peninsulares e extrapeninsulares a suppressão de *v* é devida a uma influencia dissimilatoria, assim em *Aestius* < *Aestirus* (*C. I. L.* II, nr. 2310), *Araus* < *Aravus* (*Ibid.*, nr. 502), *avunculus* < *arunculus* (*Ibid.*, nr. 827, 845), *iuenis* < *ivenis* (*Ibid.*, nr. 3475. 3871), *rius* < *rius* (*Ibid.*, nr. 3070), *Flaus* < *Flarus* (*Ibid.*, nr. 950), etc. O ultimo exemplo ocorre tambem numa inscripção de Sacoias, circumvizinhanças de Castro de Avellãs ¹². Comquanto a syncope seja condicionada pelo contacto com a vogal labial *u*, todavia não deixa de manifestar já uma tendencia que se apresenta ainda nos nomes que passo a estudar.

Avobriga nome de cidade da Hisp. Tarraconense. Plin. (*hist. nat.* 4, 20, 112) menciona oppidum **Abobrica** dos Cilenos, do Convento Bracarangustano. No *C. I. L.* II, nr. 4247 lê-se **Avobrigensi**, no nr. 2477 **Aobrigens**. Segundo o sr. Aureliano Fernandez-Guerro ¹³ esses nomes correspondem a tres logares diversos, tendo **Aobriga** por correspondente moderno *Orense* e sendo collocada a **Abobriga** de Plinio na Foz do Minho. No ponto de vista puramente toponymico, parece termos aqui um só nome, embora dado como tantos outros, a

¹⁰ Vid. Zeuss-Ebel, *Gramm. celt.* p. 63 n. 2; W. Corssen, *Ueber Aussprache, Vokalismus und Betonung der lateinischen Sprache* 1², 295 s. 215 ss. No mais antigo alphabeto latino, *z* representava o *s* brando; esse signal desaparece para reaparecer só a partir do tempo de Cicero na transcripção das palavras gregas; todavia no tempo do imperio representa ainda por vezes o antigo som como em *Azemi*, *Cozmi*, *Lexbius*, mais raro entre vogaes, como em *Zozima*; tambem ocorre por *s* forte inicial em inscripções (H. Schuchardt, *Vokalismus des Vulgärlateins*, I, 22. 74).

¹¹ *C. I. L.* II, p. 450.

¹² *Revista archeologica*, 92 (Lisboa, 1887).

¹³ *Ibid.* II, 90-91.

logares diversos, havendo por tanto em *Aobriga* syncope do *r* entre *a* e *o*; *b* por *v* encontra-se com frequencia nas inscrições e manuscritos latinos, nas primeiras já no segundo seculo da nossa era ¹⁴.

Deobriga (cidade dos Vettones na Lusitania romana) Ptol. 2, 5, 9 (Δεοβρίγα). O mesmo nome designava uma cidade dos Autrigones, da H. Tarraconense, ao nordeste: Ptol. 2, 6, 53; *Itin. Ant.* 254, 7.

Deobrigula (cidade dos Turmogi na H. Tarraconense, a que corresponde a moderna Burgos) Ptol. 2, 6, 52 (Δεοβρίγυλα); *Itin. Ant.* 254, 3.

Esses nomes são compostos de *deo-* e *briga*; o segundo elemento, que em *Deobrigula* se apresenta com um suffixo diminutivo, é muito conhecido no onomasticon celtico e significava propriamente elevação, d'ahi logar em collina, e talvez logar fortificado. O primeiro elemento *deo-* está sem duvida por *dévo-*, thema significando divino, que nos apparece no nome de rio **Deva** (costa septentrional da H. Tarraconense, no territorio dos Caristi, moderno *Dera*) Ptol. 2, 6, 8 (Δεωζα); Mela, 3, 1. M. H. d'Arbois de Jubainville traduz **Deobrigula** por «la petite forteresse des dieux» ¹⁵.

Em *Aobriga*, *Deobriga* e *Deobrigula* pode ver-se ainda com razão, na suppressão do *r*, o resultado d'uma influencia dissimilatoria, já proveniente do *o* seguinte da mesma syllaba, já do *b* da syllaba seguinte. Falta-nos um exemplo hispanico antigo daquella suppressão antes de *e* ou *i*, tal como se dera já num periodo muito antigo do latim, como provam as formas *aetas* < **aeitas* de *aerum*, *dis* < *divis*, *praes* < *praecides*, *dissimus* < *divitissimus*, e se repetiu depois no latim vulgar, p. ex. em *paimentum* < *parimentum*, *failla* < *favilla*, etc. e nas linguas romanicas, p. ex. em portuguez *cidade* de lat. *civitate*, *boi* de lat. *bovem*, *amei* de lat. *amavi* ¹⁶. No dominio celtico antigo temos um exemplo (se a leitura é boa) de suppressão de *r*, entre *o* e *i*, em *Juineissus*, citado por Zeus-Ebel ¹⁷ da collecção d'inscrições do Rheno de Steiner, nr. 1583, comparado com *Jocineillus* (Gallia cisalpina, Brixia), *C. I. L.* v, nr. 4536, a que podem juntar-se ainda outros como (*Joventiullus* (Ager Mediolanensis) *Ibid.* nr. 5602 e *Jorincia* (Gall. cis., Industria) *Ibid.* nr. 7480 ¹⁸. Os celtas insulares não seguiram sempre no tractamento do *i* intervocalico o processo que nos mostram os exemplos indicados dos paizes romanos ou romanizados; mas o irlan-

¹⁴ W. Corssen, *Ob. cit.* i 2, 131 ss.

¹⁵ *Revue celtique* viii, 124. Num estudo especial sobre os nomes peninsulares compostos com *briga* tractarei com mais desenvolvimento dos acima citados.

¹⁶ Corssen, *Ob. cit.* i 2, 316; H. Schuchardt, *Vokalismus des Vulgärlateins* ii, 471-480. iii, 300-302.

¹⁷ Zeuss-Ebel, *Grammatica celtica*, p. 48.

¹⁸ Sobre o thema celtico **jovanc-*, vid. Nettlau in *Revue celtique* ix, 71. Ao ler as provas d'este artigo lembro-me de que na inscrição galla de Novara se acha o s. pl. *asoioi*, que W. Stokes pensa estar por *asovii*; **asovios* seria formado como *Lecovii*, *Segovii* (*Celtic Declension* in Bezzenberger's *Beiträge zur Kunde der indogerm. Sprachen* xi, 117).

dez apresenta syncope de *r* intervocalico, por exemplo, em *oi* ovis (cf. skt. *ávis*, lit. *avis*, lat. *aves*, noi navis, *Bóinn* < *Barinda* ¹⁹). Outro processo, o da vocalização de *r* depois de syncope de vogal, p. ex. em irlandez *nau* correspondente ao lat. *navis*, kymrico e h. bretão *eu* < *ari*, tem também paralelo em latim e nas linguas romanicas, p. ex. em lat. *naufragus* < **navifragus*, port. *nav* de lat. *navem*.

Apesar de todos esses factos, não pode asseverar-se por falta de elementos que *Aernus* esteja realmente por **Aernus*: temos aqui apenas uma hypothese, ponto de partida para uma outra: esse **Aernus* seria, não o classico *Aernus*, mas o nome d'um deus celtico, derivado d'uma raiz *ar* ou d'uma das raizes da forma *ar*, se ha mais de uma, de que derivam outros nomes celticos antigos.

Eis alguns d'esses nomes: *Acantici* (nome de povo alpino, *Acantici* em Plin. *h. n.* 3, 4, 37) Glück, *Keltischen Namen*, p. 43, *C. I. L.* xii, p. 49, 184; *Avenio Avennia* (Avignon, cidade dos Cavares na G. Narbonensis) Mela 2, 5, 75, Plin. *h. n.* 3, 4, 36 etc.; *Aratini* (povo da G. Narbonensis) Plin. *h. n.* 3, 4, 34, Mela, 2, 5, 78; *Avaricum* (capital dos Bituriges, hoje Bourges) Caes. *B. g.* vii, 13, 15; *Arado* (cogn. h. Gallia cisalpina) *C. I. L.* v, nr. 4304; *Aconius* (cogn. h. Gallia Narbonensis) *C. I. L.* xii, nr. 5686, 118; *Aventia* (nome de deusa, de Aventicum) Orelli, *Ampl. coll.* nr. 369, Zeuss-Ebel, *Gramm. celt.* p. 82, 806, Glück, *Kelt. Namen*, p. 113; *Aventicum* (derivado de *Aventia*; hoje *Avenches* no Pays de Vaux, Suissa) Tac. *Hist.* i, 68, *C. I. L.* xii, nr. 5518; *Aventina* (dea) Orelli, *Helv.*, nrs. 177-179, etc.

Como *Aventia* é o nome de uma deusa, nada mais natural do que pretender ligar a esse nome o nosso hypothetico **Aernus* de que *Aernus* proviria. Aqui surge outra difficuldade: ignoramos o character de *Aernus*, tendo indicado a possibilidade de ser o deus da fonte mineral proxima de Castro d'Avellãs; estamos agora em duvida sobre o character de *Aventia*. Num artigo interessante, J.-G. Bulliot ²⁰ procurou demonstrar que *Aventia* era uma deusa de fonte; mas essa demonstração não se coaduna com a etymologia proposta por Glück l. c. para o nome da deusa *Aventia*, de **avent*, reflectido no kymrico ant. *eunt*, gloss. *aequus* ²¹, cornico *eun* *aequus*, *rectus*, *justus* ²² e segundo a qual essa deusa corresponderia á romana *Justitia*. Mas Ebel chegou pela comparação com o kymrico *iaun*, *iaen*, a pensar que naquellas formas *eunt*, *eun* etc. se tivesse perdido um *j* inicial, preferindo esta explicação á primeiramente dada ²³. O nome de *Aventia*, como deusa de fonte salutar, da saude, ligar-se-hia á raiz indoeuropea *ar* (sanskrito *acati*),

¹⁹ Zeuss-Ebel, *Gramm. celtica*, p. 56.

²⁰ *L'ex-voto de la Dea Bibracte in Revue celtique* vol. i e ii; vid. especialmente i, pp. 312 ss.

²¹ Zeuss-Ebel, *Gramm. celt.*, p. 150, 1054.

²² *Ibid.* p. 82, onde se repete a etymologia dada por Glück. As formas do h. bretão correspondentes são *effu* *droit*, *rectus* no *Catholicon* de Lagadeuc (composto em 1464), ed. Le Men, p. 87, mod. *ceunn*, *euenn* Troude.

²³ *Gramm. celt.* p. 127.

alegrar, considerar, favorecer, saciar, auxiliar, defender, conservar, etc.²⁴ A essa raiz ou raízes da mesma forma tem-se ligado o latim *arere*, desejar, ser avido de, e liga-se indubitavelmente o latim *ave*, imperativo de *arere*, ser são, estar de saúde, prosperar, cuja forma orthographica posterior foi erroneamente *have*, como mostram os mais antigos textos que offerecem *ave*²⁵. *Aventia* seria pois a que *favorece*, *protege*, *dá saúde*. O elemento *eu*, ant. *avi*, de varios nomes proprios celticos, o qual Zeuss-Ebel²⁶ traduzem por impiger, diligens, vigilans, parece ligar-se à mesma raiz.

**Avèrnus* seria um derivado contendo o mesmo suffixo *-erno* que se encontra noutros nomes celticos, taes como: *Nivernum* (loc. Galliae) *Itin. Ant.* 367, 2, se não é *Nerivnum*, segundo outras lições, Zeuss-Ebel. *Gramm. celt.* p. 774; *Ugernum* (castrum) Greg. Tur. Vase. Apoll., *Tab. Pent. C. I. L.* xii, p. 346 e nr. 3362 (*Ugernenses*) *Tigernum* (castrum) Greg. Tur., Zeuss-Ebel p. 774; *Arverni* (povo da Gallia) Caes. *B. g.* 1, 45, 2, Liv. 5, 34, *Rev. celtique* iii, 157 etc. cf. Zeuss-Ebel. *l. c.*; **Andernus* (cognome de homem, Britannia) *C. I. L.* vii, nr. 1336, 65.

No territorio da antiga Callaecia, e do Conventus Bracaraugustanus deparam-se-nos dois nomes em *-erno*, de que um pelo menos tem probabilidades de ser celtico: 1) **Coelerni** (nome de povo) *C. I. L.* ii, nr. 2477, em Ptol. 2, 6, 42 *Κοελέρνιοι*, gen. *Coelerni* em Plin. *h. nat.* 3, 3, 28; cp. **Coeliobriga** (cidade dos Coelerni), *Κοελί-βριγχα* Ptol. 2, 6, 42; 2) **Quarquerni** (nome de povo) *C. I. L.* ii, nr. 2477, *Querquerni* Plin. *h. n.* 3, 3, 28, *Κουαρκέρνιοι* *Strab.* Ptol. 2, 6, 47, *Querquennis* (*Aquis*) *It. Ant.* 428, 2.

Em latim ha numerosos derivados em *-erno*: *hodiernus*, *sempiternus*, *Avernus*, *infernus*, *aterius*, *internus*, *lanterna*, *caserna*, *lucerna*, *reternus*, *caverna*, *Laverna*, *cisterna*, *Falernus*, *supernus*, *externus*, *hesternus*, *paternus*, *laternus*, *fraternus*, *lanterna*. Primitivamente o suffixo *-no* juntou-se a themas em *-er*, como *pater*, *mater*, *frater*, *infer*, *inter*, *ceter*, e depois pelos typos de *paterno*-, *materno*-, *fraterno*-, *inferno*-, *interno*-, *reterno*- se formaram nomes como *cisterna* de *cista* e mais tarde *modernus* de *modo*²⁶. Em celtico o processo das derivações em *-erno* deve ter sido o mesmo.

Farei ainda algumas observações sobre a syncope de *e* intervocalico. As formas romanicas em que ella se dá são provavelmente muito antigas. Já Raynouard notara: «*Rio venant de rievus, ruisseau*, se trouve employé en France dès 631, en Italie dès 776 et en Espagne aux années 781, 888 et 922»²⁷.

²⁴ A. Fick. *Vergleichendes Wörterbuch der indogermanischen Sprachen* i 2, 24-25.

²⁵ *C. I. L.* i, nr. 1072. Corssen. *Ob. cit.* i, 104-105.

²⁶ *Grammatica celtica* p. 82. Voltarei a esse elemento quando tractar do nome hispanico *Avratius*.

²⁷ Corssen. *Ob. cit.* i 2, 235-236 n.

²⁸ *Choix des Troubadours* i. 33 s. apud Schuchardt. *Ob. cit.* ii, 478.

No latim anteclassico e classico *v* correspondente a indogermanico primitivo *u* (*u* como consoante) era vocalico e não spirante; só no segundo seculo da nossa era é que *v* se tornou spirante; d'esse character do antigo *v* latino resultou a sua facilidade de eliminação e de fusão com outras vogaes, revelada por factos acima citados e por outros. Comquanto em muitas formas portuguezas o *v* intervocalico permaneça com grande firmeza (mudado em *b* ao norte do paiz), e noutras fosse syncopado (vid. supra), e essa syncope deva ser considerada como antiga, seria todavia talvez arriscado suppor que as formas syncopadas como *rio*, *cidade*, etc. provenham do latim vulgar do periodo em que o *v* era ainda vocalico.

Como vimos, no dominio celtico dá se tambem syncope de *v*; ora não é certo que no antigo celtico, representado pelas inscrições gal-las e os nomes proprios nas inscrições romanas e nos auctores clas-sicos, o *v* fosse vocalico.

Em summa não está liquidado que a syncope do *v* seja necessa-riamente condicionada pela pronuncia vocalica do som que represen-ta o signal do mesmo nome ²⁸.

2. Bormanicus

Bormanico (dat. Caldas de Vizella) *C. I. L.* II, nr. 2402; **Deo Bormanico** (no mesmo logar). *Ibid.* nr. 2403. Cf. *Revista Lusitana* I, p. 230.

Se com relação ao deus Aerno só podemos apresentar conjectu-ras, com relação ao deus Bormanico pisamos um caminho seguro e já conhecido, tendo apenas que completar e corrigir o que outros já dis-seram. O snr. E. Hübner cita um artigo de Becker sobre nomes simi-lares de deuses celticos, que não me foi possível ver ²⁹. Com o nome do deus das Caldas de Vizella comparem-se os seguintes: *Borman.* (Aquae Sextiae) *C. I. L.* XII, nr. 494; *Bormano et Bormanu* (Aix-en-Diois) *Ibid.* nr. 1561, *Bormanae* (inscr. Saint-Vulbaz) *Rev. celtique* IV, 6; *Borm[oni]* (inter Augustum et Lacum Lemannum) *C. I. L.* XII, nr. 2443, *Bor.*, *Borm.* (Aix-les-Bains, Savoie) *Rev. celt.* IV, 6. Como em Vi-zella, esses nomes de deuses apparecem-nos ligados a fontes thermaes. E' evidente que o nosso Bormanico não pode separar-se d'elles.

Bormanicus deriva de *Bormanus* por meio do suffixo *-ico* (*-co*) muito frequente em nomes celticos antigos, assim como o é na lingua latina; eis alguns d'esses nomes: *Andossic* (Saint-Bertrand de Com-mingues; ep. *Andoss*, *Andus* do mesmo logar) A. Luchaire, *Études*

²⁸ Cf. K. Brugmann, *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*, § 168-176.

²⁹ *Jahrb. des Vereins von Alterthumsfreunden in Rheinland* XXXIV, 1863, p. 15 ss. *C. I. L.* II, p. 336.

sur les idiomes pyréniens, p. 46; *Aramici* (Nautae, Avenches) *Revue celtique* III, 156; *Arandonici* (environs de Nîmes) *Ibid.*; *Araurica* (Munzath) *Ibid.*; *Arnemetici* (environs de Nîmes) *Ibid.* p. 157; *Bebrici* (n. mul. dat. ou gen.? Vivien-le-Grand) *Ibid.* p. 159; *Bellicus* (Mayence) Orelli, *Ampl. coll.* nr. 2776; o mesmo nome occorre na G. cisalpina C. I. L. v, nr. 1127, na G. Narbonensis C. I. L. XII, nr. 1853, na Britannia C. I. L. v, nr. 163 etc.; *Bonconica* (marco milliar de Tongres) *Rev. celt.* III, 161; *Caturicus* (Museu de Stuttgart) *Ibid.* 163; *Dannicius* (cives Rauracus) Orelli-Henzen nr. 6722, *Rev. celt.* III, 165; *Esdrius* (supra insulam Bonaci) Grut. 733, 5, *Rev. celt.* III, 167; *Gannica* (Morat) *Ibid.* p. 297; *Canto-bennicus* (monte no Auvergne) *Ibid.* VIII, 144; *Glanico* (Saint-Remy, Bouches-du-Rhône) *Ibid.* III, 298; *Grannicus* *Ibid.*; *Ressicus* *Ibid.* p. 305 de Grut. 764, 4; *Samicus* *Rev. celt.* III, 305; *Sapricia* (Bordeus) *Ibid.*; *Sapricius* (Vienne en Dauphiné) *Ibid.*; *Tuoticus* (Melun) *Ibid.* 309 de Muratori MCLXXXII, 15; *Vindelicus* Orelli-Henzen nr. 6858, *Rev. celt.* III, 311; *Matico* (Auch) *Ibid.* VIII, 381; *Messicus* (Noricum) *Ibid.*; *Scarica* (Dijon) *Ibid.* 386; *Budenicus* (Mars) C. I. L. XII, nr. 2973, *Sauricus* *Ibid.* nr. 5686; *Carsicios* (moeda) *Rev. celt.* IX, 30. Essa lista pode ser muito augmentada. Vid. Zeuss-Ebel, *Gramm. celtica*, p. 806, onde veem outros nomes em -ico-.

Na peninsula hispanica achamos tambem numerosos derivados em -ico-, taes são os seguintes nomes e cognomes: **Avelicus**, C. I. L. II, nr. 3133; **Urcico** *Ibid.* nr. 2818; **Tritalicus** *Ibid.* nr. 2814; **Vatricus** *Ibid.* nr. 2808; **Viniccius** *Ibid.* nr. 4417; **Vinicia** *Ibid.* nr. 1914 etc.; **Aranicus** *Ibid.* nr. 851; **Bellicus** *Ibid.* nr. 3265. 4175; **Bonicus** *Ibid.* nr. 4418; **Boudica** *Ibid.* nr. 455; **Caricus** *Ibid.* nr. 295. 899. 2928; **Dessica** *Ibid.* nr. 2866; **Docilico** *Ibid.* nr. 2816; **Docquiricus** *Ibid.* nr. 434. 448. 551 etc., **Garonicus** *Ibid.* nr. 4490; ***Imunica** *Ibid.* nr. 3007; **Limicus** *Ibid.* nr. 3034; **Lugaudicus** *Ibid.* nr. 2732; **Vellica** Aureliano Fernandez-Guerra, *Cantabria*, p. 142 (*Boletín de la Soc. de geogr. de Madrid*, IV, 1878). Mencionarei ainda os seguintes nomes geographicos: **Caranicum** (n. l., Cal-laecia) *Itin. Ant.* p. 424, 6; **Abilicorum** (gens, Astures Transmontanos) C. I. L. II, nr. 2698; **Ladico** (Jovi; montanha de Coda de Ladeco ou Laroco entre Leão e Galliza) *Ibid.* nr. 2525; **Argomonica** (gentis nomen?) *Ibid.* nr. 2856; **Asturica** *Ibid.* nr. 2633. 2648 etc.; **Bundalicus** (gentis nomen?) *Ibid.* nr. 2785; **Calnicum** *Ibid.* nr. 2745; **Ercavica Ercavie(ensis)** *Ibid.* nr. 4203; **Ilici** (Elche) *Ibid.*, p. 479 ss. *Plin. h. n.* 3, 3, 19; **Límici** C. I. L. II, nr. 434. 827 etc., *Plin. h. n.* 3, 3, 28; **Vailico** (gentis nomen?) C. I. L. II, nr. 2771. Entre os epithetos de Lares achamos: **Erredici** (Chaves) *Ibid.* nr. 2470; **Turolici** (Numão) *Ibid.* nr. 431; ***Pindenetici** (Chaves) *Ibid.* nr. 2471. Nalguns d'esses exemplos o suffixo -ico pode ter origem latina; noutros é possível que haja nomes provenientes d'alguma lingua antiga da peninsula não celtica.

Segundo uma etymologia que tem sido repetida varias vezes, os nomes de *Bormanus*, *Bormo(n)* ligam-se a uma raiz indoeuropea que

significa ferver ³⁰; a formação da palavra, creio, não foi ainda estudada detidamente.

Nos themas *bormano-*, *bormana-*, *bor* é a parte radical, *mano-*, *mana-* um suffixo de derivação. Com effeito encontramos nas linguas indoeuropeas as seguintes formas de suffixos:

sanskrito	- <i>man</i>	lat.	- <i>mōn</i>	lat.	- <i>men</i> - <i>min</i>
zend	- <i>man</i>	gr.	- <i>μαν</i>	slav. lit.	- <i>men</i>
gotico	- <i>man</i>		- <i>man</i>	lit.	- <i>mēn</i>
protoarico	- <i>mana</i> ,			lat.	- <i>meno</i>
sanskrito	- <i>māna</i> ,				- <i>mino</i>
zend	- <i>mana</i> , - <i>mna</i>				- <i>mau</i> gr. - <i>μαν</i>

Em latim apparece tambem o suffixo *-mento-*, composto, segundo Fott e Corssen, de *men* + *to* ³¹. A forma *-mana* (lat. *-meno*, *-mino*, gr. *-μαν*) d'esses suffixos serve em sanscrito e grego para formações partici-paes medias e passivas, de que em latim se conservam vestigios; mas nesta lingua, perdida a consciencia da verdadeira significação d'essas formas, produziram-se formas analogicas derivadas até de themas nominaes ³². Nas linguas celticas em que não teem sido determinados vestigios d'aquellas formas partici-paes passivas e medias, facilitava-se tambem o caminho para outro emprego dos suffixos *-man*, *-mana*, se elles se conservaram, pelo menos em vestigios, nessas linguas. Com effeito não podemos deixar de considerar como identico o suffixo *-mano* de *bormano-* com o lat. *-meno*, *-mino* e o gr. *-μαν*.

Um outro nome celtico antigo que contém o suffixo *-mano-* é, segundo diversos dados tornam muito provavel, o nome de povo *Germani*, que não é por certo teutonico e apparece no dominio celtico ³³. Outros nomes celticos como *Cenomani*, *Viomani*, *Ariomani*, *Vetomani* são considerados antes como compostos do que como deriva-dos ³⁴.

³⁰ Vid. por exemplo R. de Belloguet, *Glossaire gaulois*, 2.^a ed. mrs. 400 e 401; E. Littré, *Dict. de la langue française*, s. v. *Bourbe*; Florian Vallentin, *Revue celtique* iv, 7, e antes d'esses já L. Diefenbach, *Celtica* i, p. 199, nr. 307.

³¹ Sobre essas diversas formas de suffixos vid. Fr. Bopp, *Vergleichendes Grammatik*, 2.^a ed. §§ 791-804; A. Schleicher, *Compendium der vergleichenden Grammatik*, 2.^a ed. § 219; Leo Meyer, *Vergleichendes Grammatik der griechischen und lateinischen Sprachen*, 1.^a ed. n. pp. 261 ss.; W. Corssen, *Ob. cit.* n. 39-40, etc. Sobre esses suffixos em nomes de deuses latinos, vid. Grassman Kuhn's *Zeitschrift* xvi, 112-113.

³² W. Corssen, *Ob. cit.* i 2, 528.

³³ Occupar-me-hei do nome *Germani* a proposito do *Oretum Germanorum* da nossa peninsula. Os dados para a discussão d'esse nome acham-se em Zeuss-Ebel, *Gramm. celtica*, p. 773 e Karl Müllenhoff, *Deutsche Altertumskunde* ii, 203. 206.

³⁴ Zeuss-Ebel, p. 773. Sobre o suffixo *-man* nas linguas neo-celticas, *Ibid.*, pp. 775. 776. 824 s.

A forma do nome de deus *Bormon-* (*Bormoni* dat.) acima transcripta apresenta a forma suffixal *-mon*, que apparece tambem em latim e grego, naquella lingua com vogal longa, nesta com vogal breve ou longa. O neo-celtico apresenta talvez vestigios d'esse suffixo: ant. cymrico *achmonou* (gl. inguinibus), plural de *achmon*, de *ach* generatio. Essa forma suffixal mudou-se posteriormente em *men*, *fen* ³⁵.

No thema *bormano-* o elemento radical é pois *bor*, correspondente a uma raiz indoeuropea *bhar* (e *bhur*) mover-se agitadamente, ferver, enfurecer-se, a que se ligam o grego φέρω < φέρ-ω agito, misturo, amasso, o latim *furere*, sanscrito *bharati* elle enfurece-se, ant. norsico *byr e*, medio allemão *bur f.* vento. D'essa raiz com o suffixo *man* formou-se um thema europen *bharman-*, representado pelo latim *fer-mentum*, anglosaxão *beorma*, ingl. *barm*, allemão mod. *barme*, *bärme* ³⁶.

Da mesma raiz (com o simples suffixo *-ma*) deriva o latim *formus* quente, segundo Fick; mas Corssen refere essa palavra á mesma raiz que o grego βράζει.

A mesma raiz alargou-se com um *v* na forma *bharv*, representada pelo lat. *ferre-ere*, *ferre-ere*, *ferre-or*. Nas linguas celticas esse *v* ou nos apparece como *v*, *w* ou como *b*: ant. irl. *berb-aim*, ferveo, coqueo, fundeo; kym. mod. *lenw* a boiling, ebullition, *berwi* to boil, to bubble; b. bretão mod. *berc*, *bero*, bouillon, ébullition, bouillonnement; *bervi*, *birvi*, bouillir, bouilloner; *berveu* je bous, *berc*, imper. bous ³⁷.

Por metathese a raiz *bhur* toma a forma *bhrv*, a que se liga o ant. irlandez *bruth*, fervor, furor, rabies ³⁸.

As formas do ant. irlandez *tipra fons* e *topor fons* representam respectivamente os compostos **do-aith-bravant* e **do-fo-aith-barva*, em que ha uma forma de raiz *barv*, *brav*, que se liga á citada *bharv* ³⁹.

Da forma radical *borv* (*bharv*) vem outra forma de nome de deus de aguas thermaes: *Borvo(u)*; assim temos *Borv[oni]* (Aix, nos banhos) *C. I. L.* xii, nr. 2444; *Borvoni* (Bourbon-Lancy) *Rev. celtique* iii, 161; a mesma forma em Bourbonne-les-Bains (*Ibid.* iii, 134) e em Bourbon-l'Archambault (*Ibid.* iv, 7).

Não ha razão para julgar a forma *bormon-* simples alteração phonetica de *bormon-*, pois só podem ser apontados exemplos posteriores ao seculo ix da alteração de *m* no dominio celtico, enquanto nos periodos anteriores esse phonema permanece intacto entre vogaes ou em contacto com liquidas. A mudança de *rm* em *rv* em b. bretão é

³⁵ Zeuss-Ebel, p. 824. Cf. J. Loth, *Vocabulaire vieux-breton*, p. 31.

³⁶ A. Fick, *Ob. cit.* i 3, 163, 695; W. Corssen, *Ob. cit.* i 2, 145.

³⁷ Vid. os dictionarios de Richard e Le Gouidec e a *Grammaire cello-bretonne* do ultimo, ed. 1839, p. 162; Fr. A. Pott, *Etymologische Forschungen*, 2.^a ed., ii, 2, p. 1201-1204.

³⁸ Zeuss-Ebel, p. 641, 1004. H. Zimmer, *Kuhn's Zeitschrift* xxiv, 210, 531; cf. J. Schmidt, *Zur Geschichte der indogermanischen Vokalismus* ii, 269.

³⁹ H. Zimmer, *Kuhn's Zeitschrift* xxiv, 540 e Zeuss-Ebel, pp. 60, 240, 885, 1035. Cf. Windisch in Curtius, *Grundzüge* nr. 445 e W. Stokes in *Kuhn's Beiträge* viii, 336 s.

bastante recente; exemplo: *coruo* (Sainte-Nonne) profit; de ant. b. bretão *cormo*; *corci* avaler (P. Maunoir) ⁴⁰. O nome *Borvon*- deriva pois de *borv*- por meio do suffixo *-ôn*.

A mudança de *re* em *rb*, que se apresenta nos nomes de lugar saídos do nome do deus: *Bourbon*, *Bourbonne* parece não estar nas tendências dos dialectos neocelticos: no antigo irlandez *rb* é má graphia por *re*. No kymrico, o gallo *tarvos* touro é reflectido por *tarw*. No b. bretão dá-se antes a mudança contraria de *rb* em *re*: *calvez* do radical *carb*- de gallo *carbanto*-, alterado em *carpanto*-, *carpento*- por uma tendencia peculiar das linguas celticas; *larr*, ant. *larb* de lat. *barba* ⁴¹.

Não sei se a forma *Borbo* é bem justificada epigraphicamente.

E' muito duvidoso que o francez *bourbe* se ligue a essas formas ⁴².

Alguns nomes geographicos antigos ligam-se, ao que parece, a esses nomes de deuses: *Lucus Bormasii* (Liguria, entre Albingaunum e Costa Balenae) *Itin. Ant.* 295, 6 ⁴³; *Bormani, orum* (Gallia Narbonensis (Plin. *h. nat.* 3, 4, 36). E' duvidoso se pertence a serie *Bormiae Aquae* «siccativae et salutares podagrae creditae, quas de hac causa memorat Cassiodor. 10 Var. 29. Collocantur apud Aquas Statiellas et sic dictae traduntur a Bormia fluvio, qui nunc levi nominis mutatione appellatur in provincia vulgo hodie Monferrato vocata.» De-Vit, *Onomasticon*, s. v.

3. *Brigus

A. BRICO (dat.). *Revista Lusitana* 1, p. 231. Freguezia de Delães, proximo do Monte de S. Mignel. Se a leitura é certa, o A. não pertence ao nome do deus. O Flaus que cumpre o voto é natural de *Valubrica* (Valabriga), nome cujo segundo elemento pelo menos se encontra muito espalhado na toponymia celtica; d'elle tractarei noutra parte. Esse elemento *briga* apparece escripto com frequencia *brica*; o *c* por *g*, resultante de pura confusão graphica, encontra-se em diversos exemplos de epigraphes e de manuscriptos latinos. No *C. I. L.* xii index p. 952 diz-se: «*c* et *g* (nonnunquam hand dubie errore quadratorii permutatae)» e seguem exemplos, como *Acele*, *Acenor*, *Acne* (*Hagne*), *Acustas* (*Augustas*), nr. 5353; *Cellius*, *Cemello*, *Cenio*, nr. 5798, *Cernianus* (*Cot(hicas)*) nr. 5561 etc.; *Vergelleses* (*Vercelleses*) nr. 1356. Poder-se-hiam juntar mais exemplos dos outros volumes do *Corpus inscriptionum* ⁴⁴. Esse erro graphico (quando o erro não está na lei-

⁴⁰ E. Ernault, *Revue celtique* vii, 150.

⁴¹ W. Stokes, in Kuhn's *Zeitschrift* viii, 308-309; E. Ernault, *l. c.* p. 148; cf. R. Thurneysen, *Keltoromanisches*, p. 9.

⁴² Thurneysen, *Ob. cit.* p. 91-92.

⁴³ A immixção de elementos celticos na Liguria é um facto indubitavel, como mostrarei noutra parte, e foi o resultado do trabalho de seculos.

⁴⁴ Cf. A. Pictet, *Essai sur quelques inscriptions en langue gauloise* (Paris, 1859), pp. 30. 35. 40.

tura) fácil de corrigir nas palavras gregas e latinas, torna-se um embaraço em os nomes d'outra origem. A critica philologica pode ainda assim resolver nalguns casos a difficuldade. Por ex., se numa inscripção de Bordeus se encontra *Samocenus* e noutras da mesma proveniencia *Matugenus*, *Divogenus*, *Nemetogena* e *Nemetocena*, *Cintugena* não duvidamos de que o elemento commum d'esses nomes celticos é *gena* e não *cena*, porque conhecemos a etymologia d'esse elemento (o mesmo que o latim *gena* em *indigena*, etc.) e sabemos qual devia ser a sua forma em antigo celtico, pela combinação de dados numerosos ⁴⁵. Numa inscripção do Noricum (*C. I. L.* III nr. 5499) encontramos o nome *Giamillius*, que noutra tambem do Noricum (*Ibid.* nr. 5335) se encontra escripto *Giamillio* (dat). Creio que a verdadeira forma é *Giamillius*, porque vejo nesse nome um derivado da palavra que em celtico significa inverno, **giam*; ant. irlandez *gam*, < **giam*, ant. kymrico *gaem* < **geam*, formas correspondentes ao gr. γίαιον γίαιον ⁴⁶. E. Förstermann apresenta nomes germanicos que parecem ligar-se a *vinter* inverno ⁴⁷. Em grego ha o nome proprio Χίμαιον.

Brigo pode pois muito bem achar-se escripto em vez de *Brigo* e ser, como creio, identico ao segundo elemento do nome de deus **Tameobrigus*, que será estudado mais abaixo.

4. Coronus

CORONO (dat.) *Revista Lusitana* I, p. 232. Cerzedello, c. de Guimarães. Qual o character d'esse deus? Nada sabemos a tal respeito. D'esse nome deriva por certo o **Coronerus** da Citania de S. Romão de Briteiros ⁴⁸. Na lapide da Citania o nome de Coronero acha-se ligado a outro cuja proveniencia celtica ⁴⁹ tinha já sido indicada: *Camalus*. A inscripção diz: CORONERI CAMALI DOMUS.

São numerosos os derivados que se apresentam no dominio grego, latino e celtico de raizes ou themas da forma *cor*, *coro*-, o que torna difficil a determinação de origem celtica em diversos casos. Eis alguns nomes geographicos que parecem ter esta origem: *Coria* (cidade, Britannia barbara) Ptol. 2, 3, 9; *Corinium* (cidade, Britannia romana); o mesmo nome é dado a uma cidade dos Liburnos na Illyria barbara por Plin. *h. n.* 3, 21, 140 e Ptol. 2, 16, 3; *Coritani* (povo, Britannia

⁴⁵ Vid. d'Arbois de Jubainville, *Rev. celtique* VIII, 180 ss.

⁴⁶ Sobre essas formas do nome do inverno, vid. Curtius *Grundzüge der griechischen Etymologie*, nr. 194, K. Brugmann, *Grundriss* § 292 etc. Do mesmo thema derivam *Giamissa* (Schuermans nr. 2433), *Giamat*. (*Ibid.* nr. 2430-31), *Giamius* (Zeuss-Ebel, p. 48).

⁴⁷ *Altdeutsches Namenbuch* I, col. 1324 s.

⁴⁸ P. Martins Sarmiento, *Algumas observações á Citania do snr. Doutor Emilio Hüner*, p. 23, etc.

⁴⁹ Ligurica, segundo o snr. M. Sarmiento. Veremos como e porque.

romana) Ptol. 2, 3, 20; *Coriovallum* (Gallia) *Itin. Ant.* p. 375, 7. 378, 6; *Coriossedum* (*Coriossedenses*) *C. I. L.* xii, nr. 2972; *Corobilum* (Gallia) *Tab. Peut.*; *Coriandi* (povo da Hibernia) Ptol. 2, 2, 9; *Coresium stagnum* (agros Mediolanensi) *C. I. L.* v, p. 559; *Corogennates vicani* (inscr. Milão) *Ibid.*, nr. 5907⁵⁰; *Tri corium* (Gallia) *Plin. h. n.* 3, 4, 34; *Petro-cori* (povo da Gallia) *Caes. B. g.* 7, 75, 3⁵¹. Os seguintes nomes de pessoa parecem de procedencia celtica: *Corasus* (Zeuss-Ebel, p. 785), *Coroca* (*C. I. L.* vii, nr. 127); *Corobus* (*Rev. celt.* iii, 164); *Coroba* (Schuermans, *Sigles figulins*, nr. 1619, de Walsbetsz); *Corotures* (*Rev. celtique* iii, 164); *Corisillus* (Schuermans, nr. 1603, de Tours); *Corisso*, *Corilso* (*Ibid.*, nr. 1604 de Voorburg, Vechten); *Corisia* (*C. I. L.* v, nr. 7184); **Corialis* (*C. I. L.*) iii, nr. 3775, 2, da Pannonia inferior); **Corasia* *C. I. L.* xii, nr. 3506); *Coro* (Schuermans, nr. 1618, do Poitou); *Coronca* (*Revue celtique* viii, 383, de Lyon); *Coriarcos* (moeda galla, *Ibid.* ix, 30); *In corilla* (*Ibid.* iii, 298); *Jovit-corix* (*Ibid.*) Cp. pela forma do ultimo composto *Mogit-marus* (Pannonia inferior) *C. I. L.* iii, nr. 3525. Juntarei ainda o epitheto de Marte numa inscripção da Britannia: *Corotiacus* (*C. I. L.* vii, nr. 93 a).

Nas inscripções hispanicas achamos ainda os seguintes nomes: **Coria** (*C. I. L.* ii, nr. 780); ***Coriaca** (*Ibid.*, nr. 786); ***Coraius** (*Ibid.*, nr. 86); **Coroc...** (*Ibid.*, nr. 2489); ***Corococorocaucus** (*Ibid.*, nr. 2462); **Corollea** (*Ibid.*, nr. 2376). **Coronius** occorre *Ibid.*, nr. 510 e parece ligar-se ao nome do nosso deus Corono; mas aquelle nome não é talvez d'origem celtica⁵². Junta-se ainda: **Corocuta** (*Ibid.*, nr. 550).

Os factos reunidos tornam indubitavel a existencia d'um ou mais themas celticos da forma *coro-*, do qual derivam *corono-*, do mesmo modo que de *garo-*, thema de nome hispanico **Garos** (*C. I. L.* iii, nr. 3302) derivou o thema *garono-*, que temos no nome tambem hispanico

⁵⁰ O elemento *genna*, que parece entrar na composição de *Corogennates*, encontra-se em *Nitiogenna* (Glück *Keltischen Namen*, p. 127, 150); *Gennato* (*Ibid.* p. 150); *Gennatus* (*Rev. celtique* iii, p. 506), *Ad-gennus* (*C. I. L.* xii, nr. 3369); *Ad-gennia* (Glück, *Ob. cit.* p. 39, *C. I. L.* xii, nr. 3368); *Ad-gennius* (*C. I. L.* xii, nr. 3188, 3175, 3368); *Con-gennicus* (*Ibid.*, nr. 3932); *Con-gennicia* (*Ibid.*, nr. 3529); **Con-gennicus* (*Ibid.*, nr. 4583); *Ad-gennonius* (*C. I. L.* v, nr. 6632). Cp. ainda *Con-gennina* (*Ibid.*, nr. 4020); **Teni-gennio* (*Ibid.*, nr. 3345); *Con-ginna* (*C. I. L.* iii, nr. 5523, do Norieum); *Con-gonna* (*C. I. L.* v, nr. 7181); *Con-gonius* (*Ibid.*, nr. 7243); *Con-gonnetiacus* (*Rev. celtique* iii, 164); *Con-gometo-dubnus* (*Ibid.* x, 101); *Con-gonia* (*C. I. L.* v, nr. 2413); *Con-gonina* (*C. I. L.* iii, nr. 1203, da Dacia). Parece pertencer á serie o epitheto de Jupiter em inscripções cisalpinas: *Ag-ganai-cus* (*C. I. L.* v, nr. 6405) por **Ad-ganai-cus*, *Ad-cenai-cus* (*Ibid.*, nr. 5783) por **Ad-ganai-cus*. O onomastico celtico offerece-nos tambem um thema da forma *ganna*: *Fava* (prophetisa celtica em Dio Cassius 67, 5); *Ganna...* (*C. I. L.* iii, nr. 5683); *Octo-gannae* (matrones do Musée de Bonn, *Rev. celtique* iii, 303, *Ad-ganai* (*Matronis et Adganais*, inscr. de Milão, *C. I. L.* v, nr. 5671); *Gannica* (n. mul. Orelli, *Anph. coll.* nr. 354, *Helvet.*, nr. 161); *Gannicus* (*C. I. L.* iii, nr. 5102); *Gano-durum* (n. l. Helvetia) Ptol. 2, 9, 20; *Ganea* (*C. I. L.* v, nr. 1235).

⁵¹ Sobre esses compostos, vid. Glück, *Ob. cit.*, p. 158.

⁵² Vid. De-Vit, *Onomasticon* s. v. *Coronia* e *Coronius*.

Garonicus (*Ibid.* nr. 4490) ⁵³. Temos que nos contentar com essa explicação puramente morphologica, porque, na falta de todo ponto d'apoio, qualquer etymon de **Coronus** será perfeitamente vago e incerto.

No dominio da pura hypothese poder-se-hia pensar que **Coronus** fosse um espirito familiar, um kobold, um genio como o *korr, korrik, korrigan* da Baixa Bretanha; cf. ant. kymr. *correit* (pygmaei), *coran-geit, corangeit, coranneit* (Coranni, Corantii, pygmaei) Zeuss Ebel, p. 291. Mas em vez de um ser sobrenatural de tão modestas dimensões, podemos ver tambem em **Coronus** nem mais nem menos que o deus do raio, o Donner dos celtas peninsulares, comparando esse nome com o mod. bretão *curun tonerre* (Lagadenc), a proposito do qual o sr. E. Ernault (*Le Mystère de Sainte Barbe. Dict.* p. 259) lembra o gr. *καρανός*. Notarei ainda que *Coran* é o nome d'um druida mythico, que figura na Expedição de Conlle Ruad (em E. Windisch. *Kurzgefasste irische Grammatik*, p. 118-121, trad. por G. Dottin in *Revue de l'histoire des religions* xiv, 64-66).

O nome **Coronerus** da Cítania é tambem uma formação celtica: do thema *corona-* se derivou elle por meio do suffixo *-ero*, que se encontra noutros nomes celticos como *Laterna* (stagnum, Gallia Narbon.) Mela 2, 5, 6, Plin. *h. n.* (ou *Laterna?*); *Lucterius* (n. h.) Caes. *B. g.* 7, 5, 1 etc.; *Boderia* (estuario da Britannia) Ptol. 2, 3, 5; *Boletium* (promontorio da Britannia) Ptol. 2, 3, 3; *Andero* (n. mul.) *Rev. celtique* iii, 155; *Seisserus* (n. h.) *Rev. celtique* iii, 306; *Gavero* (n. h. Wales) *Ibid.* viii, 384; *Trever* por *Treverus* (ethnico) *Ibid.* 386; *Sigerus* (n. h.) *C. I. L.* xii, nr. 1191. 5690, 80 ⁵⁴.

Na peninsula hispanica ha ainda outras formas do mesmo typo: **Andero** (*Jovi Anderoni*). *C. I. L.* ii, nr. 2598; **Anteros** (n. h.) *Ibid.* nr. 1823. 4970, 27; **Arenterus** (n. h.) *Ibid.* nr. 733; **Damer...** *Ibid.* nr. 4770, 160; **Sigerus** (n. h.) *Ibid.* nr. 2752; **Doidero, Doideria** (cp. **Dovidena**) Fernandez-Guerra, *Cantabria* in *Bol. de la Soc. Geogr. de Madrid*, iv (1878), n.º 2, p. 142; **Bodero** (cp. **Bodecives, Bodives** *Ibid.*); **Vadavero** Mart. *epigr.* 1, 49.

5. Cusuneneocus

C. I. L. ii, nr. 2375; *Revista Lusitana* i, p. 234. Inscricção de Bur-gães. c. de S. Thyrsó. A lição reproduzida pelo sr. E. Hübner era absolutamente impenetravel; a restituição que elle puzera no index *deus *Domeacusuemecus* não permitia adiantar mais. A leitura do sr.

⁵³ Esses nomes pertencem a uma serie que será estudada mais tarde; basta-me para indicar a sua celticidade citar os nomes *Garo-marus* (*C. I. L.* iii, 6010, 94), composto com o elemento *maro-*, que se encontra em muitos outros nomes celticos, e o nome kymrico medieval *Garei* < **Gareios* (Glück, *Ob. cit.* p. 102).

⁵⁴ Vid. outros exemplos em Zeuss-Ebel, p. 779.

Martins Sarmento é luminosa: DEO DOMENO CUSUNENEOECO. Com effeito, *domenus* por *dominus* é uma forma do latim vulgar, que já tinha sido notada: duas vezes numa inscrição antiga christã de Aquae Sextiae (*C. I. L.* XII, nr. 338), duas vezes num anel do seculo v ou vi (*Ibid.*, nr. 5692, 14). Outros exemplos muito conhecidos pertencem tambem ao periodo christão; mas ha exemplos muito anteriores da mesma alteração phonetica noutras palavras⁵⁵ e temos demais numa inscrição da Dacia *Domno Fido* (*C. I. L.* III, nr. 1298); ora *domenus* é a forma intermedia entre *dominus* e *domnus*.

O nome **Cusuneneoecus** offerece ainda assim aspecto extranho, como os d'outros deuses lusitanicos, de forma complicada. Todavia os factos seguintes tornam, creio, muito provavel a origem celtica d'esse nome.

Os diphthongos não são raros em suffixos celticos: nontra parte reuni exemplos do suffixo *-aico*⁵⁶. Uma forma suffixal *-oes* (*-ois*) apparece-nos no nome celtico *Caeroesi* (Caes. *B. g.* 2, 4)⁵⁷; outra forma suffixal *oed* (*oid*) em *Catamantaloedis* (Caes. *B. g.* 1, 3), explicado por Glück⁵⁸. A forma de suffixo *-oin* encontra-se em *Vindonissa* (n. h.) *Rev. celtique* IX, 288 ao lado de *Vindonissa* (n. l.) e em *Biroinus* (n. h.) Kuhn's *Beiträge* III, 197; a forma de suffixo *-oir* em *Essoiros* (n. h.) *Ibid.* O suffixo *-oic* é-nos, demais, offerecido pelo nome *Vindoroicus* (se não é composto) Kuhn's *Beiträge* III, 197 *C. I. L.* III, nr. 4604, que parece derivado de *vindoro*, thema tirado de *vindo-* (cp. os nomes *Vindius* no *C. I. L.* V, nr. 3228; *Vindia*, *Ibid.*, nr. 6457; *Vindo-bona*, etc.) branco, d'ahi bello, feliz⁵⁹ por meio do suffixo *-oro*⁶⁰. *Vindoroicus* parece pois ter o mesmo suffixo *-oec* (*-oic*) que o nosso **Cusuneneoecus**. Este parece derivar d'um thema *cusuneno-* ou *cusuneni-*. A complicação do suffixo *-oico-* com um *i*, que nos apparece aqui, não é facto isolado, sem analogia, no onomasticon lusitanico: o suffixo *-aico*, tão proximo de *-oeco* que este deve ser considerado variante phonetica d'aquelle, encontra-se tambem alargado em *-iaico* em o nome de deus lusitanico **Bandiarbariaicus** (villa Capinha, termo do Fundão) *C. I. L.* II, nr. 454. Num outro nome tambem de deus lusitanico, que apresenta de commun com aquelle uma parte, o suffixo tem simplesmente a forma *-aico*: **Reuveanabaraecus** (logar de Ruanes, Extremadura hispanhola, a 3 leguas de Trugillo) *Ibid.* nr. 685⁶¹.

⁵⁵ Schuchardt, *Ob. cit.* II, 1 ss. III, 163 ss.; particularmente II, 23.

⁵⁶ *Revista de Guimarães* III, 169-189; *Revista archeologica*, publ. por Borges de Figueiredo II, 1-16.

⁵⁷ Sobre esse nome, vid. Glück, *Ob. cit.* p. 41-43.

⁵⁸ *Ob. cit.* p. 44-47.

⁵⁹ Vid. *Revue celtique* IX, 320 etc. Noutro lugar reunirei a larga serie de nomes que se ligam a esse thema.

⁶⁰ Sobre esse suffixo, vid. Zeuss-Ebel, p. 779.

⁶¹ Antes do suffixo *-aco* é muito frequente um *i*; vid. infra *Turiacus*. Um outro exemplo, mas incerto, do suffixo *-oico* é-nos ministrada pelo nome do povo alpino *Albici*: (Strabo 4, 6, 4), considerado por uns como identico aos *Albici* de

O thema *cusumeno-* deriva de *cusuno-* por meio d'um sufixo *-eno*, que se encontra tambem em os nomes celticos *Vosseno*, *Bolenus*, *Bremenium*, *Cimnenius*, *Ruteni* reunidos por Zeuss-Ebel, p. 772.

O thema *cusino-* deriva de *cuso-* por meio do suffixo *-ino*, que apparece com *u* breve em *Ituna* 17592 (estuario da Britannia) Ptol. 2, 3, 2 (cp. *Ἰτύναι* *Ἰτύναι* *Ἰτύναι* Ptol. 2, 3, 1 e o n. h. *Itubus* Grut. 807, 7. 853, a) Zeuss-Ebel p. 773 e talvez com *u* longo em *Virunus* (*Itin.* Ant. 276, 5), *Seduni* (Plin. h. n.) Zeuss-Ebel p. 774, *Couronus* (n. h. Baviera) *Rev. celtique* VIII. 383.

Na península hispanica o sufixo *-uno* encontra-se em **Ugultuniacum** (Baeturia celtica). Plin. *h. n.* 3, 3, 14; ***Imunica** (n. m.?) C. I. L. II, nr. 3007; **Cantunaecus** (deus, inscr. de Ledesma) *Ibid.* nr. 861. e **Suttunius** (deus, inscr. de Brozas, Extremadura hispanhola) *Ibid.* nr. 746. O sr. E. Hübner observa com relação a este nome: «cum a milite honoretur, inter Deos Lusitanos non est necessario numerandus». Quer fosse ou não deus lusitanico, é certo que o nome d'esse deus é celtico, como prova a sua comparação com o nome da divindade pyrenaica *Sutugius* (Saint-Plancard-sur-Save) A. Luchaire, *Études sur les idiomes pyrénéens*, p. 61-62 e com os seguintes nomes de pessoas: *Sutta* (Taurini) C. I. L. v, nr. 7070. III, nr. 1585 (Dacia); *Suttinus* (Mediolanum) *Ibid.* v, nr. 6075; *Suttilius* (Noricum) *Ibid.* III, nr. 4831; *Sutvedus* (Noricum) *Ibid.* nr. 4895; *Suttinis* gen. (Dacia) *Ibid.* nr. 1261⁶³. Cp., pela formação, *Sutugius* com *Esuggius* Orelli, *Ampl. coll.* nr. 2062 (derivado de *Esus*, nome de deus gallo; cp. os compostos *Esu-uertus*, *Esu-magus* e o derivado *Esubi*)⁶⁴ e *Dibugius* (Pannonia superior) C. I. L. III, nr. 4595.

Não é só o nome do deus *Cusuneuocerus* que nos apresenta dois sufixos seguidos com *n*: o mesmo facto se dá no seguinte nome celtico, lido num anel d'ouro achado nos arredores de Thiaucourt (Meurthe et-Moselle): *Adiantunarna* (*Adiantunneni* dat.) *Revue celtique* vii, 114. viii, 380; W. Stokes, *Celtic Declension* in Bezzenberger's *Beiträge z. Kunde indogerm. Sprachen* xi, 139 s.

Adiantumnena é derivado de *adiantum*- por meio do mesmo sufixo *-eno*, que serviu para formar *casuveno*- de *casumo*-, e *adiantumo*- a seu turno deriva de *adianto*-, que, alargado pelo suffixo *-on*, nos apparece em o nome celtico *Adiantoni* dat. (Augusta Rauracorum)

Caes. *H. g.* 1, 34, 4, 2, 2, 6 etc., por outros como distincto (E. Desjardins, *Géographie historique et administrative de la Gaule* n. p. 87, n. 4), Suppoz-se que d'aquelle povo proviesse o *Alabec* (ou *Alabecce*) *Reiorum Apollinarium* (Plin. *A. n.* 3, 4, 36); vid. Herzog, *Galliae Narbonensis provinciae romanae historia*, p. 89, Hirschfeld in *C. I. L.* xii, p. 49.

⁶² Nas inscrições latinas dos Pyreneus encontram-se nomes de proveniência celtica manifesta, ao lado de outros d'origem muito provavelmente euskara. Vid. A. Luchaire, *Ob. cit.* no texto.

⁶³ Na Dácia penetraram com a colonização romana muitos nomes celticos.

⁶⁴ Vid. Zeuss-Ebel, p. 764, Glück, *Ob. cit.* p. 96-97; Becker in Kuhn's *Beiträge* III, 341-2.

Orelli. *Ampl. coll.* nr. 5060. *Rev. celtique* III, 154. O thema *adiantunno* contém o suffixo *-unno*, que diverge do de *cusuno* apenas em ter o *n* geminado ⁶⁵. Nessa forma accorre o suffixo nos seguintes nomes celticos reunidos por Glück (*Ob. cit.* p. 4-5): *Adiantunnius* (Caes. B. g. 3, 22, 1-4), **Antunnius*, de que deriva o nome de lugar *Antunnacum* (*Itin. Ant.* 254, 1. 371, 1. *Tab. Pent.* Ammian. Marc. 18, 2, 4) ⁶⁶; *Masunnius* (Grut. 793, 8); *Cernunnos* (Orelli. *Ampl. coll.* nr. 1993; *Vesunno* (l. Galliae) *Itin. Ant.* 461, 10; *Viburno* (Muratori 2073, 1). O thema *adianto* é derivado de *adi*, como *Meduacum* (*Tab. Pent.*) de *medu*, *Carantus* de *cara*; de *adi* deriva também *Adiatunnius* ⁶⁷.

Ao thema *cuso*, de que deriva *cusuno*, ou a themas da mesma forma ligam-se os seguintes nomes de pessoas do dominio celtico: *Cus* (Bäle) Schuermans nr. 1822; *Cuses* (Sgenti filius Regus) *Rev. celtique* III, 165 de Brambach nr. 1236 etc. ⁶⁸; *Cusius* (Pannonia superior, Gallia cisalpina, Heidelberg) *C. I. L.* III, nr. 4330, v, nr. 1780, 7027, 1028, Schuermans nr. 1823; *Cusia* (Gallia cisalpina) *C. I. L.* v, nr. 7027; *Cusanus* (Gallia Narbonensis) *Ibid.* XII, nr. 5686, 469; *Cusaia* (Pannonia inferior) *Ibid.* III, nr. 3296; *Cuseda* (Gallia cisalpina) *Ibid.* v, nr. 5071. Cp. ainda *Cososo* (deo Marti, inscr. do departamento do Cher) *Rev. celtique* III, 264. *Cusi* (abl.) é o nome d'uma cidade na Pannonia inferior (*Itin. Ant.* p. 242, 3, *Not. Dign.*); *Cusum* na *Tab. Pent.*

⁶⁵ A geminação do *n*, devida a pronuncia energica, é um phenomeno commun ao antigo celtico, ao umbro e ao latino. Vid. Savelsberg in Kuhn's *Zeitschrift* XXI, 105-108, que cita as formas umbrias *enno*, *enno*, *poune* ao lado de *enom*, *eno*, *pone* e Corssen *Ob. cit.* I 2, 249, que cita *Carcinna*, *Caescennius*, *Munnius*, *Pescennius*, *Vinnius* ao lado de *Carcina*, *Caescennius*, *Munius*, *Pescennia*, *Vinius*. Cf. as listas de suffixos com *n* em Zeuss-Ebel, p. 774. Geminação semelhante do *s* se nota nas mesmas linguas.

⁶⁶ Cp. *Antullus* (*C. I. L.* II, nr. 1426, 1727, 2240, v, nr. 6874; Mommsen, *Inscriptiones Helveticae*, nr. 35 apud *Rev. celtique* VIII, 137), *Antulla* (*C. I. L.* II, nr. 1205, 1401, 1713, 3386).

⁶⁷ Sobre esses nomes, vid. Glück, *Ob. cit.* s. v. *Adiatunnius*, Stokes, *loc. cit.* Sobre *Vesunno*, vid. Mowat, *Rev. celtique* III, 265 s.

⁶⁸ Na *Grammatica celtica*, 2.^a ed., p. 766 lê-se: «*Cuslano* sacer. (cf. *Cosli* no-men vetust. oppidi Cusel, et *Cuses* Orelli 484) Inscr. Orelli. 1985». Creio que de *Cuses* devem separar-se *Cuslanus* e *Cosli*, que se ligam muito bem ao thema **cosalo*, de que provém o lat. *corulus* ou *corylus*, aveleira. Reduzido a *cosl*, esse thema deu por assimilação *colt*, *col*, que temos no derivado ant. irlandez *col áde* columnas e no composto ant. cornico *colt-widen* (o seguido elemento deriva do ant. celtico *vidu*, arvore, em *Vidu-cusses* Plin. h. n. 4, 18, 107, *Viducus* Steiner nr. 1523, 1963. *Vidubium* *Tab. Pent.*, 05380a *parva*; Ptol. 2, 2, 2); ao termo cornico corresponde o h. bret. mod. *kel-vez* aveleira. Ao latino *corulus* por **cosulus* correspondem ainda ant. alto all. *hasal* s. m. *hasala* s. f. med. alto all. *hasel*, all. mod. *Hasel*. O deus *Cuslanus* (a lição é perfeitamente segura; vid. *C. I. L.* v, nr. 3898), adorado pelos Aruamates na Gallia cisalpina, era pois um deus das aveleiras ou uma aveleira-deus, o que era naturalissimo em povos que tinham desenvolvido o culto das arvores. Sobre *corulus* e palavras connexas, vid. A. Fick, *Ob. cit.* I 3, 531; d'Arbois de Jubainville in *Mem. de la Société Linguistique de Paris* IV, 241, etc.; sobre *vidu*, Glück, *Ob. cit.* p. 116, etc. Em extremo significativas para o culto das arvores são duas inscrições da Gallia, uma das quaes consagrada *Sax Arboribus* (Augusta Ausciorum) Orelli-Henzen, nr. 2108 e outra *Saxarbori Deo* (Tolosa) *Ibid.* nr. 5947.

Cusus é o nome d'um rio da Germania mencionado por Tacito, *Annal.* 2, 63.

Na Hispania o nome **Cususocia** ocorre numa inscrição de Hispalis (*C. I. L.* II, nr. 1235). Uma inscrição de Aquae Flaviae é dedicada aos *Laribus Cusicelensibus* (*Ibid.* nr. 2469). Tito Lívio (35, 22) fallando das victorias do proconsul M. Fulvio menciona como cidade da Oretania **Cusibi** (abl.)

Não pretendo, repito mais uma vez, que todos os nomes reunidos acima e em que se encontram os elementos phoneticos *cus* tenham a mesma origem, enquanto á raiz, nem ainda que provenham d'uma só lingua. A explicação morphologica torna muito provavel a origem celtica do nome *Cusumenoeus*: eis tudo. Poder-se-hia recorrer a ulterior explicação, vendo em *cuso-* um derivado da raiz *ku* por *sku* cobrir, proteger, e depois curar, que se encontra no latim *cutis* (ao lado de *scutula*, *scutum*), *cursus*, *cutis*, *cursus*, *cursus*, *cursus* e talvez em *cursus* ⁶⁹. O nosso *Cusumenoeus* seria um deus que protege ou, melhor, cura, um deus curandeiro, como tantos outros dos povos celticos e não celticos. Mas isso é uma pura hypothese.

6. Durbedicus

Inscrição de Ronfe, c. de Guimarães. *Revista Lusitana* I, 236. O character não nos é indicado por nenhum indicio conhecido.

O nome *Durbedicus* é formado de *durbed-* ou *durbedo-* com o mesmo suffixo *-ico* que encontramos já em *Bormanicus* e em muitos nomes atraz reunidos e que se encontra ainda no nome de deus *Endo-velicus*, de que terei que fallar mais tarde. O suffixo *edo-* de *durbedo-* é muito frequente em nomes do dominio celtico: *Mandussedum* (loc. Britanniae) *Itin. Ant.* 470, 3; *Agedincum* (loc. Galliae) *Caes. B. g.* 6, 44, 3 etc. (vid. Glück, *Ob. cit.* p. 15-18); *Tarussedum* (loc. circa lacum Comensem) *Itin. Ant.* 278, 5; *Voreda* (loc. Britanniae) *Ibid.* 467, 3; *Thenedon* (loc. circa Rhen. sup.) *Tab. Pent.*; *expeditio* (prom. Britan.) *Ptol.* 4, 2, 34 ⁷⁰; *Ampledo* (Gallia cisalp.) *C. I. L.* v, nr. 5342; *Donnedo* (Gall. cisalp.) *Ibid.* nr. 5596; *Senedo* (Gall. cisalp.) *Ibid.* nr. 4719; *Acedo* (Gall. cisalp.) *Ibid.* nr. 4304; *Sembedo* (Bagnères de-Bigorre; Orelli, *Ampl. coll.* nr. 204; *Agedillus* Britannia) *C. I. L.* VII, nr. 1336, 24; *Agedilicus* (Brit.) *Ibid.* nr. 1336, 25; *Caratedo* (Brit.) *Ibid.* nr. 1336, 236, 237; *Malledo* (Brit.) *Ibid.* nr. 1336, 617; *Vassedo* (Gallia Narbon.) *C. I. L.* XII, nr. 1304, 3410^{ada}, 5701, 54, 3031; *Caledu* (moeda galla) *Rev. celtique* IX, 29; *Covedon* (moeda galla) *Rev. celtique* IX, 30. O mesmo suffixo apparece ainda em o nome de carro

⁶⁹ Sobre essa raiz e derivados, vid. J. Grimm, *Deutsche Mythologie* (3.^a ed. 1854), p. 922; Corssen, *Ob. cit.* I 3, 353; J. Schmidt in Kuhn's *Zeitschrift* XXV, 166-7; cf. Fick, *Ob. cit.* I 8, 50.

⁷⁰ Vid. uma hypothese etymologica a respeito d'esse nome em Zeuss-Elbel, p. 789.

dos celtas: *essedum* ou *essedā* Verg. *Georg.* 3, 204; Propert. 2, 1, 76; Caes. *B. g.* 4, 32, 5, etc.

Na Hispania encontramos o sufixo em diferentes nomes: **Ar-raedo** (cogn. l. Uxama) *C. I. L.* II, nr. 2826; **Cabedus** (cogn. Lara) *Ibid.* nr. 2863; **Congedus** (n. fluv.) Mart. epigr. 1, 49; **Beseda** ^{Beseda} (cidade dos Castellani, Hisp. Tarrac.) Ptol. 2, 6, 71, moedas em Sestini, p. 183; **Candiedo** (epitheto de Jupiter, inscr. Callaec.) *C. I. L.* II, nr. 2599 ⁷¹.

Em tudo o que conheço do onomasticon dos paizes celticos, não acho nem um só derivado d'um radical *durb*. Se houvesse indícios de que *Durbedicus* era um deus de fonte, de nascente, propor-se-hia uma etymologia assaz attrahente. O antigo irlandez offerece um s. *drucht* dew, que parece estar por *drupta*, com a conhecida mudança de *pt* em *cht* (como em *secht*, lat. *septem*; *necht*, lat. *neptis*); **drup-ta* proviria por assimilação de **drub-ta*, da raiz *dhrub* que na forma correspondente *drup* se acha nas linguas germanicas: ant. norsico *drūpa*, *droup*, *dru-pum*, *dropinn*, gotear, distillar; ant. saxão *driopan*, *drōp*; angl. saxão *dréopan*; ant. alt. all. *triufan*, mod. alt. all. *triefen* ⁷². A metathese de *drub* em *durb* é um facto phonetico de character tão frequente que não offerece difficuldade. O nome *Durbedicus* significaria pois o que gotteja, faz gottejar, denominação que conviria a um deus d'essas fontes escassas que muitas vezes são consideradas como em extremo milagrosas. Ou ligar-se-ha esse nome ao antigo irlandez *derb* certus, verus, clarus (*firderb* = **viro-derbos* admodum certus, clarus, Zeuss-Ebel, p. 865)? O adj. *derb* (mod. *dearbh*) representa *derr* correspondente a ant. alto all. *triu*, mod. *trou*; mas ha uma antiga forma irland. *derbb* com *b* duro correspondente ao gotico *triggus*. Em celtico as raizes podem percorrer a escala das vogaes, como mostram os exemplos *deib* *dalb* *treb* *trab* *trub* *trub*, *breth* *brdth*, *rod* *réd*, *sren* *srón* (Zeuss-Ebel, p. 11, cf. p. 762), facto observado tambem nas outras linguas europeas aparentadas. Nós encontrámos já as formas radicaes *bor*, *borr* ao lado de *berr* (vid. s. *Bormanicus*); no seguimento d'estes estudos apontarei outros factos similares ⁷³. Como já foi observado acima, nos

⁷¹ Os nomes de montanhas peninsulares *Idubeda*, *Orospeida* são talvez compostos e provém, creio, de lingua não arica.

⁷² W. Stokes, *Calendar of Oengus*, Gloss. p. ccliii; A. Fick, *Ob. cit.* III, 3, 155.

⁷³ Sobre *derb*, *derbb*, vid. W. Stokes, *Rev. celtique* III, 37 e *Calendar of Oengus*, Gloss. p. ccxvii.

O sr. J. Rhys, que na sua bella obra recente *Lectures on the Origin and Growth of Religion as illustrated by Celtic Heathendom* reproduz a etymologia já conhecida de *Bormanus*, *Bormanicus*, *Borro* sem todavia explicar morphologicamente a relação d'essas formas, diz: «It does not appear why the Gaulish word was *Borro* rather than *Berro*, but there can be no serious doubt as to the close kinship of the words mentioned, or the fact that the god received his name in allusion to the hot springs over the bubbling volume of which he was supposed to preside». Uma referencia á passagem da *Grammatica celtica* acima citada bastaria para aclarar a duvida suggerida ao illustre auctor.

dialectos neo-celticos não parece haver tendencia para mudar *rr* em *rb*.

7. *Tameobrigus

Tameobrigo dat. (inscripção achada nas margens do Douro, transferida para o lugar de Castello de Paiva, hoje na collecção da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães). *C. I. L.* II, nr. 2377. O snr. Martins Sarmento lê **Tameobrio** (*Revista Lusitana* I, 239). O meu amigo e director d'esta *Revista* snr. J. Leite de Vasconcellos, que viu a lapide, pensa que haveria na pedra um *c*, talvez com um *o* incluso: assim ou o nome do deus foi escripto **Tameobrico** por **Tameobrigo** (cp. nr. 3 **Brigus**) ou **Tameobrio**. No ultimo caso seria de presumir syncope de *g* intervocalico. Essa syncope é bastante antiga no dominio celtico, quando ao *g* se seguia um *i* e outra vogal: ao lado dos nomes *Giamus*, *Giamillus*, já referidos acima encontra-se *Jamillus* (Orelli-Henzen nr. 4983). O nome dos *Boii* é considerado identico a *Bogii*: *Tolistoboi* em Livio, *Tolistobog* em Plinio, etc.: neste caso o *i* consenantisou-se depois da perda do *g* antecedente. Esse facto é analogo ao que se deu já no antigo latim em que já achamos: *maior*, *maius*, *Maius* (deus), *Maius* (mensis) etc. junto de *magis*, *magnus*, *Magius*, *Magolnia*, *Magulnius*, ao lado de *adagium*, *u-ego*, *ind-igitamenta*. O osco apresenta as formas *mais*, *maimas* ao lado de latim *magis*, *maximus*, o umbro *mestra* ao lado do latim *magister*, etc.⁷⁴ Tanto no latim antigo como no classico nunca, porém, *g* foi syncopado antes de *a*, *o*, *u*; não se colheu nenhum exemplo seguro da syncope nessas condições no latim vulgar anterior ao v seculo da nossa era.⁷⁵ No dominio celtico a syncope do *g*, ainda quando não seguido de *i* mais vogal, começou a dar-se mais cedo. Tito Livio refere (24, 42) que no anno 214 a. Chr. os romanos mataram na Hispania, num combate, dois regulos dos gallos, um dos quaes se chamava *Moenicaptus*. Esse nome é, segundo o snr. d'Arbois de Jubainville, composto de *moeno* e de *captus*; *moeno*- está por **mogeno*-, thema talvez do nome d'um deus significando grande, e *captus* seria a mesma palavra que temos no irlandez *cacht* escravo, correspondente ao latim *captus* de *capere*; *Moenicaptus* significaria pois «escravo do deus *Moenus*», como os nomes francos *Ermen-theus* e *Anse-deus* significam respectivamente «escravo do deus Irmin» e «escravo dos Anses ou Ases.» Essa explicação é muito plausivel. Assim, suppondo que o nome em Tito Livio seja um perfeito reflexo da pronuncia dos celtas ou gallos da Hispania⁷⁶ no pe-

⁷⁴ Vid. Corssen, *Ob. cit.* I 2, 90-91.

⁷⁵ *Ob. cit.* I 2, 94.

⁷⁶ Na unica edição de Tito Livio que no momento tenho á mão, a de Mauricio Müller, feita sobre a de G. Weissenborn (Teubner), ha no texto *Moeniacaptus*, no index *Moenicaptus*. O nome *Moenius* *Herma* apparece numa inscripção da Dalmacia (*C. I. L.* III, nr. 2436), *M. Moenius C.* numa de Patavium (*C. I. L.* V, nr. 2995).

riodo de que provém, temos um exemplo da queda de *g* antes de *e* que remonta ao fim do século III a. Chr. Os exemplos certos da queda de *g* antes de *a*, *o*, *u* apparecem só mais tarde. Nas inscrições da Britannia romana achamos: *Deo Mogonti* (*C. I. L.* VII, nr. 958. 996) ao lado de *Deo Morvnti* (*Ibid.* nr. 321), *Deo Morno* (*Ibid.* nr. 997), *Dis Morvntibus* (*Ibid.* nr. 1036); a comparação do primeiro nome com os seguintes mostra nestes a syncope de *g* antes de *o*. O *g* da raiz celtica *mog* (ha tambem a forma *mag*), correspondente á latina *mag* de *magnus*, *maximus* etc., conserva-se num grande numero de derivados, como: *Mogius* (Noricum) *C. I. L.* III, nr. 3455; *Mogia* (Noricum) *Ibid.*; *Mogio* (Gall. cisalp.) *C. I. L.* V, nr. 7891; *Mogetus* (Noricum) *Ibid.* III, nr. 6506; *Mogetius* (Pannonia, Noricum, Gall. cisalp. e trans.) *Ibid.* nr. 4452. 4568. 5635. V, nr. 782. 6576, etc.; *Mogetissa* (Boins) *Ibid.* III, Dipl. mil. XXIV; *Mogetillus* (Gall. cisalp.) *Ibid.* V, nr. 5299; *Mogetilla* (Gall. cisalp.) *Ibid.*, nr. 4457. 7650; **Mogituma* (Gall. Narbon.) *Ibid.* XII, nr. 731; *Mogillo* (Gall. Narb.) *Ibid.*, nr. 3407, *Mogonia* (Gall. Narb.) *Ibid.*, nr. 3995; *Mogovius* (Gall. Narb.) *Ibid.* nr. 3851; *Mogiancus* (Noricum, Gall. cisalp.) *Ibid.* III, nr. 4944. 6491. V, nr. 1789; *Mogtio* (Gall. cisalp.) *Ibid.* nr. 5340; *Mogiltonius* (Reno) Brambach nr. 1427; *Mogil-marus* (Pannonia inferior) *C. I. L.* III, nr. 3325; *Dino-mogeli-marus* (Mars; Gall. Narbon.) *Ibid.* XII, nr. 4218. De *Mogetius* deriva o nome de logar *Mogetiana* (*Itin. Ant.* 233, 4); do nome de deus *Mogontis* o nome d'homem *Mogontoni* (Brambach nr. 1988) e o nome de logar *Mogontiacum* (Mainz, Maience). Essa persistencia do *g* em tantos derivados prova que a syncope nos outros casos era apenas um phenomeno isolado, esporadico, manifestando todavia uma tendencia latente que só mais tarde poude desenvolver-se no dominio celto-romanico. *Vertragus* é o nome de um cão de caça em Martial XIV, 200, o qual é mencionado como um cão dos celtas por Arriano (*Cyneg.* 3): *ῥετραγος*; Ebel (*Gramm. celtica* 4. 36. 145) explica esse nome como composto da particula *ver* e dum thema da raiz *trag* currere (gr. *τρεγω*, got. *thragia*); anteriormente essa palavra apparece com a forma *vertraha* em Gratinus, *Cyneg.*

Para a syncope do *g* da palavra *leuga*, o exemplo mais antigo citado na *Gramm. celtica* encontra-se em Beda (sec. VIII). Em portuguez conserva-se o *g* em *legua*. Thurneysen observa que o nome de cidade **Rou* em, *Roem*, *Rouen*, de *Rotōnagus*, não apresenta vestigio algum do *g*, como se a forma fundamental fosse **Rotomus*. Lembremos ainda *-bria* por *-briga* nos compostos, em exemplos da alta idade media ⁷⁷.

Cp. ainda o nome de rio *Moenis* (Mein) Mela 3, 3, 3 ou *Moenus* Tacit. *Germ.* 28; *Μοῖνα-ῥοῖος*; (loc. German., e tambem nome de rio, depois Almona) Ptol. 2, 11, 30; *Moenis villa*, cod. dipl., ed. Guérard, p. 37, apud Zeuss-Ebel, p. 31 n. *. Cf. d'Arbois de Jubainville in *Rev. celtique* III, 169.

⁷⁷ Sobre a syncope do *g* em antigo celtico, vid. Zeuss-Ebel, p. 47. 48. 145; d'Arbois de Jubainville, *Revue celtique* III, 267-268. 169; *Mém. de la Soc. de ling. de Paris* IV, 426; R. Thurneysen, *Keltoromanisches*, p. 33. Suppoz-se que a antiga forma do nome de Vienna, cidade da Gallia Narbon. fosse *Vigenna*, forma que se

O resultado desta discussão é que uma forma **Tameobrio** por *Tameobrigo* não se apresenta como um phenomeno isolado no dominio celtico, no tempo do imperio romano.

O nome **Tameobrigos**, que supponho ser a forma celtica inteira, tem toda a apparencia d'um composto de *tanco-* e *brigo-*.

O elemento *brigo-* nada tem que ver, talvez, com o elemento *briga* (com *i* breve) que entra na composição de numerosos nomes de logares celticos peninsulares e extrapeninsulares (vid. supra s. 1 **Aernus**); temos muito provavelmente aqui um outro thema celtico com *i* longo: **brīgo-*. Nas linguas neo-celticas encontramos: ant. irl. *brig*, s. f. vigor, poder, auctoridade, valor; mod. irl. e gaelico *brīgh* s. f. substancia, essencia, elixir, sumo, seiva (além das significações antigas); ant. irl. *brig* adj. forte, poderoso, virtuoso; cymr. *bri* s. m. aestimatio, dignitas, honor; corn. *bry*; b. bretão (dialecto de Vannes) *bri* égard, consideration. Temos aqui portanto d'um lado um thema feminino *brīgā*, d'outro um thema masculino *brigo*⁷⁸. Como Diez notou, o port. e ital. *brío*, ant. fr. *bri* provem do celtico *brigo-*.

Varios nomes antigos proveem d'esses themas, por certo, não sendo todavia sempre facil de os distinguir dos que proveem de *briga* com *i* breve. Ao primeiro grupo parecem pertencer: *Briga* (Pannonia sup., Noricum) *C. I. L.* III, nr. 4202. 5285; *Brigias* (Noricum) *Ibid.*, nr. 5408; *Brigia* (Noricum) *Ibid.*, *Brigios* (moeda galla) *Rev. celtique* IX, 99; *Brigennius* (Patavium) *C. I. L.* V, nr. 2907. E' incerto se á serie pertence o nome de deus *Brigindo* da inscripção galla de Volnay⁷⁹. O mesmo se dá com o nome da deusa *Brigantia* da Britannia romana (*C. I. L.* VII, nr. 200. 203. 875. 1062) a que parece corresponder o nome da antiga deusa irlandesa *Brigit* (por *Brigentis*) mencionada no Glossario de Cormac⁸⁰. Se o nome de deus callaico *Bricus* está por

encontra na *Tab. Pent.* (E. Desjardins, *Geogr. hist. et adm. de la Gaule* II, 237); Hirschfeld (*C. I. L.* XII, p. 218) nega toda a auctoridade a essa forma com *g*. O sur. d'Arbois de Jubainville creê que o ant. celtico *maros*, já nos nomes dos gallos *Britto-marus* (morto 225 a. C.) e *Viridomarus* (m. 225 a. C.), está por **magaros* (*Etudes grammaticales sur les langues celtiques*, I pp. 13*-15*). Noutra parte voltarei a essa forma.

⁷⁸ Zeuss-Ebel, p. 21. 86. 90. 98. 136. 141. 917; Glück, *Ob. cit.* p. 126-127 n. 2; Stokes, *Calendar of Oengus*, Gloss. p. cccxvii, R. Thurneysen, *Ob. cit.* p. 50; dictionarios de Richard, McLeod e Dewars, O'Reilly, etc.; *Rev. celtique* V, 268.

⁷⁹ Pietet, *Essai sur quelques inser. en langue gaul.* p. 38 ss.; *Nouvel essai* p. 36 ss.; W. Stokes in Bezzenberger's *Beiträge* XI, 129 s.; J. Rhys, *Lectures on the Origin and Growth of Religion as Illustrated by Celtic Heathendom*, p. 75 s.

⁸⁰ W. Stokes, *Three Irish Glossaries*, p. xxxii-xxxiv; J. Rhys, *Ob. cit.* e *Celtic Britain*, 2.^a ed., p. 282 s.; D'Arbois de Jubainville, *Le cycle mythologique irlandais*, p. 145-147.

O nome de povo celtico da Aquitania *Nitio-briges* (Caes. *B. g.* 7, 7, 2, Strab. p. 190 C) contin o thema *brigo-*, forte, valeroso. O primeiro elemento *nitio-* deriva, segundo Glück, de *nit*, pugna, proelium, o qual se encontra tambem em *Nitio-genna* (Mommson, *Inscr. Helv.*, nr. 61 apud Glück) e se reflete no irl. *neith*; *Nitio-briges*, significava pois pugna validi, potentes (Glück, *Ob. cit.* p. 127). A *nit* se ligaria o nome do deus *Nelon* dos Accitani, se a explicação de Glück é boa.

Brigus, como suppoz, é identico ao segundo elemento analysado de **Tameo-brigus* e significa tambem forte, poderoso. Devo lembrar que ha uma serie de nomes celticos com *bric*, em que o *e* parece representar a pronuncia viva, como indica a sua gemação nalguns casos: **Bricus* (Bavay) Schuermans nr. 873; **Brica* (Verona) *C. I. L.* v, nr. 3840; *Brico* (Gall. Narb.) *Ibid.* xii, nr. 4663, *Bricena* (Dacia) *Ibid.*, nr. 917; **Briciorus* (Noricum) *Ibid.* iii, nr. 5086^{add}; *Bricosticis* gen. (Noricum) *Ibid.*, nr. 5697; *Bricci* gen. (Britannia) *Ibid.* vii, nr. 1336. 176-178; *Briccus*, *Briccius* (Gall. Narbon.) *Ibid.* xii, nr. 5686, 141. 4663; *Bricco* (Noricum) *Ibid.* iii, nr. 4724. Mas essas formas provirão talvez de *brigo-* por um processo hypocoristico ainda mal estudado em celtico.

Resta agora examinar o primeiro elemento do composto **Tameobrigus*.

Como a inscripção em que se lê esse nome foi achada nas proximidades do rio Tamega, pensei ha muito ⁹¹, que *tameo-* se referisse a esse rio: *Tameobrigus* significaria o que tem força, poder sobre o Tamega, ou ainda o forte, o virtuoso Tamega (o rio divinizado). Como ao lado de *Munda* houve por certo uma forma **Mundaeus* ou *Mundecus*, como prova a forma mod. *Mondego*, assim ao lado de *Tamaga* uma forma **Tamaios* ou **Tamaia* ⁹². Por emquanto não descobri motivo para preferir outra explicação a essa. Resta saber se *Tamaga* e **Tamaios* ou **Tamaia* (d'onde **Tameos* ou **Tamea*) são formas celticas. O nome do rio não ocorre em nenhum escriptor antigo; mas na inscripção da ponte sobre o mesmo junto de Chaves ocorre o nome de *Tamagani* (*C. I. L.* ii, nr. 2477), que indubitavelmente deriva de *Tamaga* > mod. *Tamega*. Diverso é o rio da Callaecia *Tamaris* (Mela 3, 1, 11 = *Ταμαρίς* Ptol. 2, 6, 32), mod. *Tambre*. D'esse nome de rio deriva o de povo *Tamarici* (Plin. 4, 20, 111; Mela 3, 1, 11). Cf. Plin. 31, 2, 23: «Et in Cantabria fontes *Tamarici* in auguriis habentur».

Do dominio celtico extrapeninsular podem comparar-se varios nomes: *Τάμαρις* (rio na costa S. da Britannia romana (Ptol. 2, 3, 4; *Τάμαρις* (rio na costa Oc. da Brit. rom.) Cass. D. 40, 3, 60, 20, 61, 1 = *Tamesis* Caes. B. g. 5, 11, 8 (*Tamesa* Tacit. Annal. 14, 32); *Τάμαρις* (cid. dos Dumonii, Brit. rom., na foz do Tamarus) Ptol. 2, 3, 30; *Τάμαρις* (cid. dos Vacomagi na costa Or. da Brit. barbara) Ptol. 2, 3, 13; *Tamacus* (n. hom. Noricum) *C. I. L.* iii, nr. 5080; *Taminius* (n. hom. Aquileia) *Ibid.* v, nr. 1052 b, 15.

Achamos tambem analogias no dominio italico; p. ex. o rio *Thamarus* ou *Tamarus* (*Itin. Ant.* p. 103, 3) no Samnio. A. Pictet cita

⁹¹ Vid. *Compte-rendu du Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques*. Neuvième Session à Lisbonne, 1880. p. 443

⁹² A alteração de *ai* em *ae* remontava em latim já ao tempo anterior ao das guerras da Syria e da Macedonia, em que se torna muito frequente; exemplos de *e* por *ae* apparecem já do tempo de Lucillio a Varrão; no periodo post classico generalisa-se em todo o dominio latino, que é em grande parte celto-romano, essa fusão de *ae* em *e*; vid. Corssen, *Ob. cit.* i 2, 695.

tambem da India o rio *Tamasa* (*Origines indo-européennes* I², 163); junta-se *Tamus* (cabo da India) Mela 3, 7, 67. 68. 70; mas citam-se tambem analogias mauritanas e phenicias: *Tamuda* (rio e cid. da Maurit. Ting.) Plin. *h. n.* 5, 2, 18; cf. *Tumuada* fluvius Mela 1, 5, 29); *Tamugadi* (cid. Maurit.) *Itin. Ant.* 34, 1. 35, 2. 40, 7; *Ἰαμυγὰς* (rio costeiro na Phenicia, entre Sidon e Berytus) Strab. 16, 2, 22, p. 756 C. A. Pictet apontou semelhança entre 12 nomes de rios da Mauritania e de paizes onde houve celtas⁹³, e quiz explicar essa coincidência pela hypothese d'um estabelecimento celtico em Africa; o snr. d'Arbois de Jubainville procurou refutar essa hypothese⁹⁴. O illustre celtologo lembra o systema de Movers segundo o qual o *Tamaris* da Callaecia seria nome phenicio e inclina-se á hypothese de que os nomes communs á Mauritania, Hispania e Gallia sejam d'origem iberica, isto é euscara ou basca. Terei occasião de examinar detidamente essas diversas hypotheses. Hoje contento-me com dizer que se, segundo o snr. d'Arbois de Jubainville, não está provado que o *Tamaris* tenha um nome d'origem celtica, não ha a minima prova de que tenha um nome basco; e se d'um lado ha uma analogia phenicia e outra mauritana, d'outro ha numerosas analogias indo-europeas e especialmente celticas (a menos que não se queira tambem achar euscaro ou phenicio na Britannia, no Samnio e até na India) que fazem pender a balança para o lado celtico das hypotheses. Não se provou ainda a existencia segura de nenhum nome phenicio ao norte da peninsula, emquanto ao sul o elemento phenicio se reconhece em muitos nomes; demais *tamaio-* (*Tameo-*, *Tameia*) são formas de character celtico⁹⁵. Não está provado, creio, que na Hispania houvesse nomes de rios d'origem phenicia.

Pictet ligou os nomes de rios indoeuropeus começando por *tam* a uma raiz indoeuropea *tam* significando ser escuro, que temos no sanskritto *tamas* trevas, pehlewí *tum*, escuro, sombrio, lituano *tamsà* trevas, escuridão, ant. iri. *temel* obscuridade, kymr. *tywell*, escuro, obscuro, b. bret. *teñval*, teval, obscuro, sombrio⁹⁶.

8. Turiacus

Santo Thyrsó. *Revista Lusitana* I, 235.

O nome do deus **Turiacus** tem aspecto celtico. Os nomes em *-aco*, *-iaco*, são frequentissimos nos paizes do dominio celtico extrapeninsulares; esse typo de derivação adaptou-se até a muitos nomes d'origem não celtica, principalmente latina. A maior parte d'essas formações são nomes de logar, derivados principalmente de nomes de

⁹³ *Revue celtique* II, 437-445.

⁹⁴ *Revue celtique* III, 768-174.

⁹⁵ Vid. numerosos exemplos de formas em *-aio* e *-eio* em Zeuss-Ebel, p. 782-83.

⁹⁶ A. Pictet, *Origines indo-européennes* I², 162-164. Sobre a raiz *tam*, vid. ainda Pott, *Etymologische Forschungen* II², 4, p. 170 ss. e A. Fick, *Ob. cit.* I³ 89-90.

pessoas; mas ha tambem nomes de pessoas formados com aquelle suffixo, como: *Cisiacus* (Noricum) *C. I. L.* III, nr. 6101; *Divitiacus* (eduo, irmão de Dumnorix) *Caes. B. g.* 1, 3, 5 etc.; *Magiacus* (Vasio) *C. I. L.* XII, nr. 1444; **Malliacus* (Britannia) *Ibid.* VII, 1336, 621; *Miliaci* gen. (Britannia) *Ibid.*, nr. 1336, 709; *Togiacus* (Narbo) *Ibid.* XI, nr. 325; *Valetiacus* (eduo, irmão de Cotus) *Caes. B. g.* 7, 32, 4. O mesmo auctor *B. g.* 5, 21, 1 conservou-nos o nome de povo da Britannia *Segontiaci*; *Plin. h. n.* 5, 32, 146 o do povo galata *Teutobodiaci*; uma inscrição brilingue de Paris, muitas vezes reproduzida (por ex. em Desjardins, *Ob. cit.* III, 261-268) a expressão *Nautae Parisiaci*, em que o ultimo nome é um derivado de *Parisii* (*Caes.*, etc.). Duas inscrições da Britannia romana ministram-nos dois epithetos de Marte, em *-iaco*; *Braciaca C. I. L.* VII, nr. 176 e *Corotiacus (Ibid.*, nr. 93 a) ⁹⁷.

Na Hispania encontramos alguns nomes de logares e de povos em *-aco* e *-iaco*: **Ablaidaci** (gentis nomen) *C. I. L.* II, nr. 2710, Aureliano Fernandez-Guerra, *Ob. cit.* p. 140; **Ambirodacus** (gentis nomen?) *C. I. L.* II, nr. 4306; **Arevaci** (Celtiberi) *Plin. h. n.* 3, 3, 19 («**Arevacis** nomen dedit flavius **Areva**» *Ibid.* 3, 3, 27); **Cappacum** (cid. estipendiaria do Conventus Gaditanus) *Plin. h. n.* 3, 2, 15; **Caraca** *Kaxaxa* (cid. Hisp. Tarrac.) *Idem* 2, 6, 57; **Tarmucenbaci** (Lares, Chaves) *C. I. L.* II, nr. 2472; **Arriaca** (entre Emerita e Caesaraugusta) *Itin. Ant.* 436, 3, 438, 10; **Comeniacum** (nome de dois logares differentes) *Anonym. Ravenn.* p. 318. 319, ed. Parthey; **Lambriaca** (Callaecia) *Mela* 3, 1, 10; **Maliaca** *Malliaxa* (cid. Hisp. Tarrac.) *Ptol.* 2, 6, 29 (cp. *Mallia* App. *Iber.* 77, 3); **Orniaci** *Ornazzi* (povo Asturiano) *Ptol.* 2, 6, 32 (cf. *Sempronium Perpetuum Orniacum* inser. *C. I. L.* II, nr. 2633); **Ugultuniacum** (cid. Baeturia celtica, outra do mesmo nome dos Celtiberi) *Plin. h. n.* 3, 3, 14; **Urbiaca** (entre Laminium e Caesaraugusta) *Itin. Ant.* 447 5. Alguns d'esses nomes foram explicados pelo basco por G. d'Humboldt; reservo para mais tarde o estudo especial de cada um ⁹⁸.

⁹⁷ Sobre os nomes em *-aco*, *-iaco*, vid. um estudo muito desenvolvido do sur. d'Arbois de Jubainville, *Recherches sur l'origine de la propriété foncière et des noms de lieu en France* in *Rev. celtique* VIII e IX e outro do mesmo auctor nos seus *Études grammaticales sur les langues celtiques* I, p. 15*-27*; Zeuss-Ebel, p. 806-807; Becker in Kuhn's *Beiträge* III, 415-418; G. Flechia, *Di alcune forme di nomi locali dell'Italia Superiore* in *Memorie della reale Accademia delle Scienze di Torino*, ser. II, t. XXVII (1873), pp. 275-373.

⁹⁸ A celticidade d'alguns desses nomes é indubitavel para nós, apesar das explicações de Humboldt. É possível que haja quem julgue mais plausível a explicação que o celebre fundador da philosophia da linguagem dá de *Urbiaca* pelo basco *ura* (agua) + *bi* (dois) + *aga* do que a explicação simples e immediata pelo celtico: *Urbiaca* é um derivado do nome **Urbins* que nos apparece no composto *Urbigena* (Briscia, Gall. Cisalpina) *C. I. L.* V, nr. 4608; outro derivado do mesmo thema é *Urbicus* (n. hom.) Orelli, *Ampl. coll.*, nr. 432. Cp. os nomes ant. bretão *Urblôn* < **Urbilannus*, ant. kymr. *Urbgen* < *Urbigenus* (Glück, *Ob. cit.* pp. 46 e 169). Aqui tudo se explica; na interpretação pelo basco, tudo fica no vago, no incerto pelo desconhecimento das relações phoneticas e morphologicas. *Malaca* é,

Nomes derivados de *tur* são muito frequentes no domínio celtico e no italico; vamos passar em revista os que são mais provavelmente celticos: *Turoca* (moeda galla) *Rev. celtique* ix, 34; *Turona* (moeda galla) *Ibid.* 31; *Turonos* (moeda galla) *Ibid.* 35; *Turones* (povo Gall. B. g. 2, 35, 3, etc.; *Turonii*, *Tourovii* (povo celtico na Germania) Ptol. 2, 11, 22 (99); *Turedonum* (loc. Gall. Narb.) *Tab. Peut.*; *Turi* (gens alpina) *C. I. L.* v, nr. 7817, 41 = Plin. *h. n.* 3, 20, 136; *Turecum* (nomen vetustum civitatis Helvet. inscr.) Zeuss-Ebel, p. 71. 806; *Turo* (n. hom.) *Rev. celtique* iii, 309 de Brambach nr. 275; *Turillo* (n. hom.) Kulm's *Beiträge* iii, 353 de *Bonner Jahrb.* x, 29. Cp. ainda *Mercurius Tourenus* (Hohlburg in Palatinatu) Orëlli-Henzen, nr. 5917.

Na Hispania encontramos muitos nomes começando por *tur*, que aqui junto, sem por enquanto apresentar qualquer afirmação acerca da sua origem: **Turaius** (n. hom.) *C. I. L.* ii, nr. 2633, Zeuss-Ebel p. 29; **Tureus** (n. hom.) *Ibid.* nr. 745. 788. 744; **Turo** (n. hom.) *Ibid.* nr. 2504; **Turennius** (n. hom. lat.?) *Ibid.* nr. 2671; **Turoqua** (loc. Callaeciae) *Itin. Ant.* p. 430, 2 = **Turaqua** Anonym. Ravenn.; **Turupiana** *Touropiana* (cid. dos Callaici Lucenses) Ptol. 2, 6, 23; **Turobrica** (cid. Baeturia celtica, conventus Hispal.) Plin. 3, 1, 14; **Turiaso** (= Tarrazona, cid. dos Celtiberi) *Itin. Ant.* 442, 4. 443, 3 = *Touziaco* Ptol. 2, 6, 58 = **Turiasson** Anonym. Ravenn.; **Turodi** *Toupeδov* *Θάρα Λαζι* = *Φλαζία*? Hübner in *C. I. L.* ii, p. 331) Ptol. 2, 6, 40¹⁰⁰; **Turia**, **Turium** (rio no territorio dos Edetani, Hisp. Tarrac.) Mela 2, 6, 92, Plin. *h. n.* 3, 3, 20; Sallust. epist. Pomp. 6 (ed. Dietsch); cf. *Turiza* Ptol. 2, 6, 15.

O nome **Turiacus** é o de um lugar divinizado, como outros dos paizes celticos¹⁰¹ ou deriva directamente d'um appellativo? Faltam-nos os dados para o concluir, assim como para a tentativa d'uma interpretação etymologica.

F. ADOLPHO COELHO.

NOTAS ADDICIONAES

1. Ao nome **Aernus**. Os nomes começando por *aer* foram adduzidos somente para mostrar a incerteza das combinações baseadas so-

sem duvida, phenicia. O snr. d'Arbois de Jubainville (*Études grammaticales etc.*, i, p. 18*) considera *Arriaca*, *Cappaca*, *Lambriaca*, *Ugultuniacum* e *Urbiaca* como formações celticas; ao primeiro compara o nome *Arrio* (*C. I. L.* ii, nr. 129. 182. 994) que se encontra fóra da Hispania com um só r: *Ario* (*C. I. L.* iii, nr. 5627. 5697); o do boio *Ario-manus* (*Ibid.*, nr. 4594) e o do chefe insubre *Ario-vistus* (m. 223 a. C.) Florus i, 20; com *Cappaca* compara *Cape-dunum* cidade dos Scordisci (Strabo 7, 5. 12, p. 318 C.) e *Cappae* (mod. *Chappes*, Aube, França); a *Lambriaca* o nome do afluente do Pó *Lambras* (Plin. 3, 16, 118 e 131). O nome *Ariovistus* apparece-nos tambem como o d'um chefe germano, do que tractarei brevemente.

⁹⁹ Vid. J. C. Zeuss, *Die Deutschen und die Nachbarstämme*, p. 121; E. Förstemann, *Altdeutsches Namenbuch*, ii 2, col. 1490.

¹⁰⁰ O Turium tornou-se celebre pelo proelium Turiense entre Pompeu e Sertorio (Plut. *Pomp.* 18, *Sertor.* 19; Cic. *pro Balbo* 2).

¹⁰¹ Vid. Zeuss-Ebel, p. 806-807.

bre a pura combinação de raizes. Em vez de *Aericusa* ha nas melhores edições de Plínio (3, 9, 94), as de Janus-Teubner e de Detlefsen-Weidmann, a lição *Eriphussa*. H. Kiepert no seu *Atlas antiquus* adoptou a lição *Ericussa*.

2. Ao nome **Bormanicus**. Ha um artigo do snr. F. Martins Sarmento *O Deus Bormanico, subsidio para o estudo da mythologia dos Lusitanos*, in *Revista de Guimarães* 1 (1884), n.º 2, pp. 57-67, do qual não fiz menção acima por me occupar d'elle num escripto relativo a diversas publicações do distincto archeologo vimarense e destinado a ser inserido ainda neste n.º da *Revista Lusitana*, o que não foi possível dar-se por falta do espaço necessario. Esse escripto é especialmente destinado ao exame de certas theorias ethnogenicas, já velhas e julgadas erroneas, mas acceitas e renovadas pelo snr. Martins Sarmento.

F. A. C.

MISCELLANEA

I

FALLAR PORTUGUÊS DE NEW-BEDFORD ¹

«... Existe nesta cidade uma colonia açoreana de uns 500 individuos, sobre cuja lingua, que se vae misturando cada vez mais com o inglês, estou preparando um estudo tão completo quanto me permittam os meus escassos conhecimentos e as difficuldades que encontro na situação isoladissima em que me acho de obter alguns trabalhos dos mais indispensaveis a este ramo de estudos. Suppondo que v. se interessa pelo desenvolvimento do fallar português d'este logar, vou dar-lhe aqui uma pequena amostra de elementos ingleses assimilados pelos nossos colonos açoreanos: *bordar* = hospedar; *bordo* (border) = hospede; *bins* = feijões; *chape* (chope) = loja (ouve-se já nos Açores por influencia dos ingleses); *carpete* = tapete; *chulipe* = dormindo, — por ex. «o bêbê (es/tá *chulipe*»; *espalhagrace* (sparrow-grass) = asparagus; *estima* = vapor, navio (*estimas* = steamers); *frio* = constipação («ter um *frio*» = estar constipado, «tomar um *frio*» = constipar-se); *gairete* (garret) = airiques; *misa* (meeting) = reunião; *nevere*

¹ [De uma carta que me escreveu em português o sr. prof. Henrique R. Lang, de New-Bedford (Massachussets, — America), em 22 de Novembro de 1888, tomo a liberdade de transcrever este trecho, que de certo interessa aos leitores da *Revista*. Sobre o assumpto cfr. tambem *Modern language notes*, vol. III, n.º 4. — J. L. de V.].

miude = não importa; *dar notas* (give notice) = dar parte; *offas* (office) = escritório; *olhar* = parecer (diz-se por ex.: «esta gravata *olha bem*» = this neck-tie looks well); *papel* = jornal; *salreis* (celery) = aipo. — V. terá já observado que em casos taes como os de *frio*, *dar notas*, *olhar*, ha o que Hermann Paul, *Principien der Sprachgeschichte*, chama alteração «der innern Sprachform». Dá-se tambem o caso, embora seja muito mais raro, de o inglês ser alterado na bôca dos Açoreanos por influencia portugueza. Assim, por ex., ouvi a uma velha dizer: *I had cabbages* (couves) *for dinner*. — »

HENRY R. LANG.

II

A MANEIRA DO APIAHÁ

O unico autor português que fallou d'esta modinha, ou toada, é Jorge Ferreira de Vasconcellos — muito vagamente, já se entende, porque escrevia para os seus contemporaneos ou, menos ainda, só para os seus commilitões, que comprehendiam as mais ligeiras allusões.

Na *Eufrosina* (III, 2; p. 169 da ed. mod.) lê-se o seguinte dialogo entre dous cortesãos, entretidos a tocarem viola e a cantarem vilancetes, chistes e cantigas:

«C. — Vós tocastes em seu tempo o *apiahá*? — Vejo-vos geito para o fazerdes bem!

J. — Isso deixo eu para vós (que sois todo hũa mangana) mayormente se fôr descantada (sic) com nesparas e roixinol de barro».

E na *Ulysippo* (III 6, fl. 176 v.) citam-se tres linhas de um *apiahá*; provavelmente o principio; e são como segue:

«Iça, iça, rombadera,
no te rombes con picon
romba te con el garzon».

Ninguém, que eu saiba, tentou até hoje investigar que *maneira*, *moda* e *toada* seria o *apiahá*.

Do primeiro trecho que copiamos, e do exemplo dado no segundo, assim como do acompanhamento rustico a que Jorge Ferreira allude, apenas se pôde concluir que a letra seria humoristica e vulgar, um tanto picaresca, de origem castelhana, e já antiquada no meado do sec. XVI; que *apiahá! apiahá!* se repetiria como estribilho no fim de cada repartição estrophica; e que a musica, tocada á viola, corresponderia a estes caracteres.

O *rouxinol de barro*, artefacto da ceramica popular, ainda hoje em dia simula, em Lisboa, nas noites estrelladas de S. João, um assobio lyrico pastoril. Com as *nesparas*, especie de cascaveis ou de campainhas sem badalo, tocadas umas nas outras pelos bufarinheiros ambulantes, é que se «enganavam» os negros de Jalofo, mas no tempo de

Camões já eram de tal forma antiquadas que, «nem com hum cão de busca se pude achar humas nesparas por toda a terra de X...»¹. Estes instrumentos, que decerto não condizem com poesias cultas e altisoantes, serviriam sómente para acompanhar o *estribilho*, que tem cunho popular, e parece o ruído de uma *Zapateta*, dançada com graça.

E' pois nos Cancioneiros *Castelhanos* que devemos procurar os vestígios do *Apiahá*, ou antes nos velhos *Pliegos sueltos* do principio do sec. XVI, que, pelo menos, conservaram uns restos e especimens dos generos mais afamados da velha poetica popular: Disparates, Chistes e Porqués, Maldições e Arrenegos, Xácaras e Danças tocadas, bailadas, e cantadas ao Tono de la Golondreta, do Veoveo; de la dignígnui; de las Gambetas; del Villano; del Pastorcico etc., etc.

E' o que tenho feito, com algum resultado.²

Apurei o seguinte:

Uma folha volante gotica (sem lugar nem anno, como quasi todas) descripta por Duran (N.º 111) e por Salvá (n.º 74) contém um «Perque muy gracioso agora de nuevo sacado, en que recuenta las tachas que tenia una dama y va en manera de *Hapiaha*».

Outra, aproveitada por Duran, (N.º 58) apresenta «Coplas de unos disparates nuevamente compuestos, con otras de la *Apyaha* y otras de una labradóra y un gentil-hombre».

Estas ultimas foram reimpressas no Romanceiro grande de Duran, de sorte que, ainda hoje podemos avaliar *aproximadamente* a maneira do *apiaha*, da *Apyaha*, da *Hapia ha* ou de la *Pya ha*.

Quem se der ao trabalho de lêr o n.º 1874-75 d'aquella bellissima collecção verá que *La Pya ha describiendo las perfecciones que deve tener una dama*, é uma lengalenga em versos redondilhos pareados, dos quaes rimam as linhas 2 e 3, 4 e 5, 6 e 7 etc. Note-se que, n'esta construcção empregada, as taes linhas nos «Porqués» principalmente nunca devem ligar grammaticalmente como seria natural. E' provavel que depois de cada uma das parellhas desirmanadas (2. 4. 6.) se repetisse o estribilho estrondoso e ironico³.

Duran incluiu a poesia no grupo das Doctrinaes e Artificiosas com certa razão, porque as ideias não são simples e populares; mas seria engano manifesto julgar que a forma metrica é relativamente

¹ *Filodemo*, v, 2. — Guitarras, pentem, telhinha e um assovio figuram na serenata! — Não sei se a descripção das *nesparas*, apurada de varios Dicionarios, é exacta. O nome (plural) parece indicar que se compunham de duas peças iguaes (de materia desconhecida), mas do feito de nesparas. Cfr. *conchinhas*, *telhinhas*, *soalhas*, *castanholas*, *pratos*, *ferrinhos*.

² Não vi o Cancioneiro Burlesco, que é sem duvida um bom terreno para explorações.

³ O que o auctor do *Romancero* sabe dizer sobre o *Apiahá* hespanhol pouco ou nada adianta. Affirma que era um tono de musica popular que acompanhava a lettra das composições poeticas, escritas para este fim, servindo ao mesmo tempo para uma dança particular, do mesmo nome.

moderna. E' a forma dos Lais e das Sequenças, modificada levemente só num ponto, a rima, que pôde ser aguda ou grave.

Mas que significa o nome? será onomatopaico? ou de origem arabe como o *Calbi orabi*, e o lindo *anaxir* granadense: *ya daifi sultan quebir?* Talvez! Li em tempos no Cancioneiro de Baena, (n.º 224 vol. I, p. 199) em um dizer de Micer Imperial do anno 1407 um trecho importante:

e á guissa de dueña que devota ora
«*Quam bonus deus*» le oi rezar,
e oyle á *manera de apia dar* (sic!)
«Çayha bical habin al cabila mora».

phrase muito corrupta, mas que o Marques de Pidal tentou reconstruir.

A ideia que a arabiga *manera de apiadar* fosse a nossa *mancira de apiahá* é por enquanto mera hypothese, mas poderá talvez chegar a ser mais do que isso.

P. S. — Vejo que Gil Vicente conhecer o estribilho. O Parvo da «*Floresta de Enganos*», que, realizando o dizer symbolico de um conhecido proverbio, apparece atado ao pé de um philosopho, canta quatro linhas de uma Salada de disparates, guisada por Mestre Vicente, rompendo afinal no grito de *apihá! apihá! apihá!* (vol. I p. 139 ed. hamb.) — Será simples erro de imprensa? ou variante de *apiahá*?

CAROLINA M. DE V.

III

PRONÚNCIA GALLEGA

A um rapaz, guardasoleiro ambulante, que andava por Portugal havia dois meses, e era natural de Galliza, de uma localidade cujo nome elle pronunciava *Riba d'Abia*, a 4 leguas de Orense, pude apanhar em 1887 os seguintes factos phoneticos:

O *a* era aberto quando nasal e tonico: *Xán* (João), *lín*, *cáma* (o *a* nasalado pelo *m*). O *e* era aberto nas mesmas condições, excepto antes de *nh*, pois se pronunciava *lénha*. O *o*, mais aberto que o de Lisboa, e tão aberto como o da Beira-Alta, era aberto em *capón* (que se podia tambem escrever *capóm*), *són* (que se podia escrever *sóm*), mas sem formar o ditongo *-óum* como no Entre-Douro-e-Minho; era fechado em *sôno*, *sónho*, *Rôma*, *cómo*, posto que nasalado em todos estes casos. O rapaz dizia *óbo* (= port. *ovo*); havia grande differença pois na pronúncia d'elle entre o *o* de *cómo* e o de *cópo*. As nasaes existiam claramente como no português do Norte: *num fum* (orth. gall. *nun fun*); existia tambem o *n* guttural, que represento por *ñ*,

entre nasal (pelo menos proveniente de *n*) e vogal, como: *ũa* (orth. gall. *unha*), *Xan ñ Antonio*. Todas as vogaes erão nasaladas antes de consoante nasal: distinguia-se bem o *i* de *linha* (pron. *linha*) do de *liga*, e o *u* de *ũa* (pron. *ũa*) do de *uba* (= port. *uva*); isto mesmo succede no português de todo o Norte do Mondego. O *e* de *rei* e *leite* era aberto (cfr. os meus *Dial. interamnenses*, v, § 4). O *e* de *eu*, *meu*, *teu* era gutturalisado, mas mais fundo na garganta do que o *e* que na Beira-Alta, etc., se ouve em *annel*, *Manuel*, etc.; represento-o por *ê*, e é igual ao de Baião (vid. *Dial. interamn.*, III, p. 8; VII, p. 17), que porém já tenho ouvido noutras partes (cfr. a minha *Evolução de linguagem*, p. 32, e *Rev. Lusit.*, p. 81). O *g* inicial (*gallinha*, etc.) era semelhante ao *j* castelhano, com menos apêrto dos órgãos, isto é, menos fricante (*h^c*). O *l* final de syllaba em *Manuel*, *caldo*, *silba*, etc. não era gutturalisado; taes palavras soavam quasi como *Manuel^h*, *cal^hdo*, *sil^hba*. Creio ter observado um phenomeno identico num ponto da raia transmontana do Norte, junto á Hispanha; mas não posso neste momento dar informações precisas.

J. L. DE V.

IV

OS CARVOEIROIS DA ESTREMADURA E ALEMTEJO

Parecem-nos curiosas e de grande proveito para a sciencia das tradições populares as seguintes noticias que pudemos colher ácerca d'uma classe de homens que vive nas charnecas alemtejanas e da Estremadura, sem que quasi se preocupe com o resto do mundo que mal conhece a sua existencia.

Os carvoeiros são ranchos de homens — malteses, desertores, vagabundos, fugitivos, homisiados de toda a especie, que se reúnem para explorar a industria da carbonisação.

Eram noutras eras temidos pelos viajantes, e populações ruraes, como assassinos e ladrões, e as carvoarias consideradas coito de toda a especie de malvadez. Hoje apenas commettem um ou outro furto, que se não torna muito notado.

Entretanto esta gente, que se quiz subtrahir a todo o freio, a toda a lei social, forjou para seu uso preceitos, que não são preteridos, sem que o infractor soffra graves penalidades. Tanto é certo, que a moral por Deus gravada na alma do homem nelle impera, mesmo a seu despeito, quando julga subtrahir-se a todo o jugo.

O chefe dos carvoeiros tem o nome de *moural* (maioral). Os subditos dividem-se em *companheiros* e *noveis*, havendo uma classe intermedia — a dos *sobre-noveis*.

Não descrevemos o processo de carbonisação, assás conhecido: só referiremos alguns dos costumes d'estes homens livres.

Os noveis teem a vida do escravo, sobre quem os companheiros exercem um dominio despotico e cruel. Se não querem sujeitar-se,

abandonam a carvoaria: se se submettem, passam depois do noviciado a sobre-noveis (aprendizes), e por ultimo, quando instruidos, a companheiros.

Os carvoeiros guardam todos os dias santificados, ainda os dispensados e abolidos, e nos dias de trabalho frequentes vezes se encontram sem nada fazerem, numa beatitude oriental, deitados pelos estevaes. Têm por isso fama de perguiçosos, e todavia elles nos dias de trabalho fazem tudo o preciso para completarem a tarefa (empreitada) que lhes foi imposta pelo *moural*.

Se por acaso algum mais indolente ou enfermo perde um quartel, é-lhe descontado na soldada, a qual não é de jorna, mas dada no fim dos meses, segundo o concerto, com os descontos a que nos referimos.

Os noveis fazem tudo o que os carvoeiros lhes determinam, e, seja a que hora fôr, de dia ou de noite, haja calor ou frio, estejam deitados ou não, apressam-se a obedecer às minimas ordens que lhes preceituam, indo buscar agoa, fogo, ou qualquer outra coisa.

A divisão do trabalho é conhecida por estas tribus sertanejas.

Os companheiros teem diversos empregos: entre elles o *d'escrivão*, *migueiro* (cozinheiro), *amasselão*, etc.

O amasselão amassa e enfora o pão com a farinha, ordinariamente de milho, dada pelo lavrador.

O migueiro tem a seu cargo preparar a comida para a sociedade e leva-la ao trabalho. A alimentação constante d'estes obreiros da charneca é — migas. Quem não é alemtejano não sabe o que são migas. Migas em geral são umas fatias de pão *migadas* (d'onde lhe vem o nome) com uma colher de pau na *tijela de fogo*, onde já existe azeite ou *pingo* e alhos nelle frito, sal e agua. O pão, aboborado na agua fervente, misturada com a gordura, fica depois seco e formando uma massa quando a agua se evapora, que se agglutina em rebolo. As migas de carvoeiro fazem differença d'estas no processo e no sabor. O pão não é esfatiado. Postos os alhos a frigir no azeite e sal, lanção-se-lhes as codeas cortadas em *falcas* ou lascas delgadissimas, e deixam-se côrar; depois deita-se o miolo do pão (de milho) esfarelado, e tudo isto, a fogo brando e sem agoa, se vae embebendo e frigindo na gordura, formando um conjuncto de globulos desagregados, que constitue a unica ou quasi unica alimentação dos carvoeiros. São excellentes.

O escriptivo encarrega-se da escripturação da malta: assenta os dias de trabalho de cada um e as faltas que houve neste.

Differentes são as multas que pesam sobre os descuidados, e todas são de comer: bacalhau ou sardinhas.

Os multados entregam o bacalhau ou sardinha ao migueiro que o emprega, assado, na alimentação de todos.

A maior multa é de meia arroba para os companheiros, e uma para o moural, se por acaso se descuida das leis estabelecidas. Os mouraes tambem castigam os discolos com a reprehensão e á paulada.

Se algum não termina a sua empreitada de dia, tem obrigação, sob pena de multa, de a terminar de noite, por si ou pelos seus amigos.

Os *quarteis* que se perdem são os primeiros do dia para os retardatarios, e as empreitadas são-lhes distribuidas, conforme o tempo do dia que falta decorrer, sendo descontada no pagamento mensal a parte do dia perdida antes do *ponto*.

Um exemplo do rigor e justiça das penalidades: Um dos carvoeiros tem por occupação escolher no mato a madeira, que deve ir para o forno, e proporciona a carga ás forças dos conductores dos touros. Se se engana, ou de proposito arranja uma carga mais pesada do que a que pode levar o sujeito para quem a preparou, é elle obrigado a carregar com ella e conduzi-la, ou a pagar avultada multa. O corte de uma arvore é a primeira operação a que se procede. E' feito, conforme a grossura, por dois, quatro e ás vezes por seis homens, que vão decapando o tronco, com golpes alternados, segundo uma cortadura horizontal e perfeitamente certa que tem a sua arte. Derribada a arvore passam a *torar*, isto é: a dividir o tronco em partes mais pequenas ou toros. Esta divisão é feita com o preceito de que a fenda, que os machados vão fazendo, não ultrapasse a largura de uma mão travessa. Os machados de que se servem tem uma forma especial: o seu ferro é mais comprido e menos largo e de menos curvatura que os ordinarios.

Se algum carvoeiro é convencido de roubo ou de outro qualquer crime, dentro da herdade ou herdades do dono da carvoaria, é castigado com uma sóva do moural e companheiros, perde a soldada vencida, que reverte a favor da malhada, para bacalhau, ou sardinhas, e é despedido.

Fóra d'esta área tem plena liberdade de furtar e esfaquear.

Para moural é sempre escolhido um individuo que junte á intelligencia um character energico e a pericia no jogo do pau.

Malhadas são cabanas feitas de ramos d'arvores e mato entretecidos. No centro do sólo da malhada cavam uma cova forrada de cortiça, onde guardam o producto dos seus furtos: laranja, boletas, etc. Tapam a cova com uma taboa ou cortiça e cobrem-na de terra, sobre a qual lançam juncos, com que tapetam a casa para servir de cama.

Comem só duas vezes por dia á custa do amo, e sempre migas. Se algum quer comer á noite, tira na segunda refeição uma colher de migas, que guarda, e lhe serve para á noite temperar as hervas ou o bacalhau, que, á sua custa e por sua mão, arranja. Se, porém, não come a ceia toda é multado. Ao almoço e jantar os carvoeiros postam-se de pé em volta da caldeira (sentado é prohibido) e comem todos, cada um com sua colher, dando dois passos á rectaguarda cada vez que tiram uma colherada. O moural é sempre o primeiro que tira. A colher é de preceito não ser de chavelho.

O motivo d'esta prohibição é o seguinte: El-rei D. José caçava nos matagaes, que se estendem a noroeste da serra de Minde entre

Rio-Maior e Alcobaça. Perdido da sua comitiva, nos ardores da paixão venatoria, foi dar, sequioso e esfaimado, com uma malhada de carvoeiros. Procediam estes ao seu repasto, e, como são muitos hospitaleiros — zangando-se seriamente quando se lhes não aceita a comida, — convidaram o rei a comer, que aceitou do melhor grado. Todos tinham colher de pau do ar, e D. José, como a não tivesse, empregou na apprehensão da comida uma codea de pão. Satisfeito el-rei, já no fim da refeição, e, sendo encontrado pelo seu sequito e reconhecido pelos carvoeiros, tornou-se folgasão, e quiz divertir-se á custa dos seus hospedes. Propoz, pois, e com a authoridade de rei, que no fim cada um comeria a sua colher. Facilmente mastigou elle a sua, e os carvoeiros com medo da força por largo espaço roeram nas colheres. Em memoria d'este facto erigiu-se um arco de alvenaria, que ainda hoje, sob o titulo de Memoria, o viajante admira á sua direita quando vae do Rio-Maior para Alcobaça pela Benedicta. Ficou prohibido para todo o sempre usarem os carvoeiros colheres de chavelho, mas ha-as sempre de reserva para os hospedes.

Os noveis teem obrigação de dar agoa e lenha para a malhada, e agoa para o trabalho; e os sobre-noveis vão já aprendendo algum serviço, e entram de semana para irem buscar o azeite para o consumo.

Quando se julgam aptos, os sobre-noveis são submittidos a um exame, cujo jury é formado por dois companheiros presididos pelo moural.

Nas horas vagas divertem-se com um exercicio (entre outros o jogo do pau) que aproveita aos noveis e aos menos geitosos ou posantes. Consiste em arrancar leivas com as enxadas, arremegando-as de um modo particular, de maneira que passem por cima das arvores e caiam num sitio anticipadamente designado.

Assim se adestram na cobrição dos fornos, que attingem ás vezes alturas consideraveis.

Sobre o *calão*, ou linguagem dos carvoeiros, nada podemos colher.

Durante o tempo em que os fornos ardem, são estes guardados constantemente por um companheiro e um sobre-novel (que são substituidos em cada noite) para que não se abra algum buraco, que aumente a combustão.

Elvas.

SOEIRO DE BRITO.

NECROLOGIA

Não é sem mágoa que a *Revista Lusitana* archiva as seguintes noticias de fallecimentos occorridos durante o curso da publicação d'este volume:

a) **Francisco de Arruda Furtado.** Nasceu em Ponta Delgada em 17 de Setembro de 1854 e falleceu na mesma cidade em 21 de Junho de 1877. Desde muito novo mostrou grande predilecção pelas sciencias naturaes: vid. um artigo seu, onde ha umas notas autobiographicas, in *Era Nova* (1880-1881), pg. 83-88. Sobre este assumpto deixou vários trabalhos de valia; aqui importa só indicar os que se referem á anthropologia portugueza, e são:

Materiaes para o estudo anthropologico dos povos açorianos — Observações sobre o povo michaelense — Ponta Delgada, 1884. Com este trabalho inaugurou, por assim dizer, entre nós os estudos de anthropologia moderna, pois nada havia ainda, excepto algumas curtas notas de pouca importancia. Arruda Furtado tinha uma fina intelligencia, possuia grandes dotes de observação, e só o animava o interesse da verdade: com taes predicados, muito devia esperar d'elle a sciencia;

Notas psychologicas e ethnologicas sobre o povo português, — 1. Nomes vulgares de peixes. — Vid. *Rev. Lusit.*, pp. 190-191.

Tambem publicou em folhetim do *Jornal do Commercio* de Lisboa um artigo critico acerca do livro de E. Cartailhac *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*.

Arruda Furtado havia-me promettido a sua collaboração para esta *Revista*, quando a morte o surpreendeu antes de me mandar artigo algum. Ainda assim, guardo muitas notas mss. d'elle sobre o dialecto açoreano, as quaes a seu tempo aproveitarei. Já nos ultimos periodos da doença, escrevia-me da ilha da Madeira a perguntar-me se eu queria que elle me enviasse informações do dialecto madeirense; mas a vida não lhe chegou a final para isso. A sua morte representa uma grande perda, principalmente neste acanhado meio português, onde tantas vezes o pedantismo supprime a sciencia, e a rhetorica toma o logar das boas ideias.

b) **Francisco de Paula e Oliveira.** Nasceu, tambem em Ponta Delgada, a 4 de Outubro de 1851, e falleceu em Lisboa a 25 de Maio de 1889, no posto de capitão de artilheria (arma scientifica). Apesar de militar, toda a sua vocação era a anthropologia e a ethnologia. Tendo entrado para a secção dos trabalhos geologicos do reino, podia dispôr de um grande material para as suas investigações, e em verdade soube-o aproveitar bem. Nesta secção estava a seu cargo a archeologia prehistorica e a anthropologia. Paula e Oliveira publicou sobre a ultima os seguintes trabalhos:

Note sur les ossements humains qui se trouvent dans le musée de la section géologique de Lisbonne, memoria lida ao congresso de 1880, e publicada no respectivo *Compte-rendu* (p. 290-304, com uma tabella e quatro estampas), de que se fez uma edição áparte, e sahiu tambem um resumo em português na *Era Nova* de Lisboa (1880-1881, p. 167, e sqq.). Estas *Notas* mereceram grandes louvores da parte dos distinctos anthropologos estrangeiros que em 1880 estiveram na nossa capital;

Anthropologia prehistorica: As raças dos kjoekkenmoeddings de Mugem, Lisboa, 1881. 18 p. Tambem sahiu, no todo ou em parte, na *Era Nova*, p. 503 e sqq. e 533 e sqq.;

Les ossements humains du musée géologique à Lisbonne, que é um capitulo da obra de E. Cartailhac *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* (Paris, 1886). A proposito d'este estudo diz o auctor francês: «Que M. Paula e Oliveira nous permette de lui témoigner ici notre gratitude pour ce service qu'il a bien voulu rendre à l'Anthropologie et à nous» P. 305, not.);

Note sur les ossements humains existants dans le musée de la commission des travaux géologiques (extracto das *Communicações da Comissão dos trabalhos geologicos*, t. II, fasc. 1.º).

Estes trabalhos versão todos, como se viu, sobre o mesmo assumpto; o ultimo resume os outros.

Paula e Oliveira estudou tres grupos de ossadas prehistoricas de Portugal: um, constituido pelas dos kjoekkenmoeddings (restos de cozinha) de Mugem; outro, pelas dos dolmens dos arredores de Lisboa e de algumas cavernas da Extremadura; outro, pelos fragmentos de um esqueleto de Valle de Arceiro (Villa Nova da Rainha), achado em terreno provavelmente quaternario.

Seguirei a ordem inversa, que é a chronologica.

O craneo do Valle de Arceiro apresenta, segundo Oliveira, caracteres que o aproximam morphologicamente do craneo sub-brachycephalo de Furfooz, descripto por Quatrefages e Hamy in *Cranca ethnica*, p. 108. Isto foi confirmado por Quatrefages, que diz: «Son profil et sa *norma verticalis* superposés à ceux de l'homme sousbrachycéphale de Furfooz, les détails ajoutés par M. Francisco de Paula, montrent que la race belge était représentée en Portugal, à l'époque où ce limon s'est déposé» (Prefac. à cit. obr. de Cartailhac, p. xviii). Paula e Oliveira diz ainda: «Je dois rappeler ici que le type de Furfooz a déjà été reconnu par les deux anthropologistes cités, dans un crâne de Mugem, antérieurement décrit par M. Pereira da Costa dans un mémoire intitulé *Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda*. J'aurai bientôt occasion de signaler des caractères analogues dans quelques autres crânes préhistoriques du musée portugais» (*Note sur les ossements* etc., p. 3).

Os craneos dos kjoekkenmoeddings de Mugem offerecem dois typos bem distinctos: a dolichocephalia (no maior numero) e a brachycephalia (apenas em dois craneos); Paula e Oliveira julga ter encontrado um terceiro typo num craneo subbrachycephalo que se aparta notavelmente de todos os outros de Mugem. Segundo Quatrefages, os craneos dolichocephalos d'esta região tem caracteres pelos quaes ora se aproximam, ora se afastam dos typos da raça de Cro-Magnon; por isso suppõe que pertencessem a uma raça que elle propoz se chame *raça de Mugem*, a qual porém lhe faz lembrar os typos bascos d'entre Bayona e Cambu (Prefac. cit., p. xxii).

Nas cavernas e nas sepulturas da idade neolithica apparecem tambem craneo dolichocephalicos e brachycephalicos. Os primeiros distinguem-se todavia dos de Mugem por varios caracteres, como: maior volume, prognathismo menos accentuado, e menor desenvolvimento das bossas superciliares. Os ultimos compara-os Oliveira com os de Orrouy, que Broca descreveu in *Bullet. de la Soc. d'Anthrop. de Paris*, 1864, t. v, p. 718.

D'esta rapida exposiçãõ vê-se a magnitude dos estudos de Paula e Oliveira; mas o nosso A. não se consagrou unicamente á anthropologia prehistorica, abraçou tambem a moderna, como se mostra dos *Materiaes para o estudo anthropologico dos povos açorianos* (Ponta Delgada 1884) de Arruda Furtado, que aproveitou d'aquelle varias medições craneometricas, e o cita com elogio no seu opusculo.

No Museu ha, além das indicadas, outras collecções de ossadas humanas (craneos, etc.) de diversas epochas, que Oliveira tencionava estudar comparativa e desenvolvidamente, quando a morte o levou em meio do seu afan; com este estudo ligava o de immensos objectos archeologicos, já achados por elle, já por outros investigadores. Todos os planos forão destruidos. Lá se apagou a luz d'aquella intelligencia robusta! Lá perdeu o país e a patria tantos fructos que d'alli se esperavão! Como o infeliz Arruda Furtado, tão activo e intelligente como elle, e tambem anthropologo, Paula e Oliveira não chegon a ver completamente coroados os seus esforços.

Com quanto Oliveira seguisse o caminho já traçado e brillantemente aberto pelos seus mestres, e distinctos homens de sciencia, o dr. Pereira da Costa, professor da Escola Polytechnica ¹, Carlos Ribeiro, já fallecido, e o sr. Nery Delgado, actual director dos trabalhos geologicos de Portugal, todavia occupa um logar muito honroso ao lado d'elles, pelo modo como se circumscreveu na sua especialidade.

¹ O dr. Pereira da Costa falleceu tambem, já depois de estar no prelo esta noticia biographica. No fasciculo seguinte se fallará d'elle mais de espaço.

Ninguém desconhece a importancia da Anthropologia, com tanto que se applichem os verdadeiros methodos e se não tentem logo ao principio construir edificios gigantescos em bases debeis, pois não é com um craneo ou dois fragmentados que se determina uma raça com segurança, — embora as comparações bem feitas sejam sempre uteis; por isso facil é avaliar a enorme falta d'aquelle rapaz, d'aquelle obreiro infatigavel da civilisação, arrebatado na flôr dos annos ás nossas esperanças.

c) **José Barbosa Leão.** Falleceu em 1888, já com bastante idade. Barbosa Leão era medico, mas occupou-se tambem da reforma da orthographia portugueza, e é neste sentido que a noticia do seu fallecimento tem logar aqui. O amor, a abnegação mesmo, com que tractou aquella materia, promovendo conferencias, publicando livros e escrevendo infinitos artigos, tornou-o immensamente conhecido no pais, ao mesmo tempo que lhe causou muitos desgostos. Para que se consiga implantar uma ideia, não basta porém só dedicacão, é preciso tambem ter conhecimento pleno do assumpto: ora Barbosa Leão foi um apostolo desorientado, porque se regulava por opiniões anticipadas, em vez de se pôr ao correr dos estudos linguisticos modernos. Se pois é para louvar o seu zêlo, o seu desinteresse, o seu enthusiasmo, o seu desejo de ser util, não se pôde occultar que tudo isso foi impropicio. Não obstante, quem quizer fazer a historia da nossa orthographia, ha-de estudá-lo; por isso vou mencionar os seus trabalhos de que tive conhecimento:

Considerações sobre a orthographia portugueza. Porto 1875 (sahiu anonymo);

Parecer da comissão orthografica. Porto 1877, in-fol. Este trabalho relaciona-se com uma célebre sessão pública realisada num theatro do Porto, com apparencias de comicio, em que fallou quem quiz; mas não só nenhum dos oradores, como nenhum dos membros da comissão, fosse qual fosse o merecimento que tivessem noutros ramos, e de certo o tinham alguns, possuia os conhecimentos linguisticos indispensaveis para poder discutir a serio o assumpto;

Collecção de estudos e documentos a favor da reforma da orthografia em sentido sonico. Porto 1878;

A Academia das ciências de Lisboa e a comissão de reforma orthografica do Porto. Porto 1879;

A orthografia sonica e os seus adversarios. 1883;

Elementos de Gramática portugueza. Porto, 1886. — Cfr. *Revista Lusit.*, p. 92-93. — Nesta obra acham-se archivadas as ideias expendidas nos opusculos precedentes, e até reproduzidos alguns. D'ella se fez um extracto e um resumo; *Principios e regras para escrever a orthografia sónica*, publicado no Porto em 1886, com consentimento do A.;

Ao publico e em especial aos leitores da «Revista Lusitana» [1887]; — cfr. *Revista Lusit.*, p. 289.

Foi pena que se despendesse tanto trabalho e tanto material sem proveito. Mas fique ao menos bem assente que poucos nas suas ideias se mostram tão devotados como Barbosa Leão se mostrou.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

Miguel Lemos | *Orthografia positiva* | *Nota avulsa* | Distribuição gratuita | Rio de Janeiro, 1888.

E' este opúsculo mais uma tentativa para regularisar e uniformisar a orthografia portugueza. O seu autor, que, não obstante confessar-se estranho aos estudos de glótica e tê-los em pouca conta (p. vi e vii), manifesta que está bem longe de neles ser leigo, adopta como principios orthográficos aquelles que servem de norma às escritas fonéticas e às transcrições científicas: «para cada som um símbolo: nenhum símbolo representativo de mais de um som.»

Ao applicar todavia estas normas, nem sempre são ellas rigorosamente respeitadas, o que, porém, é inevitavel num idioma que tem tradições orthográficas, que devem ser mantidas em muitas das suas particularidades, para que sejam admitidas as innovações convenientes e oportunas.

Põe de parte o autor, e acho que não faz bem, a consideração essencial que as orthografias fonéticas exclusivas tem o inconveniente de contribuir para a produção de dialectos escritos, e declara-se abertamente pela pronúncia brasileira, figurando esta, ou a que presume ser esta, pois há muitas.

Para evitar qualquer cisão dialectal literária, publicou-se em 1885, também com distribuição gratuita, aqui em Lisboa, um folheto intitulado «Bases da Orthografia Portuguesa», cuja reconhecida intenção, e mais óbvia vantagem era exactamente o respeito pela unidade da actual lingua escrita; e abstrahindo da execução de tal plano, que está condensado na 1.ª e 2.ª página das «Bases», execução que não discuto agora, mas que estou pronto a defender, tenho como inabalável a própria doutrina, a não ser que se pretenda porfirisar a nossa lingua em centenas de pronúncias locais ou individuais, o que equivaleria á abolição do idioma literário, reduzindo este ás condições pouco invejáveis dos falares analfabéticos.

A orthografia dessas bases é esta que adoptei para a «Revista»; está aqui exemplificada, escuso pois de a explicar, pelo menos a propósito do opúsculo. O autor, a quem não sei se é conhecido o folheto a que me refiro, mas que nos traços jeraes do seu sistema e mesmo em muitos dos expedientes chegou a resultados muito semelhantes, despreocupando-se dêsse inconveniente grave das orthografias fonéticas, propõe-nos as escritas *poren*, *ótren*, *si* (= *se*), *Polomeu* (*Ptolomeu*), *nas-ser*, *esseder*, *cidadi*, *muuto* (= *muuto* por *muuto*), que não podem representar a pronúncia portugueza. Cumprira, portanto, que a sua orthografia se denominasse brasileira.

E' indiscentível, todavia, que são excellentes as regras da acentuação, que equivalem com pequena differença às que estabeleceram as «Bases», e que coincidem em jeral com as da acentuação castelhana, a qual, como o autor diz muito bem, não atende á qualidade da vogal, circunstância indispensavel em português para *a*, *e*, *o*, que se não dava em castelhano, acrescentarei.

Reconheço igualmente que conquanto exajeradamente fonética, e como tal apenas applicável no seu todo áquele dos dialectos brasileiros que o autor pretende representar na escrita, a orthografia proposta é para Brasileiros muito superior à que, com o título de *sónica* se nos pretendeu impor. E' tambem evidente que o opúsculo denuncia competência inquestionável no seu autor para entrar nestes assuntos com vantagem comum de ambos os povos: revelam-no a sobriedade e concisão da linguagem, a clareza da exposição, a previsão e resolução cuasi sempre acertada das difficuldades, e o espirito em jeral científico que ali domina.

Não entrarei na refutação de alguns dos argumentos que contradizem a condição, para mim essencial, de unidade de lingua literária. Tenho por tão demonstrada a conveniência d'essa unidade que neste ponto a «Ortografia Positiva» me parece um retrocesso e um perigo, não obstante a excelência de muitos dos alvires propostos. A ortografia fonética não pôde nunca representar fielmente uma lingua, confessa-o o próprio autor; serve apenas para figurar pronúncia individual, e em Portugal a pronúncia é diferente da que o opúsculo expõe ou prescreve, e obedece a outras leis fonológicas; sendo mesmo de presumir que a sua evolução ulterior há de produzir-se em sentido inverso da que tem seguido a brasileira.

Repudio, portanto, a afirmação contida nas palavras que vou citar, e que, desculpe-nos o autor e todos os nossos irmãos do Brasil, nos faz sorrir em Portugal, fonte, grémio, foco da lingua portuguesa; que faria sorrir o próprio autor, se ele se desse ao incômodo de conhecer melhor a ciência de que desdenha: «Assim, pois, escrevamos e falemos dezasombradamente em nosso bello idioma luzo brasileiro que, pelas suas qualidades lógicas e fonéticas, representa um notável aperfeiçoamento da lingua portuguesa». Seria difficil a quem isto afirma tão categoricamente dar a demonstração da superioridade de semelhantes *qualidades lógicas e fonéticas*, que o mais que representam (não há glotólogo que o não considere como rudimentar principio) é o produto de evolução independente, e que são na sua totalidade muito insignificantes por emquanto, para que influam no mínimo, com vantagem ou desvantagem, no instrumento glótico a que se chama *português*, nem mesmo para cindi-lo decisivamente em dois, cada um com os seus meios peculiares de expressão, mórficos, syntacticos ou functionais, que para a apreciação de superioridade relativa sejam comparáveis.

Termino, repetindo que no opúsculo, cordatamente escrito na sua quasi totalidade, há muitas observações perspicazes, muitos expedientes propostos úteis e irrefutáveis. Acrescentarei ainda que duas regras importantes aí dadas haviam já sido indicadas nas «Bases» (p. 12 e 14). São elas: 1.^a Supressão do *i* falsamente introduzido em formas como *passeava* (passeava) onde ele se intercala ou permanece somente quando a sílaba *se* é a tónica; 2.^a a divisão do pronome objectivo conjuncto da 3.^a pessoa, *lo, la*, como em *matá lo, matá-la*, em que o *l* erradamente é hoje considerado como conversão eufónica de *r* ou *s*, pelo menos na teoria do commun dos grammaticos e escriptores, não obstante os exemplos em contrário de Herkulano, Garrett e outros. E digo importantes, porque não são meramente orthográficos estes erros, mas contrariam leis fonológicas que a história da lingua nos revela e a pronúncia actual confirma.

A. R. GONÇALVES VIANNA.

II

PERIODICOS

Revista de neurologia e psychiatria, dirigida pelo Dr. Bettencourt Rodrigues. 1888 (1.^o anno), n.^o 1. Entre outros artigos, cuja indicação não entra no plano da *Rev. Lusit.*, ha o seguinte: *Notas physio-psychologicas sobre a linguagem*, por F. Adolpho Coelho, cap. 1. Diz o A.: «No empenho de estudar os factos da linguagem sob todos os aspectos scientificos, depois de ter percorrido os trabalhos historico-comparativos da escola de Bopp, Port, Grimm, Diez, no dominio das linguas indo-europeias e as principaes investigações no dominio das outras linguas, reconheci a necessidade de me pôr ao corrente dos resultados obtidos, ou presumidos, pelas escholas psychologicas allemã, franceza e inglesa na explicação d'aquelles factos, — sendo assim levado a renovar vellos estudos, que tinham sido o meu ponto de partida, mas sob pontos de vista em grande parte novos» (P. 31-32). Depois, partindo do principio de que os verdadeiros progressos na sciencia «dependem essencialmente da *continuidade*, que só pôde dar-se quando cada homem de sciencia conhece assás a litteratura do assumpto de que se occupa,

e do concurso, pelo qual homens occupados em estudar um objecto sob diversos pontos de vista collaboram para o conhecimento d'esse objecto», conclue que é na ideia de *concurso* que começa agora a publicar uma serie de notas com o fim de combinar as observações de varios pathologistas com as de outros investigadores e com as que elle proprio tem feito no dominio da psychologia e da gliotologia. No presente artigo escolhe para thema o livro de Ballet *Le langage interieur et les diverses formes de l'aphasie*, Paris 1886, de que critica uma parte com grande conhecimento, applicando-se principalmente á fixação do sentido psychologico, segundo as ideias da escola de Herbart, das palavras *sensação, percepção e appercepção*, que representão graus de desenvolvimento mental com os quaes põe respectivamente em correlação os phenomenos que em pathologia se denominão *surdez e esgueira cerebral, psychica e verbal*.

J. L. DE V.

Revista archeologica, dirigida por A. C. Borges de Figueiredo, vol. II, n.º 4 a 12 (1888). Os artigos que mais podem interessar aos leitores da *Rev. Lusit.* são: *Antiguidades phenicias e romanas da peninsula* de E. Hübner [em que o A. se refere á descoberta, em Cadiz, de um tumulo que se suppõe phenicio e pertencente talvez ao sec. v, A. C. pouco mais ou menos]; *Sepulcros antigos de Cadiz*, com duas estampas, do dr. Berlanga [sobre o mesmo assumpto, mas mais desenvolvadamente]; *Uma inscripção luso-romana* de Panoias por J. L. de V. (cfr. tambem p. 69); *Sobre uma forma do swastika*, por Borges de Figueiredo [o assumpto dava margem a maior desenvolvimento, tanto mais que o A. conhece o importante trabalho de Lud. Müller sobre o swastika]; *Um monumento de Aeminium*, pelo mesmo [em que o A. sustenta que Aeminium foi no local onde hoje está Coimbra: cfr. tambem p. 125]; *Inscripção (luso-romana) de Alcaer do Sal*, pelo mesmo; *Las diez ciudades bracarense nombradas en la inscripcion de Chaves*, por Fernández-Guerra [contribuição para o estudo da geographia da Lusitania, especialmente do convento juridico de Bracara, na Callaecia. O A. aventura-se muito no terreno das etymologias, apoiando-se tambem em Fidal Fita, cujos conhecimentos em philologia celtica nos não merecem confiança nenhuma: cfr. sobre elle *Rev. Celtique*, IV 280-282. Ainda, que haja muito merecimento ás vezes num trabalho, temos sempre direito de duvidar d'elle, quando noutros pontos do mesmo vemos a prova certa da falta de critica; de modo que uns factos prejudicão os outros. Assim não convencem ninguém as etymologias que o sr. Guerra dá para *Limia* (do grego *limnē*, sem se lembrar que em *Limia*, e na forma ptolemaica *Limios*, o segundo *i* é breve), para *Conso* (= *Equesum*) e para *Celenos* (sob a responsabilidade de Fita), etc.]; *Miscellanea* (inscripção de Aeminium e Cominbriga), por B. de Figueiredo; *Antiguidades de Carquere* (luso-romana) por J. L. de V.; *Miscellanea* (inscripção de Aeminium e Myrtilis), por B. de Figueiredo; *A Feira da Ladra*, pelo visconde de Santa Monica [o A. opina que o nome d'esta celebrada feira de Lisboa não é o feminino de *ladroão*, mas sim uma forma correspondente a *lazarro* e *ladro*, isto é, lazarento, leproso, etc.; põe ainda em relação com estes nomes o do *pediculus* denominado *ladro*. A explicação é engenhosa; e em apoio d'ella accrescente o seguinte. Ha uma molestia dos porcos denominada *ladraria*, que consiste fundamentalmente na presença de *ladras* ou vermes denominados tambem *cysticercos ladros* (= *cysticercus cellulosae* Rudolphi); estes nomes encontrão-se no *Archivo rural*, VI, 662, nas *Contribuições para a hygiene da cidade do Porto* do prof. Dr. A. J. Ferreira da Silva, 1889, p. 152, na *Veterinaria* do Dr. Macedo Pinto, I, 463 (2.ª ed.), no *Formulario de Chernoviz*, 12.ª ed., p. 1940, e ainda noutras obras. A base d'estas palavras é ainda *Lazarus*; a *ladraria* tambem se denomina *lazararia*, mal de S. Lazaro, lepra, etc. A ser isto assim, as palavras *ladro* e *ladra* em tal sentido ter-nos-hão vindo do fr. ou do prov. *ladre* como termo geral de *leproso*. Sobre fr. *ladre* = *lazarus*, cfr. *Romania*, XVIII, p. 158. Nos países ao Norte do Loir, *Saint Lazare* é chamado *Saint Ladre*: vid. *Dict. etym.* de Brachet, s. v. *ladre*.]; *Pontevedra monumental* (reseña archeologica) por Villa-Amil; *Inscripções (luso-romanas) de Lamego*, por B. de Figueiredo; *As Lacóbrigas da Lusitania*, por P.ª J. dos R. Espanca [onde o A. se espraia tambem em considerações etymologicas sem methodo]. — A' parte um ou outro defeito, inherente a publica-

ções d'esta ordem, a *Rev. Arch.* do sr. Borges de Figueiredo presta bastantes serviços aos estudos historicos de Portugal.

J. L. DE V.

Zeitschrift für afrikanische Sprachen. Abril 1889 (3.º fascículo). D'esta Gazeta traduzimos a apreciação feita pelo seu director, dr. C. J. Büttner, á «Grammatica Elementar do Kimbundu, ou lingua de Angola», do glotólogo suíço sr. Heli Chatelain (Genebra 1888-1889), que pode ser quasi considerada como portugueza, visto ter sido esta a lingua escolhida pelo seu autor para exposição das regras, o que muito nos deve penhorar:

«O autor que residiu uns poucos de anos em Angola e parte sudoeste da bacia do Congo, agregado á missão do bispo Guilherme Taylor, apresenta-nos os resultados dos seus estudos sobre o quimbundo, ou, como antes se dizia, «lingua banda», a qual serve para Angola e o sertão correspondente, de lingua de comunicação, assim como o suahili para a Africa Oriental.

Sobre esta lingua, cuja importancia para os commerciantes e viajantes daquellas regiões era de há muito reconhecida, possuíamos nos até agora sómente a gramática publicada em 1697 por Dias, que a denomina *lingua angolense*, e o dicionario de Camuecattin, primeiro publicado em 1804, e do qual há outra edição de 1859¹; qualquer destas obras é para o seu tempo trabalho de merecimento.

Então, porém, ainda as particularidades que constituem a feição das linguas bantos não haviam sido descobertas, e portanto não era possível a apreciação clara da sua morfologia; pelo que era de instante necessidade que este idioma fôsse de novo tratado.

E' o que do modo mais perfeito faz agora o illustre colaborador desta Gazeta. O livro é escrito especialmente para o fim pratico de encaminhar os europeus, que queiram aprender esta lingua, no trato com os indigenas. Foi portanto composto em portuguez, concuanto em todos os vocabulos e formas a significação seja dada também em inglês. Assim todos aquellos que se occupam do estudo das linguas bantos, não terão de fazer previo apprendizado especial do portuguez.

Este livro é concebido e executado por forma que o estudioso vai de página para página familiarisando-se cada vez mais com o uso da lingua.

Com grande habilidade foram aproveitados todos os progressos que tem feito o estudo comparado das linguas desta familia, pôste que pela louvável modestia do seu autor, esse aproveitamento sómente se faz evidente aos especialistas, pois só estes podem avaliar em que copia de estudos se baseia cada regra.

No que respeita á lingua em si, vemos que a morfologia dos nomes só dialectalmente difere da que a familia banto nos revela. No verbo, porém, encontram-se muitas particularidades privativas, mormente a formação do negativo, que ainda em nenhuma outra das linguas bantos era conhecida, e que parece consistir essencialmente no emprêgo da forma absoluta do pronome pessoal sufixada. Semelhantemente o passivo é expresso de modo especial, isto é, formado perifrasticamente com *kua*.

Este livro figura dignamente a par dos trabalhos fundamentais sobre o suahili, cafre, soto, herero e conguez, e completa assim o estudo de um considerável numero de linguas bantos, havendo já pois guias seguros para nos orientarem no conhecimento das ainda não estudadas. De entre os dialectos conhecidos parece o quimbundo chegar-se mais ao oxindonga (Ovambo) e ao quinhica (Mombaya).

Annexa ao livro figura uma collecção de rifões quimbundos, com a traducção. Em tabelas especiaes, ao cabo da grammatica, está compendiada a morfologia dos pronomes e dos verbos para sua mais cômoda impressão.

A. R. GONÇALVES VIANNA.

¹ [Ha ainda outros trabalhos, cuja menção será feita no fasciculo seguinte d'esta Revista.— J. L. de V.]

III

VARIA QUAEDAM

Trabalhos recebidos, mas de que a *Rev. Lusit.* se não pôde occupar agora detidamente:

— **Curso de litteratura nacional**, por F. Adolpho Coelho, 1, *A lingua portuguesa*. Porto 1888, 2.^a ed. Esta 2.^a ed. differe bastante da 1.^a; alguns dos capitulos primitivos foram desenvolvidos, e accrescentarão-se outros novos.

— **Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira**, por A. dos Santos Rocha. 1.^a Parte. Coimbra 1888. Nesta interessante monographia tractão-se os seguintes assumptos: *monumentos funerarios das vizinhanças de Brenha; machados e outros instrumentos de pedra das cercanias de Quiaços, Cabanas, Brenha, Tavadere, Alhadas e Fontella*. A descripção é bastante minuciosa, e auxiliada por estampas. O vol. termina com uma secção ethnographica, a maior parte das questões da qual só porém se pôde agora responder com pontos de interrogação. Todo o trabalho está feito com clareza e methodo.

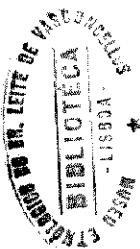
— **Methodo pratico para fallar a lingua da Lunda**, contendo narrações historicas dos diversos povos, — pelo Major Henrique de Carvalho. Lisboa 1889, 1.^o fasc. — Cfr. uma noticia bibliographica de Gonçalves Vianna in *Rev. de educação e ensino*, iv, 151, e outra minha in *O Dia*, de 3 de Dez. de 1888.

— **Zur Brinnerung an Karl Bartsch**. Wien 1888. Contém vários artigos em memoria d'aquelle romanista fallecido em 19 de Fevereiro de 1888.

— **Le moyen âge**, bulletin mensuel d'histoire et de philologie, direction: Marignan, Platon e Wilmotte. Vol. 1.^o (1888); vol. 2.^o (n.^{os} 1 e 2). Valioso archivo.

— **Gallia** (revista regional). Vol. II (1888); vol. III (n.^{os} 1 a 3). cfr. *Rev. Lus.*, p. 287. No vol. II, n.^o 2 vem um artigo intitulado *El libro de San Cipriano* por Juan Barco, em que o A. se refere a um trabalho sobre o mesmo assumpto publicado por D. Bernardo Barreiro no livro *Brujos y Astrólogos de la Inquisición de Galicia*. O sr. Barco imagina que o nome de *Libro de S. Cipriano* provém de livros magicos que havia na *Cueva de S. Ciprian*, em Salamanca, e que depois passariam para Orense. Mas a lenda tem uma extensão mais geral do que a Hispanha e Galliza, como já foi dito na *Revista Lusitana*, 166-174 (art. do sr. F. A. Coelho). E' costume vulgar attribuir a covas, conventos, ruínas, etc., os livros magicos, as prophcias e composições semelhantes.

— **Portugaliae monumenta historica**, a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum, jussu Academiae scientiarum olisiponensis edita. Inquisitiones, vol. I, fasc. 1-2. — Lisboa 1888. Depois de larga interrupção, prosegue finalmente a continuação d'este importante corpo dos nossos documentos. O presente vol. contém inquirições geraes de D. Affonso 2.^o; no fim ha um bom indice onomastico que facilita muito a consulta. A critica de uma obra d'estas não se pôde escrever em duas linhas; ainda assim desejo fazer umas ligeiras observações. No prologo dizem os editores: «tomámos a liberdade de fazer leves alterações na orthographia... usando do *j* e do *v* em vez do *i* e do *u* consoantes». Não sei para que foi este arbitrio, quando no proprio titulo *Portugaliae monumenta*, etc., ás avessas se escreve *v* por *u* vogal; além d'isso nem sempre estamos no caso de saber quando é que um *u* ou um *i* são vogaes ou consoantes; por ex., se se achar escrito *Ualha*, tanto se pôde á primeira ler *Oalha* como *Valha*, porque as duas fórmas existirão na lingua archaica, tendo vindo até d'uma *SANTAVALHA* e de outra *SANTALHA* (nomes modernos de povoações); igualmente *Julianus* e *Jacobus*, pois da primeira veio o nome de terra *SANTULHAO* (= *Sant'ulianus*) e da segunda *SANTIAGO* (= *Sant'iago*). — Na not. 5 de pag. 1 pergunta-se se *ULVAR* corresponde a *oliveira*; ora *ULVAR* creio que deriva do lat. *ulva* por meio do suffixo *-ar* = *-al*, por dissimilação, isto é, para não haver duas vezes *l* na palavra (**ulval*; cfr. *AVELLAR* etc.). — A onomatologia tem nesta collecção um rico manancial de dados.



— **Folkspeel från Asturien** af W. von Munthe. i-iii. Uppsala 1888-1889. O sr. Munthe, depois de ter estudado o dialecto das Asturias (cfr. *Rev. Lusit.*, pp. 279-99), começou tambem a estudar a poesia popular d'aquella provincia. D'estes ultimos trabalhos occupar-se ha brevemente aqui a sr.^a D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, nossa distincta collaboradora.

J. L. DE V.

Escriptos estrangeiros que interessão a Portugal, e de alguns dos quaes se fallará mais demoradamente nesta Revista :

— **Dictionary and grammar of the Kongo language** by the Rev. W. Holman Bentley. Cfr. uma critica in *The Academy* de 29 de Set. de 1888.

— **Grammatica elementar do kimbundu ou lingua de Angola**, por Héli Chatelain. Genebra (1888-1889). Preço 350 rs. Cfr. supra, pg. 392.

— **Karivutu pala ku ri longa kutanga kimbundu** (Cartilha Maternal em kimbundu, com traducção portugueza) pelo mesmo. 1888. Preço 80 reis.

— **O Njimbua lambote**. (O Evangelho segundo S. João, em kimbundu) pelo mesmo. Londres 1888. Preço 200 rs.

— **Pequenos vocabularios do Mbamba e do Umbungala** (dialectos affins do kimbunda), publicados pelo mesmo auctor in *Zeitschrift für Afrikanische Sprachen*, Berlin 1889.

— **Die realen Tempora der Vergangenheit im Französischen und in den übrigen roman. Sprach., ein syntaktisch-stilistische Studie**. 1, Latein-Portugiesisch-Spanisch-Italienisch, — von Visling (in *Französische Studien*, vi-307 sqq., d'onde se fez uma edição á parte).

— **Der portugiesische Infinitiv bei Camões**, von Richard Otto. Erlangen 1888, 104 p.

— **Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch** von H. Schuchardt: 1, *Allgemeineres über das Negerportugiesische*; 11, *Zum Negerportugiesischen Senegambiens*; 111, *Zum Negerportugiesischen der Kupferden* (Extracto da *Zeitschr. f. rom. Phil.* de Gröber).

— **Die portugiesische Sprache** von J. Cornu. Strassburg 1888. 89 pg. (Extracto do *Grundriss d. rom. Philolog.* de Gröber).

— **Le Maître phonétique** (organe de l'Association phonétique des professeurs de langues vivantes), 1889. No n.^o 2, dá-se uma noticia lisongeira da *Revista do Minho* (art. de Jean Passy); no n.^o 5 vem uma critica do mesmo A. ao *Methodo pratico* da lingua da Lunda, de Henrique de Carvalho, de que se fez menção superiormente, a pag. 393.

J. L. DE V.

INDICE

Prologo — por J. LEITE DE VASCONCELLOS	PAG. I
--	-----------

Artigos desenvolvidos :

<i>Os ciganos de Portugal</i> — por F. ADOLPHO COELHO	3
<i>O conde de Luz-Bella</i> (theatro popular) — por THEOPHILO BRAGA	20
<i>A gradação prosódica de a</i> — por G. DE VASCONCELLOS ABREU	34
<i>O judeu errante em Portugal</i> — por D. CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS	30
<i>Ensaio de onomatologia portugueza</i> — por J. LEITE DE VASCONCELLOS	45 e 240
<i>Contos africanos</i> (Benguela) — por D. CECILIA SCHMIDT BRANCO	53
<i>Etimologias populares portuguezas</i> — por JULIO MOREIRA	56
<i>Tradições populares alentejanas</i> — por A. THOMÁS PIRES	60 e 132
<i>Ampliações ao romanceiro das ilhas dos Açores</i> — por THEOPHILO BRAGA	99
<i>Etimologias portuguezas</i> — por D. CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS	117 e 298
<i>A etimologia popular</i> — por F. ADOLPHO COELHO	133
<i>Observações sobre as emigas populares</i> — por J. LEITE DE VASCONCELLOS	143
<i>Materiaes para o estudo dos dialectos portuguezes</i> — por GONÇALVES VIANNA	158, 195 e 310
<i>Notas e parallellos folkloricos</i> — por F. ADOLPHO COELHO	165, 246 e 320
<i>Para o pantheon lusitano</i> — por F. MARTINS SARMENTO	227
<i>De um symbolo popular na festa de S. Martinho</i> — por D. CECILIA SCHMIDT BRANCO	291
<i>Nota sobre um rifão</i> — por J. LEITE DE VASCONCELLOS	306
<i>Vida de Santo Aleixo</i> — por F. ESTEVES	332
<i>Formulas e perleugas diversas</i> — por A. THOMÁS PIRES	346
<i>Nomes de deuses lusitanicos</i> — por F. ADOLPHO COELHO	351

Miscellanea :

I. <i>Hilo português</i> (C. M. de V.)	63
II. <i>Para a historia do L</i> (J. L. de V.)	64
III. <i>Qual cast. funcionalmente analogo a quem port.</i> (A. R. G. Vianna)	65
IV. <i>Tangro-mangro</i> (C. M. de V.)	66
V. <i>Inscrições luso-romanas</i> (J. L. de V.)	67
VI. <i>Prolepse phonetica</i> (J. Moreira)	68
VII. <i>Materiaes para o refraneiro port.</i> (C. M. de V.)	69
VIII. <i>Pronúncia do h latino no sec. v</i> (J. L. de V.)	73
IX. <i>Etimologias : sedição e valhelhas</i> (A. Epiphanyo Dias)	175
X. <i>Epigrammas populares</i> (J. L. de V.)	176
XI. <i>Collocação do pronome regimen</i> (F. A. C.)	177
XII. <i>Nota sobre fonetica alentejana</i> (A. R. G. Vianna)	179
XIII. <i>Eno = em no</i> (A. Epiphanyo Dias)	179
XIV. <i>Dois costumes antigos</i> (J. L. de V.)	180

	PAG.
XV. <i>Etymologias</i> (J. Moreira)	180
XVI. <i>Notas de ethnologia</i> (Id.)	182
XVII. <i>Port. oe = fr. oi</i> (F. A. C.)	182
XVIII. <i>Etymologia de gemo e astea</i> (A. Epiphanio Dias)	260
XIX. <i>Um conto pop. em mirandês</i> (J. L. de V.)	260
XX. <i>Etymologias portuguesas</i> (F. A. C.)	262
XXI. <i>Adivinhas portuguesas</i> (A. V. Pires)	263
XXII. <i>Etymologia popular</i> (F. A. C.)	267
XXIII. <i>Fórmulas populares</i> (A. S. Ferraz)	269
XXIV. <i>Embora</i> (J. L. de V.)	274
XXV. <i>Doas tradições populares</i> (F. M. Sarmento)	275
XXVI. <i>Notas philologicas</i> (J. L. de V.)	277
XXVII. <i>Fallar português de New-Bedford</i> (Henry R. Lang)	378
XXVIII. <i>A maneira do apiahá</i> (Carolina M. de V.)	379
XXIX. <i>Pronúncia gallega</i> (J. L. de V.)	381
XXX. <i>Os carvoeiros da Extremadura e Alentejo</i> (S. de Brito)	382

Necrologia:

F. Arruda Furtado (J. L. de V.)	386
Paula e Oliveira (id.)	386
Barbosa Leão (id.)	388

Bibliographia:

I. LIVROS:

<i>A evolução da linguagem de Leite de Vasconcellos</i> (G. Vianna)	74
<i>Os Autos de Ant. Prestes de Tito de Noronha</i> (A. Epiphanio Dias)	86
<i>A grammatica portugueza</i> de Barbosa Leão (Vasconcellos Abreu)	92
<i>Hist. da litterat. gallega</i> de A. G. Besada (Leite de Vasconcellos)	183
<i>Lo flamp y 's temporals</i> de D. Cels Gomis (id.)	185
<i>Vestigios das antigas linguas da península ibérica</i> de F. A. Coelho (H. Gaidoz)	278
<i>Anteekningar om Fölkhället i en trakt af vestra Asturien</i> de Munthe (G. Vianna)	279
<i>Orthografia positiva, nota avulsa</i> , de Miguel Lemos (A. R. G. Vianna)	389

II. PERIODICOS:

<i>Boletim da Sociedade de geographia de Lisboa</i>	94
<i>Revista de Guimarães</i>	94
<i>Revista do Minho</i>	95 e 285
<i>Galicia</i>	95, 189 e 287
<i>Revue des trad. pop.</i>	96 e 189
<i>Revista archeologica</i>	188, 286 e 291
<i>Revista de estudos livres</i>	189
<i>Méusine</i>	190
<i>Archivio per le trad. pop.</i>	287
<i>Revue des patois</i>	288
<i>Revue celtique</i>	288
<i>Rev. de nevrol. e psychiatria</i>	390
<i>Zeitschrift f. afrikan. Sprachen</i>	392

III. VARIA QUÆDAM:

<i>Linguas de Moçambique</i> de Cunha	96
<i>O povo português</i> de Th. Braga	97

	PAG.
<i>Studien zur hisp. Wortdeutung</i> de D. Carolina Michaelis	97
<i>Poesias de Sá de Miranda</i> (da mesma A.)	97
<i>Hundert Altportug. Lieder</i> de W. Stock	97
<i>Jorge de Montemayor</i> (poema pastoril <i>Diana</i>) de G. Schönherr	97
<i>Miscellanea de filologia e linguistica</i>	97
<i>Lições de gramm. luso-latina</i> de Pereira	97
<i>Sobre a ilha de Moçambique</i> de Soveral	97
<i>Methodo de Volapük</i> de J. da S. Teixeira	98
<i>Curso de hist. de litterat. port.</i> de Th. Braga	98
<i>Literaturblatt f. germ. u. rom. Phil.</i>	98 e 191
<i>A rosa na vida dos porcos</i> de D. Cecilia Branco	190
<i>El idioma gallego de Iglesia</i>	190
<i>Aíres da minha terra de Curros</i>	190
<i>Cuentos pop. catalans de Labrós</i>	190
<i>Ethnologia de Blanes de Vieta</i>	190
<i>Folklore de Puymaigre</i>	190
<i>Notas psych. e ethnolog.</i> de Arruda	190
<i>Excursões litterarias de A. A. Alves</i>	191
<i>Programa para o estudo do sanscrito</i> de V. Abreu	191
<i>Miscellanea folklorica</i> (Barcelona)	191
<i>Dicc. de la lengua castellana</i> de Cuervo	191
<i>Revue des patois gallo-romans</i>	191 e 289
<i>Revue des patois</i>	191
<i>Historia da Iberia e da Lusitania</i> de João Bonança	191
<i>Classificação dos dialectos portuguezes</i> (J. L. de V.)	191
<i>O critério nomologico</i> de V. Abreu	289
<i>Os argonautas</i> de M. Sarmento	289
<i>A hist. da cavall. da mesa redonda</i> (Reinhardstoettner)	289
<i>Revue des trad. pop.</i>	289
<i>Ramalhete de canções pop.</i> de J. da S. Vieira	289
<i>Romania</i>	289
<i>Curiosità popolari</i> de Cihelo	289
<i> Ao publico</i> por Barbosa Leão	289
<i>Rev. archeol. e hist.</i>	289
<i>Rev. archeologica</i>	289
<i>Annaire des trad. pop.</i>	290
<i>Grammatica portuguesa</i> de Monteiro Leite	290
<i>Les gatenax alphabétiques</i> de Gaidoz	290
<i>Neus Wörterbuch der port. u. deut. Sprach.</i> de D. H. Michaelis	290
<i>Curso de litterat. nacion.</i> de F. A. Coelho	393
<i>Antiquid. prehist. do conc. da Figueira</i> de A. dos S. Rocha	393
<i>Methodo para fallar a ling. da Lunda</i> do major H. de Carvalho	393
<i>Zur Erimer. an Karl Bartsch</i>	393
<i>Le moyen âge</i>	393
<i>Galicia</i>	393
<i>Portugaliae monumenta historica</i>	393
<i>Folkspoesi f. Asturien</i> de Munthe	394

Portugal no estrangeiro :

<i>Roman. und Keltisches</i> de Schuchardt	98
<i>Stimmen aus Maria Laach</i> (sobre Camões)	98
<i>Camões</i> de A. Stern	98
<i>Literar. Aufsätze</i> de Reinhardstoettner	98
<i>Die modinhas der Portug.</i> de Freigel	98
<i>Cantigas di Affonso el Sabio</i> de Lollis	194
<i>Modern language notes</i> , II, 6 (sobre Th. Braga)	194
<i>Sobre o Canc. da Vaticana</i> de A. Epiphânio (in <i>Zts.</i> de Gröber)	194

<i>Diploma de doutor dado a Ad. Coelho</i>	290
<i>Crítica do Dicc. port. allemão de D. H. Michaelis</i>	290
<i>Romania</i> (sobre a <i>Rev. Lusit.</i>)	290
<i>Zts. f. r. Philol.</i> de Gröber (art. de A. Epiplanio)	290
<i>Modern lang. notes</i> (sobre Ad. Coelho)	290
<i>Trabalhos sobre as linguas das possessões port. d'Africa</i>	394
<i>Die realen Tempora</i> de Vising	394
<i>Der port. infinit. bei Camões</i> de Otto	394
<i>Sobre os creoulos portug.</i> de Schuchardt	394
<i>Die portug. Spruch.</i> de J. Cornu	394
<i>Le maître fonétique</i> (sobre a <i>Rev. do Minho.</i> do major Carvalho)	394

OBSERVAÇÃO

Com este fasciculo termina o 1.º vol. da *Revista Lusitana*. Circumstancias imprevistas, e as difficuldades da impressão e da revisão das provas, fizeram com que esse termo tardasse tanto. Os volumes seguintes sairão porém com muito maior regularidade, pois desaparecerão algumas das causas que primeiro motivarão a demora.

Creio que, tanto quanto era possível em um só volume, cumpri á risca o meu programma, graças ao auxilio prestimoso e desinteressado dos meus collaboradores, a quem aqui tributo a mais profunda gratidão. Nella envolveo tambem o público, tanto nacional como estrangeiro, que concorreu com a sua assignatura.

Desejo manifestar de modo especial aos meus editores, os srs. Simões Lopes & C.^{as}, o meu cordial agradecimento pela benevolencia e enthusiasmo com que, certos de que prestavão um grande serviço á sciencia e á patria, acolhêrão a minha ideia da fundação da *Revista Lusitana*, arriscando-se a perder capitaes, porque ha sempre poucas probabilidades de achar leitores para uma Revista no gosto d'esta, que não cultiva a rhetorica, e só mira a chegar á verdade com methodo e critica.

Lisboa, Maio de 1889.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.